



A AMANTE do Juiz

Laura
Fisher

"Ele encontrou o amor aonde, nem mesmo ele poderia
imaginar"





A
AMANTE
do
Juiz

*Laura
Fisher*

"Ele encontrou o amor, onde nem mesmo ele, podia imaginar"

A amante do Juiz

*“Ele encontrou o amor,
onde nem mesmo ele
poderia imaginar.”*

Laura Fisher

Amigos,

Dedico este livro para quem passou despercebido pelo amor. Àqueles que deixaram se seduzir pelo amor, e

ao que ele proporciona.

É um livro muito importante para mim, por contar sobre o amor escondido por traz do que os olhos insistem em captar.

& Prólogo &

SEGUNDO O DICIONÁRIO, “Amante” é a denominação dada ao homem ou à mulher que mantém um relacionamento duradouro com uma pessoa casada com uma terceira.

Tal relação é geralmente estável e semipermanente, entretanto, o casal não vive abertamente junto, pois o relacionamento é ilícito. Ademais, o relacionamento é frequentemente, mas não sempre, secreto. E pode haver a implicação de o/a amante ser mantido/a financeiramente pelo parceiro/a.

Depoimento dele:

— Eu nunca pensei em ter uma amante. Nem sei se posso chamá-la assim. Meu casamento na verdade nunca existiu e o fato de eu não tê-la assumido publicamente assim que me separei, tem mais haver com sua segurança e também, por... Ah deixa pra lá. Cansei de dar satisfação de tudo que faço a todos a minha volta.

Depoimento dela:

— Eu não saí de casa destinada a ser amante de ninguém. E não sei se gosto de ser intitulada assim. Foram vários os fatos que nos fizeram encontrar. Você mesmo neste exato momento está me julgando sem saber da história. E além do mais, eu me considero muito mais amante. Por quê? Por que o amo! Ah sim... Eu o amo!

“Um homem perguntou a um sábio se ele deveria ficar com sua esposa ou com sua amante”. O sábio levou duas flores em suas mãos, uma com uma rosa e a outra com um cacto e perguntou ao homem: *“Se eu lhe der uma dessas flores qual delas você escolhe?”* O homem sorriu e disse: *“A rosa é lógico!”* És imprudente. Respondeu o sábio. *“Às vezes os homens são movidos por beleza externa ou pelo mundano e escolhem o que lhes parece brilhar mais. A rosa é mais bela, mas morre logo. O cacto, por sua vez, independentemente do tempo ou clima permanece o mesmo, verde com espinhos, e um dia vai lhe dar a flor mais bonita que você já viu”.*

— Acho que isso não se aplica a nós. — Disse o Juiz.

— Não mesmo! — Afirmou a amante.

& Um &

NÓS VAMOS TE PEGAR CAIRON FILHO, pode passar o tempo que for nós iremos te pegar. — Ouvi os gritos do homem que era retirado ali diante de nós no Tribunal Regional Federal, algemado. Ter chegado até ele não tinha sido fácil. Juízes derrubando minhas liminares, mas até que enfim, ele estava sendo preso. Agora era esperar que tudo corresse conforme o esperado. O povo esperava por isso há muito tempo. Mesmo que agora as opiniões estivessem divididas. Enquanto alguns me viam como herói, outros me olham como a um bruxo moralista.

Quanto às ameaças do homem... Se eu fosse me preocupar com cada uma que ouço no tribunal, eu teria

deixado meu cargo de Juiz federal.

Levantei-me exausto, desejoso de ir para casa, um bom banho agora seria bem-vindo. Como um bônus pelo dia cansativo e doloroso que tivemos.

— Juiz Cairon, estamos com uma pendência à sala ao lado. Eu sei - o promotor gaguejou – o dia foi tenso. - Peguei a pasta, que ele me estendia, e corri os olhos em uma leitura rápida analisando o caso, enquanto ele esperava minha resposta. Não devia ser assim. Eu precisava de um tempo para ler e analisar do que se tratava para não cometer nenhuma injustiça.

— O que significa isso? - Havia uma sentença. Terrenos em terras Indígenas, vendidos inapropriadamente. O governo havia desapropriado as pessoas que de certa forma também haviam sido lesadas.

— Elas entraram com uma ação tentando reverter à situação, mas o Juiz Wendel sentenciou a saída. Que não foi cumprida.

— Não tem nada que eu possa fazer. – A Não ser dar a ordem de execução.

Segui o promotor até a sala ao lado onde havia duas

mulheres. Uma aparentava seus cinquenta anos e a outra seus vinte e nove, trinta anos. Acompanhadas de um advogado. Não podiam ter escolhido pior representante. Profissional de má fama. Conhecido no meio por péssimo desempenho diante do júri e da tribuna, e outro dia mesmo corria entre as bocas femininas do meio judiciário, o que não deixa de chegar a nós, que estava trocando trabalho por favores sexuais com suas clientes. Do outro lado, dois senhores, sendo um deles, um dos caciques conhecidos por sua luta pela sua gente. E como representante de tais, nada mais que Lino Mantas, um dos melhores advogados da atualidade.

Li a sentença e assinei sem mesmo dar muita atenção ao caso. Até porque, em sentença publicada eu não poderia altear. Se o advogado estivesse solicitando uma correção, mas, ele não faria. Era olhar para ele e ver que mal estava ligando para as duas sentadas à sua esquerda.

Agora o homem tentava explicar a elas o que estava acontecendo, mas, as duas não faziam nada além de chorar. Era um choro dolorido. Choro de quem perdia,

muito mais que paredes, mas eu não estava ali para avaliar o que estavam perdendo naquele momento. Levantei-me e sai da sala sem olhar para trás.

Não era de o meu feitio me incomodar com choro. O choro sempre estava lá. Acompanhado de arrependimentos sinceros ou não, mas estava lá.

Tirei minha toga e fechei a porta da sala. No elevador, apertei o botão que levava à garagem e descii. Quando saía do Tribunal Regional Federal, por curiosidade olhei pela janela e vi as duas mulheres sentadas em um ponto de ônibus que ficava diante ao fórum, e a mais nova cobria a mais velha com um pedaço de cobertor.

Será que passariam a noite ali naquele banco? Esperavam alguém? Minha saída foi liberada e eu coloquei o carro em movimento. Não sem antes dar mais uma olhada e constatar que a moça sentava-se ao lado da mais velha e colocava os pés sobre uma única e pequena mala que as acompanhava.

Eu tinha um ritual. Depois de sair do trabalho eu sempre chegava a casa e tomava um bom banho para

retirar qualquer vestígio dos assuntos tratados no TRF, que, em sua maioria, eram os mais horríveis, que se pudesse imaginar.

— Papai.

— Fala campeão. — Ele bateu em minha mão em uma forma que tínhamos de nos cumprimentar.

O Pietro hoje tem oito anos. Quando me casei com a Giovanna ela estava grávida de seis meses. Quase ninguém notou. Só falaram quando o menino nasceu.

— Essa semana será a semana das profissões na escola. E eu queria que você fosse.

— O papai essa semana está um pouco enrolado filho.

— Tudo bem. — Ele sentou-se no banquinho do banheiro enquanto eu terminava meu banho. Quando saí, notei seu ar de tristeza. Assim que vesti um roupão abaixei-me próximo a ele.

— Que dia é?

— O dia em que puder. O horário em que puder. É só dizer, eu digo à professora. Ela disse que no seu caso abriria uma exce... — Tentava buscar a palavra correta.

- Exceção filho. – Ele abriu os olhos, sorridente.

- A Professora falou com você?

- Não Pietro. Eu só deduzi que a palavra que você procurava era essa. A professora sabendo dos meus horários irá me abrir uma exceção.

- Foi o que ela disse.

— Então me deixa ver amanhã e te falo.

— Oba! – Soltando um grito pulou em meu pescoço.

— Pietro... Não estou prometendo. Só estou dizendo que irei ver.

— Te amo papai! — E saiu correndo passando pela mãe quase a derrubando.

— Menino. Já disse para não correr dentro de casa. — E virando-se a mim me censurou. — E o que prometeu a ele agora? Deixa-me ver se adivinho. Um carro aos dez? Uma moto aos onze? Sabe que ele está sem controle e sem limites e a culpa é sua que o mima.

— Quanto a essas suas acusações, são infundadas. Jamais daria algo ao Pietro que fosse ilegal. Não faço nada mais que as obrigações de um pai Giovanna.

— Pai Cairon? Por favor. Você sabe que não é o pai

dele.

— Mas ele não sabe.

— Mas saberá em breve. Lembre-se que ontem começamos a falar sobre o divórcio. — Um calafrio percorreu meu corpo. As ameaças no tribunal não chegavam a me atingir tanto quanto as ameaças da Giovanna de tirar o Pietro de meu convívio.

— Não Giovanna. Ontem você começou a gritar por isso fui para meu quarto. — Nunca dormimos em um mesmo quarto. Foi exigência dela.

— Porque você quer fazer as coisas segundo sua vontade Cairon e não é assim. Não mais. Hoje sou madura, não serei influenciável e muito menos adiarei meus sonhos para sua realização pessoal ou pela felicidade de outra pessoa, mesmo que seja do Pietro.

— Quem ouvir você dizer assim vai pensar que...

— Não me interessa o que as pessoas vão pensar. O que as pessoas vão dizer. Nada disso me interessa. Quem vivia assim era meu pai e quem vive assim agora é você. Para mim chega.

— Seu pai me pediu que eu cuidasse de você e do

garoto até que ele estivesse em condições de decidir-se por si mesmo.

— Então é fácil. Você pode ficar com o Pietro, eu deixo vocês. Afinal, não tenho mesmo o que reclamar de você como pai.

— Acredito que ainda não esteja na hora Giovanna, ele ainda precisa de mãe e pai para cuidar dele.

— E quem disse que ele não terá? E além de tudo, terá o pai biológico.

— E acha que ele simplesmente vai aceitar assim? Que hoje seja filho de um juiz. De um homem respeitado, para amanhã ser filho de qualquer um Giovanna?

— Ele não é qualquer um. Hoje ele tem posses, se você não acredita, mande seus homens investigarem.

— Não mandarei ninguém investigar a ninguém porque estou cumprindo minha parte no acordo com seu pai.

— Seria por isso que te odeio Cairon?

— Se for por ter dado um sobrenome a você ao Pietro não precisa realmente agradecer.

Passei por ela e entrei em meu closet para me vestir.

Sei que ela ficou pensativa. No início não teve essa reação. Ela estava triste ao perceber que seu tão amado noivo a havia abandonado e acabou aceitando as regras do pai.

Nos casaríamos. Eu lhe dava meu sobrenome, assumindo o filho de outro homem, enquanto ganhava prestígio por ser genro do Juiz mais bem quisto de toda região.

Ele também dispôs uma parte de sua fortuna, mas não foi necessário. Na época eu não estava mais advogando, meu pai era também era juiz, e meu objetivo era seguir a carreira. Depois de três anos advogando, prestei concurso para o Ministério Público e me tornei Promotor de Justiça. Quando nos casamos ainda atuei alguns anos na promotoria e vim a passar no concurso para Juiz Federal. E é isso que amo!

Nunca fui ambicioso como a Giovanna pensa. Quando meu antigo mentor me chamou um dia a sua sala e conversou comigo, eu tinha outras coisas em mente.

— Cairon? — O Juiz Justin deseja falar com você na sala dele, agora. — A secretaria havia deixado claro que

havia urgência de minha presença, então, assim que virou às costas, eu deixei a sala da promotoria e me dirigi à sala do Juiz.

A princípio eu pensei que fosse algo relacionado a um caso que eu estava defendendo. Quando ele começou o assunto eu pensei que ele houvesse descoberto que eu nutria uma paixão secreta por sua filha que cursava direito e era nossa estagiaria no momento. Mas ele não deu indícios que sabia da minha paixão. Só continuou.

— Pense nos benefícios Cairon. Sei que tem caráter e que é um rapaz de visão e com o trabalho que tem feito aliado ao meu nome em breve será um homem temido e poderoso.

— Senhor eu não pensaria dessa forma, mais ficaria feliz em ajudá-lo, lembrando-me de como o senhor me ajudou durante a faculdade.

— Cairon lembre-se que não estou cobrando nada de você. Só não sei o que fazer em relação a minha filha e este neto que está para chegar.

— Não se preocupe senhor, se é da vontade da Giovanna, eu aceito.

- E quem disse que a Giovanna está em condições de aceitar algo Cairen? Ao menos de escolher algo? Deve é ficar feliz e se contentar de que você tenha compactuado com a ideia.

Eu estava aceitando a ideia, na certeza de que depois de me conhecer, e se sentir sozinha e abandonada, ela fosse me amar, e poderíamos ter uma vida estável. Eu era um apaixonado. Mas não aconteceu bem assim. Ela se fechou em seu mundinho e não quis saber de se abrir às mudanças.

Dois anos depois, o Juiz veio a falecer e me deixou responsável por toda sua fortuna. Ela acha que me casei com ela por interesse. E por mais que eu falasse que não, ela não acreditava mais em mim.

Aos poucos percebi que era tarde para nós. Ao que parece, agora, o pai do Pietro estava de volta, e sem o pai dela por perto, era quase inevitável o fim de tudo.

O que apertava meu coração não é saber que não consegui fazer com que ela me amasse, mas meu pior pesadelo no momento era perder o Pietro. De certa forma, meu filho. Um vazio rondava minha alma e em meu

coração.

O sol não pareceu, mas eu sabia que a noite terrível e mal dormida havia chegado ao fim, então pulei da cama, jurando a mim mesmo que faria de tudo para que esse dia fosse melhor.

Mas estava enganado.

Assim que saí da garagem me deparei com um dia chuvoso e frio. Então, seria esse dia tão somente extensão da noite que eu achava que havia acabado.

Aos poucos fui me lembrando de o que mais me assombrava durante a noite além das palavras da Giovanna sobre o divórcio. Ah sim, o choro. Alguém chorava e aquele lamento triste fazia uma dor aguda percorrer meu estômago.

Entrei pela garagem subterrânea que leva ao tribunal e por todas as salas que passei o ar-condicionado estava desligado, sinal esse que realmente o tempo estava abaixo do normal. O ar-condicionado era lei em um local onde a maioria trabalhava de terno e gravata.

Assim que cheguei a minha sala olhei pela janela e observei que lá embaixo estavam as duas mulheres no

mesmo ponto de ônibus enquanto a chuva caía copiosamente.

— Droga! — Apertei o botão e chamei uma das atendentes.

— Desculpe senhor estamos passando pelas mesmas dificuldades de todos os prédios. Contenção de gastos. Isso significa, sem duas funcionárias.

— Não me interessa. Chame o Eduardo. O promotor.

Ela saiu rapidamente e dois minutos depois ele estava em minha sala.

— Posso ajudá-lo senhor?

— Aquele caso de ontem.

— Ontem houve julgamentos o dia todo senhor poderia ser mais específico?

— Aquele que me pediu para executar a sentença. O último. Duas mulheres.

— Ah sim era somente uma execução das terras indígenas. Nada que tivesse outra saída. Para mim, só mais um caso, nada de importante.

— Não? Então veja você mesmo. — Abri à

persiana e mostrei as duas mulheres lá embaixo no ponto de ônibus. — São oito e vinte da manhã e a execução foi as dezoito e cinquenta aproximadamente. Quando saí estavam ali e ainda estão lá e você acha que não foi nada?

— Senhor depois que as pessoas saem daqui não podemos fazer nada por elas. E elas podem ficar onde quiserem. — Afrouxou o nó da gravata como se escolhesse bem as palavras para dizer-me.

— Você não acha que isso não pode chamar a atenção da imprensa sobre nós?

— Acredito que não senhor. Mas, por via das dúvidas, vou pedir aos seguranças que as tirem dali. — Quando ele ia saindo alertei-o.

— Eduardo tome cuidado com as medidas tomadas. Leve em consideração que são pessoas.

Ele saiu e eu mergulhei de cabeça no trabalho. Almocei em minha sala mesmo, um almoço vindo de um restaurante e continuamos o trabalho.

Às sete horas lembrei-me de checar no outro dia que intervalo eu teria para poder confirmar com o Pietro a visita à escola dele.

Estava no terceiro ano do ensino fundamental e se orgulhava de dizer a todos que o pai era juiz. Embora precisasse andar sempre com segurança e a escola era sempre avisada se houvesse alguma mudança em que iria buscá-lo. Tentávamos dar a ele uma vida e uma educação normal dentro do possível.

Depois de confirmado meu intervalo no dia seguinte. Apaguei as luzes e descí para a garagem. Entrei no carro e pedi que liberassem minha saída. Quando cheguei à portaria e saí, observei que uma abraçava a outra para cobrir do frio. Era quase impossível não se comover com a situação.

Segui até a esquina e me senti terrivelmente incomodado com aquela situação. Não conseguiria dormir, no aconchego de minha cama, sabendo que aquelas pessoas estavam ali. Fiz o retorno e voltei. Se eu pudesse dizer que havia feito algo impensado em minha vida enumeraria esse como o mais louco.

& Dois &

— MÃE, - PUXEI-A PARA O MAIS PERTO POSSÍVEL.

- Se abraçe a mim. Amanhã sairemos daqui, a senhora verá. Tudo dará certo.

— Filha vá você. Procure um lugar, eu fico aqui! Eu não conseguir andar com você, está fazendo mal a nós duas! — A voz era fraca, quase sem forças.

Eu estava vendo minha mãe se acabar a cada minuto e me sentia inútil. Trinta anos e todos diziam que quando adulto seria mais fácil enfrentar a vida e eu não estava vendo assim.

Fui obrigada a deixar o pouco que havia conquistado em minha cidade quando soube que minha mãe estava doente. Cancelei minha faculdade de administração a qual já havia começado bastante tardia, e que só estava cursando por conta de benefícios do governo.

Nunca fomos uma família abastada. Ao contrário, nossa família sempre passou pelas maiores dificuldade e necessidades mais básicas. Minha mãe nunca teve saúde,

mas agora estava pior. Havia vindo para a cidade grande na esperança de me dar uma vida melhor, mas acontecia que agora eu estava sustentando a ela e a mim, além de ter que dividir o pouco que tinha com minha tia, com a qual minha mãe havia me deixado e todos meus primos. Resumo: trabalhava para sustentar a todos. O dinheiro que minha mãe mandava eu nem ao menos via. E quando ligou a duas semanas pedindo que eu viesse encontrá-la, pensei que seria minha salvação, mas enganei-me. Chegando aqui me deparei com a pior situação que um ser humano pode viver.

A casa que ela estava pagando as prestações simplesmente fora construída em um terreno comprado em terras indígenas, e agora o governo sem dó, nem piedade, retirava os habitantes como invasores. Sem reembolso, mas como ocupantes Indébitos. A imobiliária pela qual minha mãe havia adquirido o terreno, por meio do homem com o qual morava, simplesmente desaparecera do mapa. Não existia. Deixando famílias e famílias sem um teto... Sem um lar. E eu só vim, a saber, do companheiro dela, semana passada.

Tive que vender meu celular e notebook para pagar um advogado para nos ajudar na ação de recurso, mas de nada resolveu. Quando chegamos de frente ao Juiz ele nem sequer deixou nosso advogado falar uma palavra sequer.

— Doutor o que está acontecendo? Não poderemos recorrer?

— Bem. Foi o que eu havia dito antes. Não há muito que fazer. — Eu pensei para onde iríamos? Já havíamos sido expulsas. Escorraçadas como animais. Sem chances de tirar de lá os poucos móveis por não ter onde guardar. Eu tinha esperança que esse juiz fosse de coração piedoso e nos deixasse ao menos mais uma ou duas semanas, mas o homem sequer levantou seu olhar para nós. Chorei. Clamei, mas foi em vão. Não tinha voz. Ninguém me ouviria ou me veria ali. Éramos invisíveis.

Um ódio tomava conta de mim. Nunca tinha sentido isso antes. Uma vontade de sair por aí e... Parei. Respirei fundo. Não deixaria que minha mãe percebesse o estado em que eu me encontrava.

Agora éramos só nós duas na vida e sem nada. Nem como voltar para casa da minha tia, não tinha como. Nem

mesmo alimentarmos. Tinha poucos trocados no bolso que com muito cuidado dava para comermos uma refeição durante três dias.

Seria a segunda noite que passaríamos ali. Assim que amanheceu, pude entrar no fórum e pegar do café dos visitantes para minha mãe com algumas bolachas. Era para ela fazer hemodiálise e não estar aqui pegando friagem e sem ter o que comer. Comecei a chorar. Vendo o sofrimento de minha mãe.

— Não era para ser assim filha.

— Eu sei mãe. Não se preocupe amanhã tudo se resolverá.

Eu queria passar uma confiança para ela, mas nem eu mesma estava tendo naquele momento. Amanhã cedo eu iria com ela até um albergue e tentaria que nos deixassem ficar até ao menos eu encontrar um trabalho. Daria a volta por cima. Mostraria a sociedade e aos hipócritas que se vence quando se deseja.

O que mais me assustava no momento, era estarmos em um lugar praticamente abandonado, que não era mais perigoso por ser uma área onde havia muitas seguranças

por causa do fórum e do Tribunal Federal.

Um carro parou bem próximo ao local onde nós estávamos e eu abracei ainda mais forte minha mãe. Não era muito tarde da noite, mas toda cautela era pouca. O vidro do passageiro se abriu e o homem gritou conosco.

— Precisam de carona?

— Não senhor muito obrigada! — Fui logo gritando e voltando ao regaço da minha mãe. Quantas histórias se falam pela televisão que na cidade grande colocam fogo nas pessoas em pontos de ônibus e nas calçadas. Ou de homens que agridem sexualmente mulheres na volta do trabalho.

— Para aonde vão? Deixo vocês lá! - Pensei no albergue. Pouparia-me ter que arrastar minha mãe até lá amanhã se eu estivesse à porta do local com ela.

— O que acha mãe? Poderia esperar na porta do albergue até amanhã. - Cochichei para que somente minha mãe ouvisse.

— Sim filha! Vamos aceitar a carona. - Ela não estava conseguindo caminhar hoje mais cedo.

— E se esse homem for um assassino mãe?

— Se ficarmos aqui também poderemos morrer filha. Vamos.

Com muita dificuldade coloquei minha mãe no banco de trás e me sentei a seu lado. Ele olhou pelo retrovisor e balançou a cabeça. Quando viu que eu não me sentaria com ele à frente esticou o braço e fechou a porta.

— Para onde vão? - Disse o endereço e ele parecia conhecer o local. — São quinze minutos até lá. Eles não receberão vocês por hoje. Não há outro?

— Não. Só sei este. — Não quis continuar a conversa. Ele olhou pelo retrovisor e parou o carro. Fiquei apavorada. Olhei para trás e vi que havia outro carro atrás de nós. — O que está acontecendo? Nos deixe ir. — Disse arrependida por ter entrado no carro do homem. Mas agora era tarde. - É só nos deixar lá. Por favor. — Um homem que estava no carro de trás veio e bateu no vidro ele abaixou e disse que estava tudo bem, fazendo com que o homem voltasse ao carro de trás. — Tive quase certeza que ele havia chamado a polícia para nós.

— Teremos que pensar em algo.

— O Senhor pode nos deixar por lá e amanhã a gente fala com eles.

— Na porta do abrigo? – Parecia incrédulo. - Você quer que eu deixe vocês em um lugar deserto? Lá provavelmente não será um local menos perigoso que aqui. Os andarilhos transitam por ali à procura de vagas para passar a noite e como não se pode esperar muito destas pessoas, eu aconselho a pensarmos em algo melhor.

Ele acabava de dizer que não podia esperar muito de nós, porque, bem ou mal, hoje, estávamos na mesma situação que os andarilhos. Procurando albergue.

— Desculpe-me não quis ofender. É que...

— Nós entendemos. Só nos deixe lá, por favor. Passou o frio mãe?

— Sim. Está muito melhor.

Esse rosto. Não me era estranho. De onde eu conhecia este homem? O cabelo e a barba muito bem feitos, os olhos claros embora uma expressão sisuda. Ele era muito lindo! E pelo jeito tinha um coração de ouro. Não. Não era possível que o conhecesse. Um homem desses jamais teria cruzado o caminho de pessoas como

nós.

Ele colocou o carro em movimento enquanto eu o observava. Que sentimento movia um homem assim parar em plena noite chuvosa e dar carona a duas desconhecidas? Como havia gente boa pelo mundo ainda. Eram pessoas assim que ainda me faziam acreditar na humanidade. Por duas vezes nossos olhares se encontraram no retrovisor, mas logo olhei para minha mãe e pronto.

— Vejam está tudo fechado. — Ele apontou uma porta antiga. — Como eu disse antes. Não irão atendê-las a esta hora.

— Tudo bem. Amanhã quando abrir eu falarei com eles.

— E onde ficará até lá? Ao relento? À porta? Colocando a vida de sua mãe em risco e sua vida também?

Olhei minha mãe, encostada em meu ombro, começando a rressonar, aconchegada pelo calor do ambiente do carro, e comecei a chorar. Ele tinha razão. O que eu faria? Tinha que pensar nela. O vi tirando o celular

do bolso. E dessa vez chamaria de fato a polícia. O que não seria uma má ideia. Na cadeia seria mais seguro que nas ruas e teríamos o que comer.

- Se vai chamar a polícia, fique sabendo que não ligo. Não me importo mais. — Era muito normal a polícia recolher andarilhos que estivessem espalhando a desordem pelas cidades. Ao menos de onde eu vinha. Mas ele nem me deu atenção.

— O desprazer é meu em falar com a senhorita. — Ele não parecia muito amigável com a pessoa do outro lado. — Só preciso saber se conhece ou tem contato com alguém de algum albergue que poderia receber duas pessoas a esta hora da noite? — Fez-se silêncio e depois ele voltou a falar novamente. — Não. Eu não ficaria devendo nenhum favor a senhorita. Queira por favor, verificar e ligar para meu celular imediatamente.

— Olha só, esta ficando tarde, pode nos deixar aqui mesmo. — Fiz menção de sair do carro.

— Mas que droga! Fique onde está até que tenhamos resolvido essa situação. — Ele disse baixo, porém autoritário o suficiente para me fazer voltar ao meu

lugar e fechar a porta, temendo que cumprisse qualquer ameaça que fizesse, mesmo não tendo proferido nenhuma até agora.

O telefone dele tocou e ele conversou com a pessoa do outro lado fazendo ar de desanimado. Era o mesmo sentimento que me perseguia desde que eu havia chegando a São Paulo. A cidade sempre garoar, era grande e intimidadora.

— Tudo bem então! Se pensar em algo, por favor, me ligue. — Virou-se para trás e falou comigo. — Nenhum abrigo acolherá vocês a essa hora da noite. E ainda mais com sua mãe no estado em que se encontra. — Ele teria deduzido que ela não se gozava de boa saúde. E de fato, nenhum abrigo que se prezasse acolheria uma pessoa à beira da morte para ter trabalho com funerária e IML.

Ele colocou o carro em movimento e depois de alguns minutos parou diante de uma casa. O letreiro deixou bem claro o que era o lugar “Pousada Santa Clara”.

— Moço olha só eu, agradeço muito, mas não tenho

como pagar para ficarmos aqui. — Mas ele já havia descido e entrado no local. Quando ele desceu do carro, vários homens saíram do carro de trás e se posicionaram diante da porta, deixando bem claro que eram seguranças. Devia ser alguém importante, ou possuir dinheiro. Não precisava ser muito esperto para deduzir, bastava olhar para o carro que dirigia. Voltou minutos depois, acompanhado de outro homem, que abriu a porta e pegou a mala no banco de trás. — Não sei se me ouviu. — Tentei protestar mais uma vez.

— Ouvi. Ouvi. Apenas desça e siga o rapaz. — Ele tomou minha mãe no colo como se ela fosse uma criança. E subiu as escadas com ela. Um dos homens da segurança até tentou tomar minha mãe no colo, mas foi impedido. Queria ele mesmo fazer o trabalho. O Rapaz que ia a frente abriu uma porta, e atravessando em passos largos o corredor, colocou minha mãe sobre a cama.

Eram duas camas de solteiro e uma porta que eu rezava para que fosse um banheiro limpo onde pudéssemos tomar um banho quente. E era.

Não sei como faria para pagar por aquilo, mas sei

que estava tentada a aceitar mesmo que tivesse que fazer algo que estivesse em minha lista de coisas a não fazer. No momento essa lista não estava bem clara, mas, certamente mais tarde eu a refaria em minha memória.

Assim que o homem saiu ele terminou de acomodar minha mãe sobre a cama quente e macia, e principalmente... Limpa. Enquanto eu observava tudo. Louca para me jogar sobre a outra cama ao lado.

Ele tinha um jeito cuidadoso, como quem tivesse experiência em cuidar de pessoas. Não eram só seus gestos, mas seu olhar.

Enquanto se movia pelo quarto espalhava um perfume. Ah... Eu fechei os olhos e senti seu perfume. De uma coisa tinha certeza, ele não era um homem comum.

— Vou deixar pago, não se preocupe. — Abri os olhos quase saltando a alma do corpo. - E amanhã eles servirão o café da manhã e uma refeição. Caso precise de algo é só pedir e eu acertarei ao fim do mês.

— Não sei como agradecer senhor. — Estendi a mão. Que ficasse claro que seria isso o que teria como pagamento. — Senhor? Não sei o nome do senhor.

— Cairon. Só Cairon é o suficiente. Bom... — Ele suspirou fundo. — Agora preciso ir. Não sei se ajudei o suficiente.

— Mais que o suficiente. — Sorri. - Não tenho nem palavras para agradecer. — Eu não tinha coragem de olhar para aquele homem fino e eu aos trapos do jeito que estava e provavelmente começava a cheirar mal por não ter tomado banho ontem.

Ele não disse mais nada. Passou por mim e fechou a porta atrás de si. Esperei um pouco e desci. Precisava me certificar que amanhã não sairia daqui a um carro de polícia por não ter pago a pensão ou por invasão de propriedade.

Quando cheguei à recepção me deparei com o rapazinho com uma badeja nas mãos.

— A cozinha estava fechada, mas eu consegui esquentar esse leite quente e trouxe esses biscoitos que estavam no pote.

— O senhor que nos deixou aqui ele disse que deixou pago eu só queria certificar-me, pois não temos como pagar.

— Ah sim. O Juiz Cairon Filho. Deixou pago o mês todo para a senhorita e sua mãe. — Um frio percorreu meu corpo.

— Como assim? O mês inteiro?

— Sim e pagou adiantado. O pai dele é um homem muito conhecido pela sua bondade. Nunca o tinha visto pessoalmente, mas não é a primeira vez que faz isso. — Eu sabia. De certo é aqui que traz suas amantes ou prostitutas. — Um amigo dele esteve hospedado aqui, embora não tenha sido eu a recebê-lo. — Amigo? Que vergonha. Mesmo o homem sendo generoso conosco, eu ainda tinha dúvidas sobre seu caráter.

— Você disse Juiz? — Essa era outra palavra que havia ficado em meu subconsciente.

— Sim Juiz Cairon Filho. — Então era esse era o motivo de tanta dedicação em nos ajudar. Era o desgraçado do Juiz que tirou nossa casa. Bom, na verdade, era outro, mas ele também não havia feito nada em relação ao assunto. E agora tentava se justificar. Não era um gesto de solidariedade e sim de consciência pesada. Mesmo sem o conhecer eu o odiava, porque

odiava pessoas que agiam assim. Faz uma burrada e depois tenta se redimir. Odeio. Falso. Não havia bondade em seus gestos havia só uma retratação. Então agora ele poderia dormir tranquilo. Colocar a cabeça no travesseiro e sentir que estava com as mãos limpas. Se for assim que se sentia melhor, que fosse.

& Três &

TRÊS SEMANAS DESDE QUE EU HAVIA CHEGADO AQUI, e ainda não tinha passado uma noite tão boa de sono. Dormimos até demais. Ajudei minha mãe com o banho e me arrumei. Precisava de um emprego. Desci e tomei café e levei o da minha mãe.

- Hei moça, - O atendente me chamou antes que eu começasse a subir as escadas, quando voltei, falou comigo em segredo. - Vocês têm direito a uma refeição. Terá que escolher. Almoço ou jantar? - Isso seria complicado. Pensei por alguns momentos.

- Como são duas refeições. Eu não poderia pegar uma no almoço e uma no jantar? - Ele me olhou e justificou.

- Poder não poderia, mas abrirei uma exceção. E por favor, não conte a ninguém. – Camaradagem assim não acontece sempre. Mas com o olhar dos anjos de Deus, nós venceremos um dia de cada vez.

Agradei e subi com o café de minha mãe. Agora ela estava de banho tomado, alimentada. Eu poderia sair mais tranquila.

Com algumas moedas comprei um jornal e segui minha peregrinação por um emprego. A pergunta que rodava minha cabeça era. Será que aquele juiz fazia isso com todas as pessoas que colocava na rua? Ou com as famílias dos presos que ele mandava para a cadeia? Ele me intrigou com seu gesto, mesmo eu tendo comigo que era consciência pesada.

Em todas as vagas que eu achava que poderia ser aceita, sempre havia um “porém” a bendita carta de recomendação. Eu não tinha um endereço fixo por mais de três anos. Experiência comprovada em carteira. Eu já

estava exausta e faminta. Olhei no relógio da igreja central e vi que se não me apressasse iria me atrasar para dar almoço a minha mãe. Cheguei ao último instante.

- Saiba que se passar do horário ficarão sem refeição e não poderá pegar as duas à noite. - Uma não tão simpática mocinha que estava no lugar do rapaz de ontem me avisou. - Tem sorte de o patrão ter deixado pegar refeições separadas.

Quando ela virou ainda a ouvi dizendo à outra moça que limpava as mesas. “Esses sem tetos”. Devia ter escutado nossa história.

Era muita humilhação. Eu não estava pagando do meu bolso, mas estava pago. Ela tinha que nos tratar como todos os hóspedes que estavam ali.

- Olha só. Você pensa por acaso que estou roubando essa comida ou pegando de graça? - Ela me olhou toda sem jeito. Tudo bem que estou atrasada, mas alguém está pagando a vocês por esta refeição. Não estou fazendo nada fora da lei.

- Eu não quis ser...

- Quis. Quis sim. Você está se aproveitando porque

acha que está em vantagem sobre nós que estamos dependendo de favores. Mas deixa eu te contar algo. O favor não é seu. Você está sendo paga. Ela olhava para o chão sem responder nada.

- Deixa Miranda que eu termino de atendê-la. - A moça que estava ouvindo veio falar comigo. - Olha não precisa se alterar, ela não teve a intenção.

- Também não tive a intenção de me alterar. Só não acho justo, as pessoas tripudiarem da gente só por que estamos passando por uma fase difícil.

- Nos desculpe, por favor.

- Isso vai mudar. – Contei a ela que trabalho desde os meus dez anos de idade e nunca precisei humilhar e nem ser humilhada por ninguém. Ela deu-me um sorriso amarelo e eu subi para dar almoço à minha mãe.

- Filha. Achei que não viria a tempo.

- Muita fome?

- A gente se acostuma. Vamos almoçar.

- A senhora almoça e depois eu almoço.

- Não. Vamos comer as duas juntas. - E assim fizemos. Ora uma, ora outra. Havia na mesa do almoço,

suco e frutas como sobremesa eu peguei duas para cada. Assim no café da tarde já estava garantido nossa refeição.

Depois do almoço descansei um pouco e sai novamente para buscar um emprego. Passei por outro caminho. Na porta do fórum e do Tribunal. Eu gostaria de tirar dúvidas com aquele juiz.

- Eu gostaria de fala com o Juiz.

-Qual deles meu amor? - Uma mulher vestida impecavelmente me atendeu.

- Cairon. É este. Juiz Cairon.

- Tem hora marcada com ele?

- Não. Não tenho mais ele me receberá. É só dizer que é a moça que ele ajudou ontem.

- E você acha que se o Juiz Cairon ajudou alguém ontem se lembrará de você hoje?

- Bom. Eu queria agradecê-lo.

- Até para isso precisará marcar um horário. E isso tem que ser através de um advogado.

- Só para agradecê-lo? – Ela sorriu pela primeira vez. - Imagina. Acho que ele não fez mais que sua obrigação na verdade. Gastamos tudo o que tínhamos e o

que não tínhamos e ele nem deu atenção ao nosso caso. – Assim como ela, que agora atendia ao telefone e com a mão tentava pedir que eu esperasse e não me dava à mínima.

Desisto. Pelo jeito esse homem não é tão acessível assim como parece. Sorte nossa ele ter nos ajudado então.

Às cinco horas voltei para a pensão sem nada. Nenhuma esperança, nenhuma promessa.

Tomei banho e ajudei minha mãe novamente. O Jantar seria servido às sete e meia. Tinha uma hora e meia para fazer o que eu precisava. Avisei minha mãe para que não se preocupasse e sai novamente.

& Cairon

- NÃO IRÁ EMBORA HOJE CAIRON? - Olhei para o lado e vi uma das assessoras que trabalham por aqui. Ela tem um jeitinho todo delicado comigo, mas me lembro de ter dito à ela, mais de cinco ou dez vezes que não irá rolar nada entre nós.

- Daqui a pouco. Acho que perdi a hora. - Olhei no relógio e comecei a fechar a pasta com os documentos que estava analisando.

- Quer que eu te faça companhia? - Ela sentou-se a minha frente.

- Não Nicole. Estou de saída. - Sorri encerrando o assunto e ela entendeu o meu recado.

Quando ela se foi também me preparei para sair. Fechei as persianas e apaguei as luzes e fechei à porta a traz de mim. Na garagem peguei meu BMW e sai.

A cancela abriu-se e do nada surgiu alguém à frente do carro. Parei abruptamente, mas meu pensamento eram as ameaças que estava sofrendo. Olhei melhor e vi uma mulher se aproximando do carro.

Ao primeiro momento eu não havia lhe reconhecido, mas agora se aproximando do meu lado da janela do carro eu sabia que era a moça de ontem. Claro. Estava limpa e sem aquele cabelo bagunçado. Abri a janela e chamei sua atenção.

- Está querendo morrer?

- Não. Só queria agradecer. Estive aqui hoje mais

cedo, mas me disseram que não se pode falar com um Juiz sem hora marcada e nem sem a presença de um advogado.

- Sorri ao imaginar a cena.

- Devia ter explicado que era assunto particular. Dizem isso por que se fosse algum assunto jurídico teria que estar com o advogado ou não me lembraria do seu caso.

- Hum. Entendi.

- Vejo que está melhor.

- Estou obrigada e por isso vim agradecer. O Rapaz disse que o senhor deixou pago por um mês e sei que apesar de a minha contrariedade por tudo que fez conosco.

- Como assim tudo que eu fiz? – Desliguei o carro.

- Sim senhor. Se tivesse dado mais atenção ao nosso caso teria feito algo em nosso favor antes. E não precisaria ter desembolsado nenhum centavo.

- Eu não tinha realmente como ajudá-las a sentença havia sido proferida. Adiantaria eu te dar mais um mês na casa? Teria como pagar ao fim deste mês?

- Eu estou atrás de emprego viu. Fique sabendo que sempre trabalhei desde muito cedo.

- Eu não duvido criatura só não teria o valor suficiente para pagar a hipoteca.

- Com licença doutor. Está precisando de ajuda? Dois seguranças armados aproximaram-se e a olharam assustados.

- Não. Não. Está tudo bem. Eu resolvo.

- Qualquer coisa é só chamar doutor. - Quando eles se foram ela falou baixinho.

- Eles pensam que vou fazer o que? Matar você?

- Provavelmente. - Sorri. – Bom... Preciso ir agora. Até qualquer dia. - Acenei, fechei o vidro e parti.

Na esquina pensei em como ela chegaria até a pensão e esperei que ela se aproximasse novamente do carro. Abri a porta e ela abaixou-se.

- Entra vai. Te deixo próximo à pensão.

Ela entrou desta vez no assento da frente e não disse nada. Até pararmos diante da pensão onde as deixei ontem.

- Você sempre faz isso para as pessoas que prejudica?

- Pela última vez. Eu não fiz nada, que não tivesse

sido feito. E por favor, não precisa me procurar mais, nem para agradecer nem nada. Agora desça, antes que nos vejam aqui.

Ela desceu e entrou na pensão fiquei um minuto esperando e depois liguei o carro e parti.

Em casa o sorriso do Pietro é que sara todas as minhas dores e tristeza.

- Papai. Lembre-se de que...

- Que amanhã será meu dia de participar da semana das profissões na escola.

- Oba! Não se esqueceu.

- Ainda meu filho. Sabe que seu pai é o mestre em descumprir a palavra. – Giovanna procurava sempre fazer uma pressão psicológica no Pietro.

- Claro que eu estarei lá Pietro. Não ligue para o que a mamãe diz. - Ele saiu saltitando e cantarolando. - Por que faz isso com ele Giovanna? É apenas uma criança.

- Ele tem que começar a se acostumar com sua ausência.

-Todos os dias agora serão assim? Você falando de

separação? De Divorcio?

-Até que você me dê o que é meu de direito. Minha liberdade. - Disse e saiu como se tivesse toda a razão.

Tomei um banho e deitei-me. Fiquei pensando nas pessoas e seus destinos. Cada um tem uma história. E a história daquelas mulheres não era diferente das nossas.

Fiquei olhando para o teto até que a empregada chamou para o jantar.

- Papai. Depois assiste a um vídeo comigo?

- Se for um vídeo curto Pietro, o papai está muito cansado.

- Vou escolher.

Jantamos em silêncio. Depois do jantar sentei-me com o Pietro na sala de TV para assistir ao filme que ele havia escolhido.

- Já que vocês vão assistir a filmes. Eu vou sair. Só uma corrida em torno da quadra e volto. Ela estava com uma roupa de corrida, mas eu duvidava muito que era esse tipo de exercício que faria.

- Papai a mamãe disse que vai embora. Você não pode pedir para ela ficar?

- A mamãe estava brincando Pietro. Era uma brincadeira.

- Ela me perguntou se seu queria ficar com você.

- E o que disse a ela?

- Que queria ficar com você, mas queria que ela ficasse também.

- Fica tranquilo filho. Vai dar tudo certo. Ela vai pensar um pouco e vai decidir ficar.

Ele se aconchegou em meu peito e ficamos assistindo ao tal vídeo até que ele adormeceu. Carregar meu filho para o quarto está uma tarefa cada dia mais difícil. Ele está crescendo muito rápido.

No quarto dele, o coloquei na cama e o cobri. Dei um beijo em sua testa e olhei para seu rosto.

- Ah filho. Se for para seu bem eu prefiro que sua mãe vá sozinha. Não me perdoaria se te visse triste e infeliz.

Apaguei a luz do quarto e acendi o abajur. Fechei a porta e sai. Eram aproximadamente meia-noite e nada da Giovanna. Liguei para ela e não atendeu o celular. Minha preocupação é quando ela diz que não demora, mas não

cumprir. Então por que não diz que irá demorar?

Droga. Amanhã seria um dia e tanto. Além dos julgamentos tinha a visita à escola do Pietro e um jantar à noite. A porta se abriu e ela entrou toda agitada.

- Acordado ainda?

- Estava ligando para você. Disse que não demoraria.

- Chega Cairon. Não te devo mais satisfações. Pare de seguir meus passos.

- Cuidado Giovanna, tem muito mais a perder do que eu com o fim de nosso casamento.

- Pois saiba que eu não ligo para o que for perder. Contanto que eu seja livre e feliz! - Ela gritou.

- Fale baixo. Vai acordar o Pietro.

- Não me importa ele já sabe que irei embora.

- Não quero que converse isso com ele. É só uma criança droga.

- Ele é meu filho.

- Registrado em meu nome. Esqueceu-se?

- Não. Não me esqueci. Não tem como. Você me lembra disso todos os dias. - Quando ela veio em minha

direção e alterou a voz também me impus. Segurei-a pelo braço e falei firme.

- Pense bem! Se quiser pedir o divórcio peça. Mas faça isso amanhã. Agora nem o Pietro sai daqui e você não terá acesso ao dinheiro que por direito é dele.

- Então é isso que nos mantém não Senhor Juiz Cairon Filho? Desde sempre foi. O dinheiro. - Soltei seu braço e ela continuou. - Casou-se comigo por dinheiro.

- Sabe que não foi. Não diga besteiras.

- Meu papai comprou um marido para mim. Que pena que ele não sobreviveu para ver seu sucesso.

- Verdade. Ele ficaria orgulhoso.

- Claro que ficaria. Cheguei a pensar que você fosse filho do meu pai fora do casamento por tanta consideração que ele tinha contigo. - Respirei impaciente.

- Amanhã é o jantar da associação está lembrada disso?

- Lembrar eu sempre me lembro. Se vou? Aí é que está o problema. Esses jantares são horríveis Cairon. E eu não estou disposta a ficar bancando a esposinha querida para você apresentar à aquele povo babaca. Aliás, você

sabe que eles sabem do nosso casamento fajuto não sabe?

- Então se for sozinho será melhor. - Disse e saí de sua presença. Mas ainda a ouvi dizendo.

- Amanhã mesmo contratarei um advogado.

Ela que faça o que quiser. Não posso ficar adiando essa situação se é o que ela deseja. Só não pensasse que o Pietro sairia daquela casa, principalmente para viver com marginal.

& Quatro &

Cairon

QUANDO CHEGUEI À ESCOLA DO PIETRO, estava acompanhado do meu amigo e segurança particular Murilo. O Murilo tem a minha idade 38 anos e estudou comigo o ensino médio. Porém não quis ingressar de imediato na faculdade e depois abriu uma empresa de segurança pessoal.

Ele mesmo só trabalha comigo. Disse que não confia a minha vida às mãos de ninguém. E eu também não confio, por isso o pago de meu próprio bolso, mesmo com a escolta da polícia federal, é com ele que me sinto seguro.

— O senhor prende muito bandido?

— Na verdade. Eu não prendo ninguém. Eu julgo os conflitos de interesse que são submetidas à minha apreciação. — Era difícil explicar às crianças o que fazia um Juiz federal. Na verdade, e principalmente no Brasil, é o Juiz que processa e julga os feitos que tramitam na Justiça Federal comum, que por sua vez, tem competência para julgar as causas que envolvem a União e seus entes federais.

— Ele só manda prender João. — Meu filho não estava de todo errado. O Pietro respondeu ao amiguinho e eu sorri. Era assim que eles queriam entender.

Havia muitas pessoas no local. Achei que seria só para a sala do Pietro, mas pelo que vejo liberaram para outras turmas também.

— Não entendi. Como que funciona o trabalho de

um Juiz? – Uma menina perguntou e o resto da turma começou a brincar com ela como se ela não entender o significado fosse o fim de tudo.

— É mais ou menos assim. O Juiz tem que garantir a civilização. Uma vez que conflitos surgem naturalmente, a ideia de uma terceira pessoa, tido como neutro, é essencial para constituir uma visão livre de parcialidade. – Eu respirei e pensei que precisava falar uma linguagem que até mesmo os pequenos entendessem então pedi ao Pietro que traduzisse da forma que eu o havia explicado algumas vezes.

— É Flor. Duas pessoas estão brigando por algo. Elas estão cegas somente com sua verdade. E cada uma delas acha que tem a razão. Aí elas vão até meu pai. Que vai entender o que aconteceu e decidir quem tem a razão. Porque como ele não conhece os dois não poderá tomar partido de um ou de outro. Será justo.

— O senhor nunca tem dúvidas qual lado é o verdadeiro? – Um adulto perguntou.

— Claro. Todos os dias. – E muitas vezes cheguei a duvidar de meu próprio julgamento.

— E como faz para decidir?

— É onde entra a parte dos advogados, dos promotores. Eles vão apresentar várias provas. E eu vou acreditar naquele que tiver conseguido esclarecer o assunto com mais precisão.

— E quando mesmo assim o senhor tiver dúvidas? — As perguntas pareciam nunca acabar. Eu terminava de responder uma alguém já estava com a mãozinha levantada.

— Aí a causa irá ao tribunal onde há pessoas, desembargadores que me ajudarão. E eu leio a sentença final.

— Condenando o bandido. — Alguém gritou.

— Na maioria das vezes sim. De qualquer forma, é preciso muita cautela, para não cometermos nenhuma injustiça.

— Nossa que legal. Eu quero ser Juiz. — O João amiguinho do Pietro disse e meu filho estava só sorriso.

O que é tribunal? O que é tribuna? O que faz o Júri? Nem pareciam crianças ali diante de mim. Ou ainda tinha a possibilidade de as professoras terem antecipado as

perguntas às crianças.

— Crianças eu sei que vocês têm muitas perguntas.
— A professora começou a dizer mais foi interrompida por alguém lá no fundo.

— O senhor já deu alguma sentença que depois tenha se arrependido? E voltado a traz ou, pelo menos, cogitado em voltar a traz?

— Bom que eu tenha voltado a traz . Mas eu às vezes me questiono se era o mais certo, se não haveria outra hipótese e até me pego mentalmente imaginando algumas soluções que os advogados ou promotores poderiam ter encontrado para outra saída.

— O Senhor foi advogado?

— Sim. Fui advogado e fui promotor antes de chegar a ser Juiz.

— Conta alguma coisa pra gente que o senhor ficou triste depois?

— Crianças. – Era em vão que a professora tentasse cortá-los.

— É pai. Conta alguma coisa. – Não hesitei em contar o que mexeu comigo este mês.

— Bom... Esse mês o que mais me chocou foi um julgamento corriqueiro de desapropriação de terras.. - Deixando claro que o julgamento não havia sido meu e sim de outro juiz.

— O que é Desapropriação? – Sorri.

A professora aproveitou o momento para dar uma aula de português às crianças, falando sobre a palavra que estava no dicionário e explicou muito bem de seu jeito, e de forma com que as crianças entendessem. Eu não usaria as palavras que ele usou, mas não intervi também, eles talvez não me entendesse. Mas assim que ela terminou, eles se voltaram para mim novamente..

— E por que o senhor ficou triste?

— Por que quem fez a venda dos terrenos, usou de má fé, e quem comprou com a proprietária provavelmente sabia que as terras não estavam em áreas legais, Era o amasio, ou melhor, o homem que morava com a senhora, porque a casa estava em nome dos dois e ela assinou e depois que ele viu que a situação ficaria complicada, foi embora, deixando tanto ela como a filha sem terem onde morar.

— Que triste. E o que acontece com elas agora?

— Elas vão morar em outra casa ué. - Outra criança cogitou.

— Eu as vi dormir em um banco de ponto de ônibus em frente ao tribunal. Por isso fiquei triste. Quer dizer que elas não tinham outra casa para morar.

— Mas elas vão morrer se ficar dormindo na rua? O senhor não fez nada? – Olhei para o Murilo e não podia contar a verdade àquelas crianças que pensariam que o Juiz é responsável por cuidar de todos.

— Crianças o Juiz não é o prefeito. Cabe agora à prefeitura e entidades da cidade ao encontrá-las na rua ajudá-las. E a nós também vocês sabiam?

- A nós? – Eles foram unânimes no questionamento.

Graças a Deus a professora interveio e me ajudou a sair da situação constrangedora.

Depois dos agradecimentos meu filho me abraçou, tiramos fotos com várias crianças individualmente e depois uma coletiva com as crianças da sala do Pietro.

Na saída o Murilo me olha de forma questionadora, não resistindo disse as palavras que provavelmente

estavam engasgadas.

— Esse caso deve ter sido horrível para que você se martirize desta forma.

— Não estou me martirizando. Só contei o que aconteceu. Eu fiquei solidário a situação que uma terceira pessoa pode nos colocar. Elas não tiveram culpa, mas pagaram sozinhas por aquilo porque pelo jeito o homem abandonou a mulher sem nenhum peso na consciência.

— Quer almoçar em algum lugar ou quer voltar direto ao fórum?

— Vamos almoçar aqui pelo centro depois a gente volta.

No restaurante conversamos sobre diversos assuntos até que olhei para a entrada e poderia jurar que era uma perseguição. Se eu contasse a alguém provavelmente diriam que faz parte de uma facção criminosa. Não podia nem mesmo contar ao Murilo ou ela nunca mais se aproximaria de mim. Ele garantiria isso.

Estava com um jornal na mão e gesticulava com o metro que balançava a cabeça negativamente. Quando vi

tinha saído, dei um jeito de verificar o que ela estava fazendo ali.

— Aquela mulher que saiu. — Perguntei ao Metre, assim que dei uma desculpa de ir ao banheiro e sai da visão do Murilo.

— Sim senhor desculpe. É que temos uma vaga para garçonete e ela veio ver.

— E a contratou? — Eu sabia que não pelo desânimo que ela saíra.

— Não senhor. A mulher não tem endereço fixo, nem experiência. Só segundo grau e aqui precisamos de garçons e garçonetes que falem principalmente inglês. Recebemos muitos gringos.

— Entendi. — Eu poderia dar uma referência ao homem, dizer que ela trabalhou comigo, mas o fato de ela não falar inglês, iria pesar sobre a contratação.

Voltei ao meu lugar indignado. Ninguém poderia acusá-la de não tentar quando virasse uma ladra ou algo assim. Mas a sociedade a acusaria e a levaria ao tribunal e talvez nós ainda nos cruzássemos nos corredores de uma penitenciária qualquer. Como ela recomençaria a

reconstruir sua vida? Como teria dignidade se não tinha oportunidade?

No trabalho fiquei pensando no que faria para ajudá-la. E eu estava tão interessado que ao menos sabia seu nome. No processo só citava o do homem que morava com a mãe e o da mãe que agora também não me vinha à memória.

Chamei uma das atendentes responsáveis pelo setor pelo telefone sobre minha mesa. E pela segunda vez ela não compareceu de imediato. Abri a porta e gritei. Alguém pode me ajudar aqui. Ninguém. Depois de uns seis minutos ela apareceu.

— Me desculpe meritíssimo é que estou sozinha para atender a todos e é muito serviço.

— Onde estão as outras funcionárias?

— Uma está de licença a maternidade e outra está afastada por tempo indeterminado. Está doente na verdade.

— E não colocaram nenhuma substituta ainda? Não podemos ficar defasados assim.

— É que se precisa abrir vaga para um concurso ou

arrumar uma substitua com experiência e não estão conseguindo. Mas não podemos ao menos reclamar, porque dizem que o fórum está em situação pior que a nossa.

— Vou para casa. Não consigo trabalhar dessa forma.

Entrei na sala e sentei-me depois de entregá-la todos os documentos para serem levados para o arquivo. Depois de alguns minutos pensei. — O Fórum.

Por que não? Desci as escadas e percorri um corredor enorme que levava até a rua estreita que separava os prédios dos poderes localizados ali no distrito dos poderes. Entrei no fórum pelas portas do fundo, onde dizia: “Somente funcionários”, mas tinha certeza que ninguém me barraria ali. Logo reconhecido pela jovem atendente.

- Bom dia! Avise o Breno, por favor, que estou indo falar com ele.

- Sim senhor. — A pobre moça gaguejou.

— Meritíssimo. Que bons ventos o trazem? — Ele apertou minha mão, assim que entrei em sua sala e fechei

a porta, trancando sutilmente para que não fôssemos pegos de surpresa em meio à conversa constrangedora que teria com ele naquele momento.

— Breno. Preciso de um favor pessoal. - Sentei-me a sua frente. Éramos amigos de longa data. Eu não pediria isso à qualquer um.

— Desde que eu possa ajudá-lo para mim será um prazer meu amigo.

— Soube que está contratando substitutas. Que seu pessoal está desfalcado.

— Nem me fale Cairon. Estamos precisando contratar. Mas ainda não conseguimos. Só poderemos abrir concurso ao fim do ano e, infelizmente não está sendo fácil encontrar pessoas qualificadas. Muita gente com currículos perfeitos. Mas, a realidade é diferente. Até queria pedir desculpas pelo caos que está isso aqui, nem sei como foi recebido.

— Quero que contrate uma moça.

— Claro. Peça que ela trague o currículo e umas duas referências.

— Ela não tem. - Ele me olhou demonstrando

estranheza. Depois sorriu.

- Alguma advogada recém-formada?

- Segundo grau. – O Sorriso fugiu de seu rosto.

— Não contratei meninas que tinham muito mais a oferecer Meritíssimo.

— Mas fará isso pela moça. Ela está precisando e tenho certeza que se esforçará mais que todos para mostrar serviço, até que possa fazer o concurso.

Um silêncio constrangedor tomou conta da sala. Só depois que as palavras saíram de sua boca eu entendi o que estava se passando em sua cabeça.

— Sua. “Amiga”? –Ele colocou a amiga entre aspas.

— Não entendi o que quer insinuar?

— Nada. Mas você me pedindo uma coisa assim? Sempre foi muito correto e... Eu sei como anda seu casamento. Então.

— Então nada. Não estou fazendo nada de errado. Aliás, ajudaremos a ela e a sociedade.

— Mas Cairon.- Tentou argumentar comigo.

— Mas? – Me levantei. - Pense bem. Isso será um

favor pessoal. Pedirei que ela venha falar com você e não dirá que fui eu que pedi.

— Mas ela saberá, uma vez que não veio pessoalmente atrás da vaga e não tem qualificação alguma e você falará com ela. E...

— Mas não confirmaremos caso ela pergunte. E qualquer outra pessoa pergunte.

— Meu amigo está me colocando em uma posição delicada. Entende o que me pede? E está se colocando em uma situação comprometedora.

— Claro. Se eu me enrolar você também se enrola.
- Passou a mão pelos cabelos. – Mas não há motivos para isso. Não haverá comprometimentos por aqui Breno. – Ele coçou a barba, limpou o suor. Eu entendia bem o tamanho da enrascada em que acabava de me colocar e levá-lo junto. Mas também tinha consciência de que precisava fazer algo por aquela mulher.

— Peça-a que venha falar comigo. Mas não garanto nada.

— Claro que garante. – Bati em seu ombro. - Você tem o poder.

— Fica me devendo uma? E das grandes!

— Vou pensar no seu caso. — Fui até ele e apertei sua mão. Aquilo não era mesmo normal. Só não sabia explicar o que estava acontecendo comigo. Com certeza se eu me olhasse no espelho também ficaria com a expressão que o Breno estava, de boca aberta.

& Cinco &

— MÃE, MÃE, se ainda sabe rezar acho que seria bom fazer um intensivo. Ela forçou um sorriso. — Sentei-me na cama com os pés doendo. Era o terceiro dia que estávamos naquela pensão. Eu havia visitado quase todos os lugares que ofereciam emprego até agora nem mesmo um ligo mais tarde, havia recebido como resposta.

— Vai dar tudo certo! Na hora certa o socorro chega! Deus nunca abandona seus filhos.

- Sei! — Se havia uma coisa que tirava as pessoas mais velhas, como minha mãe ou minha tia do sério, era brincar com as coisas do céu.

Deitamos naquela noite mais tranquilas apesar de que eu tinha meus receios quanto ao trabalho. Fiquei sabendo que a prefeitura ajuda muitas pessoas com passagens de ônibus. No fim da próxima semana se eu não tivesse conseguido algo o jeito seria buscar este recurso e voltar a nossa cidade a nove horas de distância dali.

— Mãe. Já dormiu?

— O que é filha?

— As pessoas com as quais a senhora trabalhava?

Não poderiam nos ajudar?

— A empresa fechou e os proprietários abriram falência. Amigos. Não tenho quase nenhum. A não ser uma vizinha. Mas me ajudou tanto que tenho até vergonha de pedir mais alguma coisa. E ela é tão sem condições como nós.

— Amanhã se estiver melhor iremos ao hospital para que dê andamento ao seu tratamento.

— Vamos ver quando acordarmos minha querida. — Eu sabia que ela não queria admitir, mas estava fraca. Mal se aguentava de pé por mais de cinco minutos.

Eu precisava fazer algo, mas me sentia fraca, não de

alimento, fraca de fracassada. Essa era a definição correta. Aos trinta anos e eu não havia conseguido fazer metade do que eu havia me proposto aos dezessete.

Queria ter feito faculdade, mas tive que trancar a matrícula. Queria ter me casado, mas os dois namoros que tive foram terríveis. E agora minha mãe. A única pessoa mais próxima que eu tinha estava indo sem que eu pudesse fazer nada.

Fechei os olhos e clamei socorro mesmo sabendo que agora só um milagre mesmo poderia nos tirar desta situação.

Acordei com alguém batendo à porta. Coloquei uma camiseta e fui abrir.

— Um homem deixou esse bilhete para a senhorita e disse que precisava ser entregue agora bem cedo.

“Favor comparecer ao Fórum, munida de documentos e foto para preencher vaga de emprego. Falar com Dr. Breno.”

PS. Procure somente por ele, não fale o motivo de sua visita a mais ninguém no local. Entrevista às 08h00minhs.

Quando olhei novamente para a porta o rapaz já havia desaparecido. Liguei a TV e as horas que marcavam era exatamente sete e cinco. Muito enrolada era como eu estava.

A palavra emprego saltava do papel aos meus olhos e meu coração disparava. Copeira, pensei. Servir café aos juízes e advogados. Aquelas mulheres todas tão arrumadas. E se deixar o café cair? Não... Devia ser para faxina. Limpar o chão de tanta gente importante. Meu Deus.

Corri no banheiro tomei um banho e escolhi na mala a melhor roupa que eu tinha. Uma calça preta e uma regata caqui. Amarrei os cabelos um pouco para trás e usei um pouco de maquiagem pensando na moça que havia me atendido lá outro dia. Não que eu tivesse a pretensão de assumir algo que estivesse ao nível dela, mas até para limpar precisava causar uma boa impressão.

— Mãe. Vou trazer seu café deixa aqui e, por favor, me espere caso queira tomar banho. Eu volto para o almoço não se preocupe.

— Quem era minha querida? Por que tanta pressa?

— Estou torcendo para que seja nosso milagre mãe.

Só não posso me atrasar.

Sai da pensão com a cabeça a mil. Eu tinha quase certeza que era a consciência pesada do Juiz nos ajudando novamente. Mas não havia nome no bilhete e como o rapaz conhecia o Juiz se fosse ele teria dito. Mas ele poderia ter pedido alguém para deixar o bilhete. Minha cabeça fervilhava nas possibilidades.

Quando cheguei à porta do fórum olhei o relógio no próprio prédio e faltavam oito minutos para oito horas. Fui à recepção e me identifiquei. Hoje estava mais bem-vestida com certeza isso ajudou muito no fator bom atendimento.

Depois de alguns minutos a moça me atendeu.

- Oi, tenho uma entrevista com o doutor Breno. — Ela me olhou de baixo a cima e vendo que eu tinha um papel nas mãos estendeu a mão. Um pouco relutante entreguei o papel. Ela sorriu e saiu de traz do balcão.

- Não se sinta envergonhada, muita gente comete esse mesmo engano. — Não entendia o que sobre o que ela

dizia, mas a segui. Ela foi até a porta e cheguei a jurar que fosse me escorraçar de lá. – O Fórum é logo ali adiante. – Como assim? Se o Juiz que tinha me conseguido essa entrevista, só podia ser aqui onde ele trabalhava.

- Mas aqui não é o Fórum? – Disse desanimada. Eu queria qualquer emprego, mas pensei que fosse ele. Antes que eu continuasse ela deu outro sorriso.

- Aqui é o Tribunal Regional Federal.

- É que pensei que os juízes ficavam aqui. Me desculpe. – Disse sem jeito. – Outro dia um Juiz...

- Sim. O Juiz Federal Cairon Filho. – Mesmo sem entender eu fingi que havia entendido o que ela me explicava sobre como era composto o poder judiciário, e eu só pensando no meu horário que estava quase vencido. Depois de me explicar me disse que o Dr. Breno devia estar me esperando. Agradei, e me dirigi onde ela tinha me orientado,

A atendente, muito gente boa, foi gentil e logo disse que o homem iria me atender. Que eu a acompanhasse. O lugar era um pouco mais simples, mesmo assim, muito bem cuidado e mobilhado.

Fomos de elevador até o terceiro andar e depois seguimos por um corredor até chegar à última das seis portas que havia e entramos.

— Obrigada Késsia. — Ouvi a voz firme e forte do homem.

— Por nada doutor.

Ele ficou mexendo em uns papéis. Depois me olhou. Não é aquele, olhar só e pronto. Foi como se não esperasse por mim. Não é como se olha para alguém e pronto. Demorou mesmo me olhando sem disfarçar. Mas como eu não podia nesse momento entrar em crise fiquei o mais tranquila que pude. Então, pegou outro papel e me olhou novamente.

— Sente-se. — Obedeci prontamente, pois minhas pernas tremiam naquele instante. Ele devia ser bem alto, uns 1,80 ou mais. Trajava terno. Aliás, todos os homens, pelos quais havia passado, trajavam ternos. — Trouxe seus documentos? — Não parecia bem-humorado.

— Sim senhor. - Abri a bolsa e entreguei a ele.

Ele apertou o botão de um aparelho sobre a mesa e chamou por alguém. Eu achei que seria a tal Késsia

novamente, mas veio um rapaz também de terno. Ele entregou a eles meus documentos.

— Faça a contratação desta moça, por favor. O cargo e os demais dados estão aqui, e também os documentos dela. Pode fazer isso agora?

— Sim senhor. — Ele pegou os documentos e saiu. Quando nos viu a sós ele continuou.

— O que tem de instrução?

— Eu comecei a faculdade de administração, mas fiz só três períodos e tive que trancar.

— Administração. Tem pretensão em voltar?

— Sim, sim. Só não sei se poderá ser por agora. Estou com minha mãe doente e...

— Seria bom se trocasse por faculdade de direito. — Ele foi logo me cortando. — Não que vá advogar, mas porque precisa entender dos assuntos do Fórum. Fala alguma outra língua?

— Muito mal o inglês. Não tive...

— Tem algum outro tipo de curso? — O homem não me deixava completar uma frase se quer.

— Informática. Básica. — Ele me olhava com um ar

de incredulidade. Então por que me chamaram se era para me olhar assim? E além do mais... Se era para servir café ou faxinar, para que tantas exigências?

— Saiba que o trabalho aqui não será fácil. Precisarás aprender muito e rápido. Não poderá contar a ninguém que não tem os requisitos que a vaga pede. Quando me falou do que se tratava foi minha vez de ficar atônita. Confiariam a mim, um cargo de atendente? Mesmo sabendo que eu não tinha residência fixa ou experiência? Não tinha formação acadêmica ou entendimento jurídico?

— E se eu não conseguir? – Tremi.

— Então terá que deixar o emprego.

Eu até pensei que tudo bem. Mas quando me disse o salário eu sabia que uma oportunidade como essa não bateria a minha porta novamente. Eu me agarraria a ela com unhas e dentes.

— Acha que pode fazer?

— Com certeza. Não se arrependerá em me contratar. Sou muito persistente e aprendo fácil.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Isso não estava acontecendo de verdade. Para quem não conseguiu

um trabalho de garçõete agora trabalhar em um fórum era irreal.

— Então a tarde fará um acompanhamento com a Késsia e amanhã deverá estar em seu posto. Ela lhe orientará por duas semanas que é o prazo normal. Terá que pegar o resto por conta própria ou terá que pedir ajuda em off, só não permita, que ninguém mais aqui dentro perceba seus “benefícios” ou melhor, que desconfiem de sua falta de preparação. Seu horário de trabalho é de oito as onze e de treze as cinco. Pode ir agora entregue isso a Késsia. Me estendeu um papel. Antes, porém eu quis saber.

— Eu preciso agradecer ao Juiz por isso?

— Juiz? Qual deles minha querida? Aqui só trabalham Juízes, inclusive, essa é a rua dos poderes. Eles são muitos juízes. Precisa agradecer ao seu excelente currículo, a faculdade que está cursando e mostrar serviço será imprescindível.

— Obrigada!- Mesmo sabendo que não havia levando ali meu currículo. Não cursava faculdade e muito menos tinha experiência.

— Se precisar de algo. Fale somente comigo. Não vá atrás de favores de mais ninguém. Principalmente dos “Juízes”. E, não sei como conhece algum juiz, mas espero que só conheça um.

— Mas eu não pedi favor algum. - Será que ele pensava que eu estava fazendo algo para conseguir está vaga? Voltei e me sentei a sua frente novamente. — Olha doutor. Eu não pedi nada ao Juiz. Se ele está fazendo isso é porque tem a consciência pesada por ter deixado a mim e minha mãe na rua. E nós nem nos conhecemos de fato.

— Eu não estou acusando ninguém. Só não quero que pensem mal do meu amigo. Isso é muito sério.

— Eu sei. Desculpe-me. – Levantei-me sem graça.

Sai da sala dele e fiz o mesmo caminho, só que em direção contrário, em busca da Késsia.

— Ele pediu que eu entregasse isso a você. Ela abriu, leu e sorriu de orelha a orelha.

— Graças a Deus! Seja bem-vinda! Não aguentava mais segurar tudo sozinha. Venha comigo guardar sua bolsa. - Segui pelo corredor aonde ela ia e chegamos a

uma salinha. — Aqui você pode guardar seus pertences e lanchar quando não der tempo de ir almoçar.

— Haverá esse dia?

— Muitos. - Pensei logo em minha mãe. Teria que pedir alguém que a ajudasse.

— Hoje?

— Não. Hoje está tranquilo. Mas dia de julgamento isso vira uma loucura. Aqui tem frutas e café. - Abriu um armário. - E por enquanto somos quatro a usar essa sala. Amanhã acho que chega outra novata.

— Acha que preciso me trocar?

— Está ótima. Vamos voltar.

— Dois conselhos: Não se envolva com estes homens daqui. São poucos os que prestam e outros são gays. Este é o mais importante. Agora. Quanto às mulheres. Estas são nossa ruína. Tudo se baseia na inveja. Cobra engolindo cobra. Entendeu? Ela me encarou seria, mas depois piscou.

— Entendi!

— Quanto aos juízes. Se dirija a eles como meritíssimo. Alguns os chamam Doutor. Depende.

— Do que?

— Se não te corrigirem.

— Ok! - Eu fiquei um tanto que assustada, mas se ouvisse a Késsia daria tudo certo.

— Agora uma orientação técnica. Nunca confunda onde trabalha. E então, me explicou a mesma coisa que a moça havia me explicado ainda a pouco.

— Eu jurava que era a mesma coisa. Lá fora diz...

— Eu sei. Muita gente confunde por estarem todos muito perto, e todos na mesma rua, mas não são. Mas não sei se notou as portas não são as mesmas.

— Então os juízes ficam aqui?

— Sim. Mas quase não os vemos. Entram e saem por portas privadas. E não são todos que ficam aqui. Cada um tem sua competência.

— Quantos são?

— Aqui temos três Juízes. Que passam a maioria do tempo aqui.

— Ah.

Só me lembrava até agora que o Tribunal da Justiça, ((Estaduais)) atuavam os juízes que julgavam causas civis

e criminais. E ali do lado havia também a Vara Familiar e Sucessões. Era muito para minha cabeça que chegava agora.

- Com o tempo você guardará tudo na memória. — A Késsia sorriu.

A parte da manhã praticamente voou. Corri até a pensão e contei a minha mãe o que havia acontecido. Inclusive que eu tinha certeza que isso só podia ser o Juiz.

— Não acha que tenha algo errado filha? Emprego. Esse salário.

— Mãe. Para nós isso é dinheiro. Mas não é um décimo do que eles ganham.

— E se esse homem estiver querendo um pagamento de outra forma?

— Mãe?

— Se bem que mesmo com minha dificuldade para estar de pé, reconheço que era um homem muito bonito.

— E provavelmente casado ou comprometido. Agora preciso voltar. Está tudo bem? Precisa de algo?

— Não. Fico assistindo TV nem vejo o tempo passar e só de pensar que está empregada, fico satisfeita

demais.

Deixei frutas da sobremesa ao alcance dela. Água e bolachas que guardei do café da manhã.

Olhei-me no espelho e não estava ruim. Embora soubesse que também não estava bom.

Depois do almoço a mesma correria. Muitos advogados e advogadas entrando e saindo. Estagiários e gente falando o tempo todo.

— Alguém pode me dizer o que significa isso? — Antes que eu pudesse pegar os documentos a Késsia pegou na mão do rapaz.

— Deixa que eu leve. Não vou te jogar na cova dos leões no primeiro dia de trabalho. Isso sempre acontece. Entregam documentos errados. Precisam ser levados até o TRF, mas não te mandarei para lá em seu primeiro dia de trabalho.

— Obrigada! — Agradei para não parecer sem ética porque no fundo eu estava ansiosa por vê-lo novamente. Meu Deus me dê juízo. O que eu estava pensando. Ela voltou minutos depois sem sorriso no rosto.

— Devia ter deixado você ir assim conheceria um

dos juízes mais gatos da face da terra e eu não teria aguentado o mau humor do homem, encontrei com a fera em pessoa. — Ela olhou para trás e sorriu. - Não vai perder a oportunidade. Disfarça e dá uma olhada. Lá vêm ele. Disse que precisa falar com o doutor Breno.

Por que eu não tinha coragem de olhar para trás? Por que na verdade não conseguia me mexer no lugar onde estava. Eu poderia desmaiar a qualquer momento.

Quando senti aquele perfume sabia que ele estava bem perto.

Vários homens o acompanhavam. Quando passaram apenas acenaram com a cabeça e alguns ainda se dignaram a um seco “Boa tarde!” Ele mesmo, sequer olhou em nossa direção.

— Boa tarde! — A Késsia sorriu, mas não conseguiu ver o rosto dele direito. — Esse Cairon mata a mulherada. — Dei uma de desentendida.

— Qual deles?

— O gostoso de preto. Pena que é casado! E com uma megera.

Era tudo o que eu não queria saber. Essa informação

de alguma forma mexeu com algo no meu estômago. Mas também o que eu estava pensando. Que um homem neste nível olharia para uma pessoa como eu?

De qualquer forma a noite não seria a mesma. E a tarde acabou de perder a cor!

& Seis &

Quatro dias de trabalho, eu pegava o ritmo. O segredo é não deixar de anotar uma vírgula do que é falado ou pedido para ser feito. Assim não corremos o risco de esquecer, pegar ou entregar algum documento errado. Principalmente, porque agora entendo, como as pessoas e até mesmo o correio, entregam documentos errados aqui na rua dos poderes.

Ontem inclusive passei na porta da faculdade para ver o valor da mensalidade e como poderei fazer para ingressar-me novamente.

Mesmo com o bom salário não poderemos ter uma

vida tranquila caso volte à faculdade. Pensei em alugar um lugar melhor para morarmos, mas aí não daria conta de pagar o aluguel, a faculdade e todas as despesas de uma casa.

Embora não seja um hotel cinco estrelas o que me tem feito pensar seriamente em ficar na pensão são alguns fatores como: Almoço e jantar no horário certo. Principalmente por causa de minha mãe. Eu poderei limpar o quarto no fim de semana e há uma lavanderia lá embaixo onde também poderei lavar e passar. Isso me poupa tempo e não sobrecarrega o fim de semana. Quando poderei ler e estudar um pouco.

— Até que enfim... Sexta-feira. Vem com a gente mais tarde? — A Késsia chegou de repente me afastando dos pensamentos.

— Não posso. Te disse que cuido da minha mãe que está enferma?

— Ah é verdade. Mas ao menos um dia poderá vir conosco. Não demoramos muito. É o tempo de bebermos algo e pronto.

— Deixa para quando receber também. — Sorri e ela

entendeu.

A Késsia estava desempenhando a função de apresentar a funcionária que entrou ontem e a mim, aos funcionários do Fórum. E seria difícil guardar o rosto e o nome de todos assim de imediato. Os mais importantes e que eu teria contato mais direto eu anotava os nomes e as sessões. Alguns também nem fazia questão de nos conhecer.

— Bom, meninas, vamos subir e se derem sorte apresentarei vocês aos Juízes que estão no prédio.

Subimos e conversamos com várias pessoas, entregamos vários documentos e entramos em uma sala que me deixou de boca aberta. Era uma mesa enorme parecida com uma mesa de reunião. E estavam todos reunidos, tomando café. Mulheres tinham apenas quatro.

Ela não fez alarde nos apresentando. Graças a Deus. No canto conversado com um homem estava o Dr. Breno que me olhou e sorriu.

— Vejo que está se adaptando bem.

— Muito boa contratação Dr. Breno. Ela é ótima! Pega o trabalho fácil e é muito esforçada em aprender.

— Que bom não é Késsia? Assim não nos arrependemos de tê-la contratado.

— Claro que não. Muito obrigada por ter escolhido bem Doutor. — Ele sorriu para ela deixando-me com uma pulga atrás da orelha. Mas ela disse que não podíamos nos envolver com estes homens, não tinha como ela estar envolvida com ele.

— Tomem café conosco meninas. — Um dos promotores que havia sido nos apresentado lá embaixo nos entregou as xícaras. — Enquanto ele nos servia o Juiz entrou. E não era um dos juízes que trabalhavam ali, mas era o único que eu gostaria de ver naquele momento. O meu Juiz preferido. Fechei os olhos e respirei, voltando a realidade.

— Opa! Meritíssimo. Aceita tomar um café com os mortais? — O Dr. Breno brincou olhando para mim. Mas como eu não tinha nada a dizer continuei tomando meu café. O que ele fazia ali, se não trabalhava no lugar. Teria ido me ver? Ou seria muita pretensão a minha.

- Se não se importam, aceitarei. Às vezes me esqueço de que são necessárias mais de uma refeição ao

dia. — Enquanto falava, não se dirigiu a mim e eu entendi que de fato não queria manter nenhum contato ou não podia.

— O senhor nos desculpe, daqui a pouco daremos início à reunião. E desculpe também a demora em marcar a data estávamos sem funcionários, só ontem terminamos de contratar as atendentes. Nem mesmo contávamos com um copeiro. Imagina como estava nossa situação.

- Não tão diferente que a nossa.

— E por falar nisso. Pessoal já conhecem nossas novas auxiliares?

— Esta é a Paloma e a Liara.

Todos nos cumprimentaram e fiz o ritual que todos faziam ao ir até a pia e lavar minha xícara. Não consegui olhar para o Juiz em nenhum momento.

Só quando descemos pude respirar aliviada. O que estava acontecendo comigo? Desde quando a palavra casamento não era barreira para meus pensamentos.

- Pensei que esse juiz não trabalhasse aqui. — Me dirigi à Késsia.

- E não mesmo. Mas o verá muito por aqui. Estão

em uma operação, e esse homem tem desafiado políticos corruptos, e promete levá-los todos à prisão. E agora, até que enfim, os juizes estaduais e do trabalho aqui reunidos, estão manifestando apoio à independência judicial do Juiz Cairon, do Tribunal Regional Federal, do Supremo Tribunal Federal, e do Superior Tribunal de Justiça que estão atuando em uma operação chamada “facility”. — Então, era por isso que estava ali. Não tinha nada haver comigo. Decepção, era meu nome.

De qualquer forma peguei minha bolsa e saí. Hoje havia recebido meus cartões de vale-alimentação e transporte, mas não iria de ônibus, era meia hora de caminhada que eu precisava fazer. Na vinda, claro que não poderia chegar suada, mas para voltar para casa era como um exercício mental. Expulsar os demônios que agora incomodavam minha alma.

Duas quadras depois eu senti meus pés saírem do chão. Ao olhar para o carro que parava e o reconhecer. Ele parou e abriu a porta do carro. Encrenca foi à palavra que veio a minha mente na hora.

— Carona?

— Não precisa meritíssimo. É bem perto e... — Ele me olhou com tamanha impaciência que achei melhor não dar toda explicação sobre a caminhada e os exercícios mentais e os demônios. Entrei e fechei a porta.

— O fórum não oferece mais vales aos seus funcionários?

— Ah sim. Acabei de receber. — Retirei da bolsa e mostrei a ele.

— E por que se arriscar a andar pelas ruas desertas?

— É um exercício que fiz durante a semana e que me fez bem mentalmente. Andar.

— Hum... — Hum? Ele falaria só isso? Estava ficando sem lugar para colocar minhas mãos. - Gostando do trabalho?

— Muito. Não tive a oportunidade de agradecê-lo.

— Não tem por que me agradecer. Não tive nada com essa seleção. Como viu, não faço parte daquele quadro de funcionários.

— A não? Sei.

— Sério. — Ele não estava com muito assunto. Mas

eu não era uma idiota.

— Entendo. Um dia o doutor Breno acordou e pensou. Isso mesmo sabe aquela moça que foi despejada com a mãe. Aquela cuja mãe comprou terreno, em terras indígenas. Ela vai servir ao nosso propósito. O currículo é o melhor que recebemos. Mesmo ela não tendo enviado. E quanto às referências? São inquestionáveis, mesmo não as tendo. E onde ela mora? Hum. Pensou um pouco. Para onde iria uma pessoa sem ninguém na cidade e sem dinheiro? Ah claro. Aquela pensão a vinte minutos do fórum, todos vão para lá. — Ele fez um ar de sorrir, mas não sorriu. — Eu sei que só estou lá por sua causa.

— Mas ficar depende exclusivamente de você. Do seu esforço e dedicação.

— Foi o que o Dr. Breno me disse. Afinal, ele deixou claro que é seu amigo particular, mas sabia que ele acha que sou sua... — Limpei a garganta envergonhada pela insinuação.

— Amiga íntima?

— Dão esse nome agora para amante?

— Não sei. Ninguém fala das amantes que tem. É

porque ele sugeriu que você fosse minha “amiga”. – Ele olhava a todo instante no retrovisor. Eu olhei no espelho do meu lado e vi um carro que vinha de vagar atrás de nós, não me preocupei me lembrando da primeira vez. Ele era seguido por seguranças. Agora eu sabia por causa dos comentários no fórum. Quando entrou no primeiro dia, haviam vários homens da polícia federal o acompanhando.

— Fazer o bem hoje em dia é tão raro que as pessoas sempre acham que temos uma segunda intenção.

— Obrigada! Por tudo. – Disse quando avistei a pensão. Mas ele não parou. – Acho que esqueceu o lugar que estou morando.

Ele não disse nada só apertou no painel um botão e eu o ouvi dizendo.

— Estou sendo seguido por um carro prata. – Disse os dados do carro inclusive à placa. O Lugar onde estávamos, mas em nenhum momento acelerou nem nada. Disse que não tinha visão. Pois o carro também era vidros escuros. O homem do outro lado pediu que ele continuasse até se encontrarem em um lugar que ele parecia conhecer.

Ele apertou o botão novamente e desligou. Só então falou comigo. — Não se preocupe o carro é blindado. Só não quis parar porque seríamos presas fáceis, sem falar que já saberiam onde mora.

— Hum. — Foi só o que soube dizer. Mas estava começando a tremer e a sentir o tum tum tum do meu coração descompassar.

— Já tem um lugar para morar?

— Ainda não e eu queria dizer que assim que receber eu acerto com o senhor o mês da pensão.

— Não precisa. Receba como um presente de aniversário.

— Meu aniversário ainda está longe.

— Quando é? — Olhei para ele e sua tranquilidade.

— É sério? Estamos sendo seguidos e o senhor está querendo falar sobre aniversário. Talvez nem o celebre se o carro continuar a nos seguir. — Então ele sorriu.

— Deixe de ser medrosa. Estava falando com você justamente para não se apavorar.

— Pois não adiantou. Estou fingindo que estou bem. Mas estou quase em pânico.

— Não precisa. — Ele disse e virou na rua seguinte. Quando nós viramos seguidos pelo carro caímos em uma blitz, e a polícia que parou os dois carros.

— Está tudo bem Meritíssimo? — Ele respondeu ao policial que se aproximou do carro. O telefone chamou e ele atendeu ao viva voz. O policial por sua vez não tirava os olhos de mim.

— Tudo certo obrigado! — Só isso e desligou.

— Doutor. Vamos levá-los. Amanhã se quiser vê-los. Estão armados e não possuem porte de arma. Deseja uma escolta?

— Amanhã irei até o DP. Não tem necessidade da escolta por hoje. — Ele cumprimentou o policial e colocou o carro em movimento.

— Desculpe. Se não tivesse me dado carona.

— Poderia ter sido pior.

— Por quê?

— Poderiam ter feito uma armadilha no meu caminho habitual. — Ele continuou por um caminho que eu não conhecia.

— Está com pressa?

— Não. De qualquer forma levaria mais que esses minutos para chegar à pensão.

— Não quis sair com seu o pessoal? Os vi sair, e pareciam muito animados.

— O senhor melhor que ninguém conhece minha situação. Não tenho grana e nem mesmo posso deixar minha mãe sozinha.

— Mas então ficará o fim de semana todo trancada no quarto de uma pensão?

— Pretendo retomar os estudos por isso preciso estudar. Estive olhando uma universidade aqui perto e pretendo fazer a prova para direito.

— Então quer ser advogada?

— Não. Juíza! — Ele sacudia a cabeça e sorriu. Querendo me matar infartada com esse sorriso. O que esse homem está fazendo comigo meu Deus? — Brincadeira. Foi o Dr. Breno que disse que seria bom eu entender do lugar onde trabalho e agora também sei que se quiser continuar trabalhando por lá terei que prestar concurso, e tenho que ter esse curso. E já que eu iria voltar à administração ele sugeriu que eu fizesse direito.

— Hum. Entendi. Bom. Está entregue, sã e salva. — Salva nem em pensamento. Estava era perdida. Havia uma dorzinha em meu estomago avisando que alguma coisa não estava bem. Eu estava tensa e não estava conseguindo me portar corretamente. Nem o que dizer eu sabia.

— Muito obrigada mais uma vez, não sei nem como o agradecer.

— Não precisa. Um dia quando eu precisar você retribui. — Silêncio. Eu restava encarando o homem agora. Só me restava isso.

— Então é isso. Vou subir e ver como está minha mãe.

— Ela está melhor?

— Sim. Vou ver se marco consulta para ela essa semana próxima. Não tive como levá-la ao hospital ainda.

- Sobre a grana. — Ele deu um meio sorriso. — O advogado que contrataram, em algum momento ele as orientou a fazer um requerimento de uma indenização do dinheiro que vocês pagaram pelo terreno? — Me arrumei no assento.

- Não. Podemos fazer isso?

- Então... Quando o governo desapropria, e acontece à retirada das pessoas, como foi o caso de vocês, que compraram o terreno de boa fé, sem saber que era ilegal, sem saber que eram terras indígenas, vocês podem entrar, ainda está no dentro do prazo se não me engano de requererem essa indenização. Mas precisa de um bom advogado, aquele não é de confiança. Se precisar posso lhe indicar alguns que conheço, mas não poderá dizer isso a ninguém.

- Eu não sabia. – Mas agora não tínhamos como pagar advogado para isso. Não diria isso a ele, caso contrário iria querer pagar esse advogado também e minha mãe surtaria com a ideia. – Falarei com minha mãe e verei o que ela dirá sobre o assunto. - Ele abriu o porta luvas e tirou um cartão.

— Esse é meu número. Caso precise de um maior esclarecimento, ou carona ou algo parecido. – Respirei fundo e pensei nas palavras de minha mãe.

— Eu não tenho como retribuir suas gentilezas meritíssimo.

— Sabe que meritíssimo, ou seja, lá o que mais que

sejam os tratamentos, poderá usá-los só enquanto estivermos em público ou no fórum, também nos tribunais, não sabe?

— Desculpe é que não sei se... — O telefone tocou e ele atendeu.

— Papai. Vai demorar a chegar? — Dava para ouvir a voz da criança eufórica ao viva voz.

— Não filho, estou chegando.

— Podia trazer uma bola para mim? Amanhã irei para a casa do meu amigo João e não temos uma bola.

— E onde encontrarei uma bola a essa hora filho?

— No shopping papai. Podia vir me buscar e eu vou com você escolher.

— Então se apronta daqui dez minutos te pego. Avise sua mãe que nós dois jantaremos fora.

— Ela não está em casa papai. Saiu com uma amiga.

— Ah... Sei. — Pareceu desanimado. E eu pensando que no lugar dessa mulher, não sairia de casa nem morta. Esperaria esse homem segundo por segundo. Mas é como minha mãe diz “Deus não dá asas às cobras” - Então espera que o papai está chegando. — A criança desligou e

ele me explicou. — Meu filho Pietro. Tem oito anos. — O carinho com que ele tratou o menino, não foi diferente do que ele estava me tratando. Então o que significava é que eu estava de fato confundido as coisas. Ele era atencioso com todos. A vergonha me caiu como uma luva.

— Que legal. Bom. Então vá lá! — Quando abri a porta para sair ele fez uma observação.

— Estranho não é?

— O quê?

— Só hoje soube seu nome. Muito bonito por sinal.

— Obrigada e desculpe por não me apresentar quando nos conhecemos, estava chovendo e eu nem sabia quem era.

— E como soube meu nome?

— O Rapaz da pensão o conhece. Fui confirmar com ele se você tinha pagado realmente.

— Duvidou de mim?

— Não é isso. Foi que eu não tinha dinheiro no dia para pagar e tinha que ter certeza que poderíamos ficar.

— Aí ele te disse quem eu era?

— Sim.

— Não havia então me reconhecido até naquele momento?

— Não. Mal olhou-nos durante a leitura lá da ordem de execução.

— Tomara que assim estejamos agora em paz um com o outro.

— Nem tinha obrigação. Minha mãe que foi boba de confiar em homens.

— Espera um pouco. Está generalizando.

— Todos os homens sejam eles mendigos ou Juizes quando se fala em assuntos do coração se tornam um só. Adão. — Ele sorriu, mas o sorriso dele era sempre um sorriso triste.

— Não quero nem entender sua teoria. Deixe-me ir ver meu filho. Outro dia conversamos. Só não poderemos conversar assuntos particulares em locais públicos, lembre-se disso, mas a gente se esbarra por aí.

— Obrigada e até mais. — Desci do carro e corri para a porta da pensão. O que eu estava pensando da vida? Procurando o sofrimento com minhas próprias mãos.

A mulher desse homem seja ela quem fosse devia estar no céu com tanta beleza e sensualidade em uma pessoa só. Além de gentil e caridoso. Uma pena. Uma pena mesmo.

& Bônus &

Cairon

EU SÓ POSSO ESTAR MALUCO COM CERTEZA. Há uma semana eu era uma pessoa controlada e agora estou com o pensamento perdido em uma desconhecida. Affff isso era carência demais para um homem em minha posição.

Eu tinha alguns minutos antes da reunião e acabei chegando mais cedo ao fórum para conferir, se de fato, o Breno havia dado à ela, a vaga que havia me prometido. Quase não acreditei quando a vi. Estava bem vestida. Claro que muito simples perto das demais assessoras e até mesmo da Késsia. Mas bem maquiada.

Fiquei naquela sala tentando manter-me o mais distante possível, o mais imparcial. Não que eu tivesse

algum assunto a tratar com ela, mas poderia ter sido um pouco mais amigável. Mas a minha irritação é comigo, mesmo por estar importando-me tanto assim com essa menina. O que me irrita também é essa minha mania de ligar para o que vão pensar ou falar. – Soquei o volante do carro.

Eu precisava conversar com alguém sobre isso não podia ser normal. Isso só podia ser efeito das brigas que eu estava tendo com a Giovanna. Não tem com explicar isso melhor. Carência. Pediria ao Murilo que combinasse uma saída discreta com alguma das meninas, uma amiga dele ainda essa semana. O Murilo sabe como funcionam esses esquemas, e isso devia ser o suficiente para acalmar minha mente e principalmente meu corpo.

E agora mais essa. Dar meu cartão com o número do meu celular a ela, tinha sido a gota d'água. O Breno tinha razão. Estava entrando em uma fria.

Dirigi o mais rápido que pude para casa. Pensar que o Pietro estava sozinho com a babá me tirava do sério. Isso estava acontecendo constantemente. Agora a Giovanna deu em sair todos os dias com essa amiga que

nem ao menos conheço. Mas duvidava muito que fosse mulher.

Peguei o Pietro e fomos ao shopping comprar a tal bola. Entre uma bola e outra nos encontramos com várias amigas da Giovanna que externaram a indignação de não vê-la e não encontrarem mais tempo para se encontrarem.

- Acho que a mamãe encontrou novas amigas papai.
— Ah a inocência. Como era até bonito de se ver como as crianças conseguiam ver as coisas de forma tão doces.

& Sete &

O SÁBADO ME ACORDOU COM UM PERFUME DA ESPERANÇA, que há dias havia visto desaparecer. Sentei-me e olhei para o relógio eram oito e vinte da manhã. Olhei de lado e minha mãe não estava na cama. Dei um pulo e corri até o banheiro.

— Quer me matar do coração mãe?

— Estou bem melhor. — Mas a voz só enfraquecia.

— Acho que até poderei descer para lavar a roupa

enquanto arruma o quarto.

— Como se o quarto fosse uma suíte de uma mansão e eu precisasse de ajuda. E o que eu acho é que devemos procurar um hospital público que tenha pronto atendimento e dizer que não está bem para que te atendam.

— Dá para esperar até segunda-feira. Não vamos atrapalhar nosso sábado que está lindo e ensolarado.

Voltei para o quarto e deitei novamente. Meu relacionamento com minha mãe só começou a ser melhor há algum tempo atrás. Ela abriu mão de estar comigo, para conseguir me criar, vindo para a cidade para ganhar melhor, mas não deu certo.

Além de não ganhar o que queria e o que pretendia, ainda não pode cuidar de mim, como toda mãe deve cuidar de seus filhos. Sei que não é culpa dela somente. Meu pai, não cheguei a conhecer. Segundo ela, ele a abandonou assim que a viu grávida.

— A moça disse que o café do sábado é servido até as nove vou descer para pegar. O que quer comer?

— O que tiver está bom.

Desci e tomei meu café bem rapidinho e subi com o

dela

Organizei o quarto antes do almoço e lavei roupa depois. À tardinha passei as que estavam secas e subi com duas ou três peças ainda molhadas. Quando cheguei ao quarto quase perdi o fôlego. Minha mãe estava caída no chão, imóvel de olhos fechados. Congelei por alguns segundos.

— Mãe. - Corri até ela me abaixei. — Mãe fala comigo. Ela respirava com muita dificuldade. Tentei colocá-la na cama. Mas estava muito pesada. Fui até a porta e gritei o rapaz da recepção.

Ele subiu e me ajudou. Decidi levá-la ao hospital e ele se colocou a disposição com seu carro.

Minha mãe foi atendida, mas ficaria em observação. Era um semi-internato. Não podiam interná-la por que não tínhamos convênio e não havia possibilidade de ela ficar em um quarto particular. Não por enquanto. Eu poderia ao menos ficar com ela no quarto, já que não sabiam a que horas eles a liberariam.

Peguei uma revista e comecei a olhar sem ler nada, em página alguma. O médico disse que a hemodiálise era

a solução e que começaria na segunda a noite. Insuficiência renal.

Às duas da manhã. Foi quando recebemos alta. O Emerson, o rapaz da pensão, deixou o número do celular comigo, mas eu não tinha telefone e nem coragem de ligar a cobrar.

Sentamos na portaria e eu pedi a moça o telefone da recepção emprestado, mas só chamava. Provavelmente estava dormindo.

Contei e recontei as notas e moedas que ainda tinha e não deu muita coisa. O táxi também era uma realidade distante. Encontrei o cartão do Cairon, quer dizer, do Juiz Cairon. Não. Não teria coragem para tanto. Seria muito abuso ligar para ele um dia depois dele me dar o cartão.

Encostei a cabeça da minha mãe em meu ombro e fechei os olhos. Ouvi a voz dele em meus pensamentos.

— Mudaram de banco agora? Não era imaginação.
— Ao menos este não é no sereno.

— Mas... Como nos encontrou? Levantei-me.

— Estive na pensão.

— Há essa hora? — Eram duas e quarenta da manhã

segundo o relógio da recepção.

— Não. Fui mais cedo. O rapaz me contou que sua mãe havia se sentido mal e ele tinha trago vocês. Liguei agora a pouco para saber dele se estava tudo bem e ele disse que ainda não haviam chegado que você ficou de ligar. Ai me parece que ele olhou no celular e tinha uma chamada de um número desconhecido que ele disse poderia ser você. Me prontifiquei a vir, então ele me forneceu o endereço do hospital.

— Precisava de algo? - Estava ficando tensa. O que ele queria?

— Só emprestar alguns livros. Você disse que iria estudar.

— Acabou que nem tive como fazer. – Eu estava muito cansada. Muito mesmo. Meus olhos estavam pesados.

— O senhor precisa colocar na cabeça dessa menina que precisa viver a vida dela. Quem sabe um namorado da idade dela. Um jovem solteiro. – Minha mãe acabava de acordar. Ele ignorou a alfinetada de minha mãe.

— E a senhora precisa cuidar da sua saúde. — Ele se abaixou e brincou com ela. — Quer continuar aqui neste banco ou quer uma carona para voltar a pensão?

— Se puder nos deixar lá agradeceremos. Minha filha não pedirá, mas eu não posso deixar de aceitar sua ajuda. — Sua voz não é a mesma.

— Consegue andar ou precisa que eu a leve nos braços?

— Consigo andar. — Mas a moça ofereceu uma cadeira de rodas e nos poupou tempo e esforço.

Ele subiu as escadas com minha mãe nos braços e eu subi admirando cada atitude deste homem. Mas estava ciente que ele nos via como duas sem tetos e sem parentes que precisava de ajuda. Já na cama minha mãe mal conseguia abrir os olhos. Ajeitei as cobertas sobre ela e joguei minha bolsa sobre a cama para acompanhá-lo até a porta.

— Parece cansada.- Constatação óbvia.

— Um pouco.

— Vá descansar. — Ele me disse.

— Te acompanho até lá embaixo. - Descemos e eu

fiquei parada próxima à porta. Ele disse até mais e foi para o carro. Quando entrou, eu me aproximei do carro e fiquei observando.

Ele desligou o carro, porém também não desceu. Era escuro eu não podia ver o que ele estava fazendo. Dei a volta e abri a porta do passageiro. E entrei.

— Tudo bem eu não quero mais que fique nos ajudando. Já disse que não posso retribuir com nada. Nunca poderei lhe ajudar. — Ele me olhava em silêncio. — Estou cansada e não sei dizer o que estou sentindo. Se é uma enorme gratidão ou sei lá. Só sei o que está fazendo, está me fazendo tão bem que está fazendo mal a minha mente e ao meu coração.

— Não entendi. O que se faz bem não pode fazer mal.

— Pode sim. Aparece sempre quando eu preciso e cuida de nós. Faz isso com todas as pessoas que entram em seu gabinete pedindo ajuda?

— Claro que não.

— Então por que nós?

— Também não sei te dizer. Naquele dia eu sabia

que vocês eram mulheres de bem. Eu vi o que havia acabado de acontecer e fiquei... Não sei explicar. — Encostou a cabeça ao volante.

— Com pena. Que sentimento mais triste.

— Não pena.

- É sim.

- Fiquei tocado de alguma forma. Comovido com a situação em que foram parar. Ver vocês sentadas na frente do fórum por uma noite e um dia todo. E depois dando a entender que dormiriam ali novamente. Isso...

— Foi humilhante. — As lágrimas vieram até meus olhos.

— Essa é sua visão a minha foi uma cena tocante. De uma hora para outra nossa situação na vida muda. E as pessoas não importam com isso.

— E o senhor não tem que se importar também. O que fez até agora foi mais que suficiente. Só que mesmo humilhada. Sofrendo eu continuo sendo uma mulher e meus sentimentos no momento são os piores possíveis.

— O que fiz foi de coração acredite. Eu nem tinha ideia que ajudar fazia mais bem a quem ajuda do que a

quem é ajudado.

— Não. Se é uma coisa que não sou é ingrata. Não tem ideia do bem enorme que nos faz. Mas isso também me faz mal por que... – Não acredito que estava tendo aquela conversa com um homem daquele naipe. - Por que... Começo a sentir umas sensações estranhas quando vejo o senhor. E quando acontece algum problema, adivinha? É no senhor que penso. É a primeira pessoa que me vem em mente. Mas – Comecei a chorar.

— Acha que não podemos ser bons amigos? – Ele disse todo carinhoso.

— Bons amigo! Bons Amigos! – Sequei as lágrimas. - E um homem do seu nível tem amizades com pessoas da nossa classe social?

— Eu não nasci rico sabia e nem Juiz. Tive que batalhar muito para chegar onde estou e como eu sempre digo: Hoje estou amanhã posso não estar. Tudo não passa de um estado para outro na vida.

— Então está bom. Seremos bons amigos. Mas não fique aparecendo sempre que preciso. Por favor. – Tinha

vontade de gritar para que ele se afastasse de mim. Uma semana e eu já até conheço o perfume que usa.

— Vocês não conhecem ninguém na cidade que possa ajudá-las, como não quer que eu me preocupe?

Passei a mão pelo cabelo e amarrei com um elástico que eu trazia no braço.

— Não vou discutir mais. Preciso subir e ver minha mãe. E não vou ficar te agradecendo porque está ficando chato demais. Todos os dias nos socorre. Todos os dias.

— Não precisa. Já disse. — Começava a chover. Nem me despedi. Sai do carro e corri até porta da pensão e entrei um pouco molhada. Assim que fechei a porta alguém bateu. Achei que era o moço da pensão, mas quando abri era ele. Também molhado.

— Veja bem. Estou passando uma fase difícil em minha vida. E não seria justo você entrar neste meio sem saber em que está se metendo. É melhor eu ficar longe realmente. Sou casado e estou carente. Isso é bomba na certa.

Essa era a palavra. Eu já estava custando a segurar meus impulsos e acabei falando o que não devia.

— Também estou carente. Estamos passando a pior fase de nossas vidas e embora eu acredite que isso não seja um bom motivo para justificar minha carência. Mas como é bom ter quem cuide de nós. Sempre estive acostumada a cuidar das pessoas desde os meus dez anos quando fui trabalhar fora.

— Eu não posso ser essa pessoa. Sabe disso. Já tenho uma responsabilidade e uma família.

— Então se afaste de nós, por favor.

— É isso mesmo que deseja? Não me quer nem mesmo como amigo?

— Não. Claro que não desejo isso. – Abaixei a cabeça derrotada.

— Mas é o que precisa ser feito não é? – Ele virou as costas e partiu. Fiquei ali esperando que ele voltasse, mas ele não o fez.

& Oito &

Cairon

EM MEU APARTAMENTO TOMEI UM BANHO e

conferi no relógio que já eram cinco horas da manhã. Antes de me deitar, porém ouvi o interfone da portaria e fui atender.

— Meritíssimo tem um taxista aqui com a Dona Giovanna ela não tem condições de subir. O senhor quer que eu pague o táxi e a leve ou...

— Estou descendo. – Paguei o taxista e o agradei. Peguei-a nos braços e pensei. Era a segunda vez que fazia aquilo na noite. Carregar alguém nos braços. Não me importaria de carregar uma terceira se fosse para saciar o desejo que eu trazia em meu corpo. Não era justo eu carregar minha esposa, pensando em outra mulher.

Olhei a Giovanna praticamente desmaiada. Cheirava a cigarro e a álcool. Desde quando agora ela fumava?

— Jeff. – Ela sussurrou com uma voz arrastada antes de eu colocá-la na cama.

— Então esse é o nome de sua amiga com a qual você tem saído todos os dias? Ela abriu os olhos e se assustou.

— O que eu disse? – Começou a rir com deboche.

— Jeff. É um nome muito estranho para uma mulher.

— Não enche. Me deixa dormir.

— Claro. — Arrumei a coberta dela e tirei os sapatos.

— Você é um chato Cairon. Fico tentando te odiar todos os dias e não consigo. Eu não sei se essa sua pose é verdadeira ou se é só para manter sua fama de Juiz honesto, gostoso e bonzinho. — Passou a mão em meu rosto. — Você é lindo. Até demais. Mesmo assim não consegui fazer com que eu me apaixonasse por você, ninguém manda no coração Cairon. Ninguém. Então... Quero odiar você.

— E porque tenta me odiar Giovanna? Somos casados.

— Mas eu não te amava Cairon. — Ela começou a chorar e eu fiquei compadecido daquela declaração dita tantas vezes por meio de gritos e agora através das lágrimas. — Eu não te amava. Eu amava outra pessoa. — Ela demonstrava tanta dor que pela primeira vez eu tentei compreender.

Sentei-me na beira da cama e tirei uma mexa de

cabelos que estava sobre o rosto.

— Meu pai. Só pensava em posição social. Em bens e herança. Eu queria ser feliz.

— Devia ter dito isso a ele.

— Eu disse. Eu chorei. Eu gritei e briguei com ele.

— Entendo.

— Não. — Ela limpou o rosto. — Você nunca amou alguém como eu amei o pai do meu filho. Só que eu era a riquinha e ele um Office boy.

— Isso não devia existir de verdade. Essa separação de classes.

— E eu te odiei porque você se deixou comprar pelo meu pai. Quis casar-se comigo por causa da fortuna dele. Por isso nunca deixei que tocasse em mim. Mesmo minhas amigas dizendo que eu havia tirado a sorte grande de me casar com o homem que todas elas sonhavam.

— Eu não casei por dinheiro Giovanna.

— Claro que foi.

— Não. Me casei porque te amava. E pensei seriamente que com o tempo você também fosse me amar.

— Não. Você não me amava e nunca me amou senão

não teria aceitado o que meu pai te oferecia. — Suas lágrimas banhavam seu rosto.

— Eu pensei em você. Pensei na criança. Não queria que ficasse sozinha. Abandonada.

— Mentiroso.

— Olha para mim Giovanna. — Ela não fez de primeira e eu fiquei esperando. — Não havia só eu como opção para seu pai.

— Mentira, você é um mentiroso.

— Não. Era eu e mais um velho advogado que tinha na época também muito querido por seu pai. E ele era muito mais ambicioso que eu. E muito mais velho também.

— Meu pai não faria isso.

— Claro que faria. Eu fui o segundo a ser sondado. Lembro-me de seu pai dizer que o tal homem havia pedido um pouco mais da fortuna oferecida para assumir a criança.

— Está falando isso para eu ficar agradecida a você. E eu não vou ficar.

— Não. Estou contando a verdade por que não quero que sofra.

— Mas eu passei oito anos sofrendo. Estou sofrendo até hoje.

— E está bebendo e fumando.

— E estou grávida.

Meu mundo caiu. Grávida? Ela não podia fazer isso comigo. Não era justo eu passei uma vida inteira nem mesmo querendo frequentar uma casa de acompanhantes de luxo para aliviar minhas noites de solidão pensando em como ela se sentiria se descobrisse. Eu passei uma vida abrindo mão de muitas coisas para vê-la feliz e ao meu filho. E agora ela jogava essa bomba em mim.

— Não Giovanna. Isso não é verdade. Está dizendo isso para que eu te dê o divórcio.

— É verdade sim Cairon. E estou dizendo por que em algumas semanas as pessoas vão notar e muita gente sabe de nosso casamento e vão saber que este filho não é seu. Então questionaram sobre o Pietro também.

— Por que está fazendo isso comigo Giovanna? Por que quer me fazer infeliz e que me fazer sofrer?

— Não Cairon. Você buscou sua infelicidade achando que poderia me fazer te amar e ser feliz por nós

dois. Eu não sou a culpada.

— Não pensa em nosso filho?

— Ele é meu Cairon. Não é nosso. Entenda de uma vez por toda.

— Ele me vê desde o dia do seu nascimento até hoje como pai e agora acha que será fácil para ele aceitar que mentimos para ele, mesmo sendo uma criança? Estávamos juntos em todas as festinhas de aniversário dele ou dos amiguinhos. Outro dia mesmo me exibia aos colegas. E acha que será fácil para ele aceitar isso tudo. Não quero que ele sofra. Seu pai tinha razão. Alguém precisava cuidar do Pietro e você não tinha a menor condição como não tem agora.

— O que está dizendo Cairon? Que não irá me dar o divórcio? — Ela começou a me chutar. — Seu idiotia. Maldito. Maldito.

— Mamãe. Papai. — A porta se abriu e um Pietro assustado entrou olhando para nós. — O que foi? Mamãe está bem? — Ela tentava se arrumar e limpava o rosto. Eu já de pé abracei o menino e por pouco não chorei em sua

frente.

— Mamãe só teve um pesadelo meu amor. Vamos deixá-la dormir agora.

— Cairon.

— Conversaremos no café Giovanna. No café! - Fechei a porta atrás de mim e do Pietro. Fui com ele até seu quarto e o coloquei na cama.

— Papai.

— Oi filho. – As lágrimas estavam prestes a cair.

— Dorme comigo. Estou com medo.

— Não precisa filho, o papai está aqui. – Deitei-me ao seu lado e me cobri. Ele se aconchegou a mim e fechou os olhos.

— Quando eu acordar estará aqui?

— Claro que estarei.

— E nosso passeio no Zoológico?

— Iremos sim. Logo após o almoço.

Como eu deixo uma pessoa chegar agora na vida do meu filho e o arrancar dos meus braços? Minhas lágrimas romperam meus olhos e eu permiti pela primeira vez, que elas caíssem por medo. Sempre fui um homem destemido

e nunca tive medo dos bandidos no banco dos réus. Ou das ameaças intermináveis feitas mediante as condenações. Mas agora tinha medo de que o pior dos ladrões me roubasse o meu bem mais preciso.

“Ladrões de alma que roubam a nossa paz interior e nossa felicidade”.

— Papai. Papai acorda. Assim não iremos ao zoológico. – Era a voz suave do meu pequeno.

- Só mais um pouco filho. O papai está muito cansado.

— Mamãe o papai não está bem. Disse que está cansado e quando diz isso é porque não está bem. Você mesma diz.

A mamãe estava aqui no quarto do Pietro? Abri os olhos e ela estava sentada na poltrona que usou para amamentá-lo. A quanto tempo essa mulher não vinha até este cômodo da casa?

Abri os olhos minha cabeça doía. Meu corpo parecia não sentir o cobertor porque eu estava tremendo. Lembrei-me da chuva de ontem. Estava resfriado. Mas não podia descumprir meu compromisso com o Pietro.

— Filho pede a Magna para fazer um chá para o papai.

— Chá? Está mesmo doente? Então não iremos ao Zoológico?

— Calma Pietro. Iremos ao Zoológico como combinados. Só preciso que faça isso. — Ela estava olhando tudo em silêncio. Ele sai do quarto correndo. Então ela se levantou e encostou a mão em minha testa.

— Esta realmente com febre? Isso é emocional Cairon. Só para não conversarmos sobre o divórcio. Está tentando me chantagear? Já digo que não cairei nessa.

— Isso mesmo. Protocolei o documento enquanto você dormia, solicitando uma gripe para hoje, acompanhada de dor no corpo, febre e dor de cabeça.

— Você é engraçado. Sabe que uma vez coloquei um detetive particular atrás de você?

— Sério? — Sentei-me na cama. — O que queria descobrir?

— Se tinha uma amante. — Aquilo me preocupou seriamente. Se tivesse me visto com a garota, teria motivos para me tirar o Pietro.

— Então me amava?

— Não viaja. Eu só queria o divórcio. E como negava me dar eu pensei que se eu encontrasse uma falha sua, uma bem pequena que fosse, poderia te acusar e ganhar a separação.

— E qual foi o relatório do seu detetive? – Então, devia ter sido há muito tempo.

— Duas vezes em um bordel. Não eram mulheres fixas. Depois uma monotonia sem tamanho. Nada de aventuras. Ele me disse que o bordel não me daria muitas chances no tribunal porque você alegaria que eu não cumpria com minhas obrigações de mulher.

— Eu vou escolher o advogado Giovanna. – Ela me olhou assustada.

- Como assim? Não brinca Cairon. – Deu um salto da cadeira até a cama.

- O Divórcio.

— Está falando sério?

— Sim. Essa semana eu te oriento sobre a documentação. Desde que o Pietro fique comigo.

— Seu nome deveria ser Cairon sem noção. Se vou

viver com o Pai do Pietro porque o deixaria com você?

— Por que nós temos uma história juntos.

— O Pai dele só não tem por que você e meu pai não deixaram.

— Então briguem comigo no tribunal.

— Você quer me ferrar não é? E fazer isso perante toda sociedade? Eu sabia. Me concede o divorcio, mas saio como a lacaia da situação. - Andou de um lado para o outro. — O Grande juiz ataca novamente. Impiedoso e cruel.

— Não era o divórcio que queria? Em nenhum momento citou o Pietro. E tem mais. Sobre a herança dele. Continuo responsável legal, como seu pai citou no testamento até que ele tenha a maior idade.

— Eu tenho minha parte na herança, se esqueceu? Não preciso do dinheiro do Pietro. E sua parte. O que fez com ela?

— Não te interessa.

— Claro que sim. Sei que não gastou comigo. Porque este apartamento é presente de sua avó. Você ganha bem e eu tenho mesada das propriedades do meu

pai. Então temos poucos gastos. Fora a fortuna que recebeu a três anos dessa sua avó que não havia te reconhecido como neto. O que faz com tanto dinheiro?

— Jogos e mulheres. — Ela deu uma risada.

— Cairon. Deixa de ser idiota. Eu te conheço bem. Não tem essa coragem toda com mulheres, caso contrário teria me feito sua a força.

— Era isso que queria? Que eu tivesse te tomado por direito? — Empurrei-a sobre a cama e prendi-a com meu corpo.

— Claro que não. Mas poderia o ter feito. — Ela se soltou e se levantou. - Voltando ao nosso assunto. Vamos contar ao Pietro e ver o que ele decide.

— Contar o quê? O que eu preciso decidir?

— Nada por enquanto filho. Só precisa ser feliz. Depois. Outro dia conversamos com você. — O Pietro entrou e nos pegou falando sobre o assunto e quando dei esta resposta a Giovanna saiu do quarto. Provavelmente queria falar sobre o assunto com o menino ainda agora. Mas tinha que entender que criança não vê as coisas do modo que os adultos veem.

Depois do almoço levei o Pietro até o Zoológico como prometido. Acompanhado do Murilo, não posso de maneira alguma expor o Pietro ao perigo.

— Então a Giovanna quer mesmo te deixar?

— Na verdade nunca esteve comigo. Só quer oficializar isso. Agora eu penso quantas mulheres dariam um braço para ter a vida da Giovanna. Posição social. Status, dinheiro e uma família.

— E muitas dariam dois braços para ter só amor Cairon. Tem mulheres que não ligam para o dinheiro realmente. Elas querem o príncipe, mas em atitudes.

— Mas eu fui o mais gentil que pude.

— Aí vem um cara que bate na mulher, ou que não liga se ela está chorando ou não, e elas morrem de amores por eles.

— Isso não é amor Murilo.

— Claro que é. Cada um ama de um jeito.

— Eu não entendo isso. Apesar de que vejo muito. Agora mesmo está chegando à cidade uma magistrada, que assumirá a Vara de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher.

— Então agora tem uma vara especializada só nesse assunto?

— Tem algum tempo. Não tinha aqui em nossa cidade. Essa Vara Especializada que fará garantir a aplicabilidade da Lei Maria da Penha sem que as mulheres tenham que peregrinar de delegacia à outra por seus direitos.

— Mas a metade delas não procura por ajuda porque os cônjuges as enganam dizendo que é por amor ou as ameaçam de quando saírem da prisão farão pior.

— Estou esperançoso que a situação mude com a chegada dessa juíza. Muitas mulheres deixam de denunciar até que seja tarde demais. — Paramos um pouco para terminar o assunto.

— Papai. Vem ver o urso dando comida para seu filhote.

— Estou indo filho.

— E você homem Cairon como está se sentindo com tudo isso?

— Hoje, hoje eu não sei te dizer Murilo. Estou um pouco de tudo. Revoltado, carente, pesaroso. Mas não a

segurarei mais.

— Isso vai passar. Vai ver. Agora... A carência, sabe que é fácil resolver. — Se havia uma pessoa que me conhecia, era o Murilo. — Quer que ajeite um passeio com uma amiga?

- Vou pensar no assunto. — Não era falta de interesse, mas não sei se minha cabeça estava para sexo nesse momento, não com uma mulher qualquer.

Passeamos pelo zoológico e lanchamos. Antes de voltar para casa o Pietro ligou para um colega e pediu que ele fosse para nossa casa, mas a mãe do coleguinha me chamou ao telefone e disse que tinha montado alguns brinquedos em casa se o Pietro não poderia ir para dormir com eles.

— Precisaremos ver com a mamãe primeiro. — Como em casa, a Giovanna estava querendo sair mais que depressa se arrumou e ficou de levá-lo até lá e amanhã a mãe do colega os levaria para a escola.

Tomei um banho e deitei-me sentindo um frio enorme. Acordei eram perto das oito da noite. Como ainda sentia muito frio, decidi ligar para meu médico, que

também era amigo meu, e pedir uma prescrição médica. Ele me orientou a ir a farmácia, onde um farmacêutico amigo dele conferiria minha temperatura e se fosse realmente só a febre, me daria um medicamento que ele mesmo ligaria dizendo qual era. Assim que consegui localizar o lugar e ser medicado voltei ao carro e olhei no espelho avistando uma caixa no banco de trás. Eram os livros que eu havia levado, mas não entregue a minha sem teto.

Se ela me visse chamando-a assim me chamaria de esnobe de não sei o que, e na certa diria outras meias dúzias de palavras.

Entrei na esquina da frente e parei na porta da pensão. Desci do carro e perguntei a moça se poderia chamá-la. Segundo a atendente, ainda estava na lavanderia, passando algumas peças de roupa. Tive a sensação que a moça da recepção queria me dizer algo, pois ficou me olhando, mas depois não disse nada, só indicou o caminho, dizendo que eu teria que seguir a diante e descer alguns lances de escada.

Com a caixa nas mãos desci e observei. Usava um

micro short e uma camiseta e estava sem sutiã que dava para ver nitidamente pela transparência, seus seios. Cabelos presos e cantarolava algo que eu não entendia.

Esperei que ela largasse o ferro de passar para não acontecer um acidente doméstico e quando pegou a roupa para dobrar brinquei com ela.

— Atividade legal para o domingo à noite.

— Que susto me deu. — Ela levou a mão no peito e um sorriso. — Estava justamente pensando em você.

— De bom ou de mal?

— Nos livros que veio trazer ontem, mas não deixou. — Mostrei a caixa a ela.

— Estão aqui. Haviam ficado no carro.

Ela pegou a caixa da minha mão e abriu olhou cada um e suas espessuras.

— Serão longas horas de estudo.

— Tomara que tenha bastante tempo livre. Não terá tempo para o namorado quando ele vier.

— Ele não virá porque não existe. Não tenho namorado atualmente.

— Que bom!

— Que bom que não tenho namorado? Claro não é. Você é casado não precisa mais de ninguém então quem não tem que se dane.

— Não foi isso que eu quis dizer. — Ela continuava vendo os livros e então não me veria sorrir. — Disse que bom que terá tempo para ler. Assim alcançara bem rápido seus objetivos.

— Ah isso sim.

— Eu já estava subindo. Aceita um café?

— Não. Preciso ir. E sua mãe?

— Hoje sua voz estava bem melhor até se alimentou corretamente. A hemodiálise ajudou bastante.

— Dê um abraço a ela. Diga que desejo melhoras.

— Como darei aquilo que não recebi?

— Não entendi. — Mas eu havia entendido sim. Ela estava brincando comigo novamente. Mas estava brincando com fogo.

— O abraço. Você não me deu ainda para que eu a entregue.

— Não devia brincar com coisas sérias. — Disse sem sorrir desta vez. Meu corpo estava em alerta. Se o

Murilo visse isso diria que estou agindo como um adolescente.

— Vai dizer que não abraça seus amigos?

— Quase nunca.

Então ela deixou os livros sobre a tábua de passar e deu dois passos em minha direção. Eu me afastei meio passo.

— Por isso é tão impessoal e frio com as pessoas. Um abraço não mata ninguém. Mas a falta dele deixa as pessoas distantes sabia?

— Eu sou bem frio. Dizem. Você mesma já disse.

— E é mesmo. Quando está em seu local de trabalho.

Aproximou-se novamente e envolveu seus braços em meu corpo cruzando-os em minhas costas. Eu estava com a mão no bolso. E fiquei. Sem retribuir. Então ela respirou fundo como se inalasse meu perfume.

— Melhor parar. — Minha voz parecia presa à garganta.

— É só um abraço, nada mais. E você parece frio. Mas aqui parece muito quente. — Passou a mão em meu

rosto. — Não. É verdade você está muito quente de verdade. Está tudo bem? Parece febril.

— Fui até a farmácia, logo estarei bem. — Mas ela não me soltou.

— Precisa ser cuidado! Está queimando?

— E não é só febre. — Perdi o controle do qual tanto me orgulho. Abaixei a cabeça e beijei sua boca. Seus lábios eram doces e também estavam sedentos. Um pouco era febre, um pouco era carência e não sei mais o que estava sentindo naquele momento.

No mesmo momento me lembrei da Giovanna e do Pietro e a soltei.

— Me desculpe. Não posso.

Subi as escadas entrei no carro e parti. Isso não podia acontecer. Não agora e não com ela. Ela não merecia isso. Era uma pessoa boa, que não merecia viver uma vida de incertezas como a que eu tinha a oferecer.

E eu? Não tinha o direito de ser feliz sabendo que em breve meu filho passaria por um momento difícil em sua vida no qual ele precisaria de mim. O jeito era me afastar definitivamente. Era o certo a fazer.

& Nove &

A PARTE DA MANHÃ NA SEGUNDA-FEIRA foi muito tranquila. Quase ninguém para atender. Antes de vir para o trabalho, fiz minha inscrição para a prova de integração na faculdade e agora anseio chegar à sexta, quando farei a prova.

— Vamos trabalhar princesa? Ou vai ficar olhando esse papel a manhã toda? Sabe que estamos cheia de trabalho.

- Mesmo? Não teriam hoje um encontro no Tribunal Regional Federal.

- Ah sim. — Ela se adiantou. — Foi cancelado. O Juiz está impossibilitado de comparecer.

— Qual deles? — Só queria ter certeza que só tínhamos um Juiz Federal na cidade.

- Você já sabe quem é quem. Quem trabalha lá? O federal. Não foi isso que te falei outro dia?

- Sim é que... – Eu ainda me confundia um pouco, mas não naquela situação.

— Dr. Cairon meu bem. Está de cama. Parece que pegou chuva no sábado e está febril e com dores no corpo. O que eu não daria para cuidar daquele homem. – Eu poderia jurar que havia ouvido um suspiro. Seu olhar perdeu-se no tempo, e eu pensei comigo... “Eu também”. Ao menos ter notícias dele.

— Mas é só isso? – Precisava arrancar da Késsia qualquer informação útil que fosse.

— Deve ser. Fiquei sabendo pelas meninas que trabalham lá, quando ligaram para cancelar o evento. Estão preocupadíssimas, porque é muito raro ele faltar ao trabalho. Deve ser só isso, mas deve estar muito mal. – Foi minha culpa! Pensei.

— Uma pena. – Foi à única coisa que disse. Ela logo me entregou vários documentos a serem distribuídos com os estagiários e outros com os funcionários tentando distribuir sorrisos e desempenhar minha função.

No corredor me encontrei com o Dr. Breno conversando com uma das estagiárias, quando me viu me

pediu que eu fosse até sua sala.

— Licença. – Pedi quarenta minutos depois, quando terminei meu trabalho.

— Entre. Tem notícias do Cairon? – Aquilo me assustou profundamente. Ele não havia engolido nossa história, mesmo sendo verídica. Achava de fato que tínhamos algum tipo de envolvimento.

— Como Doutor? – Tentei entender o que significava sua pergunta.

— Se tem notícias do Cairon. O Juiz Cairon Filho se esqueceu de quem é?

— Não senhor. É porque, - comecei sem jeito a explicar. - Como ele não trabalha aqui eu pensei que não devêssemos saber sobre ele. – Respondi ainda temerosa.

- Isso mesmo. Mas de uma forma ou de outra, nunca tive tanto contato com o Cairon depois que assumiu o TRF, como depois que veio trabalhar aqui. Então pensei que como o encontro foi cancelado, você pudesse me dar alguma informação. – Não deixaria que insinuasse mais nada.

- Segundo a Késsia, ele não está no trabalho porque

está de cama, febril e com dores no corpo proveniente de chuva que tomou.

— A Késsia te deu essa informação?

— Sim senhor.

— Vai me dizer que não sabia?

— Não senhor. Doutor Breno... Se me permite. — Sentei-me a sua frente. — O Dr. Cairon e eu não temos nada, eu lhe garanto, não na proporção que o senhor tem insinuado, a não se que tenho por ele uma enorme gratidão.

— Da sua gratidão não duvido, afinal conseguir um trabalho desse porte não é para qualquer um. — Consequir o emprego era o de menos agora. O que estava em jogo era eu provar que era capaz. Esse favor não sairia tão barato como minha mãe dizia sempre.

— Se o senhor estiver arrependido da contratação, eu não estiver cumprindo com minhas obrigações e com meus deveres, poderá me dispensar a qualquer momento.

— Não tem motivos para isso, por enquanto, dizem que seu trabalho é muito bom, e eu não tenho tempo para ficar procurando outra pessoa. Só pensei que... — Não

concluiu suas palavras.

— Semana passada eu cheguei ao fórum com uma pendência. Uma besteira que minha mãe fez. Ela assinou um documento para um homem que morava com ela e juntos compraram um terreno, com as poucas economias de minha mãe, onde eles construíram uma pequena casa com muito sacrifício. De repente o tal homem sumiu, levando o resto de grana que ela tinha e deixando-a sozinha e doente. Para piorar a situação e ela descobriu que estava sendo despejada de casa, porque havia comprado um terreno em terras indígenas. Como não sabia ler, as intimações iam chegando, e ela pensando que eram cobranças rotineiras, quando se deu conta, estava sem um teto, e sem seu lar. — Ele tirou os óculos para ouvir o que eu tinha a dizer. — Vim de longe para ajudá-la. e fui obrigada a vender, tudo que tinha para pagar um maldito de um advogado que não fez nada a não ser sentar-se conosco e ouvir a sentença do Juiz.

— O Juiz era o Cairon?

— Sim. Ele nem olhou o documento direito. Simplesmente leu o que deveria ser feito e assinou o

papel dando uma folha a cada uma das partes.

— Vocês ficaram sem casa.

— Sim. Eu não tinha para onde levar minha mãe. —
Contei a ele que naquele dia, ela deveria começar à
indicação de um médico, a hemodiálise, que era um
tratamento para insuficiência renal, mas acabou que não
tivemos condições de ir até o hospital.

— E o que fizeram?

Era humilhante ter que dizer a ele que dormimos
aqui na porta. Na verdade, na porta do Tribunal, onde
trabalha o Juiz. Que ficamos ali o dia todo. Contar que nos
alimentamos com os cafés e bolachas que eu pegava na
recepção todas as vezes que entramos para usar o
banheiro.

— E a família de vocês?

— Uma tia a nove horas de viagem daqui. Não
tínhamos nem dinheiro de ônibus para voltar.

— E o que fizeram? Dormiram na rua novamente?

Era aí que entrava o Juiz. Ele havia nos oferecido
carona. E na verdade naquele dia a gente iria para um
albergue, mas minha mãe não conseguia me acompanhar

em uma caminhada. Estava muito fraca.

- Ele parou e perguntou se queríamos carona, achei que ele podia nos deixar próximo ao albergue, assim no outro dia ficaria mais fácil de conseguirmos lugar para dormir. Mas já estava fechado.

Relatei ao doutor Breno a esforço que ele fez em querer nos conseguir outro lugar mesmo sabendo o adiantar das horas. Hoje tenho quase certeza de que a assistente daquele dia seria a Kelly, mas que àquela altura, ninguém havia feito uma exceção em nos receber.

- Então ele nos levou a uma pensão e nos pagou um mês para ficar. É um lugar simples, mas para quem não tinha um lugar para dormir. – Expliquei tudo o mais calmo que pude, mas ele sabia que estava à beira das lágrimas. Porque lembranças nos remetem a feridas que ainda não estão de todo, curadas.

— Me desculpe à desconfiança. É que quando ele me pediu, ou melhor, praticamente, me obrigou a te contratar eu pensei que você fosse alguma amiga, mas próxima dele cobrando algum favor.

— Não senhor. Eu que devo minha vida a ele.

Assim como a de minha mãe.

— Já agradeceu?

— Várias vezes, mas ele disse que não preciso me preocupar que fazer o bem às vezes é melhor do que recebê-lo.

— Entenda e me desculpe. É que acabei ficando em uma situação difícil. Mas vindo do Cairon, eu não poderia fazer nada. — Quando eu estava saindo ele me chamou de volta. — E a faculdade?

— Fiz a matrícula. Farei a prova de admissão na sexta feira.

— Depois me diga se passou e conseguirei uma bolsa para você. — Sorri, mas fiquei apreensiva. Nem todos os homens seriam como o Cairon. Eu precisava ficar atenta com os gestos de caridade.

Sai da sala dele e voltei ao trabalho. No horário do almoço sai correndo fui até a pensão e servi o almoço para subir.

— Olha só. Quando não puder vir no horário de almoço é só dizer que eu mesma levo o almoço até sua mãe. — O nome dela é Aline, agora sei disso, a moça que

justificou a outra em meu primeiro dia de atraso.

— Eu vou aceitar sim. Não sou orgulhosa e estava superpreocupada com essa questão. Dizem que no fórum às vezes não temos tempo para o almoço.

— Então é no fórum que está trabalhando?

— Sim. Sou atendente. Quer dizer auxiliar. Faz-se de tudo um pouco. Mas estou feliz.

Ela ainda falou sobre algumas coisas que me facilitariam a vida e depois subi correndo.

— Mãe?

— Oi.

— Está bem?

— Sim estou. E você? – Ela tinha um olhar estranho.

— Estou por quê? Aconteceu algo?

Ela passou a mão por debaixo das cobertas e retirou uma caixa não muito grande e me entregou.

— O que é?

— Não sei. Você que tem que me explicar isso não acha? Abri a caixa e havia um aparelho de celular de última geração.

— Mãe? Onde conseguiu isso? — Estava segurando o aparelho, mas não conseguia raciocinar logicamente.

— Por que me pergunta onde consegui? Por acaso acha que sou algum tipo de fora da lei? Isso é coisa daquele seu amigo.

- Ele mandou um cartão?

- Não. Mas nem precisava. Acha que esse homem me mandaria alguma coisa? Tenho algo a oferecer a ele?

— Meu amigo? — Só podia ter sido mesmo o Cairon. — Eu não posso aceitar mãe.

— É claro que não. Ele está te comprando não está vendo filha? Cada dia uma coisa e daqui uns dias não saberá viver sem ele por perto e quando isso acontecer ele te levará para cama e não bastando te engravidará, e quando disser isso a ele, te abandonará.

— Credo mãe. Descreveu meu futuro como uma daquelas ciganas que leem a mão da gente na rua. É com se tivesse passado por isso. — Olhei minha mãe nos olhos e vi uma frieza em seu olhar. — Passou não foi mãe? Meu pai. Fala comigo mãe.

— Ele viva dizendo que iria deixar a esposa, mas

nunca o fez. Sabe por quê? Quando Deus une as pessoas. O homem nem a mulher poderão separar.

— Eu não quero separar ninguém mãe.

— Eu também dizia isso até que me apaixonei.

Apaixonei e fiquei me perguntando por que eles podiam ser felizes e eu não. Fiz barraco na porta da casa dele de madrugada.

— Mãe. – Nunca que eu fosse esperar algo desse tipo de minha mãe.

Ela confessou que o homem não conseguia se decidir. Ora com uma e ora com outra. Narrou que homem saiu dizendo que iria ver o filho menor que estava doente e chamando por ele. Que havia sido a esposa a ligar. Minha mãe não teria se importado acreditando ser uma breve visita, mas quando a noite avançou madrugada adentro uma ira tomou conta dela.

- Sai na madrugada sozinha e fui até o lugar.

— Sabia onde era?

O miserável havia levado minha mãe, que na época era sua amante, até a casa da esposa e cheios de planos. Eu sentia nojo dele, e acabei sentindo uma aversão por

minha mãe naquele momento. Mas eu não a julgaria. Sabia que por parte dela, havia sentimentos verdadeiros envolvidos.

- Disse que lá seria nosso lar.

— Que cretino mãe.

— Quando bati à porta aquele dia ele atendeu já sabendo que era eu. Só sacudiu a cabeça me reprovando e ela chegou atrás. Ele só de calça moletom e ela de camisola.

— Não tinham se separado nada. — Só a pobre coitada devia acreditar nele na época.

— Não. Ele ficava uma temporada com ela e uma temporada comigo.

— E o que aconteceu?

— Ela fez um escândalo. E eu só disse o que ele dizia a mim, que não a amava mais, que queria ser livre, e um monte de merda das quais me arrependo amargamente. Depois voltei de madrugada para casa. Sozinha.

— Foi aí que terminaram?

— Não. Depois de alguns dias ele voltou e eu até estava acostumada sem ele, mas desta vez disse que

iriamos embora.

— E mais uma vez não cumpriu.

Eu ficava cada vez mais esbabacada. O homem tivera coragem de levar minha mãe para uma cidade grande, morar com uns parentes que a fizeram de empregada e babá. E depois de uma semana anunciar que a esposa estava chegando. Essa foi à gota d'água. para mim. Eu o teria matado. Os três vivendo em uma cidade como São Paulo? Minha mãe, mal sabia escrever e ler. Como ela ficaria nessa história sem nenhum parente por perto?

— Não acredito mãe.

— Ela chegaria ao domingo da frente.

— E ficaram as duas no mesmo lugar?

— Não o cretino disse que iria alugar um lugar para eu ficar e ela ficaria ali com os parentes.

— Você ficaria sozinha em um lugar desconhecido? Como pode uma coisa desta?

— Hoje eu não acredito que fiz tudo isso e me arrependi profundamente. Mas era uma jovem estúpida e apaixonada.

— Ele tinha dinheiro mãe?

— O pior é que não acredita? Muitas vezes me pedia dinheiro emprestado e eu tinha certeza que era para comprar algo para os filhos.

— Estou boba. Então ficaram lá e o que aconteceu?

Ao receber a notícia a reação da minha mãe foi o choro. Também teria chorado. Você ama uma pessoa a vida toda e ela só aprontando com você. Mas graças a Deus minha mãe reagiu a tempo e partiu no domingo às duas da tarde o deixando sozinho para receber a esposa e os filhos.

- Ele foi ao patrão dele e pediu dinheiro adiantado, fomos para a rodoviária e eu vim embora. Disse a ele que nunca mais nos veríamos.

— Graças a Deus teve coragem.

— Mas ele voltou quando você tinha quatro anos e queria voltar. Mas não havia mais clima. Não havia mais amor, e sim um sentimento de tristeza em meu coração.

— Mãe. Por isso nunca me contou suas histórias.

— Sabe o que é nunca poder andar de mãos dadas? Sempre se encontrarem em segredo. Andar sobre o olhar

acusador das pessoas que sabiam e ter inveja dos casais normais? É isso que vai ter se cair na conversa deste Juiz. – Peguei o celular e olhei novamente.

— Ele que trouxe isso?

— Claro que não. Homens casados nunca fazem nada por suas amantes. Mandam alguém fazer. – Depois de destilar seu veneno respondeu minha pergunta. - Pediu a um entregador que deixasse para você.

— Que coisa hein? – Olhei o aparelho novamente.

— Mãe acredita em maldição de família?

— Não acredito em maldição nenhuma. Acredito que as falsas paixões cegam a gente.

Olhei no relógio e estava na minha hora de partir. Peguei o aparelho e coloquei em minha bolsa. Eu havia ficado perturbada com a história de minha mãe. Nunca se imagina isso da mãe da gente.

Era como minha tia sempre dizia, eu não conseguia ser o que não estava sentindo.

— Está tudo bem? Parece meio estressada.

— Não é nada Késsia é minha mãe. – Disfarcei e mergulhei de cabeça no trabalho. Não parei em nenhum

momento a não ser na hora do lanche quando fomos para a sala dos funcionários.

— Este é o Heitor. Cuidado com ele. É assessor e está pronto para atacar todas as mulheres que trabalham aqui. — A Késsia me apresentou o rapaz simpático que eu já tinha visto pelos corredores.

— Não se iluda com as informações da Késsia. Eu não quis nada com ela e agora me difama por todos os lados. — Ele piscou. — É um prazer conhecer você novamente. Estava na sala outro dia quando o Breno as apresentou.

— Acredita que a outra menina não ficará? Teremos que esperar agora que contratem outra pessoa.

— Por que ela não quis ficar?

— Não é questão de querer. É questão de mostrar trabalho. Aqui não mostrou... Eles não pensam em nos dispensar.

— E a moça que está doente. Afastada?

— Dizem que más-línguas que era namorada de um promotor ele terminou com ela, e a coitada deu depressão. Mas sabe como é né? Agora que passou em um concurso é

como se fosse um sacerdócio. O homem vai para onde a justiça enviar.

— Nossa parece cruel.

— Nada confirmado. Mas, são escolhas não?

— Quantas advogadas trabalham aqui? – Ela começou a contar nos dedos depois sorriu e brincou.

— Nenhuma. – Como via que ficava confusa me explicou que quando se quer prestar concurso, você não precisa necessariamente passar pelo exame na OAB. Porque não advogará sendo um assessor jurídico.

- Todas... A Nicole, Elisabeth, Jady e a Emily, são formadas em direito, porém, optaram por participarem de concurso para os cargos do fórum e assim não advogam.

— E a Kelly? Uma que sempre está por aqui.

— Ela não trabalhar aqui a Kelly é Assistente social.

E eu pensando que todos tinham que passar pela Ordem dos advogados para depois prestarem o concurso. Voltamos ao trabalho e depois de horas de pé e subindo e descendo escadas chegava o fim de mais um dia. Precisava correr porque minha mãe faria a hemodiálise.

Quando consegui chegar com ela novamente com a ajuda do Emerson, fiquei sabendo que para quem faz esse tipo de tratamento a condução busca e leva em casa.

Enquanto minha mãe ficou fazendo a sessão eu fui até a recepção me colocar a par do que era preciso e preencher todos os formulários que me deram enquanto esperava. Assim pude devolvê-los ali mesmo, agradecida por saber que não precisaríamos mais ficar ocupando a outras pessoas.

— Se quiser deixar o endereço, pediremos o transporte para levá-la quando terminar a sessão. Eles ficam muito debilitados após o tratamento. — A moça foi muito atenciosa comigo e fiquei mais agradecida ainda porque para levá-la de volta teria que chamar o Emerson novamente e ele não era pago para isso.

— Eu vou querer sim.

— Só que o acompanhante não poderá ir junto. Então se quiser ir à frente, para recebê-la quando chegar. — Fiquei receosa de deixar minha mãe ali. E quando acabasse e ela não me visse, será que ficaria chateada?

— Tem certeza que está tudo certo?

— Claro. Se quiser deixar o número do seu telefone eu te ligo caso precise. — Meu número de celular era o que eu mais ouvia as pessoas falarem. Peguei o aparelho dentro da bolsa e uma etiqueta que havia um número. E disse a ela. Agradei e sai do hospital. Sem falar que por pouco não ficamos sem o jantar. Não havia pensado nisso. Quem guardaria nosso jantar? Cheguei à pensão servi o prato e subi. Hoje comeríamos comida fria.

Não tem importância. Tendo o que comer é o que importa. Eu estava trazendo meus lanches para a pensão caso minha mãe sentisse fome à noite. Mas estava tudo indo muito bem. Peguei o celular e coloquei para carregar. Suspirei fundo. Seria só mais isso e pronto. Não aceitaria mais nada vindo dele. Nem amizade? Minha cabeça está muito confusa. Muito mesmo. Entrei no banho e quando sai à condução da minha mãe estava buzinando lá embaixo. Assim seria muito mais tranquilo.

As coisas pareciam estar se colocando em seu lugar. Só minha mente parecia estar fora da razão.

& Dez &

Cairon,

— PAPAI, ESTÁ MELHOR? – Não havia melhor forma de acordar do que com a voz do Pietro chamando meu nome, mas hoje, não estava me sentindo bem.

— Estou filho. Mas não irei ao trabalho hoje. Minha cabeça ainda dói e meu corpo também.

— A Magna quer saber se o senhor quer tomar mais chá.

— Diga a ela que tomarei no café da manhã. Onde está a mamãe?

— Foi para a academia.

— E eu não tenho aula. O que me diz de comprar meu celular hoje porque não irá ao trabalho.

— Filho, já conversamos sobre o seu celular.

— E eu já disse que tomarei cuidado, mas todos os meus colegas têm um celular.

— Oito anos meu amor. Você é muito novo.

— Ah papai. Por favorzinho. — Talvez a Giovanna tivesse um pouco de razão. O Pietro estava ficando mimado, mas era nosso único filho e não era justo privá-lo de algo sem que houvesse uma boa justificativa para isso.

— Não faça isso Pietro sabe que não pode chantagear o papai.

— Não peço mais nada essa semana.

— Este ano você quer dizer.

— Hum... Está bom. Não peço mais nada este mês.

— Eu sorri da sua esperteza. Eu mesmo ensinava a ele algumas coisas e depois me arrependia ao vê-lo colocando em prática e justamente contra mim.

— Então vá se aprontar. Tomamos café e vamos à loja. Depois o papai precisa resolver alguns assuntos com a mamãe.

Depois do café fomos até a loja e ele escolheu o aparelho. Como minha cabeça não anda bem acabei comprando um aparelho pensando em quem? Além de sem teto era sem celular. Soube por que ao ir à pensão outro dia quando a mãe estava doente o rapaz disse que ela não

tinha celular.

Pedi que embrulhasse de presente antes, porém coloquei crédito e anotei o número na agenda do meu telefone. Na saída pedi um entregador que levasse a encomenda ao local. Estava com o Pietro e, não era só por isso, não queria que pensasse mal de minhas intenções.

Passeamos pelo shopping e me encontrei em uma cafeteria com o Endrigo. Um amigo, desde faculdade.

— Olha meu amigo importante que sumiu das amizades anônimas. Ele era a alegria em pessoa e meu amigo mesmo.

— São duas semanas de muita correria. Por isso andei sumido.

— Nem apareceu na casa das meninas para comemorar o aniversário da matriarca. Elas ficaram tristes com você. — Ele se referia a um local que oferecia acompanhantes de luxo. Era ali que o Murilo sempre marcava algum de meus mais bem-sucedidos passeios atualmente. Ali nos encontrávamos só homens da sociedade por que oferecia sigilo e era muito boa as instalações e as garotas selecionadas. Mas eu não

frequentava ao ponto de saberem quem eu era. Sempre entro pela porta do fundo e saio sem que os demais me vejam.

— Deixa de graça Endrigo. Nem sabem quem sou.

— Não sabem por que você não fica com uma única menina. E nem frequenta como deveria.

— Bom... Deixemos as meninas de lado. Eu quis ver você por que tenho um trabalho a lhe oferecer.

— Que bom. Ando precisando.

— Aprendeu a mentir agora?

— Me diga o que é assassinato. Mafiosos?

— Meu divórcio. – Disse de uma vez. Ele ficou algum tempo me olhando. Sabia da minha vida desde os tempos de escola.

— Demorou em meu amigo. – Tirou uma caneta e papel do bolso e me entregou. – Assina aqui antes que mude de ideia.

— Não fala assim. Olha para ele. – Olhei em direção ao Pietro brincando no playground.

— Cairon não pode ficar com o que não lhe pertence.

— Endrigo. Como não me pertence? Quando ele nasceu eu que carreguei a Giovanna nos braços para a maternidade. Quando vieram suas primeiras dores eu estava lá. O primeiro dia de aula, estávamos passando por algumas ameaças a Giovanna estava assustada e fui eu quem o levou até a escolinha. Os aniversários que ajudei a preparar.

— Nós sabemos que você foi um pai presença cara. Acompanhamos você em tudo sempre. Mas não é segredo a nós que estamos mais próximos que ela não te amava desde o começo. Era antipática até com a gente.

— É o jeitinho dela, coisas de filha única.

— É o que sempre diz. Mas conhecemos várias filhas únicas que são bem-educadas.

— Ela sofre com tudo isso.

— E você não sofre? Sou seu amigo, não amigo da Giovanna.

— Mas eu quero que trate deste assunto e leve os documentos até ela para que assine e a trate com ética e educação.

— Meio difícil tratá-la com ética. Mas farei meu

trabalho. — Ele sorriu. — Agora... Mas que com educação, tratarei com todo prazer do mundo.

— Fará esse trabalho feliz não é?

— Não totalmente porque sei dos seus amores por essa mulher. Sei que ficará triste, mas farei. Feliz sim.

— Estão aqui todos os documentos. Não terá muito problema. Somos casados com separação total de bens embora ela ache que quis o dinheiro dela. Ele está intacto no banco. Quero que coloque a parte da fortuna que meu sogro me deu como parte da herança do Pietro embora essa parte fiques sobre minha tutela até os dezoito dele. Só irão para a Giovanna caso aconteça algo comigo ela passe a ser a tutora legal.

— O velho conhecia bem a cabecinha fraca da filha.

— Ela não tem cabeça fraca Endrigo. Estou me arrependendo de ter chamado você.

— Desculpe e só o costume.

— Então deixe de lado esse costume e haja como um ótimo profissional que é. Preciso te lembrar de que isso será o trabalho mais limpo que fez em toda sua vida? Sem imprensa, sem jornais e sem acusações falsas.

— Não se preocupe e... Essa semana os papéis estarão prontos e estarão diante do promotor.

— Não tenho dúvidas. – Levantei retirei o cartão da carteira e acenei a garçonete e entreguei o cartão junto com a conta. Ela voltou e eu apertei a mão do meu amigo. Sabe onde me encontrar.

— Claro.

— Filho. Vamos agora.

Passei a tarde assistindo TV com o Pietro e jogando videogame. Hoje foi o dia perfeito para nós e para a Giovanna que não parou em casa um minuto sequer depois que soube que eu estava com o Pietro e de folga em casa. A noite ela veio falar comigo. Já depois que o Pietro havia adormecido.

— Cairon. Estava falando sério sobre o divórcio? Dará mesmo andamento nos documentos?

— Claro. Tem minha palavra.

— E por que mudou de ideia Cairon? – Eu não podia dizer que estava encantado com uma mulher e muito menos que nem tinha lugar para morar.

— Sua insistência não foi o suficiente?

— Não sei se acredito em você. Acho que irá me enrolar mais uma vez.

— Pode ficar tranquila. Ainda essa semana estará livre de mim. Está com tanta pressa assim?

— Cairon. São quase dez anos, ou melhor, onze contando com os meses que meu pai não me deixava ver o Jefferson.

— Giovanna. E esse tempo todo. O que esse cara fez? Não se casou? Ficou só esperando por você?

— Ele trabalhou, estudou e sim. Casou-se e a esposa veio há falecer quatro anos depois de casados.

— Ela tinha dinheiro?

— Não sei. Por quê?

— Ele poderia ter a matado.

— Cairon você convive no meio dos criminosos por tanto tempo que tudo. Tudo a sua volta você acha que tem alguma coisa neste sentido. Você sabia que nem toda população do mundo é criminosa e que muito vivem felizes?

— É só uma hipótese. — Ela se levantou e tirou os sapatos de salto.

— Então posso ver um apartamento para mim amanhã?

— Fique à vontade. – Meu coração estava aos pedaços, mas não diria isso a ela. E o Pietro ela não disse nada.

— Cairon. – Disse da porta.

— Hum.

— Vamos conversar com o Pietro amanhã?

— Vamos. Após o jantar.

Seria a conversa mais difícil que eu teria na vida com alguém. Contar ao Pietro que não era seu pai biológico não seria nada fácil. Ele é um menino muito esperto. E eu o amo.

Deitei em minha cama e apaguei as luzes. Olhei o celular na cabeceira da cama e sem noção alguma do que fazia fui até o número adicionado recentemente e liguei. Era tarde, mas não estava preocupado.

Ouvi o primeiro sinal. O segundo. E uma voz linda atendeu antes que o terceiro acontecesse.

— Oi. Pensei que ligaria mais cedo.

- Ainda não aceitei o presente. – Como assim não

aceitou. Estava ligando do próprio aparelho.

- E agora aceitou?

- Ainda não. Bom... Mas precisava usar para saber se estava tudo bem. Sentiram sua falta no trabalho hoje. – Mentira. Ela não se atreveria ir até lá perguntar por mim, ou ouvir alguém dizer que sentiu minha falta. Isso era coisa da Késsia que ficava de conversa fiada com as meninas da recepção e do meu gabinete.

- E você? Sentiu minha falta? – O que havia dado em mim? Onde estava com minha cabeça.

— Muita. – De repente ouvi outra voz. Era a voz da mãe, mas eu podia ouvir bem a discussão.

As duas discordavam sobre o aparelho. Se eu soubesse que poderia gerar problemas, não teria enviado, mas quem hoje em dia não tem um celular? Até meu filho de oito anos acabava de ganhar um.

— Mãe. Dê-me um tempo, por favor. – Tinha notado que a mãe oscilava bastante entre receber o que eu oferecia. Havia dias em que ela estava bem e até agradecia por minha presença, mas em outros, eu até cheguei a pensar que ela estivesse ciente do que se

passava em meu coração e em minha mente, porque não deixava de jogar indiretas, sobre a filha ter um namorado da idade dela, e outros detalhes que para um homem na minha idade e profissão, são bem fáceis de ser entendidos.

— Não liga para ela. Pode falar estou no banheiro agora.

— Desculpe não quis causar brigas entre vocês.

— Ela pediu que eu entregasse o celular a você, mas não foi ao trabalho hoje e eu não podia mandar devolver ou deixar para que alguém lhe entregasse.

— A culpa foi minha novamente que não cumpri o combinado de me afastar de vocês. Eu só pensei que você precisava de algo para se comunicar com alguém caso precisasse.

— Eu sei que suas intenções são as melhores, mas... Minha mãe tem razão. Não pode aparecer todas as vezes que eu precisar e nem ao menos ficar me comprando coisas porque não somos nada um do outro.

— Só aceita esse. Seria feio me devolver.

— Isso deve ter custado uma fortuna.

— Amigos dão presentes.

— Já me deu mais que o suficiente. E eu continuo sem nada a oferecer.

— O beijo. – Ouvi sua respiração mudando. — O beijo que me deu.

— O que. Que tem ele? – Ela estava ofegante.

— Não sai da minha mente.

— É? Não devia dizer isso.

— O gosto da sua boca não sai da minha.

— Preciso desligar.

— Pode desligar.

— Não tenho forças. – Sorri.

— Eu podia passar aí na porta e você me agradeceria com outro beijo.

— Você mesmo disse que não podia.

— Eu sei. Mas é estranho.

— Mas não venha, por favor. Está tarde e minha mãe não aprova eu ser sua. Sua...

— Amante?

— É.

— Não será minha amante. – Eu ia explicar sobre a

separação, mas ela não deu tempo.

— Claro que não serei. Agora preciso desligar.
Amanhã a gente se fala.

— Tudo bem!

— Beijos.

— Na boca? – Ela só sorriu e desligou.

Que coisa. Estava parecendo um adolescente. Fiquei sorrindo olhando para o aparelho em minhas mãos. Começava a sentir vida dentro de mim. E começava a entender melhor a ansiedade da Giovanna. Eu mesmo estava ansioso para chegar ao trabalho amanhã, mais que isso, queria ter uma desculpa para ir falar ou discutir algo com o Breno no fórum.

& Onze &

Cairon

NA TERÇA-FEIRA O TRABALHO estava muito acumulado e trabalhei o dia todo sem direito a mesmo um lanche.

Por diversas vezes tirei o fone do gancho para fazer

uma ligação, o que para mim era inusitado, e em todas às várias vezes eu desisti.

Estava pensativo no que diria ao Pietro naquela noite. Eu precisava voltar a ser o homem centrado que sempre fui. Por meu filho e pela minha sanidade mental.

E por mais que eu esperasse chegar a casa e ouvir da Giovanna que tudo o que estávamos vivendo não havia passado de uma brincadeira da parte dela, nunca acontecia. E naquela noite eu vi que estávamos de fato caminhando para o fim, e cabia a eu fazer esse momento ser o mais fácil possível, se é que podemos falar que alguém passa por essa situação e sai ileso.

— Papai. O jantar está pronto.

Sentamo-nos aquela noite e só não jantamos em silêncio por que o Pietro estava muito falante. Eu poderia apostar com meus botões que ele desconfiava que algo não estivesse bem.

Quando terminamos de jantar ele havia saído da mesa e meu coração estava acelerado.

— Tem certeza Giovanna? – Ela não me respondeu. Só se levantou e caminhou-se para a sala de TV. Deixei

meu prato de lado, o qual nem tinha tocado direito e seguiu os dois.

— Pietro desligue a TV um pouco meu filho. Seu pai e eu temos que conversar com você.

— Mas vai passar meu programa favorito agora.

— Filho obedeça a sua mãe. Só hoje o programa pode esperar. Ou melhor, programe para gravar. — Ele pegou o controle da TV e programou e desligou.

— A não viu. Justo hoje.

— Pietro. — Não precisava que eu fosse duro com ele. Só de dizer o seu nome, ele tinha consciência de que estava agindo errado.

— Está bom. — Cruzou os braços na frente do peito.

— Olha só filho. A mamãe e o papai. — Eu até comecei a dizer, mas não tive coragem para falar. Ao contrário da Giovanna que não perdeu a oportunidade de ser direta.

— Nós decidimos Pietro que vamos nos separar.

— Giovanna! — Eu penso que depois que a pessoa tem em mente que precisa fazer algo para alcançar seus objetivos, ela deixa de se importar com os sentimentos do

outro.

— O que foi Cairon? O Pietro é grande o suficiente para falarmos com ele, não é mais um bebê. Não é filho?

— Ele estava parado olhando para nós. Se eu que era um adulto bem resolvido estava me sentindo triste, imagina uma criança de oito anos que recebe uma notícia assim?

— Vão se separar como os pais do João?

— Não conheço os pais do João filho, mas deve ser. — A Giovanna era dura demais para falar com o menino assuntos tão sérios.

— Os pais do João moram em casas diferentes. E o João agora tem dois pais e duas mães. E tem mais um irmão.

— Então é mais ou menos isso filho. O que acha? — Me abaixei diante dele.

— Acho muito chato.

— Mas não tem jeito Pietro. Foi uma decisão tomada por nós e não voltaremos atrás. Precisa entender e aceitar meu amor. — A Giovanna amava o Pietro eu tinha certeza. Mas o jeito dela amar era assustador. Não tinha cuidado com as palavras, mas nunca diante de ninguém eu

poderia dizer que ela não era uma ótima mãe.

— Eu sei mamãe. O João também teve que se acostumar. Agora ele tem dois quartos. Às vezes está com o pai e às vezes está com a mãe. Ele disse que é feliz. Mas disse também que chorou muito.

— Então filho. Você também será feliz e se tiver vontade de chorar será normal. — Acalentou o filho. Até que enfim, uma atitude humana da parte dela.

— Não sei mamãe. Nem todos devem ser felizes vivendo assim.

— Mas você será filho. Vem aqui no colo da mamãe. — Ele foi e eu estava engasgado. — Você continuará com seu quarto aqui e terá o seu quarto em nossa nova casa.

— E eu ficarei igual ao João? Posso escolher o dia em que quero ficar com você e o dia em que quero ficar com meu pai? — Aí que estava a questão. Nenhum de nós queríamos ficar sem ele.

— Na verdade filho o papai gostaria que você ficasse morando com o papai. Não queria que fosse embora e a mamãe gostaria que você ficasse com ela.

Ainda não decidimos o que fazer.

— E eu gostaria de morar com os dois ao mesmo tempo.

— Eu sei meu amor. Mas acabamos de falar sobre isso. — Começava a se estressar com a insistência do filho, então se levantou e o tirou do colo.

— Então vou para meu quarto.

— Mas filho. Estamos conversando.

— Mas eu não quero mais conversar. — Ele passou por ela e saiu correndo.

— Eu disse que não seria fácil para ele.

— Não é fácil para nenhum de nós Cairon. Se tivesse ao menos me ajudado, talvez ele se sentisse um pouco mais seguro. E estive pensando. Sei das suas influências e que eu poderia perder a guarda do Pietro facilmente se quiser tirá-lo de mim. Por isso pensei em compartilharmos a guarda dele. O que acha?

— Vamos deixá-lo pensar um pouco, e depois resolvemos.

Levantei-me, peguei as chaves do carro e sai. Dirigi mais de cinquenta minutos até para diante da casa grande

e azul ao fim de um quarteirão silencioso da cidade.

— Filho. Achei que havia se esquecido de nós. — Minha mãe me abraçou sorridente. - Ligaria amanhã. Nem veio no domingo e nem no sábado. Está acontecendo algo? Onde está o Pietro não veio trazê-lo para nos ver.

— Calma mulher, como nosso filho vai te responder se não dá tempo para que ele fale?

— Pai. — Apertei sua mão.

— Sente-se filho.

Minha mãe, uma mulher muito sabedora de tudo. O tempo trouxe a ela uma sabedoria sem tamanho, e sempre foi fundamental à carreira e estabilidade de meu pai. Emocionalmente equilibrada. Impecável ao jeito de falar, se vestir. Verdadeiramente uma esposa de Juiz.

Meu pai o homem com mais caráter que já conheci. Nunca se ouviu dizer dele com outras mulheres, ou deixar faltar algo em casa ou qualquer mancada que seja. E eu tentei seguir esse modelo, mas vejo que não deu muito certo.

Ensinou-me a valorizar cada centavo que tenho, e a lutar por tudo que queria. Tanto que fiz faculdade com

bolsa. Ele me dava uma mesada e eu tinha que juntar o que faltava. Isso quer dizer. Não esbanjar e ainda economizar. Não foi maldade, mas ele queria me mostrar que querendo, poderíamos fazer algo por nós mesmos. Bastava querer. Ele sempre dizia. "Cairon Filho, se eu te der tudo não valorizará nada."

Minha mãe me conduziu até o sofá para que eu me sentasse, e só abrindo uma fresta da porta que dava passagem para a cozinha, pediu a sua ajudante que nos trouxesse café. Enquanto isso meu pai me estudava. Sabia que o estava fazendo, porque ele tinha essa mania. Observava cada detalhe e assim que minha mãe voltou à sala, ele foi direto ao assunto.

— Diga Cairon o que o aflige?

Também não fiz rodeios. Conteí sobre meu casamento, e o pedido de divórcio vindo da Giovanna. Eles me ouviram em silêncio. Era bem típico de meus pais... Não diriam, mas estavam pensando, “Nós falamos.” E eu não podia dizer que não estivessem certo. Não foi nem uma nem duas vezes que meu pai conversou comigo antes de me casar. Ele sempre perguntava “Filho,

tem certeza de que é isso que você quer?” E eu sempre muito certo de tudo, e veja aonde vim parar.

— A gente esperava por isso a qualquer momento filho. — Meu pai cruzou as pernas. — Acha que isso pode atrapalhar sua carreira?

— Pai? Estou aqui contando uma coisa com a qual estou sofrendo e o senhor pensando em carreira?

— Calma filho. Seu pai não fez por mal. Ele só está dizendo isso por que sabe o quanto um divórcio pode atrapalhar na sua magistratura.

— Eu sei mãe. Mas não quero falar sobre trabalho. Está me doendo.

Ali era meu porto seguro e eu não precisava mentir e muito menos me esconder. Deixei que as lágrimas que tanto me sufocavam caíssem. Eles sabiam o quanto eu tinha amado a Giovanna, ou melhor, pensado que a amava, uma vez que nos últimos dias começava a me questionar se de fato ela não tinha razão quando dizia que o sentimento que eu nutria por ela não era amor.

- E achei que um dia ela me amaria por tudo o que eu estava fazendo por ela. — Essa foi a frase que me fez

entender. — Foi tudo invenção minha não é pai? Isso nunca foi amor. A Giovanna era o meu ideal de mulher. A mulher certa para ser a esposa de um Juiz. Mas agora penso que nunca tenha sido amor.

— Que bom que está maduro hoje filho para entender tudo isso. E eu sempre te dizia que não podemos filho esperar que as pessoas nos amassem pelo que fazemos por elas. Elas têm que nos amar pelo que somos. — Limpei o rosto e respirei.

— Eu sei. Pensei que com o tempo ela me amasse e nós pudéssemos ser felizes. Quando o Pietro nasceu. — Não consegui conter as lágrimas. — Eu pensei que homem de sorte eu sou. — Respirei. — Tenho uma família linda e completa.

— Mas nós sabíamos que não era assim.

— Eu tentei ser o mais gentil possível. E tentei fazê-la feliz.

— Mas como ela não tentou fazer você feliz, nenhum dos dois o pôde ser. — Meu pai disse.

— Casamento só funciona quando um faz o outro feliz. Um só tentando não adianta. Minha mãe completou

as palavras do meu pai. — Ela é uma ótima moça e merece ser feliz também. Imagina o quanto é ruim a gente viver com uma pessoa que não amamos.

— Hoje eu entendo. Ou começo a entender.

— E nós te dissemos isso na época filho. O Seu amor não basta.

Encostei-me ao sofá e fiquei ainda por algum tempo ouvindo minha mãe e meu pai falarem sobre casamento. Sobre o amor que deve haver entre os dois. E que uma pessoa não pode ser culpada por querer ser feliz.

Depois peguei o carro e voltei para casa. As luzes estavam apagadas e entrei e deitei-me sem acender nenhuma delas. Fiquei no escuro pensando o que seria de minha vida depois de tudo isso. Lembrei-me da sem teto. Que coisa horrível de se chamar alguém. E agora ela não era mais uma sem teto. E eu só aceitei esse divórcio pensando que talvez eu tenha uma nova chance na vida. Mas ao mesmo tempo depois da conversa com meus pais imagino se qualquer coisa que surgisse entre nós também não seria por gratidão. E isso eu não desejo mais para mim, nem para ninguém. Quero que me amem pelo que sou

e não pelo que eu possa oferecer.

Quando a noite se foi e o dia chegou acordei com um cheirinho de café bem próximo, abri os olhos e vi o Pietro com uma caneca em suas mãos.

— Papai. Se eu for morar com a mamãe ficará triste? — Era de cortar o coração ver uma criança tão pequena ter que assumir responsabilidade de adulto.

— Ficarei muito, muito triste mais entenderei meu amor.

— Está chorando papai? Não quero que você chore e não quero que a mamãe chore.

— Eu sei. — Minha voz falhou. — Mas quero que saiba que o papai te ama. Te ama muito. Não vai se esquecer disso?

— Não papai. Não vou me esquecer nunca. — Ele me abraçou.

Quem vai trazer meu café? Quem vai pedir meu chá quando eu precisar? Mas não diria aquilo em voz alta deixando a cabeça do Pietro mais confusa do que já estava. Mas ele leu meus pensamentos.

— Mas eu venho sempre.

— Eu espero que sim.

— Pietro o que veio fazer? – A Giovanna adentrou o quarto.

— A é mesmo me esqueci. – Olhou para mim novamente e disse que havia um homem me esperando.

Eu imaginava quem era. Era o Endrigo meu amigo advogado que veio trazer o documento para que nós assinássemos.

Sentamo-nos na biblioteca e eu fiquei lendo minha cópia e a Giovanna lendo a dela.

— O Cairon sabe e eu imagino que você também saiba Giovanna que, tornou-se possível a realização de divórcio e separação em cartório, mediante escritura pública da qual constarão as disposições relativas à partilha dos bens comuns do casal, quando houver, e à pensão alimentícia, desde que seja consensual.

— Sim. – Respondi.

— No caso de vocês, como o Pietro é menor de idade, será permitida a lavratura da escritura, desde que devidamente comprovada à prévia resolução judicial de todas as questões referentes aos mesmos (guarda,

visitação e alimentos), essas coisas que acredito que já acertaram.

— Claro. Queremos ter guarda compartilhada.

— Quanto à pensão alimentícia não quero que o Cairon fique responsável já que recebemos uma parte da herança.

— Enquanto a criança estiver no meu nome precisa constar essa pensão Giovanna. Mesmo que você não queira, a lei entende como direito do meu filho e nenhum de nós pode tomar essa decisão por ele.

— É que penso em colocá-lo no nome do pai. — Ela devia ter me preparado para isso antes. Devia ter dito antes de o Endrigo chegar. Fui pego de surpresa e minha cabeça não assimilou muito bem a informação. O Pietro não teria mais meu sobrenome. Era muita maldade da parte de uma pessoa só.

Esse foi o ponto mais baixo da reunião. Se o pai biológico comprovar que foi impedido de registrá-lo com certeza ganhará a causa.

— E... Giovanna fica a seu critério contratar um advogado de sua confiança ou posso ser comum entre os

dois.

— Eu confio no Cairon. — Até o Endrigo tentando ajudá-la., ela ainda tentava o ofender. Como assim confio no Cairon? Nele ela não confiava?

Ele entregou todos os documentos mostrando onde precisávamos assinar. E assim o fizemos e devolvemos a ele.

É um sentimento assim de que você sabe que as mudanças irão acontecer, mas ainda está resistente. Eu tinha em vista que estava me sentindo um adolescente por um lado, mas pelo outro eu não queria sair da minha comodidade. Ser casado, ter família era parte de mim. Por isso resisti tanto. Mas agora tudo parecia o fim.

& Doze &

CHEGUEI À PENSÃO UM TANTO que desanimada. O dia foi corrido e não vi ninguém que me interessasse. Nem ontem e nem hoje.

Por mais que eu fizesse de tudo não havia nada à ser feito para que eu pudesse ir até o TRF. Minha impressão é de que estava se escondendo de mim

Até quis ligar, nas duzentas vezes que chequei o celular em busca de mensagens ou ligações perdidas, mas não tive coragem. Ele devia ter tomado a decisão certa a se tomar em nossa situação.

Tomei um banho e fechei os olhos. Minha mãe estava com muita dificuldade ainda, mas até caminhava melhor, falava mais forte, mesmo estando muito silenciosa desde ontem, quando bati o pé para não entregar o presente que ele havia me mandando. Será que ela não entendia que o aparelho não seria só um meio de comunicação entre o Juiz e eu, mas que também seria útil para ela e para mim, principalmente agora que ela tem feito o tratamento.

— Esperando que ele ligue?

— O quê?

— Está olhando para esse aparelho sem parar.

— Estou pensando. Só isso.

— Pensando em ligar para ele? Filha não brinque.

Não conseguirá parar quando se vir na cama dele.

— Mãe, mas você só pensa nisso. Só sexo, sexo. Sabia que não sou mais virgem.

— Não esperava que fosse a sua idade, mas não é sobre isso que digo. É sobre um prazer que há no proibido. E é melhor se colocar no seu lugar filha. Com tantas mulheres lindas que deve haver em volta desse homem ele não ficaria com você a sério.

Não respondi, fechei meus olhos e fiquei pensando no que estava sentindo. E nas ultimas palavras de minha mãe. Ela tinha razão. Era melhor eu dar um jeito neste sentimento por agora antes que fosse tarde demais.

Na manhã de quinta-feira e eu estava apreensiva com a prova do dia seguinte.

— Então estamos combinadas? Não venho para o almoço, mas a moça trará seu almoço e qualquer coisa peça para que eles me liguem.

— No telefone que doutor te deu?

— Isso neste mesmo. Que se ele não tivesse me dado não teria jeito de me ligarem. E sabe muito bem que não tenho gasto dinheiro toa, estou economizando para a

faculdade, se quiser manter o emprego e para que possamos em breve morar em um lugar nosso.

— E vocês tem se encontrado? – Meu Deus! Minha mãe não estava entendendo. Eu não trabalhava no mesmo lugar que o homem. Na cabeça dela eu devia trabalhar na sala ao lado da dele.

— Não. Ele trabalha em um prédio e eu em outro.

— E acha que acredito que isso seja empencílio para que vocês se vejam?

— Mas não estamos mãe. – Desanimada com a insistência dela, preferi responder apenas a verdade e deixar que ela retirasse suas conclusões. E depois de ele ter ouvido o que ela disse outro dia sobre o aparelho de celular, talvez não quisesse me ver tão cedo ou nunca mais.

Fui para o trabalho e no caminho o telefone tocou. Corri para atender pensando ser da pensão. Mas era o número dele.

— Oi.

— Desculpe eu ter sumido depois da nossa conversa.

— Eu entendo e acho que é até melhor mesmo.

— Não. Não pense isso. É que é um tanto difícil de falar. Mas me dê até o fim de semana ou no mais tardar semana que vem e eu explico a você minha situação.

— Não tem que me explicar nada.

— Só liguei para dizer isso. Até mais.

— Está se escondendo de mim? Quer dizer no trabalho? – Ele sorriu e me explicou o que estava cansada de saber, que como não trabalha no fórum não tem como ficar transitando por ali, e ainda mais agora que estavam em meio a uma grande operação.

— Não. Estou com uma pendência a ser resolvida só isso. Mas acredito que até o fim de semana esteja tudo certo.

— Preciso desligar estou chegando à porta do trabalho.

— Nos vemos mais tarde.

Não respondi. Minha cabeça estava passando por uma confusão tremenda. Era como se eu tivesse vivendo a vida da minha mãe e isso eu não queria. Na porta do fórum havia mais seguranças que o normal.

Olhei para o TRF e estava tudo fechado e com homens de preto com coletes à prova de bala, por todos os lados. Eu não era tão ignorante para entender que algo sério estava acontecendo. Só precisava entender do que se tratava. Na entrada do fórum, eu fui obrigada a me identificar. Só depois me deixaram entrar.

— Então preparada? – Disse a Késsia assim que entrei.

— Para?

— Passar o dia trabalhando muito?

— Tão sério assim?

Em poucos minutos eu estava à par da situação. Um homem era julgado no TRF, porém naquele dia, nenhum dos tribunais e naquela rua deveriam funcionar, nem mesmo o fórum devido à gravidade do assunto. A segurança estava triplicada. Então esse era o motivo de tanta gente na rua, sendo que ao mesmo tempo não haviam cidadãos por ali. A Acusação contra o homem era de evasão de divisas. Bom... Eu ainda não estava na faculdade, era comum que não entendesse bem o que significava. Para mim, evasão de divisas deveria ser algo

parecido como invadir o que não é nosso. Veio-me à memória a história de minha mãe. Mas naquele dia, não parecia tão sério assim. — A Késsia sorriu maliciosamente.

- A evasão de divisas é um crime financeiro. — Ao fim, de tudo o que ela me explicou o que pude entender é que o homem estava mandando dinheiro para fora do país sem declará-lo à repartição federal competente.

— Quem preside? — O que isso me interessava?

— Doutor Cairon. — Se bem que vários deles estarão por aí, uma vez que esse é o primeiro de muitos que virão. Está entregando o resto dos amigos, se é que podemos chamá-los de amigos. Começa com evasão de divisas, sonegação, formação de quadrilha e lavagem de dinheiro. E isso querida vai envolver gente demais. Mas o gostoso dá conta.

— Você fala assim do Juiz e se alguém te escuta?

— Não sendo ele, tudo bem.

— Sério?

— Querida. Todas as mulheres desta rua dizem a mesma coisa. Até alguns homens se é que me entende. E

os que são homens mesmo morrem de inveja dele. Lindo. Rico, importante e cruel. Vai dizer agora que não reparou nos olhares das assessoras no dia em que ele esteve aqui? — Bem que eu queria ignorar, e fingir que não notei, mas ela tinha razão. Não só elas, mas eu devia estar com o mesmo olhar para o homem, mas preferi mentir.

— Não.

— Ele era o próprio colírio. - Deu uma risada.

— E ele corresponde?

— Acha que se correspondesse estaríamos todas com água na boca? Nem dá moral para nenhuma de nós. Dizem que ele é apaixonado pela esposa. — Uma dor percorreu meu estômago, mas fiz de tudo para que ela não notasse.

— Deve ser linda.

— O que tem de linda tem de chatinha.

— Mesmo?

— Agora o filho é lindo. Embora se pareça mais com ela que com ele. Chegou-se até pensar uma época que o menino não era dele, mas depois não houve mais comentários sobre.

O assunto acabou com a chegada do Dr. Breno que solicitava várias providências a nós. E saímos para pegar o que faltava.

Trabalhamos incansavelmente até as dezessete horas e como aconteceu na terça e na quarta. Hoje também não o tinha visto. Quando fui buscar minha bolsa para ir embora se passava das dezessete e quarenta.

— Olha quem está por aqui? — Ouvi uma voz atrás de mim e ao virar vi os olhos predadores do assessor jurídico.

— Heitor, também trabalhando até tarde?

— É o que mais fazemos por aqui gatinha.

— Bom... Preciso ir estou atrasadíssima hoje.

— Se quiser te dou uma carona.

— Não obrigada.

— Hei é só uma carona. Estamos todos cansados e eu já percebi que você ainda não tem carro. — Eu estava mesmo muito cansada.

— Então está bem eu vou aceitar.

— Então pode me esperar no ponto de ônibus que eu pego meu carro e te apanho.

Fiz o que combinamos e ele me pegou no ponto que me trazia péssimas recordações. Assim que entrei ele olhou pelo retrovisor e disse.

— Hum...

- O que foi? – Fiquei preocupada ao lembrar de que o carro do Juiz havia sido seguido no outro dia.

- Dr. Cairon Filho, fez menção de parar. – Meu coração disparou. - Não sei se queria falar algo comigo ou não. Agora fez um retorno e voltou. Estranho... Mas agora já era.

O constrangimento tomou conta de mim. Eu sabia que era comigo. Provavelmente me levaria em casa como já fez tantas vezes e agora acabava de me ver entrar no carro o mais difamado dos assessores. Bem que ele tinha dito que mais tarde a gente se encontraria. Idiota de mim. Me amaldiçoei mil vezes.

— Era melhor eu não ter aceitado sua carona, ele pode ter visto e pensar que temos algo.

— E isso seria da conta dele? Já me viu com tantas mulheres e nunca falou nada. – A coisa só estava ficando pior. Então além de ter uma péssima fama de conquistador

ainda se deixava ver por todos. E o Cairon havia me visto com ele.

Quando me deixou à porta da pensão aquela noite me deixou com o coração nas mãos. Antes quis fazer um levantamento geral sobre mim. Família, amigos, empregos anteriores, e eu tive que ficar atenta a cada explicação para não colocar nem o Cairon e nem o doutor Breno em evidências. No entanto, meu coração não estava mais ali. E para piorar tudo um pouco mais, me fez um convite para jantar que claro recusei.

No quarto diante do olhar acusador de minha mãe eu não sabia o que fazer.

— Você recusou por causa do outro doutor que é casado filha?

— Recusei por que ele tem uma péssima reputação de conquistador.

— Um homem é conquistador até que encontre a mulher certa filha. — A teoria dela era ótima, mas não estava funcionando naquele momento. A aflição me impedia de raciocinar claramente.

— Mãe não queira me empurrar para o primeiro que

aparece por que tem medo que eu me apaixone pelo Doutor Cairon.

Entrei no banho e coloquei o celular sobre o armarinho do lavatório. Mas durante todo meu banho ele não tocou. Troquei-me e voltei ao quarto. Minha mãe estava deitada como sempre esperando que eu buscasse nosso jantar.

Busquei mas não tinha fome. Sentei-me na cama com um dos livros na mão e li por alguns bons minutos. Fechei os olhos para descansar e quando abri o sol brilhava no céu.

— Não vai trabalhar hoje?

— Mãe? Como me deixou dormir tanto assim? Eram sete e meia da manhã e eu tinha que correr. As pessoas que tinham cargo jurídico geralmente trabalhavam em horários diferentes. Das dez as quatro ou das onze as cinco e ainda do meio dia as seis, mas o nosso horário era o comercial, e eu não podia nem mesmo pensar em chegar atrasada.

A porta do fórum estava novamente lotada e eu deduzi que era por causa dos julgamentos que estavam

acontecendo. Mas não era.

— O que houve?

Quando soube que haviam atentado contra a vida do Juiz Federal, não consegui disfarçar meu nervosismo. Eu queria saber quando havia sido isso, e como ele estava? Graças a Deus todos estavam muito nervosos e a Késsia respondeu a tudo sem me questionar. Havia sido à noite, quando ele saía do trabalho. Pensei no que havia me dito dias atrás. Se ele tivesse ido me levar até a pensão, talvez não tivessem tido a oportunidade. Mas pensando melhor, poderiam tê-lo matado. Não consegui a me controlar. Precisava vê-lo e saber que estava bem.

— Está tremendo?

— Isso é...

— Não precisa ficar com medo eles não querem nada conosco só com os que tem poder.

— E como ele está? Foi ferido?

— Está furioso. — Uma moça quase se debruçou sobre o balcão. Mesmo sem conhecê-la questionei.

— Só?

— Como assim só? Ele quer matar alguém e pode

começar pelos cargos menores. Que no caso somos nós. — Olhei na blusa dela que identificava como atendente.

Então era ela a fonte da Késsia? Ficou conversando com a Késsia por um tempo, e dentro do meu peito eu pensei que precisava fazer amizade com a moça.

A manhã foi tensa. Almoçamos por lá. A tarde piorou duas vezes mais com a condenação do tal homem que a Késsia havia dito ontem.

Quando estava saindo a tarde o vi de longe conversando com o Dr. Breno. Mas não ouve como dizer nada. Eu bem que podia me atrever ir até ele, mas havia tantos homens ao redor, que, com certeza, não me deixariam sequer chegar perto. E agora a presença do Heitor parecia moda. Acho que ele desconfiava de algo entre o Juiz e eu, porque era a segunda vez que éramos vistos juntos. E a ousadia do Heitor foi tanta dessa vez que me abraçou pelas costas, me fazendo quase saltar no meio da rua. Mas para minha tristeza, se Juiz tinha alguma dúvida sobre mim e o Heitor agora tinha certeza.

Precisava falar com ele e tirar essa má impressão. Dizer que não tinha nada com o assessor e ainda saber

dele que estava bem. Na rua liguei e ele me atendeu.

— Só queria saber se está tudo bem. Disseram que sofreu um atentado ontem.

— Está tudo bem obrigado. – Ele disse secamente.

— E queria te dizer que... – gaguejei. - Que... Sobre ontem. O Heitor só me deu carona. E hoje...

— Não precisa me explicar nada. O Heitor é um bom rapaz. Sua mãe ficará feliz! – As lágrimas vieram aos meus olhos.

— Não, por favor. Não fale assim. – Implorei e se tivesse que fazê-lo pessoalmente eu faria. Estava decidida a mostrar a ele que não tinha nada com aquele atrevido do Heitor. - O que conta não é a minha felicidade?

— Pareciam muito felizes hoje mais cedo, e... Formam um lindo casal.

— Foi uma brincadeira. Entre colegas.

— Fique tranquila eu não censuro colegas de trabalho que se apaixonam.

— Pelo amor de Deus. Eu não tenho nada com ele.

— Eu disse que não precisa explicar. Esqueceu-se de que não tenho nada a lhe oferecer no momento? – Ele

estava irreduzível e quase chorei pela tristeza que rasgava meu peito. — Eu preciso desligar agora.

— Por favor. Não deliga. Está chateado comigo?

— Não tenho por que estar chateado com você.

Você é solteira e merece encontrar uma pessoa boa em sua vida. Pode ficar tranquila. Eu falo a verdade.

— Então venha me ver, por favor.

— Não posso. Preciso ir para casa.

— Cinco minutos.

Ele desligou me deixando na incerteza se viria ou não. Caminhei mais alguns passos e vi o BMW parar próximo a mim. Entrei no carro e olhei para ele, que estava com o olhar fixo na direção.

Então comecei a respirar descompassadamente. Ele dirigiu, mas não parou na porta da pensão. Parou bem antes da entrada.

— Não é legal que te vejam cada dia com um homem diferente. — Ele estava certo, mas eu não estive com o Heitor.

— Ele só me deu carona. Estava cansada e...

— Tudo bem. Já disse que não precisa se justificar.

— Não quero que pense mal de mim.

— Minha opinião em sua vida particular não devia contar em nada.- Estava sendo frio. Sem nenhum resquício do homem doce e gentil que eu me lembrava.

— Mas conta. Satisfeito? – Ele começou a tamborilar os dedos no volante do carro.

— Está entregue.

— Então é assim?

— É só o que posso te oferecer no momento.

— Por causa das pendências que está passando?

— Também!

— E aquele papo de que nosso beijo não saia de sua mente.

— Esqueça.

— Que o gosto da minha boca não saia de sua bo...

– Não esperei que ele respondesse e muito menos que me impedisse de fazer o que tinha em mente.

Joguei meu corpo contra o seu e beijei seus lábios com o desejo que estava sentindo mesmo sabendo que era errado. Mesmo sabendo que não podia. Porém ele não se movimentou. Não devolveu a mesma paixão que eu o

envolvia.

— Satisfeita? Agora vá, por favor.

— Só isso?

— Só.

Saí do carro aos prantos. Devia ter ouvido minha mãe. Não havia chances para nós. O que eu esperava? O que havia se passado por minha cabeça?

& Treze &

Cairon

-PAPAI VEM VER MEU QUARTO NOVO. – O Pietro não queria saber, se a mãe estava ou não me convidando a entrar. Simplesmente puxou-me para dentro da casa nova onde morariam.

A Giovanna dava seu primeiro passo de liberdade. Ela aproveitou a sexta-feira para mudar e eu vim hoje a pedido dela ajudar na mudança. Se é que tudo está em muita ordem por aqui. Na verdade, tenho uma suspeita de que ela desejava que eu visse com meus próprios olhos onde o Pietro viveria. E que de certa forma apoiasse sua

escolha.

-Que lindo seu quarto filho. - Era realmente um quarto maravilho embora não seja infantil como o que ele tem na minha casa.

Assim que me viu sorrir, o moleque veio com as péssimas notícias. Ficaria o fim de semana com a mãe. Claro, estava empolgado com a casa nova, não devia ser diferente. Mas a desculpa era que precisava ajudar à mãe e se adaptar ao novo quarto.

- Você vai ficar bem? – Se dissesse que não, e era o que eu como eu estava me sentindo naquele momento vendo os dois se afastarem de mim, tenho certeza que meu filho viria comigo, mas não seria por seu querer, e sim por me fazer feliz.

- Claro que sim filho.

- E quem vai cuidar de você?

- A Magna está lá meu amor. Ela vai cuidar do seu pai. – A Giovanna entrou com uma caixa nas mãos colocando sobre a mesa.

- Você vai ter uma namorada papai? – Eu ficava admirado, de como as crianças sempre tinham uma

pergunta que nos deixava sem resposta.

- Eu filho? - Passei a mão no seu cabelo e baguncei.
- Vamos ver. - Foi a primeira vez que eu acho que a Giovanna havia cogitado o assunto. Olhou-me uns minutos sem se mover. Depois carregou a caixa para outro quarto. Devia ser o seu, mas eu não ousaria colocar meus pés no lugar. Quando voltou ainda manteve o assunto em discussão.

- Não imagino seu pai namorando filho. Onde ele levaria uma namorada a essa altura? Não tem nem mesmo liberdade de ir ao cinema.

- Eu nunca imaginei estarmos separados e estaremos a partir desta tarde. Então quem saiba eu possa surpreender encontrando uma namorada e a levando a diversos lugares, os quais você não quis me fazer companhia. - Ela disfarçou e pegou outra caixa. Continuei com a ajuda e quando terminamos era momento de voltar ao trabalho.

- Então te encontro lá às dezesseis horas. Combinado?

- Combinado. - Ela estendeu sua mão.

- Amigos Cairon?

- Amigos com certeza Giovanna. - Apertei sua mão dei um beijo no rosto do meu filho e saindo de lá antes que eu desabasse. Meu filho. Como seria difícil me acostumar com sua ausência nas noites depois do jantar. Nas brincadeiras antes do banho e no sofá para assistir TV.

Em meu gabinete liguei para o Endrigo para saber se estava tudo certo para a tarde.

- Claro que está. Confirmei com a Giovanna ainda ontem.

Abri um dos casos em que estávamos trabalho e li todo processo até ser interrompido.

- Com licença meritíssimo. – Minha assistente entrou com vários documentos que precisavam ser revistos.

- Ainda estão muito atrasadas com estes documentos.

- É que estamos trabalhando com poucos funcionários, o concurso ainda demora alguns dias e... – Fiz sinal para que ela parasse com a explicação, eu não

era relapso ao que acontecia a minha volta.

- Devíamos ter contratado antes essa empresa de consultoria e planejamento em Administração pública para realização do concurso. Não podíamos ter demorado tanto.

- Não somos só nós meritíssimo. O fórum também está com o mesmo problema. Contrataram duas atendentes, semana passada e agora, uma já pediu demissão. A sorte é que lá existe verba para contratar não concursados.

Ela saiu da sala e fiquei pensando se a pessoa seria tão louca de ter pedido demissão ou se talvez tivesse acontecido algo com a mãe. Venci meu orgulho e decidi ligar para ela, mas fui interrompido com o anúncio da visita da nova Juíza da cidade. Quando ela entrou, fiquei de pé, como um bom cavalheiro, eu me questionei. Ela havia assumido uma jurisdição naquela cidade ou uma agência de modelos? Era de fato, uma mulher muito bonita e estava de terninho, mas desfilou da porta até a cadeira, onde eu esperava por ela, e depois de apertar minha mão e me brincar com um sorriso, alisou a saia, e sentou-se à

minha frente.

- Então é o tão famoso Cairon Swift Filho? Parece-me muito mais jovem do que eles dizem. – Retribui a ela o sorriso e logo agradei pelo elogio, mas contei minha idade e todos os meus anos de carreira, para que assim, não ficasse dúvida de que realmente tinha a idade que digo.

- Sou a Ana Luíza. Os amigos me chamam de Analú.

- Um prazer conhecê-la doutora Ana Luíza.

Ficamos conversando durante um bom tem. Ela falou de sua formação e dos lugares onde trabalhou. Eu a deixei a par de todo nosso trabalho na cidade.

O Juiz Diogo Cameron, que é da vara de trabalhista também se reuniu a nós e quando consultei o relógio faltava pouco mais vinte minutos e eu deveria estar no cartório de registro civil que não ficava ali próximo.

Assim que viu minha preocupação com o horário, o Diogo mesmo se pôs de pé, afirmando saber o quando eu era ocupado e levando consigo a doutora. Justifiquei-me dizendo que era um compromisso importante e que faltavam poucos minutos e não poderia deixar de

comparecer.

Foi vê-los fechar a porta, eu tomei minhas chaves, avisei a segurança que estava de saída e fui em direção ao cartório, onde a Giovanna já se encontrava com o Endrigo.

- Eu estava jurando que teríamos que partir para o litigioso caso não aparecesse hoje Cairon. – Era nítida a pressa e a intolerância dela a todo o processo. Passava a mão contra o tecido do vestido mostrando não estar em seu perfeito equilíbrio.

- Eu mesmo o mataria antes disso. – O Endrigo brincou com ela, mais deixando bem claro que ela não estava tão bem assim. Mas sei que ela tinha consciência que meus amigos não gostavam dela nenhum pouco.

- Não duvido do litigioso, e não duvido de que você me buscaria Endrigo, parecem tão apressados para a concretização de tudo.

- Se esqueceu de que, - Ela aproximou-se mais de mim. – Estou grávida? E geralmente mulheres em meu estado ficam ansiosas.

O Endrigo entregou todos os documentos o tabelião

que nos levou a uma sala reservada e discreta e conferiu tudo. A Giovanna estava com tanta sorte, que se nosso divórcio fosse antes de dois mil e sente, não poderia acontecer tão rápido por causa do Pietro. Quando havia filhos, deveríamos ir diante do juiz. Agora com a atualização de um capítulo das Normas de Serviço da Corregedoria Geral da Justiça de São Paulo, que inovou, conforme disposto no item 86.1, ao prever a possibilidade de se promover a separação ou o divórcio em cartório de notas, mesmo havendo filhos menores ou incapazes do casal, ainda hoje ela seria uma mulher livre.

A exigência estavam todas ali. O Endrigo não havia deixado passar nada. Os interesses do Pietro estavam resguardadas em lide judicial específica, tais como guarda, visitas e alimentos. E cada detalhe de nosso acordo.

Depois de folear tudo, o que para a Giovanna parecia uma eternidade, voltou-se a nós.

- Estão cientes da seriedade desse ato de vocês. – Era chato, mas era o trabalho do homem, assim como o meu às vezes era complicado. Depois de nos aconselhar,

foi até o arquivo pegou um livro, e abriu.

A lavratura da escritura em um Tabelionato de Notas é procedimento simples, rápido e dinâmico, mas sentando do outro lado, como diria meu pai, “no banco dos réus” parecia frio e cruel, encerrar assim a história de três vidas juntas.

Depois fez o documento no computador e nos entregou. Assinamos tudo que era preciso e ele nos deu uma cópia da escritura pública. A Giovanna pegou sua cópia e se aproximou de mim.

- Cairon pode me explicar como funciona agora?

Ouvindo, o Endrigo veio e explicou que era o documento que prova nossa separação. Até brincou com ela, que já podia dar andamento em seu novo casamento de posse deste documento. – Forcei um sorriso. – Só precisamos fazer averbação, mas o Cairon mesmo faz isso, e voltará a ter seu nome de solteira. Graças a Deus

- O que disse Endrigo? – Eu também tinha ouvido bem, mas preferi interferir e não permitir que aquilo virasse uma briga pública.

- Se quiser pode. Mas este documento ainda tem um

prazo para constar essas anotações onde está escrita certidão de casamento.

- Uns vinte dias no máximo, mas provavelmente não levará isso tudo. - O Endrigo explicou a ela novamente.

- Mas é só isso?

- Por que está arrependida?

- Não. Achei que seria mais complicado.

- Não. Vocês não estão brigando por bens nenhum está tudo no papel. Nem brigaram pelo Pietro. Está tudo certo e escrito no corpo do documento. Agora assim que quiser dar andamento naquele outro assunto que disse ontem sobre a troca de sobrenomes é só falar.

- Preciso esperar um pouco. Ainda não disse nada sobre o pai biológico dele.

- Quando quiser é só me ligar.

- Então agora... – Então agora, o que parecia é que ela não sabia o que fazer.

- Agora você vai para sua casa e eu, e o meu amigo Cairon vamos beber.

- Eu sempre soube que não gostava de mim Endrigo.

- Não. Não é questão de gostar. É questão e eu sabia

que meu amigo amava sozinho.

-Cairon se quiser vir jantar amanhã com a gente.

- Claro. Eu irei.

Ela me abraçou me pegando de surpresa e eu até pensei em ter visto lágrimas em seus olhos. Vimos ao longe um homem que parecia ter uma máquina na mão.

- Fomos descobertos. - O Endrigo também achava que era repórter. - Isso quer dizer que amanhã todos saberão que estamos separados e daí virão todos os questionamentos e hipóteses.

- Não tem importância. Estamos tranquilos e com a consciência limpa. Só devemos satisfação a nós mesmos.

- Ela segurou o papel contra o peito e respirou fundo disse até mais e saiu com sua liberdade exalando pelo caminho que passava.

- Giovanna. — Cumprimentei com pesar. Estava encerrada aqui uma grande etapa de minha vida. Uma valiosa etapa de minha vida. Eu não tinha motivos para comemorar, mas aceitei tomar algo com o Endrigo mais no desejo de esquecer aquele momento. Não queria encarar o fato que quando voltasse para casa eu estaria mais sozinho

que nunca.

- Se vai ficar com essa cara é melhor visitarmos aquelas mocinhas lindas do castelo de cristal.

- Acabei de me separar e você queria que eu estivesse dando saltos de alegria?

- Lógico. Está livre. S o l t e i r o. Sabe o que é isso? Claro que não. Passou uma vida estudando para ser o melhor da turma, para agradar seus pais. Assim que terminou os estudos começou a se esforçar no trabalho para agradar o ex-professor e acabou se casando com a filha mimada dele.

- Acha mesmo que tudo o que fiz até aqui foi para agradar as pessoas? Está enganado Endrigo. Amo o que faço! A Magistratura é o que realmente me realiza e me faz feliz. E se não fosse pela Giovanna, se fosse somente pelo Pietro, eu não pensaria novamente e faria tudo outra vez. Tive meus momentos felizes.

- No mínimo no parque de diversão comprando pipoca para a noiva, grávida de outro.

- Você é mesmo um grandessíssimo filho da mãe. Desde jovem você é idiota.

-Então não tem muito tempo, por que ainda sou bem jovem.

Bebemos até o começo da noite. Fui a casa e tomei um banho deitei na cama, mas não pude dormir. Encontrei debaixo do meu travesseiro um bilhete. Abri e era do Pietro.

"PAI EU TE AMO TANTO". LEMBRA-SE DO LIVRO DO COELHO E DE SEU PAI? AQUELE QUE VOCÊ ME DEU? ENTÃO EU TE AMO DAQUELE JEITO. DAQUI ATÉ A LUA. IDA E VOLTA.

Busquei na memória este dia e ele estava ali guardado entre os meus melhores momentos. Eu estava voltando para casa quando me lembrei que era dia do presente. Uma vez no mês eu dava algo para ele por tudo de bom que ele havia feito.

Mas neste dia eu estava muito cansado, vindo de uma semana de muitos julgamentos. Mesmo assim parei no shopping e uma das lojas que estavam mais fazias era a livraria.

Quando entrei me deparei com um livro de dois coelhos na capa e eu sabia que o Pietro amava o

animalzinho. Nem li a sinopse e comprei. O coelhinho puxava as orelhas do coelho e eu nem quis saber que história ela aquela.

Chegando a casa ele logo me cobrou e eu entreguei a ele. Abrindo o papel e vendo o coelho logo se animou.

- Pai como sabe que gosto de coelhos?

- Vendo seus desenhos e assistindo TV com você.

Sempre que passa um bichinho deste você o desenha.

-Eu amei!

Esse foi um dos melhores presentes que dei ao Pietro pelo olhar dele eu sabia disso. Mas presente mesmo foi quando fomos ler a história. Ela falava de declaração de amor. Declaração de amor entre pai e filho. E eu acabei comprando sem saber. Lembro-me da História. Deitei-me com o Pietro aquela noite e contei a ele.

Seu sorriso e seu semblante de paz quando apaguei a luz do abajur naquela noite, foram balsamo em minhas feridas. Mediante as lembranças não consegui conter a emoção e chorei. Talvez de tristeza.

& Bônus &

Cairon,

A MANCHETE, COMO ESPERAMOS, estava em todas as capas de revistas, claro que sempre com um tom denotativo. Eu encararia como engraçado se não estivesse como protagonista da situação.

- Posso entrar? – O Murilo adentrou meu gabinete com outra revista em mãos. – Eu viajo por três dias e você me apronta isso?

Muito mais que segurança pessoal, o Murilo era meu melhor amigo, há anos. Ou melhor, desde a infância, por isso não escondi nada dele. Conteí tudo, claro que boa parte da história ele sabia, principalmente a parte em que a Giovanna não me amava.

- Acho que só eu quis me enganar durante esse tempo todo. Agora está terminado. Não tem mais volta.

- E vai me dizer que você está sofrendo com isso? – Estava. Estava sim! Ontem mesmo, saí de casa à noite e não tive coragem de ir até a pensão. Tudo estava tão recente, e com esses paparazzis em minha cola, não

poderia arriscar.

Depois do almoço, recebi dois desembargadores. E depois que eles se foram eu voltei a ficar sozinho e remoer meus sentimentos.

Ao ouvir o som de batidas à porta, eu quase enlouqueci. Devia ter ido trabalhar em casa, assim teria mais calma, mais sossego e mais tranquilidade.

- Entre. – Resmunguei um tanto mal-humorado.

- Meritíssimo, me desculpe, não tem nenhum horário marcado em sua agenda, mas o doutor Breno, lhe mandou um documento e pediu que o senhor lesse se possível, assine e mande de volta.

Documento? Do que se tratava agora? Estendi a mão e esperei que ela me entregasse o documento, mas para minha surpresa ela foi até porta e pediu que alguém entrasse.

- A atendente esperará até que o senhor assine. – Meus olhos não estavam acreditando no que via. Agora eu tinha certeza que esse “documento” que o Breno havia me enviado tinha uma segunda intenção. – Minha assistente se virou e a instruiu. – Se tiver medo de se perder no

caminho, peça ao meritíssimo para que me chame. – Enquanto elas conversavam, eu ficava ali observando que a moça parecia tremer diante de minha assistente. Eu chegava a desconfiar que fosse até mesmo uma ideia do Breno.

- Hum... Hum. – Paola minha assistente se virou, como se lembrasse naquele momento de que eu estava ali. – Os documentos. – Lhe estendi a mão e para minha surpresa ela estendeu o envelope pardo. – Sente-se. – Enquanto se sentava minha assistente fechava a porta atrás de si. – Então, o Breno me enviou esse documento para que eu assinasse e lhe devolvesse?

- Sim senhor. – Praticamente gaguejava as palavras.

- Isso pode levar algum tempo. – Informei enquanto retirava o papel de dentro do envelope e observava. Em nenhum momento ela ousou a olhar para mim. Claro... Depois do que fiz no carro com ela duas noites atrás. Até eu me envergonhava, mas enquanto não tivesse os documentos do divórcio em mãos, não poderia fazer nada mais ousado.

Estudei o papel e caminhei pela sala

silenciosamente.

- Ele... O Breno te disse sobre o que se tratava?

- Não senhor meritíssimo, só pediu que eu atravessasse a rua, e o entregasse em mãos e que esperasse até que o senhor lesse para devolver a ele. E que eu esperasse o tempo que fosse.

Encostei-me a mesa diante dela e foi à primeira vez em que ela me olhou.

- Tem certeza que não veio por conta própria ou até mesmo... – Ela se levantou toda brava.

- Se não se importa, quando estiver assinado pedirei a Késsia que busque. – Antes que saísse, porém, fechei a porta e travei seu corpo entre a porta e o meu, mobilizando-a por completo.

Senti sua respiração ofegante e o tremor de seu corpo sob o meu. Passei o nariz por seu pescoço enquanto ela com os olhos fechados perdia o resto do controle de seu corpo.

- Está em branco.

- O que? – Claro que ela não havia entendido. O papel que o Breno havia enviado estava em branco. Ele

devia ter notado alguma coisa e agora mandava a ovelha até a toca do lobo.

- Não há nada escrito naquele papel. – Afirmiei.

- Não pode ser.

- Claro que pode. Conversou algo com o Breno?

- Sobre? – Enquanto ela me respondia eu a comprimia ainda mais contra a porta. – Pobre coitada, acabara de participar de uma armadilha de um velho metido a cupido.

- Suas intenções para comigo? – Agora não parecia, mas estava irritada o suficiente.

- Me solta! - Tentou ela mesma se soltar sem eficácia alguma.

Uma pena não estarmos em um lugar mais seguro, poderíamos aprofundar esse momento e testar nossa química ou compatibilidade.

Virei-a e passei os dedos em seu rosto, contornando cada parte dele e só então beijei sua boca. Não era só ela, eu também estava sem fôlego.

Enquanto nos beijava, fiquei imaginando coisas que podia fazer, mas tinha receio que ela se assustasse

comigo. Mesmo assim, enfiei a mão debaixo de sua blusa e toquei seu seio com os dedos e descobri que ela estava muito excitada. O pior é que... Como eu ficaria depois que ela se fosse. E se não quisesse esse tipo de intimidade.

- E sua esp... – Aprofundei o beijo impedindo-a que começasse um assunto que nenhum dos dois queria tocar no momento. Eu contaria a ela que não era mais casado, mas ainda não podia prometer nada, nem enganá-la que tivesse feito aquilo por ela.

- Precisa ir.

- Preciso. – Tentou se afastar, mas a mantive junto a mim, até que nossas respirações estivessem no compasso novamente.

- Diga ao Breno que ele mandou o documento errado e que espero que me mande o correto.

- Sim senhor. – Quando a deixei livre, ela ainda parecia sentir-se zozza, mas depois se afastou pegando o envelope com o documento sobre minha mesa e saindo.

Naquela noite em casa eu não conseguia dormir. Além do silêncio perturbador, ainda havia o gosto da boca da... Deitada em minha cama eu imagina mil coisas até

que me decidi que não ficaria ali chorando por quem não me amava.

Pulei da cama e fui até o banheiro. Tomei um banho e coloquei uma calça de moletom e uma camiseta azul. Abri uma caixinha que tinha em minha gaveta há muito tempo fechada e peguei uma chave que guardava ali, coloque no bolso da calça e sai.

& Catorze &

QUANDO EU SAIO DA SALA onde havia terminado a prova, me arrependi amargamente de ter vindo sem meu vale-transporte. Achei que seria bom fazer uma caminhada, o que seria aproximadamente uma hora de caminhada, mas no caminho para cá eu entendi que uma hora do mapa era talvez de ônibus ou de algum outro meio de transporte.

Se eu passar na prova esse campus será muito longe da pensão. Gastarei uma hora para vir e uma para voltar. Ao sair na rua avistei o carro cujo dono estava balançando com minhas estruturas. Ele deu um sinal de luz

e eu me aproximei. A porta se abriu e eu entrei. Porém pela primeira vez me certifiquei que ninguém estivesse olhando.

Quando me sentei no assento do carro ele nem me deixou dizer uma só palavra. Tomou minha boca de assalto e retirou todo meu folego. Suas mãos passeavam pelo meu corpo e o pior foi que meu corpo correspondia a cada toque a cada beijo. Estava derrotada de todas as convicções e promessas feitas a mim mesma, de que isso não iria rolar. Não depois da forma fria com a qual ele havia me tratado.

Ofegante, molhada. Excitada e terrivelmente encrocada.

- Melhor a gente sair daqui. Ele me afastou e colocou o carro em movimento.

Dirigiu até um condomínio ali perto. Entrou na garagem com o carro e estacionou. Descemos do carro e subimos de elevador até o décimo segundo andar.

- Cobertura. – Foi a única coisa que ele disse.

Ele tirou do bolso uma chave e abriu a porta. Entramos no apartamento e logo ascendeu à luz, trancou a

porta e colocou a chave sobre a mesinha do centro. Estava tremendo.

Ele aproximou-se bem devagar e segurou minha mão na sua. Levou até seus lábios e eu quis cair das pernas.

- Preciso de água.

- Está tremendo. Está com medo?

- Muito. - Ele falava tão próximo ao meu ouvido me causando uma dor profunda no estômago e uma fraqueza sobrenatural.

- Por quê?

- Por quê? Por que o quê? - Mantinha meus olhos fechados sentindo sua barba passeando em meu rosto.

- Por que tem medo? Tem medo de mim?

- Não consigo ao menos respirar. - Ele deu um meio sorriso e continuou a passar seu rosto no meu. Tenho certeza que está sentindo o suor de minhas mãos. - Você me atormenta.

- Então estamos empatados. Atormentou minha vida com seu choro, com sua língua afiada. Com sua beleza e sua boca deliciosa.

- Me ajuda vai. Quase implorei.

- Claro que ajudo. - Em um movimento rápido retirou minha blusa e me deixando só de sutiã.

- Está louco! Sua esposa. - Ele me silenciou com um beijo. - Você... – Ainda tentei recuar.

- Só nós dois agora. Só nós dois.

Eu não entendi o que mudou de ontem para hoje, mas não consigo dizer não nesse momento. Ainda me beijando me pegou nos braços e me levou até um quarto onde havia uma cama de casal. Colocou-me sobre ela e retirou sua blusa. Colocou o celular sobre uma base com som e colocou uma música. Depois se deitou sobre mim e me beijou novamente.

- Não era só conversa fiada.

- Entenda que minha cabeça não raciocina mais nada nesse momento. Então fale claro comigo.

- O primeiro beijo que me deu ficou em minha mente. O gosto de sua boca não saía dos meus lábios.

-Hum.

- Mas primeiro foram seus olhos. Não saíram de minha cabeça me acusando.

- Ainda é culpado.

- Ainda?

- Mas hoje já são outros delitos.

- Diga apenas um e eu mesmo julgarei ser culpado ou inocente. Ele brincou comigo começando a desabotoar minha calça.

- Estar me deixando confusa.

- Inocente.

- Mentira. É culpado.

- Tudo bem! Posso ser meio culpado. Também estou.

- Tem outro.

- Só posso julgar um de cada vez.

- Mesmo assim vou dizer. - Mesmo estando sem calça diante dele. Minha sorte é que minha calcinha e sutiã embora não fossem do mesmo jogo, estavam combinando eu não sai preparada para ser despida por esse homem. - Está me excitando. Estou toda molhada.

- Culpado eu e você.

Ele permaneceu de calça e eu só de lingerie. Ele deu uma paradinha nos carinhos e retirou sua calça e

trocou a música do celular.

- Posso fazer uma pergunta?

- Se eu puder te responder.

- O que mudou de ontem para hoje?

- Algumas coisas. Mas não gostaria de perder o pouco tempo que temos falando sobre isso. Confia em mim? - Sacudi a cabeça e fechei os olhos ao senti-lo tocar suavemente meu seio com sua boca.

Justo eu que tinha vergonha, por não ter os seios grandes, como minhas primas ou amigas de adolescência agora estava ali, à mercê dos toques daquela boca quente e experiente.

Ele fez o mesmo ritual com o outro seio. Mordiscou bem de vagar e depois desceu beijando minha barriga. Até puxar minha calcinha com os dentes. Era demais.

Ouvi um barulho. O que era isso agora. O telefone. Estava tocando e não era o dele, era o meu. Ele parou e eu já expliquei.

Só três pessoas têm meu número. O hospital, o pessoal da pensão e você. Preciso atender. Já estava no corredor enquanto falava e depois na sala atendendo ao

telefone. Ele veio atrás para ver do que se tratava. Estou indo. Obrigada Emerson.

- Algo sério?

- Não sei. Ele disse que minha mãe chegou da hemodiálise muito fraca e não quer se alimentar. Olhei com tristeza para ele.

- Eu te levo.

Nos vestimos e voltamos para a pensão. Tomara que não fosse nada sério. Eu não aguentaria mais nada esse mês.

Ele me acompanhou até o quarto. Mesmo sabendo que minha mãe poderia dar um ataque.

-Mãe? Está bem?

- Estou. - Ela olhou para ele e cumprimentou.

- E por que não quis se alimentar?

- Por que não é obrigação destas pessoas me alimentar.

Só então eu entendi. Ela estava bem e muito bem. Só fez isso para que eu tivesse que vir embora. Deve ter calculado o tempo para eu chegar e deduziu que eu estivesse com ele. Que ódio eu senti naquele momento.

- Bom, já estou de saída. Se precisar tem o número do meu telefone. Ele saiu à porta e parou. Pode me ligar a qualquer hora.

- Me desculpe. Devia ter pensado nisso.

- Claro que não havia como imaginar uma coisa assim. Converse com ela e se acertem.

Levantei meus pés e beijei sua boca ele correspondeu, porém não tão fervoroso como no apartamento ainda há pouco.

- Não podemos ficar nos agarrando por aí. Podem tirar fotos nossa e colocar nos jornais. Ou fazerem fofocas cruéis. – Segurou-me pelos ombros e explicou, olhando em meus olhos.

- Desculpe. Ele levou a mão no bolso e me entregou uma chave.

- É a chave do meu apartamento. Quero que amanhã mesmo se mude para lá. Ficarà um pouco mais distante do trabalho mais ficará próximo ao campus da faculdade.

- Está querendo dizer que moraremos juntos?

- Não foi isso que eu disse. – Um balde de água fria caiu sobre mim. - Não moro lá. Aquele apartamento é que

tenho de solteiro. Poderá ficar lá. É melhor que ficar morando aqui neste quarto e lá terá seu quarto, e sua mãe o dela.

-É lá que irá me manter?

- O que está insinuando?

- Que definitivamente quer que seja sua amante? -

Disse fechando a chave na mão um tanto que desanimada.

- Definitivamente não é para tanto. Ele disse descontraído. Deu um toque em meu nariz.

- E o que digo à minha mãe?

- Você quem sabe. O que quer dizer a ela?

- Vou pensar. - Ele levou a mão no bolso do moletom e retirou a carteira. Contou algumas notas de cem reais e cinquenta e me entregou fechando minha mão. Devia ser uns oitocentos reais, não iria contar diante dele.

- Vá de táxi. Vou ligar e deixar seu nome lá para que saibam que agora irá morar lá. E procure uma autoescola para tirar sua carteira.

- E o táxi é tudo isso? Quanta coisa a fazer. E. Irá me ver a noite? Como um bom amante?

- Então já está tendo fantasias? Não sou seu amante

e nem você minha.

- Mas não somos namorados e nem casados?

- Isso. Não somos nada. Por enquanto.

- Quero muito te odiar.

-Odiar gasta muito mais energia que sexo. - Da porta ouvimos minha mãe gritar por mim, para isso sua voz estava forte o suficiente. - Melhor entrar antes que ela faça algo.

- Não vou te agradecer. - Mostrei o dinheiro.

- Não há necessidade.

- Quero te beijar. - Fiz cara de carente.

- Amanhã talvez eu vá ver como foi sua mudança.

- Então irá?

- Disse “Talvez” - Passou a mão em meu rosto.

- Você é muito confuso. E se eu não quiser?

- Sabia que seu nome significa DAMA DA NOITE?

- Nem por isso eu quero viver só à noite. Claro que eu sei. Só não pensei que você fosse ligado a essas coisas de nome.

- Não sou. Foi curiosidade. Achei bonito.

Ele aproximou-se e falou meu nome baixinho ao

meu ouvido. Mordeu o lóbulo de minha orelha e deu um selinho em minha boca. Virou-se e desceu.

Entrei no quarto com o dinheiro e a chave sem que minha mãe percebesse e coloquei em minha bolsa. Entrei no banheiro e quando sai ela estava com o dinheiro na mão me olhando de sua cama.

-Então virou prostituta desse homem? Fui até ela e tomei minha bolsa e o dinheiro.

-Não virei nada. Não sou nada dele.

-Quem mais lhe daria esse dinheiro minha filha?

-O dinheiro é dele realmente. Assim como o apartamento para onde iremos nos mudar amanhã.

-Você irá. Eu não vou fazer parte disso.

-Você vai. E sabe por que você vai? Porque eu deixei o pouco que tinha porque você arrumou um homem ruim que te deu o cano e vendeu sua casa. Você vai por que como disse. Ninguém é obrigada a te alimentar e tudo o que tenho feito e procurar uma forma de te dar mais conforto. Você vai porque você me chamou para que eu resolvesse a situação que estava difícil. E agora estou trabalhando, mas ainda não é o suficiente para tudo o que

precisamos.

- Então está se vendendo e diz que não é uma prostituta?

- Não estou me vendendo estou me deixando ser ajudada por que sozinha eu não consigo.

-Se deixando ajudar? Enquanto dorme com ele?

-Quando eu me deitar com ele é por que gosto dele. Não pelo dinheiro. Assim como você fez com meu pai que não tinha um centavo.

-Ela se calou diante da minha acusação e eu fiquei petrificada escutando minhas próprias palavras.

- Eu sabia que não devia ter lhe contato. Vai jogar em minha cara para o resto da vida.

- Não. Só quero que entenda que sua história é uma e a minha é outra. Não somos a mesma pessoa.

- Todas dizem isso.

- Guardei minha bolsa, apaguei a luz e liguei a TV. Deitei e fiquei assistindo ao jornal. E a notícias foi o encerrar da discussão. Não só eu ouvi, mas ela também.

- Hoje um dos maiores Juízes da nossa região o Cairon Swift Filho e sua esposa foram flagrados em um

cartório de registro civil. Quando questionada por uma repórter a esposa surpreendeu a todos dizendo que eles encerravam ali amigavelmente a união de nove anos. A ex-esposa ainda disse ainda que eles manterão guarda compartilhada do filho Pietro de nove anos e que ambos fazem isso de comum acordo. Eu havia até aumentado o som da TV. A repórter voltou a ancora e fez uma brincadeira, comum acordo Bryan, mas fontes seguras garantem que o Juiz, mantém uma amante e por isso a separação.

Procurado pela nossa produção o Juiz Cairon não quis se pronunciar. Então agora a mulherada solteira de plantão, com amante ou não, poder ter esperanças de ser a próxima senhora Swift. Eu sorri, mas a última palavra tinha que ser da minha mãe.

- Viu a foto daquela mulher? A ex-esposa dele? Acha que ele a substituirá por você? Que sonho é esse menina? Que sonho é esse?

Fechei os olhos e pensei em tudo que tínhamos vivido um pouco mais cedo. Poderia não substituir a esposa, mas aproveitaria cada momento que tivesse

oportunidade. Da forma que ele me oferecesse.

& Quinze &

Sábado

- ENTÃO VAMOS MESMO NOS MUDAR? – Se não me enganava era a terceira ou quarta vez que me perguntava aquilo. Ou estava sofrendo de amnésia ou estava só querendo me testar mesmo. Queria me fazer desistir. Queria que eu ficasse com a consciência pesada.

- Mãe. Pensa comigo. - Deixei a mala sobre a cama e me sentei ao lado dela. E com ternura e carinho tentei explicar que de certa forma, já estávamos vivendo com o dinheiro do Juiz. Ele havia pagado a pensão, e que ainda essa semana venceria o nosso aluguel e se eu não tivesse a grana para pagar, ou teríamos que sair dali, ou ele pagaria novamente.

- Mas era diferente filha. Ele fez em um ato de compaixão no primeiro momento.

- Seja a razão que tiver tido, não muda que o dinheiro é o mesmo. Eu voltando à faculdade, mal darei conta de pagar os estudos e a pensão. Sem dizer que aqui

mal temos direito de ligar a TV um pouco mais alta. Ou ouvirmos um som.

- Agora tudo será desculpa. – Resmungou.

- Não é isso. Está feliz assim? Vivendo em um quarto de pensão mãe? Fala a verdade?

- Não. Não estou. Sempre tive minha casa e... – Quando notei a dúvida percorrer seu olhar eu aproveitei.

- Então mãe. Lá não pagaremos aluguel. Poderei pagar meus estudos e até quem sabe algum dia poderemos almoçar ou jantar fora. Pedir uma pizza.

- Sente falta disso não é?

- Sinto mãe. Antes de vir ao seu encontro eu não vivia com mordomias, mas podia comer um sanduíche de vez enquanto com os amigos. Ir ao cinema. - Ela me olhou pegou a roupa que estava dobrando com muita dificuldade e colocou na mala.

- Estou indo por você. – Agora tentava me enganar. Quem trocaria a vida em uma casa ou apartamento para viver em um quarto de pensão?

- Assim como eu vim pela senhora.

- Ele vai morar lá com a gente?

- Não. – Vendo que eu não contava tudo, ela mesmo completou meu silêncio.

- Irá te visitar quando puder não é mesmo?

- Provavelmente.

- Ou quando precisar de sexo. – A Amargura de minha mãe era visível.

- Ou quando precisar de carinho, de alguém para conversar.

- E quando você precisar?

- Tenho certeza que estará comigo. Como estive até agora mesmo sem eu ter nada para oferecer.

- E acha que ele já não pensava anos a frente que você? Pode ter feito tudo isso muito planejado.

- Não acredito. Como à senhora mesma disse ontem, com tantas mulheres lindas ao redor dele.

Desci até a recepção e pedi ao Emerson que nos chamasse um táxi. Ele solicitou e disseram que em cinco minutos estariam à porta da pensão.

Contei ao Emerson que estávamos de partida. E agradei muito por tudo o que fez por nós durante o mês inteiro.

O bom rapaz se preocupou achando que tivéssemos arrumando uma casa, onde pragaríamos aluguel, ou estivéssemos indo para algum outro hotel e até se ofereceu em fazer um acordo de um valor melhor, caso eu precisasse. Claro que não dispensei para o futuro, nunca se sabe o dia de amanhã.

Eu nunca diria a verdade para que ele me julgasse como estava fazendo minha mãe. Só que minha mãe além de família era beneficiada. Ele não teria tanto cuidado ao esparramar que eu estava sendo sustentada pelo Juiz. -De qualquer forma foi um prazer conhecer vocês. – O abracei. – E só Deus sabia o quanto de fato eu era grata a ele e as meninas com as quais havia feito amizade.

Subi as escadas peguei a mala e levei para baixo e depois subi para ajudar minha mãe. Quando descemos o taxista havia colocado a mala no carro. Ajudei minha mãe a entrar e voltei para dar um último abraço no Emerson.

Olhei para cima. E vi a janela do nosso quarto. Não foram os melhores tempos de nossa vida, pensei. Mas foram tempos de aprendizado.

Entrei no carro e disse o endereço ao motorista que

não levou dez minutos para chegar. Diante do condomínio ele mesmo perguntou.

- É este mesmo o lugar?

- Sim é este. - Enquanto descia e ajudava minha mãe observava o lugar à luz do sol. Era um prédio muito imponente entre os tantos outros ali erguidos. Embora houvessem outros também mais sofisticados.

Apertei o botão do interfone e fomos recebidas pelo porteiro do prédio com um sorriso.

- Você deve ser a nova moradora do quatrocentos e treze.

- Isso mesmo. - Olhei o papel na minha mão com todos os dados que tinha copiado da mensagem que ele havia me mandado.

- Deixe que eu leve a mala pra você. É só isso? – Por enquanto sim. Eu começava a olhar para o futuro e fazer planos, mas por enquanto ainda era só aquilo. Era o pouco que tínhamos.

- Sim. Disseram que o apartamento está mobilhado. – Não diria perto de minha mãe que eu estivera ali ontem. – Lembranças povoaram minha mente e eu tive que me

esforçar para não sorrir diante dos dois. Minha mãe e o porteiro não entenderiam minha reação.

- Com certeza. O estranho é que ele está fechado a mais de oito anos. Ninguém nunca usa, nem vem aqui. Só agora terá morador depois do Dr. Cairon.

- Nem mesmo ele usava? - Que estranho mesmo.

- Nem ele vinha. Às vezes pedia que limpasse, mas ninguém usou esse tempo. Por isso tudo é muito conservado gostará. E caso precisem de algo é só me interfonar.

- Obrigada.

Subimos. Abri a porta ele passou com a mala e eu entrei com minha mãe. Assim que ele saiu fechei a porta e não sabia se dava alguma gorjeta, porém ele havia partido.

A sala era muito linda como eu havia guardado na memória ontem quando estivemos aqui. Sentei minha mãe no sofá e fui explorar o lugar.

Havia dois corredores. Um deles levava a dois quartos. Um era suíte e o outro não. Ambos com camas de solteiro. Entre eles um banheiro pequeno, porém lindo e

bem decorado.

Aqui no meio a sala conjugada com a cozinha. Ambas muito aconchegantes e a sala têm grandes portas de vidro que dão passagem a uma pequena sacada onde há duas cadeiras brancas e uma mesinha. A cozinha pequena, porém muito moderna. Abri a geladeira e vi que não tinha nada. Assim como nos armários. Então me lembrei do troco. Precisava sair para comprar alimentos. Abri a porta de trás da cozinha e encontrei uma lavanderia contendo máquina de lavar e secar. Uma tábua de passar e nada de varal. Também com a modernidade que há.

Voltei e fui até o outro lado do corredor. Havia duas outras portas. Uma eu sabia que era o quarto contendo a cama de casal onde estivemos ontem. Então abri a outra e vi um tipo de escritório com uma mesa grande e vários livros na estante.

- Olha para todo esse luxo filha. Acha que precisamos disso tudo para sermos felizes?

- Não, não acho. Por isso nem todo rico é feliz por que coloca sua felicidade em bens materiais. Mas eu não estou vindo por causa do luxo. Nem tão pouco acho que

ele tenha nos trago para cá para se exhibir. Trouxe-nos porque estava disponível. Não ouviu o que o porteiro disse. Que ficava fechado.

- Não é justo alguns terem tanto ao ponto de deixar fechado enquanto outros dormem na rua. - Não aguentei e ri.

- Agora culpará o Cairon por toda a tragédia social em que vivemos?

- Bem... Não é culpa dele, mas olhe só isso. Ele não faria isso para qualquer um.

- Ele fez muito mais. Acha que quando nos acolheu na rua eu toda suja. Quase fedida ele teve pensamentos contrários ao de bondade? E não o julgo também por manter o lugar fechado. Cada um faz com o que tem o que quer.

Bateram a porta e eu pensei ser ele. Abri e me deparei com uma senhora. Estatura baixa, rechonchuda e... Ah ela era uma simpatia em pessoa.

- Olá sou a Sandra. Virei limpar três vezes por semana e fazer almoço todos os dias deixando o jantar pronto também. Moro aqui no prédio então o dia que

precisar de algo é só me dizer. Quanto à roupa deixe na secadora e eu passo para você. Sou esposa do porteiro que as recebeu há pouco. E no dia em que não puder vir almoçar em casa é só me dizer que eu mesma ajudarei a sua mãe. - Estava até sem jeito pela simplicidade da senhora e sua disponibilidade.

- Eu não dispenso e agradeço só não sei se poderei pagar por tudo isso. – Estava sem jeito diante da senhora.

- Filha aceite o que a vida nos oferece. Pagamentos nem sempre são feitos só com o dinheiro.

Fiquei pensando no que ela disse, passou por nós conversou algumas palavras com minha mãe e foi para a cozinha.

- Bom... Ainda não temos nada. – Ela sorriu e pediu que eu não me preocupasse que para tudo na vida tem-se um jeito. – Sorri deixando que ela então fizesse o que fosse possível. Daqui a pouco seria hora de dar almoço à minha mãe, e estava tentada a usar do dinheiro que ele havia deixado comigo.

Levei a mala até o quarto de minha mãe e tirei suas roupas colocando no armário embutido à parede. Depois

liguei a TV e fui buscá-la.

- Ficaré neste quarto.

- E você fique do outro lado bem longe de mim.

- Por que diz isso mãe?

-Não quero ouvir seus gritos nem gemidos quando estiverem com seus assanhamentos.

- Mãe... Fala como se tivesse sido a maior santa do mundo. Só que eu contei. Esteve com meu pai, meu padrasto e esse homem agora que graças a Deus nem conheci. E todos moraram com você, e duvido que não teve seus momentos de assanhamento como diz. Caso contrário não teria nascido.

- Tenha mais respeito.

- E olha que brigou por meu pai com a esposa dele. Meu padrasto não era nem de longe bonito e morria de ciúmes dele e esse agora não sei dizer. Mas duvido que algum deles chegue aos pés da beleza do Cairon.

- Que nesse momento deve estar com outra mulher bonita passeando pelo sol. E quando a noite vier, corre para você.

-Te juro que não irá me contaminar com sua

amargura. Não quero saber onde ele está.

A campainha tocou e agora eu tinha quase certeza que era ele. Deixei-a e fui atender. Mas também não era.

Um homem estava parado com várias sacolas de alimentos e outras que não identifiquei de momento. Atrás dele vinha o porteiro também sobrecarregado.

- Ah deixe-me ajudá-lo. - Peguei alguma das sacolas. – Ele se identificou dizendo que Juiz havia pedido que ele abastecesse o apartamento. Pediu desculpas, por não poder fazer por completo, deixando o restante para a segunda-feira, por estar sobrecarregado. Mas olhando a quantidade de sacolas em suas mãos eu tinha certeza de que para duas pessoas, aquilo era o suficiente. E eu comecei a me perguntar, se era apenas um amigo. Ou um segurança, ou ainda... Talvez fosse da polícia federal. Será que o Cairon havia lhe contado sobre nós?

- Acho que para duas pessoas isso é o suficiente para uns três meses. Obrigada. - Eles colocaram as sacolas no balcão da cozinha e o porteiro disse algo com a esposa e partiu.

O homem alto deixou comigo um cartão contendo seu telefone, dizendo que nem sempre eu encontraria o Cairon, assim poderia ligar para ele em qualquer emergência.

- Eu sou a... – Estendi a mão, que ele apertou e sorriu.

- Sei quem você é. – Tive vontade de perguntar até onde ele sabia, e o que ele sabia. - Além de segurança pessoal dele, somos melhores amigos. Sabemos tudo da vida um do outro.

- Ah. -Agora estava respondido. A companhia tocou novamente ele mesmo foi abrir pegando mais sacolas com o porteiro e o dispensando.

- Estas. -Ele me entregou várias sacolas. - São pessoais que ele mesmo separou e pediu que entregasse a você. - Peguei as sacolas e sorri sem jeito, mas agradei. - Bom... Estou indo agora. E lembre-se que qualquer coisa me ligue. - Se despediu e saiu me deixando um pouco preocupada, até onde o Juiz iria se responsabilizar por minhas despesas.

Fui até o quarto e comecei a abrir as sacolas que

era de várias lojas. Roupas, sapatos, cremes, perfumes, um secador com várias escovas e uma prancha. Sorri imaginando o que ele quis insinuar com isso. Ele tinha que saber que eu tinha orgulho dos meus cachos. Claro que estavam maltratados, mas agora eu cuidaria melhor de mim. Em outro pacote havia maquiagens e lingerie. Algumas de tirar o fôlego. Ele teria mesmo escolhido isso?

Coloquei a peça sobre a cama e tirei uma foto. Enviei uma mensagem com a foto perguntando. "Escolheu isso mesmo pessoalmente?". Enviei e comecei a olhar nas outras sacolas. Havia roupas diferentes. Mais senhoras. Deduzi serem para minha mãe. Como estavam separadas peguei a sacola e fui até seu quarto.

- Olha o que ganhou. - Despejei as sacolas de roupas na cama.

- Claro. Já comprou a filha e agora para ter consciência tranquila precisa agradar a mãe.

- Mãe. Uma vez só seja agradecida.

- Obrigada pelas roupas senhor e por comer minha filha como uma prostituta. - Era como se ela descontasse

no Caíron todo ódio que sentia de meu pai e de todos os homens que haviam passado em sua vida. Sai do quarto e deixei-a sozinha. Senti um cheirinho de café vindo da cozinha. Como uma pessoa poderia se transformar em alguém tão amarga assim na vida? Tudo bem que a vida não foi generosa com ela, mas estava ficando cansada das grosserias dela.

Quando eu penso que estamos nos acertando ela começa a me agredir. Fui até a cozinha procurei por xícaras. e coloquei café. Levei uma até ela.

- Não pense que não te amo e que não sou grata ao seu sacrifício para me ajudar. Só não queria que vivesse a vida de privações que eu tive. Não poder sair com ele durante o dia. Só à noite. E depende de qual lugar. De preferência onde ninguém os veja.

- Eu sei mãe. Mas estou ficando cansada realmente de suas palavras grossas. Sei que sofreu muito nessa vida, mas não tenho culpa. Só quero aproveitar o momento. E quero ter tranquilidade também.

-Está apaixonada não está?

-Acho que sim. E quanto às privações. Ainda não

me decidi se serão tão ruins já que ainda não passei por elas.

- Acha que está feliz, mas não estará por muito tempo. Virão suas reclamações e lágrimas quando o vir com outras mulheres ou com outra mulher.

- Então vamos deixar essas lágrimas para o momento certo?

- Está se sentindo bem porque começa a experimentar uma vida de luxo. Não viu? Em menos de três horas e três pessoas já estão a seu dispor.

- Mãe.

- Não digo mais nada. – Mas eu tinha certo receio sobre seu comportamento caso ele aparecesse.

- Mãe... Caso ele venha...

- Acha que farei grosserias? Não... Não se bate na mão que te sustenta. Não dormirei com vocês. Nem abrirei a porta sem avisar. – Eu queria era rir da forma que ela colocava a situação, mas, preferi não cutucar a fera.

- É só ser educada. Isso já basta.

Voltei ao meu quarto e olhei na tela do celular

havia três mensagens não lidas. A primeira era sobre a peça que eu enviei foto. "Todas. Escolhi pessoalmente. Pela internet." Sorri ao pensar nele escolhendo roupas em lojas. A segunda mensagem dizia. "Ps. As de sua mãe não escolhi. Seria muito estranho. Deixei a cargo de a lojista separar." Espero que caibam pela descrição que fiz. Tem alguns dias para trocar, não preciso dizer sabe disso não é? Já que trabalha em um lugar que lida com justiça e injustiças o dia todo. E a terceira era sobre. "Ah... Parabéns pela conquista!" À noite comemoramos.

Conquista. Conquista. A que ele se referia? Lembrei-me da prova de ontem. Será que estava no site da faculdade a aprovação?

Entrei com meu número de inscrição pelo celular no site da Universidade e vi lá os aprovados da noite de ontem. Sim. Meu nome estava em quarto lugar entre os dez inscritos. Corri para contar à minha mãe. E pela primeira vez ela se alegrou comigo.

Agora era me preparar para a noite. Estava ansiosa, mas ainda tinha muito tempo. Estava torcendo para que ele cumprisse sua palavra e viesse.

& Dezesseis &

Cairon

- É MEU AMIGO, FOI COMO você disse mesmo.

É uma negra linda sua amiga, já que não quer que a chame de sua amante.

- É por que ela não é minha amante. Até porque só nos beijamos até ontem. - Conversava com o Murilo indo a um evento onde estariam reunidas várias autoridades e eu era um dos convidados, como dizem “ilustres”. – E não sei se você se lembra, ontem, antes de vê-la eu já estava praticamente divorciado.

- Então irá assumi-la como namorada? – Ainda era cedo para qualquer passo. Estava saindo de um relacionamento confuso e longo, e não queria que ela me amasse apenas por gratidão. Dessa vez eu não queria amar sozinho.

- Ainda não sei. Cuida da sua vida. - Ele se calou e

eu perguntei como ela estava vestida. Sabendo que eu não acreditaria brincou comigo.

- Abriu a porta só de calcinha e sutiã, mas não olhei nenhum um minuto. Só o porteiro.

- Engraçadinho. Não sou ciumento. - Ele sorriu.

- Quero ver até quando, depois que os homens descobrirem a beldade que está escondida ali.

O evento estava muito animado, mas não via a hora de ir embora do local e encontrar com minha... Não tinha mais por que chamá-la. de sem teto.

- Olha se não é o nosso Juiz preferido.

- Doutora Ana Luíza. – Apertei a mão que ela me estendia. - Mal chegou a cidade e está badalando pelos eventos. – Tentei ser cordial.

- Isso se chama política de boa vizinhança. - Ela se apoiou em meu braço. E começou a dizer que para lidar com o meio em que trabalha precisava de bastante aliados para que a lei fosse cumprida como pretendia. E que a divulgação da Vara de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher era muito importante para que as mulheres tivessem conhecimento da existência de seus

direitos.

- Com certeza. Agora se não se importa. - Olhei para meu braço onde ela ainda se apoiava.

- Vai dizer que já está comprometido? Ontem que ficamos sabendo que estava disponível. Ou irá dizer-me que deixou a esposa por causa de outra? Existe mesmo uma amante?

- Acredita em fofoca de jornal doutora? – Como ela permanecia em silêncio, com se esperasse minha resposta, eu a dei. - Nem um nem outro. E se me der licença, preciso ir. - Sai do evento três horas depois.

Passei em um supermercado com o Murilo do meu lado, enquanto os agentes da federal aguardavam do lado de fora. Estávamos vivendo um tempo de ameaças e ele estava muito preocupado embora eu não estivesse tanto. Peguei vinho e alguns frios.

- Camisinha? - claro e alguns objetos pessoais para deixar lá.

- Posso ter liberdade de fazer minhas compras? – Ele não tirou os pés do lugar.

- É muito estranho. – Não ficaria ali discutindo

minha vida íntima com o Murilo. Também peguei umas flores e coloquei na cesta sobre o olhar curioso do meu amigo. Ainda peguei chocolates.

- Há muito tempo não namoro, mas sei que mulheres gostam disso. – Ele sacudiu a cabeça concordando.

- Alguma notícia sobre o atirador?

- Várias. Temos suspeitos presos. Os caras que te seguiram da primeira vez fazia parte desta quadrilha. Mas há peças ainda que não se encaixe. Por isso ainda acho que é precipitado que você passe a noite fora de casa. – Ignorei o conselho.

- E o Pietro?

- Está em boas mãos. Assim como a Giovanna sempre é vigiada de longe.

- Só assim fico tranquilo.

- Agora tem essa menina. Acredito que ela estará segura enquanto não souberem de sua existência. – Aí estava meu maior motivo para não revelar sua identidade a ninguém.

- Vou conversar com ela sobre o assunto e te digo depois. O que me aconselha por enquanto?

- Deixaremos você dentro do prédio e orientei aos dois porteiros sobre a moça. Quando for embora me ligue e alguém entrará com meu carro, esperarão por uns quinze minutos e sairão. Será sempre assim. Até que se tenha resolvido isso. Não poderá vir e ir quando bem entender Cairon. Está ciente disso? Estar ciente e gostar da situação eram totalmente diferente.

- Hoje, por exemplo, dormirei por lá e ficarei amanhã o dia todo. Só à noite sairei. Preciso pegar o Pietro e ir para casa de meus pais, jantar com eles e meu filho.

- Trouxe tudo o que precisa?

- Trouxe uma mochila com roupa e objetos pessoais. Comprou o que te pedi hoje? Perguntei já quase chegando ao apartamento.

- Deixa me lembrar das tantas coisas que me pediu. Abastecer o apartamento, falar com os porteiros, a senhora esposa do porteiro. Pegar as roupas. Hum... Sim. Ele pegou uma caixa atrás. Entregou-me o iMac. - Um dos mais modernos da Apple. Um assalariado não compra isso tão fácil, então logo desconfiaram dela. - Abriu o

porta luvas. - Cartão de crédito no nome dela.

- Obrigado Murilo.

- Por nada, foi um prazer. Não devia esperar um pouco, até que tenha certeza de que é isso mesmo que quer? Nunca vi você fazendo isso pela Giovanna.

- Dois motivos. Ela nunca precisou e nunca me permitiu. Sempre que eu tentava fazer algo por ela, logo se ofendia e gritava que eu a queria comprar, mas que não teria nada entre nós.

- Coisas de Giovanna.

Agora é diferente. Não só porque ela realmente precise, mas por que sinto algo estranho. Não sei te explicar. Quando eu souber será o primeiro, a saber. Desci do carro e olhei a quantidade de coisas a subir. Terá que me ajudar só mais um pouco.

- Daqui a pouco dirão à minha noiva que eu tenho um caso neste prédio de tantas coisas que já subi. - À porta do apartamento antes de bater despedi-me do Murilo.

- Obrigado por tudo mais uma vez amigo!

- Só espero que não esteja fazendo isso movido

pelo rompimento com a maluca da Giovanna. Mas, nunca te vi assim.

- Porque nunca estive assim.

- Divirta-se. - E partiu. Toquei a campainha e logo ela abriu.

- Quem é você?

- A moça que ganhou um secador, escova e prancha.

- Eu me referia ao seu cabelo que estava liso.

- Sabe que eu não tinha nada contra os cachos.

- Eu sei. – Ela olhou para mim com tantos pacotes. -

Precisa de ajuda? Vai ficar à porta? Seus vizinhos vão te ver. – Primeiro ela tinha que entender que os vizinhos agora não eram meus. E que de certa forma não tinha importância, não era mais casado. Porém talvez para ela não pegasse bem. As pessoas e seus julgamentos indecentes. Quando se sentam sobre seus defeitos e apontam os defeitos alheios. Ou quando não conhecem a história do outro, mas condenam suas condutas.

Eu convivia com isso todos os dias. Pessoas que achavam isso e aquilo. Por isso me dedicava muito quanto tinha um caso nas mãos. Par ser imparcial e justo.

Colocamos as sacolas da cozinha sobre o balcão e fui até o quarto onde coloquei as outras sobre a cama.

- Certeza que precisa de mais tantas coisas?

E mais isso. Segurei seus cabelos, agora lisos e beijei sua boca. Beijei suave. Depois com força.

- Já estava sentindo sua falta.

Não tinha palavras para descrever o que senti durante o dia e ainda trazia em meu coração a sensação de estrar traindo. Não só a Giovanna como também ao Pietro. Mas pensei que não era real. Não é real. E continuei a beijá-la. Até que seu fôlego sumisse.

Queria me consumir naquele momento. Igual à vela. Mas contive. Ainda não era tarde da noite e a mão, com certeza, devia estar acordada.

- E sua mãe? – Puxei-a para meu colo sentando-me a poltrona do quarto.

- No fim do outro corredor. Disse que não quer escutar meus gritos e nem gemidos.

- Que boba.

- Por que boba coitada?

- Estou louco para ouvir seus gemidos e seus gritos.

- Sorri.

- Que Juiz mais safado você. Eu hein.

- Aqui com você não sou o Juiz. Sou o Cairon. Só eu.

- E eu sou sua. - Me deu um selinho. Passei a mão em seu cabelo.

- O secador e todos os outros utensílios são só para que tenha se precisar usar. Gosto deles também ao natural.

- Eu gosto dos seus olhos. Acho lindo. Claro que sabe disso todas as mulheres deve dizer isso a você.

- Não com sua doçura. Será uma grande advogada. Ganhará vários casos. Ofuscará os homens com sua beleza negra.

- É? Se você for o Juiz?

- Não dará certo.

- Por quê?

- Vou querer cobrar favores de forma inescrupulosa. Beijamo-nos novamente e forcei-a se levantar para guardarmos as coisas das sacolas.

- Isso é para você. - Entreguei o computador. - Uma por que precisará fazer trabalho e muitas pesquisas. E

também não conseguirá ficar em casa sem internet. Se não me engano aí também tem um moldem de internet.

- Nossa a terei que fazer até malabarismos na cama para pagar tudo isso.

- Como assim? Acha que meu interesse é só sexual?

- E não é?

- Se fosse seria mais barato e mais fácil ir a uma casa especializada não acha? - Ela me encarou. - Não nos limite a isso somente, por favor.

- Então seja honesto comigo. Eu não entendo tudo isso. Não entendi desde o dia que nos ofereceu carona na porta do fórum. - Ela estava brava e eu estava adorando ver sua braveza. Até isso era adorável nela.

- Me deixa cuidar de você e eu te deixo cuidar de mim. Pode ser assim?

- Pode.

Abracei-a e ficamos por alguns minutos. Lembrei-me do cartão. Tirei do bolso e entreguei a ela.

- Não. Não vou aceitar. - Ela virou as costas para mim.

-Vai. Por que nem sempre estarei por perto e

precisará de dinheiro rápido.

- Cairon. - Ela cruzou os braços. Fiz a mesma coisa.

- Liara.

- É a primeira vez que me chama pelo nome. - Ela me abraçou. Mas já havia sussurrado seu nome ao seu ouvido ontem.

Fomos até a cozinha onde ela guardou os frios e o vinho na geladeira.

- E estas flores guardadas na sacola?

- Eram para você.

- Não são mais?

- Sim. Só que um pouco amassadas. - Sorri.

- São lindas. Obrigada.

Uma hora depois estávamos jantando. Pensei que a mãe fosse dar trabalho, mas ela só quis jantar no quarto. Com o tempo ela se acostuma com minha presença.

Mais tarde enquanto ela ajudou a mãe a se deitar, enquanto eu colocava os utensílios na máquina de lavar. Deixei a cozinha e me dirigi ao quarto, como nos tempos de solteiro, tirei a roupa e entrei no banho com a escova de dente. Estava pensando quando eu morava aqui. Este

apartamento foi o único presente que meu pai me deu de seu bolso. E eu o guardava com todo carinho. Só deixaria morar aqui alguém muito especial.

Estava absorto em meus pensamentos quando senti um frio percorrer minhas costas e a vi entrando comigo no banho. Totalmente sem roupa.

- Linda! - Puxei-a para mais perto e lhe beijei os lábios. Foi o que precisou para perdermos o controle debaixo do chuveiro.

Puxei-a contra meu corpo até que cruzasse as pernas em torno de mim. Nos beijamos, nos acariciamos. Eu tinha fome de saciar todos os meus desejos. Mas não podia arriscar a penetrá-la sem usar preservativo e engravidá-la logo de primeira.

Encontrei seus seios e os tomei com minha boca. Beijei sua barriga. Sua pele era lisa. Muito lisa. Terminamos o banho voltamos para o quarto. Ela tinha trago duas taças de vinho.

- Sua mãe já dormiu?

- Sim. Está cansada e está tomando um medicamento novo. - Joguei-a sobre a cama e ouvi um gritinho e um

sorriso.

Peguei uma taça de vinho e tomei um bom gole, depois coloquei o vinho na boca e a beije fazendo com que ela tomasse o líquido. Repeti o feito e ela correspondeu.

Fui beijando seu corpo nu até que encontrei a parte mais cobiçada. Tomei mais vinho e depois com a boca cheia capturei o ponto mais sensível que há nessa região e o suguei. Deixando que seu gosto se misturasse ao sabor do vinho.

Ela se contorcia sobre a cama. E isso atiçava meu desejo e meu tesão ia só crescendo. A ponto de fazer doer meu membro ereto clamar por atenção.

-Cairon, por favor. Não posso mais esperar.

Subi tocado cada parte de seu corpo e peguei o preservativo que havia jogado sobre a cama. Rapidamente abri a embalagem.

- Posso colocar? - Ela estendeu a mão. Entreguei o preservativo a ela e me virei de frente. Ela o segurou com todo cuidado e o revestiu. Está pronto. Eu também!

Ela se deitou novamente me recebendo em seu

corpo. Forcei minha entrada e conquistei meu espaço. Estava ofegante e seus olhos negros não deixavam os meus.

- Perfeito.

- O que?

- Você. Encaixasse perfeitamente em mim. - Disse a ela.

Comecei a me movimentar muito de vagar até que se acostumassem. Fui aumentando o ritmo. Até que estávamos freneticamente nos misturando um ao outro.

Quero mais de você. Ela suplicou. E eu obedeci. Virei-a de barriga para baixo e levantei um pouco seu quadril, observando bem o bumbum durinho que estava livre para minha visão.

Voltei para dentro dela e me saciei. Sentia meu corpo estremecer e quando a ouvi chamando meu nome eu soube que também não aguentaria mais. Era um calor diferente. Já havia transado com outras mulheres, brancas, ruivas e negras, mas igual a ela nenhuma me satisfez.

- Liara. Eu...

Não tinha como me exprimir. Só meu corpo ia

cedendo a fraqueza enquanto os espasmos expulsava cada gota de mim. Ela já estava com o corpo languido sobre a cama e só pude me deitar sobre ela.

- Maravilhosa.

- Isso não é muita loucura?

- É como se meu corpo esperasse pelo seu. Fosse feito para você.

Só a beijei e a puxei para meu peito. Ficamos ali deitados. Liguei a TV e estava falando sobre meu divórcio. A mesma reportagem de ontem.

- Quer falar sobre?

- Não agora. Era notícias de ontem.

- Verdade.

- Hoje quero viver algo novo com você! - As palavras saíram sem eu perceber.

Ela virou-se de costas e se encostou a mim. Aconcheguei-me e fiquei brincando com os pelinhos de sua barriga.

-Boa noite!

-Sonha com os anjos minha linda Dama da noite!

& Dezessete &

O Domingo

Liara

SE ISSO É SONHO... Não quero que me acordem, por favor. Encostei-me ao cotovelo e fiquei olhando para o rosto dele adormecido ao meu lado. Olha para esse cara... Lindo! Devia mesmo confiar em mim porque parecia muito tranquilo ali com os olhos fechados. Tão tranquilo. Sorte minha ou azar? Depois fui até o banheiro escovei os dentes. No quarto de minha mãe, observei se estava tudo bem.

Entrei em silêncio e não acendi a luz, ela ainda dormia. Sai bem de mansinho e fechei a porta novamente. Toda feliz preparei um café. Olhei na mesa e havia bolo e outras coisas, mas preferi sair e incrementar o café com quitandas do dia. Mas já na porta do apartamento fui

barrada por vários homens da polícia federal. Ninguém entra e ninguém sai enquanto o Juiz estivesse ali, a não ser que fosse acompanhada por algum deles.

Descemos até o portão, onde encontramos mais homens. Estes, no entanto ligaram para alguém e depois de desligar me informaram que era só eu dizer o que precisava que eles mesmos buscariam.

Pela expressão deles, não adiantaria muito em insistir. Não pareciam muito amigável.

Falei o que gostaria de comprar mesmo, sem saber ao certo e um deles de posse da informação se afastou. O porteiro que observava tudo somente sorriu e eu voltei ao apartamento ainda acompanhada por dois agentes.

Preparei o café e fiquei esperando pelo que havia pedido, até que foi entregue, bem rápido por sinal.

De certa forma, tudo parecia muito estranho. Não estava acostumada com isso. Parecia tão exposta. Os homens sabiam que eu dormia com o Juiz. Senti vergonha por minha situação. No mesmo instante lembrei de que não devia nada a ninguém.

Como não sabia ao certo de que horas ele acordava

voltei ao quarto de minha mãe para ver se ela estava bem.

- Pode acender a luz que já estou acordada.

Ajudei-a tomar banho e se vestir. Fomos para sala e arrumei a mesa do café.

- Quer tomar café agora ou quer esperar pelo Cairen?

- Para que vou esperá-lo?

- Será que é porque é educado.

- Ou porque estamos vivendo de favores precisamos viver só quando ele viver?

- Mãe sua mágoa não vai te permitir desfrutar das coisas boas da vida.

Ela não tinha mesmo obrigação de esperá-lo. Deixei que ela tomasse seu café, até porque, como não tinha horário para que ele acordasse, não poderia privá-la da alimentação.

Liguei a TV da sala e ficamos vendo um programa matinal. Como ele não acordou fui até o quarto. Durante a semana ele chega ao trabalho às dez da manhã. Pode ser que acorde tarde.

Voltei à cozinha fiz uma bandeja de café e fui até

ele. Olhei no relógio e eram onze e meia me debrucei sobre ele e comecei a beijá-lo.

- Bom dia! Vai dormir o dia todo? - Ele se mexeu na cama.

- Bom dia!

- Trouxe seu café. - Ele abriu os olhos e sorriu.

- É a primeira vez que uma mulher me traz café na cama.

- Mentira Cairon.

- Verdade. Às vezes meu filho levava uma caneca de café para me acordar, mas... - Ele se calou. Devia sentir falta da criança, ou da esposa. Mas eu não queria pensar neles agora. O cobri de beijos. Para só depois pegar a bandeja com o café. – Não posso ser injusto com minha mãe. – Sorriu se ajeitando à cabeceira da cama.

- Se preferi podemos tomar café na cozinha.

- Está perfeito. - Tomamos café ali na cama e ficamos conversado por alguns minutos.

- Preciso ver o almoço.

- Nunca que vou deixar você sair desta cama.

- Se esqueceu de que eu tenho praticamente uma

filha, mal humorada e mal educada para cuidar? - Ele sorriu.

- Ela não gosta de mim não é?

- Não é que ela não goste de você. Ela pensa que a história dela irá se repetir comigo e isso não a agrada. Acha que está me comprando. Que me fará sua amante, que me engravidará e depois me abandonará.

- Não quero que pense assim. Estou fazendo o que é preciso e por que posso fazer. Se não pudesse não faria só para te impressionar. E acima de tudo, estou fazendo que pede meu coração.

- Eu sei.

- Não quero que se considere uma prostituta ou minha amante como as pessoas dizem. Só estou cuidando de você.

- E eu estou amando ter alguém cuidando de mim. Te juro que sim. É só termos um pouco de paciência com ela.

- Sobre nós entenda que, se der certo as coisas fluirão automaticamente. Só não posso dizer por enquanto que tenho alguém em minha vida por dois motivos que quero que fique claro entre nós. Primeiro para que o

Pietro e até mesmo você não sofra com as hipóteses que serão levantadas. De que nós estávamos juntos antes do divórcio. Te fazendo ficar realmente em posição de amante, coisa que nunca foi. Essas coisas precisam de um tempo. Meu divórcio foi amigável, mas conhecendo a Giovanna e sabendo de sua instabilidade como sei, de posse destas informações ela pode até me proibir de ver o Pietro. Então preciso de tempo. - Ele passou a mão em meu rosto. - Entendido até aqui?

- Claro, mas você disse dois.

- O segundo é que estou passando por algumas ameaças. Lembra que fomos seguidos. Depois houve o atentado.

- Claro que me lembro.

- O Murilo, os agentes da federal, estão fazendo de tudo para pegar esses criminosos, mas eles têm medo de que eles possam querer pegar alguém da família. Todos estão sobre segurança.

- Quer dizer que há perigo?

- Sim e não. Enquanto não souberem de nós, você estará em segurança. Por isso também o segredo sobre a

gente. Mas quem vai saber disso seremos nós e o Murilo. Porque é meu amigo e porque é meu segurança. Confio nele. E se algo acontecer a mim.

- Para não quero ouvir. - Levantei-me e fui até a janela. Ele se levantou e me abraçou por trás beijando meu pescoço.

- Tudo bem se conversarmos sobre isso. Se algo acontecer a mim ele tem instruções para que não te falte nada.

- Se algo acontecer a você o que mais preciso não estará comigo.

- Não diga isso senão acharei que está... – Virei-me e o encarei.

- Apaixonada? Você me socorre da morte, me tira da rua, me dá um emprego, aparece nos momentos em que eu mais preciso. É lindo e me beija. E quer que eu te diga que não estou apaixonada? Que mulher não se apaixonaria por você Cairon?

- Nem todas as mulheres gostam de ser cuidadas sabia? E muito menos amadas. - Ele me soltou e foi até o banheiro.

Será que a ex? Não. Não sei o motivo da separação mais eles deviam ter sido um casal muito apaixonado na juventude ou adolescência. Levei a bandeja de volta à cozinha. Ele estava enganado, todas as mulheres gostavam de ser amadas. Claro que pela pessoa certa.

- Agora ficará neste quarto, boa parte do tempo.

- A senhora está precisando de algo? Posso comprar umas revistas algo para que ajude há passar o tempo.

- Você pode comprar?

- Posso.

- É verdade. Agora é amante de um homem poderoso e rico.

- Não sou poderoso e rico como à senhora pensa e a Liara não é minha amante. - Ele se sentou à frente dela, não foi grosso, mas foi firme o suficiente, como eu nunca teria coragem de ser.

- Bom dia! - Ela disse secamente não se intimidando. - Até sei que não é.

- Entenda como à senhora quiser. Estou sendo sincero com a senhora e gostaria que respeitasse um pouco mais sua filha. Ninguém na vida pode pagar pelos

erros do outro. Sei que uma mulher experiente como a senhora tem consciência disso. Se não soube escolher a pessoa certa, ou se a vida não lhe deu boas oportunidades, não pode sair por aí acreditando que todas as pessoas estão fazendo as mesmas escolhas. Tenho certeza que a senhora teve outras escolhas. – Ela fez silêncio, dizem que quem cala consente. Ele era melhor para conversar com ela que eu. Não havia laços sentimentais que os unisse.

- O senhor me desculpe. Mas é minha filha.

- E fico feliz que a senhora zele por ela. Só não pode ficar revendo o passado onde há presente e futuro. E como já errou tanto na vida, imagina continuar fazendo escolhas erradas agora através de sua filha. Deixe-a fazer suas próprias escolhas. E olhe para ela! De todas as suas escolhas erradas não acha que o universo ou Deus tinha um propósito para elas? Veja que filha linda a senhora tem. Saiba que o que mais vemos hoje em dia são filhos que ao menor sinal de problemas, abandonam os pais nos asilos. E ela está aqui. Deixou toda sua vida para lhe socorrer. É justo o que tem feito com ela? O que acha?

- Então é ver onde isso vai dar e deixar o tempo

dizer quem está com razão?

- Isso. Vamos deixar o tempo ser o tempo e fazer sua parte na história. Só quero que saiba que ter vivido mais que eu, não dá a senhora o selo de dona da verdade. – E se aproximando mais dela me surpreendeu novamente. - Agora... Que tipo de comida gostaria para o almoço?

Ela olhou para ele como se não acreditasse que ele pudesse falar sério depois das palavras que trocaram.

- Como o senhor é quem dá as cartas. Peça o que quiser comer e nós comeremos.

- Mãe?

- Não senhora. Isso soa como se eu estivesse dando o resto que tenho ou o que não me serve. E isso não está acontecendo. Estamos partilhando do que temos e cada um oferece o que tem de melhor para oferecer. Será que só tem palavras ruins a oferecer? Eu não acredito que uma mulher que veio para a capital e trabalhou até comprar um terreno e construir uma casa não tenha nada a oferecer.

- Bem eu... – Era a segunda vez que eu via minha mãe incerta.

- Viu só. Eu sei que ainda agora está se passando em

sua cabeça mil histórias maravilhosas que deve ter para contar a sua filha, e em breve a seus netos. – Ela arregalou os olhos me olhando e uma sobra de sorriso, só uma sobra passou em seu olhar, mas não permitiu que viessem a tona.

- Acha que vou viver o suficiente para ver meus netos? Está bom. Vou fingir que acredito nas suas intenções.

- Fica a seu critério. - Ele se levantou e veio até a mim. - E aí decidiram o que vamos pedir?

Pedimos comida italiana e estava divinamente perfeito. Minha mãe quis comer no quarto e deitar-se em seguida para assistir TV. Ajudei-a novamente e fui ao encontro dele no quarto.

Estava assistindo a um noticiário sobre uma operação, na qual ele estava envolvido. Noventa e três mandatos de prisão haviam sido expedido por ele, o jornalista explicava, enquanto acompanhava a polícia federal em alguma das prisões. Eram homens conhecido no meio político. Entendi a situação que ele dizia que ser perigosa. É uma guerra constante onde não se sabe em quem confiar.

Ao mesmo tempo precisava-se desconfiar de todos. Ora era o criminoso ora eram os responsáveis por nossa segurança que trocavam de lado com o bandido, e agora nossos governantes que deixava o povo cada vez mais pobre em benefício próprio. Mas a verdade é que não estávamos em paz.

Deitei em seu peito e adormeci. Todo o cansaço do mês parecia ter surgido de repente.

- Acorda dorminhoca. - Senti um peso sobre mim. - Está quase em minha hora.

- Já? Não pode dormir aqui?

- Infelizmente não. Vou pegar meu filho e jantar com meus pais.

- Ainda tem seus pais?

- Sim. Sou filho único e preciso vê-los ao menos um dia na semana. E hoje é dia de levar o Pietro para jantar com eles.

- Fica só mais um pouquinho.

- Fico.

E ele me amou novamente ali em nossa cama. “Nossa”. Tudo é um estado então. Hoje eu estou sua

mulher. Eu estou. E isso me bastava.

À porta quando ele estava de saída pensei no que minha mãe me disse. É um vazio depois que ele parte. E eu já estava sentindo isso.

- Amanhã a gente se vê?

- Durante o expediente é sempre muito corrido. Precisamos nos esforçar mais para nos esbarrarmos por lá. Quando puder, me leve àqueles documentos. – Ele sorriu, me fazendo lembrar dos malditos documentos que o doutor Breno havia me feito ir levar para ele. Essa semana, eu deverei ir me encontrar com os juízes estaduais.

- Você é lindo! – Não era mentira, mas não era para sair tão alto, era um pensamento.

- Você que é linda. - Beijou minha boca e se foi. O vazio deu lugar às lembranças do fim de semana. E eu quis viver isso enquanto eu pudesse viver. Que fossem migalhas, como minha mãe dizia, eu as teria. Mas não sentia no fundo do coração que era o que ele me dava. E as pessoas que entendessem como quisessem. Eu não me importo com a opinião dos outros só com o que estou

vivendo no momento.

& Dezoito &

Liara

PARA QUEM TINHA PASSADO uma noite e um dia nos braços do homem mais maravilhoso da face da terra, viver uma segunda feira sem tê-lo por perto, nem ao menos vê-lo de longe, era uma tortura. Foi o primeiro dia em minha vida que senti vontade de não precisar trabalhar e ficar só ao lado dele.

— Queria ser uma mosca para deixar este trabalho chato de documentos e visitar o prédio da frente para saber o que fazem depois que a polícia federal gentilmente busca os indiciados para que eles não se esqueçam do compromisso. — O humor da Késsia quase não se ausentava. Estava sempre fazendo piadas, e a piada do dia era sobre os depoimentos da operação conduzida pelo Cairon e a polícia federal. — Pela TV, a gente acompanhava pequenos flashes dos noticiários sobre a operação “facility”. Se eu não estivesse ali tão perto poderia jurar que era coisa de filme.

Os documentos nas mãos da Késsia era o que nos deixava mais chateadas, enquanto ao lado parecia pegar fogo, aqui, eram documentos e mais uma pilha de documentos para serem entregues.

Em um determinado momento eu quis saber se tinha chances de que o Juiz me visitasse à noite, mas não sabia como descobrir. Então fiz uma pergunta simples à Késsia.

— Termina hoje? — Ela me olhou como se não acreditasse no que ouvia.

— Se refere a essa operação?

- Talvez os depoimentos. — Logo me justifiquei.

- Pode levar anos. Na verdade, pelo que as meninas de lá disseram, à operação não é recente, só mudou de nome em algumas fases, mas estão trabalhando nela há bastante tempo. — Ela encostou ao balcão parecendo desanimada. — Está pegando fogo agora, porque mexe com gente grande. E ele, o Juiz teve que ser muito corajoso para dar a cara a tapa. — Imaginava mesmo, mas agora, depois de conhecê-lo e entender um pouco mais sobre o que estava acontecendo, eu estava amedrontada pela segurança dele. Entendia porque andava com tantos homens e porque dizia

que era tão difícil ir me encontrar.

Almocei no trabalho, mas liguei para saber como estava minha mãe e confirmar que a dona Sandra estava mesmo por perto.

Às quinze horas, quando tive um pequeno intervalo, saí pela porta dos fundos para respirar um pouco de ar, e eis que o vejo. Ele parecia fazer a mesma coisa, buscando ar fresco. A diferença, é que eu não precisava estar acompanhada sempre de vários homens.

Depois do almoço a Késsia, sorriu e me perguntou se eu queria saber da novidade.

- Concurso público? – Agora eu queria mais informações. Ela prometeu que assim que estivéssemos livres, olharíamos no site onde continha o edital.

Em nosso intervalo, eu fui até a porta espionar e por sorte avistei de longe meu Juiz. Estava todo de preto conversando com alguns homens de terno e depois entrou. Não dava para me ver de onde se encontrava e ainda mais de costas. Voltei para dentro mais desanimada do que estava, indo direto para a salinha onde guardávamos

nossas bolsas para chegar se havia alguma ligação ou mensagem e nada. Era um dia angustiante.

A palavra concurso não saía de minha mente, mas não ousaria a cobrar da Késsia a promessa de entrarmos no site, eu mesma faria isso à noite em casa, ou perguntaria ao próprio Cairon. Não... Fiz um movimento involuntário com a cabeça, enquanto afastava para longe essa ideia. Não iria incomodá-lo e muito menos ser ingrata com o trabalho que tinha conseguido para mim, poderia soar como insatisfação, e não era. Só queria estar mais próxima a ele.

- Não existe atendente neste fórum? – Ouvi de longe a voz de uma mulher, que devia não saber que todos têm direito ao café da tarde por aqui. A dona da voz era uma mulher era linda, - constatei assim que entrei no salão. - Mas parecia muito dona de si. E a pergunta foi feita em um tom bem elevado, de certo para que todos ouvissem que nosso trabalho pudesse estar deixando a desejar. Dei a volta e tomei meu lugar atrás do balcão.

- Posso ajudá-la.? – Parecia uma inspeção, a pessoa me analisou, olhou o balcão, arrumou algum dos papéis

sobre ele, como se aquilo a incomodasse.

- Você então é a atendente?

- Sim senhora. – Sorri educadamente.

- Sabe quem eu sou? – Não. Eu não sabia. Era horrível dizer que de certo eu deveria, mas no momento não estava desempenhando bem o meu papel de atendente por não me lembrar do rosto da mulher. Pisquei diversas vezes tentando mentalmente me desculpar, e quando comecei a falar, ela me interrompeu, se apresentando como a Juíza.

Ana Luíza., da Vara de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher.

Ah! Sim! Claro que tinha ouvido falar sobre ela. E quem não tinha. Logo a Késsia chegou e se dispôs a leva-a até a sala do juizado no segundo andar.

- Não fui com a cara da sujeita. – Ao retornar, foi à primeira frase que a Késsia disparou em minha direção. E, se eu dissesse a verdade agora, falaria a Késsia não tinha sido só ela, mas preferi ficar em silêncio.

Às quatro e meia subimos para a sala de café. Enquanto não estavam contratados todos os funcionários,

era preciso desenvolver diversas funções, assim como ajudar ao copeiro com o café dos magistrados. Não era um desvio de função, era uma colaboração. Até mesmo os de mais altos cargos, estavam ajudando lavando o que havia sujado. Claro... Os que tinham consciência.

Era a segunda vez que eu cruzaria o caminho da juíza, mesmo que não fosse por querer. Ela falava com um dos juízes presentes na sala sobre Condução coercitiva. E como o tema era novo para mim, fiquei ouvindo. Não era por falta de ética, mas por interesse.

- Está no código penal. – O doutor Diogo deixava bem claro. – Só aconteceu porque o homem se fez de bobo ao receber a intimação. Ele devia ter ao menos justificado sua ausência, isso teria evitado a condução coercitiva. O Cairon e a polícia federal agiram corretamente, a condução estava livre para ser utilizada.

- Eles algemaram e conduziram em uma viatura policial. – Ela resignou-se. – Não estão lidando com uma pessoa qualquer caro colega. - Doutor Diogo ainda manteve a palavra de que estavam corretos. E a discussão. ainda duraria bastante se ela não tivesse visto que todos

estavam ouvindo, e como não podia brigar com os demais, partiu para o lado mais fraco.

— E as duas? — Agora eu estava assustada. Não só pelo tom da mulher, mas pelo medo de termos feito algo errado. — Vocês não têm trabalho a fazer a não ser ficarem aqui arrumando mesa de café e ouvindo conversa dos magistrados? Outros devem estar por lá gritando como eu tive que fazer. Por isso o Brasil está como está, e é por isso que tanta informação importante está na boca do povo, olha se não são as Marias curiosas. - A arrogância em pessoa eu diria.

A Késsia respondeu.

— Arrumar a mesa do lanche também é nosso trabalho doutora. Mas se a senhora vai ficar por aqui e se dispor.

— Eu suponho que se lembre com que está falando?

— Elas sabem sim doutora. — Dr. Breno que entrava no recinto foi quem nos defendeu. — Estão aqui há algum tempo e, com certeza, só estão desempenhando suas funções.

Ela saiu sem dizer nada e pouco depois também

descemos. Ao fim do expediente, passando pela porta do prédio cinza que ficava em frente ao fórum, notei que, havia uma sombra na janela, podia jurar que ele estava me olhando naquele exato momento, fiquei um tempo parada olhando aquela sombra até que se afastou. Suspirei fundo e parti.

Aquela noite eu queria que ele estivesse em meus braços para que juntos pudéssemos superar as afrontas do dia, mas enfim, sabia que não seria possível.

Caminhei para casa pensando nas palavras que a Késsia havia dito um pouco antes de encerramos nosso horário.

— Temos que tomar cuidado com essa víbora.

— Doutora Ana Luíza.?

— A própria cascavel. Dizem às meninas do TRF que ela está querendo o Juiz gostosão. – Como assim? Essa mulher acabou de chegar e estava fazendo tudo isso? Não tinha respeito por si mesma? Claro que não, pensei... E por isso não respeitava a ninguém que atravessasse seu caminho. Uma pena a gente ter que se ver todos os dias.

Mas nada é perdido, para compensar o dia, à noite

minha mãe tinha hemodiálise e eu iria começar na faculdade. Portando contava com a ajuda do enfermeiro da ambulância que buscava e levava minha mãe os três dias de tratamento e contava também agora com a ajuda da Sandra para o Jantar. Mas estava feliz de que estivesse reagindo bem ao tratamento. E sem dúvida, meu primeiro dia na faculdade me lembrou de meu primeiro dia no ensino fundamental. Quando segurei a grade curricular, fiquei extasiada: Teoria Geral Do Direito Privado. Direito Romano I. Economia Política. Filosofia do Direito. Sociologia do Direito. Introdução ao Estudo do Direito. História do Direito. Língua Portuguesa e Linguagem Jurídica. Ciência Política e Teoria do Estado. Antropologia. Metodologia de pesquisa Científica. Teoria Geral Do Estado I. Direito Constitucional I. Introdução Ao Estudo Do Direito I. Teoria Geral Do Direito Penal I. Meu primeiro semestre, e eu o via como uma extensão do trabalho. Ouço sobre isso o dia todo, e agora além de ouvir, eu entenderia um pouco mais. Eu ainda estava olhando para o documento que recebi minutos antes.

— Não se preocupe parece um bicho, mas não é. —

Era o coordenador do nosso curso Franz. Mestre e Doutor em Direito Processual. Também Procurador de Justiça do Ministério Público do Estado, que viera apresentar o professor de Teoria Geral do direito.

— A não. Eu acredito que não será muito louco agora que trabalho na área. Muitos dos termos usamos diariamente.

— É secretária de advogado?

— Mais ou menos. Sou atendente do fórum.

— E só agora está estudando direito? Como passou no concurso? – Ave mãe do céu. Será que fiz merda?

— Eu havia ingressado uma vez e não pude continuar. Ademais, não sou concursada, apenas substituta. A menina está de licença a maternidade. – O Jeito agora era mentir. Poderia enrolar a vida do Cairon e do Dr. Breno.

— Entendi. O bom dos fóruns é ter essa verba para contratar não concursados. E você sabe que é até mesmo uma questão de bom senso. Imagina se de uma hora para outra, todos os concursados decidem fazer greve? – Ele via minha expressão e na certa, sabia que eu não entendia

muito bem dessa parte administrativa e assim tentava me justificar. — Mas em breve poderá fazer parte dos concursados, estou vendo que está feliz por voltar à faculdade. — E estava mesmo. Ele era um senhor de aproximadamente uns cinquenta anos. Muito simpático. Mas algo dizia que ele seria um osso duro de roer. — Quer dizer que trabalha com o Diogo, e o Walter?

— Sim. Exatamente. Mas agora contamos também a doutora Ana Luíza. Da vara da... — Lógico que ele sabia quem era por isso me interrompeu.

— É verdade. Ana Luíza... Não demora e eles vão se render a Analu. Ela é muito competente, e muito bonita. — Quase torci a cara quando chamou a mulher pelo apelido e a elogiou descaradamente.

— Não duvido. — Sei no que ela era boa. De se exibir para os homens descaradamente. — Bom... Está em minha hora. Se me der licença já vou indo.

— Claro até amanhã.

Em casa vi luzes acesas e sabia que minha mãe estava lá. Fui até seu quarto e ela estava sentada à cama.

— Jantou?

— Sim e você?

— Vou jantar agora.

— Parece cansada.

— Não só pareço, como estou. E muito.

— Alguma coisa séria no trabalho?

— Não... É só o trabalho. Não será fácil trabalhar e estudar ao mesmo tempo. E ainda mais em minha idade.

— Ainda é jovem. Espera estar em minha idade. E seu macho? Não vem hoje? Claro que não. Homens assim só veem quando lhes sobra tempo.

— Olha mãe não quero discutir hoje. Sabe que até hoje a única pessoa que me trata como uma prostituta é você. — Às vezes eu tinha medo de ficar como ela. As palavras saíam de minha boca e, automaticamente eu sentia que ficaria como ela um dia.

Estava tão cansada que saí do quarto e não aguentei... Chorei. Entrei no banho e fiquei por um tempo deixando a água descansar meu corpo. Quando me senti melhor, jantei sozinha. Estava colocando a louça do jantar na lavadora ao ouvi meu celular tocar. Era ele.

— Senti sua falta.

— Também senti a sua. Está tudo bem?

— Muito cansada. Agora imagino você. – Não quis sobrecarregá-lo com meus problemas e lamentações.

— Acabado. Até tentei ir ver você, mas o Murilo não achou seguro sair de casa em pleno andamento de julgamento.

— Não fique se arriscando.

— Significa que não quer me ver?

— Claro que quero. E muito. Hoje fiquei vi você trajando beca e fiquei louca. Queria me aproximar, mas, com certeza, atirariam em mim. – Ouvi sua risada do outro lado e me animei por ele sorrir comigo.

— Se chama toga.

- Hum?

- Aquela beca como você disse, como a qual eu estava trajando. Chama-se toga.

- Poderia se vestir para mim daquela forma. – Foi sem quererem que as palavras saíram. Elas tinham essa mania, de sair sem minha autorização. Depois de um breve silêncio, ele voltou a falar.

- Não entendo esse fetiche das mulheres por togas,

fardas. Se no melhor momento ficaremos nus.

— Você é muito gato. Mas vestido de preto fica simplesmente fantástico. — Era verdade, não tinha por que não dizer isso a ele.

— Então preciso de uma vestimenta? Você é gata mesmo sem roupa. — Estava sem jeito só de pensar que ele estava me imaginando nua naquele momento, então mudei de assunto.

— Escuta. Eu posso ser ciumenta?

— Se tiver motivo. Se for moderado. Seria de que?

— Não estou gostando nenhum pouco da doutora Analu. Já corre um assunto pelo fórum que ela está a fim de você.

— Não. Não se perca nessas fofocas de trabalho..

— Ela é linda!

— Não sou cego. Mas você não se acha bonita ao mesmo nível?

— Nem comparação.

— Quem te disse isso?

— O espelho. — Brinquei.

— Da bruxa malvada?

— De quem está falando da minha mãe? — Ele gargalhou.

— Não. Estava me referindo ao desenho da branca de neve que havia um espelho mágico.

— Por que no meu caso meu maior espelho e minha mãe. Sempre me lembra de como mulheres assim são lindas e cobiçadas.

— Mulheres assim como?

— As que rodeiam você. Mulheres brancas, sofisticadas, ricas e estudadas.

— Eu nunca havia pensado nisso.

— O quê?

— Diferença entre mulheres brancas e negras. Eu só reparo no caráter da pessoa. — Fez-se um silêncio. — Não precisa ficar com ciúmes.

Ficamos conversando por horas até que o sono veio sobre mim e meus olhos não conseguiam parar mais abertos. Despedi-me dele.

— Vai sonhar comigo?

— Muito. Mas estou louca para beijar sua boca novamente e fazer amor com você.

— Que delícia. Dá uma passadinha amanhã em meu gabinete. Me leve àqueles documentos. – Ele ia mesmo insistir nisso?

— Nem em sonho.

— Falo sério. Só um beijo.

— Para com isso. Começo a sentir coisas só de conversarmos essas coisas.

— Então vá dormir. Espero sua visita amanhã.

Ele desligou e eu apaguei. A noite tem a finalidade de descansarmos o corpo e reestabelecer as energias. Graças a Deus. Se eu não tivesse dormido essas poucas horas hoje com certeza o dia seria bem pior.

Quando cheguei ao trabalho, como eu ia direto para a faculdade, fui preparada.

— Opa, opa, opa. Dá uma volta.

— O que foi Késsia?

— Quase me enganou com essa imitação de dolce&gabbana. Confesso que estou tentada a achar que sua roupa é da grife. Só não acreditarei por que sei suas condições. Mas enganará a qualquer um. – Meu coração disparou. Não havia pensado nisso. Nunca pensaria. Claro

que ele não compraria um presente barato. Agora era torcer para que nenhuma outra mulher ali tivesse um olhar tão apurado quanto a Késsia.

— Viu só. Hoje a pirataria está alcançando qualidade. — Meu Deus. Precisava prestar mais atenção nas coisas ou em breve todos comentariam sobre mim.

— Até a bolsa é perfeita. Sabe quanto custa a original desta aqui?

— Não tenho a mínima ideia. E por favor, não diga. — Fiz um sinal com a mão para que não ousasse a revelar o valor do objeto. — As pessoas podem pensar que é verdadeira e poderei morrer por conta de uma imitação.

— Nossa que linda! Poderíamos jantar hoje o que acha? — Tentei me virar, mas o Heitor acabou me abraçando pelas costas, mesmo eu não me lembrando de ter dado a ele essa liberdade.

No momento em que quase conseguia me soltar dele, vimos um movimento e o Cairon entrou com o doutor Breno. Meus olhos pararam nesse momento, enquanto o Heitor insistia em me buscar.

— Não vai dar. Tenho aula hoje. — Disse

automaticamente.

— Eu pego você na faculdade. — Tentei piscar, para que não notassem o quanto eu estava vidrada em um dos dois homens que passava por nós.

— Muito obrigada mesmo Heitor. Mas não dá. — Fui enfática.

— Acha que eu vou desistir de uma gata destas. Nunca meu amor.

Ele beijou minha testa e sorriu.

— Acho que vejo uma luz vermelha piscando.

— Sobre o que Késsia?

— Te disse cuidado com o Heitor?

— Acho que sim. Não me lembro.

— Claro que sim. Ele é mulherengo e além do mais gosta de contar os feitos da noite na sala de café.

— Então não passa de um babaca.

— Isso com certeza.

Trabalho. Trabalho. E mais trabalho. Hoje fui almoçar com minha mãe. Mas antes não tivesse ido.

— Filha, sua tia ligou perguntando se poderemos recebê-la por um ou dois dias. Ela chega amanhã.

— Mãe não sei. Talvez a gente arrume um lugar para que ela.

— Isso mesmo. Vai começar a virar às costas para a família.

— Era o que eu devia fazer. Durante todo o tempo que morei com ela, só soube me explorar. Ficava com a maior parte do meu dinheiro para as contas.

— E o que eu mandava todo mês? – Duzentos reais? Fala sério. Ela achava que se podia fazer algo com aquela quantia?

— Mãe. O que a senhora mandava mal dava para que ela inteirasse o aluguel.

Ela se calou sabendo que era verdade. Era uma mixaria o que ela enviava todo mês. Acabou que eu disse que iria ver. Antes precisava perguntar ao Cairon se podia.

Lembrando-me dele pelo caminho fiquei perdida nas lembranças do fim de semana. E me peguei sorrindo pela rua. Meu status hoje seria. #SesentindofelizcomoCairon.

& Dezenove &

Cairon

— O SENHOR ACHA QUE NOS ESQUECEMOS do senhor? Pode esperar Dr. Estamos só aguardando. Tem muita gente aí fora a nosso serviço. — Não ouvi mais o idiota com as mesmas ameaças de sempre e setenta e cinco anos de prisão.

Houve um tempo que eu morava praticamente com vários agentes da polícia federal em casa. Agora não que esteja mais tranquilo. O Murilo tem uma agência de segurança que trabalha com a PF. Então sempre estão por perto, mas não perdi minha liberdade total.

— Vai investigar isso?

— Claro. Ele tem ligação com vários que foram trancafiados esse ano e isso pode ser preocupante. Conto com sua ajuda. — Nem queria saber o que era essa ajuda a qual o Murilo se referia.

— Como?

— Saindo menos de casa.

— Menos ainda? Não quer me dar uma sela na

prisão?

— Este é o preço que se paga quando tentamos fazer o que é certo a sociedade. Arrepende-se?

— Não. Só não quero ser preso como eles. Eles cometeram crimes. Eu não.

— E por falar em crime. Como vai sua amiga? Vi ela pelos corredores e digamos de passagem, não era só eu quem observava.

— Quero vê-la hoje à noite. É possível?

— Não sei. Aquele apartamento ainda não foi descoberto, mas, toda cautela é pouca.

— Arma um esquema, por favor. — Esse era eu pedinte.

— Faremos o seguinte. Arrumarei um carro e levarei você. Deixaremos seu carro entrar no condomínio depois que tiver saído da casa da Giovanna com um dos homens e outro seguindo como se fosse uma escolta e fosse você e eu.

— Ótimo. Não posso deixar de ir ao jantar com o Pietro essa noite. Depois pegaremos minha flor na faculdade, e iremos para o apartamento. Posso dormir lá?

— De forma alguma ou os que estão de olho em sua casa terão certeza que tem outro lugar para dormir.

— A pessoa que entrar em meu carro poderia dar um jeito de sair a pé do condomínio daí não veriam o carro sair e achariam que estou em casa. De manhã me pega e me leva em casa para que me vista e eu saio no meu carro. A federal não está por lá?

— Não tem ideia de como esta quadrilha age Cairon. Não se arisque.

— Com licença, meritíssimo. – Abri um sorriso ao vê-la entrando em meu gabinete.

— Entre.

— Boa tarde Liara.

— Boa tarde Murilo, tudo bem? – Ela está toda sem jeito.

— Murilo segura as pontas para mim do lado de fora. Ninguém entra e se der algo errado vou trancar a Liara aqui dentro você volta e tira ela em segurança.

— Achei que o tempo do banheiro da escola havia acabado. – Disse sério.

— Engraçadinho. E eu segurei muito suas pontas na

época. — Levantei-me da cadeira, esperando que ele saísse.

— Que vergonha. O Murilo acha que vamos transar aqui.

— Eu também acho. — Puxei-a para perto de mim, segurei seu rosto e comecei a beijar seus lábios. Uma fome surgiu de não sei onde, e eu estava louco de desejo. Empurrei-a até o sofá do gabinete e me deitei sobre ela.

Ela também estava ansiosa passando a mão sobre meu corpo, beijando minha boca e liberando alguns gemidos que me levavam à beira da loucura.

— Não posso demorar a Késsia vai desconfiar.

— Diga que eu estava ocupado por isso demorei a atendê-la.

Liberei um de seus seios da blusa e comecei a sugá-lo. Como era doce. Como estava me viciando em seu corpo. Como pude viver tanto tempo sem esse sabor. Com uma das mãos livres eu tentava desabotoar sua calça.

— Diga a ele que é importante, por favor. — A voz vinha do outro lado da porta.

— Ele está em uma ligação importante. — O Murilo

disse.

— É a doutora. E agora?

— Banheiro. E aguarde lá, até que eu ou o Murilo abramos a porta. Não saia. – Puxei-a pela mão e a beijei novamente. Arrumei minha roupa e coloquei o paletó. Peguei meu celular e fingi estar me despedindo da pessoa.

Abri a porta e fiz sinal para que entrassem. Ela logo se sentou na cadeira que ficava diante da minha. Desliguei o celular e coloquei no bolso.

— Em que posso ajudá-la.?

— Eu. Eu fui convidada para um evento e gostaria de saber. Bom... Ele tem mesmo que ficar aqui conosco? – Apontou para o Murilo e quis rir, imaginando o ódio do Murilo e também da Liara presa no banheiro.

— Posso esperar do lado de fora. – O Murilo fez menção de sair.

— Não Murilo pode ficar. A regra de não me deixar sozinho vale a todos.

— Acha que sou uma criminosa Cairon?

— Não disse isso. Disse que a regra vale a todos.

— Mas a pouco estava sozinho.

— Sim. Por telefone ainda não se mata. E meu segurança estava do lado de fora.

— Mas a que veio mesmo?

— Sim. Então eu fui convidada e como sabe cheguei a pouco na cidade e sou solteira. Como soube que o senhor também foi convidado, pensei que poderíamos nos beneficiar da companhia um do outro. — Isso não iria prestar.

— Entre ser convidado e comparecer mora um homem chamado Murilo. — Olhei para ele que olhou para ela e respondeu.

— Sem chances, doutora. Estamos fazendo turnos entre os seguranças do Cairon e não tenho homens disponíveis para acompanhar o meritíssimo em um evento desse porte. — Ela deu um sorriso sem graça.

— Que pena. Sentiremos sua falta.

— Não sou muito badalador doutora. Então são muito raras minhas aparições em eventos deste cunho. Outro dia foi sorte nos encontrarmos em tal lugar.

— Está tudo bem! Posso... Usar seu banheiro? — Ela só podia estar de brincadeira.

— Está estragado. — O Murilo me salvou. — Estamos usando o da frente. Se desejar, posso ver se há homens no local, antes que a senhora entre.

— Não. Obrigada usarei o do meu gabinete. — Os senhores já estão de saída? Poderemos descer juntos.

— Claro. — Peguei minha maleta e a acompanhei. O Murilo desceu com a gente até determinado ponto.

— Se vossa excelência me permite. Enquanto conversam vou buscar o carro e esperá-lo às portas do fundo. Já que está em companhia segura.

— Vá sim. — Era a deixa para enrolar essa mulher. Ela estava desconfiada ou vira a Liara entrar e não sair. Essa informação nas mãos da pessoa errada poderia me trazer muitos conflitos.

Fiquei perguntando sobre o trabalho dela por uns cinco minutos, como sei que o Murilo é rápido me despedi e fui em direção à porta do fundo. Ao entrar no carro logo quis saber.

— Deu certo?

— Sim. A atendente já está em seu posto sã e salva. — Ele riu e o colocou o carro em movimento.

— Não somos mais adolescentes Cairon. Nós gargalhamos. — Está feliz não é?

— Muito! Vamos. Vamos ver o Pietro.

& Vinte &

Liara,

— CRIATURA ONDE SE METEU? Que demora. — Olhei para os documentos em minha mão sem assinatura. O que se diz nesta hora? Ah esperei o homem desocupar e me esqueci de pegar a assinatura dele? Estava encrencada.

— O Dr. Cairon estava ocupado. E...Eu, esperei.

— E ele não se desocupou. — Viramos para trás e deparamos com a Dr. Ana Luíza. — Também estive lá. Por isso quero que antes que saiam do fórum que se reúnam na sala do café. Junte todas as meninas para mim que trabalham aqui.

— Sim senhora. — Em poucos minutos todas nós estávamos reunidas na sala.

— Bom. Meninas o que eu quero dizer é o seguinte. Quando eu vim para cá me disseram que aqui rola muitas mulheres com homens casados. Recebendo favores de

advogados. E hoje tenho certeza que uma de vocês estava prestando favores a um determinado colega nosso em pleno horário de trabalho. E isso intolerável.

O murmúrio foi geral entre todas que estavam ali. Nós atendentes, a assistente social, arquivista e as advogadas.

— Como assim doutora? Está dizendo que entre nós há uma mulher que mantém relação amorosa com os homens em pleno trabalho? E que é uma de nós aqui? A senhora está nos insultando a todas. — Uma das advogadas disse.

— Não estou insinuando meu bem. Eu estou afirmando que há. E eu vou descobrir e quero a cabeça desta pessoa.

— A senhora, está nos colocando todas em um mesmo patamar. — A advogada enfrentava a Juíza e eu estava atônita. — E que direito a senhora tem sobre nossas vidas e nossas condutas. Somos todos maiores de idade aqui. E se alguma de nós aqui mantém relação com alguém que...

— Que nada. De agora em diante como teremos a

Vara de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, precisamos nos dar ao respeito. Seria você doutora a desavergonhada?

— A senhora amanhã receberá uma intimação deste fórum com minha denúncia por escrito por tamanho abuso contra nós. Olhe para estas meninas cansadas do trabalho ainda tendo que ouvir tanta atrocidade. Olhei as horas querendo não me atrasar para a faculdade. E foi quando veio a pior parte.

— Você tem um compromisso meu amor? Estou te atrasando? Aliás, nem era para vocês – Ela gesticulou para mim e a arquivistas. — Estarem aqui. Podem ir.

— Esperem. Por que elas não podem estar aqui já que a senhora disse que não sabe quem é?

— Meu amor. É simples. Essa mulher deve ser peixe grande. Por que o homem é. E olhe para elas.

— Estou olhando. E aí? – Advogada estava muito brava.

— Elas são. – Ela ficava se contorcendo como se estivesse jeito de dizer. — Elas são moreninhas.

— Como? Moreninha? Negra a senhora quis dizer?

— É. São negras. E homens como os nossos não...

Ah me desculpe queridas. Não queria dizer isso.

— O que? A senhora está brincando ou só pode estar louca. — Eu aguentei muito tempo calada. Uma mulher com o grau de estudo e instrução que tinha essa fulana. Não conhecer os direitos humanos? — A senhora está nos dispensando porque somos negras? Tem consciência que poderemos lhe processar?

— Não. Não pense que sou preconceituosa. Mas analise comigo. Um juiz do porte dos que temos aqui com tantas mulheres em volta.

— Eu vou sair por que realmente não sou a mulher que a senhora procura. Mas não pelo fato de ser negra e sim pelo fato de não ter que lhe dar satisfação de minha vida. E como disse a doutora Josy. Amanhã faremos valer nossos direitos e a senhora aprenderá a lidar com pessoas.

A Josy advogada que até então mantinha um bate boca com a Juíza entrou no meio.

— A senhora pode pedir transferência por que depois deste ato de preconceito com nossas colegas de

trabalho não permanecerá trabalho aqui. Como uma mulher pode defender outras mulheres se faz distinção entre pessoas, por suas cores? Por que, nem vou dizer que é por raça, nem etnia. Aguarde-me. — Antes de sair ela virou-se para mim. — E aí de você se não derem queixa amanhã e não pedirem meu depoimento. Ela pegou a bolsa e saiu. Fiz a mesma coisa. Mas fui detida pela Juíza.

— Não quero que leve a mal. Você me entende?

— Não eu não entendo a senhora. E nem quero entender. Amanhã veremos o deve ser feito. — Mas ela me deteve novamente.

- Essa bolsa... — Puxei a bolsa das mãos dela, antes que ela constatasse que era original.

Sai da sala e fui seguida pela Késsia que havia ficado em silêncio e pelas outras meninas que demonstravam todas estarem revoltadas.

— Precisamos relatar isso aos Juízes. E ao doutor Breno.

— Amanhã a gente vê direito, preciso ir, estou atrasada para a faculdade. — Corri até o ponto de ônibus e segui meu destino. Eu não fiquei muito chateada com a

perseguição da Juíza até por que assim eu ficava fora da investigação e poderia amar meu Juiz. Tranquila.

Mas optei por não dizer nada a ele já que tinha mencionado sobre ter ciúmes e ele poderia achar que eu havia agarrado um ódiozinho da mulher. Vamos ver no dia seguinte o que faríamos contra ela. Se é que se pode acusar uma autoridade desse porte.

& Vinte e Um&

Cairon,

O TRAJETO FEITO PELO Murilo até a casa da Giovanna foi totalmente diferente do que eu tinha feito recentemente. Não quis falar nada, uma vez que sabia dos perigos de se percorrer um mesmo caminho todos os dias.

— Papai. Estava com saudades de você. – Como eu tinha saudades dessa acolhida ao chegar do trabalho. A mente não se acostuma facilmente. E até mesmo o pulo que dava em meus braços, mesmo não sendo mais um bebê, me fazia falta.

— Eu também filho! - Abracei-o.

— Mamãe disse que posso ir para casa no fim de

semana. Só nós dois. – Ele ainda se referia ao nosso apartamento como sua casa.

Por essa eu não esperava. Amo o Pietro. Porém ficarei em dívida com a Liara. Até imagino quanta coisa a mãe dela falará. Mas eu também sentirei por não estar com ela. Acho que a Giovanna viu meu semblante.

— Filho talvez o papai não possa ficar com você todo final de semana. Que tal se passassem o sábado juntos e no domingo pudéssemos tomar café em um lugar lindo e ir ao parque?

— O que acha papai? – Ele queria dizer sim, porém, antes de responder, quis saber minha opinião.

— Assim acho que será bom filho. A semana está sendo cansativa e seria bom o papai ter um tempo para descansar.

— Combinado então. Agora venha ver o que ganhei. – O Pietro não era um menino de grandes ambições, seja o que fosse que ganhava, ficava eufórico. Ele foi à frente saltitando e eu o acompanhei. Não queria ter essa liberdade dentro da casa da Giovanna que agora tinha alguém em sua vida. O Pietro precisaria entender que em

breve, essas visitas se tornariam raras, e minha presença ali, seria mais o mais formal possível.

— Cairon. Preciso contar ao Pietro. Poderia ser no sábado? Ou no domingo de manhã.

— Acredita mesmo que está na hora? – Ela não estava tentando esconder mais do filho, mas abaixei o tom de minha voz, tentando resguardá-lo da curiosidade.

- Está passando da hora. Em breve minha barriga vai aparecer. Queria viver uma gravidez com o pai do meu filho do lado!

Eu entendi o que ela queria dizer. Estive ao seu lado na gravidez, mas eu não era o pai biológico.

— Pode ser!

Brinquei com o videogame do Pietro e conversamos. Ele me contou sobre o colégio e dos novos amiguinhos que agora são de sua sala. Contou sobre o João e a conversa que tiveram sobre morarem em duas casas diferentes. Meu filho parecia ter crescido dez anos. Eu era orgulhoso dele em tudo que fazia. Deu-me uma tristeza enorme de pensar que ao contrário do que penso o Pietro poderia ficar feliz em saber que tem outro pai.

Depois do jantar li para ele uma história de um livro novo e ficamos conversando até que ele rendeu-se ao sono. Sai de lá e fiquei esperando ao portão da faculdade no carro do Murilo.

Assim que ela saiu notei que não devia ter ido do trabalho para casa, usava a mesma roupa, a qual eu tinha começado a despi-la mais cedo. também eu ainda não tinha ido para casa, caso contrário, há essa hora estaria deitado.

O Murilo deu sinal de luz e ela entendeu. Abri a porta de traz e ela entrou sorridente. Pulou em meu pescoço e me beijou.

— Hei... Estou aqui.

— Desculpe Murilo. — Tirou o excesso de batom que por certo havia ficado em meus lábios.

— Esperem só chegar a casa. — Ele tinha razão. Nunca tinha presenciado um comportamento assim vindo de minha parte.

— Veio só me ver? Não vai ficar comigo? — Parecia ansiosa e ao mesmo tempo tensa. Estava diferente.

— Claro que vou. Estava com saudades de você. —

Ela sentou-se pertinho de mim e aconchegou-se em meus braços.

Ele fez o que havia dito. Entramos na garagem do prédio e ficamos no carro por dois minutos até que ele checasse com seus homens que o perímetro estava seguro.

Até mesmo a segurança do lugar, havia sido duplicada, claro que por agentes à paisana.

Depois nos liberou para subir, confirmando me pegar no dia seguinte, por volta de oito e meia da manhã. Eu que dormia geralmente até as nove. Teria que acordar um tanto mais cedo. Mas vai valer a pena.

Entrando no apartamento ela foi ver se a mãe dormia eu fui para o quarto. Passei na cozinha e peguei uma taça de vinho e fui até meu antigo escritório e me sentei dando o tempo que ela precisava para cuidar da mãe.

— Toc, toc. Posso entrar?

— Claro.

— Morrendo de saudades!

— Não parece.

— Por que estávamos com o Murilo. — Ela sentou-

se sobre a mesa e eu me ajeitei na cadeira, passando a mão em seu rosto, contornando seus lábios. Era perfeita!

— Queria ver o quanto você está com saudades. — Ela não esperou que eu pedisse nada, virou-se na mesa, apoiando suas pernas em cada braço da cadeira. — Um calafrio percorreu meu corpo. — Não faça isso comigo.

— Não queria que eu te mostrasse? — Debruçou-se sobre mim e mordeu meus lábios, depois tirou a blusa, jogando a peça sobre mim. Tentei tocá-la, mas não deixou. — Seu sorriso era esplêndido.

— Isso pode te custar caro. — Ameacei.

— Pago para ver. — Tirou o sutiã e começou a acariciar o seio olhando para mim. Meu membro se contorcia, crescendo dentro da calça pedindo permissão para sair. Enquanto ela se deitava sobre a mesa e tirava a calça com toda paciência. Atingendo-me e envolvendo-me em seu jogo de sedução.

— Pelo amor de Deus. — Tomei o resto do vinho que tinha na taça, e quase engasguei com líquido que só serviu para inflamar a centelha que estava acesa em mim.

— Gostando?

— Delirando.

— Então vem... Me come aqui. – Deitou-se à beira da mesa e apoiou as costas sobre o vidro, sem se importar que o lugar estivesse frio. Eu sorri ao ouvir as palavras vindas de sua boca. A gente leva tanto tempo ensaiando palavras, como: "quero fazer amor com você... Entre outras" e ela só quer que eu a devore sobre a mesa. — Sou toda sua.

— Só se for agora. - Peguei minha carteira e retirei o preservativo, que agora eram constantes ali. Abaixei minha calça, mas não tirei toda. Passei as mãos sobre seu corpo. Todo durinho. Seio, barriga. — Muito gostosa.

— Quer me dar alguma sentença a ser cumprida meritíssimo?

— Além de estar disponível para mim sempre quando eu te quiser?

— Eu estarei. Já estou.

— Olha que estou te querendo muito. E quero também que façamos uma coisa por nós. – Tinha pensando sobre o assunto durante o dia todo, quando eu ansiei por

esse momento. Estar dentro dela novamente e saciar todo o meu desejo.

— Diga o que é. — Conversávamos enquanto e rebojava e se insinuava sobre a mesa.

— Quero que façamos os exames pré-nupciais.

- Vamos nos casar? — Ficou estática me fazendo parar de movimentar dentro dela. Senti que até mesmo sua intimidade apertava meu membro dentro de si.

- Ainda não. Mas não quero ter que ficar usando preservativos com você. Quero que sinta segurança comigo, assim como preciso estar seguro. — Passei o rosto em seu rosto. - Estou louco para poder me derramar dentro de você. Usa anticonceptivo?

— Não uso, mas posso usar.

— Por enquanto só. Agora vem... — Invadi-a sem avisar. Eu tinha fome e sede ao mesmo tempo. Estava afoito e queria me saciar. Eu entrava e saía e a via se entregando para mim completamente, mas muito mais que saciar meus desejos, queria vê-la satisfeita. Gritando meu nome. Saber que eu era o homem que estava em sua cabeça, em seus pensamentos, e também em seu corpo.

— Hum. — Gemi assim que ela colocou meu membro todo para dentro de si. — Quer me matar de tesão?

— Quero te dar prazer.

Dar-me prazer? Era uma coisa sem explicação o que acontecia comigo quando estava com ela. Nossos corpos estavam colados um ao outro, e eu a mantinha presa, até que começou a se movimentar em um ritmo louco. Não era mais uma transa qualquer. Era um ato de entrega e naquele momento eu não queria pensar em ninguém. Só nós dois nos bastávamos.

— Quero que seja só minha. — Não queria que ficasse dúvidas entre nós e assim, o Heitor poderia entender que não havia lugar para ele entre nós.

— Não precisa pedir porque sou sua de mais ninguém! — Eu poderia perguntar sobre o assessor do fórum, mas agora não era o momento.

— Então vira. — Ela se virou e me deu uma visão maravilhosa e a oportunidade de me aprofundar ainda mais dentro dela, emanando um calor por todo meu corpo. Enquanto mantinha meu ritmo como meu membro,

massageava seu clitóris para que ela tivesse metade das sensações que tomavam conta do meu corpo.

— Cairon.

— Gosto de te ouvir me chamando.

— Queria te chamar sempre que meu corpo sentisse necessidade do seu. — Ela gemeu novamente. - Mas agora... — Ela não disse, mas eu sabia que se estivesse sentindo o mesmo que eu, não tardaria a explodir. O que me deixou extremamente feliz.

Minutos depois ela estava deitada em meu peito na cama onde nos amamos mais uma vez.

Ainda ofegava, mas queria que soubesse que tudo o que dizia respeito a ela, estava se tornando importante para mim.

—E como foi à faculdade?

— Quase cheguei atrasada hoje.

— Precisa tirar carteira de motorista. Perdeu o Ônibus?

— Perdi o primeiro por causa da tal reunião da maluca da Ana Luíza.

— Reunião? Não tem um dia marcado.

- Foi uma reunião extra.

- É confidencial ou posso saber o que ela queria?

— Descobrir qual das mulheres está transando com o Juiz gostos que ela está a fim de dar pra ele. – Sorri achando que fosse brincadeira. Na verdade eu gargalhei, não só pela forma que ela falava brava como também pela constatação que havia acabado de fazer.

— Fala sério.

— Te juro. E amanhã vai ser um Deus nos acuda naquele lugar. A Josy está P. da vida.

- Devem ser os juízes do fórum, os quais ela está de olho.

- Não. Deixou bem claro que não são os de lá.

— Ela demonstrou que sabe de nós? – Puxei-a aconchegando-a mais a mim.

— Não. Ela acha que eu nem precisava estar na reunião.

— Então está segura ela confia em você.

— Se engana. Acha que por que sou negra. Eu e a garota do faxina. E que não deveríamos nem ao menos estar presente na reunião.

Meu coração gelou neste momento só podia ser brincadeira. Como podia ter gente com essa filosofia nos dias de hoje? Fiquei de pé e agora não era a só a Josy, como ela havia me dito, que estava P. da vida, era eu. Estava possesso. Se aquilo fosse verdade a Juíza tinha encontrado outra pessoa irritada.

— Não faz isso Liara. Está equivocada. Só pode.

— Tenho oito testemunhas. — Ela parecia não ligar para o que acabava de me dizer. — Mas o estranho é que... A gente não soube se é uma investigação oficial ou algo parecido. Se é por conta dela.

Aquilo foi à gota d'água. para mim. Peguei meu celular e pedi ao Murilo uma ficha completa sobre a Juíza. Não era só pelo que acabava de fazer com a Liara. Mas se estava sofrendo ameaças, e agora sabendo que alguém investigaria sobre minha vida, algumas peças começavam a se encaixar em minha cabeça.

— Se desconfia de algo, pode ter certeza que descobriremos.

— Murilo, eu não sei por que, mas a mulher parece estar me seguindo, me cercando, e agora quer saber até

com quem durmo? Isso não é normal. Mesmo que estivesse realmente a fim de mim.

— Pode ser que esteja certo. — Ele concordou. Olhei minha linda e ela parecia assustada a me ver exaltado. Fui até ela e segurei sua mão. Mas continuei falando com o Murilo.

— Me dê um relatório desde quando essa mulher nasceu. Com que viveu. Seus pais e amigos. Antigos namorados. O que puder encontrar. Amanhã quero deixar claro para ela que antes de ser juiz eu fui advogado e promotor. Não caio em armadilhas de amadores.

— Também acho que pode ter algo escondido aí.

— Sim Murilo. Claro que tem. Ela acha que está lidando com moleques?

- Ela sabe com quem está mexendo Cairon. Ela também é entendida.

— Só que ele vai saber, que quando entrou na faculdade eu já estava sentando em uma cadeira como Juiz.

& Vinte e dois &

Cairon

EU ESTAVA EM MEU gabinete com o relatório que o Murilo trouxe nas mãos. Observava atentamente os escritos como fazia com os casos em meu tempo de advogado. Alguma coisa estava errada por ali. E na certa descobriria, a paciência é uma de minhas principais características.

— Leu? — Com certeza ele também teria lido.

— Eu não acredito muito em pessoas tão perfeitas assim Murilo. Aí está o erro. Coloca alguém de sua confiança atrás dela. Vamos devolver na mesma moeda da Juíza. Vasculhe a vida dela, vamos ver se ela gosta. — Ele gargalhou.

- Sabe que mulher não gosta nem que descubramos sua idade. Ainda mais, mulheres como a doutora. Percebi que ela está tomando espaço. Fazendo alianças. Sendo gentil com muita gente.

— E hipócrita com outras. Racista.

— Não tome essa briga para si. Julgue como colega

de trabalho, mas não entre nessa. Deixe-a dar mais corda para que possamos pegá-la. Sua briga com ela tem que ser por coisa grande.

— Acha que Racismo não é importante? É crime. Só faltava ser ameaçado por tantos criminosos e de repente morrer pelas mãos de uma mulher.

— Nunca teve medo da morte.

— Agora eu tenho. Tenho o Pietro. A Li.

— O Pietro não será mais sua responsabilidade a partir da semana que vem. Agora a Li... Não cara. Para com isso. Pelo amor de Deus. Um homem da sua idade chamando a menina de Li. Daqui a pouco ela vai te chamar de ursinho e você responderá. — Sempre que falamos sobre ela é como se o tudo mais não existisse. Todas as dores, as brutalidades. Tenho vontade de sorrir.

— Quanto ao Pietro não tem como ele deixar de ser minha responsabilidade mesmo que não esteja em meu nome. Temos uma história juntos. Responsabilidade para mim é mais um ato de amor, do que obrigação. E isso não se apaga do dia para o outro. Agora. Quanto a Liara. Dependendo onde estivermos claro que responderei. —

Tentei sorrir. Desde a noite estava muito estressado com o que fiquei sabendo da Juíza, mas agora ouvindo o Murilo entendo que realmente preciso ser cauteloso e não agir com a emoção.

— O mau destas pessoas que armam Cairon é que elas acham que por entregar o currículo perfeito ninguém vai procurar por falta de vírgulas e acentuação.

— Mas nós iremos. E traremos a público. Nunca gostei que vasculhassem minha vida por que não tenho nada a esconder. E não gosto que mulher alguma me persiga, ainda sou dos tempos antigos quando os homens perseguiam as mulheres. – Estava esperando a resposta do Murilo quando minha assistente me lembrou de que eu tinha uma reunião no CNJ.

Como tudo era muito centralizado na Rua dos poderes, tomei os documentos separados em mãos e caminhei até lá. Depois de tudo resolvido, comecei a caminhar de volta com o Murilo, conversando pacientemente enquanto pensava o que seria mais fácil fazer... Almoçar agora ou resolver um assunto com o Breno? Meu assunto com ele era referente à doutora. Ele

tinha que saber o que estava ocorrendo por ali.

Mas ao passar diante da corregedoria, uma garota praticamente tropeçou em mim, alertando não só o Murilo, como aos agentes da federal que vinham logo atrás.

— Desculpe-me meritíssimo. Sinto muito eu não quis... — A moça parecia sem jeito por ter trombado em mim.

- Tudo bem. — O rosto dela me era muito familiar, mas eu não iria perguntar. Mas quando ela cumprimentou o Murilo pelo nome ele disse “Josy”, lógico que me lembrei da Liara dizer que ela faria uma denúncia. E deve ter escolhido lógico, a corregedoria para começar. Claro que se fosse à mesma Josy do fórum. — Josy? É você que trabalha com o Breno, não é? Seu rosto não me é estranho.

Ela estava me olhando, mas não dizia nada. O Murilo que brincou.

- Isso mesmo Cairon. Ela trabalha lá no Fórum. — Enfatizou a palavra como se eu estivesse pensando na colega de trabalho.

- Nunca imaginei que o senhor fosse lembrar-se do meu rosto e muito menos associar meu rosto ao meu nome.

– Não, porque ela não sabia o quanto a colega de trabalho havia falado sobre ela e sua bravura.

Eu precisava saber se a denúncia havia sido feita, mas ao mesmo tempo tinha que ser muito discreto.

- E o Breno como vai? – Com um pouco de paciência eu descobriria. – Ela respondeu solícita, e esbanjando simpatia. Perguntei se estava indo em direção ao fórum e caminhamos juntos.

- Achei que estivesse vindo até a corregedoria, algum problema? – Minha pergunta não era estranha. Uma vez que a corregedoria estava ali para na orientação, coordenação e execução de políticas públicas voltadas à atividade correcional e ao bom desempenho da atividade judiciária dos tribunais e juízos do País.

— Me desculpe Meritíssimo! – Começou com desculpas por estar agindo contra um magistrado, mas acabou irritada e quase dando um soco em alguém que estivesse mais perto. – Eu não queria me exaltar, mas... Parece que o ser humano não entende que somos todos iguais. – O Relato dela, havia sido praticamente o mesmo da Liara, a diferença, era que uma contava na primeira e a

outra na terceira pessoa.

Ao consultar o relógio, lembrou-se que antes do almoço teriam uma reunião e se apressou. Segui seus passos, indo direto ao fórum, com a velha desculpa de falar com o amigo Breno. E não foi surpresa, a Liara havia me deixado a par que naquele dia tudo seria muito agitado.

Para minha satisfação, antes de chegar ao Breno fui barrado pela doutora Ana Luíza. que insistiu que eu ouvisse o descabimento a armadilha que estavam armando para ela. Então... Eu tinha de alguma forma sido convidado para a reunião, mesmo que o interesse da Juíza fosse ter alguém de nome em seu favor.

— Eu queria participar desta reunião. Briga de mulher na rua já é boa. Imagina briga de mulher inteligente dentro de um fórum. — Parecia engraçado aos olhos do Murilo, mas para mim, não. Eu conhecia por vários lugares que passei até voltar a minha cidade natal, vários magistrados que se colocavam no lugar de Deus. Minha mãe vivia dizendo que orava para que eu não me tornasse assim, e seguisse os passos de meu pai. Presenciei com

meus próprios olhos, situações como... Colegas que usavam seus estagiários para comprar desde cigarro a presentes para suas amantes.

A Juíza praticamente me arrastou para a sala, sem mesmo querer ouvir minhas desculpas. Ela deu sorte, porque hoje eu queria vivenciar esse momento.

Quando entramos na sala deu a entender que o fórum estava fechado. Todas as mulheres estavam lá, assim como o Breno, os Juizes do local e a doutora Ana Luíza.

Quando me viram ficaram assustados, mas logo foram acalmados pela Juíza que achava que me ter ali, era um apoio à sua pessoa.

— Bom. Essa reunião tem o intuito de comunicar ao fórum de forma geral o que se passou ontem e a decisão que tomamos. — A Josy começou depois que nos acomodamos todos. E foi interrompida pela Ana Luíza.

— Antes colega eu gostaria de dizer duas palavras. — Ela se levantou.

— A colega vai nos desculpar, mas essa reunião não é para que a senhora se defenda. Sua defesa deve ser feita diante da corregedoria, ou do Conselho, porque nós

fizemos realmente a denúncia que eu citei ontem.

— Os senhores estão vendo isso? Estão ouvindo. — A mulher era muito boa atriz e não se chocava com nada. Eu chamei o doutor Cairon, porque ele é testemunha de que, isso poderia ser resolvido entre nós, e vocês não estão me dando essa opção. — Disso eu tinha certeza. Ela me queria ali para testemunhar algo, que ela faria e ninguém do fórum ficaria ao seu lado.

— A senhora se engana. Ontem entre os vários delitos que a senhora cometeu ao marcar uma reunião sem comunicar aos outros magistrados, dois deles nos trouxe aqui. Um foi à difamação e calúnia e o outro racismo contra colegas de trabalho. — Eu ouvia tudo e estava gostando do rumo da conversa. Ouve um murmúrio geral.

— Alôoou, pessoas. Eu só estava...

— A senhora estava cheia de si. Falando com as funcionárias de um local público, em sua maioria, concursadas como se fala com rameiras. Aqui não há regas de conduta pessoal, mas há pessoas de caráter e valores.

— Vocês não entenderam. — Até a fala da Juíza era

mansa diante de todos os olhares.

— Entendemos sim.

— A duas colegas poderiam nos colocar a par da situação em vez de ficarem conversando entre si. — Dr. Diogo interrompeu a discussão. das duas. Ele é Juiz trabalhista. — Eu ainda não entendi o que houve.

— Desculpe meritíssimo. — A Josy continuou. — E pela terceira vez eu ouvia o relato do ocorrido. Reunião marcada sem o conhecimento do Breno que é o administrador da casa. Ofensa da parte da Juíza contra todas as funcionárias com acusações infundadas, até chegar ao ato de racismo cometido contra duas funcionárias. Evitei olhar para a Liara, mas sabia que ela estava temerosa por tudo aquilo.

- A meritíssima estava furiosa por que alguém estava transando com os colegas de trabalho em pleno horário de funcionamento do fórum.

— Cruzes. — Quando o Walter brincou, a Josy só então parecia ter caído à ficha.

- Tudo bem que ela disse que não era nenhum dos nossos, o que nos leva a imaginar que poderia ser... — Meu

coração disparou nesse momento, a garota era muito esperta, e acabava de juntar as peças em sua mente. E a Juíza ter me levado até ali, só piorou a situação dela. Agora a Josy tinha certeza que a ofensa da Juíza era por alguém estar saindo comigo. Lógico que ela pensaria assim. Segundo a Liara, os boatos existiam sobre o interesse dela sobre mim, e agora a bronca sobre alguém do fórum estar dormindo com um Juiz federal.

Quando se viu tão exposta, e acreditando que a assessora que agora olhava fixo para mim, diria meu nome, ela interrompeu o raciocínio dela.

— Não foi bem assim. Eu disse que, - A juíza tentou interromper novamente, mas foi detida. - O embate, como havia previsto o Murilo, estava sendo bom.

— Claro que foi. Eu anotei tudo quando cheguei a casa. - Ela pegou algumas anotações que estavam em sua pasta. E começou a ler em voz alta. — A senhora disse: deixa recordá-la de suas palavras. - E ela não mediu esforços para reproduzir tudo o que a mulher tinha dito e eu guardava em minha mente o que era importante para mim. “Veio para o fórum, informada de que as mulheres

tinham casos com homens casados, no caso os juizes.” “Que alguém estava prestando favores a um determinado colega nosso em pleno horário de trabalho” E por fim, segundo a assessora, a mulher teria jurado que iria descobrir. E a pergunta agora girava em minha mente... Por que tanto interesse? – Não foi isso meninas? – Eu guardei só alguns detalhes, mas que eram de extrema importância.

— Foi. Foi sim. – Todas concordavam com a assessora.

— Eu acho que devia ter contratado um advogado, já que está me condenando antes de me darem a chance de me defender.

— Como a senhora fez conosco ontem. E não bastando senhores, ela dispensou nossas colegas negras por que elas não teriam chance com um homem deste “nível” por serem negras. – Que diabos, todos olham e veem a cor da pessoa primeiro, antes de ver seu caráter? O Murilo tinha mencionado que era uma negra linda, a mãe desencorajando-a por ser negra e agora essa mulher queria estipular que brancos devem dormir com brancos

ou que ricos ficam só com ricos? Eu era de fato um antiquado como dizia a Giovanna. Estava vivendo fora da realidade.

— Eu sempre gostei de mulheres negras. — Todos riram diante da fala do Walter. Ele é o mais velho ali, e muito respeitado por todos, porém muito brincalhão fora do trabalho. Tivemos várias oportunidades de nos sentarmos e conversamos sobre diversos assuntos, hoje não temos tanto tempo livres mais.

— Walter não se comprometa. — O Breno brincou com ele. — Está se denunciando.

— A não. Sem perigo. Se tiver uma amante aqui no fórum e mantiver uma relação durante o expediente no mínimo terei que dormir por aqui. — Até eu ri neste momento. — Deixo isso para os mais jovens. Eu diria que como a colega disse que não são os homens deste lugar, que talvez o colega Cairon. Jovem, separado recentemente e que não deveria estar perdendo seu tempo preciosa com fofocas de fórum, nem brigas de mulheres, se está aqui é porque tem algo haver com a história.. — Todos me olharam, mas ele gargalhou. — Brincadeira Cairon, todos

que te conhecem sabem de sua conduta exemplar. — Eu não tinha palavras para ele, então sorri. Poderia ter confirmado ali diante dele minha relação com a atendente e deixar de boca aberta a maioria das mulheres da sala, mas não era propício, uma vez que não sabia das intenções da Juíza. E eis que ela mesma entrou em minha defesa.

- Senhores mais uma vez peço desculpas por ter inserido o Juiz federal nessa loucura, mas é que não conheço ninguém na cidade e precisava de um apoio moral. — Então me senti no direito de dar meu parecer e sair do lugar sem mais delongas.

— Eu tenho apreço pelos colegas de trabalho e minha passagem por aqui é para um pequeno bate-papo com o amigo Breno. Mas a par da situação e como convidado pela doutora Ana Luíza., eu me sinto no direito de opinar sobre o episódio, mesmo não estando dentro de meu local de trabalho. — Os juízes consentiram e eu fui claro e curto. Meu parecer é o que a Dr. Ana Luíza. provavelmente ainda não entendeu como nos tratamos por aqui. Com respeito e amizade. Nesta rua, onde está

situado os prédios dos podres, todos nós somos servidores do poder Judiciário, em cargos diferentes, porque o corpo não pode ser constituído só de braços ou de pernas. Então acredito que o Breno e os senhores e as damas presentes, hão de convir comigo que, para que nosso local de trabalho funcione é necessário que cada um desempenhe seu trabalho, e seja respeitado por ele, porque um dá suporte ao outro. Imagina se a senhora do café não nos mantivesse alertos, ou saciados, como seria nosso dia. Imaginem se a moça da limpeza não fizesse sua parte, se teríamos condições de trabalhar? Por onde passo aqui na rua em todos os prédios, ou por quem passo em minha vida, não tenho o habito de me ver como superior, mas como parte da engrenagem.

- Cairon se me permite... – A Juíza até quis me interromper, mas pedi que só esperasse eu concluir meu raciocínio. E falei direto com ela, quando ela pensava que eu a defenderia.

- Sobre a vida de seus colegas meritíssima, duvido que tenha vindo para cá nomeada a tomar conta de cada uma delas. Conheço a cada um desses homens aqui e não

sinto que eles precisem de mais pessoas cuidando de suas vidas além deles próprios. Quanto a mim, como brincava o Walter, irei odiar saber que estão tomando conta da minha, ganhei essa liberdade de cuidar de mim, aos dezessete anos. Talvez fosse hora da senhora se retratar com as colegas tendo visto que se não me engando a senhora assumiu a Vara de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher e não da vida alheia. – Ouvi alguns risinhos, mas não dei importância.

- Faço minhas, as suas palavras doutor. – Foram poucas as vezes que o Breno havia dito algo, mas logo me deu seu apoio.

— Sobre o ocorrido Josy. – Me virei até a assessora. – Tenho certeza que sobre a orientação do Breno e de seus colegas, saberá o que deve ser feito para ajudar em sua denúncia.

— Isso meritíssimo, eu estava vindo da corregedoria, e o doutor Breno tinha essa ciência de onde eu tinha ido, e também fui orientada a comparecer no CNJ. Eu só queria que todos ficassem sabendo do por que estamos tomando essa atitude.

— Eu posso falar? — A mulher quase gritou dessa vez e quis insinuar que havia me convidado para ajudá-la. não par crucificá-la diante daquela gente. — E no mais... Gente não foi um ato de racismo. É minha opinião. Tantos Gays por aí e muita gente não aceita. E ninguém fala nada. A Igreja, por exemplo, é até contra e homossexualidade ninguém processa a igreja.

— Meritíssima está se enrolando em suas próprias palavras ao afirmar que sua opinião é que as negras são inferiores. — O Breno alertou-a. — Não sei se percebeu temos muitas testemunhas hoje.

— Me desculpem é o que penso. Não foi preconceito, nem racismo, mas se querem entender assim. — A pose da mulher era insuportável. Olhei para a Liara e ela parecia tranquila, foi a primeira vez que nosso olhar havia se cruzado durante toda reunião. Talvez se tivesse ficado olhando para ela, sairia dali deixando a certeza de que estava encantado por ela.

— A senhora tem noção do que acabou de fazer? Se não fosse seu diploma. Sairia daqui agora presa. — Ameaças de juízes? Eu interferiria se estivesse em meu

local de trabalho, mas aqui, só eles podem agir. Mas o Walter tomou partido na situação, falando justamente o que eualaria.

— Ninguém pode prender alguém por ter uma opinião.

— Claro que não. Pode-se prender por esta pessoa expressar sua opinião em voz alta, ferindo o direito, a dignidade e integralidade de uma pessoa, ou raça. Poderia ter ficado com sua opinião para si. Josy, mas alguma coisa ou podemos dar por encerrado esse momento?

— Mais nada meritíssimo. Obrigada a todos por virem. – Antes de sair da sala me aproximei da assessora e pedi que quando pudesse passasse em meu gabinete.

Mesmo parecendo temerosa ela aquiesceu e sorriu depois de segundos.

- Cairon... Fica para um café? – Olhei no relógio e me assustei.

- Outra hora com certeza. – Combinei com o Breno de recebê-lo ainda essa semana ou eu mesmo viria para a conversa de hoje, mesmo sabendo que ela havia sido somente uma desculpa banal.

Assim que saí o Murilo praticamente assaltou com suas perguntas.

— E aí me conta tudo.

— A curiosidade matou o gato Murilo. Mas foi melhor do que pensei. Isso garantirá a primeira manchinha no currículo perfeito da mulher.

— E ela? Chorou. Desmentiu?

— Nada. Manteve-se em sua postura. E até chegou a confirmar diante de todos, algumas das palavras de acusação da assessora.

— E você? Ficou na sua não foi?

— Minha vontade era de falar umas palavras a ela. Mas pensei no que disse e decidi deixar à assessora e os chefes da casa, desempenharem meu papel. Como você disse até então é uma briga de mulheres. Mas ela não enganou a ninguém.

— Pode ser que ela esteja vigiando você a pedido de alguém. Vamos ter que redobrar nossa atenção.

— Murilo. Converse com as pessoas da comarca de onde ela veio. Como quem não quer nada, e sonde o comportamento dela. As amizades. Essas coisas que não

estão no relatório. Se tiver como converse com a família. Eu mesmo faria isso, mas eles poderiam me entregar se me reconhecessem.

— Farei isso. Deixarei dois dos meus homens mais experiente com você no fim de semana. Pretende dormir em casa ou no apartamento?

— Ainda não sei. Vai depender da Li. – Sorri para ele.

— Eu não chamo minha namorada pela metade do nome cara, me ajuda vai.

— Problema seu. – Ele sorri e sai.

& Vinte e três &

Liara.

— EU JURO MENINAS NEM DORMI DIREITO. Depois que sai daqui fiquei muito triste com tudo, ao mesmo tempo irritada. Agora fico boba de ver sua calma Liara. – Enquanto a Josy falava e observa seus gesto e formas, pareciam ensaiados. Será que se aprende isso na faculdade?

— Não adianta eu esbravejar sou mera funcionária

contratada, como brincam... A escória do fórum. — Era verdade. As brincadeiras pareciam de mau gosto, mas havia muitas. Entre contratados, estagiários e os concursados, havia um abismo de regalias. — Você é diferente, é uma assessora.

— Se engana Liara. Seja até desempregada, uma sem-teto, — meu coração se acelerou quando ela mencionou a palavra “sem teto”. Alguém sabia de algo sobre mim? - Se alguém te ofende tem direito de ser ressarcida. Que seja com um pedido de desculpas.

- Mas eu pensei que sendo Juíza...

— Ela também pensa. Aliás, não se espante se encontrá-los ao monte por aí, são muitos os magistrados que se intitulam Deuses. Tudo podem! Mas esse pensamento errôneo começa pela gente. Juízes também perdem seus cargos, podem ser presos. São pessoas, que se cometerem delito, têm que pagar por eles. Agora o mal da sociedade é isso. Pensar que há pessoas intocáveis. E pior ainda, são os que pensam que são intocáveis.

— Bom saber!

— Posso dar andamento no processo?

— Se achar que vai dar em alguma coisa.

— Claro que vai. Advinha de onde venho? – Eu não fazia ideia, e brincar de adivinhar há essa hora, era no mínimo cruel. - Estou vindo do TRF, direto do gabinete do homem. – Ela se referia ao Cairon, com certeza. - Só Jesus na causa, nunca pensei estar sentada diante a ele, falando como se conversasse com um amigo de infância. – Ela levou a mão à testa e brincou. – E aqueles olhos... - Não gosto mais dela pensei comigo. Brincadeira.

— O Dr. Cairon?

— Claro. Pediu que eu fosse lá, me perguntou com calma vários detalhes e me incentivou para seguir em frente. Ele é muito justo, muito consciente e eu sabia que não iria ficar do lado da juíza neste momento. Até porque, em determinado momento eu tive quase certeza de que a doutora se referia a ele, ao federal, Mas pensei... Se ele estivesse a fim dela, - hum? O Cairon a fim da megera? - Que não é o caso. Ele a teria defendido. Se não o fez, – Ela se calou.

— Hum...?

— Deixa.

— Agora fala, odeio quando começam e não terminam.

— Ele não a defendeu, o que quer dizer, que ele não está, mas pode ser que ela esteja. Mas, se ela estiver procurando mulher que esteja saindo com ele, aqui dentro, está perdendo tempo. Ela devia procurar no TRJ. Acha que aqui teríamos contato o suficiente com o homem? Acha que ele olharia para uma de nós? O que eu sempre vejo são boatos deles, com suas assistentes, assessoras. Não especificamente ele, mas em geral. Acho que ela está procurando no lugar errado. E mesmo que estivesse saindo com alguém. Ele agora está solteiro, isso só confirma os boatos, a mulher está sim interessada nele. E provavelmente está jogando verde para colher maduro.

— Mas... — Me arrisquei a interrompê-la. - E agora que ele está solteiro. Não poderia estar saindo com alguém?

— Provavelmente vai ser namoro sério quando isso acontecer. Ele é muito centrado. Nenhum escândalo ou associação com algo ilícito. Mas só saberemos quando a sortuda aparecer. — Ela suspirou. — Eu abriria mão de

muita coisa para estar nesta posição.

— Gosta dele? – Perguntei sem pensar.

— Não é gostar... Gostar. Qual de nós nunca teve um sonho erótico com alguém? E o meu é com ele. Não gosto nem de pensar se ele me ouve falar isso.

— É melhor deixarmos ele de lado mesmo. – Concordei.

— Deixar quem de lado? – A Késsia saí de trás de nós, quase me derrubando do banco.

— Késsia quer nos matar do coração? De onde apareceu?

— Se não me engano, esse é meu local de trabalho. – Brincou com a Josy, não é o seu. Por que está aqui na recepção?

— Só vim conversar com a Liara. Preciso abrir o processo contra a doutora demônia. - Nós rimos muito da comparação da Josy.

— E por falar nisso, ou melhor, mudando totalmente de assunto. Sábado é meu aniversário. Não ia comemorar, mas a gente podia ir a uma boate. Tenho um amigo que está trazendo um show misto. Dance e soul. Topam?

— Liara? – Elas me olharam. Mas eu sabia que estava fora de cogitação.

— Preciso ver com minha mãe. Não gosto de deixá-la sozinha.

— E você Késsia?

- O nome do traidor de Jesus é Judas?

— Sim. E o que tem a ver com meu aniversário?

— Meu nome é Késsia a rainha das baladas. Estou dentro. – Risos tomaram conta da recepção.

No horário de almoço fui até em casa e almocei com minha mãe. Achei-a muito calada, mas com estávamos sempre brigando decidi não falar nada para atizar a ira dela.

Voltei ao trabalho e colocamos em dia, vários documentos que estavam muito atrasados. A Josy não apareceu mais a tarde e a Juíza não saiu de seu gabinete.

Lembrei-me que havia alguns documentos, agora verdadeiros, que foram deixados erroneamente sobre nosso balcão, não tinha necessidade de serem entregues ao Juiz, mas era do TRF, assim, eu poderia quem sabe me encontrar com ele e aproveitar para comentar com o

Cairon sobre meu coordenador de cursos, e talvez fosse bom fazê-lo logo.

— Késsia quer levar esses documentos entregar à assistente? Acabaram de deixar aqui. — Ela olhou o envelope analisou e depois disse descrente: “Se tivesse que falar com o homem eu iria.” E assim encerrou o assunto dizendo que eu precisava aprender a lidar com essas pequenas burocracias.

Orientou-me a entregar e voltar imediatamente, mas eu tinha em mente que precisava falar com ele. Esperei por ele ontem no apartamento, mas não apareceu. Não me ligava e nem me atendia. Algo podia estar errado.

Quando coloquei os pés na rua, encontrei com o Heitor, que de longe veio, com maestria, me deixando totalmente constrangida perante as pessoas que passavam por ali.

— Olha que coisa mais linda, mais cheia de graça. É essa menina que vem e que passa. Posso continuar cantando se quiser? Caso contrário terá que jantar comigo ou me deixar te buscar na faculdade.

— Então é melhor que entre na aula de canto. — Ele riu alto chamando a atenção de todos por perto.

— Agora é sério. Estou pensando muito em você.

Em nós dois juntos.

— Heitor, não quero ser grossa. Mas não vai rolar nós dois.

— Nunca diga nunca.

— Eu nunca digo isso, mas no momento eu não posso me envolver com ninguém.

— Tem outra pessoa? – Já estávamos chegando próximo à recepção do TRF, e se ele continuasse comigo, eu entregaria os documentos e não teria como dar alguma desculpa para ficar por ali.

— Tenho! – Ele tirou o sorriso do rosto no mesmo instante. - Minha mãe, faculdade e trabalho.

— Mas precisa ter vida social e amorosa sabia? Tudo o que me disse são outras áreas e a amorosa precisa estar no mesmo nível que estas, porque são tão, ou mais importante para seu bem-estar. – Parei no saguão cruzando os braços e encerrando a conversa.

— Eu vou organizar minha vida, primeiro, e depois eu vejo essas áreas. – Quando estava me afastando, o Cairon subiu as escadas e nos viu, pela segunda vez! Ele

fez menção de continuar até que o Heitor acenou com a maior cara de pau, o cumprimentando. Quando ficou próximo o suficiente, o Heitor fez um comentário sobre a operação que estava em andamento, mas não obteve resposta. – Se voltando para mim, questionou se eram os documentos que o Breno havia lhe enviado que precisava de sua atenção. O que dizer nessa hora? Ele tomou o envelope de minhas mãos e leu.

— Meritíssimo estava vindo, mas iria deixar os documentos com sua assistente. – Gaguejei mediante o olhar do Heitor.

- Por que não precisa de resposta, ou porque está apreciando o passeio com seu colega de trabalho e não quer perder essa chance? - Olhei em volta, se tivesse algo disponível eu jogaria sobre ele. Mas o Heitor respondeu me deixando em pior situação.

— Não era bem um passeio senhor. Estava aproveitando o trajeto para convidar uma colega de trabalho para ter uma vida social, já que ela chegou à cidade recentemente, não tem namorado, nem amigos e só vive com a mãe.

— Parece bem trágico. — Cruzou os braços diante do Heitor. - E você se acha a solução da vida dela? — Estava começando a transpirar. Sentindo que o clima não estava mais harmonioso.

— Não senhor meritíssimo. Só sendo cordial. — Vendo que o Cairon o observava sem nenhum interesse em seus sentimentos, piscou para mim, tocou meu nariz com o indicador e pedindo licença se afastou. Meu coração apertou-se por ver o Heitor sair tão sem graça, mas, não tinha como falar nada com o Juiz ali, na recepção do TRF. Pedi que eu o acompanhasse e eu quase vi um sorriso cínico no rosto do Murilo. Que ódio!

Entrei na sala no maior silêncio. Não sabia o que fazer agora.

— Preciso me preocupar com o Heitor?

— Não senhor.

— Não senhor?

- Não senhor meritíssimo. — Ele sorriu, jogou os documentos sobre a poltrona e se aproximou. - Desculpe. A gente acostuma. — Eu só vim mesmo deixar o envelope na recepção. — Era mentira, mas depois de tudo o que

houve estava envergonhada.

— Posso te ver hoje?

- Disse que iria ontem.

- Não teve como.

— Tudo bem! – Tocou meu rosto com ar de preocupação.

- Tudo bem? – Era! Só isso! Tudo bem! - E assim virei as costas quando ele me chamou. Foi até a poltrona pegou o envelope e me entregou. – Não se esqueça disso.

- Quando estendi a mão para pegar fez uma graça.

— E se eu não te devolver sem um pagamento?

— Deixe de brincadeira Cairon a Juíza deve estar vigiando quem entra e quem sai do seu gabinete.

- Ela não trabalha aqui. E daí se estiver nos observando? – Puxou-me ao seu encontro e me beijando, acariciava meus cabelos. – No mínimo se excitará. - Não foi um beijo demorado, foi só para esperar a noite chegar. Quando afastou, tratei logo de pegar o envelope e sair, para não dar margem aos falatórios e irritar a Késsia.

Na Universidade eu estava praticamente dormindo sobre os livros. Quando deu o horário de partir arrumei

minha bolsa e saí voando. Como o Cairon disse que viria ver-me esperava que tivesse ido me buscar. Isso me pouparia tempo e desgaste com ônibus. Mas chegando à área externa do campus não avistei seu carro, para minha decepção.

Fui de ônibus para casa. Pensando em tudo que minha mãe havia ditos desses dias. Eles surgiriam. Imprevistos aconteceriam, e ele não poderia vir. A ex-mulher o chamaria e ele teria que atendê-la.

Destranquei a porta do Apartamento quase meia hora depois. Não era tão longe, mas se ele tivesse me buscado, estaria em casa há muito tempo.

Assim que entrei senti um aroma delicioso de comida quentinha e risadas vindas do quarto de minha mãe. Só então me lembrei de minha tia.

Fui até lá e encontrei a porta aberta. Minha mãe estava na cama, minha tia sentada na poltrona e o Cairon aos pés da cama contando algo que as duas gargalhavam. Fiquei surpresa ao encontrá-lo ali. E fazendo minha mãe sorrir.

— Oi tia.

— Olá Liara. Como vai? Como não voltou e eu precisava vir fazer alguns exames liguei para sua mãe e pedi para ficar aqui. Vocês se importam de me receber por uns dois dias? Na segunda-feira irei embora. — Olhei sem jeito para o Cairon.

— Claro que não. Fique o tempo em que a senhora precisar. — Ele mesmo respondeu. — Então agora vamos arrumar a mesa do jantar enquanto a Li toma banho. E poderemos jantar.

Assim fizemos. Fui para o banho e quando voltei os encontrei à mesa da cozinha. Minha mãe estava sorridente. Pela primeira vez em todo esse tempo que estava aqui. Foi uma das primeiras vezes que via e ouvia as risadas dela pela casa, talvez a presença de minha tia, não tivesse sido uma má ideia. Ela também devia ter saudades de casa e de sua gente.

— Vocês estão muito animados. — Peguei a taça da mão dele e tomei um gole de vinho. — Tia vou mostrar o quarto onde poderá ficar.

— Seu namorado me mostrou. Levou minha mala até lá, um verdadeiro galã. — Ela piscou para mim, me

deixando sem jeito. Tudo era novo para mim.

— O Cairon não é meu namorado Tia. Somos... Amigos. — Ele mesmo tinha dito que não havia uma definição para nós.

O Jantar foi o melhor possível, ele estava alegre, minha mãe também. Minha tia estava encantada. Quando se retiraram para dormir eu ainda fui até o quarto dar um beijo de boa noite.

— Dorme bem mãe. Qualquer coisa é só chamar.

— Você ainda não havia dito nada a ele sobre sua tia ficar aqui não é? — Ela perguntou eu voltei para trás e me sentei.

— Não foi por mal mãe. Estamos passando por algumas tribulações no trabalho, e como te disse, trabalhamos na mesma rua, mas em prédios diferentes, eu não posso a todo o momento ficar indo até o local de trabalho dele e pedir para falar com o Juiz federal sobre banalidades. — A palavra banalidades não soara bem, mas graças a Deus ela não levou em consideração.

— Tinha medo de que ele não a deixar ficar?

— Acho que não se importaria, mas de qualquer

forma é bom que ele saiba do que pretendemos fazer na casa dele não é mãe? – Não querendo lembrá-la que o homem é um juiz federal e a polícia não deixa que ele tenha uma vida comum. É para o bem dele que nem todos se aproximem. Mas preferi trocar de assunto. - Acho que alguém da família por perto te fez bem, estava até sorrindo.

— Ele estava contando algumas coisas engraçadas do trabalho.

— Mesmo e a senhora sorrindo. Nem estava olhando no rosto dele direito. O que mudou?

— Eu vi a morte hoje. – E eu agora paralisava.

— Como assim e por que não me ligaram? O que a senhora sentiu? – A essa altura eu estava apavorada. Voltei e me sentei aos pés da cama.

— Senti uma crise convulsiva durante o processo de filtração. Eles te ligaram, mas seu celular só dava caixa postal.

— Eu nem chequei o aparelho. Desculpe-me. Mas quem trouxe a senhora?

— Eles ligaram aqui por causa do endereço que a

ambulância me pega e o porteiro entrou em contato com o seu doutor.

— Ah não gente. — Fiquei de pé desesperada. — Agora estão ligando para ele?

— Não. Ligaram só para ver se ele tinha outro telefone seu. Mas ele foi até lá, me buscou e assinou a declaração. Depois passamos em um médico da confiança dele e viemos embora.

Passei a mão pelos cabelos. Eu estava me contaminando com as palavras ditas por ela mesma e agora me conta que ele saiu do serviço e foi buscá-la.

- Durante o trajeto ele foi muito paciente comigo. Então pensei que poderia dar uma chance a ele. — Envergonhada era a palavra para descrevê-la.

— Mãe se esse homem não tivesse aparecido em nossas vidas, estaríamos mortas ou sabe se lá onde. Debaixo da ponte ou pedindo na rua. Eu acredito fielmente que foi Deus que o enviou. Ah, pode-se dizer que eu poderia ter virado literalmente uma prostituta, cobrando vinte cinco reais a hora em qualquer rua da cidade. — Ela desviou o olhar e depois acrescentou.

— Vamos ver no que dá filha. Vamos ver no que dá.

— E por que ele te levou a outro médico?

— Queria ter certeza que o tratamento que faço é o correto.

— E o médico?

— Disse que sim e passou vários alimentos que preciso comer. É uma dieta. Ele disse que amanhã trará essas coisas.

— Eu mesma compro não precisamos ocupá-lo com isso. Está passando uma fase muito difícil no trabalho. Sendo ameaçado por criminosos.

— Ele é forte. Vai sobreviver a tudo isso. - Dei um beijo em seu rosto e fui deitar-me.

Ele assistia a uma série policial. Deitei-me em seu peito.

— Como eu vivia antes de te conhecer? – Ele sorriu.

— Vivendo como todos fazem.

— Me desculpe pelo incomodo de hoje. Não vai voltar a acontecer.

— Se acontecer estarei por aqui. Sua mãe até

conversou comigo hoje.

— E aí dela se tivesse te tratado mal. - Beije sua boca e deitei em seu peito.

— Sábado não poderei dormir aqui.

— Por quê? - Fiquei triste mesmo desta vez.

— O Pietro quer passar o dia comigo e eu quero muito passar com ele algum tempo com ele.

— Tudo bem!

— Tudo bem mesmo? Essa palavra esteve entre nós por duas vezes, só hoje. – Acaricie seu rosto e sorri.

— E se não tivesse? O que não tem remédio, remediado está. Quero você, mas eu sabia que esses dias apareceriam.

— Para te compensar. Quero te levar no domingo para jantar com meus pais.

— Não. Não estou preparada para isso ainda. – Me sentei na cama.

— Claro que está.

— E se eles não gostarem de mim?

— Não buscarei a aprovação de ninguém. Só quero que os conheça. Se há pessoas com quem quero dividir

minha felicidade, essas pessoas são meus pais. Eles saberão o quanto estou feliz!

- Está? – Voltei a me deitar em seu peito.

- Muito! – Se ele estava o que restava para mim?

Quando o vi adormecer, passei a mão em seu rosto e beijei sua face sussurrando ao seu ouvido:

- Te amo!

& Vinte e quatro &

Liara,

- NOSSA! VIU PASSARINHO verde hoje? -
Cheguei ao fórum suspirando, assoviando. E claro que a Késsia notaria. Tudo o que não fizemos à noite, aproveitamos de manhã.

Ai meu Deus, como eu estava apaixonada por ele. As lembranças de cada gesto, cada beijo, cada movimento ainda estavam impregnadas em mim.

Acordei com suas mãos passeando por meu corpo, enquanto sentia suas pernas separando as minhas e me invadindo por completo.

Pisquei e vi que a Késsia ainda esperava uma resposta, sorri sem jeito.

- Nem me lembre desse passarinho, que tenho vontade de voltar para casa. - Qualquer pessoa que olhasse para mim, saberia que eu estava radiante. Fui até nossa sala de descanso, guardei minha bolsa e voltei ao nosso balcão de atendimento.

- Então quer dizer que a noite foi boa? – Ela não parecia muito animada, e eu tinha certeza de que ela pensava que era o Heitor, meu passarinho verde.

- Noite boa não... Maravilhosa. Não só à noite como a manhã também!

- Manhã? Nossa Liara odeio que me acordem de manhã para sexo. Eu não estaria com essa animação toda. Estaria de mau humor e com sono.

- Ele pode me acordar quantas vezes quiser. A hora em que quiser, que eu ficarei feliz.

- Deixa-me ver se adivinho... Heitor? – Bingo! Eu adivinhei o pensamento dela. E caso fosse o Heitor, nem eu estaria nessa animação.

- Agrrrrr... – Fiz cara de nojo. – Lógico que não.

- Que homem é esse minha gente?

- Vamos trabalhar que ganhamos mais. – Fugi do assunto e aproveitei para atender uma senhora que estava desesperada e me lembrei da nossa situação. Só que o caso dela era a tutela do filho. O marido estava vivendo em melhor situação financeira e pediu a guarda da criança.

Não sabia o caso direito, porém estava compadecida com aquela mulher. Até pensei em falar pessoalmente com o Doutor Walter, mas com ele eu não tinha muita intimidade, e acho que intervenção alguma mudará sua opinião, caso ele já tenha um veredito.

Ao fim do atendimento. O Cairon entrou pela porta principal. A mulherada ficou alvoraçada, e eu irritada. Como podiam cobiçar o homem assim? Será que elas não viam, que estavam dando muito na cara?

- Bom dia meritíssimo! – A Késsia faltou debruçar sobre o balcão mostrando o decote da blusa.

- Bom dia! O Breno está por aí? - Ele parou de falar, se afastando para que não fosse atropelado pelo moço da entrega que surgiu com um buquê de flores

vermelhas aguçando a curiosidade feminina. O Heitor também se aproximou e ficou conversando com o Cairon enquanto o moço tirava o papel do bolso.

- Liara. – Quando o rapaz leu meu nome no papel diante de todos e me estendeu as flores eu quase caí. Eu não estava acreditando no que via. Peguei o buquê e logo procurei um bilhete. O Cairon estava ali, o Heitor também. E se não fosse de que eu queria? De quem eu esperava?

- Como assim Liara? – A Késsia tomou as flores de minhas mãos e observou se não tinha nenhum bilhete. - Tem certeza rapaz, que não é Késsia? - Ela riu devolvendo-me o presente. – A noite foi boa mesmo colega.

- Ai que meigo. – Ouvimos palmas. - Então agora mandam flores para a coleguinha para dizer que ela tem alguém que a ama? - A Juíza acabava de entrar. – Pessoal, caíam na real, eu só expus uma opinião. Não disse que ela não iria conseguir um namorado, ou que não tivesse. Só falei em relação aos homens do recinto, ou dos prédios adjacentes. – Disse olhando para o Cairon, que aguardava

que chamássemos o doutor Breno. Ela passou e cheirou as flores em minhas mãos sendo observada por todos os presentes.

- Talvez eu tenha enviado as flores doutora. – O Heitor deu dois passos à frente se afastando do Cairon.

- Ai Heitor, sua fama de pegador até conheço, mas pelos descritos isso não faz seu tipo, mandar flores. – Até ela estava por dentro da fama do Heitor.

- Hum... Digamos que se a pessoa valer a pena. Talvez a senhora não tenha recebido porque os homens não tivessem ficado satisfeitos.

Silêncio geral o Heitor foi louco de dizer isso na frente de todos, mas duvido que alguém ali não tenha amado a resposta dele. Pela primeira vez ele era adorado por todos.

- Heitor, Heitor. Não adianta dizer que sou mal-amada, ou essas coisas, por que sou bem resolvida. Não fico alienada com essas respostas de homens sem caráter.

- Eu gostaria de lembrá-los que estamos em local de trabalho e quero inclusive deixar claro que esse bate boca, chegará aos ouvidos do Breno daqui a pouco. - O

Cairon se aproximou e disse entre nós. - E a senhora doutora Ana Luíza. a aguardo em dez minutos lá no TRF, em meu gabinete. - Sua voz era firme e seu olhar era frio. Ao ver que o doutor Breno entrava, ele se afastou deixando-nos, todos sem fala.

- Viram só o que fizeram? - Ele vai pensar que eu sou a má da história. - A mulher ainda achava que estava certa. Saiu com toda sua altivez entre as pessoas que entravam no fórum, como se ali não existisse mais ninguém.

& Vinte e cinco &

Cairon

O QUE NÃO CONSIGO ENTENDER, é como uma mulher pode ser tão hipócrita, como essa Juíza. Eu queria ter dito que enviei as flores à Liara em resposta a sua declaração da noite. Quando saí hoje cedo de seu apartamento eu me sentia renovado. Restaurado de várias situações que vivi em minha vida e que achava que nunca se resolveriam. Ao passar à frente da floricultura não

resisti e comprei flores. Mas se mandasse para a casa, com certeza veria só à noite. E eu queria dizer que estava feliz! Extremamente feliz! Principalmente, porque ela acha que não ouvir, mas ouvi-a dizer que me ama.

- Entre. - Disse assim que bateram à porta.

- Com licença. – Nem sabia ao certo o que eu falaria com essa mulher, mas eu precisava sondar o porquê de seu comportamento. Segura de si, sentou-se diante a mim. - Pode falar. Sou toda, ouvidos. – Ouvidos não sei, mas pernas, com certeza, pela forma em que subiu a saia do terninho que usava. E eu louco para tirar o sorriso de seu rosto.

- Só um momento, por favor. - Terminei de dizer e os outros Juízes, acompanhados do Breno, pediram licença para entrar. Aproveitei que estava no fórum mais cedo e combinei com os Juízes, que devíamos dar uma acalmada na mulher. Ela era uma de nós, mas não era assim que agíamos por ali. Muitos magistrados passaram por aqui, e não conseguiram manter a harmonia que nós três adquirimos através dos anos.

- Reunião da cúpula tão cedo? Algo sério? – Estava

ainda levando na brincadeira.

- Sentem-se, senhores, por favor. - Eles se sentaram e cumprimentaram a doutora. – Chamei-os aqui, por um único motivo. A doutora Ana Luíza. está nos fazendo desrespeitar a Constituição Federal, com sua forma de agir, e de pensar sobre as pessoas, e eu quero advertir que não vou tolerar esse tipo de comportamento. Somos quatro juízes agora, e precisamos trabalhar com respeito e seriedade. – Voltando-me para ela perguntei: - Digam-me o que está escrito na placa quando entra em seu lugar de trabalho todos os dias? – Ela não sabia, por certo nem ao menos havia reparado que lá, no fórum havia algo escrito. Ninguém disse nada, até que meio tímido o Walter recitou:

- “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidades e em direitos. Dotados de razão e consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.” Leio isso a mais de quinze anos. Artigo 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

- Então não acham que mereço respeito de todos, mesmo pensando diferente. – Sorriu maliciosa.

- Claro. Desde que não traga para dentro de seu local de trabalho sua individualidade. Os direitos humanos reconhece a cada um como livre, e único, responsável por seus atos, por ter consciência e razão que nos permitem refletir sobre nossos direitos, mas também sobre nossos deveres. Os direitos humanos respeitam os direitos, mas não encorajam ao individualismo, pelo contrário, é nos dando direitos, que dá também aos outros direitos. Aqui, nesta rua somos uma família. Quantas vezes o Walter e eu, ou o Diogo e eu, já nos sentamos para conversar até mesmo sobre nossas vidas particulares. Não há aqui juiz federal, ou de direito. Somos homens trabalhando para garantir o bem e a justiça. – Quando ela ia erguer a cabeça que mantinha baixa me ouvir e argumentar algo eu a impedi. - E mais nada. Esse é o primeiro aviso que darei à senhora. Meu próximo passo, será anexar minha denúncia à de seus assessores, e protocolar ao Conselho Nacional de Justiça (CNJ). E a senhora saber que a denúncia deles não terá a metade do peso que a minha terá. E pedirei aos juízes que trabalham com a senhora para que façam o mesmo.

- Não é para tanto não é doutor Cairon? – Se levantou séria. Agora parecia uma juíza e não uma adolescente saída da faculdade.

- A senhora acha que não, porque não é com a senhora, que tem acontecido as agressões verbais. Está sendo indelicada com as colegas de trabalho achando que é uma deusa, e que nada pode lhe deter. Engana-se para todos na vida existe um superior. Nós temos um conselho. E eu mesmo levarei a petição às corregedorias do CNJ e do Tribunal de Justiça (TJ) pedindo uma investigação. já que estará envolvida em mais denúncias.

- Eu acho caro colega Cairon que a doutora Ana Luíza. cometeu um engano e poderá se retratar sem termos que chegar a esse ponto. Ou não doutora? – O Breno tentou ajudá-la. Talvez soubesse de algo, ou também por ser simplesmente o Breno de sempre, de bom coração. Ela me olhava com uma expressão que “Estou passando por isso, mas não abaixo a cabeça para ninguém”.

- Se os senhores desejam. Farei isso. A quem mesmo que peço desculpas?

- Faça correto desta vez. Fale com o administrador,

e peça que ele marque uma reunião, como fez da outra vez, todas as envolvidas devem estar presentes, e aí, deverá com delicadeza fazer sua retratação. – Avisei, me levantando e dando por fim a nossa reunião.

- Acha mesmo que elas querem isso? – Olhei para ela, e não precisou dizer mais nada. - Tudo bem. – Ergueu as mãos. - Marque essa bendita reunião. – Falou com o Breno como se estivesse falando com um subalterno.

- A senhora não entendeu muito bem. O doutor Cairon foi específico quando disse que a senhora deveria fazer com delicadeza. - O Walter a corrigiu impaciente.

- Eu acho que estou passando é por um processo de perseguição. Só porque eu vim para esta comarca, para acabar com essas orgias que fazem aqui.

- Meritíssima meça as suas palavras. - Pela primeira vez o Diogo se pronunciava, e alterado. - A senhora chegou aqui se sentindo a dona da razão e temos sido pacientes com a senhora. Mas agora basta. Atenha-se as suas funções ou também entrarei com uma petição contra a senhora por abuso de poder. Não está falando com os peões com os quais está acostumado. Somos

homens sérios e competentes.

- Entrem. – Ela explodiu. - Eu também entrarei contra o fórum. E se me der na telha, entro até mesmo contra este tribunal. Onde magistrados favorecem funcionárias a troco de sexo.

- A senhora tem alguma prova do que fala? Por que se tiver eu mesmo entro com essa denúncia. – O Bate boca entre a mulher e o Diogo agora parecia não ter fim.

- Não entendo por que estão me perseguindo? Não me deixam fazer uma investigação limpa e honesta, mas se não têm nada a esconder, por que me perseguem tanto?

- Até hoje não vimos à Vara de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher em ação. Só vejo a senhora difamando as mulheres com as quais trabalha. E agora perseguindo aos magistrados. Por acaso, está em alguma missão secreta?

- Isso mesmo Walter até hoje eu também não vi nenhum trabalho para o qual veio ser realizado. – Todos nós agora estávamos desconfiados da Juíza.

- Se os senhores terminaram eu preciso ir. – Pela primeira vez ela sentia-se pressionada ao ver-nos todos

ali cobrando serviço.

- Desde que a senhora esteja avisada. – Apontei a saída para ela.

Ela saiu da sala e em minutos meus colegas também! Ali, sentado, permaneceu somente o Breno e eu desconfiava do que ele queria falar.

- Acha que alguém a enviou aqui para nos vigiar? Será que sabe sobre você e a... – Ele não falou nome. Isso era bom, porque agora as paredes tinham ouvidos.

- Não Breno. Ninguém saber. Nem mesmo você. – Sorri.

- Dá para ver no olhar dela, que está apaixonada.

- Também estou! Mas por via das dúvidas, sou solteiro e não tenho compromisso com ninguém. – Ainda conversamos por algum tempo e quando ele se foi, tomei meu celular como um tolo apaixonado e enviei uma mensagem.

"Espero que tenha gostado das flores! Por que eu adorei nossa noite e nossa manhã!"

Depois recebi uma ligação do Murilo dizendo que estava chegando e que tinha novidades. No mais tardar à

noite estaria comigo. Acabei de desligar e o telefone tocou novamente.

- Papai. A mamãe disse que se esqueceu de mim. – Odiava quando a Giovanna tentava influenciar o Pietro contra mim. Ou dizia suposições o fazendo duvidar do meu amor.

- A mamãe estava brincando. Lembro-me de você todos os dias e em todos os momentos. Não vamos passar o dia de amanhã inteira juntos?

- Sim. Mas você não me ligou essa semana. Estou com saudades.

- Eu também estou. Por isso vamos fazer uma programação legal amanhã. O que acha? Quer escrever o que quer fazer e me enviar por e-mail?

- Posso escolher tudo?

- Claro. Você que manda.

- Te amo pai.

- Também te amo filho!

- A mamãe disse para vir bem cedo amanhã que ela vai sair.

- Diga à sua mãe que te pegarei às nove horas. Não

consigo ir mais cedo. Esse é o nosso combinado. Deixar você dormir bem para não ficar de mau humor na volta do dia!

-Te amo.

-Também te amo!

Ele desligou então vi que durante a conversa eu havia recebido uma mensagem que sabia de quem era.

"Estou no céu. Apaixonada pelas flores e por quem enviou." Só achei muita ousadia de sua parte mandar no trabalho. Beijos! Amo você!

Senti um aperto no peito. Como o Pietro reagiria à notícia que teria no domingo? Eu não gostaria de estar passando por isso. Nem agora e nem nunca.

& Vinte e seis &

Liara

ÀS QUINZE HORAS DO MESMO dia em que o fórum estava pegando fogo pela reunião dos juízes com a doutora Ana Luíza. Ela entrou no fórum jurando que iriam pagar pela armadilha que lhe armaram, e ainda que a tirar

do fórum e envolveram um Juiz federal. O que estava me matava neste momento, era não saber de fontes mais seguras, o que teria acontecido para acentuar assim, a ira da mulher. Para agravar a situação, de uma hora para outra, um murmúrio tomou conta do fórum sobre a ausência da Josy. Funcionária exemplar, que nunca faltava, ou deixava de avisar caso atrasasse.

- O que houve com a Josy?

- Ela não veio ao trabalho na parte da manhã. Mas como ela havia dito que iria dar entrada em uns papéis ninguém se preocupou até agora. Ela sofreu um acidente de trânsito.

- E não vem à tarde? Às vezes fico horas dentro de um ônibus que levaria minutos para chegar a faculdade, o trânsito está mesmo um caos. – Até então eu não tinha entendido o grau do acidente.

- Está em coma induzido.

Quando a Késsia pronunciou essas palavras, “Coma induzido”, não conseguia sequer me mexer. Estava chocada. Como alguém saía de perto de nós em um dia e depois acontecia uma coisa deste porte? Levei a mão à

boca.

- Estou sem chão.

- E eu? – Sentei-me em minha cadeira atrás do balcão e fiquei por minutos sem saber o que dizer.

- Seria muita marcação eu dizer que tem dedo a demoníaca Juíza nisso?

- Késsia? Acho que seria demais sim. Vão dizer que estamos com ciúmes dela. Acidentes de trânsito, acho que eles acontecem sempre. Todos os dias alguém morre, alguém mata. Disseram como foi?

- Só disseram que foram envolvidos três carros e o dela foi o do meio.

- Precisamos vê-la. Assim que sairmos daqui poderemos fazer uma visita a ela.

E assim fizemos. Quando saímos do trabalho passamos no hospital em que ela se encontrava, mas não tivemos oportunidade de entrar. Conversamos com os pais e irmão e deixamos os contatos para que nos deixassem informadas.

- Coitada. Estava tão feliz com o aniversário. E agora, passar assim, em um hospital.

- Késsia temos que agradecer por ela estar viva. Onde passará o aniversário não importa, contanto que faça. Sabe aquele ditado? De todo mal, Deus tira um bem maior? Esse foi um.

Ainda estávamos no hospital, quando chegaram o Heitor e vários colegas de trabalho. A sexta-feira geralmente era para que eles dia Happy hour. E hoje todos estavam cabisbaixos.

“Até agora não estou acreditando nisso.”

“É quase inacreditável.” Essas eram nossas frases de lamentações que mais se ouviam enquanto um e outro chegava para se juntar ao grupo em um momento de solidariedade.

- Olha quem está chegando. – Essa expressão da Késsia, não tinha outra razão ao não ser o Cairon. Ela nunca se derretia assim ao doutro Diogo, ou ao doutor Walter. Claro que ele não tinha a metade a beleza do meu Juiz. - Meritíssimo. Que bom que veio. E ela vai gostar de saber.

- Como ela está? Alguém conseguiu entrar? - O Cairon usava esporte fino. Muito informal, e estava mais

lindo que nunca, mas com um ar preocupado. Ao seu lado o Murilo vinha com outros dois homens.

- O médico disse que o coma foi necessário, devido a agitação que ela se encontrava.. Teve fratura nas pernas, clavícula, braço e outras partes.

- O Senhor quer entrar?

- Vou sim. Quero ver a família. Colocar-me a disposição, caso precisem.

Voltamos até a antessala da Unidade de tratamento intensivo e ficamos esperando que eles conversassem.

- Liara. Preciso ir embora. Você vem ou fica? Agora fico preocupada com você. – A Késsia me abraçou fazendo menção a chorar.

- A deixaremos próxima a sua casa. – Sabia que o Murilo estava preparado para fazer o que o patrão pensava em fazer.

- Será que Juiz... – Ele ainda resistiu, e eu entendo. Ninguém pediria carona aos juízes, mas o Murilo a acalmou dizendo que o Cairon também ficaria mais tranquilo sabendo que “todos” estivessem bem.

Quando pensamos que a Késsia havia partido, ela

voltou e quase pega o Cairon me abraçando ao sair da sala onde estavam os pais da Josy.

- Meritíssimo. Pode ser coisa da minha cabeça, e o senhor me desculpe dizer, mas não é muita coincidência o ocorrido com a Josy depois da briga dela com a Juíza?

- Não podemos afirmar nada Késsia. Estou preocupado com vocês, mas não posso acusar ninguém. Só podemos ficar mais atentos que nunca. Isso cabe a vocês duas. - Eu fiquei temerosa pela conversa. Onde estávamos vivendo meu Deus?

- Então fico mais tranquila sabendo que o senhor deixará a Liara na casa dela.

- Ainda não falamos com ele. Acho que não precisam se preocupar a este ponto. Nem quero dar trabalho ao senhor. – Eu não queria mesmo, não sabia se ele tinha outros planos em mente.

- Não será trabalho algum.

- Depois que ela se foi, nos despedimos de todos no corredor e saímos. Encontramos com a outra turma no estacionamento. O Heitor se dispôs a me deixar em casa junto com a Kelly, assistente social, mas o Cairon não deu

ouvidos e abriu a porta do carro.

- O Heitor me tira a paciência. Vou ter uma conversa com ele.

- Não acha arriscado? Ele sempre foi muito indiscreto. – O Murilo interveio.

- O Murilo tem razão. A gente vai levando de boa. - Sorri apertando sua mão.

- Doutor Cairon Filho com ciúmes. Eu sabia que iria viver o suficiente para ver isso. – A brincadeira do Murilo não tinha outra intenção a não ser provocar o amigo, mas eu que fiquei constrangida. Os dois estavam sentados à frente e eu como passageira. Ele não quis entrar atrás comigo perto de todos e dar margem as fofocas.

- Murilo. – Advertiu sério.

- Cara, fala sério! Chama ele para a rua. Dá uma surra nele. Quero só ver. Eu não perderia isso por nada. – Ele se remexeu no assento. - Não está mais aqui quem brincou. - Quando entramos no prédio eles voltaram a se falar.

- Amanhã. – O Amigo nem o deixou terminar.

- Venho te buscar às oito horas.

- Preciso passar em casa e trocar de roupa. E pegar o Pietro. - Descemos do carro e entramos no elevador.

- Isso quer dizer que não passará o dia comigo! - Reclamei cabisbaixa. Não podia cobrar dele sobre essa questão do filho. Assim como tinha certeza que ele não me cobraria se fosse o meu caso de precisar ficar com minha mãe.

No apartamento, meu ritual era sempre o mesmo. Antes de atravessar a sala, eu ia até o quarto, quando chegava tarde, para ter notícias de minha mãe. Ela dormia tão serena, mesmo que a TV estivesse ligada, não incomodava seu sono. Ao voltar para a sala o encontrei de frente a TV.

- Quer pedir algo diferente para comer? A dona Sandra já deixou o jantar pronto, mas não sei se é um jantar para Juízes. – Ele me fuzilou com o olhar depois e pediu que sentasse ao seu lado.

- Quero que conversemos sobre dois assuntos. Primeiro é que... Não quero que se arrisque com essa juíza. Não sabemos ainda com quem estamos lidando. O

Murilo iria me passar algumas novidades, mas eu estava tão atordoado com o acidente da Josy que deixei para checar a amanhã.

- Acha que ela é perigosa a esse ponto?

- A Késsia não está de toda errada. Isso tudo é muito estranho. Precisamos saber a que ponto a Josy deixou as denúncias. Sei que protocolar na corregedoria ela o fez. Mas, mencionou sobre um processo, quando outro dia foi no TRF.

- E você? Não precisa tomar cuidado? – Ele era o mais visado. A mulher estava a fim dele, agora estava acuada. E isso era perigoso.

- Claro. Mas estou de segurança sempre. Minha preocupação é você. Não posso colocar agentes com você. Só seguranças. E mesmo assim terão que ficar de longe, porque te questionariam a presença deles.

- E por falar em segurança. Acho que fiz algo errado.

- O que foi? - Ele se endireitou no sofá.

- Meu coordenador de curso Franz. Ele é mestre e Doutor em Direito Processual.

- Também Procurador de Justiça do Ministério Público do Estado. O que tem ele? O conheço bem.

- Ele me perguntou se eu trabalhava em escritório de advocacia e eu disse que trabalhava como atendente no fórum. Acho que ele não acreditou muito por causa da minha formação.

- E por que acha isso?

- Ele me perguntou como consegui a vaga se só agora estava entrando na faculdade. Respondi que havia me ingressado e tive que mudar. E que era um trabalho temporário.

- Não sei se teremos problemas, todavia seria bom se tomássemos mais cuidado realmente. Não por nós, como também pelo Breno.

- Eu me esqueci de comentar isso no dia com você.

- Eu vou deixar o Breno a par. – Depois parecia ter pensado melhor. - Não. Acho melhor você falar com ele.

- Segunda falarei com ele. E o segundo assunto. O que é?

- Sobre nosso fim de semana. Pegarei o Pietro amanhã e ele ficará comigo até o domingo.

- Hum. – Acabei fazendo o que não devia. Fiz careta e cruzei os braços.

- Não faça isso. Por favor.

- Não fiz nada.

- Fez carinha triste.

- Mas eu entendo.

- Entende mesmo?

- Eu queria passar o fim de semana com você, mas entendo que ele também precisa ficar com você. Mesmo nunca falando sobre eles.

- Por enquanto ainda acho que é cedo para falar com ele sobre nós e esse final de semana para ele também não será muito fácil.

- Eu entendo.

- Entende mesmo? - Beijeí sua boca e notei uma tristeza profunda em seus olhos. Quer falar sobre?

- Contaremos a ele que... – Imagino que a notícia não fosse muito agradável, pela dificuldade que estava tendo em me contar. - Que ele não é... – O Pietro não é meu filho biológico. - Sentei-me no sofá cruzando as pernas e fiquei esperando mais alguma informação. Por

mais que a Késsia, houvesse dito, que haviam rumores, eu ainda acreditava ser só fofocas. -Quando me casei com a Giovanna, ela estava grávida. E nosso casamento foi pura conveniência. Nem mesmo um relacionamento sexual houve entre nós.

- Mas por que fizeram isso?

Ela era imatura e eu... Um tolo Apaixonado. Ela engravidou de um rapaz muito simples e o pai não aceitou o relacionamento. Eu era apaixonado por ela. Quando ele me fez a proposta não pensei duas vezes e aceitei. Ela pensa que foi pelo dinheiro, mas nunca gastei um centavo do dinheiro deles. Está tudo aplicado. E devolverei assim que o Pietro precisar.

- E por que se separaram agora?

- Ela quer voltar com o pai do Pietro. Na verdade, acho que eles estavam juntos há algum tempo, ela só quis oficializar.

- E você? Como reagiu a isso?

- No começo foi difícil. Mas depois te conheci, comecei a pensar que também pudesse ter uma segunda chance. - Passou a mão em meus rosto, com tanta

delicadeza que fechei os olhos. - E estou vivendo um momento tão especial contigo, e por isso estou tão preocupado.

- Não precisa se preocupar. Nada de mal vai acontecer.

- Com a Giovanna nunca fui correspondido e com as mulheres que me queriam eu não conseguia ter um relacionamento. Você, - Segurou meu rosto. – É minha história que está dando certo. – Meu coração por pouco não saiu pela boca. - Se algo acontecer a você eu, não sei o que farei. – Disse rouco.

- Não vai acontecer nada. Estamos assustados por causa da Josy. Mas nada vai acontecer.

- Promete que não vai se cuidar.

- Cairon. - Nos beijamos e ficamos ali no sofá por algum tempo. Até que meu estomago reclamou e fomos jantar e depois um descanso merecido.

O Sábado sempre foi meu dia preferido, mesmo que tendo que fazer faxina ou lavar roupa. Agora então, que não precisava me preocupar com os afazeres... Mas a casa estava silenciosa e por alguns minutos eu tive medo de

abrir os olhos e perceber que ele havia partido. Senti-me sozinha e com frio.

Lembrei-me das palavras dele da noite e também de seu olhar na madrugada. Antes de levantar fiz uma prece. Senhor proteja este homem a quem tenho aprendido tanto a amar e admirar. E proteja nossos caminhos para que nossos pés não tropecem em alguma pedra. Amém!

E ele estava ali. Não sei quando iria partir, mas agora estava ali.

& Vinte e sete &

Cairon

- CAIRON ESTE É O JEFERSON. Jeferson este é o Cairon. Vocês sabem quem é um e outro. – Momento no mínimo constrangedor, conhecer o atual de minha ex-esposa. A Giovanna agia com tamanha naturalidade que cheguei à conclusão de que, realmente o idiota da história, seria tão somente eu.

Estava acompanhado do Murilo e limitei-me a um aceno com a cabeça e mais nada. Enganava-se, caso cogitasse pensar em nós como amigos de infância.

- Papai que bom que chegou. - O Pietro pulou em meu pescoço e eu por uma fração de segundos eu tive pena daquele homem impossibilitado de abraçar o filho por tanto tempo. Impossibilitado de conviver com a criança doce que o Pietro é.

- Agora dê um beijo na mamãe e no amigo dela.

- Não é amigo dela pai. – Ele sorriu tirando os cabelos dos olhos. - É o namorado dela, o Jeff. – A inocência do menino era tanta, que me apresentava formalmente seu pai biológico, mesmo sem saber.

- Hum. – Olhei para o Murilo. - Então se despeça-se e vamos. Ele me entregou a mochila com seus pertences e fez o que pedi. Beijou a mãe e apertou a mão do tal sujeito.

- Cairon, esperamos vocês para o café, às nove horas. Não se atrase, por favor, porque temos uma programação em família. - A Giovanna achava que logo depois de saber que era filho daquele homem estranho, o Pietro sairia feliz, com os dois exibindo o novo pai? Só se eu estivesse muito enganado, se estivesse certo, e conhecesse bem meu filho, essa programação estaria

furada.

- Não nos atrasaremos. - Encontrei o Pietro com o Murilo no carro.

- E então. Qual é a programação de hoje?

“Central player. Um parque que contém várias naves espaciais e simulador de espaço onde se pode flutuar. Shopping, induzido por um vendedor que afirmara a chegada de um jogo novo, que no caso o Pietro não queria, precisava. Almoço”.

- Almoçaremos lá?

- Sim. Eu pensei que... A mamãe disse. - Ele tentava dizer algo, mas não conseguia.

-O que você pensou e o que sua mãe disse?

- Que você fosse trazer sua... - A mãe além de já ter inserido o pai biológico na vida dele, agora, tentava inserir uma pessoa, que nem eu mesmo havia instaurado em minha vida, na vida da criança, era a forma dela se sentir mais segura.

- Filho o papai não tem namorada ainda. Ele tem uma amiga que possivelmente se tornará namorada, mas no tempo certo você a conhecerá. Tudo bem assim?

- Tudo. - Ele disse mais animado.

- Hoje será só você e eu.

- E eu não entro nessa?

- Claro tio. Você é como se fosse da família só que mais feio.

- Pietro olha o respeito.

- Foi ele que disse primeiro enquanto eu esperava você no carro. Disse que ele era quase da família só que mais bonito. Eu não o acho mais bonito que nós.

- Entendi filho. Entendi. - Meu filho sempre foi muito educado. Não esperava resposta diferente a que ele deu.

Ele brincou muito em todos os brinquedos. Sempre quando temos essa oportunidade, peço que ele escolha dois brinquedos, mas hoje é uma data que ficará para sempre marcada em minha memória. Meu último dia como pai do Pietro. Sei que ele me terá em consideração para sempre. Mas sempre haverá o outro pai e eu não posso mais proibi-los de ter sua própria história.

- Filho, acho que está na hora de irmos até o Shopping. O papai precisa ao menos tomar um café se

formos demorar muito para almoçar.

- Vamos à loja e depois podemos ir almoçar.

Saímos do parque direto para o shopping. Mas específico à loja de games. Compramos os tais jogos que ele queria e nos encaminhamos para a praça de alimentação.

- Ele até que é legal! - Ele disse de repente, me pegando totalmente de surpresa. Eu não saberia dizer se a conversa havia começado há muito, ou fora mesmo assim, tão repentina.

- Quem é legal filho?

- O Jeff.

- Hum. - O pai biológico. Era um ponto positivo, ele achava o pai legal, mesmo antes de saber que era seu pai.

- Ele disse que irá me levar para pescar um peixe de dentro do lago.

- E você vai? Sempre disse que tinha medo de mato.

- Mas esse lago não tem mato em volta. Disse que a gente paga e pesca. Podemos levar uma quantidade para casa, e a outra, precisamos deixar lá.

- Entendi. Pesque e pague. - O Garçon trouxe o

almoço. Antes de terminarmos ele voltou a falar.

- Ele não vai tomar seu lugar pai. Não precisa ficar triste.

- Eu sei meu amor. Você também estará sempre em meu coração.

- Mas ele não sabe nada sobre leis. - Entendi que ele queria dizer que cada um de nós tem suas vantagens e desvantagens.

- Te ensinará outras coisas. Nem todos precisam saber das leis de cor.

Meu filho. Que vi nascer e estava vendo crescer. Entendo que sejam frutos do que eu mesmo plantei ao aceitar me casar com a Giovanna, mesmo sabendo que o filho não era meu, e que ela amava outro. Essa dor que me aflige é fruto da minha escolha.

- Minha mãe disse que você não é mais o marido dela, mas que será meu pai para sempre. E que o Jeff também será meu pai.

- Isso mesmo. O João não tem dois pais e duas mães, como você disse outro dia?

- Sim. Mas eu queria que fosse só você. - Abracei

meu filho e fiquei abraçado a ele esperando que ele entendesse em seu coração que estaríamos juntos para sempre.

O Dia foi magnífico. Quando voltamos para casa a tarde jogamos videogame, os jogos novos que ele havia comprado. E a noite adormeceu cedo me dando a oportunidade de ligar para a Liara.

- Então como foi seu dia?

- Triste. Estou com saudades.

- Eu também! Mas amanhã almoçaremos juntos e passaremos a tarde toda, juntos. À noite... Bom, à noite lembre-se de meus pais. Bom.. Mudando de assunto, teve notícias da Josy? – Não dei chances a ela de recusar a vista aos meus pais.

- Sim. A Késsia me ligou dizendo que a família está feliz com a noite dela. Disseram que respondeu bem ao tratamento.

- Que bom. E sua mãe?

- Está bem! Nem disse nada sobre nós o dia todo. Isso é sinal de melhoras.

- Amanhã a gente se fala. Sonhe com os anjos!

- Sonharei com você então. Meu anjo.

-Fico feliz em ser seu anjo! Você também é meu anjo.

Fechei os olhos e fiquei imaginando quantas vezes deixamos de ver diamantes por que estão em meio à lama. Se um primeiro sentimento chamado compaixão não tivesse me movido, eu não teria sido tocado por outros que hoje me alimentam na caminhada e me dão ânimo para viver. Impossível dizer que não há uma força maior por trás de tudo isso. Se não houvesse essa força a Liara teria passado dispersa ao meu olhar.

& Vinte e oito &

Liara,

DEPOIS QUE ELE ME LIGOU, que meu coração se aquietou. Minha mãe como sempre havia perguntado sobre ele, embora com minha tia em casa ela estivesse mais amena.

- Liara estava comentando com sua mãe, que jamais imaginei, um parente nosso, morando em um lugar chique deste jeito. - Minha tia chegou à porta do meu quarto.

- Nem nós mesmos imaginamos tia. Até chegamos a dormir por quase dois dias em um banco de ponto de ônibus, como mendigas, sem teto. - Suspirei fundo. - É aquele velho ditado não é tia? "O mundo dá muitas voltas."

- E como dá. Vou deitar-me, aquela faz com que a gente não tenha vontade de se levantar, nunca.

- Vai lá tia.

Ela se foi e eu fechei os olhos. Imaginando que era isso mesmo o destino, ou nossa sorte. Sei lá. Estamos a um passo do sucesso e a um passo do fracasso, se parar à beira do caminho nunca saberemos qual iríamos encontrar.

O Domingo chegou com cheirinho de quero mais. Quero mais viver, ou quero mais ficar na cama? Olhei no relógio e eram oito da manhã. Eu tinha mais de duas horas ou hora e meia para que o Cairon aparecesse.

Quando consegui sair da cama e tomar banho fui brindada com um cheirinho de café e lembrei-me de casa. O tempo que morava com minha tia. Ela sempre fazia café antes que todos se levantassem.

- Que saudades deste cheiro. - Peguei a garrafa, e

me servi com um pão de queijo feito na hora, minha mãe estava à mesa, de banho tomado. Tia poderia ter dormido mais um pouco e compraríamos o pão de queijo na padaria aqui perto.

- E perder a oportunidade de usar esta cozinha de rico?

- Só você mesmo! – Nós rimos da brincadeira dela.

- Querem fazer algo especial hoje?

- Desde que não tenha que sair de casa. - Minha mãe respondeu por elas. - Eu não me aguento de pé muito tempo e sua tia disse que está morrendo de medo de andar pelas ruas.

- Então ficarão trancadas mais um dia em casa?

- Com uma casa dessa sobrinha eu ficaria em casa o dia todo, todos os dias de minha vida. Seria o casamento perfeito.

- Que bom tia. Eu também gosto de ficar aqui. Ando tanto durante a semana que se pudesse ficar de frente a TV do dia o dia todo eu ficaria.

Meu telefone tocou no quarto e eu só ouvi na terceira vez que chamava. Corri para atender o Cairon.

- Ainda vou demorar um pouco. O Pietro não aceitou muito bem a notícia, como eu havia previsto, e então me pediu para ficar com ele. Importa-se de que eu vá só para o almoço?

- Não. Tudo bem! Fique o quanto precisar. - Mas eu fiquei um pouco decepcionada sim. Não com o menino, mas tínhamos tão pouco tempo, e era só aos fins de semana. O que resumia tudo ao meio dia.

Olhei no relógio e ainda eram dez da manhã. Decidi dar uma volta. Como ainda não tinha visitado nenhum shopping e era bem perto dali. Peguei o troco do dinheiro que ele havia me dado para o táxi, na mudança ainda, e o cartão de crédito. Avisei minha mãe e sai.

Fiquei encantada com tantas coisas lindas que tinham ali. Mas resisti o impulso de comprar.

- Com tantos lugares para se visitar no domingo de manhã. Veja quem encontro em um dos meus lugares favoritos. – Acabei reconhecendo a voz, mesmo sem me virar. Só me virei para constatar a presença de meu amigo de trabalho.

- Oi Heitor.

- Se eu tivesse convidado você para este passeio, com certeza, teria negado.

- Ou não! Nunca se sabe.

- Já que estamos aqui, talvez pudéssemos tomar um sorvete. - Pensei em que mal teria um sorvete com um amigo de trabalho. Olhei as horas e ainda era cedo.

- Só um sorvete. - Sentamo-nos em uma sorveteria e ele fez os pedidos.

- Se não me der uma chance de me mostrar verdadeiramente quem sou não poderá tirar suas próprias conclusões. Só ficará com as fofocas de trabalho, então terá uma péssima impressão, mas isso pelo olhar do outro. Que tal me ver com seus próprios olhos?

- Heitor, nosso combinado foi só o sorvete. – De certa forma ele tinha razão. O olhar das pessoas geralmente, não nos dava um ponto de vista preciso como a nossa própria visão daria, mas, eu não tinha interesse naquele instante de ter um ponto de vista sobre o Heitor ou sobre qualquer outro homem, que não fosse o Cairon.

- Mas se estiver disposta a ser ao menos minha amiga, poderá conhecer minha alma, então verá que não

sou tão ruim como me pintam.

- Com certeza não é mesmo. A questão é que te deixei bem claro, que não é você. Sou eu! Ainda preciso trilhar alguns caminhos, sozinha, - enfatizei. - Para depois ter alguém sério em minha vida.

- E o cavalheiro das flores?

- Ele é um amigo.

- Sei. Manando flores caras do jeito que são, vai me dizer que era só pela amizade?

- Digo sim. - Ele segurou minha mão. - Solta.

- Que mão macia. - Ele acariciava minha mão com as suas. Imagina essa mão passando em meu rosto e... – Eu tentava puxar quando ouvimos uma voz infantil.

- Oi Heitor.

- Oi Pietro. - O menino abordou o Heitor e me olhou.

- Está com seu pai ou sua mãe? – O Heitor olhava de longe em busca dos pais da criança.

- Estou com o papai. Ele me trouxe por que estava muito triste hoje. - Ah que gracinha pensei. O Heitor soltou minha mão e olhou para trás de mim devendo ter

avistado o pai da criança, e passando a acenar.

- É sua namorada?

- Você a acha bonita?

- Ela é muito bonita. Olá eu sou o Pietro. – Estendeu a mão. - Você é a namorada do Heitor?

- Não. De forma alguma.

- É quase Pietro. Ela não sabe, mas me ama. – Cochichou com o menino.

- Heitor não minta para a criança. Ele está brincando viu Pietro ele não é meu namorado.

- Que pena. Achei que fosse.

- Por que achou isso Pietro? - Perguntei curiosa.

- Por que ele estava segurando sua mão. Perguntei ao papai, mas ele disse que não sabia, mesmo ele conhecendo o Heitor que trabalha perto do serviço dele. Só então me lembrei de que o nome era conhecido. Pietro... Pietro.

- Filho, vamos embora. Deixe o Heitor e a Liara em paz. Vamos. – Me levantei quase derrubando tudo que havia sobre a mesa.

Meu coração quase saltou pela boca. Era o Cairon.

Como não associei o nome do garoto. Não tinha também como eu lembrar-me assim de primeira. Virei-me e o vi com o Murilo que também me olhava sem esboçar qualquer reação.

Eu estava petrificada. Ele acreditaria em mim? Quer fora coincidência ter me encontrado com o Heitor logo depois dele ter ligado dizendo que não viria antes, só para o almoço?

- Cairon... Quer dizer, Meritíssimo.

- Fica tranquila gata, não estamos em horário de trabalho. – Heitor não podia piorar as coisas.

- Heitor. – Ele cumprimentou o Heitor, e depois virou-se para mim. - Liara. - A frieza que expressou em seu olhar, congelaria até o mais quente dos continentes naquele momento. Estava com algumas sacolas à mão. Fez um gesto com a cabeça e saiu com o garoto me deixando sem poder dizer uma palavra se quer.

- Esse homem deve estar comendo o pão que o diabo amassou.

- É mesmo? – Gaguejei com os olhos marejados de lágrimas. - Por quê? - Minhas lágrimas estavam chegando

aos olhos e eu não poderia me dar ao luxo de deixá-las cair.

- Ele era um apaixonado pela esposa mesmo todos nós sabendo que ela não dava a mínima para ele. E pelo que dizem, agora, ela o deixou por causa de outro. Ele é muito fechado no trabalho. Lá no Tribunal, dizem que ele não tem um amigo, ficando apenas com os juízes do fórum, com os quais não temais tanto contato. O que lhe sobra, é o cão de guarda, o Murilo, que é amigo de escola e sua segurança pessoal.

- E agora ele pensa que somos namorados. Não liga para isso?

- Gata se liga... O que ele pensa ou deixa de pensar não nos interessa. O Cairon tem essa fama de mau, e morde quem precisa. Não devemos nada a ele, e eu particularmente até o acho muito gente boa. Ele já me viu com várias gatinhas, até mesmo lá do TRF, e nunca disse nada.

- Mas não somos namorados. – Quase gritei. Minha vontade era esbofetear o Heitor. Não, a idiota era eu no momento.

- Para ele tanto faz tanto fez. Não é como a Juíza. Não intromete em nossas vidas particulares. E verá que não comentará nada com o Breno. Tenho uma grande admiração por ele. - Eu sabia que tinha que ir embora, mas estava sem jeito de sair correndo e estava gostando de ouvi-lo falar sobre o Cairon. Como deduzi que o Cairon iria levar o filho em casa para depois voltar.

- Heitor. Sinto muito, mas eu preciso ir agora. Preciso fazer almoço para minha mãe. - Menti para poder partir na primeira oportunidade que encontrei.

- Não quer me convidar para almoçar? Eu não tenho onde almoçar hoje. Almoçarei sozinho por aqui.

- Olha, seria um prazer, mas minha mãe, ela está muito enferma – não era mentira, - e sem paciência. Quem sabe outra hora.

- Claro. Já me acostumei a ser sozinho.

- Me corta o coração te deixar sozinho. Porém, minha ladainha será a mesma, se tivesse outro jeito, juro que faria.

- A gente se vê amanhã no trabalho.

Levantei-me, e sai quase voando do lugar. Chamei

um táxi para voltar mais rápido, mas o trânsito estava infernal. Peguei meu celular e liguei para o Cairon mesmo sabendo que ele viria. Será que agora viria?

Ele não atendeu. Como eu imaginava. Está chateado. Eu também estaria se de repente visse ele com uma amiga do trabalho. Mas preciso explicar a ele, embora minha explicação não seja muito convincente. Cheguei ao apartamento ofegante.

- O que é isso? Está relembrando seu tempo de criança? Correndo dentro de casa. - Minha tia lembrou-se do meu tempo na casa dela. Mas eu não estava com espírito para recordações.

- Não eu só... O Cairon não apareceu ainda?

- Ah sim... - Meu coração gelou. Esteve aqui, esperou por alguns minutos, como não apareceu, deixou algumas coisas em seu quarto, e disse que tinha visto você mais cedo, e foi embora. - Ah não. Era só o que me faltava.

- Estava sozinho?

- Aqui sim.

- Disse que horas volta?

- Disse que te ligava depois.

- Não acredito. - Levei as mãos no rosto e chorei.

Minha mãe veio da cozinha e sentou-se perto de mim.

- Aconteceu algo?

- Ele me viu no shopping com um amigo do trabalho, no qual não confia muito. Até chegou a me perguntar outro dia se havia necessidade de falar com o rapaz.

Ela só abalançou a cabeça me reprovando. Desta vez eu sabia que ela tinha razão.

- Então agora ele está na razão não é?

- Não tem nada a ver eu e o Heitor.

- Os homens se doem muito mais fácil que as mulheres filha. As mulheres perdoam... Perdoam. Os homens depois que colocam uma coisa na cabeça. Esquece. Lembram-se disso para sempre.

Fui para o quarto e me perdi em quantas ligações eu fiz sem ter retorno. Mesmo que ele estivesse com o filho poderia me atender.

- Atente Cairon. Atende. Joguei o telefone sobre a cama, com ódio, de mim mesma. Deitei-me e chorei

copiosamente. Eu não podia perdê-lo assim. Não agora. Lembrei-me do cartão do Murilo então liguei.

- Não estou com ele mais. Acabei de deixá-lo em casa. E não vou tirá-lo de lá hoje novamente. Não tem noção de quantas famílias precisam ficar sem o pai no horário de almoço para que o levemos até você.

- Mas, tínhamos combinado de que ele viria almoçar comigo, Murilo.

- E ele foi. Você não estava. E ele sabia onde você estava. Ainda achou que você chegaria primeiro que ele, mas você não chegou. Esperou por você uns trinta minutos ou mais.

- Eu estava vindo. O trânsito estava lento por isso demorei.

- Liara. O Cairon é um homem passando por uma fase difícil. Você é uma mulher passando por uma fase difícil. Eu estou tentado a achar que esse relacionamento não dará em nada.

- Você disse isso a ele?

- Disse sim.

- Ah não Murilo.

- O que você sente por ele é gratidão. Não é amor ou paixão. Ele tirou você da rua. Te deu um teto, te deu esperança. Qualquer mulher sentiria gratidão por um homem assim.

- Eu sei o que sinto. Você não tinha esse direito. - Encostei-me à parede.

- Ele é meu amigo. Tenho o direito de dizer a ele para pular fora enquanto é tempo, por que o deixei cair em um abismo uma vez, não deixarei novamente.

- A gente se gosta e ninguém, nem os amigos têm o direito de nos questionar sobre o que sentimos.

- Você é grata, e ele tem um sentimento de proteção. Cuidado. Ele sempre foi assim. E como estão carentes. Querem curar suas carências, um curando-se com o outro.

- Estou com ódio de você Murilo.

- Não. Está com ódio de si mesma. Devia ter pedido um tempo a ele. Conhecido novas pessoas, só depois se envolvido.

Desliguei o telefone e chorei novamente. Odiava o Heitor por sempre estar por perto. Odiava o Murilo por ficar falando do que ele não entendia. Odiava o Cairon

por ele acreditar no Murilo, sem me ouvir. Mas na verdade, o Murilo tinha razão... Odiava a mim mesma e não por essa conversa do Murilo de pedir tempo. Mas por já não ter feito o Heitor desanimar de se aproximar.

Peguei a lista telefônica e procurei pelo endereço do Cairon e não constava na lista. Revirei tudo o que eu tinha e nada. Abri meu computador entrei com minha senha na intranet do fórum e vasculhei por endereços. E nada. Só dos funcionários do fórum. Liguei para a Késsia.

- Oi. Notícias da Josy?

- Eu juro que estava pegando seu telefone para te ligar. Ela está acordada. Estamos pensando em dar um pulo lá para cantar parabéns. O que acha? - Eu estava com os olhos vermelhos de tanto chorar. Não era boa companhia, mas e se o Cairon fosse?

- Claro, vamos sim.

- Vou fazer algumas ligações e a gente se encontra lá. Daqui quarenta minutos.

Quando cheguei ao hospital estava ansiosa para ver a Josy também, porém o Cairon era meu ideal.

- Achei que não viriam me ver em meu aniversário.

A voz dela ainda era fraca, mas estávamos muito felizes por vê-la acordada e bem.

- Claro que não deixaríamos passar em branco. Ficamos apavorados quando soubemos do acidente. Queria chamar nossa atenção. Pronto você conseguiu.

- Então o que estamos esperando. Vamos cantar os parabéns antes que nos expulsem a todos daqui.

- Não vem mais ninguém? - Perguntei na esperança de que ele ainda aparecesse.

- Não. Até para o Juiz federal eu liguei, porque estava muito interessado em saber sobre seu estado de saúde, mas, haviam dispensado os seguranças e não está podendo sair de casa sozinho. - Lembrei-me das recomendações que ele havia me dado.

Quando terminamos o bolo o Heitor insistiu em me levar em casa, mas não aceitei e pedi que ele não tentasse novamente.

Em casa, olhei os pacotes que minha tinha mencionado que ele trouxera e abri. Havia chocolates suíços, - Retirei o pacote e coloquei sobre a cama, - Um filme e uma boneca de pano. Me aguarei a ela e chorei

sem parar.

Dormi sofrendo todas as dores do coração que alguém pode sentir. Achei que iria ter um infarto de tanto que meu coração doía. Ele não podia fazer isso comigo. Nem mesmo o dia em que dormimos na rua foi tão ruim quanto esta noite. Em uma escala ela alcançaria a nota zero de tão fria e solitária.

& Vinte e nove &

Cairon,

DEITADO, AQUI EM MINHA CAMA, tentando não me vencer pelo desejo de ligar para ela, de ir ao seu encontro. Mas pensei bem nas palavras do Murilo. Por isso estou aqui.

Que sentimento foi aquele que senti ao ver o Heitor segurando a mão dela, entre as dele. Não pode ter sido ciúmes, por que era mais para doloroso que qualquer outra dor que eu já senti.

Quando entrei no carro o Murilo começou a falar em código para que o Pietro não entendesse tudo.

- Ficar em silêncio não vai te ajudar. Só vai piorar a situação. Eu não respondi. - Era assim que eu bloqueava

minhas emoções e sentimentos. Através do silêncio.

Deixamos um Pietro menos indignado em casa. Aquilo também foi terrível.

“Não” – O pobrezinho gritava enquanto me chutava descontrolado. “Ele pode até ser namorado da minha mãe, mas não é meu pai de verdade. Você disse que seria meu pai para sempre. Está dizendo isso por que quer me abandonar”.

Expliquei a ele, de o avô não ter aceitado que o pai se casasse com a mãe. Falei com carinho também dos meus equívocos, ao achar que poderia amar a ele e a mãe ao ponto de que ela me amasse por meu gesto.

- O papai foi errado. Agora você tem a oportunidade de conhecer seu pai verdadeiro. E eu também continuarei sendo seu pai como prometi.

Mesmo assim, mesmo eu colocando amor e carinho em minhas palavras, mesmo ele tendo visto as lágrimas nos olhos da mãe e o nervosismo nas mãos do pai que embolavam uma na outra ele não conteve sua crise de choro e sairá correndo.

Não o culpava. Não tinha escolhido isso. Todos nós

tivemos escolha. Menos ele. A mãe fizera más escolhas, o avô fizera péssimas escolhas, eu fiz minhas escolhas, que também foram terríveis, e o pai também havia feito suas escolhas, mas ele não. Simplesmente havia nascido, onde todos haviam feito as escolhas por ele. E agora, não estava sendo diferente. Ninguém estava dando a ele opções. Estávamos somente jogando sobre ele uma realidade nua e crua e pronta. Ele que a vivesse.

Corri atrás dele e foi onde achei melhor levá-lo para tomar um sorvete e espairecer antes de voltar para casa.

Maldita hora em que entrei naquela sorveteria. Maldita hora em que eu passei de frente aquele ponto de ônibus.

Olhei o celular tocando se eu contei bem, essa seria a quadragésima quinta vez que ela chamava e eu não atendia.

O Murilo conversou muito comigo depois que saímos de lá. Ele sabia que minha vontade era de socar o Heitor até ele perder os dentes todos.

- Sabe que o Heitor não está errado. - O Murilo

tinha começado. - Ele não sabe sobre vocês. Se soubesse com certeza não faria isso. Eles te respeitam muito. Sabe disso.

- Eu sei.

- Eu sou da opinião que a gente sair de um relacionamento e entrar em outro não dá certo. Além do mais ela está radiante com você, por quê? Qual mulher não ficaria? Você é um bom partido, o único homem que ela conheceu desde que chegou aqui, e faz tudo para ela. Como não se apaixonaria? Mas é aquela paixão de gratidão. Até eu me casaria com você Cairon caso não gostasse tanto de mulher.

- Você não entende.

- Claro que entendo e a culpa não é só dela. Você não deu tempo desde que a conheceu. Sempre perto sempre solícito.

- Ela estava precisando de ajuda!

- E agora está grata. Só isso. Mas gratidão não sustenta relacionamentos.

- Chega.

- Bom... Está entregue. Está ficando só com o

pessoal da PF na porta do prédio. Se quiser sair terá que me ligar. Mas pense bem antes de correr para os braços dela para afogar sua carência. Conhece aquela história em que o suicida nunca quer morrer e sim acabar com sua dor? Assim está você. Quer acabar com seu sofrimento e solidão. Mas morrerá.

Ele tinha razão em dizer que eu morreriria, mas não era tentando acabar com a solidão. Iria morrer se tivesse que me afastar dela nesse ponto ao qual chegamos.

Esforcei-me para dormir, mas a noite não estava me ajudando. Não mesmo.

& Trinta &

Cairon,

— FILHO INGRATO E CRUEL. — Eu sabia, quando atendi ao telefone em meu gabinete e ouvi a voz de minha mãe, eu sabia que algo havia passado em branco. Fiquei tão atordoado com os acontecimentos do Pietro e da Liara que me esquecia do jantar combinado com minha mãe.

— Mãe me...

— Nada de perdão filho. Fiquei esperando por você

e a moça que disse que traria e até agora nada.

— É que tive problemas com o Pietro. — Não vou dizer a minha mãe sobre a Liara. Conheço bem minha mãe. A gente fala A e ela B e C.

— O que houve com meu neto?

— A Giovanna contou a ele sobre o pai biológico e ele não aceitou muito bem.

— Por que não o trouxe para cá? Cuidaríamos dele.
— Devia mesmo, teria evitado uma situação e tanto.

— Mãe. Ainda essa semana ele não estará mais registrado em meu nome. Não temos tanto mais direito sobre ele. Precisamos nos acostumar.

— Eu não me acostumo filho. Será que ela o trará para nos ver ou deixará que ele nos esqueça?

— Mãe. Eu mesmo levarei o Pietro para vê-los. Pode ficar tranquila.

— E quanto à moça? Quando a trará?

— Mãe me deixa resolver essa situação do Pietro. Passando uns dias e eu a levarei.

— Está tudo bem! Seu pai manda um abraço.

— Mande outro a ele. — Desliguei o telefone

consciente de que de agora em diante todos os dias ela procuraria saber sobre a tal moça que mencionei.

— Bom dia! Posso entrar? – A porta se abriu e ele entrou com um envelope em mãos.

— Claro Murilo. Algo sério?

— Aqui está o relatório que fiz sobre a tal doutora e... Está prestando atenção?

— Sim estou. Pode terminar.

— Está chateado por ontem não é?

— Você é meu amigo, mas gostaria que me deixasse quebrar a cara sozinho.

— Você fez isso uma vez. E está pagando por isso agora. Não vou discutir com você. Se for isso que quer. Mas eu penso ainda que poderia dar um tempo a ela. Deixar que ela respirasse novos ares, agora que pode ser independente. Para ter certeza que ela queira você.

— Com licença meritíssimo. – Nos olhamos ao ver a Liara entrar com várias pastas. Ela colocou os documentos sobre a mesa e não olhou em minha direção. Estava com os olhos ainda vermelho. Devia ter chorado durante a noite toda.

O Murilo continuava ali sentando no sofá do gabinete sem dizer uma palavra sequer.

— Do que se trata?

— Não sei doutor, o Doutor Breno só pediu que eu os trouxesse.

- Tem que levar alguma resposta a ele?

- Se tiver, peço a Késsia que venha buscar mais tarde meritíssimo.

— Se quiser aguardar um pouco.

— Não senhor. Ela virá mais tarde.

Ela saiu e não disse uma palavra sequer sobre nós. Mas vi suas lágrimas antes de sair e olhei para o Murilo.

— Não olhe para mim desta forma. Se quiser ficar com ela aqui mesmo eu espero lá de fora. Mas minha opinião será a mesma. Tempo... Precisam de tempo.

— Você amou alguma vez Murilo?

— Claro que já! Amo minha namorada.

— Eu poderia dizer que não acho que a ama. Nunca vi você fazer nada por ela.

— Faço sim, é porque você não convive conosco.

— O mesmo vale a você. Só vê o externo. Não tem

como sentir o que sentimos.

— Leia os relatórios, caso precise de mim me ligue.

Trabalhei lendo e assinando todos os documentos e depois parei para ler os tais relatórios. A doutora Ana Luíza, passou por duas comarcas pequenas, e em ambas, agiu com muita competência, porém de difícil convivência, é o que relata algumas testemunhas. Briga em condomínio com condômino. E, uma coisa me chamou a atenção. Estava com um namorado há mais de quatro anos. Porém o nome não estava na lista. Assinava outro sobrenome, não era o mesmo da família. Peguei o marca texto e grifei.

Dois irmãos, o pai e mãe e nenhum era de carreira jurídica. A quem ela teria herdado este desejo de ser juíza? Peguei o telefone e fiz uma chamada a um amigo na polícia federal.

— Preciso que faça uma busca para mim nos seguintes nomes. Citei a ele todos os nomes dos familiares da Juíza. — Assim que tiver algo me mande por e-mail.

Meu celular tocou interrompendo meus pensamentos e minha leitura.

— Doutor desculpa ligar novamente. Mas a senhora que está hospedada em seu apartamento pediu que eu ligasse e falasse com o senhor que precisa pagar o aluguel pessoalmente, que o senhor venha para ver algo no apartamento.

Pagar aluguel? Algo no apartamento? Foi essa a desculpa que a mãe da Liara deu para conseguir falar comigo?

— Ela está com você?

— Sim está aqui do meu lado.

— Pergunte a ela qual o melhor horário? – O ouvi transmitindo o recado e ela falando do outro lado.

— Disse que a filha não virá para o almoço, mas que seria uma honra para ela receber o senhor neste horário.

— Diga a ela que se eu conseguir me organizar irei neste horário então.

Ela com certeza daria pulos de alegria. Nunca gostou do nosso relacionamento mesmo.

A lembrança da Liara chorando me cortava o coração. Guardei minhas coisas, fui ao banheiro. Sai da

sala trancando-a com cuidado.

Passei pela portaria central e não vi nenhuma das meninas. A porta já estava fechada para o almoço. Encontrei-me com o Murilo à porta.

— Vai almoçar no local de sempre?

— Não. Irei ao apartamento da Liara, a mãe deseja falar comigo. Preciso ver o que ela deseja.

Ele não disse nada a respeito. Simplesmente dirigiu-se para lá. Entramos pela portaria indo direto para a garagem.

— A senhora pediu que eu viesse, aqui estou. — Ela estava no quarto e a irmã na cozinha terminando o almoço.

— Celena. Se acaso a Liara chegar não deixe que ela venha ao meu quarto, pediu à irmã.

— Está bem. Seguro ela por aqui.

— Sente-se doutor. Não vou dizer que a casa é sua por que disso o senhor sabe.

— Mas a casa é de vocês enquanto morarem aqui.

— O senhor e minha filha. Andaram brigando. Acha justo ficarmos aqui?

— O Que a senhora quer dizer?

— Que vou dizer a ela para voltarmos para o interior. Ela deve receber essa semana. E poderemos partir. — O que ela queria dizer com isso? Ir embora. Não ver mais minha dama da noite?

— Acha justo fazer isso com ela? Tirá-la da faculdade novamente? De um trabalho estável?

— E de sua vida? Não seria bom ter uma pessoa a menos com quem se preocupar? — Fiquei em silêncio. — Com tantas preocupações eu faria um favor ao senhor.

— Não preciso que me faça favores. Ainda mais este tipo.

— Que tipo?

— Tipo o que a senhora sempre quis. Afastar sua filha de mim.

— Mas o senhor deu o primeiro passo para isso. Se afastou dela este fim de semana todo.

— Eu? Está enganada. Mas a senhora estava correta no princípio, ela não estava preparada para quando eu não viesse. Não estava pronta para quando eu tivesse que assessorar meu filho. Nós tínhamos um combinado e eu contei a ela todos os meus passos. Ao contrário... Ela foi

tomar sorvete com outra pessoa.

— É um amigo do trabalho.

— No qual eu não confio nem um pouco.

— Está desconfiando da minha filha?

— Não. Só não confio no Heitor. Mesmo assim ela poderia ao menos ter me ligado, assim não passaria perto de onde eles estivessem e se passasse não teria a desagradável surpresa de ter o visto segurando a mão dela.

— Ela está sofrendo. Chorou a noite toda.

— E a senhora acha que eu não sofri a noite toda?

— Um de vocês terá que dar o primeiro passo.

— Ela precisa ter a oportunidade de conhecer novas pessoas. É jovem. A senhora estava mais que certa em suas palavras.

— E está apaixonada pelo senhor. No começo eu até pensei que ela estivesse gostando da situação de conforto, que pode oferecer. Mas não somos assim. Minha filha é honesta e não tem medo do trabalho.

— Eu sei. Vejo sua dedicação.

— Eu estava errada.

— O que a senhora quer dizer?

— O senhor é um bom homem. Não é como os homens que conheci. Ela sofreu muito na vida com privações pensando nos outros e até mesmo nos relacionamentos ela sofreu. Não quero que ela sofra mais. Precisa ser feliz! E se a felicidade dela está ao seu lado. Eu intervenho para que dê uma chance de ela se explicar ao menos.

Fiquei em silêncio. Aquela mulher não queria meu dinheiro. Ela não queria nem que eu ficasse com a filha e agora se humilhava-se em nome de uma reconciliação. Talvez o Murilo estivesse muito errado em sua teoria. Talvez não estivesse só carente, mas realmente apaixonado. Talvez ela não estivesse somente agradecida. “Talvez” “Talvez”

— Preciso ir.

— Irá pensar no que eu disse?

— Já estou!

Sai e me despedi da tia que me informou que hoje partirá. Era para ter ido ontem, mas como a sobrinha estava muito triste decidiu ficar.

Hoje meu dia começou muito mal, mas poderia fazer algo para que isso mudasse só não sabia o que eu poderia fazer.

& Trinta e um &

Liara

— Gente. Brigou com o namorado?

— Por que acha isso?

— Sua aparência chorosa. Está horrível.

— Foi uma situação chata. Agora ele não quer falar comigo.

— Boas tarde princesas.

— Boa tarde Heitor!

— E nosso almoço ou jantar?

— Nada feito Heitor. Por causa da minha demora e depois de saber que eu estava tomando sorvete com você, meu namorado nem quer falar comigo direito.

— Mas você disse que não tinha namorado. E como ele soube? Os únicos que nos viram juntos, foram o Juiz e o cão de guarda.

— Por que eu tive que contar.

— Precisa ficar mais esperta isso sim. Certas coisas não contamos aos namorados nem as namoradas.

— Você faz isso? Eu não. Temos um relacionamento à base de confiança. Não posso mentir a ele.

— Não seria mentira se tivesse ficado calada.

— Seria omissão. Que tem o mesmo peso. — Estava muito irritada e descontava minha raiva toda sobre o pobre Heitor.

— Está falando como uma advogada.

— Estamos todos no ramo não é?

— Ele também é do meio?

— Não. — Quase gritei. — Estou me referindo a nós dois. — Comecei a desconfiar de que o Heitor estivesse jogando verde comigo.

— Tudo bem então. Ficarei na minha. Quando estiver livre me diga.

A parte da tarde estava pior que a da manhã. Me sentia um trapo. Quase às cinco horas, o doutor Breno me pediu que fosse buscar as tais pastas no TRF.

- Doutor não pode ser a Késsia é que...

- Algum problema? – Era como se eu confessasse que estávamos brigados. Neguei e atravessei a rua para buscar os benditos documentos. E queira a Deus que esses documentos não fossem uma armação do doutor Breno tentando ser cupido.

A assistente dele me informou que estava reunido com alguns desembargadores, mas que eu esperasse, depois de alguns segundos pediu que eu entrasse, a sala estava cheia, ele se levantou, foi até sua mesa, pegou as pastas e me entregou, sendo que havia um recado com o nome do doutor Breno.

Achei que teria a oportunidade de falar com ele agora, mas pelo que vejo não seria ainda o momento. Eu quero sei lá, pedir desculpas, me justificar.

Sai do trabalho corri em casa tomei banho troquei de roupa e fui para a faculdade. Muitos trabalhos, e olha que nem estamos na terceira semana de aula. Mergulhei de cabeça, mas a toda hora eu olhava o celular para ver se não haveria ligação dele.

Quando cheguei a casa minha mãe veio conversar comigo. E eu pensando que ela falaria outra coisa.

— Fizeram as pazes?

— Ainda não. Hoje não teve como conversar com ele. O dia foi corrido e ele não esteve sozinho. Pensei que ele me ligaria agora à noite. Mas isso também não aconteceu.

— Se você acha que vale a pena ligue para ele você.

— Liguei ontem mais de mil vezes. Ele não quis me atender. Não tenho mais coragem de ligar.

— Tentou falar com ele no trabalho?

— Por duas vezes, mas a primeira ele estava com o Murilo e eu não quis falar nada, estou com ódio do Murilo por achar que eu tenho interesse só no que o Cairon pode me oferecer.

— Não o culpe. Convive com o doutor e sabe de tudo que ele já tenha passado.

— Mas não pode sair por aí comparando e julgando as pessoas.

— Ele não fez por mal. E ainda bem que foi sincero com você.

— E eu o odiei. Da segunda vez que tentei ele

estava em reunião com desembargadores.

— Tente amanhã novamente. Caso ele diga que não te quer mais iremos embora. Voltaremos para nossa cidade com sua tia. Sem reclamações. Assim se curará mais rápido.

— Eu jamais conseguirei um emprego como esse, mãe.

— Mas também não conseguirá pagar um apartamento deste preço, sozinha, abastecê-lo, pagar alguém para nos ajudar com o almoço e o tudo mais que ele tem pagado.

— Podemos voltar para a pensão. O Emerson disse que faria um preço bom para nós.

— Não quer ir por causa do emprego mesmo? Ou porque não saberia viver longe dele?

— A senhora sabe minha resposta, não preciso dizer em voz alta. E... Se ele não me quiser mais eu sofrerei, até meu coração entender isso. Por que por enquanto eu não quero e me recuso a aceitar. Eu sou dele, disse isso a ele, mais que ninguém ele sabe. Não tem por que duvidar. — Fui para meu quarto decidida de que não iria embora.

Um, dois, três. Quatro dias sem ver o Cairon. A sexta-feira, chegou trazendo boas notícias... Dia de pagamento. Meu primeiro salário. Isso me traz de volta a dignidade. Assalariada com muito orgulho. Minha tia foi embora na segunda, mas teve que voltar hoje para pegar o resultado do exame que fez e mostrar aos médicos. Com ela em casa fico mais tranquila.

— Então. Decidiu-se em ir se encontrar conosco na boate hoje a noite?

— Késsia minha vontade é de tomar um bom banho e me deitar.

— Teremos vários DJ's. Vai ser muito bom. E não é todo dia que a galera do trabalho decide se encontrar. E mais... Seja quem for este homem não merece o sofrimento de uma semana.

— Vou pensar. E... Késsia, ele merece sim.

— Me passa seu número de celular. — Disse o número e ela anotou em seu celular, nos despedimos e fui para a faculdade.

Quando sai da aula, era bem tarde da noite. Pelo quinto dia procurei por um sinal de farol e nada. Olhei no

relógio e imaginei que se tivesse que vir, estaria por aqui. Então quando um táxi apareceu dei o endereço da boate e fui me encontrar com o pessoal. Eu não liguei mais. Estava muito a fim de ligar, mas não liguei.

— Ahhhhhhhhhhhhhhhhhhh. — Minha amiga gritou vindo ao meu encontro com um copo na mão. — Que bom que veio! Venha, beba isso. — A Késsia na verdade estava para lá do monte Sinai.

— Hei... Que milagre!

— Oi Heitor. — Cumprimentei-o e acenei para o restante do pessoal. Peguei o copo e tomei o primeiro gole congelando.

— O meu Deus! — Quando ouvia as palavras da boca da Késsia, primeiro pensei que ela se referisse a eu ter tomado a bebida de teor alcoólico, mas depois olhando para trás entendi seu espanto.

O Cairon chegava à boate, seguido de vários homens que eu não conhecia. Falou algo com eles que saíram cada um para um lado e ele veio em nossa direção. — Ele veio!

— Você convidou o doutor Cairon para uma boate?

Está louca? – O Heitor censurou a Késsia.

— Heitor, primeiro que achei que ele não fosse aceitar, e depois, ah... Depois ele está passando uma fase difícil. Está sozinho. E é o tesão em pessoa. Quem sabe a gente não embebeda ele, e rola alguma coisa.

— E se, se interessar por qualquer uma de vocês, será uma a menos na minha lista de espera.

— Que lista de espera Heitor? Paciência. – Ela saiu e foi ao encontro do Juiz. E eu fiquei lá bebendo. Queria ter bebido muito mais antes de vê-lo. Então era assim... Estava se divertindo enquanto eu chorava?

Mas ao olhá-lo novamente, conversando com a Késsia só pude concluir o quanto era lindo. Ou melhor, lindo ele era sempre. Mas estava com os cabelos molhados. E todo de preto. Sem paletó nem jaqueta, como sempre estava. Só a camiseta marcada pelos músculos do peito.

Ele veio cumprimentando à todos. E o pessoal parecia meio dividido entre felizes e insatisfeitos com sua presença. Com certeza os homens casados estavam se sentindo acuados pela presença do Juiz, uma vez que não

estavam acompanhados de suas esposas.

As solteiras ficaram mais animadas que nunca e o Heitor se sentindo ameaçado. Quando havia cumprimentando a todos veio até onde eu estava sozinha com meu copo. Tomou o copo de minhas mãos e bebeu um gole fazendo careta.

— Tomando esse veneno e ainda de pé?

— Acabei de chegar. É o primeiro.

— Eu sei. — Como sabe?

— Estava me vigiando?

— Não. Só não me convenceu.

— Meritíssimo. Seja bem-vindo! Só não toque nas que estiverem com etiqueta de Heitor.

— São tantas assim Heitor? Conseguirá cuidar de todas ao mesmo tempo?

— Claro que conseguirei. Tem Heitor para todas. — Eles sorriram divertidos, como se não tivéssemos passado uma semana chorando. Ele apertou a mão do Heitor, que se afastou um tanto alto pelas várias bebidas que devia ter ingerido. Ficamos lá perto um do outro. Como todos estavam conversando ninguém poderia acusar ninguém ali.

Quando nenhum olhar estava sobre nós, me aproximei e aproveitando a música alta, sussurrei em seu ouvido.

— Senti sua falta. — Ele somente sorriu. Mas para mim já foi o suficiente. Era como se ele dissesse "Eu também".

A balada continuou e eu me perdi em quantos copos havia tomado. Olhei para ele e ainda estava com o mesmo copo.

O DJ tocou uma música e todos começaram a dançar, aproveitei para dançar e encostar-me ao juíz. Fiz umas duas vezes na terceira ele se abaixou e me ameaçou.

— Não provoque se não puder arcar com as consequências.

— É o que mais desejei essa semana.

— O quê?

— As consequências. — Sabia que não podia ser tão frio quanto tentava demonstrar. No mesmo instante disse que estava de partida, e caso eu quisesse carona, o carro estava estacionado aos fundos da boate.

— Dê um tempo antes de sair.

Ele só disse isso e se foi. Onde é isso? A porta dos fundos. Nunca estive aqui. Mal conseguia parar de pé.

Observei lá de cima o caminho que ele fazia entre as pessoas e o corredor que seguiu.

— Ah que pena o gostosão se foi. Era muita alegria para uma noite só. Ainda bem que apostei no outro. — Olhei e vi um advogado muito famoso que visita sempre o fórum.

— Eu também já vou. Vou chamar um táxi.

— Devia ter pedido carona ao Cairongato. — Os gestos dela eram extravagantes. Dignos de quem havia bebido muito.

— Está bêbada Késsia. Vá para casa também!

— A diferença é que eu vou acompanhada.

— Tudo bem! O que eu tenho me basta.

— Como assim? O que têm? — A fala dela já se arrastava devido ao álcool.

— Nada, esquece. — Dei um beijo no seu rosto e descí. Muita calma nesta hora. Um degrau de cada vez.

— Hei gatinha não vá.

— Já deu minha hora Heitor.

— Então espera. Você não pode dirigir bêbada.

— Quem está mais bêbado é você.

— Não senhora, não senhora. Você vai de carona.

Vem por aqui. — Ele segurou minha mão e me puxava entre as pessoas, eu fui porque era justamente o corredor por onde o Cairon havia desaparecido.

— Heitor eu já tenho carona. — Tentei me soltar.

— Hei doutor. — Nos deparamos com o Cairon quase no final do corredor. — O Senhor... Meritíssimo... Quer dizer, Já que bebeu menos que nós. Poderia dar uma carona para esta gatinha? Hoje não teve Heitor para ela. E não posso deixá-la ir sozinha para casa.

— Claro Heitor eu a levo para casa. Ela se lembra de onde mora?

— Qualquer coisa leve-a para sua casa. — Ele soltou uma gargalhada e saiu cambaleando.

Antes mesmo de que eu pensasse algo o Cairon me puxou ao seu encontro e me beijou com força, com ânsia e desejo.

— Está louco. Vão nos ver aqui.

— Que se dane. — Ele continuava a me tocar. Até

que parou e me puxou para fora.

Havia um beco muito escuro ao fim do corredor. Entre alguns caixotes. Ele me levou até lá abriu um pouco o zíper da minha blusa e deixou livre um dos meus seios se apossando dele com seus lábios, enquanto suas mãos passeavam pelo meu corpo inteiro.

Eu queria gritar o quanto eu amava seu corpo no meu. Mas não estávamos em condições de gritar e nem em lugar apropriado.

— Não aguento esperar mais nenhum minuto.

— Nem eu.

— Estava louco de saudades de você! – Ele falava baixo em meu ouvido. E meu corpo estava entregue. — Seus seios...

— O que têm eles. – Ele passava a mão sobre eles abrindo toda minha blusa.

— Amo vê-los. E amo mais tocá-los. Gosta disso? - Se eu gostava? Ele tocava em um ponto fixo, mas todo meu corpo respondia ardentemente. Estava a ponto de retirar o resto da roupa e transar com ele ali.

— Gosto. Muito!

Ele continuou mordiscando e sugando cada um em sua vez. Depois enfiou sua mão por dentro da minha calça e encontrou minha entrada que já estava molhada.

— Gosta que eu te toque assim?

— Estou quase chegando ao meu limite.

— Sem mim? Não...

- Então alguém que passava tocou a buzina. – Ele subiu o zíper da minha blusa e me levou até seu carro. — Eu queria muito comer você aqui e agora. Mas corre o risco de sermos interrompidos novamente. E ainda podem chamar a polícia para nós. Isso seria um prato cheio para os jornais da manhã.

Nunca o tinha visto dirigir tão rápido. Só que o caminho não me era familiar. Entramos em um lugar muito chique. Um prédio lindo. E quando descemos fomos até a cobertura.

Mal entramos no elevador e ele voltou a devorar minha boca com fome. Quando entramos no apartamento tudo que eu pudesse imaginar não chegava nem perto do que era a casa de um Juiz.

Era simplesmente enorme. Tudo em tons preto e

branco. Mas de muito bom gosto, provavelmente decorado pela ex.

Terminou de tirar minha roupa, se afastou e eu quase morri de vergonha.

— Maravilhosa. — Ficou também sem roupa. Me virou de costas e foi caminhando comigo até chegarmos a um quarto. Era enorme muito bem equipado de som, e aparelhos e última geração. A TV era enorme, parecia tela de cinema.

— Seu quarto?

— Sim.

— E da sua ex.?

— Não. Nunca dormimos juntos.

— Mentira.

— Te juro. — Sentei-me aos pés da cama enquanto o esperava, ligar o som, apagar a luz central e acender o abajur.

— Que enorme esta cama para uma pessoa só.

— E eu não te trouxe aqui para ver tamanho de cama.

— E para que me trouxe aqui?

— Para as consequências. — Ele riu.

— Ah... As consequências. Estou louca para ver.

— Então se deite. No meio da cama. — Eu fiz. —

Agora se toque.

— O Quê?

— Passe as mãos sobre seus seios.

— Não quer fazer você?

— Com certeza. Mas primeiro você. Vai se tocar para mim. Para apagar todo inferno que vivi essa semana.

Então comecei a tocar meus seios bem devagar imaginando que fosse ele, comecei a me contorcer no meio da cama, antes com os olhos fixos aos dele, e depois sucumbindo à pressão do olhar dele, fechei os olhos.

— Agora desça uma das mãos até encontrar o local que mais lhe dá prazer. — Obedeci cegamente. Estava muito, muito excitada. Como isso podia ser possível eu estar sobre o olhar daquele homem e ao mesmo tempo me masturbando para ele.

— Não posso mais. Toque-me você.

— Só quando eu vir que me quer mais que tudo.

Não precisou muito e eu comecei a sentir uma força

vinda de dentro de mim. Estava vindo com muita força.

— Cairon.

— Pare.

— Não posso. — Ele se deitou sobre mim e segurou minhas mãos.

— Claro que pode. Só eu posso te fazer chegar onde você quer. Quero que se lembre disso todas as vezes que o Heitor der de cima de você. Deixe claro para ele que tem alguém em sua vida!

— Já o fiz. Só não se afaste de mim. E proíba o Murilo de dar palpites em nosso relacionamento. — Ele não concordou e nem discordou. Só me virou na cama e se colocou dentro de mim. — Hum. — Gemi ao senti-lo.

— Isso é bom ou ruim?

— Isso é saudade.

— Não... Isso é saudade.

Movimentou-se freneticamente, sem parar. Entrando e saindo de dentro de mim.

— Aqui não precisamos conter nossos gemidos. Se quiser gritar. — Nem precisava ter falado. Eu não conseguia respirar direito, e só me lembrava do seu nome.

— Cairon.

— Diga o que você quer?

— Você.

Ele não me respondia nunca. Só começou a massagear meu clitóris enquanto penetrava forte, cada vez mais forte.

— Cairon.

— Quando quiser meu anjo.

— Agora. Eu vou.

— Que delícia meu anjo. Que delícia.

Foi diferente. Hoje não foi como das outras vezes. Estava exausta. Mas saciada de uma maneira única. Eu amava este homem. Com todo o entendimento que eu tinha.

Deitei-me.

— Vai dormir aqui?

— Por quê? Que me levar em casa?

— E sua mãe?

— Minha tia está lá com ela. Eu avisei que iria demorar e que talvez dormisse na casa da Késsia. Levantei-me, segurando as cobertas. — Mas se quer que eu vá não precisa nem me levar eu vou de táxi. — Faltava

pouco para chorar.

— Claro que não quero. — Ele me puxou de volta para a cama. — Só queria ter certeza que amanhã não ficaria com a consciência pesada me acusando de ter feito você ficar aqui.

— Não quer que eu fique aqui, pode dizer.

— É o que eu mais quero.

Fiquei virada de costas para que ele não visse que estava chateada.

— Quanto aos dois pedidos que me fez. O Murilo não interferirá mais em nossa relação. Deixei claro a ele. E sobre me ter. Você já me tem.

— Não brinca comigo.

— Não estou brincando sou todo seu.

— Jura?

Virou-me de frente para ele e me beijou com carinho.

— Juro.

& Trinta e dois &

Liara

— MÃE. Entrei feliz da vida.

— Achei que não voltaria mais para casa.

— Eu avisei ontem que não viria para dormir.

— Mas também não disse que passaria até a hora do almoço fora de casa. E se o doutor aparece novamente?

— Ele não ia aparecer por que eu estava com ele. —
Deitei-me ao sofá. Sorridente e feliz pela noite que passei e pela manhã também.

Tomamos banho e depois café. Conheci a Magna. Empregada do Cairon. E à noite jantaremos com os pais dele, para saciar a curiosidade da mãe.

Ele ainda não me disse como serei apresentada. Com a empregada ele simplesmente disse “Magna está é a Liara, e vice-versa. ”.

— Por isso está com essa cara de boba que viu passarinho verde.

— Verde não era bem a cor.

— Menina. Olha o respeito com sua mãe.

— Vou para meu quarto. — Encontrei com minha tia no corredor. — Tia.

— Sua mãe estava preocupada que só.

— Agora estou em casa.

Fiquei em meu quarto estudando e pesquisando para meu trabalho a tarde toda. Meu celular tocou e eu corri para atender.

— Estou de boca aberta até agora.

— Sobre o que Késsia?

— O Heitor disse que estava rolando um lance entre ele e uma gata e não teve como te levar em casa, que viu o Dr. Cairon indo embora e pediu que ele te desse carona e ele deu.

— Ele havia me dado carona um dia, lembra-se do hospital?

— Mas ontem era para ser diferente. Ele estava informal, você estava um tanto alterada. Vai me dizer que não rolou nada?

— Claro que não. Está louca?

Ela acabou acreditando em mim. A final isso é muito normal. As pessoas muitas vezes acreditam no que

querem acreditar.

Às dezoito horas comecei a me arrumar. Cantarolando uma canção que passava ao som. Que era a mesma que o Cairon colocou durante a noite no apartamento dele.

— Que susto mãe. — Ela abriu a porta do meu quarto. — Estou te achando bem hoje. Está mais forte, até caminhando sozinha pela casa.

— Também me sinto melhor. E estou acima de tudo muito tranquila. Vejo que o doutor não é tão ruim para você como eu pensei.

— Ele me faz bem!

— Então é seu dever fazer bem a ele.

— Isso soou estranho vindo de você mãe.

— Eu pensei que ele faria de você sua amante filha, como eu vivi com seu pai. Às escondidas, com as migalhas que sobravam de sua família. Mas vejo que me enganei. Ele pode ainda não ter lhe proposto casamento, mas acredito que fará. E quando isso acontecer seja a melhor esposa que um homem possa ter.

— Não me queria com ele, agora quer que eu me

case e seja submissa.

— Que seja o apoio dele. Seja aquela que segura às barras difíceis. Que o ame sem reservas, boa mãe e boa de cama. Assim ele não terá que procurar outra.

— Viu mãe. Um dia quem sabe isso aconteça.

Terminei de me arrumar a tempo de ouvir a companhia tocar. E ouvir a voz da minha tia falando com ele.

— Que tudo dê certo para vocês lá com os pais dele. — Pela primeira vez abracei minha mãe, era como se eu precisasse de forças reservas para aquele momento.

— Estou muito nervosa. — Falei com minha mãe, mas quem respondeu foi ele.

— Mas não precisa ficar. Meus pais não mordem. — Ele estava parado à porta do quarto encostado. — Vamos lá? Preciso pegar um vinho que meu pai gosta ao caminho.

Despedimo-nos e fomos rumo ao jantar na casa dos pais. Minhas mãos estavam geladas e suadas, não pela temperatura do ambiente, mas pela ansiedade do momento.

Depois de uma rápida parada para comprar o vinho

continuamos nosso trajeto falando de amenidades e sobre o tempo.

— Você está linda!

— E você está desacompanhado hoje?

— Fala sobre os Policiais Federais?

— Sim.

— Não. Estão um pouco mais de longe hoje. Para que tenhamos privacidade.

— E o...- Ainda estava muito chateada com o Murilo. Estava evitando falar o nome dele.

— O Murilo está de folga hoje. Não gostaria de fossem de mal. Os dois são importantes para mim. – Não dei ideia ao assunto dele.

— Você acaba prendendo os bandidos, mas fica preso também!

— Isso não é só eu. Outros Juízes, delegados, promotores, até mesmo os advogados. Estão sempre na mira dos criminosos.

— E consegue viver bem com isso?

— Não é questão de conseguir. É mais questão de se acostumar. E saber que é por uma justa causa.

Paramos diante de uma mansão. Linda casa. E avistei um senhor muito parecido com o Cairon. Aliás, o Cairon era muito parecido com ele.

— Pai. — Ele apertou a mão do senhor assim que descemos. — Esta é a Liara.

— Um prazer conhecê-la. -

— O prazer é meu doutor... — O Cairon se referia ao pai como pai, então esperei que o homem dissesse seu nome.

— Cairon. — Ele é o Filho. Eu sou o verdadeiro. O original. — Que idiota. Eu devia saber disso. Se o Cairon era Cairon Filho, era questão de lógica. Mas não era muito ligada aos detalhes.

— É meu pai fala isso sempre. Que me emprestou seu nome por isso precisava zelar por ele.

— E é a pura verdade. Se o homem perde sua reputação. Seu nome, ele perde metade de sua vida.

— Também concordo com o senhor.

— Mas vamos entrar. Sua mãe está louca.

— Duvido que ela possa ficar mais do que é pai. — Nós rimos e entramos. Assim que entramos a mãe dele

veio me abraçar.

— Até que enfim vou conhecer você. O Cairon me contou que estão se “conhecendo”. Pensei que essa fosse uma expressão usada somente pelos jovens com menos de vinte anos. Mas pelo jeito eu não estou por dentro de nada desta geração. Ele não nos disse que você era negra. Quer dizer... É negra.

Senti meu estômago gelar na hora pela franqueza dela. Embora ela não tenha perdido o sorriso do rosto. Ao contrário, o pai sorria e o Cairon parecia não ligar.

— Ah não. Não pense que isso influenciará alguma coisa entre nós. É que o Cairon quando criança teve uma namoradinha negra e eu achava que os dois iriam se casar, mas ela não o quis. Ela o achava grudento demais.

— A gente era criança mãe. Não tinha nada a ver.

— Um dia ela faltou de aula sabe, e arrumou os cabelos de trancinha. Quando voltou no outro dia segundo a professora, o Cairon começou a segurar sua mão dizendo que ela era namorada dele.

— Mãe. — Ele implorou. - A Liara não que saber sobre isso.

— Claro que quero. Conhecer um pouco mais de você é muito bom. — Foi a primeira vez que ele segurava minha mão. Como se fôssemos namorados mesmo.

— E isso é coisa que ele não contará, mas terei o maior prazer. — Nós rimos e conversamos durante um bom tempo. O Jantar foi servido e assim que terminamos ainda ficamos para o café e na proza até que o Cairon chamou para irmos para casa.

Saí da mansão me sentindo nas nuvens. Era a primeira vez que um de meus “relacionamentos” me levava à casa dos pais.

— Ainda acordada mãe.

— Estava vendo TV, sua tia não aguentou e foi dormir.

— E a senhora sem sono? Milagre.

— A senhora quer saber como foi com meus pais não é? — O Cairon brincou com ela. — Meus pais são muito conscientes da minha vida. Não precisa se preocupar. E caso eles dissessem algo a Liara que ela não gostasse, teria a liberdade de falar com eles. E se eu achasse que o dito era uma ofensa eu mesmo a defenderia.

— Eu não duvido mais doutor. Vejo o quanto o senhor tem sido bom para minha filha. Não só por ela, mas também por mim. Nos momentos em que mais precisamos pudemos contar com o senhor.

— E pode contar sempre. Farei o que for possível para que sua filha seja feliz. Assim como eu pretendo ser.

— Eu confio no senhor.

Minhas lágrimas encheram meus olhos por ver que minha mãe até que enfim havia aceitado que o Cairon e eu estávamos felizes. E poderíamos ser muito mais.

— Agora o sono chegou.

— Vou ajudar à senhora.

— Já me ajudou demais nesta vida. Se eu tive a certeza que todos os meus filhos teriam sido bons para mim como você foi eu teria tido mais uns cinco.

— Pena que perdemos muito tempo não foi mãe? Com brigas e discordâncias.

— Mas tudo tem seu tempo não é? Veja que tudo se acertou em seus devidos lugares.

— Verdade. Dorme bem mãe. Amanhã a gente se fala.

— Fica com Deus meu amor! Que os anjos te protejam e te guardem sempre!

— Amém mãe!

Eu estava feliz, minha mãe estava feliz! Pela primeira vez nós estávamos concordando com algo e vivendo bem.

O quarto estava escuro e entrei em silêncio achando que ele estava dormindo. Quando coloquei minha mão sobre o colchão ele me puxou me fazendo cair sobre ele.

— Achou que eu iria dormir e perder esta noite linda?

— Talvez estivesse cansado.

— Nunca. Mais tranquila sobre meus pais?

- Muito. Amei sua mãe. Seu pai também. Como ele é lindo. Uma postura impecável.

- Não deixe minha mãe te ouvir.

- Ah não.

- Fico feliz que tenha gostado deles. São muito importantes para mim. Eu ainda não tem certeza do rumo de nossa história, mas se é uma coisa que eu não gosto é de mentir ou omitir algo de meus pais.

Fizemos amor e depois adormecemos nos braços um

do outro.

De manhã senti aquele cheiro que só minha tia consegue dar ao café. O preparado dela é especial. Acho que é mais carinho. Levantei-me e fui roubar um pouco como fazia sempre quando morava na casa dela.

— Hum. Que cheirinho mais gostoso. Eu ia roubar um pouco, mas já que está por aqui eu posso pedir.

— E veja que fiz biscoito frito. Lembrando o tempo que morei em Minas Gerais. Lá eles têm essas tradições de pão de queijo feito na hora, biscoito frito, bolinho de chuva.

— Hum. Bolinho de chuva não. Agora terá que fazer antes de ir embora.

— Pensei em ir hoje mais acho que posso ir amanhã.

— Vou levar café para minha mãe, talvez já esteja acordada.

— Sabe que ontem ela estava muito ansiosa com sua visita aos pais do doutor.

— Ela nos esperou chegar.

— Está feliz agora por vocês.

— Graças a Deus, passei maus momentos com ela.

Peguei a xícara e fui até o quarto. Quando olhei para cama perdi minhas forças, deixei a xícara cair e gritei por ela.

— Mãe.

& Trinta e três &

Cairon

ACORDEI ASSUSTADO OUVINDO UM GRITO VINDO DA SALA. Vesti minha calça e corri para ver o que era, mas na verdade o grito vinha do quarto.

— Mãe. Mãe fala comigo, por favor.

A Liara estava deitada com a cabeça sobre o peito da mãe. A tia chorava ao lado, fiquei sem saber o que dizer e o que fazer. Nunca havia passado por isso antes tão de perto. Convivia com mortes de criminosos e IML, mas nunca precisei providenciar nada de tão perto.

Ao contrário sempre era frio quando algum bandido morria próximo a nós. E em uma circunstância remota uma

única vez, até mesmo tive que atirar para salvar minha vida, mas agora...

— O que houve? — Foi à tia que me respondeu que elas haviam ido levar café a encontrara assim. Sem vida!

Fui para a sala e liguei para um hospital solicitando uma ambulância e sentei-me no sofá.

Como isso funciona? A menos de cinco horas ela estava conversando conosco e agora está sem...

— Precisamos chamar uma ambulância. — A tia chegava à sala aos prantos. — Por que meu Deus, por quê? Ontem ela estava bem. Contamos histórias e nos lembramos de coisas alegres do passado.

Eu só fiquei em silêncio recordando essa última semana quando ela me chamou para conversar e ontem quando nos esperou chegar. Minhas lágrimas não caíram mais o meu peito estava apertado.

E ainda tinha a Liara. Havia passado por tudo por causa da mãe e agora. Ela estava sozinha. Voltei ao quarto e ela estava desolada. Chorando encostada na cabeceira da cama com a cabeça da mãe sobre o colo.

— Li.

— Não Cairon. Ela não podia ter feito isso comigo. Não podia ter me deixado agora. Eu ainda preciso dela aqui do meu lado. — Não conseguiu terminar.

Meus pensamentos me trouxeram a lembrança o dia em que as vi sentadas no banco do ponto. A Liara estava com ela feito um bebê encostado-se a si, com um cobertor que provavelmente só quebrava o frio. Mas não devia esquentar.

— Mãe.

A ambulância chegou e começou a prepará-la para transportar para ao hospital.

— Vem comigo. Não fique aqui olhando. Vem.

Com muito custo consegui tirá-la do quarto e levá-la para a sala.

— E agora meu Deus. O que vai ser da minha vida!

— Filha volta comigo para casa. Não foi atoa que algo me segurou aqui até hoje. Volta comigo. Lá é seu lugar. — Essas palavras não saram tão bem ao meu ouvido, muito menos ao meu coração. Estava triste demais. Muito triste em vê-la sofrer.

Fui falar com o paramédico da ambulância assim

que ele fez sinal que estava tudo pronto.

— O Senhor sabe como funciona não é meritíssimo?

— Sei. Vão levá-la ao IML e só depois de liberado o corpo poderemos fazer o velório.

— E o senhor ou o parente mais próximo poderão escolher como será. Temos o velório municipal e temos também o velório particular. Fica a critério.

— Alguém vai entrar em contato e vai organizar tudo. – Peguei o celular e liguei para o Murilo e dei a ele as instruções. A ambulância tirou o corpo do quarto e saíram.

— Cairon. O que houve? O que vão fazer com ela?

– Expliquei o procedimento a ela com calma.

— Ela vai sozinha. Eu preciso ir com ela.

— Meu amor presta atenção. Agora é só um corpo.

— Não. Não faz isso comigo.

— Liara presta atenção. O que você podia ter feito pela sua mãe você já fez. Eu mesmo sei o quanto você lutou para dar o melhor a ela. Deixou seus sonhos, seus planos e veio para cá para ajudar sua mãe.

— É filha. Acabou. Ontem ela passou o dia tão bem.

Parece que sabia que estava indo embora.

— Não é justo tia, agora que as coisas estavam melhorando.

— A morte nem sempre é justa meu bem. Estou arrasada e triste pela minha irmã. Mas sei que ela foi feliz. Ontem a última hora que passei com ela, só falava que agora você está bem e que ela se orgulha de você.

— Ela não tinha nada que se orgulhar de mim. Orgulho da filha ser uma prostituta de um homem rico?

Essas palavras penetraram minha mente, e atingiram em cheio meu coração. Era assim que ela se via? Eu nunca a tratei como tal, mas este era o reflexo que ela via de si mesma no espelho. Uma prostituta.

— Ela não tinha que se orgulhar de mim. Ao contrário tinha que ter vergonha por eu ter aceitado tudo que aceitei.

— Li presta atenção. Eu sei que a dor é enorme.

— Não você não sabe.

— Mas imagino o que você está passando neste momento, mas se culpar não trará sua mãe de volta. Lembre-se que ela nos esperou chegar e disse que havia

se enganado. Que estava vendo o quanto nos fazíamos bem um ao outro e que confiava em mim. Eu estou aqui. Vou estar sempre.

— Mas eu ainda. Eu ainda precisava dela. Queria que me visse formando. Que me visse conseguindo pagar minhas contas sozinha.

— Liara eu sei o que sente porque também estou sufocada pela dor. Mas não é justo colocar sobre ela agora tanto peso. Ela se arrependeu das palavras que disse a você. Ela me contou isso ontem. De como se referiu ao doutor. Por isso ela esperou vocês. Ela achava que o gesto dele ter levado você para conhecer os pais era a forma mais linda de dizer que você não era só a amante dele.

— Nunca foi. — Eu disse. — Nunca a tratei assim. Tenho meus motivos para manter o segredo por enquanto. Mas não é por outro motivo a não ser sua segurança. Eu falei com você sobre isso. — Meu celular tocou e eu atendi sabendo que era o Murilo.

— Então. Já providenciei o velório. Particular como pediu. Assim que liberar o corpo eu ligo para

você. Já vi também a opção de cremação. Acho que é a melhor forma de se fazer já que não possuem parentes aqui.

— Agradeço a você. E se puder avisar a Késsia.

— Ela vai querer detalhes.

— Diga a ela que converse comigo.

Desliguei e fui sentar-me com ela no sofá. Apoiou sua cabeça em meu peito e deixou que as lágrimas banhassem minha camisa. Meu coração estava agoniado vendo a dor e seu sofrimento sem nada poder fazer.

— Ela veio embora trabalhar para me dar uma vida melhor. Coitada. O que mandava não dava para nada. Mas eu sei que era o melhor que podia fazer.

— Com certeza as mães fazem muito mais pensando nos filhos do que nelas mesmas.

— Depois que se mudou para cá, nunca teve condições de voltar em casa mais de uma vez no ano. E essa uma vez era sempre no meu aniversário. — Era de cortar o coração ouvi-la narrar a história da mãe. — Ela sempre levava um presente. Coisa simples. Mas meu maior presente era ela. — Passei a mão em seus cabelos e

sequei suas lágrimas. — Eu via as crianças brincando no quintal e as mães brincando com elas e eu queria mesmo aquilo. — Sua voz sumiu. — Queria que ela estivesse ali, mesmo que não tivéssemos o que comer.

— Com certeza ela também queria estar com você.

— Quando ela ligou dizendo que precisava que eu viesse. Eu nem deixei que ela terminasse. Achei que ela queria que eu viesse viver com ela. Trabalhar aqui. Só quando cheguei descobri que ela estava doente. E muito. Ela já estava de cama. Com as malas prontas. Tinha que ter saído da casa na semana e não teve forças para fazer.

— Eu nem imaginava isso quando me sentei diante de vocês.

— Ela juntou cada centavo. Economizando na comida. Nas roupas. Vivendo só com as roupas que ganhava para ter aquela casa. E de repente aquele miserável...

— Calma. Ela amou este homem. Não teria assinado se não o amasse. Ela deu o que tinha de melhor. Ele que não tinha nada para oferecer.

Ela ficou em silêncio. Só os soluços quebravam o

silêncio.

...

Enfim, horas depois estávamos indo para o velório. O Corpo já havia sido liberado e este domingo não seria como planejávamos. Passaríamos o dia velando o corpo de alguém que deixava sonhos a serem realizados e projetos a serem vistos realizar.

— Não posso entrar.

— Claro que pode. Sua mãe não ia querer partir sem te ver.

— Não posso vê-la em um caixão. Está doendo muito. Não consigo respirar.

Parei com ela na entrada do velório. O Murilo havia arrumado tudo conforme solicitei. Mas agora teria que ser só nós mesmos.

— Flor. Olha para mim. — Ela não obedeceu pela primeira vez. — Temos que ter forças para seguir. Ainda haverá muitas tristezas na vida. Muitas percas e o tempo não espera que a gente se sente à beira do caminho e chore. Ele continua a correr. Ainda há muitas lágrimas

para cair. Só que o momento agora é de criar coragem e se despedir. — Então ela me encarou.

— Você é muito frio.

— Me desculpe. Eu não sei lidar com situações assim.

Mas juntou suas forças e continuou caminhando se apoiando em mim. A Késsia já estava no local, com o Heitor. Não avisamos muitas pessoas. Quando viu a mãe ali. Foi preciso que a segurássemos mais forte.

— Não mãe. Agora não era a hora.

— Liara, a hora é só Deus quem sabe.

— Não fala dele agora para mim Késsia. Deus não tinha o direito de levá-la. Não agora que tudo estava se ajeitando.

Ela passou a mão no rosto da mãe já fria e era como se falasse com uma criança.

— Era só eu e você. E agora. — Minha vontade era de gritar com ela que eu estava ali. Que não iria abandoná-la.

Meia hora depois chegaram mais dois advogados, o Breno e o Walter. Fomos nós juntos com a tia que velamos

até às dezoito horas aquele corpo que encerrava suas lutas e batalhas. Se venceu ou se perdeu ninguém sabe o certo dizer. Só sabia que era o fim de uma grande caminhada.

Do momento em que chegamos, ela ficou ao lado do caixão junto com a tia e a Késsia, que tentou fazê-la comer algo sem sucesso. Se a vi bebendo um pouco de água foi muito.

— Como ficou o senhor ficou sabendo? — Pensei um pouco e respondi.

— Estava com ela no momento em que aconteceu. — Vi a Késsia passar por todos os tons de cores possíveis para uma pessoa. — Mas a todos que perguntem por enquanto direi que você me ligou.

— Eu?

— Sim você!

— Tudo bem eu liguei para o senhor. Para que mesmo?

— Para me avisar do velório.

— Mas o Heitor também o viu chegando com ela.

— Com ele eu terei uma conversa mais tarde.

— Se me permite o atrevimento. Eu acredito que

tinha que ser mais cedo. O senhor conhece o Heitor e suas indiscrições. — E foi bom que ele veio se aproximando.

— Estou compadecido só de olhar para a Liara.

— Todos estão Heitor. — Falei secamente.

— O Senhor foi ao encontro dela ainda no necrotério?

— Eu liguei para o Dr. Cairon, pedindo que a buscasse em casa. Todos os telefones que tentei davam fora de área. — Eu olhei para ela sem entender. Não era bem essa conversa que eu teria com ele.

— Devia ter tentado o meu novamente. Eu sempre mantenho por perto. Só hoje o esqueci no quarto.

— Verdade. Mas na hora do desespero a gente nem pensa duas vezes. Desculpe-me doutor ter ligado para o senhor.

— Tudo bem. Somos uns pelos outros. — O Heitor foi sentar-se perto da Liara e eu não quis falar nada por enquanto.

— Não entendi. Eu não iria falar com ele?

— Pode ser. Eu só não quero que a Liara caía na boca do povo. Principalmente na boca do Heitor. E ele de

posse de algumas informações ainda vai é querer tirar proveito da situação. Já tentou isso com outras meninas.

— Mesmo? Será que ele teria essa capacidade?

— Não se iluda meritíssimo ele teria sim.

— Então. Obrigado.

— Vocês estão...

— Até ontem estávamos nos conhecendo, mas depois disso, não sei o que será de nós.

— Doutor se me perdoa novamente. Não faria isso. Ficando com minha amiga somente para implicar a Juíza não é?

— Claro que não Késsia. – Dei um meio sorriso. - Pensa isso de mim?

— Não senhor. Era só para tirar mesmo da cabeça.

— Que bom. Odiaria que alguém pensasse uma coisa destas.

Dei por encerrada a conversa e fui conversar com o Murilo.

— Não tem ideia de como estou perturbado em olhar para ela desta forma.

— Consciência pesada pela forma que tentou me

fazer deixá-la. Imagina se eu tivesse feito. Ela estaria sozinha agora.

— Não misture as coisas. Não tem nada a ver com o que disse a respeito dos dois. Digo isso por que perdi minha mãe. E sei o que é essa dor. Você não tem noção.

Não tinha mesmo, e descobri naquele momento que precisava ser mais cuidadoso com a minha enquanto podia.

Os agentes funerários vieram buscar para o enterro. Ela não concordara com a cremação, porque o corpo teria que aguardar ao menos vinte quatro horas.

Dei por mim que não sabia muito a seu respeito. Religião ou crenças. Cor favorita. Essas coisas.

— Você chamou um religioso nem sabe se elas. — Cochichei com o Murilo.

— A tia disse que sim Cairon, eu não faria nada sem o consentimento delas. — O homem começou um rito que não sabia dizer o que era ao certo.

— Sabemos que esse momento. O momento da morte é sempre difícil entender, vivenciar e aceitar. Somente Deus pode confortar os nossos corações, para

que possamos então seguir a vida. E hoje a palavra que Deus nos convida a meditar é de um profeta. Isaías 43:2 "Quando você atravessar as águas, eu estarei com você; quando você atravessar os rios, eles não o encobrirão. Quando você andar através do fogo, não se queimará; as chamas não o deixarão em brasas." Deus está conosco em todas as situações!

Quando acabou o momento os agentes seguraram o caixão e levaram até o local onde seria enterrado. Após vários minutos chorando olhando para o chão ela se levantou.

— Sabe que tem uma semana não é Liara? Não trabalhará essa semana. Se quiser poderá ficar lá em casa.

— Obrigada Késsia. Mas vou ainda hoje para casa. Irei com minha tia. Preciso pensar e descansar até saber o que fazer da minha vida.

Eu não tinha palavras. Não podia impedi-la de partir. Sabia que estava movida pela dor e o desespero da perda. Minha vontade era de beijá-la até fazer sumir de vez esse sentimento que a afugentava de mim.

— Não querendo abusar. O senhor nos leva de

volta. — A tia dirigiu-se a mim. Como o Heitor estava por perto.

— Claro.

— Olha o meritíssimo tem muito a fazer. Deixa que eu as levo e depois às deixo na rodoviária, será um prazer.

— É que eu deixei minhas coisas no carro do senhor. — A tia, intermediava a situação.

— Heitor. Não tem importância. Eu as levo em segurança.

— Se o senhor não se importa.

— Não. Não me importo.

Chegamos ao apartamento e ela foi logo para o quarto. Pegou uma mochila e colocou algumas peças de roupa. Alguns outros pertences e passou por mim. Eu não entendia o que estava acontecendo. Tínhamos acabado de viver uma sexta de reconciliação e um sábado perfeito e agora ela estava indo embora e eu nem sabia se iria voltar.

Entramos novamente no carro e fomos direto para a rodoviária. Compraram a passagem e esperamos pelos

vinte minutos que restavam para que o ônibus saísse.

— Vai embora assim. Sem falar comigo?

— Cairon, não posso ficar aqui essa semana. Você não pode abrir mão do seu trabalho para ficar comigo e eu me conheço bem. Não conseguirei sozinha. Me perdoa por estar indo assim de uma hora para a outra. Eu te ligo.

— Eu sei. Só não queria que fosse desta forma. Poderia ir amanhã.

— Não vou conseguir dormir lá hoje.

— Poderia ter dormido no meu apartamento.

— Eu preciso respirar ares de casa. Preciso estar com minha família.

— Está dizendo que não sou parte da sua família?

— Ainda não. Como você disse estamos nos conhecendo e esse processo pode ser longo. Por que ninguém conhece a ninguém plenamente. Pode levar anos. E eu preciso ser cuidada com urgência hoje por aqueles que mesmo sem me conhecer vão me acolher.

— Eu também te acolhi em meu coração mesmo sem te conhecer. Está sendo injusta comigo.

— Me desculpa. Estou cansada, confusa e muito

triste.

— Tudo bem! Vá. Eu espero você voltar.

O local estava cheio. Não havia como beijar sua boca como eu gostaria. Não tinha como eu abraçá-la como desejava. Mas deu um abraço tímido e me despedi.

A observei entrar no ônibus, e vi o ônibus a levar para longe de mim. Tudo o que eu não queria naquele momento. Estar longe dela. Eu estava apaixonado. E não houve tempo de dizer.

& Trinta e quatro &

Cairon

- SABE QUAL SEU problema Cairon?

- Não sei e não quero que entre nesta história

Murilo.

- Mas eu vou dizer assim mesmo. Porque quando estamos apaixonados ficamos cegos. Estas palavras foram suas quando comecei a me relacionar com a Ana.

- Mas agora não somos amigos mais a este ponto.

- Por que se trata de você? Não senhor. Sempre fomos amigos. E às vezes damos nossa opinião e ferimos o outro. Mas você me feriu várias vezes e não vou deixar de falar porque quer viver de seu jeito.

- Isto mesmo. Quero viver do meu jeito. - Estávamos nos dirigindo a penitenciária onde estava acontecendo uma rebelião.

- Você não existe mais Cairon. - Soltei uma risada. - Sério. Homens como você não existem mais.

- Homem como eu? Sou normal como todos os outros.

- Não. Sabe aquele ditado você vive com quem você constrói?

- Não nunca ouvi falar esse ditado. E olha que já ouvi muitos absurdos na vida.

- Mas este se aplica a você. Você construiu a Giovanna. Deixou-a fazer o que queria. Mimou-a. Aceitou suas vontades, seus quereres e depois pagou sozinho por isso.

- A Giovanna já era mimada pelo pai.

- Mas foi obrigada a se casar com você. Se tivesse

se imposto ela teria sido sua mulher.

- Obrigada?

- Obrigada não. Por imposição. Impor é diferente de obrigar.

- Eu não vejo a diferença.

- Pegue aqui. Ele me estendeu o celular.

- Para.?

- Ligue para a Liara e se imponha.

- Ela está sofrendo.

- Está. E eu te disse no velório há quatro dias. Que a dor é terrível. Já passei por isso. Mas ela também está mimada. Sabe que estará aqui se ela decidir-se a ficar por lá um ano e depois voltar. Sabe que se ela der um grito por que quebrou a unha você vai correr até ela e levá-la de avião à manicure. - Eu achei engraçado o jeito dele.

- Pode parar Murilo. Ela nem quer que você de palpite em nosso relacionamento.

- Ela disse isso por que tive coragem de dizer a verdade na cara dela.

- Então deixe-a quieta. - Paramos diante da penitenciária.

- Espera. - Ele desceu e eu fiquei observando.

Procurou um número no celular e discou. Pronto se ela atender seja o homem da relação. Faça um ultimato a ela.

Caixa postal idiota. Está vendo. Ela ainda precisa de tempo. Devolvi o celular.

- Ela poderia ao menos ter ligado de volta das cinquenta vezes que você ligou. Vai ligar e deixar um recado. Diga que entende o lado dela, mas acha que então, ela tenha te excluído de sua vida. E deixe um suspense.

- Todos os dias eu preciso te lembrar de que não somos mais adolescentes nem estamos mais no colégio.

- E eu agora estou servindo de seu pai te ensinando a namorar. Pronto. Fala. - Me entregou o aparelho de volta. Afastei-me um pouco e comecei a deixar o recado.

- Oi. É... Espero que esteja melhor. Estar em família é sempre um remédio para alma. Liguei várias vezes desde que saiu daqui domingo. Eu queria saber se chegaram bem. Depois queria saber se tudo estava indo bem. Mas você não me retornou. Eu começo a juntar as palavras que você disse sobre nós desde o ocorrido com sua mãe e começo a achar que. Eu realmente não sou a

pessoa indicada para você. Não era no começo, não era quando tentei te apoiar em seu sofrimento e talvez. Talvez não seja agora não é? Eu descobri que não te conheço direito. Nem sei se ao menos tinha alguém te esperando em sua cidade. Bom... Gosto de você ao ponto de desejar que seja com quem for que seja feliz!

Desliguei o aparelho querendo matar o Murilo. Eu não ia dizer as palavras dele e as minhas não expressaram o que eu queria dizer. Por mim teria dito. Volta para mim. Não estou sabendo viver sem você.

- Murilo. Como faço para apagar a mensagem? -
Gritei com ele que já estava bem à frente.

- Não tem como. Só ela pode apagar agora.

Se eu perdê-la. Eu não perderei sozinho. Você perderá o trabalho e o amigo. - Entreguei o celular a ele.

Se a perdes é por que ela não te queria. Mas acredito que ainda hoje ela te ligará e no máximo amanhã estará por aí. Isso é. Se ela queimar minha língua e gostar de você de verdade.

- Espero.

- Ah. E se ela te ligar você não atenderá.

-Está louco? Claro que atenderei. - Ele me mostrou o aparelho e colocou no bolso.

- Pelo menos não das primeiras vezes. - Eu ia tomar dele, mas estávamos muito próximos aos advogados e delegados.

- Boa tarde senhores. Coloquem-me a par da situação por que eu não entendi até agora. O delegado começou a explicar:

“Por volta das três horas, eles, os prisioneiros, deflagrarão essa rebelião e dizem que só vão negociar o fim da revolta com sua presença”.

- Então diga a eles que estou aqui. Que façam suas reivindicações.

-Espere. - O Murilo disse. - Isto está muito estranho. A semana passada você autorizou a operação que tentou localizar armas aqui e agora eles querem sua presença.

- Acha que é uma embosca para o meritíssimo?

- Acho sim delegado. Podem não ter achado armas, mas elas podem estar aí. Esperando pelo alvo certo.

- Estamos com a civil e a militar aí doutor quando

quiser eles entram em ação.

-Pode entrar delegado. Depois conversaremos com os presos individualmente.

Assim foi feito. As policias civil e militar entraram e três horas depois a rebelião chegava ao fim. Pedi ao delegado que levassem alguns presos ao fórum amanhã para depoimento.

Conversei com um detento lá dentro e ele diz que há um agente penitenciário, cujo nome não foi revelado, que supostamente tem vendido detalhes da rotina de trabalho e da vida pessoal de agentes e policiais para os presos.

- Delegado o primeiro depoimento quero que seja deste presidiário. - Forneci o nome que o Murilo acabou de me dizer. - Precisamos saber quem é o agente que está jogando dos dois lados. - O preso ainda me disse quem facilita a entrada de drogas e celulares por aqui.

- Obrigado Murilo. - Apertei a mão dele. Foi por pouco que não entrei desarmado na penitenciaria.

- Não te protejo só como Juiz Cairon. Você foi meu amigo nos momentos em que eu mais precisei. Quando eu não queria mais viver você me ajudou a superar.

- Não vai chorar não é? Já me disse isso umas mil vezes. - Ele tirou o telefone do bolso e me mostrou.

-Treze ligações do seu amor em menos de cinco horas.- Fiquei parado olhando para o celular na mão dele. Não sabia se o matava ou o que fazia naquele momento.

- Me dê isso.- Estendi a mão.

-Agora não. Vamos para casa. - Antes, porém, solicitou escolta da civil até meu apartamento e reforçou a segurança do lugar.

- Acha necessário?

- Mais do que nunca.

- Posso ligar para ela?

- Ainda não.

Depois de alguns minutos na rodovia que levava ao condomínio onde morava ouvi o celular tocando. Ele parecia não se importar com o som.

- Murilo me entrega o celular. Está tocando não está ouvindo? Ele me passou o aparelho. E eu fiz um ar de desagrado á sua atitude.

- Cairon. Onde você está?

- Giovanna? - A voz dela era chorosa e alterada.

Chegando a casa o que foi?

- Diga que pegou o Pietro na escola. Diga que ele está com você.

Eu respirei fundo. Lembrei-me das ameaças. Da rebelião. Das palavras do Murilo sobre tomar cuidado e respondi.

- Não Giovanna ele não está comigo!

- O Pietro sumiu. - Essa foi a pior notícia de todos os tempos. Prendi a respiração e tudo sumiu a minha volta. O Murilo estacionou e olhou-me.

- Como sumiu? Onde estão os seguranças dele? - Gritei.

- O Jeff achou que ele. – Estava engasgada com as próprias palavras. – O Jeff achou que ele precisa amadurecer, e não ser vigiado o tempo todo seria um dos primeiros passos. Então... Então.

- Então o quê? Tiraram a escolta do menino, sem falar comigo? E agora que o pior pode ter acontecido se lembraram de que eu existo? É isso? Diga logo! - Gritei. Eu estava fora de mim.

- Dispensamos os seguranças. - Ela disse já quase

sem voz.

- Dispensaram? Como dispensaram se sou eu que pago essa porra. – Tentei respirar.

- O Jeff pensou que...

- Não quero saber de Jeff, nem de você. Nem do que ele pensou ou achou. Se algo acontecer a ele vocês estão ferrados.

- Cairon. Estou desesperada.

- É pra ficar Giovanna. É pra ficar. - Desliguei o telefone e fechei a porta do carro do qual nem cheguei a sair.

- Ouviu isso?

- Ouvi é a resposta é sim. Eles podem ter armado essa falsa rebelião para tirar nossa atenção do foco principal e que seria levar o Pietro.

- Tive que respirar várias vezes. Para cair na real.

- Vamos até a casa da Giovanna e depois falar com a direção da escola. Ligue para seus pais e veja se ele não está por lá. Ele também pode ter fugido.

- Que razões ele teria para fugir? Se tivesse algo lhe incomodando teria falado comigo primeiro não acha?

- Então ligue em seu apartamento e veja se ele não veio te procurar. Enquanto isso dirijo até o fórum para ver se ele não foi para lá.

Fizemos tudo o que ele me disse e nos dirigimos para a casa da Giovanna. Ele não havia me procurado em casa, não estava com meus pais. Nem nas redondezas do fórum.

O Murilo já havia ligado para os delegados e acionou a Civil fomos para a casa da Giovanna.

As luzes estavam acesas e os dois estavam na sala com outro rapaz muito parecido com o tal de Jefferson que foi apresentado como irmão do mesmo.

- Eu fico de boca aberta com a ousadia e vocês que tiram a segurança do menino sem me avisar previamente. - Os dois homens não disseram uma palavra sequer. Um deles, sequer olhar para nós.

- Cairon. Ninguém pensou que pudesse acontecer algo parecido.

- Claro que não. Ninguém pensou. Pelo amor de Deus Giovanna você é filha de Juiz. Lembra-se da sua infância. Da sua juventude? Sempre protegida, sempre

com seguranças no seu encalce e agora joga sue filho em uma situação destas.

- Bem que você disse Cairon, é meu filho.

- E por que me ligou?

- Não acredito que não possa ajudar o Pietro. Mas se não for ajudar, não atrapalhe.

- É isso mesmo que vou fazer. Deixar que resolvam por si mesmo essa situação. - Comecei a sair. Estava muito apreensivo com toda a situação.

- Não Cairon. – Ela correu até a mim. – Desculpe-me. Estou nervosa. Preciso que me ajude. Não vá. - Parou em minha frente. Os dois permaneciam na sala sem dizer nada. Meu celular tocou novamente e eu até pensei se alguém com notícias, Deus ajudasse que não fosse a Liara naquele momento. Eu não teria cabeça para falar com ela, e provavelmente ela não entenderia.

- Pai.

- Pietro. Onde você está filho?

- Pai pode me buscar?

- Claro filho. Diga para mim onde está?

- Não sei papai.

- Pietro. Quem está com você?

- Ninguém papai. Estou sozinho e estou com fome.

Com medo.

- Filho saiu da escola com quem?

- Cairon. Foca no local onde ele está. - O Murilo me pediu.

- Filho. Filho olha. Lembra que o papai sempre ensinou a você. Respira fundo e conta a história para papai. O que você vê perto de você.

- Tem uma placa escrito a letra K e o M e os números 2 o 6 e o 2. Repeti em voz alta enquanto caminhava para o carro seguido do Murilo que anotava tudo e a Giovanna que tentava ouvir o que ele dizia.

- Quilometro dois meia dois, filho e o que mais você vê. Eu tentava manter a calma, mas não estava tranquilo. Mesmo se estivesse sozinho alguém poderia reconhecê-lo. E depois de dizer onde estava fiquei mais preocupado ainda. Como meu filho havia parado em um lugar tão perigoso.

- Cairon, isso pode ser uma armadilha.

- Não me importo Murilo. Preciso ir encontrá-lo.

Entramos no carro e o Murilo acionou a polícia para o local onde estávamos indo. - Filho fica falando com o papai. Conta o que mais tem por aí filho.

- Só árvores de um lado papai. Do outro mais a frente parece ter um posto de gasolina, mas estou com medo de continuar no escuro.

- Não precisa continuar filho o papai já está chegando.

- Papai, não conta para a mamãe.

- Filho sua mãe está preocupada. Por que não quer que conte a ela?

- Ela vai ficar brava papai.

- Veja Cairon. Um carro estava parando próximo ao Pietro que estava de costas.

- Filho deixa o telefone e corre contra esse carro que está atrás de você.

Ele se assustou deixou o telefone fora do gancho e correu. O Murilo já parou o carro assim como os dois carros que vinham atrás de nós com armas em punho. O Motorista parou e desceu assustado. O Murilo foi até saber o que era.

- Papai. - Ele me abraçou chorando.

- Filho.

- Pietro que susto nos deu. - A Giovanna veio correndo.

- Eu não quero ir com você! Eu quero meu pai. - O Pietro estava chorando e alterado demais para uma criança.

- Pietro em casa nós conversamos.

- Não. Eu quero ir com meu pai.

- Não. Você não tem querer. Está mimado e...

- Giovanna. Deixa o menino. Eu o levo para casa e amanhã ele volta para sua casa. Não vê que ele está assustado e você só está piorando as coisas.

- E não vê que você não é o pai dele.

- É sim. Ele é meu pai. Não quero outro pai. Não gosto daquele homem.

- Filho, vamos para casa. - Me abaixei e falei com ele no tom mais calmo que consegui. E lá vamos conversar tudo bem assim?

- Para sua casa papai?

- É meu filho para minha casa.

Peguei o Pietro no colo e entrei no carro com ele nos braços. Quantas vezes eu havia feito isso? Todas as vezes que ele dormiu no sofá, ou no carro quando estávamos fora de casa e eu amava fazer isso por meu filho.

Cheguei em casa exausto. Era madrugada e a rua era silenciosa. Tínhamos passado na casa da Giovanna para deixá-la e seguimos para meu apartamento depois que ela concordou em deixar o Pietro comigo.

O coloquei na cama adormecido. E fui para meu quarto. Tomei um banho e chequei meu celular havia mais de quarenta chamadas não atendidas. Entre elas seis eram da Liara.

Pensei em ligar, mas estava tarde demais. E eu não estava em condições de falar com ninguém. Apaguei por cima da coberta.

Liara

- OI. EU QUERIA IR AO apartamento 670. Dr. Cairon Filho. Falei com o porteiro.

- Ele está te esperando?

-Provavelmente não, mas me receberá. – Enquanto tirava o fone para interfonar um carro parou diante o portão.

- Oi Liara! Espero que tenha feito boa viagem. – Só faltava agora o chato de o Murilo impedir-me de falar com o Cairon.

- Será que o Cairon ainda está em casa?

- Está sim. – Voltou-se ao porteiro. João, a moça, é amiga do chefe, pode deixar subir.

- Sim senhor Murilo.

Ele liberou nossa entrada e eu subi de elevador, enquanto o Murilo ia pela garagem. Achei que fosse proibir minha entrada. Estava ansiosa desde quando ouvi a mensagem dele. Não esperava que ele fosse abrir mão do que estávamos vivendo. Será que não me entendia?

- Dona Liara.

- Oi Magna tudo bem?

- Tudo. Sabe se o Cairon já acordou?

- Não senhora. Ontem ele passou um susto tremendo com nosso menino. Chegaram de madrugada. Se quiser pode ir até o quarto dele. Acho que não se importará.

- Obrigada Magna. Mas se não se importar eu posso esperar por aqui até que ele acorde.

- Você é quem sabe. Se vai ficar por aqui venha tomar café comigo.

Eu aceitei e me sentei com ela na cozinha. O Murilo entrou e sentou-se conosco.

- Achei que iria ficar mais uns dias em sua cidade.

- Minha cidade agora é aqui. Estava louco para que eu não voltasse não é Murilo?

- Ao contrário. Esperava mesmo que você viesse.

- Por que acha que sou interesseira.

O que eu acho não tem importância. O que importa é a felicidade do Cairon. Se ele está feliz com você. Que seja.

- Oi tio!

- Bom dia Pietro. Que susto deu na gente ontem rapaz!

- O papai ainda está bravo?

- Bravo não sei. Cansado deve estar por que até agora não acordou. Cumprimenta a Liara. - O garoto percebeu então que eu estava lá.

- Oi você é a amiga do Tio Heitor.

- Isso.

- Ela é mais amiga do seu pai, sabia Pietro?

- É por que tio eles trabalham juntos.

- Quer ir acordar seu pai? Levar uma xícara de café para ele como sempre fazia Pietro?

- Magna eu até queria. Mas acho que meu pai está bravo comigo.

- Claro que não. Ele ama você. - O Murilo conversando com o Pietro até parecia o pai da criança. Todo carinhoso e cheio de cuidados com o menino.

- Então você vai comigo levar o café tio, assim ele não vai brigar.

- Leve a Liara, garanto que seu pai vai ficar muito mais feliz!

- Você pode ir comigo?

- Claro que posso. - Respondi ao pedido dele. Na

verdade seria uma ótima oportunidade de não encarar o Cairon sozinha.

Seguimos os dois, de mãos dadas até a porta. Ele levava a xícara com o líquido fumegante. Quando entramos tudo estava escuro.

- Papai está acordado.

- Hum. – Resmungou.

- Papai...

- Não filho. Só mais um minuto.

- Trouxe seu café.

- Deixa no criado.

- E a moça?

- Também! - Ele me olhou com que pergunta "a moça no criado".

- Acho melhor você se sentar ali. No criado não vai dar certo. - Ele me disse na maior inocência. Quando ouviu as palavras do garoto o Cairon levantou a cabeça para certificar que havia alguém ali. - Você pode ver meu pai sem roupa? Eu sorri sem jeito e fiquei parada admirando aquele corpo perfeito, sem nenhuma peça de roupa.

- Filho da licença. - Ele puxou as cobertas tampando seu corpo, aquela bunda perfeita e se sentando na cama.

- Bom dia! - Disse tímida.

- Está aí há muito tempo?

- Aqui no quarto acabamos de entrar. Cheguei à rodoviária e vim direto para cá.

- O Murilo te apresentou ao Pietro?

- Sim. Pode ficar tranquilo disse que era sua amiga. Já que ele se lembra de mim como amiga do Heitor. Ele levantou-se pegou o café e levou aos lábios. Cairon eu...

- Diga.

- Com você nu perto de mim dessa forma eu não vou conseguir dizer nada.

- Quer terminar? - Ele disse roçando os lábios em meu rosto.

Não. - Quase gritei.

Ele me beijou com gosto de café. Eu estava com medo que ele me deixasse e ele estava me beijando.

- Eu cheguei bem. E tudo estava indo bem até eu descobrir que não tinha levado o que me dá ânimo para

viver. Você. Eu vinha embora amanhã, mas quando ouvi sua mensagem eu me desesperei. Não consigo me imaginar sem você. Eu fui ingrata eu sei. Me perdoa.

- Não tenho do que te perdoar. Sei que estava sofrendo. Eu só deixei a mensagem. Por influência do Murilo para forçá-la a voltar para mim.

- Então preciso agradecê-lo pela primeira vez por suas intromissões.

- O que disse no apartamento. Nunca tratei você como uma prostituta. Muito menos como minha amante. Sabe que precisamos manter por enquanto em segredo por sua segurança. Eu te expliquei.

- Eu sei. Não sei onde estava com a cabeça. - Ele só me abraçou e me beijou novamente. - Sobre sua mensagem.

- Esqueça. Eu estava com medo de te perder.

- E me deixou apavorada. Você é a pessoa indicada para mim sim. Sempre foi. E sempre será! Não há ninguém me esperando em lugar algum. Só você. Eu também gosto de você ao ponto de desejar que seja feliz! Mas ficaria muito mais feliz se fosse comigo.

Ele colocou a xícara sobre o criado novamente e segurou minha cabeça me beijando com toda fome que havíamos sentido nestes dias em que ficamos sem nos ver.

- Então ela é sua namorada!

& Trinta e seis &

Liara

— PIETRO? – O garoto entrou de surpresa, sem bater.

— Pai! É assim que os bebês são feitos? – O Cairon pegou a coberta e se cobriu.

— Eu não sei se podem ser feitos assim com um só sem roupa. Mas como eles se tornam inconvenientes são assim. Entram no quarto dos pais sem bater.

— Hum. – Ele olhou com a cara mais ingênua do mundo. — Você também vai ter um bebê?

— Não Pietro. Pelo menos não agora.

— Ah.

— Filho, leva a Liara para tomar café já estou indo

então a gente conversa. — Ele segurou minha mão e saiu tagarelando. Até chegarmos à mesa de café.

— Você vai se casar com meu pai? Eu posso morar com vocês?

— Bom eu...

— Meu pai sempre disse que sou uma criança educada. Eu prometo que não farei nada de errado.

— Pietro que conversa é essa?

— Estou vendo com a namorada do papai se posso morar com eles quando se casarem.

— Sua mãe não vai gostar desta conversa.

— Minha mãe não me ama mais tio.

— Claro que ela te ama Pietro não viu o jeito que ela ficou ontem?

— Mas ontem mesmo eu não iria mais morar com eles.

— Como assim Pietro?

— O Jeff disse que preciso virar homem e então falaram que vou estudar em um colégio para polícia.

— Colégio Militar.

— Isso mesmo. Eles te contaram também tio? — Ele

olhou assustado para o Murilo.

— Não Pietro é que esse é o nome dado ao colégio de polícia. Chama-se colégio militar. E às vezes não é tão ruim. Basta à gente se acostumar.

— Mas eu sempre estudei na minha escola. Meus amigos não vão comigo. O João disse que estudou lá por dois dias, e não conseguiu ficar longe de nós, por isso os pais dele levaram ele de volta.

— Então. Combina assim com sua mãe. Se você não gostar te levam de volta.

— Ela disse que o Jeff disse que não. Que sou mimado e preciso aprender a me virar sozinho.

— E por isso você fugiu?

— Não. Ela disse que...

— Ela disse que?

— Que eu não poderia mais ver meu pai.

— Como assim filho? – O Cairon chegava à mesa de café.

— Vai brigar comigo pai? - Ele se sentou e puxou o menino para seu colo.

— Quando foi que o papai brigou com você filho?

Lembra-se que eu sempre digo?

— Conversar é sempre o melhor remédio. Eu me lembro, mas agora a mamãe não conversa comigo e o Jeff também não. Ele trabalha até tarde e se eu estou por perto quando ele chega minha mãe me manda para o quarto.

— Ouviu a história toda Cairon?

— Só um pedaço. Mas vamos tomar café eu iriei com o Pietro no escritório e nós conversaremos. Não é filho?

— Sim. Então? — Ele se virou para mim que até então ouvia tudo em silêncio. — Posso vir morar com você e o papai?

— Por mim Pietro eu levaria você para morar comigo agora. Porém acho que sua mãe ficará muito triste se disser isso a ela.

— Mas ela agora tem outro bebê. E o bebê está fazendo mal a ela.

— Como assim filho?

— Ela fica deitada quase o tempo todo. O estomago dela não quer deixar a comida lá.

— É normal filho. Em sua gestação também foi

assim. A mamãe passou muito mal.

— Mas ela disse ao Jeff que quando isso aconteceu você cuidou dela.

Olhamos um para o outro. Então agora havia isso também. Ela começava a comparar o tal Jeff com Cairon. Isso não era legal. Algo em mim doeu. Fiquei imaginado ele cuidando dela como cuida de mim. E comecei a sentir uma coisa estranha. Isso não era normal, a final ela foi mulher dele antes mesmo que eu os conhecesse.

— E você sabia que sua mãe não gostava que seu pai cuidasse dela Pietro? Reclamava o tempo todo.

— Murilo.

— É verdade Cairon. Não era Magna?

— Não sei não senhor. – Ela colocou os pães quentes sobre a mesa fingindo não saber do que se tratava da vida dos patrões.

— Claro que sabe Magna. Quantas vezes me ligou para que eu viesse.

— Murilo a Liara e o Pietro não querem saber dessas coisas. – Bem que queria saber sim. Mas entendia que jamais o Cairon falaria da ex. perto de mim e muito

menos perto do filho. Estava aprendendo a conhecê-lo, ou melhor, decifrá-lo. Ele era uma pessoa muito discreta. Não comentaria sua intimidade com a ex. na frente de ninguém. Só sabiam estes amigos que estavam muito próximos do casal.

— Bom. Eu já estou satisfeito. Vai trabalhar hoje?

— Só à tarde!

— Você também não irá não é? Ainda tem hoje de licença.

— Sim. Mas se puder me dar uma carona para casa eu lhe agradeceria.

— Não gosta de mim, mas quer carona? Brincadeira hein garota? Vamos lá.

— Não quer ficar para almoçar conosco?

— Não Cairon. Deixa você e o Pietro se resolverem. E eu também preciso ir para o apartamento cuidar de algumas coisas e...

— Não precisa ter pressa para fazer nada você sabe disso.

— Eu sei mais preciso.

— Então à tarde te vejo. – Ele me deu beijou casto

na frente do Murilo e do filho. Mas fiquei feliz por ele não ter me escondido do menino.

— Promete que vai pensar no que te pedi? – O Pietro veio até a mim. Eu sorri e olhei para ele. Ele tinha um jeitinho de cativar a gente

— Claro que pensarei. Mas precisam decidir entre família. Posso te pedir uma coisa também? – Ele olhou para o pai que lhe sorriu.

— Pode.

— Não diga à sua mãe que tivemos essa conversa. Porque ela ficará triste. Pelo menos eu ficaria.

— Está bem. Não vou dizer. – Ele fez um ar de desanimado. Mas voltou até seu pai e o abraçou.

— Tem certeza que não quer ficar ao menos até mais tarde?

— Tenho sim. – Passei a mão em seu rosto e sai.

Segui o Murilo até onde havia deixado o carro na garagem. Sentei-me do lado do passageiro e Encostei-me à janela.

Fizemos o trajeto em silêncio. Eu olhava a paisagem já pensando em como entraria no apartamento. Minhas

últimas lembranças não são as melhores.

Ninguém sabe a dor de perder a mãe até que isso aconteça. É como a quebra de um elo. Penso hoje que é aí que se corta o cordão que nos uniu durante a gestação.

Quando chegamos ao prédio ele não parou na portaria como pensei que fizesse. Entrou com o carro pela garagem.

Estacionou, desceu e começou a me seguir. Nessa hora eu deveria agradecer pela carona, até porque nossa antipatia mútua rondava, mas não agradezi.

Permaneci segurando as alças da mochila e caminhando com passos inseguros.

O elevador, o corredor e a porta. Passos incertos.

— Obrigada por me acompanhar. Não sei se teria coragem de entrar sozinha.

— Eu sabia! Também precisei de um amigo para me fazer voltar para casa. Entrar comigo e me fazer encarar a realidade como ela era.

— Eu não sei onde estão escondidas minhas forças.
— Sentei-me no sofá.

— É assim. Elas voltam aos poucos. Só não faça

como eu. Sai fazendo besteiras em cima de besteiras. O único que me parou foi o Cairon.

— Por isso sua dedicação a ele?

— Outras coisas também.

— Se conhecem desde criança?

— Sim. Estudamos o infantil e o fundamental.

Depois no colégio eu saí e voltei não ficamos na mesma sala. Mas continuamos amigos. Época de namoradas e farras.

— Hum.

— Ele foi muito namorador?

— Não. Eu era. O Cairon era o CDF. Sabe aquele que muitos querem ser amigos por causa das notas? Eu era o bom de briga e ele a cabeça das articulações.

— Imagino.

— Não tem ideia. Mas ele sempre foi muito centrado. Desde criança queria ser Juiz. Estudava o tempo todo. Mesmo nas colônias de férias.

— E como perdeu sua mãe? Se é que pode tocar no assunto.

— Não. Hoje falo dela com muito carinho. Tem Dez

anos que a perdi e a saudade hoje é muito maior que a dor. Então posso falar. Eu era um rebelde. Só festas e nada mais. Até deixei a faculdade onde estudava com o Cairon. Um dia brinquei com minha mãe por que estava andando com umas más influências e eu não sabia que minha mãe estava doente. Quando voltei para casa ela estava caída no chão da sala. Eu me culpei por anos mesmo o médico me dizendo que ela estava se tratando e de repente deixou de fazer. Acho que ela não via mais saída para aquilo. Ou simplesmente desistiu. Hoje estou melhor a cada dia. Fiz terapia e tudo mais. Acho que ela me perdoou. O Cairon me disse que mães não perdoam filhos porque são incapazes de se magoar com eles.

— Sinto muito Murilo.

— Também sinto muito pela sua perda. — Ficamos em silêncio. Sendo solidários com a dor um do outro. Até que ousei a dizer.

— Eu o amo Murilo. Mesmo que você duvide.

— Não é que eu duvide. Só acho que precisam ter certeza que o sentimento é recíproco. Ele já sofreu o suficiente com a Giovanna. Merece alguém que cuide

dele. Ele só sabe cuidar.

— Eu sei. Eu tenho certeza do que sinto. Só não sei se corresponde àquilo que você deseja a seu amigo. Porque quando se ama alguém nada é o suficiente. Eu te entendo. Ninguém seria o suficiente para o Cairon. Assim como para minha mãe, ele não era o suficiente, até que ela constatou com seus próprios olhos. Mas não vamos saber que não vivermos.

— Só me resta confiar que desta vez dará certo. Você vê. Ele não sabe se divertir. Sai de um relacionamento que mesmo fictício era sério ao ver dele e da sociedade e entra em outro. Agora seria tempo de ele sair de casa se divertir, mas ele não fará. Se deixar em menos de seis meses estarão casados.

— Não sei. Ele tem medo que as pessoas saibam de nós.

— Eu também! Ele está passando por várias ameaças. Ontem devia ter visto o desespero dele ao saber que o Pietro havia sumido. E quando estas pessoas, estes criminosos souberem de você. Será mais uma preocupação para ele e você perderá sua liberdade.

— Acha isso também!

— Não, não acho. Tenho certeza! Lidamos com isso o tempo todo. E ele com essa paixão toda. Acha que vai raciocinar? Ele fará o que eles pedirem.

— Então é sério?

— Você não tem noção. E as trocas nem sempre são justas. O Diogo uma vez. O juiz. Ele já teve a filha sequestrada e pediram a liberdade de um prisioneiro importante em troca. E olha que ele é juiz trabalhista.

— E o que ele fez?

— A polícia localizou a garota antes. Mas já vi finais tristes.

— Eu não pensava ser assim.

— Então passe a pensar no que deseja para sua vida. Veja a Giovanna. Foi prisioneira toda uma vida em sua própria casa por ser filha de Juiz. Só andava de segurança e agora não está sabendo usar sua liberdade. E vai ficar pior.

— Como assim vai ficar pior Murilo?

— Espera só. Ela já está começando a descobrir que o Jefferson não é o Cairon. Quando se sentir sozinha

ou ele não corresponder ao que ela espera. Sentirá falta do que tinha. Ela pode querer voltar. E aí se você não tiver alicerçada, vai cair. Vai começar com ciúmes e o Cairon não vai suportar.

— Acho que está fantasiando demais. Não foi ela que quis o divórcio?

— Por que quando se tem não damos valor. Quando descobrir que vivia cercada de carinho e de amor de alguém que te ama de verdade e agora não tem mais. Quando viver com um amor que não tem bases. Só suposições, tipo... E se eu tivesse casado com ele? Essas coisas, aí ela vai querer voltar ao que já conhece. O cara a abandonou no momento em que ela mais precisava. Ele devia ter lutado ou até fugido com ela na época.

— Talvez não tivesse escolha.

— Sempre temos.

— Qual? Brigar contra um Juiz? Contra um promotor.

— Eu brigaria com qualquer um se estivesse apaixonado.

— Não sei Murilo. Será que eles podem sei lá.

Voltar?

— Não digo isso. Mas ele pode ficar balançado. Vê como ele gosta do Pietro? Não quero te desanimar. Só quero que deixe de pensar que pode ficar fazendo charminho e decida-se de uma vez. Agora preciso ir. Daqui a pouco preciso buscá-lo.

— Obrigada. Podíamos ter tomado um café, mas...

— Deixa para a próxima.

Ele saiu me deixando lá com meus pensamentos. Fui até o quarto da minha mãe e olhei a cama vazia. O armário com suas roupas. Sentei-me na cama e chorei.

— Êh mãe. Agora sou só eu.

Deitei para descansar da viagem, liguei a TV e em poucos minutos não ouvia mais nada.

& Trinta e sete &

Cairon,

— FILHO... Estamos combinados assim então? Vou conversar com sua mãe. Vou ver com ela o que está acontecendo, mas pelo amor de Deus, meu amor não faça

isso novamente. Quando não quiser ir para casa vá até a secretaria e peça que me liguem. Mas não saia mais da escola. Se esconder do motorista ou de qualquer outro adulto como fez ontem para fugir pode acarretar coisas terríveis a todos nós.

— Desculpa pai.

— Está desculpado. Quanto a mudança de colégio eu mesmo conversei com sua mãe sobre a real necessidade.

— E o nosso combinado que eu podia te ver.

— Vou falar com ela também! Fique tranquilo.

— E se hoje quando voltar para casa ela estiver brava?

— Ela não estará. Vou falar com ela agora. E você se comporte.

Assim que ele entrou no prédio da escola sobre meu olhar eu voltei até o carro e pedi ao Murilo que primeiro fossemos até a casa da Giovanna.

A empregada disse que ela estava de repouso. Esperei que ela avisasse que eu estava lá. A demora foi muito que cheguei a estranhar. Mas por fim depois de

quase meia hora ela apareceu.

— Giovanna. Não tenho o dia todo. O que está acontecendo com você e com o Pietro?

— O que ele já foi dizer? Não está acontecendo nada. Nada.

— Olhe para você.

— Todos os dias eu me vejo. Lembra que no começo da gravidez do Pietro também foi assim. Sofro com os enjoos e com as dores nas costas e pernas. Nada mais que o normal.

— Mas havia vários cuidados a serem tomados e eu me certifiquei que você os tivesse.

— Você achava que eu era um bibelô e ainda tinha a questão de sua consciência pesada por ter se vendido a meu pai.

— Deixa de ser grossa, e eu não vim falar de nós. Que é um assunto encerrado. Vim falar do Pietro.

— Isso eu não tinha dúvidas. Para você sempre foi o Pietro não é? Acho que quando se casou comigo não pensava em ninguém mais que nele. Queria roubar meu filho.

— Cala Giovanna tenha paciência. Devia ter deixado você se casar com o outro homem. E deixá-lo ter feito você mulher dele. Respeitei você da forma que exigiu e cuidei de você e do Pietro. E nunca ouvi uma palavra de sua boca de gratidão.

— Gratidão por me tirar de perto do amor da minha vida?

— É sobre vocês dois mesmo que quero falar. Vou conversar com você primeiro e se não resolver vou conversar com esse tal.

— Não temos nada para conversar.

— Sabe que o Pietro está ainda em processo de retirada do meu nome. Estou a fim de parar o processo se vir que vocês não terão uma convivência saudável com o menino.

— O que quer dizer? – Ela sentou-se.

— O Pietro foi registrado em meu nome com sua concordância. Tenho testemunhas disso. Posso entrar com um recurso e no caso sabe que tenho mais chances de ganhar.

— Por que é Juiz e seus amigos te ajudarão?

— Não. Por que ele quer a mim como pai. Você sabe bem que há leis que garantem o bem-estar do Pietro mesmo contra os pais biológicos.

— Você não teria coragem de fazer isso comigo.

— Ah teria. Como você disse. Sempre foi ele. E eu agora concordo.

— Cairon. – Ela abaixou o tom. — Nós estamos em fase de adaptação. O Jefferson e o Pietro ainda estão se adaptando. Tanto ele a ser filho como ao Jeff a ser pai.

— Ele sabia que era pai a vida toda. Já devia estar preparado.

— Mas não está.

— Como não estava há anos quando acabou fugindo. – Ela respirou fundo e fiquei com pena dela. Vê-la naquela situação.

— Agora que está se atualizando com o Pietro e há de convir que o Pietro é realmente um menino manhoso e mimado às vezes.

— Não senhora. Ele é um menino bom e educado. Onde tem guardado seu coração Giovanna?

— Não tenho guardado. Estou usando para amar a

quem sempre quis!

— Não me faça dar risadas Giovanna. Depois de quanto tempo esse homem te procurou?

— Ele disse que tentou está bem? Não venha julgá-lo.

— Dois assuntos para encerrar nossa conversa. Primeiro o Pietro não quer ir para uma escola militar. E não é forçando o menino ir que o pai ganhará a simpatia dele.

— Então foi só por isso que ele fugiu?

— Ele disse que ouviu vocês falarem que ele não poderá mais me ver.

— Me desculpe Cairon, mas não dará certo para os dois com você entre eles. O Pai diz não e você diz sim. O Jeff diz talvez e você já entregou o que ele pede.

— Tudo é conversado Giovanna. Eu te disse antes de se mudar. O menino cresceu comigo. Oito anos acreditando, falando a todos e me amando como pai. E agora de um dia para o outro querem que ele aceite outro, e que ainda não quer ter diálogo e está enciumado descontando no garoto?

— Não tem ciúmes de você, vê se cresce Cairon. Está somente tentando ser pai. E cada um é de uma forma. Mas com você por perto o Pietro sempre terá preferência, por aquele que faz tudo por ele.

— E pais não são para isso Giovanna? Para fazer tudo pelos filhos enquanto eles não têm condições?

— Nada falta a ele Cairon. E nunca deixarei faltar. Só faltam limites.

— Me diga um acontecimento que demonstrou isso. Que ele não tenha limites.

— São detalhes que não veem ao caso agora, mas que só nós que estamos com ele notaremos. No mais para quem passar poucas horas com ele não conseguirá enxergar.

— Eu vou parar a ação de destituição do poder familiar por enquanto.

— Não Cairon. Sabe que não é fácil está parte do processo o Endrigo explicou tudo.

— E se não melhorarem e me proibirem de ver o Pietro, eu vou entrar com um processo provando que houve um abandono por parte do pai biológico da criança.

— Não Cairon. Por favor. — Agora chorava? Não adiantava tentar me convencer. Já tinham errado o suficiente com o Pietro.

— Estou tentando salvaguardar os interesses do Pietro. Será um processo cansativo Giovanna. Muito desgastante para que está em seu estado. Portanto pense melhor. E diga ao Jeff. Que venha me procurar caso tenha alguma dúvida.

Sai da casa deixando-a pensativa com certeza. Estava compadecido ao vê-la chorando e quase permito, que ela desse as cartas novamente.

— E aí? Como foi?

— Terrível Murilo. A Giovanna está cega de amores e, - Pensei um pouco nas palavras para expressar meus sentimentos. - Senti pena dela.

— Hum.

— Não, mais eu fui firme pelo Pietro.

— Ah sei. Essa mulher faz de você gato e sapato Cairon.

— Vamos embora. Preciso trabalhar.

Assim que cheguei ao fórum havia uma comoção de

documentos e assuntos pendentes, parei na portaria para pegar alguns documentos.

— O Senhor. — Olhei para a Késsia e até imaginei o que ela queria falar. — Tem notícias da...

— Da Liara? Chegou hoje. Deve voltar ao trabalho na segunda. Mas, se quiser fazer uma visita a ela. Acho que seria bom ela ter uma amiga com quem conversar e que ela pudesse falar sobre tudo.

— Obrigada pela confiança meritíssimo.

— O quê? Aposto que estão dizendo que fui a quem matou a mãe da mocinha escurinha que fica aqui.

— Olha doutora Ana Luíza. Estou cheio das suas grosserias e crueldades.

— Ai, ai, ai. Desculpa. Eu hein. Vocês só andam estressados, o tempo todo, nossa. Não posso falar nada neste lugar que já veem com três pedras nas mãos.

— Porque a senhora só diz barbaridades. — As pessoas começaram a olhar para nós e ela notando acabou se afastando.

— Já estou indo. Esqueci-me que o senhor é um cavalheiro defensor dos pobres e marginalizados.

— Calma meritíssimo. Com essa aí não vale a pena.

— Essa mulher me tira do sério.

— O dia dela está chegando. A Josy está voltando na segunda também. Os médicos dizem que é muito cedo, mas ela disse que ao menos meio período ela voltará.

— Que bom que ela está bem!

— Boa tarde gente. Alguma novidade para estarem reunidos?

— Estou dizendo ao meritíssimo que tanto a Josy, quanto a Liara voltarão na segunda feira então não atrasarei mais os documentos.

— Gostaria de visitar a Liara, alguém tem o endereço.

— Não. E se tivesse não daria. — A Késsia foi categórica com o Heitor que continuava ali parado próximo a nós.

— Por que? Ela disse que morava com a mãe. Agora...

— Agora mora com a tia. — A Késsia tinha todas as respostas à ponta da língua eu não saberia responder a tudo isso assim de imediato.

Fui para meu gabinete e trabalhei por duas horas somente. Na saída fui direto para o térreo e observei uma cena estranha.

A Juíza estava conversando com um homem que estava de costas. Mas que me parecia conhecido, não me lembrava de onde o tinha visto.

Quando me os viram trataram de se esconder mais ainda e aquilo ficou guardado em minha mente. Entrei no carro e o Murilo não estava. Liguei para ele que apareceu instantaneamente.

— Viu a Juíza ali com um homem. Acho que era o namorado por que pareciam brigar.

— Eu não vi ninguém. Ela te viu? Tem homens nosso no encalço dela. — Vai passar o fim de semana no apartamento?

— Não. Vou entrar e sair com a Liara. Pode me esperar.

— Para onde vão?

— Para minha casa. Não quero que ela fique aqui, está muito recente. Até o perfume da mãe deve estar no apartamento.

— Você é você mesmo Cairon. Durão com os criminosos, justo em seu jeito de julgar e uma manteiga derretida com quem conquista seu coração.

— Que tese a sua. Claro que eu sou eu. Assim como você é você.

Subi até o apartamento. Quando abriu a porta vi que ela havia acabado de acordar.

— Dormiu a tarde toda?

— Acredita? Não havia dormido bem desde....

— Pegue suas coisas e vamos sair daqui.

— Preciso de um banho. E trocar de roupa.

— A gente faz isso em casa.

— Em casa?

— É. Vai ficar este fim de semana comigo. Em minha casa. Não posso te deixar aqui. - Ela me abraçou e fechou os olhos.

— Obrigada por cuidar tão bem de mim.

Pegou suas coisas e estávamos prontos para o fim de semana. Eu e ela, ela e eu. Descemos de elevador e quando abri a porta o susto foi enorme.

— Doutor corre aqui. – Um dos agentes me gritou.

Olhei no chão e vi o Murilo caído. — Acabou de ser Baleado doutor.

& Trinta e oito &

Liara

ESTAVA PETRIFICADA em meu lugar. Vendo o Cairon ali desesperado pelo amigo. Ninguém o conseguia mover de perto do Murilo. E eu pensando que dois baques em menos de uma semana seria demais para nós.

- Aguenta aí meu amigo. - Ele apoiou a cabeça do homem caído no chão em seu colo e... Chorou. - Retiro o que eu disse mais cedo. Você não é você e eu não sou só eu. Somos uma equipe lembra? Sempre fomos uma equipe. Não pode sair dela agora.

O lugar logo ficou cheio de homens da polícia federal e junto uma ambulância. Os paramédicos estavam retirando o Murilo do lugar imobilizado e davam os primeiros socorros. Por fim colocaram-no na ambulância, seguidos de perto pelo Cairon, que acompanhava cada

detalhe. Quando fez menção de acompanhar o amigo foi barrado por um agente.

- O Senhor não pode ir aqui.

- Quem vai me impedir?

- Meritíssimo. - Um dos agentes começou com muita paciência e respeito. - O senhor pode colocar sua vida em risco e a vida do Murilo também. Não sabemos se estão esperando mais adiante. Quantos são nem quais armas possuem.

- Se morrermos os dois eu não ligo. - Pela primeira vez naquela hora ele olhou para mim. -Leve-a com vocês. Deixem-na em minha casa em segurança e reforça o pessoal de lá. Eu vou com o Murilo.

- Não Cairon. Ou você vem comigo ou eu vou com você. Não irei para sua casa e ficarei lá em notícias suas e do Murilo. E se insistir eu vou subir e ficar aqui sozinha. Ele não rebateu desta vez.

- Vamos de ambulância e vocês nos seguem.

- Não é seguro.

- Vamos. O tempo está passando.

Ele entrou e me ajudou a entrar o paramédico

fechou a porta e ele abaixou a cabeça sobre as mãos.

- Não estou acreditando nisso. - Passou a mão nos cabelos. Não consigo acreditar. Não era para ser ele.

- Não podia ser ninguém. Acha que se fosse você ele estaria feliz neste momento? Conversou comigo hoje e falou da amizade de vocês. De quanto ele é grato por tudo e...

- Ao ponto de morrer em meu lugar? Não. Porque isso era para mim. E todos nós sabemos disso.

& Trinta e nove &

Liara

-E VOCÊ NÃO ESTÁ segura lá mais. – Ele me explicou que de alguma forma, mesmo com toda segurança, alguém tivera acesso ao local. - Ligue para a senhora mulher do porteiro e peça que arrume suas coisas. Mando buscar depois quando tiver cabeça.

Chegamos ao hospital e o movimento de policiais já estava enorme. Quantos homens no local. Fardados e não.

- Chefe já prendemos o suspeito.

- Onde está? – Nem parecia o homem amável que conheço, estava vermelho, e impaciente.

- Está no Vigésimo quinto DP aguardando suas ordens.

- Há delegado para interrogatório? Se não houver solicite para aproximadamente meia hora, e me aguardem. Eu quero estar presente.

- Sim senhor.

- Liara. Não pode ficar andando comigo. Não sabemos se entre os policiais há têm alguém infiltrado. Não podemos confiar em ninguém. Pegue o celular dele. - Ele me entregou os objetos que os policiais haviam entregado a ele. - Ligue para Ana Beatriz. Conte a ela.

- É a namorada dele?

- Sim. E para todos os efeitos... Você é amiga do Murilo. E trabalha no fórum. Só isso. Qualquer pessoa que perguntar.

- Está bem.

Chegamos à sala e logo o médico veio falar com ele. Ele tranquilizou o Cairon dizendo que graças a Deus havia sido no ombro. Que estava desacordado por causa

da queda. Mas que daqui a pouco à bala seria tirada e que ele só ficaria na unidade intensiva por que seria mais fácil de cuidar.

- Doutor. Estão aguardando o senhor para o interrogatório.

- Protejam a amiga do Murilo.

Eles podem querer algo que não sabemos. - Ele ordenou e saiu sem dizer nada. Estávamos sendo observados por muita gente. Era o melhor a fazer.

Quando o médico disse quatro horas depois que eu poderia entrar se quisesse ver o Murilo, fui imediatamente.

- Quer nos matar do coração.

- Onde está o Cairon?

- Não quer saber primeiro onde você está?

- Não perdi a consciência. E peça, por favor, para me darem alta. Já estou bem.

- Murilo não sabe o desespero que foi ver você lá caído no chão. Perdeu sangue e bateu a cabeça. Acabaram de retirar uma bala do seu ombro e agora quer sair daqui?

O telefone dele tocou e eu atendi vendo que o

número era da moça que eu havia tentando falar e não consegui. Afastei-me um pouco e contei a ela o que havia acontecido, mas já a tranquilizei dizendo que ele estava bem.

-Hum. Ela não virá.

- Claro que sim.

- Não deviam ter ligado.

- Por quê?

-Terminamos anteontem. Ela achará que fiz isso para chamar sua atenção.

- Pensando bem. Pode ter sido realmente.

- Quando eu sair daqui vou insistir com o Cairon que te deixe. – Ele gemeu deixando claro que sentia muita dor.

- Então já posso me adiantar e deligar seu soro, para ter certeza que não sairá. - Sorri para ele. Que bom que já está bem realmente.

Ele tossiu, eu me afastei um pouco para não ficarmos conversando e assim deixá-lo descansar.

& Quarenta &

Cairon,

- *“Isso foi só um aviso certo mano. A gente temos mais figuras na cola do doutor. É um nosso nas grade, mano e um dele no saco”*. - Eu ouvia aquele linguajar, chulo e mesmo assim, e meu coração gelava. Eu gostaria de esmagá-lo com minhas próprias mãos.

Pensava no Murilo, no Pietro, na Liara e até mesmo na Giovanna. Mas não deixaria que eles me amedrontassem.

- Sargento... Leve nosso passarinho, para a sala de refresco, para ver se ele se lembra de nomes. - O Sargento deu a ordem e veio ao meu encontro.

- O senhor acha que tem algo haver com essa operação que está fazendo doutor, ou é coisa da facção?

- Para mim, tem gente grande por trás disso. Só traficantes não fariam isso, só preciso achar as pontas soltas nesse caso.

- Daqui a pouco ele começa a cantar.

Mas o tempo passou, tive notícias do Murilo e nada do indivíduo falar. Fui como delegado até a sala e chamei o sargento, o tenente e o agente que estavam "conversando" com o meliante.

- Pode deixá-lo.

- Mas senhor... - Pisquei para o agente.

- Ele não vai falar nada. Para mantermos ele preso também é bobeira. Então o senhor, delegado fará um relatório dizendo que liberou o homem logo em seguida ao depoimento e...

- Mas não vou liberar é isso?

- É. Vou separar uns de seus homens e vou da uma volta com ele.

- *Ow. Aí não né mano. Ceis querem é me matar.* - Ele começava a cair em nossa armadilha. Começava a se apavorar.

- Os familiares ou a pessoa que está por trás de tudo isso, - continuei contando ao delegado meu plano como se ele não estivesse ali, - Vai acreditar que liberamos e ele sumiu no mundo com medo.

- *Ow chefia... Chefia perai. Vamo negociá o*

bagulho mano. - Ele já havia apanhado bastante. Mas eu achava que precisava de mais um pouco, tinha que aprender a respeitar a lei.

- Não tem negociação alguma entre homens da lei e bandido, seu marginal.

- *Aí que o senhor se engana. Eu não sei falar, mas tem gente da lei no meio também chefia. Eu ouvi uma conversa.*

- Se não sabe falar nomes para mim não tem valor algum. – Comecei a guardar minha carteira e minhas chaves que estavam sobre a mesa.

- *Tá certo chefia. Tá certo, mas posso ter mais valor vivo chefia.*

- Para mim você não vale nenhum centavo. Vai para o saco também idiota.

- *Ceis num faria isso mano.* – Agora ele começava a entender com que estava falando, mas ao mesmo tempo demonstrou que me conhecia. - *O povo diz que cê é gente boa mano.*

- Eu sou gente boa? E mesmo assim querem matar a mim e aos meus? Saiba que sou gente boa, enquanto não

mexem comigo.

- *Não. Mano é que a gente precisa de dinheiro certo.* - De valente passou a ser vítima da situação. Estávamos acostumados com isso. Chegavam leões e saíam gatinhos.

- Vai trabalhar como a maioria faz! Sabia que isso é uma opção?

- *A situação tá difícil chefia. Eu tenho família!*

- E se prestou a isso? Pense se fosse sua família que estivesse sendo ameaçada. E pense, em como ficará sua família a partir de amanhã. - Virei de costas para ele e falei com o delegado novamente. - Separe seus melhores homens, delegado. Aqueles de sua confiança.

- *E meu direito do tal advogado mano, cadê?*

- Serei seu advogado e também o seu Juiz. Agora vamos! - Um dos agentes puxou-o pelas algemas e eu fingi sair da sala. Antes que eu fechasse a porta ele gritou.

- *Ô Juiz. Ô doutor. Eu sei o só o primeiro nome de quem me contratou e nem sei se é esse o nome do cara.* - Voltei e cruzei os braços à frente do peito.

- Então fala agora, antes que eu me arrependa.

- *É... Jacques. Eu só sei isso. Que ele chama Jacques.*

- E onde foi que se encontraram? Onde eu encontro esse Jacques?

- *Ele disse para não procurá-lo mais. Nunca mais.*

- Mas como ele chegou até você?

- *Minha prima Cláudia, namorou com ele por um tempo. A gente se conheceu, e eu comecei a frequentar lá as quebrada certo. Mas agora ele me encontra. Eu não sei encontrá-lo.*

- Pense bem na resposta. O que faria querer te encontrar?

- *Só se soubesse que falei o nome dele. Mas o senhor não vai falar não é?*

- Não. Não vou falar. Sai da sala e havia planejado tudo.

- O que o senhor pensa em fazer.? - O delegado me questionou.

- Vou dar uma coletiva, a imprensa quer saber o que houve e vou dizer que ele nos deu um nome pelo qual vamos procurar. E como colaborou e não temos prova

contra ele, por enquanto vamos soltá-lo.

- Soltá-lo de verdade doutor?

- Sim, e vigiá-lo todos os segundos até que este outro venha procurá-lo. Então prenderemos os dois.

- Entendi. Acha mesmo que virá procurá-lo?

- Com certeza. Eles não sabem qual o nome foi dado. Virão conferir. Ele não sabe só o nome do Jacques com certeza. Deve estar encobrindo mais alguém.

- Usará o coitado como isca?

- Vai dizer-me que o senhor não faz coisas piores, delegado? – Ele enrubesceu. - Mas antes tente refrescar a memória dele novamente. Quem sabe não se lembra de alguma coisa a mais. - Ele sorriu e eu fui visitar meu amigo no hospital.

A visão do Murilo caído, ainda fervilhava minha mente. Era como se parte de mim desmoronasse ao lado dele, e logo pensei, no Pietro e na Liara. Não permitira que mais nada acontecesse a ninguém que amo.

Cheguei ao hospital e encontrei a Ana, que chegava. Pensei que estivesse, por lá há mais tempo. Talvez a Liara não tivesse conseguido falar antes.

- Não esteve com ele ainda?

- Não, e pensei muito antes de vir. Acho que ele não te contou que terminamos essa semana.

- Não. Não havia dito nada. Por isso pedi que ligassem para você. Se tivesse me dito, eu não teria lhe incomodado.

- Eu não quero essa vida para mim Cairon. Não quero mesmo. Viver aventuras não é meu forte. Gosto de sossego de tranquilidade.

- Ana. Quando se ama...

- Aí que está Cairon. Não sei mais se amo o Murilo suficiente para aguentar essa vida de perigos. E depois que você e a Giovanna se separaram. Eu pensei muito a respeito de nós. - Essa declaração me pegou de surpresa.

- Sempre os vi como um casal lindo e feliz! – As frases dela me surpreendia, era como se ela baseasse seu relacionamento com o Murilo, no que eu tinha com a Giovanna. Nunca pudeste passar por minha cabeça que o término de nosso casamento fosse afetar outras pessoas.

- Meu casamento... Você sabia como era. Você e o Murilo não seria a mesma coisa. Vocês se amam.

- Eu o amei loucamente no começo, mas com o passar do tempo às relações se desgastam.

- Mas em outras vezes elas se solidificam com o tempo.

- Não foi nosso caso. Seis anos de namoro. Vai ficando sem graça.

- E quando descobriu isso? Agora, ou há mais tempo?

- Foi recente. Não quero mais ficar neste enrola, enrola. Quero me casar e ter filhos. Sem ter que colocar seguranças junto com meu filho. E enquanto ele cuidar de você, nossa vida é incerta. – Senti um aperto no peito.

- Diga isso a ele. Intime-o a arrumar outro emprego.
– Nunca tinha pensado em quantas pessoas deixam seus sonhos em prol do ideal de outro.

- Foi o que fiz. E veja aonde chegamos. – Fiquei em silêncio até chegarmos diante do quarto onde estava o Murilo.

- Sinto muito.

– Ele fez a escolha.

- Uma pena. Se quiser posso falar com ele.

- Não. Está tudo bem. Terminamos de boa. Mas admiro o amor e a devoção que ele tem pelo trabalho e a admiração que tem por você.

Abri a porta e entrei onde o médico havia me indicado. Encontrei a Liara sentada no sofá lendo uma revista enquanto o Murilo dormia. Ao menos parecia que dormia. Tomara que não tivesse inconsciente.

- Oi. - Ela disse se levantando e vindo ao meu encontro. Parou quando viu que a Ana havia entrado atrás de mim. - Ele está dormindo. -Você deve ser a Ana. – Estendeu a mão para cumprimentar a mulher sorriu afetuosa.

- Sim. - O Murilo se mexeu na cama e abriu os olhos.

- Veio conferir se eu havia morrido?

- Sabe que não te desejo mal.

- Não precisava ter vindo.

- Desculpe é que me pediram para ligar. - A Liara se justificou sem jeito. O Murilo devia ter contado sobre ao término do namoro. Estava tão linda, mesmo com ar de cansada. E o seu gesto de ficar com o Murilo mesmo não

se entendendo com ele me tocou muito. Acontece que me pergunto se posso prosseguir com isso e colocá-la em perigo.

- Se ele soubesse não teria ligado, tenho certeza.

- Não teria mesmo. – Concordei.

- Eu me esqueço de que a amizade de vocês é mais forte que tudo. Eu mesma não entendo, respeito.

- Você não entende de sentimento nenhum.

- Pronto. Murilo e sua mania de ser grosso. Ops!

Quer dizer. Sincero.

- Eu não sabia que vocês estavam nesta situação. –

Me dirigi ao Murilo, eu só pensei que gostaria de ver um rosto conhecido assim que acordasse.

- Achei que voltaríamos, por isso não disse nada.

Bom... Agora que cumpriu seu papel pode ir.

- Murilo! – A Ana irritou-se.

- Bom se terminaram de brigar. – Adverti... Ela se afastou e engatou uma conversa com a Liara enquanto eu o Murilo conversávamos.

Era bom reforçar que havia me assustado muito, caso ele não tivesse ouvido minha ladainha no caminho

para o hospital.

- Essa gente é muito mais perigosa que imaginamos.

- Não mais esperta.

- Pegaram o cara?

- Pegamos. – Contei a ele sobre a ousadia do malandro em entrar no prédio, com arma em punho, fazendo um morador de refém, escondido dentro do carro.

– Devem estar a dias seguindo nossos passos.

- Então posso voltar para casa? - A Liara se aproximou perguntando.

- Talvez segunda-feira. E precisamos. Conversar também.

- Podem ir para casa. Meus homens estão por aqui.

- A Polícia federal também. Não queria ir, mas estou muito cansado. E preciso levar essa garota para jantar e tomar um banho.

- Jantar? Está quase na hora do café da manhã. - Olhei no relógio e só então entendi que eram quatro e meia da manhã.

- Por isso estou tão cansado. Volto amanhã cedo. Aliás, hoje. Venho almoçar com você.

- Se eu ainda estiver por aqui.
- Toma cuidado Murilo.
- Estou ótimo.

Naquela madrugada, antes que o sol nascesse, enquanto ligava o chuveiro e mesmo sem notar os primeiros pingos de água cair sobre mim, senti necessidade de somente ficar ali, porque sentia medo.

A água quase fria massageava meu corpo e levava para longe todos os maus sentimentos e presságios que rondavam minha mente e minha alma, a respeito dos últimos acontecimentos.

Quando a Liara se juntou a mim e abraçou minhas costas, tinha quase certeza do que fazer, aliás, do que dizer.

- Está calado.
- Não tenho palavras para exprimir como me senti hoje.
- Riscos da profissão.
- Não. Não posso colocar as pessoas que gosto em situações assim por causa de uma filosofia de vida.
- Então o que vai fazer? Deixar que a criminalidade

tome conta da cidade? Sabe que a sociedade culpará você.

- Não sou autoridade sozinho.

- Mas é parte dela, e se parar de fazer sua parte.

Com certeza as outras não funcionaram.

- Amanhã vamos ver outro apartamento que tenho. Se mudará para lá. Ele é menor, mas não confio mais deixar você lá. E não posso trazer você para morar aqui por enquanto. Eles descobririam logo. E estaria sobre a mira do desconhecido, e isso me assusta o suficiente.

- Não podemos ficar correndo de um lado para o outro.

- Não vamos correr. Vai mudar para lá e eu não vou te ver por um tempo. - Disse de uma vez. Não quero ficar adiando.

- Como assim? - Ela desligou o chuveiro. - Está dizendo que irá me deixar?

- Entenda Liara. O crime não escolhe momento certo. Viu o que aconteceu com o Murilo?

- Eu vi. E acha que ele vai deixar de te proteger por isso? Se tiver que levar cinquenta tiros, ou morrer por

você ele fará.

- Não. Não pode ser assim.

- E eu também! Não vou deixar de te amar por que corro risco de vida.

- Você diz isso agora. Acabamos de presenciar a Ana dizendo o quanto é ruim viver assim. Deveria namorar o Heitor. Ele poderia te dar uma vida calma e feliz.

- Deus me guarde namorar uma pessoa sem amor Cairon. E ao contrário da Ana. Gosto de aventuras. Mais que as aventuras. Eu amo você!

Ela me deixou sem ação. Como recusar o amor da mulher que se ama! É... Estou amando. Estou apaixonado.

Tomei seus lábios e posse de sua alma. Ela me pertencia. Era minha e não deixaria de viver isso por nada na vida.

- Estou apaixonado por você! – Declarei sem medo.

& Quarenta e um &

Cairon

- ESTAVA ESPERANDO, para que me deixasse em casa. - Sorri ao ver o Murilo, de banho tomado, esperando por mim na poltrona. Quando vi a cama arrumada minha primeira impressão foi de que algo errado havia acontecido.

- Cara você não tem jeito.

- Conversei com o médico hoje...

- Isso mesmo doutor – O médico se aproximou. – E ele me prometeu que aonde vai, tem quem cuide dele, vinte oito horas por dia. - O Médico disse de uma forma divertida, mas com verdade. - O que houve não é brincadeira ele acha que sabe tudo e que é o super-homem, mas até o super-homem tem uma fraqueza.

- Era para ter me liberado ontem.

- Você deu entrada no hospital na noite de sábado e pensou que eu fosse te liberar no domingo? Tenha paciência rapaz. Com ferimentos à bala a gente não brinca.

- Eu já tive um antes o senhor sabia?

- É você me disse, que se curou sozinho.

- Isso mesmo.

- Quando tinha vinte anos... O tempo passa e nosso corpo vai perdendo a resistência.

- Ficou agradecido ao senhor por estar liberando o Murilo e eu mesmo me comprometo de levá-lo para minha casa. Lá minhas ajudantes poderão ficar de olho nele e poderemos ajudá-lo no que for necessário.

- Confio em suas palavras doutor. Aqui estão as receitas e a alta para poder sair.

- Obrigado!

Era segunda feira e eu havia avisado que só iria trabalhar na parte da tarde. A Li foi, não podia perder mais um dia, depois de uma semana e meia de luto.

Chegamos ao meu apartamento o Murilo começou a reclamar como se não tivesse feito a promessa ao médico. Disse que tinha empegada, que inclusive, ela poderia ajudá-lo no banho. Como se aqui não o fosse ajudar. Contou sobre a enfermeira gatinha, típico do Murilo.

- Você não presta Murilo... Até a enfermeira rapaz.

- Mudando da água para o vinho... Me conta aqui. Alguma novidade em nosso caso?

Coloquei-o ciente do plano. Hoje eu almoçaria com

o delegado, e logo após, iríamos liberar o homem, daria uma coletiva à imprensa e jogarei verde, dizendo que ele nos contou quem ser os mandantes.

- Tomara que seu plano dê certo. - Eu também torcia para que por isso. - E a Liara? Não está em casa?

- Ela não vai ficar aqui. Pedi ao pessoal do apartamento onde ela se encontra, que leve os pertences dela para o outro apartamento e arrume tudo por lá. Lá ficaram os seguranças que você disponibilizar.

- Acha mais seguro assim?

- Estava pensando em não ir vê-la por um tempo... Mas ela não quis. Disse que não podemos ficar reféns dos bandidos por nossa escolha.

- Também acho. Embora penso que precisem redobrar a atenção e o cuidado.

- Estou apreensivo com essa nossa situação. Se algo acontecer a ela não saberei o que fazer.

- O mais correto e acelerarmos essa busca por estes idiotas. Quanto antes estiverem atrás das grades, mais cedo poderemos viver tranquilos. Também não acho que se afastar dela seja uma opção... Mas podem confundi-los.

- Como assim?

- Não se encontrem aqui ou lá. Marque de se encontrar em outros lugares... Assim eles pensaram que pode não ser a mesma mulher e também que não há compromisso entre vocês.

- Assim pareceria que temos algo a esconder e não temos.

- Mas será uma medida provisória.

- Não fiz nada de errado para ficar me escondendo.

- Acho que está é com pretexto para não pagar algumas horas de motéis. – Se não tivesse uma brincadeira, claro que não seria o Murilo.

- Estava demorando para aparecer uma palhaçada. Além disso, os motéis, são frios e impessoais...

- Nada que uma boa foda não esquente. – Esfregou as mãos.

- Eu não fodo com ninguém Murilo, tenho uma pessoa com a qual tenho uma relação, e a gente faz amor. – O corrigi.

- De que planeta você vem Cairon... Nenhum homem hoje em dia faz amor com fulana... Elas querem mais

sacanagem que a gente. Depois que saiu um livro aí que o cara até batia na coitada... Elas piraram...

- Então é por isso que a doutora Ana Luíza. está sem cliente. Elas estão achando normal?

- Em algumas ocasiões sim. Pergunte a Liara...

- O quê? Se ela prefere apanhar ou que eu a trate com carinho?

- Talvez fosse isso que a Giovanna quisesse e você não deu.

- Está por fora.

- Você é que está.

Encerrei o assunto com o Murilo. Não iria conversar com a Li sobre isso, como pode o nosso nível de intimidade ter chegado a esse ponto?

- Depois não diga que não te avisei.

- Vamos almoçar... Preciso trabalhar.

Almoçamos e conversamos sobre vários assuntos. Conferi, se de fato ele havia se deitado, e dei várias instruções tanto a Magna como aos seguranças do lugar.

No TRF calamidade total... Muitos documentos, muito trabalho. Entrei pela porta lateral, assim não seria

visto por ninguém.

As quatro e vinte aproximadamente minha assistente, entrou pela porta toda abarrotada de documentos que mereciam minha atenção, o que me assustou foi que ao deixar a porta aberta a doutora Ana Luíza. apareceu atrás dela.

- Doutora Ana Luíza... Em que posso ajudá-la?

- Vim ver como o senhor está, disseram que sofreu outro atentado dentro de um condomínio fechado, onde possui um apartamento. Que insegurança vivemos hoje, não é?

- Como vê, estou bem. Como a senhora soube? - Pensei... Ninguém soube onde ocorreu o evento... A não ser quem estava lá, disseram na imprensa que fora diante o meu apartamento.

- Todos estão sabendo...

- Que foi em um condomínio onde tenho um apartamento?

- Hum... Acho que ouvi alguém dizer.

- Seria alguém da federal ou daqui de dentro do TRF? - No fórum ninguém poderia ter lhe dado essa

informação.

- Ai doutor é muito apegado a detalhes.

- São detalhes assim que tiram a vida de um cidadão de bem sabia doutora. Vou pedir que investigassem qual o agente ou o policial que passou a informação adiante.

- É para tanto assim Cairon?

- Claro. Tem a ver com a segurança de minha família e amigos.

- Se soubesse nem tinha vindo prestar minha solidariedade... Nem me colocar a sua disposição caso precise. Parece realmente que não sou bem-vinda aqui.

Ela se levantou olhou uns quadros na parede e depois se voltou a mim novamente...

- Vou pedir transferência. Não suporto trabalhar em lugar que não me respeitam e duvidam da minha índole. Já aprontaram demais comigo sabe doutor. Não posso confiar nas pessoas. Por isso tenho essa personalidade que para uns é qualidade, mas para outros é defeito.

- Eu acredito que se tivesse respeitado a todos teriam respeitado a você.

- Cairon... Meu pai nunca aprovou meu

relacionamento com a pessoa que estou... Deixa pra lá.
Não somos amigos e...

Levantou- se e da mesma forma que entrou ela saiu... Estava mais estranha do que o natural.

Liguei para o Murilo.

- Tenho uma informação nova para você.

- Que seja quente.

- O pai da Juíza não gosta da pessoa com a qual ela se relaciona. Isso não estava no relatório.

- Quer que eu sonde os pais para ver o que descobrimos?

- Acho que pode ser interessante.

Me despedi e fui para a coletiva... Seria em um sala reservada do tribunal.

- Meritíssimo, o senhor está sendo ameaçado, e recentemente sofreu dois atentados... Vai desistir da operação Facility?

- Não desistiremos. Isso ao contrário, tem nos feito querer cada dia mais lutar contra criminosos que ficam impune em nosso país.

- O senhor já tem nomes?

- Sim. Fizemos um acordo de libertar o atirador que detemos se ele nos dissesse nomes, e ele nos disse dois nomes que acreditamos serem os cabeças de toda organização.

- O senhor pode nos dizer algum nome? - Era uma pergunta pertinente. Tínhamos que deixar claro que sabíamos de algo... Mesmo sem saber.

- Se eu te disser os nomes com certeza não esperaram por nós.

A entrevista continuou, dei as informações possíveis ao lado só delegado e saímos.

& Quarenta e dois &

Liara...

QUANDO CONSEGUIMOS fechar o fórum as dezoito e vinte havia um carro me esperando para me levar ao novo apartamento.

Não teve como ir ao horário de almoço. Só agora irei para lá... O Cairon com essa conversa de termos que dar um tempo tem me assustado.

Espero que durante a semana possa ir me ver, ou me leve até seu apartamento.

Quando o carro se colocou em movimento estava tranquila... Embora eles tivessem ido em outra direção.

Comecei a ficar preocupada quando entraram em um lugar estranho com portões altos... Do lado de dentro havia uma faixa... "Doce encontro".

- Tem certeza que o local é aqui?

- Pediram para trazê-la para este lugar. – Se o homem estava sem jeito de me levar a um motel, imagina eu, como estava constrangida ao entrar.

Ele me entregou uma chave e eu peguei minha bolsa e entrei.

Agora eu começava ficar desconfiada... Quando entrei no lugar, nem bem procurei o interruptor na parede, e fui prensada contra a porta. Não tive medo, porque o perfume é inconfundível.

- Assustada?

- Não... Encantada com tudo que vem de você.

- Isso foi ideia do...

- Murilo. – Completei sem medo de errar. Era

estranho que todos soubessem que nesse exato momento estávamos transando, mas, era minha escolha.

Ele continuava me pressionando à parede passando suas mãos em meu corpo.

- Achei que iria se afastar de mim.

- Não consegui. Estou tentado a arriscar minha vida para estar com você.

- Que lindo! Isso é uma declaração?

- Já me declarei várias vezes... - Virou-me tomando meu rosto entre suas mãos e beijou meus lábios faminto.

E me amou no chão... Na cama e no banho. Nos aninhamos nos braços um do outro e ficamos deitados fazendo planos até que fomos interrompidos por uma ligação do Murilo.

- Está no viva voz.

- Tenho duas notícias... Qual quer primeiro?

- A boa lógico...

- O pai da juíza abriu o bico... Estou louco pra te contar pessoalmente. Esta é a boa... Acho que pegamos a sequelada.

- E a má notícia?

- Estão sendo vigiados... - Só mais essa que me faltava. Até aqui eles nos perseguiram?

- Como assim?

- Os agentes da federal disseram que há dois carros com ao menos três homens em cada nas proximidades do motel onde estão. Engraçado que tinha me dito, como é mesmo? “Motéis são frios e impessoais”. – Não era hora para brincadeiras, mas eu me escondi em seu peito e ri.

- E o que nós fazemos agora?

- Tranquilo, a federal está cuidando de tudo, uma pena eu não poder estar aí pra ver sua cara. - O Murilo disse calmamente. - Bom... Os agentes pediram reforços, não se preocupe... Dará tudo certo. Vão tirar vocês daí!

- E quem você acha que é?

- Começo a suspeitar que possam ser os homens do Namorado da Juíza...

- Tão perigoso assim?

- Não... Homem com o orgulho ferido.

- Para com isso Murilo... Como assim?

Antes que ele respondesse bateram a porta... O Cairon abriu e viu dois agentes pelo jeito que os

cumprimentou eram conhecidos e se encontravam com o carro parado do lado de fora.

Terminamos de nos vestir e entramos no carro blindado e com vidros escuros ainda na garagem.

Meia hora depois ele entrava em outro edifício.

Suíte, sala, cozinha, banheiro social, área de lavar.

- Que gracinha... Lindo.

- Viu que seus pertences estão aqui?

- Obrigada. Vai dormir aqui?

- Preciso ir! Não posso mais aguentar a ansiedade para saber notícias da juíza.

- Quando o Murilo te contar me liga?

- ligo! - E assim ele se foi, fiquei observando o lugar e pensando o quanto eu amava ser cuidada por ele.

& Quarenta e três &

Cairon

EU AINDA ESTAVA atônito com a informação de ontem do Murilo... Quem diria, o Franz, namorando a doutora Ana Luíza.

— O Senhor sabia que depois de amanhã é o aniversário da Liara? — A Késsia me abordou à entrada do TRF. Aquilo não iria prestar, em breve as pessoas começariam a falar de nós dois.

— Não. Tudo muito tumultuado Késsia, nem temos tempo de falar sobre certas coisas. Como sabe? Ela te disse?

— Não senhor, eu tenho os dados no fórum.

— Obrigado Késsia pela informação e aproveitando eu gostaria que... Se pudesse às vezes, não sei como é seu tempo, depois que sai do trabalho, mas... Só se pudesse, fosse visitar a Liara de vez enquanto. — Era a segunda vez que eu pedia a ela, porque me importava tanto com aquela mulher, que não me importava de fazê-lo.

— Doutor ela não nos dá essa abertura. Sempre que digo que vou visitá-la ela dá mil desculpas. Quando soube que eu sabia de vocês, aí que se fechou mesmo.

— Talvez porque nossa relação exija um pouco de sigilo. Mas amanhã se puder me ajudar a preparar algo para ela. Convide o pessoal do fórum como se fosse uma ideia sua e, organize tudo e me mande à conta, não precisa

economizar. — Ela sorriu e piscou.

— Deixa comigo meritíssimo. O Senhor quer ser convidado? — Se eu pudesse esganá-la ali mesmo.

— Lógico, mas não se esqueça que os outros juízes precisam ser também para não dar muito na cara. E, Késsia. Preciso dizer que precisamos ser o mais discreto possível?

— Não senhor.

A Li estava chegando eu fingi perguntar sobre a Josy para Késsia,, cumprimentei-a e sai.

Naquele dia não vi mais a Liara e não podia dizer a ela sobre as descobertas do Murilo, caso contrário ela daria muito na cara e perderíamos todo o plano, que estava em prática.

Às duas horas, liguei ao fórum e pedi a assistente da doutora Ana Luíza. que quando ela pudesse, viesse a ter comigo, ao TRF, em meu gabinete.

— Posso entrar?

— Claro, sente-se. — Assim que ela o fez, me sentei na cadeira diante a poltrona e cruzei as pernas.

— Minha assessora disse que o senhor gostaria de

falar comigo. Espero que seja breve. Estou arrumando meus documentos para pedir minha transferência. — Já não era sem tempo.

— É sobre isso que gostaria de falar com a senhora. Não acha que seja precipitado de sua parte pedir transferência uma vez que estava ansiosa para trabalhar nesta comarca? Chegou aqui tão ansiosa, e promissora.

— Eu, passei o fim de semana, meditando sobre isso doutor, e acho melhor não. Vou prosseguir com o pedido.

— A senhora não tem alguém que possa lhe ajudar a tomar essa decisão? Disse que seu pai não gosta da pessoa com quem se relaciona, um dos dois lados deve ter uma opinião coerente sobre seu pedido, o qual possa escutar e depois analisar, os pós e contras para chegar a uma conclusão.

— Não entendo seu interesse repentino sobre meu pedido de transferência.

— Não imagine que tenho algum interesse particular, só fiquei tocado com a informação.

— Não iria gostar de estar em meu lugar doutor.

— Cada um sabe de sua verdade não é mesmo doutora?

— Verdade Cairon. Cada um sabe sua verdade. — Ela silenciou-se e depois quando pensei que ela se abriria... Desistiu. — Obrigada pelo seu gesto amigo. — Levantou-se e limitou a dizer. — Era só isso doutor?

— Bem, quero que saiba que estou por aqui... Caso precise.

— Agradeço mais uma vez. — Disse e saiu. Liguei imediatamente para o Murilo.

— Não consegui nada novo. Ela é muito fechada. Não irá abrir a boca assim tão rápido. — O Murilo era da teoria de que se eu insistisse um pouco mais, me fizesse amigo dela daria certo. Ele tinha consigo que caso a juíza estivesse vivendo sobre pressão, não aguentaria por muito tempo.

Concentrei-me no trabalho, por pouco não ouço o som personificado da mensagem.

“Irá me ver hoje”?! — Respondi.

"Não poderei. Preciso pegar o Pietro" — Logo depois recebia outra.

"E amanhã?"

"Também não. Não teve muitas aventuras por essa semana?"

"Tudo bem! É só vontade de estar contigo o tempo todo. Bjs. Te amo!"

"Beijos"

Quando terminei o expediente e fui até a casa da Giovanna pegar o Pietro, e acabei tendo uma surpresa. Como sempre, fui recebido pela ajudante, que muito gentilmente me convidou a sentar-me enquanto aguardava meu filho trocar de roupa e guardar a mochila, quando o tal o Jeff entrou com o irmão.

Não sei se demonstrava que o havia reconhecido ou se fingia não ter o visto. Optei pelo segundo.

— O Senhor vem muito a essa casa não mesmo doutor? — Ele me abordou audaciosamente, pensando que talvez não me lembrasse de vê-lo conversando com a doutra Ana Luíza. outro dia no TRF.

- Verdade... Mais que gostaria. Se a Giovanna tivesse deixado o Pietro comigo, ou caso eu decida entrar na justiça, para fazer valer meus direitos, quem sabe eu

não deixe de vir.

— Para mim essa aproximação de vocês só faz do garoto um menino mimado e dependente.

— Ainda bem que sua opinião não me interessa. Quando eu vir que ele está sendo amado, como merece, eu deixarei de vir constantemente.

— Isso é o bom de ter poder não é mesmo? Podemos determinar quando, e como fazer às coisas, sem que chamem a polícia para nós. — Só então o pai do Pietro se posicionou.

- Eu passei por isso com o pai da Giovanna. Fiquei preso uma vez por quase três anos. Por que ele decidiu, que eu não iria vê-la novamente.

— E acha que sou culpado por isso?

— Teve sua parcela de culpa. Aproveitou-se da situação para se casar com a mulher perfeita. Rica e carente. Que achou que eu havia a abandonado.

— Na época era o que parecia. Não tinha ciência dos feitos do pai dela. — Aquela discussão. estava me deixando irritado.

— Eu nunca a abandonei se quer saber, eu a amava.

Não havia possibilidades de eu a ter deixado.

— Hei vocês. – A Giovanna entrou na sala. - Vamos parar com isso, o Pietro está descendo – Depois cumprimentou-me e conversou tão mansa que até desconfiei. - Cairon... Só peço que não o traga muito tarde, hoje é meio de semana. Só o estou permitindo ir para que veja o Murilo e jantem juntos. Depois o traga, por favor.

— Eu trarei.

— Vamos pai.

— Pietro já conversamos sobre essa palavra.

— Está bem! – Ele disse impaciente.

— Vamos filho. – Segurei sua mão e o levei intrigado com o que acabara de ouvir. Nem bem entramos no carro e o questionei sobre o que significava as palavras da mãe.

— Ela quer que chame o Jeff de pai e você de Cairon.

— Isso é um absurdo filho, claro que poderá me chamar de pai, até quando quiser, não se sinta pressionado.

— Eu disse que você não se importava, mas ela não acreditou.

— E você e ele? Estão se dando bem?

— Não gosto dele. E agora, aquele homem que mora com a gente, que é irmão dele, só fica me perguntando a mesma coisa, sobre sua namorada.

Aquilo foi um choque para mim. O que ele queria fazer de poder desta informação.

— Como assim Pietro?

— Ele quis saber se saio com você e sua namorada. Se eu já a conheci.

— E você? O que disse?

— Eu menti. Lembra que ela pediu para não falar para a mamãe sobre nossa conversa? Se eu dissesse que conversei com ela, minha mãe ia perguntar sobre o que e eu não saberia responder papai. Então disse que nunca a vi.

— Fez bem filho. Não foi uma mentira tenebrosa. E ele acreditou nisso?

— Acho que sim. Então o Jeff disse até disse que ninguém iria gostar de você por que você não é legal! Eu

disse que todo mundo gostava de você, até meus coleguinhas de escola. Então ele me mandou para o quarto, e que só sairia de lá quando soubesse me comportar.

— Filho. Quero que me prometa uma coisa.

— O que papai? Eu prometo mesmo sem saber.

— Não discuta mais com aquele homem. Deixe-o falar sozinho.

— Mas ele fica dizendo que não sou homem. Que choro igual bebê. Eu fico triste.

— Da próxima vez vou falar com ele.

— Não precisa pai. Ele disse que sempre que acontece algo corro para você igual uma mariquinha, que isso não me torna um homem de verdade.

Eu estava com ódio do tal do Jeff, fazer essa pressão psicológica no Pietro. Eles não queriam que ele me contasse o que se passava na casa, até aí tudo bem! Mas oprimir o coitado dessa forma. E por que ele estava interessado em saber sobre minha namorada?

— Tio. — Ele gritou indo de encontro com o Murilo assim que abri a porta do apartamento.

— Olá garotão! Nossa está enorme hein. O que anda comendo?

— Mamãe disse que preciso comer para não dar uma doença.

— Sua mãe é muito esperta. Por isso dão a elas esse título.

— Título?

— É... De mãe. Para ser mãe precisam ter algumas características. – Eu me assustei com a conversa do Murilo, pensei que ele fosse dizer outra coisa.

— Que legal! Tio!

— Vai lá ligar o game para brincarmos. – Ele nem esperou a segunda vez e saiu correndo em direção à sala de estar.

— O Pietro disse algo?

Narrei minha conversa com o Pietro, e como eu mesmo, o Murilo achava que essa informação seria valiosa para eles.

— Talvez queiram somente usar na causa do Pietro. Se tivesse um caso, ela poderia denegrir sua imagem. Estão desesperados, pode-se esperar por tudo.

Eu até tinha pensado na hipótese também, mas quando contei a ele, sobre quem havia até mesmo falado comigo, e segundo o Pietro, estava morando com eles, à história mudou.

-Lembra-se que eu disse que no dia do atentado eu sai do fórum e vi a juíza conversando com um homem e eu não me lembrava de onde o conhecia?

— Então a Juíza conhece o tio do Pietro?

— Não é muita coincidência?

— O mesmo que estava na casa da Giovanna no dia em que o Pietro fugiu?

— Isso mesmo. Estava lá novamente, quis me mostrar seu ponto de vista sobre o poder, e outra coisa estranha é que o próprio Pietro disse outro dia que o pai, trabalha até tarde, mas hoje não eram cinco e meia, e os dois estavam em casa.

— Alguma coisa aí não está cheirando bem!

— Não está mesmo.

— Vai precisar pegar o Pietro mais vezes. Ele será nossa fonte.

Sem chances. Não envolveria meu filho em uma

história suja, como essa estava me parecendo. Mesmo que na inocência, ele nos contasse detalhes importantes, era muito perigoso, caso eles descobrissem.

- E sobre o professor da Liara? Contou a ela. — Na verdade não era professor, era coordenador do curso de direito da universidade em que ela frequenta. Mas eu não quis dizer nada. Ela queria que assim que eu soubesse o que o Murilo tinha a me contar sobre a Juíza, ligasse para ela, mas achei melhor não, talvez ela não soubesse disfarçar tão bem diante do Franz que sabia que ele mantinha um romance com a doutora Ana Luíza. Era o que o Murilo havia descoberto.

— Não contei, mas agora apenso que deveria preveni-la.

— Lembre-se que não se arranca a verdade de quem nada sabe. — Ele tinha razão, quanto menos a Liara soubesse, mais segura ela estaria.

O Pietro e o Murilo foram jogar e fui até meu escritório. Reli alguns arquivos antigos sobre o Franz. Kalebe Franz. Era um homem estudado, formado em direito. Não me vinha nada na cabeça que pudesse

incriminá-lo. Nem mesmo namorar a Juíza, ambos estavam no meio Jurídico, isso era normal, a diferença de idade, ah... Isso não vinha ao caso. Amores acontecem.

O que não emendava nessa história era ela estar praticamente brigando com o irmão do Jefferson. Aquilo me pareceu briga de namorados.

— Jacques. — Olhei para trás e vi o Murilo encostado à porta.

— Jacques?

— É o nome do tio do Pietro. Fomos conversando, conversando. Ele disse que o tio sempre entra nos assuntos do pai com a mãe, fazendo com que a mamãe fique nervosa. E disse ainda que quando ele está por perto, a mãe se porta completamente diferente.

— Então estamos certos. Há coisas escondidas por aí. — De repente um estalo deu em minha cabeça. — Murilo, a Giovanna pode estar correndo um grande perigo. — Foi como se eu ouvisse a voz dizendo em meu ouvido. "É. Jacques. Eu só sei isso. Que ele chama Jacques."

— Por quê? Cairon. Está branco feito papel.

— Seria muita coincidência. Jacques é o mesmo nome do homem que contratou o atirador que te baleou. — O Murilo ficou de pé e me encarou.

— Já temos o nosso homem! – Ele tirou o telefone do bolso e fez umas três ligações. Se nossas suspeitas se confirmarem. Não só ela, mas também os Pietro estão correndo grande perigo.

E eu preocupado com o Kalebe Franz. Seria por causa da diferença de idade entre ele e a Ana Luíza? Ou meu sexto sentido me dizia que ali também havia coisa?

& Quarenta e quatro &

Liara.

— LIARA, que bom que está de volta às aulas. Soube que perdeu sua mãe. Meus sentimentos.

— Obrigada professor.

— Só espero que tenha se atualizado com seus colegas de escola.

— Sim senhor! Estou em dia com a matéria. – Este é um dos melhores professores que peguei este semestre.

Baixinho e calvo o Ismael é o típico professor que todos gostariam de ter.

Sempre disposto a ajudar. Gosto muito dele.

Quando acabou a última aula cheguei à portaria e não vi ninguém que fosse conhecido.

Naquela noite cheguei em casa, tomei banho chequei minhas mensagens e ele havia deixado duas. Ouvi uma, duas e três vezes até adormecer.

A manhã me trouxe alegria, mas também um misto de melancolia. Eu não quis contar a ninguém sobre meu aniversário. É ao mesmo tempo uma data especial, mas me lembra de minha mãe.

Ela nunca vinha em meu aniversário, mas sempre mandava uma boneca, uma roupa nova, meu presente sempre estava lá, por isso, era uma data muito marcante para mim.

Fui para o trabalho e sentia a sensibilidade tomar conta do meu coração, ainda bem que ninguém sabia sobre.

— Bom dia Liara, eu hein... Que cara é essa? — Ela aproximou-se de mim e cochichou. — O gostosão não

compareceu ontem?

— Se alguém te ouve Késsia, terá que explicar com suas próprias palavras. Eu não vou dar uma satisfação sequer.

— Medrosos! Vocês dois. Não têm nada a esconder, por que não assumem?

— Não sei, pergunte a ele.

— Acha que não tenho coragem? – Sorri para ela tentando disfarçar, mediante a chegada do Heitor.

— Gatas do meu coração!

— Olá Heitor.

— E então o que rola?

— Muito trabalho. Inclusive alguns processos que até mesmo o senhor não protocolou. E que eu precisava entregar semana passada e...

— Calma. Calma Késsia. Ainda são nove e meia da manhã. Não irá suportar até as dezessete.

— Falo sério Heitor. Entregarei todos os maus funcionários para os Juízes e também ou doutor Breno.

— O que mordeu ela Liara?

— Não sei. Vou terminar meu trabalho antes que

sobre para mim.

Trabalhamos muito e ao fim do dia estava exausta. Agora prefiro trocar mensagens com o Cairon. Melhor que TRF, e ainda ser investigada pela doutora Ana Luíza.

Ele não irá me ver hoje. Terá que cuidar do filho então. Nada de beijos no dia do meu aniversário.

Cheguei ao apartamento e olhei minha grade escolar. Hoje poderia faltar e comer uma pizza, ou algo parecido. Comemorar sozinha.

Quando meu telefone tocou e era minha tia, a única a se lembrar do meu aniversário. E depois que ela desligou o vazio voltou a reinar novamente. Até que a campainha tocou.

Era ele. Só ele conhece esse lugar. Sai correndo do jeito que estava, short de dormir e regata, descalça, abri a porta.

— Parabéns para você. Nesta data querida. Muitas felicidades. Muitos anos de vida! Viva a Liara! Viva!

— Que vergonha. - Corri de volta para o quarto. Só que eu vi estava a Késsia, a Josy, o Heitor, e mais umas cinco pessoas atrás.

Quando voltei à sala recebi os abraços de todos. Eles haviam colocado alguns balões e o bolo sobre a mesa. Então notei que o Cairon não estava entre os presentes. Ela teria falado com ele? Não quis perguntar nada até por que estava feliz o suficiente.

— Ah gente! Estou sem palavras.

— Não precisa dizer nada, - Trouxeram o jantar, bebidas e o bolo e até alguns docinhos.

O Heitor logo tratou de colocar o celular sobre a base e escolheu uma música. Se o Cairon visse a intimidade do Heitor em sua casa no mínimo surtaria e se o Heitor tivesse a mínima ideia que esse apartamento era do Cairon, e que ele e eu tínhamos um envolvimento... Nem quero pensar. Ou talvez ele aceitasse bem, mas isso não me parece com o Heitor, acho que iria ficar me criticando para sempre.

— Não é um apartamento tão pequeno assim.

— Como é? – A Josy me abordou. Me lembro de que em uma conversa na qual ela estava e eu vivia falando que morava em uma quitinete.

— Você disse que era uma quitinete e não é tão

pequeno assim. Suíte, banheiro, Sala conjugada com a cozinha e uma lavanderia.

— Mas também não é um apartamento para família.

— Não... Não é. Mas eu trabalho com pessoas que são carentes ao ponto de morarem em lugares menores que este. Pai, mãe e cinco ou seis filhos.

— Isso não está muito longe da minha realidade Josy. Antes de vir para cá. Eu morava com uma tia e antes de nos mudarmos para sua atual casa. Morávamos em um cubículo, realmente menor que este. Ela, meu tio, meus três primos e duas primas. Uma delas engravidou e teve que se casar e ficou morando lá também e nove meses depois havia mais um habitante na casa. Sala, cozinha, banheiro e dois quartos. Tivemos que fazer a sala de quarto e dormirmos todos os solteiros enquanto minha prima e o marido moravam em um quarto com o bebê e meu tio e tia dormiam no único quarto que restava.

— Viu só. Não seja má agradecida com a vida! Em vista do que viveu agora mora em um palácio.

— De forma alguma quis me desfazer do Ap. Só disse por que as pessoas têm uma ideia lá de baixo.

Acham que moro na cobertura.

— Te entendi! Achei que era por que tinha vergonha do local. Eu mesma achei que morasse em algum lugar pior pelos preços de imóveis por aqui.

— Eu não sei se ficarei aqui por muito tempo. Tinha algo guardado por isso investi no aluguel, mas depois não sei se continuarei.

— Até lá talvez esteja ganhando mais. — A companhia tocou e a Késsia saiu correndo para abrir. O Cairon estava parado seguido do Murilo ainda andando de vagar. Ele trazia um vaso com uma planta. Entregou-me desejou felicidades e sentou-se no sofá.

Jantamos, nos divertimos todos, e até dançamos. Claro que o Cairon ficou mais quieto em seu canto, conversando com o Murilo ou outra advogada que estava com as meninas, Emily. Ela era gente boa, mas estava quase sentada no colo do Cairon. Estava ficando preocupada.

Vez e outra ele me olhava, Penso que tentando se justificar, mas não estava dando certo, ela estava praticamente se jogando sobre ele, que sorria sem jeito.

— Ohhhh Emily. Assim vai sufocar do doutor não acha? – Ela sorriu mediante o comentário da Késsia e se afastou um pouco.

— Me conta uma coisa. – A Késsia, agora se sentia como minha melhor amiga, e de fato era, a única que conhecia meu segredo, e guardava. Ela encostou-se à parede da cozinha enquanto eu pegava uns copos limpos. - Qual é a do Murilo?

— O que foi? Ele fez algo que te chateou? Porque ele tem esse dom.

— Sempre dei o maior moral para ele, e ele nunca me deu um retorno. Sempre com essa forma de duro de matar 1, 2, 3 e quatro. E hoje... – Ela suspirou tão desanimada que cheguei a ficar com pena.

—— E hoje?

— Está praticamente transando com a Josy na minha frente.

— Nossa Késsia eu nem imaginava isso, e nem reparei que eles estão tanto assim. Quer que eu fale com ele?

— Não. Não entendo os homens, vai ver é que eu

não passo de uma atendente e ela é uma assessora não é?
Assim como ele.

— Não sei se isso é a cara dele não.

— Oi meninas. – O Murilo parecia ter adivinhado que falávamos dele, e veio mancando, até estar perto de nós. A Késsia tratou de pegar os copos e pedir licença saindo da cozinha.

— Oi Murilo aceita algo?

— Não. É que...

— É que? Nossa hoje parece que todos estão meio gagos. – Brinquei arrancando um sorriso dele.

— A Késsia, ela me parece estranha hoje. Está tudo bem com ela? Sempre foi muito delicada e está parecendo meio brava hoje.

— Melhor perguntar a ela, mas talvez tenha algo haver com sua forma de conversar com a Josy. – Sabia que ele ia falar algo, então passei por ele e o deixei só.

Quando voltamos para a sala. Logo cantaram os parabéns e começaram a ir embora.

— Eu volto. – Ele cochichou em meu ouvido.

Todos se foram e eu fiquei esperando que ele

voltasse. Cinco minutos depois a porta se abria mesmo sem bater.

— Achei que nunca mais fossem embora. — Beijou minha boca. — Venha que vou te dar seu presente.

— Me deu o vaso lembra-se? — Mostrei as flores sobre o pequeno balcão que separava a cozinha e a sala.

— Foi só para disfarçar.

Levou-me até o estacionamento e apertou a chave do carro que abriu as portas.

— Que sonhoooooooo.

— Gostou?

— Amei!

— Entra. — Eu obedeci só que estava entrando do lado do carona. — Não senhora, agora você é a motorista. É seu! Claro que precisa ter carta para dirigir, porque eu não tenho poder algum com a polícia militar nem rodoviária.

Fiquei olhando para ele sem entender o que ele queria fazer. Dar-me um carro? Deste modelo? Quem em sã perfeita consciência pensaria que tenho condições de ter um carro assim?

Já não bastava a Josy com a questão do apartamento. Agora que ela não iria acreditar mesmo em mim.

— Não posso. — Disse dentro do carro olhando tudo em minha volta.

— Claro que pode! O que não se pode é recusar um presente de aniversário. - Ele começou a me beijar dentro do carro abaixando o banco, mas quando eu pensei que iria rolar algo ele parou.

— O que foi? – Ele fez sinal de silêncio e saiu do carro. Segui-o, começando a tremendo de medo. Não é possível que em todo lugar a que formos, não estaremos em segurança.

Quando nos aproximamos do barulho, não eram vozes nem nada era como se alguém gemesse por ali. Ele acendeu a lanterna do celular e sorriu.

— Vocês?

— Que saco hein? Eu por acaso já atrapalhei vocês? – Que vergonha, levei a mão ao rosto, o Murilo e a Késsia estavam no maior pega próximo ao elevador.

— E não tinha outro lugar para vocês se agarrarem?

— Valha-me Deus Késsia. – Brinquei com ela. - Olha seu estado. – Ela estava quase nua e o Murilo entre suas pernas. Ajeitou-se e ficou de pé, ainda com dificuldade.

— Me desculpe doutor é que... – O Cairon ria da falta de jeito em que a Késsia se encontrava, e a tranquilidade do Murilo.

— Tudo bem Késsia. Eu só me assustei achando que era esses marginais, mas venhamos e convenhamos. Isso é um perigo Murilo, - se virou ao amigo. - Poderia ter levado a Késsia para sua casa ao menos, ou ao motel, como você mesmo indica às pessoas.

— Eu, propus isso a ela, mas, preciso te levar para casa.

— A festinha é particular ou pode-se ter mais um convidado?

Meu coração quase parou quando nos viramos e nos deparamos com aquela silhueta de homem ali parado na escuridão. Agora seja o que Deus quiser.

& Quarenta e cinco &

Cairon

— ACORDA BELO ADORMECIDO, ainda na casa da gata?

— O que você quer há essa hora Murilo? – Olhei o relógio sobre o criado, e não passava das oito e quinze.

— Quero que ligue a TV no noticiário da manhã. – Nem esperei ele terminar, devia ser importante.

Meus olhos ainda tentavam se acostumar com a claridade da TV, mas eu via bem a cena que a câmera mostrava, e ouvia perfeitamente a voz da repórter contando os últimos acontecimentos.

"— Estamos diante do fórum da cidade, na rua dos poderes, onde três homens armados fazem reféns doze funcionários que chegaram esta manhã para o trabalho. Segundo informações... Os homens armados estão exigindo a presença de todos os magistrados da cidade para o início das negociações. Esperamos que ninguém sai ferido. Keila dias para o jornal local."

— Que merda é essa Murilo? – Pulei da cama em

direção ao banheiro

— Estamos te aguardando aqui na porta. Achei que todos os magistrados se estendessem a você.

— A Li já...?

— Está sim. Só nos resta esperar que não tivesse tido ainda a informação que ela seja sua... Amiga. — Mal tomei um banho e me vesti, em cinco minutos eu entrava no carro.

— Vamos embora.

Paramos diante do fórum exatamente quando chegavam o Walter e o Diogo.

— Quantas pessoas lá dentro, delegados? — Walter quis saber.

— Umas doze pessoas meritíssimo, do fórum, quanto aos homens não se sabe ainda quantos são.

— E o que eles querem?

— Querem liberdade para dois prisioneiros do presídio federal, e proteção para alguns do estadual. Segundo eles, alguns prisioneiros deveriam ter tido suas liberdades concedidas e não tiveram por intervenção de poderosos aqui de fora, citaram até sentença de morte por

parte da tal facção, pelo jeito, eles continuam atuante dentro e fora dos presídios. Estes que estão aí, pertencem a um grupo rival. - O Murilo se aproximou de mim e disse baixo.

— Não são nossos homens ainda.

— De qualquer forma ela está lá dentro.

— Se acalma e não se entrega, vamos agir com frieza.

— E como eles querem que isso aconteça agente? –
Questionei ao agente que começava as negociações.

— Querem que transfiramos os presos para outras unidades prisionais.

— Isso está fora de cogitação. – O Diogo interveio. Só hoje entendo o que dizem de razão versus emoção. Eu sabia que o Diogo estava certo, mas minha vontade era fazer o que eles pediam.

— Agora que os senhores estão aqui vamos começar as negociações.

- Disseram todos os magistrados. – O Murilo cochichava comigo. – Será que a doutora Ana Luíza. não está a par? Ele tinha razão, mas o que ela poderia fazer

ali?

O Walter quis se certificar de que os prisioneiros estivessem bem. Pediu para falar com a Késsia, se fosse o Breno, com certeza teria pedido para falar com a Liara, sabendo que isso acalmaria meu coração.

Enquanto o delegado falava com os homens lá dentro, encostei-me a uma das viaturas e fiquei me lembrando da nossa noite, e da madrugada, nos momentos em que tivemos em seu apartamento depois da festa surpresa de aniversário. Revivi cada beijo. Lembrei-me de cada gesto, cada palavra.

— Você me disse que essa data era muito importante para você!

— Era, porque eu tinha a esperanças de ver minha mãe e agora não sei se é mais. — Passei a mão em seu rosto, recolhendo cada lágrima.

— Eu não sirvo? — Brinquei.

— São amores diferentes. - Tentou sorrir.

— Não quero que chore mais, quero que entenda que agora está vivendo uma nova etapa de sua vida. Uns se vão, e outros chegam. É como se fosse uma viagem sem

fim

— Acredita em outras vidas?

— Não. Minha mãe é muito religiosa. Eu não segui os passos dela, mas também não sou descrente.

— Chega de conversa e me ama, daqui a pouco o sol aparece.

— E se a gente não fosse trabalhar hoje? – Era como se eu tivesse pressentindo algo para essa manhã.

— Seria a confirmação que todos precisam.

Tomei seus lábios e toquei cada parte do seu corpo com as mãos. Ela era minha. Não tinha outras palavras para descrever o sentimento que trazia a não ser amor!

— Amo você! – Não tive medo de admitir. Eu não tinha experimento esse sentimento até hoje. A Giovanna tinha razão quando dizia que eu não a amava.

Fizemos amor apaixonadamente, comemorando mais uma vez, seu aniversário. E o sol nos brindou com seus raios, e assim, ela teve que partir me deixando sozinho nos lençóis desalinhados.

E agora isso. Cada manhã nos traziam novas surpresas, cada manhã nos trazia novas situações, e

desafios, e nem sempre eram bons. E eu não sabia quais seriam os desafios, mas sabia que teria sempre que fazer uma escolha. E se não tivéssemos envolvimento afetivos poderíamos resolver de forma diferente, mas agora era tarde, eu estava envolvido corpo, alma e coração.

E não conseguia agir de forma lógica como sempre tinha feito em minha vida! Não mais, meu coração à frente nesta situação.

O delegado voltou e começaram-se as negociações, e uma das coisas que mais me doem é saber que estou negociando com bandidos, o que eu precisava me focar, era que... Independente da Li estar lá ou não, havia mais pessoas, mais vidas em jogo.

- Se queriam negociar sobre o presídio federal, deviam ter feito reféns, os funcionários do TRF. – O Diogo demonstrava impaciência pura.

- E bandido lá sabe sobre a diferença? – Alguém brincou.

- Claro que sabem. Eles vieram ao lugar certo, porque sabem que estamos com poucos funcionários, e isso implica também a pouca segurança. Eles deviam ter

essa informação. Jamais tentariam o TRF, sabendo que a polícia federal está por lá. – Foi essa a constatação lógica do Breno.

— Com licença meritíssimo. – Olhamos os três para trás.

— O que você quer? – Afastei-me um pouco ao perceber que era a mim, à quem ele se referia.

— Sobre ontem...

— O que tem ontem? Você pensa mesmo, que temos cabeça para falar sobre outra coisa a não ser o que está acontecendo aqui?

- Não senhor me desculpe! – Se afastou em silêncio e eu pude me concentrar no assunto de agora.

Foram horas e horas até que se começasse a entrar em um acordo, mas, ainda não era o fim. No horário do almoço os policiais solicitaram que deixassem mandar almoço aos reféns e eles permitiram, e na seguida veio o recado que se as negociações não evoluíssem eles começariam a executar os funcionários.

— Eu vou entrar e falar com eles pessoalmente.

— Está louco Cairon? – Mesmo contra qualquer

palavra do Murilo, eu estava decidido.

— Cairon, não queira bancar o super-homem. — O Murilo me advertiu.

— Eles precisam entender que não estamos aqui, para brincar de mocinhos e bandidos. Que se ele continuarem com isso será pior para eles, e para os que estão no presídio. Quem garante que depois que terminar esse sequestro não vamos mandá-los para o mesmo presídio que os outros estão?

— Se o senhor quiser entrar iremos com o senhor meritíssimo. — Um agente da federal se prontificou, me estendendo um colete. Dispensei a roupa e olhei para o Diogo e o Walter.

— Vocês veem?

— Nós temos família Cairon.

— Eu também tenho Walter! Acham mesmo que eles vão nos matar?

— Isso pode ser uma armadilha. — O Walter titubeou novamente.

— Então fiquem.

— Eu vou. — O Diogo pegou o colete e colocou por

cima do paletó e me seguiu.

Entramos e em duas horas saímos de lá com a situação resolvida. Os homens estavam sendo levados para um presídio diferente e garantimos que iríamos reforçar o presídio estadual, mesmo sem falar com o Walter. Mesmo não sabendo se isso iria de fato acontecer, por ter somente a palavra do Diogo, e ninguém mais, no momento era o certo a se prometer.

- Não podemos tirar policiamento das ruas, deixar de proteger a população para colocar no presídio protegendo bandidos. – Não era preciso que o Walter nos lembrasse disso, estávamos cientes, mas depois de os reféns em segurança, discutiríamos detalhadamente uma estratégia.

Os trabalhos do fórum foram suspensos por dois dias. Ficaria fechado e quando voltasse, os funcionários deveriam prestar depoimento, na delegacia e também à polícia federal.

Quando os funcionários saíram do local, estavam todos nervosos e cansados. Aproximei-me da Liara, mesmo sem ligar para as pessoas próximas e conversei.

— Te levo para casa.

— Não precisa, posso ir de ônibus.

— Vá para meu carro, o Murilo está indo para lá. —

Minha vontade era de abraçá-la e beijá-la ali mesmo, mas sabia que vários pares de olhos estavam sobre nós principalmente o Diogo e o Walter, por eu estar conversando e me entrometendo em assuntos que não era de minha jurisdição. A assim que ela saiu, o Breno se aproximou.

— Ela está bem?

— Sim, mas deve estar abalada não é? Isso sempre abala a gente.

— A imprensa que uma declaração.

— Agora é com vocês... Faça o que melhor achar.

— Mas você esteve à frente o tempo todo, mesmo o ocorrido não tendo sido no TRF, era sobre o presídio federal também, nada mais justo que... — Concordei.

Pedi ao Murilo que levasse a Liara até meu apartamento para que ela não tivesse que esperar mais ali no local e depois voltasse para me pegar. Fomos a tal coletiva que parecia durar uma eternidade, embora eu não

tivesse declarado uma palavra.

Quando sai de lá, entrei no carro e percebei que havia uma mensagem de outro delegado, o que estava investigando junto a mim sobre o tal Jacques.

"Chefe. O encontro foi marcado. Será amanhã às quatro da tarde. Segue o endereço. Até que enfim vamos conhecer nosso homem."

Mas antes eu precisava resolver outro assunto.

& Bônus &

Cairon

Enquanto esperava pelo Murilo, pedi que avisassem ao Heitor que o esperava em meu gabinete. Quando a assistente o anunciou, pedi que entrasse, indiquei uma cadeira e sentei-me à sua frente.

- Queria falar comigo mais cedo sobre ontem, estou à sua disposição. – Ele sentou-se parecendo nervoso.

- Como eu disse ao senhor ontem, só voltei para buscar meu celular que havia esquecido e... – Antes que ele continuasse a balela, o interrompi.

- Não me faça de bobo Heitor, estamos entre

adultos, e somos homens que entendemos bem de nossas próprias intenções.

- Peço desculpas, eu realmente, jamais imaginaria o senhor e a Liara.

— Eu e a Liara. Hum...? Só não entendo, o que minha vida particular o traria a conversar comigo.

— Bem... Porque achei que ontem tenha sido um pouco inconveniente, o senhor há de convir que eu houvesse bebido, não estou aqui buscando uma justificativa de sua parte, o senhor é desimpedido, e a Liara solteira, não precisam dar satisfações, principalmente a mim. Meu intuito aqui é justificar a minha conduta. Quero que saiba que tenho um tremendo respeito pelo senhor e muita admiração. – Ontem havia me limitado a perguntá-lo o que queria, e depois de mencionar o celular, subimos com ele, para que pegasse o aparelho. Enquanto subíamos de elevador, fui de mãos dadas com a Liara, não me escondendo mais, e foi nesse momento em que decidi dormir por lá. Um homem solteiro que espera todos os convidados de uma festa sair para voltar, e esquecer justo um celular? Ele não me enganava,

queria se aproveitar da oportunidade de que ela estaria sozinha.

— Espero que entenda que no fórum somente você e a Késsia partilham da informação, e espero que continue assim.

— Não será da minha boca senhor que as pessoas saberão. Sei que as pessoas dizem que sou indiscreto, mas brinco com as minhas aventuras para contar vantagens. Jamais exporia sua pessoa.

— Eu espero Heitor... Eu espero!

— E caso precise de algo.

— Não preciso! Não acredite que isso nos torne agora os melhores amigos.

— Sim senhor. Desculpe-me. — Ele se virou para sair.

— Ah... E Heitor. Espero que com isso também as cantadas e brincadeiras desapareçam. Como você mesmo disse, sua inconveniência ultrapassou qualquer limite!

— Com certeza meritíssimo. Se soubesse nem teria brincado.

- Limite-se a fazê-lo de agora em diante. Estarei de

olho em você.

Pediu licença e saiu. Ontem depois que ele se identificou o Murilo o colocou na lista de suspeito. Mesmo eu argumentando que realmente não havia como ele ter ligado, uma vez que estava sem telefone, mas com o Murilo, ninguém brinca, suspeita da própria sombra. A aposta do Murilo é que estava desconfiado e quis nos flagrar, a minha é que... Queria encontrar a Liara sozinha. De qualquer forma agora, pelo menos, a Liara estará segura de suas gracinhas. E o Murilo estará de olho nele.

& Quarenta e seis &

Liara,

— ELE PEDIU PARA te levar para o apartamento dele, não trabalharão por dois dias.

— Mas preciso pegar roupas e objetos pessoais. Pode passar comigo em casa primeiro?

— Claro que não me importo. E... Importa-se se dermos carona para a Késsia? Não quero deixá-la sozinha

neste momento.

— Deixa de ser bobo Murilo. Claro que ela pode vir com a gente. Onde ela está? — Logo a avistei caminhando ao nosso encontro. Desci do banco do ao lado do motorista e passei para trás.

— Não precisava Li. — Nem respondi. O Murilo passou comigo em casa, peguei roupas e objetos pessoais, meu notebook e materiais da faculdade e viemos para o apartamento do Cairon. Despedi-me dos dois, liberando-o para que levasse a Késsia em casa.

Agora me encontro aqui neste quarto lindo! Olho cada quadro na parede. Observo bem, cada detalhe que não tive tempo de observar da última vez que estive aqui.

Entro no banheiro, ligo a água da banheira, me dispo bem de vagar ainda indecisa se posso ou não. Por fim, me arrisco. Entro para um banho. Revigorante. Depois de tudo o que passamos só a água mesmo para dar uma renovada no corpo, por que a mente ainda guardará as imagens do acontecimento por um bom tempo.

Ligo a TV e só então posso ter dimensão do ocorrido mais cedo. Ouço atenta, a entrevista do doutor

Breno, e o olhar atento dos Juízes a sua volta. As suposições e pitacos da população são o melhor da noite.

Uns estavam de acordo com o que fora prometido, outros discordavam. Uns criticaram a segurança do fórum e outros a ousadia dos bandidos, mas todos tinham uma opinião a dar.

Fiquei ouvindo sem tirar minha própria conclusão. Talvez quem estivesse de fora pudesse ter um prisma melhor que nós.

Eu só conseguia sentir pânico. Só não senti mais porque a Késsia estava sempre de mãos dada comigo com palavras de coragem. As imagens voltaram à minha mente.

“Vai dar tudo certo! Daqui a pouco estaremos livres. Acha que seu juiz gostoso, vai deixar que algo te aconteça?” Essa foi a frase que mais gostei, se não fosse um dos homens ter gritado conosco...

— Onde vocês duas acham que estão? Sala de bate papo?

— A gente só precisa de água. — A Késsia era muito mais preparada e corajosa que eu.

— Não ouviu a princesa João. Elas só precisam de

água. — Ele disse zombeteiro, mas pegou uma garrafa e jogou para nós.

Depois ele mesmo ao atender ao telefone gritou.

— Qual das duas é a Késsia? - Ela se identificou e ele passou o telefone a ela. — Nada de gracinha, diga só que estão bem! Eles querem notícias!

Quando a Késsia voltou me deu um sorriso e eu soube que tudo iria ficar bem a partir daquele momento.

Porém ainda almoçamos no local. Ouvimos dois os homens se estressarem entre si.

— Eu te disse que não era bom plano.

— Agora já era.

— Cretino. Vamos morrer.

— Antes vamos matar uns dois.

— Não senhor. Não vamos matar ninguém aqui. Se tivéssemos que matar alguém seria "os boca fortes", esses coitados aqui são iguais a nós mesmos. Lutam a cada dia para sobreviver.

E assim, se deu por encerrada a discussão. E ainda dizem que criminoso não tem consciência.

Depois de um tempo juntaram a gente ao resto do

peçoal e nos colocaram sobre a mira de uma arma, com dois deles nos vigiando enquanto o outro parecia anda estar em reunião e poucas horas... Pronto! Estávamos saindo livres. Não sabíamos o que havia sido o trato, só que havia acontecido.

Agora a TV dava os detalhes do fim do sequestro do fórum. O Cairon e o Dr. Diogo entraram para falar com eles. Eu estava preocupada pensando nele, sei que baseado na conversa que tivemos outro dia ele também estava preocupado comigo. Fechei os olhos e descansei.

Acordei, ainda dentro da banheira, com mãos fortes, percorrendo meu corpo, enquanto uma boca tomava a minha. Esse gosto delicioso... O nariz gelado roçando minha pele. Eu poderia reconhecer de longe.

— Você demorou.

— Tive que checar algumas informações. Vim assim que pude. Que bom que está bem. Estava preocupado com você.

— Também estava preocupada com você!

— Nunca mais faça isso comigo. Quando eu disser para não irmos trabalhar de manhã me obedeça. - Puxou-

me para fora da água e levou-me para a cama dele e adentrou-me com urgência. Como quem confere que eu estivesse ali mesmo. A cada vez que entrava em mim ele dizia coisas que iam acalentando meu coração.

— Sabe que é minha.

— Sei.

— E que ninguém mais pode tocar você.

— Hum hum.

— Então repete isso. Diz, Cairon eu sou sua.

— Cairon eu sou sua. Só sua. – Isso foi a primeira coisa que me fez rir depois do incidente.

Gememos. Chamamos pelos nomes um do outro. Fizemos juras e chegamos juntos ao clímax. Suados... Colados, nossos corpos, ofegantes se renderam sem forças.

— A campainha, - Ele se levantou, - Deve ser o Murilo que esqueceu a chave. – Ele vestiu uma camiseta e cueca e foi abrir a porta, lembrando-se que Magna estava de folga.

Procurei um short e uma camiseta e também me vesti. Prendi os cabelos e liguei a TV novamente quando a

porta do quarto se abriu.

— Oi. Lembra-se de mim?

— Claro Pietro. Como você está? – Antes que ele respondesse ouvi vozes alteradas vindas em direção ao quarto. Não havia para onde e nem por que correr, mas eu tive vontade de fazê-lo.

— É assim não é Cairon Filho. Você me acusa. Me critica e mantém uma mulher em seu quarto mesmo quando nosso filho está com você.

"Nosso filho" Agora era nosso? Não era ela que queria tirar o menino do nome do homem? Agora começava a dar crise?

— Giovanna esta é a Liara, Liara está é a Giovanna. – Levantei-me da cama, mas nem fiz menção em estender a mão para cumprimentá-la. Só pelo olhar dela para mim eu sabia que não era um prazer dela me conhecer. Assim como não era o meu.

— Sinceramente Cairon Filho. Eu não acredito que você tenha feito essa pressão sobre mim enquanto tinha alguém as escondidas. Uma...

— Giovanna, com que direito entra em minha casa

e...

- Agora é sua casa? Até ontem era nossa casa, nosso filho. – Cruzou os braços me olhando com desdém. – Tenho direitos, claro que tenho. Por isso tem nos abandonado não é Cairon? Tem pouco se importado com o que se passa com o Pietro ou comigo. – Pensei que a mulher fosse chorar. – E quem me garante que ela não é sua amante mesmo antes da gente se separar? Quem me garante que não foi por ela, que você decidiu assinar os papéis do divórcio tão rápido? E ainda mais uma... – Ela passou a mão nos cabelos e virou as costas.

- Uma? – Eu entrei na conversa, mas o Cairon tentou encerrar o assunto.

— Estamos separados Liara, não temos que dar satisfações de nossa vida! – E voltando-se a ela continuou. - Não estava com ninguém enquanto estávamos casados e agora se me der licença gostaria que saísse do meu quarto.

— Venha filho.

— Mas eu queria falar com a Li.

— Ah ela é Li? Seu pai... O Jeff, que é seu pai

mesmo, que é seu pai biológico você não respeita. E a essa chama...

— Hei... Só um momento. – Eles me olharam. — Vá com calma. A sua briga é com seu ex. No momento em que começar a me ofender comprará uma briga que não estará disposta a levar a diante. Te respeito como mãe do Pietro e como ex. do Cairon. Mas se não me respeitar pode ter certeza que não gostará de me conhecer injuriada.

— E você acha que me assusta? – Deu dois passos em minha direção.

— Até então não precisava, mas se continuar a se voltar para mim pode ter certeza que precisará ficar.

— Giovanna vamos sair daqui.

— É mamãe. Agora aqui é a casa da Li e do papai.

— Então vamos Pietro por que não será sua casa também.

— O que quer dizer Giovanna?

— O que você entendeu Cairon. Meu filho nunca terá uma madrasta, e muito menos negra.

- Como disse? – Vi o Cairon ficar pálido e vermelho, e eu já tinha presenciado ele de tal forma.

- E isso não vai ficar assim Cairon Filho. Isso não vai ficar assim. – Ela disse deixando a nós dois de boca aberta, sem ação e saiu arrastando a criança pela porta sem deixar que ao menos ele desse um abraço no pai.

— Quem ela pensa que é? – Ele fez menção de segui-la.

— Cairon, - o segurei. - Deixa. Todos estão de cabeça quente. Depois você conversa com ela e marca de pegar o garoto quando eu não estiver.

— Está louca? Quando assumirmos nossa relação ela terá que aceitar, e o Pietro virá e terá que conviver com você, porque você sempre estará por aqui, e eu te quero na vida dele.

— Eu sei meu amor! Mas vamos resolver isso tudo com calma. Por hoje o dia foi muito cansativo. Precisamos é de um bom jantar e de cama.

E assim fizemos. Fui até a cozinha e descongelei o jantar que a Magna havia feito para nós, jantamos e depois voltamos ao quarto, mas desta vez para descansar.

A noite trouxe alívio para o corpo, mas a manhã trouxe mais preocupação para a mente.

Enquanto tomava café, uma manchete no jornal chamou minha atenção... O jornal que a Magna trouxe estava aberto sobre a mesa. E a manchete da pagina principal era uma foto minha conversando com o Cairon na porta do fórum. Deve ter sido tirada no momento em que ele me perguntava se eu estava bem! Assim que saímos do local. Em letras grandes destacava-se. “A Amante do Juiz”.

& Quarenta e sete &

Cairon

AS FOTOS PARECIAM se multiplicar. O que antes começara timidamente gora, parecia praga por todas as redes sociais e canais pagos e abertos da TV. Em todos os lugares só se falava disso... A Amante do Juiz.

“O Juiz que abandonou a esposa pela funcionária do fórum” “Amantes do Judiciário”.

- Isso é bem-feito Cairon. O pai da Giovanna que a conhecia bem, e sabia do que ela era capaz. Por isso deixou o dinheiro do neto na sua responsabilidade e você

babando uma vida por essa vaca.

Um programa de TV anunciava que em breve uma reportagem exclusiva com a esposa, humilhada e traída do Juiz.

- Murilo. – Paciência não era um dos dons que eu estava cultivando no momento.

- Não... Você não vai defendê-la. Essa mulher é uma cobra. E ela ainda vai aprontar muito se você não fizer nada.

- Eu sou da opinião de que, amanhã ninguém mais se lembrará dessas notícias.

- Agora o que vai acontecer? Ela vai falar com a imprensa até que você dê a guarda do Pietro a ela e assim ela fica com a herança.

- Isso tudo por dinheiro?

- Você não tem noção do que o dinheiro faz com as pessoas.

- Doutor... O porteiro disse que há três homens lá embaixo querendo falar com o senhor. Doutor Diogo, E...

– Antes que a Magna terminasse pedi que subisse. Esperava pela visita dos amigos.

Virei-me para o Murilo e o encontrei com aquela expressão de. Eu esperava por isso. Assim que o elevador abriu as portas eles entraram informais. Diogo, Walter e o Breno.

- Cairon. – Fui cumprimentado por todos.

- Senhores. A que devo a honra?

- Pensamos que pudesse precisar de apoio. E depois... Precisamos saber o que dizer lá no fórum quando voltarmos ao trabalho para proteger nossa funcionária. – O Diogo foi bem ao ponto.

- Eu não tenho muito que dizer senhores, sou um homem separado. De maior. Nunca tive envolvimento com nada ilícito.

- É por isso que estamos aqui. O Breno nos disse que realmente foi por você que ela chegou até o fórum, mas nos garante que vocês ainda não tinham nenhum tipo de envolvimento.

- Dou minha palavra. Tive uma conversa franca na época com a garota e ela me contou sua história e como ela e o Cairon se conheceram. Além do mais estávamos mesmo precisando de uma atendente e fazendo entrevistas

e contratações. O cargo não foi criado para que ela fosse favorecida.

- Obrigado Breno. - O Diogo agradeceu e fez uma pergunta que o deixou sem jeito. – Mas você sabia sobre os dois?

- Comecei a desconfiar que estavam se apaixonando, até tentei dar uma contribuição. – Ele gargalhou. – Mas, nada que atrapalhasse o desempenho da moça no trabalho.

O Breno era de fato um amigo bom!

- Quanto a nós Cairon, o Digo prosseguiu sério, - Vim conversando com o Walter e dizendo o seguinte: Todos nós sabemos o quanto a segurança dela agora está em jogo. Minha família praticamente mora em uma guarita policial. E vejo o quanto meus filhos e esposa sofrem com isso, e olha que sou um juiz trabalhista. Mesmo assim somos ameaçados constantemente. Então o que pensei... Vocês tem um relacionamento certo?

- Certo.

- Pretende voltar a se casar Cairon?

- Lógico.

- Uma vez não foi o suficiente? – Ele brincou para a festa de todos.

- Na verdade ainda não tive o prazer de dizer que tive uma esposa. Ainda quero viver esse lado da moeda Diogo.

- Eu proponho que ao menos por enquanto... -A Li entrou na sala.

- Me desculpem não sabia que estavam ocupados.

- Estávamos falando de você. Sente-se conosco Liara. Já se recuperou do susto de ontem? – O Breno foi o mais simpático possível.

- Mais tranquila, mas não preparada para outra. - Ela sorriu.

- E é sobre isso que estamos falando aqui, sua segurança, nossa segurança no fórum. Se assumirem agora esse romance será o foco dos criminosos, e não poderá mais estar como recepcionista do fórum.. Imagina só, todos sabem o que um coração apaixonado é capaz de fazer, além de que te fará perder toda sua liberdade, sem falar na liberdade de seus amigos de trabalho, que estarão a mercê e na mira de bandidos. Acha isso jutos?

- Não acho!

- E, acredito que ainda não se possa colocar a polícia federal para protegê-la, a sociedade não permitiria isso, ao menos que fossem casados. A população diria que estão desviando dinheiro dos cofres para manter em segurança as amantes.

- Ainda mais com a Giovanna nesta crise de mulher traída. - O Walter completou.

Não era preciso que eles dissessem isso, eu entendia perfeitamente bem, o quão complicado era a situação. E com certeza teria que ter uma conversa assim com os desembargadores o mais rápido possível.

- Quanto a Giovanna, Walter. Ainda hoje conversarei com ela. Acredito que deva parar.

- Cuidado Cairon. Mulher com orgulho ferido é como leoa. Cuidado com as palavras, com as ameaças. Tudo elas fazem se voltar contra você.

- Vou pensar nisso Breno. Mas então Diogo, dizia que tem uma solução.

- Sim. Vamos negar que são amantes.

- Mas não vamos deixar de nos ver. – Se ele achava

que iria me acuar estava enganado.

-Não saíam publicamente por enquanto, mantenham-se da forma que estão. Quando acordei e vi a notícia, tive que confirmar umas três vezes. Nunca se passaria isso por minha cabeça por causa da descrição de vocês.

- Eu não entendi ainda. Penso que uma vez que isso tenha vindo à tona, seja melhor a gente esclarecer logo. E no mais... Eu tenho condições de zelar pela segurança da Liara.

- Mas não é só ela Cairon, pense bem. Vamos negar a acusação que estão fazendo. Você tem amante?

- Não. Não sou mais casado.

-Então é isso. Meritíssimo ela é sua amante? Não! Meritíssimo são amantes? Não! Liara é amante do Juiz? Não. Pronto. Não estamos mentindo. Todos estão dizendo a verdade.

- Não sei Diogo. Isso parece estranho. – A posição em que a sociedade nos colocava era estranha. Nos defender, mesmo sendo inocentes.

- Estou dizendo isso confiando em você. Que não eram amantes antes do fim do seu casamento.

- Pode confiar em mim Diogo.

- E você mocinha, com esses olhos vermelhos? - O Walter brincava com ela, tentando dissipar a tensão. - São as marcas de ontem ou as de hoje?

- Acho que as duas. Não temos um minuto de sossego.

- Combinado assim pessoal? Para que possamos ir e deixar os dois descansar? – Olhei para a Li, precisava conversar com ela.

- Se essa for a melhor opção não me importo senhores. – Ela mesma respondeu, me deixando com o coração na mão.

- Por mim... Ainda não tive notificação do TRF. Vamos ver o que dizem.

- Agora. Esperem. Por que virá chumbo grosso da parte da sua admiradora doutora Ana Luíza. - O Walter brincou comigo e todos nós rimos.

- Bom... Se quiserem esperar alguns minutos poderemos almoçar.

- Ah mais que honra almoçar na casa do senhor Juiz Cairon Filho. Nunca tivemos um momento assim. - O

Breno era amigo de longa data, acho que até mesmo de outra comarca, mas depois de uns anos com a Giovanna, todos haviam partido.

- Minha ex. Era um tanto antissocial.

- Agora está descobrindo os benefícios da mídia. -

O Murilo entrou, se mostrando muito otimista.

- Murilo. O que aprontou?

- Nada.

Tomamos um aperitivo e em seguida almoçamos. A Liara se retirou então conversamos sobre a operação facility, na qual contava com o apoio de todos, e os deixei cientes da operação que faríamos hoje.

- Acho que você se arrisca demais Cairons.

-Se não fizermos nossa parte Walter ninguém mais fará.

- Eu já fui assim, hoje não tenho mais ânimo para certas coisas. Estou velho. Cansado e desgastado por tanta coisa que se vê por aí. Tantas injustiças.

- Walter, Walter. A justiça quem faz somos nós.

- No meu tempo havia muito mais intervenção da secretaria de segurança e do conselho.

Ele ficou ali relembrando seu tempo jovem até que recebeu uma ligação e precisou partir, levando consigo os dois amigos de trabalho.

- Sabe que daqui a pouco temos que ir para o local que o delegado indicou. – Assim que ouvi o alerta do Murilo, fiquei apreensivo com o que poderíamos encontrar.

- Sei. Me dá um tempo só para eu trocar a roupa. - Minutos mais tarde deixava a Liara em casa e saía com o Murilo em direção a emboscada que estávamos preparando para pegar o atirador e o mandante.

- Bem-vindo a nossa festa doutor.

- Delegado! - Cumprimentei.

Foram nos dadas todas as coordenadas e ficamos esperando dentro de uma vã que os dois dessem as caras. Se passam das quatro de vinte e nenhum sinal dos homens.

Doutor, - Um policial chamou o delegado. - Alguém está se aproximando, sem automóvel pela estrada que leva ao lago. Pela descrição que temos tudo indica que seja um dos homens.

Colocamos os fones e ficamos aguardando.

Precisávamos da confissão deles e precisávamos de fotos. Tínhamos que aguardar para ter a quantidade de provas precisas para dar abertura ao processo.

Quando conseguimos imagens do homem pela câmera eu o reconheci. Era ele mesmo. O meliante que tínhamos interrogado. Ele que havia atirado no Murilo e havia nos dado o tal nome de Jacques. Bem no fundo, eu torcia para que não fosse o tio do Pietro, mesmo no fundo tendo quase certeza do seu envolvimento.

Da primeira vez que ele me viu abaixou a cabeça como se para eu não o reconhecesse.

O carro para, e desce um homem dando socos e ponta pés no cara que vinha caminhando. Começamos ouvir a conversa através do áudio dos microfones que os federais esparramaram pelo local. Telefone grampeado coitado. Deu-se mal.

-Idiota. Disse meu nome?

-Não, não disse. Eu não disse nada.

- Eles disseram na entrevista que você havia dito.

- Eles estavam jogando verde eu não disse nada!

- Eles não são bobos, idiota. Provavelmente... – Ele

desconfiou. Olhou para os lados... - Tem certeza que não foi seguido até aqui?

- Tenho sim. Vim andando para que ninguém me acompanhasse. E não dei tempo a eles para que rastreassem minha ligação.

- Então presta atenção. Você vai desaparecer. Nunca ouviu falar no meu nome. Nem no de você sabe quem. Some da nossa frente. Eu só não acabo com tu agora mesmo por causa da sua prima Cláudia.

- Eu vou. Eu vou, mas eu preciso de dinheiro. Não tenho mais nada. - Ele bateu no pobre-diabo novamente. Eu não sentia um pinga de dó.

- Você acha que vou dar mais dinheiro a você do que já foi dado?

- Ao menos o restante que ficou do serviço.

- Você nem fez o serviço direito. Era para exterminar o braço direito do tal Juiz para ele saber com que estava lidando. O homem ainda está vivo.

- Disse para dar um susto.

- E você acha que ele está assustado? O viu ontem em ação com o pessoal do sequestro? Se mantém frio e

imparcial, como se seu susto não tivesse surtido efeito algum. Precisa ser mais convincente na próxima vez.

- Mas acabou de dizer para que eu sumisse.

- Mudei de ideia, vai terminar o serviço que começou.

- Já temos o que precisamos chefe. Vamos prendê-los antes que seja tarde de mais.

- Quando quiserem. - O Delegado se levantou e tirou o fone dos ouvidos, fez o mesmo e o acompanhei. Estávamos longe e o local era muito cheio de pedras e buracos. Havia homens mais próximos para evitar uma possível fuga.

Assim que foi anunciada a voz de prisão os dois tentaram fugir. Mas era tarde, estavam cercados. Ouve um momento de pânico e só então entendemos que havia uma terceira pessoa. Que havia ficado no carro e que conseguiu escapar.

Avisem a polícia rodoviária que cerquem o carro. E que prendam os seus ocupantes.

-Sim senhor delegado.

Agora íamos saber se o Jacques que mandou atirar

no Murilo e o tio do Pietro era a mesma pessoa. Nas imagens não dava para ver o rosto do sujeito estava longe e ele sempre de costas.

- Cairon. – Agora sim... Estávamos frente a frente novamente. Eu só temia pelo Pietro. - Está se sentindo por cima agora não é? - Os policiais o mantinham algemado e ele olhava para mim com desdém. - Aliás. Sempre se sentiu assim. Melhor do que o resto da humanidade.

- O que estão planejando? Diga de uma vez o que você quer? Aliás... O que você e seu irmão desejam.

- Nós já temos. O Pietro está com meu irmão, e quando eu não aparecer ele entenderá a mensagem.

- Ele não teria coragem de fazer isso com o próprio filho, está blefando.

- Está por fora doutor Cairon. Não sabe um terço da história. Não sabe de nada da nossa vida!

- Mas teremos muito tempo para conversarmos não é mesmo delegado?

- Claro doutor. Muito tempo. Temos lugares bons que nos proporcionam momentos de agradáveis conversas.

Eu fiquei curioso em saber qual era o terço da história que eu não conhecia. Agora era questão de honra eu saber.

- Murilo. Verifica com seu pessoal que cuida do Pietro. Informe a situação e peça que redobrem a guarda e que fiquem de olho no tal do Jefferson. Vou tentar falar com a Giovanna.

- Acha que vai adiantar?

- Preciso tentar.

Sai de lá decidido a fazer o que fosse preciso para manter o Pietro em segurança e arrancar algo da Giovanna. Hoje teríamos uma conversa como nunca tivemos na vida.

Quando cheguei próximo a casa dela, paramos afastados para que eles não se assustassem com nossa presença, mas ao aproximarmos, notei que a garagem estava aberta e não havia carro estacionado.

Olhei pelas grades não havia sinal de que estivessem por lá. O Murilo atendeu ao telefone e passou a mão sobre os cabelos. Respirando fundo.

- O que foi Murilo?

- Estão me informando que a Giovanna acabou de embarcar com o Pietro e o tal do Jefferson. – Soquei a pilastra do portão e disse algumas palavras feias ao Murilo, que desligou o celular em seguida. - Eles os seguiram até o aeroporto, mas pelo jeito saíram quase no momento do embarque e fizeram um voo particular.

- Essa mulher quer realmente me matar.

- O que vai fazer agora?

- Acionar a polícia. Peguei o telefone e comecei a ligar e a falar com conhecidos e amigos. O Pietro ainda está no meu nome e eu posso acusar a Giovanna de sequestro. Ela precisava de autorização do pai para sair com o menino por isso fez um voo particular.

Acionei todos os amigos que conhecia na civil, militar, Federal, polícia aérea e todos que na hora vieram em minha cabeça como meus amigos detetives e a polícia investigativa. Avisei a situação e alertei sobre a possível periculosidade do individuo que estava acompanhando meu o Pietro.

- Cairon, vamos para casa não há mais nada a fazer a não ser esperar que alguém nos dê um retorno.

- Por que a Giovanna está desencadeando essa guerra contra mim Murilo? Eu só fiz cuidar dela e do Pietro. Ninguém teria cuidado dela como eu cuidei.

- Esse foi seu erro. Tem mulher que não gosta disso não meu amigo. Elas acham muita melação.

- Para Murilo, é sério. Que mulher não gosta de ser amada e cuidada cara?

- Mas Cairon eu digo... - Passei a mão nos cabelos tentando não deixar o suor escorrer. - Você vive no planeta do smurfs. Mulher você precisa entender que cada uma gosta de ser tratada de uma forma diferente.

- Vamos para casa então porque quero ver aquela que gosta de ser amada. Preciso ter certeza de que ela esteja bem.- Sorri para ele, era a única que consegui ainda me fazer sorrir em meio a tanta tribulação.

- Que nojo. Não está a chamando de minha amada não né, ou está? - Fiquei em silêncio e ele saiu resmungando. - Fala sério cara... Fala sério.

A Li estava tendo esse poder sobre mim. Mesmo em meio às tempestades, mesmo quando me faltava às palavras ela me fazia sorrir.

Começava a chover e tivemos que correr até o carro. Tomando um tanto bom de chuva. Lembro-me que da última vez que tomei chuva quem cuidou de mim foi o Pietro. Coitado do meu filho. Que os anjinhos nos quais ele tanto acreditava pudessem o socorrer neste momento.

& Quarenta e oito &

Liara

- MAGNA ALGUÉM ligou?

- Não Liara. Se quer saber se o doutor Cairon ou o Murilo ligaram, não. Nenhum dos dois. Eles não se dão a esse trabalho de nos comunicar.

- Preciso falar sobre isso com o Cairon. - O Celular dele só dava caixa postal, ou ocupado até desisti.

- E o pior é que esse menino é mole. Não pode ver uma chuva que gripa.

- É verdade. Lembro-me que assim que comecei a trabalhar no fórum, ele não foi um dia e as meninas do

TRF, disseram que ele estava doente, havia tomado chuva.

- Nossa se lembra até disso?

- Eu guardo cada olhar que ele me dá. Cada sorriso.

- Isso que é paixão.

- É verdade. Estou apaixonada.

- Muito apaixonada? - Ele entrou pela porta todo encharcado.

- Cairon. Como some assim? E me deixa agoniada dessa forma?

- Nem pensei que fosse ficar preocupada. Preciso de um banho.

- Claro que precisa. E, Magna pode providenciar uma sopa quente para nós?

- Claro. Assim que estiver pronta eu levo.

Entrei no quarto e ouvi o som do chuveiro. Tirei minha roupa e entrei. Abracei suas costas como sempre faço e ele ainda estava gelado.

- Vamos precisar acertar certas coisas.

- Tipo?

- Não pode sumir sem avisar.

- Me desculpe.

- E precisa se cuidar mais. Cuidar da sua saúde.

- Eu cuido.

- Se cuidasse não andaria na chuva.

- A Giovanna sumiu com o Pietro. Embarcaram em um voou particular. O tio dele era mesmo o homem que mandou atirar no Murilo. Minha cabeça está a mil. Nem pensei neste detalhe da chuva.

- Pois precisa pensar em você, mesmo que o mundo esteja desabando você precisa pensar em você, por que não quero ficar sozinha mais. Não posso me imaginar sem você.

- Não precisa se preocupar. Nada irá me acontecer.

Tomamos banho e só. Essa é uma das melhores partes para mim. O cuidado um com o outro. Ouvi um barulho e deduzi que fosse a Magna com a sopa.

- Vem. Vamos cuidar de você antes que fique gripado. Ele parou e ficou me olhando mesmo eu fechando o chuveiro. O que foi?

-Nada. -Saímos e nos vestimos, encontramos as tigelas com o caldo fumegante. E duas taças de vinho. Assim que nos vimos aquecidos nos aconchegamos na

cama e cobrimos com os cobertores ouvindo a chuva.

-Ninguém.. A não ser minha mãe. Ninguém mais cuidou de mim dessa forma como você está fazendo.

-Acha isso estranho?- Ele estava deitado entre minhas pernas passando a mão em meu joelho.

-Novo. Com o tempo a gente vai se adaptando. -O telefone dele tocou e ele pulou da cama para atender. Eu sabia que mesmo tentando não demonstrar estava muito ansioso com os acontecimentos.

-Filho. Filho fala comigo. - Ele andava de um lado para o outro. - Pietro presta atenção. Fala para o papai onde você está e o papai irá te buscar. Calma filho. Não chora. Está machucado? Não? Então presta atenção. Pietro. - Ele gritou, depois suavizou a voz. - Pietro...

A essa altura eu também estava de pé ao seu lado e minha vontade era chorar mesmo sem saber o que estava acontecendo do outro lado da linha.

- Ele sentou aos pés da cama e falou com calma com a pessoa que agora não parecia mais ser o filho.

- Não tem coração Giovanna? É seu próprio filho. - Ouviu. - Diga o que você quer e eu faço. Ele ouviu e

parecia concordar com o que ela pedia. Quando desligou, corri e me sentei aos seus pés.

- O que ela quer para devolver o Pietro? - Ele não respondeu. Eu sabia que havia algo errado. - Não é dinheiro que ela quer não é? - Ele permanecia em silêncio. - É sobre nós Cairon? - Ele me olhou com um olhar de tristeza e eu entendi. - Ela quer que você me deixe? - Uma lágrima rolou em meu rosto.

Eu chorei por que vi as lágrimas correndo pelo rosto dele. Não queria o ver sofrendo. E não queria deixá-lo.

O sentimento que eu estava trazendo dentro em mim não me permitiria impor que ele tivesse que optar entre um e outro.

Precisávamos encontrar um meio termo. Mas qual?

& Quarenta e nove &

Liara

— EU NÃO SEI o que me deu aquele dia quando cheguei para trabalhar e vi você e sua mãe naquele ponto

de ônibus. Eu pensei comigo. Quanto vale a palavra de um Juiz. — Eu o ouvia, mas não queria que ele percebesse minhas lágrimas, então me virei para a janela como quem olha para um acontecimento interessante, mas meus olhos só viam o cimento cinza do chão. — E durante todo o dia eu visitei vocês pelo vidro. Olhando, observando e foi uma luta árdua eu conseguir permanecer ali no conforto vendo vocês passarem por aquela situação. Eu sabia que não podia fazer nada contra a palavra do Diogo, e, Sentia-me impotente diante a situação.

— Eu sei... — Limpei a garganta e o tranquilizei sem me voltar para ele.

— O seu choro ficou impregnando em minha mente e eu cheguei a sonhar com você me chamando, me acusando. E quando estava indo para casa sob aquela chuva eu me lembrei de meu pai. Quantas vezes minha mãe dizia que meu pai não servia para ser juiz. Por que o bom juiz não pode se comover com nenhum dos lados. E eu lutei para não ser como ele. Paguei meus estudos com muito esforço e trabalho. Minha mãe havia sido deserdada pela minha avó então não fui criado com luxo. Meus pais

muito mais que presentes me deram noção de valores. E naquele dia eu me vi um espelho de meu pai. Um dia ele me disse. "Filho ser Juiz é estar com a vida do ser humano em nossas mãos. Cuidado para não errar. Quando estiver na tribuna analise como Juiz e julgue como ser humano". Eu nunca entendi isso até aquele dia quando sai à cancela. Não tive coragem de prosseguir para meu apartamento quentinho, cheio de conforto. Olhei para você cobrindo sua mãe e pensei... Quanto cuidado, quanto carinho, mesmo sem as paredes para guardá-las. Pensei em mim e na Giovanna, tínhamos tudo e ao mesmo tempo não tivemos nada. A não ser o amor do Pietro que dividíamos.

— Não era... — Limpei a garganta. - Não era sua obrigação ter voltado. — Minha voz estava horrível eu mesma não a reconhecia.

— Quando a Kelly, assistente social me disse sobre os abrigos eu me lembrei daquela pensão. Lembrei-me dela por que uma vez busquei um amigo lá, e mesmo assim eu não conseguia deixar de pensar em você. Seus olhos me diziam mais do que eu estava lendo. Era como as provas de um processo que sempre dizem mais do que

estamos conseguindo ler. É preciso analisar. Ter tempo. Quando eu contei ao Murilo ele foi à loucura. Disse que eu estava carente. E estava mesmo. Muito carente. Tudo me atraía a você.

— Estava carente como disse o Murilo.

— Não. Estava pedindo socorro.

Só então me virei e o encontrei de pé de frente para mim. Com os olhos marejados de lágrimas.

— Em meus sonhos você gritava, mas, na verdade, quem pedia socorro era eu. Vivendo um casamento que não era projeto meu. Vivendo uma vida que não era minha.

— E se...

— Não vamos começar a vida com essa possibilidade de "e se". Eles sempre haverão. Mas seremos felizes com as nossas escolhas.

— Não precisa fazer uma escolha agora Cairon. Eu jamais ficaria entre você e o Pietro.

— Eu sei. Um dia o Murilo me disse que eu estava casado com a Mulher que eu mesmo criei. E vejo que criei um monstro.

— Ela só está com raiva.

— Ela sempre foi assim, meus amigos a odiavam. Nunca escondeu de ninguém que não me amava e fazia questão de falar de assuntos impróprios na frente dos amigos. Se suspeitasse que um casal estivesse passando por alguma dificuldade sempre contava quando estávamos reunidos. E eu sempre defendia achando que era por ser sincera.

— Cairon.

— Eu não vou abrir mão de você! Só se quiser desistir.

— Jamais! Já disse que te amo! Não pelo que fez por mim. Mas pelo seu coração, por seu beijo e porque me faz sorrir. Me faz feliz! Eu sou feliz ao seu lado.

— Eu comecei a viver depois que conheci você. Até então eu não sabia o que era o amor de uma mulher.

— Satisfeito? – Passei a mão sobre os pelos de seu peito, por baixo do moletom azul.

— Vamos dizer. Realizado.

Beijei seus lábios e em poucos minutos estávamos fazendo amor novamente. Extinguindo todo o sentimento ruim que havia se instalado em meio a nós com o

telefonema daquela mulher.

— Droga. Será que esse povo não dorme? — Olhamos no relógio e não passavam das seis da manhã. Graças a Deus ainda não teria expediente no fórum hoje. Ele atendeu e logo sua voz e fisionomia mudaram. — “Está bem mãe, a gente vai para almoçar.” Beijos mãe! — Tentou desligar. - Claro que estávamos dormindo. Mãe... Mãe... Mãe? — Ele desistiu de falar. — Mãe ela está comigo, não estamos brigados. Não. Irá comigo. Está bem! Até mais tarde. — Desligou o aparelho e voltou a fechar os olhos. — Ela quer que a gente vá almoçar. Disse que chegaram ontem de viagem e estão preocupados com as notícias dos jornais. Achou que poderíamos estar brigados. Só minha mãe mesmo.

Ele me puxou para seu peito e ficamos abraçados até que ele quebrou o silêncio com uma pergunta que me chocou a princípio.

— Me dá um filho? — Eu sem reação... Como um homem como ele, pedia um filho a mim? Eu queria perguntar a ele se tinha consciência que ele poderia ser negro mas como ele estava bem acordado. E eu sabia que

ele estava bem acordado por que sua mão começava a passear pelo meu corpo ainda nu. Acabei respondendo com outra pergunta.

— Agora?

— Podemos começar a encomendá-lo. Quando ele vier todo esse tormento terá passado com certeza. - Ele se virou antes que eu respondesse e começou beijar minha barriga. — Eu adorarei acompanhar cada momento de vê-lo crescer.

— Isso não seria por causa do Pietro seria? – Ele parou subitamente e me encarou.

— Isso seria por causa do Cairon. Que sonhava ter três filhos para que eles não fossem solitários como ele. E acabou adiando seus sonhos pelos caprichos de uma garota mimada.

— Três filhos Cairon?

— No mínimo. – Ele deu-me aquele sorriso encantador que me cativa todos os dias. Até que o telefone tocou novamente. — Será que não sabem que hoje não vamos trabalhar? E o que faz um casal quando está de folga em casa? – Atendeu. Ouviu e, por fim, pronunciou.

— De voz de prisão domiciliar até amanhã quando ela deverá comparecer ao fórum para dar entrada em um processo que eu mesmo a orientarei, se precisar de algum documento me mande e eu mesmo assinarei. Hum.. — Ouviu novamente. — Diga a ele que caso queira ir à casa da vovó almoçar eu o pegarei por volta de uma da tarde. Combinado então. — Beijou meus lábios e sorriu. — Encontraram a Giovanna e o Pietro. Vou tomar um banho por que pelo jeito não vão nos deixar dormir mesmo. Quer vir?

— Só um banho?

— Só!

Tomamos banho e nos trocamos para o café da manhã. Tivemos a doce e agradável surpresa de recebermos visitas.

— Murilo. Ainda dormindo por aqui?

— Não. Só chegamos cedo. Achamos que gostariam de companhia para o café da manhã. — A Késsia saiu da cozinha com a Magna carregando um bule de leite quente.

— Mentira. Dormimos no apartamento dele e não havia café de manhã então ele disse que conhecia uma

pessoa que não negaria café para gente.

— Então pensou em mim.

— Não. Pensei na Magna. Nunca me desamparou quando precisei. Ao contrário da minha ajudante que foi embora com a Ana.

— Isso só indica que é um mau patrão.

— Mas sou um ótimo amigo. Viu as manchetes de hoje?

— Tenho até medo.

— Trouxe essa revista também.

Fui curiosa abri o jornal. Havia uma foto do carro do Dr. Breno em saída do apartamento ontem com um sorriso nos lábios acenando. A manchete que seguia. "Juízes e administrador de fórum tomam café juntos e se divertem com possíveis amantes".

— Isso tem sua cara Murilo. — Brinqueei.

— Tenho amigos em todos os departamentos. Mas a revista foi o melhor.

A foto de capa trazia fotos dos juízes de toga e cada um tinha uma mulher ao lado. Montagens. "A tentativa frustrada do crime em desmoralizar a Justiça".

— Acha que isso será o suficiente?

— Claro. Jornal de renome. Revista famosa. Quem é o otário do jornalista que vai querer publicar coisa contrária. Vai ver agora. Ninguém mais falará sobre o assunto.

— Hum... A Giovanna está em casa!- O Cairon informou ao Murilo. Tomei um pouco de café, e fiquei atenta à conversa.

— Ah fiz questão de esperá-la no aeroporto, não alguém de nós tinha que ver aquela cara patética dela sendo conduzida pela polícia.

— Por que não me ligou?

— Porque sabia que estaria ocupado... – Olhou para mim. - Dormindo. – O Murilo piscou para o Cairon e gargalhou. – Até brinquei com a Giovanna quando passou por mim. Achei que o nome do filme ideal para momento seria... “Conduzindo Miss Daisy”.

— Não acredito! – Chamei sua a atenção. A vida da mulher já devia estar um caos, não precisava de mais alguém pra tripudiar.

- Pode apostar. – Ele resmungou e eu não duvidava

de que tivesse feito.

— Késsia. Depois do almoço podíamos ir ao shopping o que acha?

— Já está querendo me abandonar?

— Não. Só não podemos viver trancados no apartamento a vida toda.

— Tudo bem. Vai se divertir.

— E por falar nisso preciso voltar à escola. Nada animada é claro.

— Só que precisa. Podia transferir para a faculdade que eu faço. Assim estaríamos no mesmo local.

— Engraçadinha. Ano que vem você se forma e eu fico sem ninguém.

— Até lá terá feito novos amigos.

— Vou pensar.

Terminamos o café e eles foram embora. Nós fomos nos preparar para pegar o Pietro e irmos para a casa dos pais dele. Ele não entrou na casa da Giovanna. Ficou no portão até que viu o garoto e abraçou todo feliz da vida.

Meu coração se cortou ao ver a alegria do menino em ver o Cairon. Depois que se conhece o carinho de

alguém, o amor é difícil se desprender.

Cortar laços. Isso não é fácil principalmente quando não é o desejo que trazemos em nosso coração.

& Cinquenta &

Cairon

PREFERI ESPERAR O Pietro aqui de fora. Enquanto esperava me lembrei da conversa ao telefone com delegado que efetuou a apreensão deles.

“Doutor, desculpe-me ligar a essa hora, mas ontem o senhor disse que poderia ser a qualquer momento”. Em dez minutos pousaremos com a mulher e o garoto no aeroporto internacional. Caso o senhor queira acompanhar. – Olhei para a Li, ali deitada ao meu lado, e determinei que a Giovanna não iria mais me manipular. Pedi que desse de prisão domiciliar até amanhã quando ela deverei comparecer ao fórum para dar entrada em um processo. Ele me pediu um instante e falou com alguém depois voltou a falar, dizendo que o Pietro queria saber se

eu o podia pegar. Meu filho teria que aprender também que agora, eu tinha outra pessoa em minha vida, e não podia sair correndo, a não ser que fosse uma emergência, ele devia começar a entender que agora ele tinha uma família e que embora muito estranha, eles fossem ter que começar a se entender por que a partir desta semana tudo mudaria. Instruí ao delegado que lhe dissesse, que o buscaria hoje para o almoço na casa dos avós.

Agora diante da casa da mãe, quando ele me abraça, meu coração palpita de alegria ao vê-lo bem.

- Seus homens entraram no lugar onde estávamos dormindo e bateram o pé na porta e nos trouxeram de volta. Parecia um filme papai. Achei que o senhor entraria com sua capa. — Ele contava todo animado enquanto colocava o carro em movimento.

— Filho não viaja. Não são os homens do papai. São amigos nossos. Eu achei que a mamãe estava deixando você nervoso.

— Quando ela pediu que eu te ligasse eu fiquei com muito medo. Ela estava gritando muito. O Jeff estava nervoso.

— Por que ele estava nervoso filho?

— Parece que o tio Jack sumiu.

— Hum... E não sabem onde ele está?

— Nem atende ao telefone.

— Vamos meu amor. A vovó está esperando.

— A mamãe pediu para que você entrasse, ela vai ficar muito brava, queria falar com você.

— Amanhã ela fala com o papai lá no fórum. - No caminho parei para pegar aquele vinho que meu pai tanto gosta. E quando parei o carro me vi diante de minha mãe, como que nunca havia visto. Descontrolada.

— Filho. Como você está? – Me abraçou. — Liara minha filha como vocês estão? Precisam ligar mais vezes.

— Vovó! – O Pietro gritou.

— Ah se não é meu netinho predileto.

— Por que você não tem mais netinhos. Meu irmãozinho ainda não nasceu.

— Mas ele não será meu netinho Pietro.

— Ah é verdade. Já vi a foto da vovó e do vovô que são pais do Jeff.

— É? E gostou deles mais que da gente?

— Claro que não vovó. — Ele bateu a mão na cabeça. — Eles também não gostam de mim sabia?

— Ah meu amor, quem não gostará de você? — Ela abraçou e acariciou seus cabelos.

— É... Sabia que eles não conversam? O vovô, a vovó e o tio Jack e o Jeff. Só conversam com os primos.

— Bom... Queridos, vamos entrar o vovô está louco para vê-los.

Quanta informação o Pietro trazia. As coisas que ele dizia eram meio que cortadas. Mas com tempo e juntando bem as frases até que faziam sentido. Se os pais do Jeff e do Jack não se davam com eles é por que sabiam dos passos errados dos filhos. Não tinha como pais não apoiarem filhos mesmo que estivessem errados. Só se fossem muito errados.

O dia foi perfeito e o almoço foi divino. Ver minha família ali reunida era um sonho para mim. Meus pais, o Pietro e a Liara. A combinação perfeita para um início de tarde.

Acabamos de almoçar e fomos nos sentar na sala de estar para um café. O Pietro foi para o quarto que os avós

destinavam a ele. Cheio de brinquedos de jogos. Ele amava aquele lugar. E nós com certeza escutaríamos minha mãe com suas preocupações e recomendações.

— Filho, fiquei muito preocupado com vocês. Pareciam tão felizes. E ontem quando vimos às notícias achamos que poderiam ter enfrentado problemas.

— Muitos problemas pai, mas estamos superando cada um em seu devido tempo.

— E você minha filha? – Minha mãe segurou a mão da Liara. — Deve estar chateada com esses acontecimentos.

— A gente fica sim, não mentirei para a senhora, mas não são esses detalhes que nos farão desistir.

— Espero. Meu filho é lindo e um homem de bom coração.

— Mãe fazendo propaganda até hoje?

— Tive que voltar a fazer. – A forma com a qual minha mãe tinha de sempre tentar me conseguir alguém era incrível.

— Filho agora é sério. Não sabe quantas vezes tentaram me coagir. Quantas vezes disseram coisas sobre

mim. Foi preciso que houvesse muita cumplicidade entre sua mãe e eu.

— Eu sei pai... Vocês sempre foram muito unidos e parecidos.

— Espero que sejam fortes o bastante. Se não forem fortes, não estiverem unidos, e em sintonia, qualquer vento os afastará um do outro. Mas quando estiverem enraizados... Não há tempestade que possa arrancá-los de suas convicções.

— Obrigado Pai.

— Filho vamos dar uma volta pelo condomínio.

Saímos caminhando pelas ruas silenciosas. Este era um lugar muito tranquilo. Aqui a maioria dos moradores eram aposentados da alta sociedade que buscavam silêncio e sossego.

— Cairon. Sempre fui muito rígido com você e quando me disse que iria se casar com a Giovanna eu não me opus, não, de forma alguma, porque sabia que você estava apaixonado. Mas nunca acreditamos no amor dela. Porém respeitamos sua decisão. Nós temos plena convicção que criamos um homem. Sabe que por diversas

vezes estive ali, sentado no auditório, assistindo suas sessões de julgamento e sei o quanto é coerente, sempre levando em consideração o que te digo. Juiz e ser humano caminhando sempre juntos.

— Eu tento pai, mesmo que nem sempre consiga me expressar.

— Você está indo bem meu filho. Só não deixe que as pessoas ditem as regras. As normas de sua vida.

— Giovanna quer que eu deixe a Liara se quiser continuar vendo o Pietro.

— Dai a César o que é de César. Já ouviu esse ditado filho?

— Sim. Já ouvi. O que quer me dizer? — Parei por alguns minutos esperando que ele discernisse o ditado. Mas ele só olhou-me e continuou a andar.

— Na hora certa você saberá o que quer fazer. Eu só queria te dizer que estou aqui, para o que der e vier. Se precisar de mim. Para o que precisar de mim.

— Eu sei. — Abracei meu pai como em raras vezes o fiz. — E te agradeço.

Voltamos para a casa de meus pais e encontrei

minha mãe a Liara com os olhos marejados de lágrimas. Provavelmente estavam conversando sobre algo emocionante. Tomara que não falassem de mim.

Quando nos despedimos minha mãe acariciou o rosto da Li. O que tocou profundamente meu coração. Ela nunca conseguiu ter essa intimidade com a Giovanna. Agora também se sentia livre a fazer o que tinha vontade.

— Filha não se esqueça de que somos uma família. Se precisar de nós. Estaremos aqui. Sempre!

— Obrigada! – Ela abraçou minha mãe e meu pai. Ajeitei o Pietro adormecido no banco de trás e partimos. Quando parei na porta da casa da Giovanna, chamei ao interfone e esperei no portão. Ele se mexeu em meus braços e acabou por acordar.

— Chegamos pai?

— Sim querido, chegamos. Seu pai está vindo te buscar.

— Meu pai é você. – Disse ainda sonolento.

— Para toda vida meu amor. Mas agora você precisa conhecer o Jeff sem que o papai interfira.

— Mas vai me amar para sempre. – Esfregava os

olhos.

— Para todo sempre! E eu quero combinar uma coisa com você. Fecha comigo?

— Sim. O que é?

— A partir de amanhã vão acontecer coisas que o papai não queria nunca que acontecesse, mas que será melhor para todos. Eu não quero que acredite em tudo que ouvir. Se tiver alguma dúvida ligue para mim. Ligue da escola, do orelhão. E eu responderei. Fecha comigo assim?

— São coisas ruins?

— São coisas que parecem ruins, mas que em breve se transformaram em boas.

— Fechado então. — Ouvimos o barulho do portão. E a Giovanna apareceu com cara de poucos amigos.

— Entra Pietro. — Ele ainda me deu um beijo e subiu os três degraus da escada. — Ele não te deu o recado de que eu queria falar com você?

— Sim. — Arrumei minhas roupas.

— Então vai entrar agora?

— Não.

— Cairon. — Disse com uma voz ameaçadora.

— Ouviu bem o que o delegado disse ontem? Amanhã tem um horário no fórum. Compareça e conversaremos.

— Não brinca comigo Cairon. — Novamente me ameaçava, sem saber o que estava por vir.

— Não brinca comigo você Giovanna. Não estou com paciência. — Estava fora de mim. — Quem dita às regras agora sou eu. Amanhã no fórum. Leve seu advogado, leve esse Jeff, leve a p... que te pariu. — Parei antes que me arrependesse das palavras que saíam de minha boca.

— Você não teria coragem de tirar o Pietro de mim Cairon.

— Amanhã no fórum Giovanna?

— Me diga o que é senão eu não iriei Cairon.

— Amanhã no fórum. — Ela veio para cima de mim com a mão armada. — Seria a primeira e última vez que você me daria esse tapa. Não tente isso novamente para não se arrepender. E caso não compareça, irá de viatura. E te garanto que não irá ao banco da frente.

— Desculpa Cairon! Estou passando uma fase difícil, você precisa me entender. Não pode me tratar assim. É ela não é? É por causa daquela...

— Cuidado com suas palavras Giovanna.

— Cairon ela está virando sua cabeça contra nós. De alguma forma ainda somos sua família. Você não era assim.

— E nem você era assim. É como se um ET tivesse tomado conta do seu corpo.

— Eu sempre fui assim. Você que sempre amou o ideal que criou em sua mente. Eu era a mulher perfeita por que você havia colocado isso em sua mente e em seu coração. E agora que tem outra mulher perfeita. Só consegue ver os meus defeitos. Típico de homens que arrumam amantes e abandonam as esposas.

— Só que minha esposa havia me abandonado, grávida de outro. – Gritei. - E tem mais, O tal do Jeff não está incomodado com suas crises não?

— Ele... Ele sabe que o amo!

— Não parece! E me dá licença que a Li tá me esperando.

— O quê? Levou meu filho para a casa de seus pais junto com aquela... Negra fedida?

— A única coisa que fede aqui é seu preconceito. E sabe cheiro de que ele tem Giovanna? Cheiro de cadeia.

— Você não teria coragem.

— Amanhã você verá o quão corajoso eu sou. – Virei às costas e sai.

— Cairon! Cairon! – Até a voz dela me incomodavam. - Volta aqui. Você vai ver Cairon.

— O que disse a ela? Parece irritada. – A Li olhava espantada para a mulher de camisola que gritava na rua.

— Se acha que ela está irritada prepare seus ouvidos para amanhã no fórum. Lá que ela ficará irritada.

— O que pretende?

— Seguir o conselho do meu pai!

— Ser unidos?

— Não... Dar a César o que é de César. – Coloquei o carro em movimento e fui em direção a uma nova e fantástica fase de minha vida. Aliás, das nossas vidas.

& Cinquenta e um &

Liara.

— ALGUÉM ENCONTROU o controle remoto desta semana para avançamos até amanhã à tarde? – A Késsia tentava animar o ambiente.

— Para Késsia, tenho certeza que minha semana foi pior que a sua, e nem por isso estou sofrendo desta forma. Amanhã é sexta-feira, vamos conseguir, e no mais, hoje não haverá trabalho externo.

— Não, até o filme que assistimos ontem foi ruim.

— Coitado Késsia.

- Sem falar, do bendito telefone.

Tínhamos saído para assistir a um filme à noite, e uma senhora de idade, insistia em avisar ao filho, que estava ao cinema. Enquanto a Késsia reclamava, uma gama de homens entrou no fórum, só isso conseguiu fazer com que a Késsia, se silenciasse.

Cairon, Murilo, dois outros advogados e os outros não eram tão bonitos assim.

- O que eles fazem aqui? Algum problema novo? – Ela brincou. – Havia me esquecido do assunto “Giovanna”. Lembro-me do Cairon falar que teria uma

audiência com ela hoje, e seria aqui no fórum.

O Doutor Breno veio recebê-lo com um sorriso no rosto. Eles conversavam e sorriam entre si, até que passou por nós. Ele fez questão de parar e estendeu a mão a mim.

— Minha encomenda está pronta? — Abaixei-me nos guardados do balcão igual boba procurando pela tal encomenda e quando ia responder que não havia nada li para ele, vi o sorriso lindo e safado dele e só então entendi ao que ele se referia.

— Ainda não ficou pronto meritíssimo, assim que estiver eu aviso. — Então ele me sorriu, passou a mão na minha, não escondendo de nenhum dos presentes, nosso envolvimento. Era assim que ele pretendia negar que havia algo entre nós, como tinha nos aconselhado o Doutor Diogo?

— Que encomenda é essa que você não me disse? Não podemos deixar nada que seja do TRF por aqui Liara. — Eu sorri e a acalmei.

— Essa encomenda vai demorar um pouco Késsia, ele quer um filho. — Falei mais próximo a ela para que quem ninguém ouvisse.

— Ai... Agora que eu molho a calcinha. — Sorri para ela, e continuei fazendo meu trabalho. — E o que está esperando? Eu até faria isso em seu lugar aqui e agora, mas no momento estou fechada com meu próprio Deus grego. Viu aqueles olhos? Aquela barba? Agora, Já que o homem pediu. O jeito é providenciar.

— Gente, um filho não se faz da noite para o dia, além de ser uma tremenda responsabilidade.

— Se faz a noite, no dia, na madrugada. Por que não aproveita que estamos trabalhando internos hoje e faz uma visita ao gabinete do homem.

— Que mente é essa Késsia? Se a Juíza me pega me ausentando do trabalho, não quero nem pensar no que fará comigo.

— Bom dia! — Olhei para frente e vi um homem muito bonito trajando um terno cinza e não o tinha visto por ali ainda. — Meu nome é Endrigo, o Cairon está e me aguardando.

— Lembra-se de mim Endrigo? — A Késsia se adiantou estendendo a mão.

— Késsia?

— Isso. Como vai? — Ele foi gentil cumprimentando-a. Perguntou por seus pais, mandou lembranças. Depois que se foi a Késsia me contou que foi namorado de sua irmã, mas que de um a hora para outra romperam, e nunca mais o tinha visto.

- Dizem que engravidou uma menina e teve que se casar.

— Hum... Entendi.

Dez minutos depois minhas mãos gelaram, mas eu tentei deixar não transparecer. A Giovanna atravessava a porta com um homem, que provavelmente era também um advogado, uma vez que em sua maioria, os homens que entravam ali e trajavam ternos eram advogados. Ele ainda trazia nas mãos uma pasta preta.

Chegou ao balcão e primeiro me ignorou se dirigindo à Késsia, o que agradei, mas depois acho que não se conteve, e mesmo falando com a Késsia olhava para mim.

— O Cairon e suas tentativas de me manter presa a ele. Me ama tanto, que tenta me segurar presa a ele, através do Pietro, nosso laço eterno.

— É só seguir adiante. — Ela não quis sair sem fazer graça.

— Pouca vergonha um lugar público manter uma prostituta em lugar de atendente, e ainda com o dinheiro do povo.

— A única prostituta que vejo aqui é você que mesmo casada, arrumou filho com outro homem. — Se ela achava que língua ferina era dom só dela, podia se preparar.

— E ainda atrevida.

— Eu estou quieta trabalhando você que veio me afrontar.

— Isso mesmo, - deu duas palmas. - Mostre de onde vocês veem. E aproveite bastante, não está se achando por estar se deitando com um Juiz? Coitada. Nunca havia dado para um homem importante. — As palavras da mulher eram tão grosseiras que começava a chamar atenção dos funcionários do fórum.

— A ideia é essa, subir de nível, não descer. Você por exemplo perdeu a oportunidade de dar para um Juiz, para dar para qualquer um.

— Meu amor, quando eu quiser o Cairon de volta é só fazer assim Ó. — Ela estalou os dedos. — Em um passe de mágica, ele volta correndo. Não tem noção de como ele me ama.

— Acho que você que não tem noção do quanto ele ainda te ama. E quer saber? Vá te catar fulana chata.

— Pelo amor de Deus gente. Se o Cairon pega vocês duas batendo boca na recepção do fórum. — A Késsia tentou amenizar. As vozes não estavam altas, mas as salas próximas se estivessem abertas poderiam ouvir. Minha sorte é que a maioria, estavam fechadas, só os poucos transeuntes ouviram.

— Se ele ouvir isso, só vai saber que porcaria ele está comendo meu bem.

— E do lixo que ele se livrou. — Não ia abaixar minha cabeça para aquela dondoca. Se ela sabia ser baixa eu também sabia.

— Continua meu bem... — O advogado dela até tentou tirá-la para longe. - Dá mesmo essa buceta para ele e se prepara porque quando ele se cansar ele vai arrumar uma de nós, da nossa raça para se casar e mostrar aos

amigos.

— Deixa eu te mostrar o caminho da sala de audiência. — Fiz menção de levantar da minha cadeira, mas queria mesmo era catar ela pelos cabelos, mesmo grávida ela me pagava. Minha paciência havia se esgotado.

— Liara, Liara, eu mesma mostro. — A Késsia parou em minha frente. — Vem Giovanna.

— Você deve saber muito bem todos os caminhos não é? Assim como todos os becos por aqui e no prédio da frente. — Ela ainda disse antes de se afastar totalmente.

— Claro. É lá que eu faço o que você não deu conta de fazer. — Ela deu dois passos querendo voltar, mas, seu advogado a segurou, duvido que ela volte mesmo. Permaneci de pé esperando que ela voltasse.

Eles se foram pelo corredor. E logo depois a Késsia voltou com um copo com água.

— Amiga quer morrer ou me matar?

— Essa mulher é filha do satã só pode. Como o Cairon aguentou? Tadinho do Pietro.

— Venha vamos tomar um café, depois a gente volta

ao trabalho.

Agora só o que me faltava era ela inventar moda ao encontrar o Cairon e dizer cobras e lagartos contra mim. Tomara que ele não acreditasse nela sem antes falar comigo.

Fui lanchar e se eu pudesse não estar na recepção quando ela saísse seria um favor que me fariam. Ele não me adiantou sobre o que seria a reunião, mas também suspeito, que fosse sobre tomar o Pietro dela. Isso a deixaria mais irritada ainda. Que os céus nos ajudasse a sermos fortes como o pai dele havia nos sugerido.

& Cinquenta e dois&

Cairon

— ENDRIGO. — Apertei a mão do meu amigo. — Só tenho te visto nestas situações chatas.

— Por isso advogados são sempre tão mal vistos. - Ele sentou-se onde apontei e sentei-me à sua frente.

— Trouxe tudo o que pedi?

— Claro. Aqui está.

Eu li e reli os documentos. Estava tudo ali conforme pedi. Ligue à secretária do Walter certificando-me que ele

não houvesse se esquecido do meu caso. Antes que ele entrasse o advogado da Giovanna entrou amparando-a pelo braço.

— Aconteceu algo? — Me dirigi a ele pensando que ela pudesse estar sentindo-se mal por causa do bebê.

— Ela foi agredida por uma das atendentes.

— A piranha que está dormindo com você. — Foi à resposta rápida dela.

— Atenha-se a suas palavras Giovanna. Está dentro de um fórum, e suas palavras podem ser usadas contra você.

— Paciência Cairon. Eu que fui à ofendida aqui. A menina ameaçou até mesmo a me bater. — Olhei para o Endrigo e ele fez uma cara de quem "não acredito em uma palavra".

— Bom dia senhores. — O Walter entrou cumprimentando a todos. — Melhor nos reunirmos na sala de Serviços Judiciais, e para lá nos encaminhou.

- Que bom você aqui Walter, quero fazer uma denúncia contra uma das atendentes que me agrediu verbalmente. — Nos entreolhamos e por fim, o advogado

acabou a orientando que devêssemos falar disso um pouco mais tarde.

Todos o acompanhamos até o segundo andar do edifício e tomamos nossos lugares, assim como o escrivão.

— Cairo, que palhaçada é essa? Achei que seríamos só nós? Você é um Juiz, achei que não precisasse de outro Juiz para resolver seus assuntos.

— Não só um Juiz Giovanna, como também o representante do Ministério Público, para que não haja dúvidas nenhuma de que tudo está sendo feito, é conforme sua vontade.

- Podem me dizer do que se trata? – A Giovana estava impaciente, que o Endrigo entregou uma cópia do documento de acordo ao advogado dela, assim como havia entregado uma cópia ao representante do Ministério Publico e ao Walter.

O Walter começou a ler o processo.

— Entende-se, que por ter reconhecido voluntariamente a paternidade de Pietro Swift, mesmo sabendo não ter vínculo biológico com a criança não possui o direito

subjetivo de propor posteriormente uma ação negatória de paternidade, sem que esteja caracterizado algum vício de consentimento, como por exemplo, o erro ou a coação. No entanto, entendo também o pedido da mãe e do pai biológico, como aceitável uma vez que o pai biológico deseja ter seus direitos de pai e a paternidade não pode ser negada, e ambos desejam constituir sua família. Fica assim firmado o caso como, transferência nos direitos de cuidados materiais com o garoto, embora os laços emocionais e sócios afetivos continuem resguardados, por lei, dando ao senhor Cairon Swift Filho o direito de ver a criança em dias determinados e combinados entre os familiares.

— O que? Não! — A Giovanna faltou se levantar e pular sobre o Walter. - Ele não tem que ter direito nenhum sobre o Pietro. — A Giovanna discordou.

— Entenda Senhora, não estamos cuidando aqui, do relacionamento adulto e sim de resguardar os direitos da criança.

- Mas... — Eu não entendia o que a Giovanna não estava entendendo. O Walter continuou...

- Essa fragilidade e a fluidez dos relacionamentos dos adultos não devem perpassar as relações entre pais e filhos. Estas precisam estar solidificadas. Os laços de filiação devem estar fortemente assegurados, com vistas no interesse maior da criança, que não deve ser vítima de mais um fenômeno comportamental do mundo adulto.

— E a gente não pode recorrer?

— Claro, mas, Giovanna, se eu posso lhe dar um conselho de amigo, - O Walter tirou os óculos e depois explicou calmamente a ela. - Caso recorra, tão somente por causa do direito que o Cairon ainda terá em relação ao Pietro, pense bem. Terei que seguir cada passo rigorosamente, então enviarei o caso para a promotoria, e será feito todo um processo, um estudo realizado pela assistente social, e depois por psicólogos e caso fique comprovado que há um vínculo entre o Pietro e o Cairon, aí Giovanna, já era. Não terá chances, e não por mim... É lei. Principalmente se o pai, e a criança quiserem manter este contato.

— E quanto ao dinheiro? – O tal Jeff entrou e sentou-se ao lado dela.

— O responsável agora será o pai biológico, de agora em diante por todos os gastos e...

— Eu me refiro ao dinheiro da herança que meu pai deixou. O dinheiro que pertence ao Pietro. – O Walter olhou os documentos e depois a informou.

— No processo a senhor declara que seu ex-marido não é pai de seu filho, e ele só teria direito a alguma partilha caso fosse.

— Sim, mas... Walter você não está entendendo, meu pai deixou um dinheiro com o Cairon que seria para o Pietro.

O Walter olhou novamente nos documentos, assim como eu tinha organizado com o Endrigo, e analisando declarou.

— Todos os bens aqui... Não há nada de incorreto. – Foi passando os documentos, - Casou-se com separação total de bens... Tudo está em ordem! As declarações e tudo o mais. Ele não tem obrigação alguma de partilhar com o menino, dinheiro que possa vir depois a ser subtraído de seus filhos biológicos.

— Você não está entendendo Walter. Esse dinheiro...

— A cada momento seu nervosismo se mostrava mais visível, enquanto eu só observava.

— Você que não está entendendo Giovanna. Não há nenhum registro de dinheiro feito por seu pai. Inclusive uma cópia do testamento dele está anexa aos documentos e nada consta.

— O Cairon me disse uma vez.

— O Cairon ou seu pai?

— O Cairon. Não foi Cairon?

— Nunca tivemos essa conversa Giovanna. O que tenho é herança de minha avó. Inclusive tenho testemunhas sobre como ocorreu o processo e... — Não foi uma mentira, mas uma forma de omissão.

— Não! — Ela deu um grito chamando a atenção de todos. — Você está querendo me usurpar Cairon. Usurpar o Pietro. — Eu jamais teria essa coragem, o dinheiro existia na verdade, mas se eles achavam que iriam ter o menino só para ficarem com o dinheiro estavam enganados. O Dinheiro estava em meu nome e o pai dela foi bem claro nas orientações.

"Cairon, não tem noção o quanto a Giovanna pode

ser cabecinha de vento meu filho. Esta criança vai precisar de amparo e principalmente de alguém que pense nela, que cuide dela, e eu não estarei aqui, por muito mais tempo. Faça isso por mim. Cuide do meu neto."

Ele sabia. Sabia muito mais do que me disse na época. E agora começo a entender. Mas quando o Pietro precisar, eu não o desampararei.

- O que está acontecendo Giovanna? – Foi a primeira vez que ouvia a voz do Jeff.

— Meritíssimo gostaria de pedir a suspensão da sessão por alguns minutos, minha cliente não está se sentindo bem.

— Concedido por cinco minutos. – Nós nos levantamos e saímos da sala deixando os três sozinhos.

— A Giovanna deve estar puta da vida. – O Endrigo estava simplesmente vibrando com a notícia. Nenhum de meus amigos na verdade gostavam o suficiente da Giovanna para ficarem ao seu lado nesse momento. E suas amigas... Bem, suas amigas, provavelmente, a abandonariam quando soubessem de suas aventuras.

— Eu estou me odiando Endrigo por fazer isso com

ela, ou melhor, estaria se estivesse fazendo isso com qualquer um que fosse.

— Ah não Cairon.

— Não... Não vou voltar atrás. – Levei a mão ao bolso.

— Que susto. Achei que iria amolecer.

— Talvez assim ela cresça. Só fico triste pelo Pietro.

— É quem mais vai lucrar, quando ele crescer o dinheiro estará lá guardado.

O advogado e o Jeff saíram, e foi o próprio Jeff que pediu que eu entrasse sozinho por que ela queria conversar comigo. O Endrigo não queria permitir com medo que eu vacilasse, mas eu entrei.

— O que você quer?

— Eu que preciso saber o que você quer de mim Cairon? Quer que eu volte para você?

— Não Giovanna, pelo amor de Deus. Nunca!

— Então por que está fazendo isso comigo Cairon?
Me deixa ser feliz!

— É o que estou fazendo, não era o que queria? Que

tirasse o meu sobrenome do nome do Pietro e eu estou concedendo, agora o Jeff é o pai.

— E o dinheiro dele Cairon? Como eu vou manter o Pietro com todas as mordomias que está acostumado?

— Mas agora isso não é mais minha responsabilidade Giovanna. E sim do pai dele. Ele tem um pai. Não é isso que tem me dito, aliás, não é isso que tem gritado aos quatro cantos da cidade, e jogando em minha cara. Inclusive que não posso ficar dando a ele tudo que pede porque precisa aprender a viver com o que o pai tem condições de dar?

— Mas ele tem direito à herança.

— A herança não é dele Giovanna.

— Para Cairon estamos só nós dois. — E um gravador provavelmente escondido em qualquer parte da sala.

— Giovanna ouviu bem a sentença.

— Cairon eu volto. Eu volto com você. É uma vingança. — Ela se levantou e tentou me abraçar. — Está dando continuidade ao projeto de meu pai? Mas eu volto, e seremos a família perfeita e você registrará a outra

criança.

— Não faça isso Giovanna. Agora está se humilhando por causa de dinheiro. Não há vingança aqui ou plano secreto algum, agora só existe única e exclusivamente minha vontade de ser feliz. Vamos os dois vivermos nossas vidas, assim como você me disse meses atrás, cada um seguindo seu caminho. Vai viver o seu grande amor e me deixa viver o meu.

— É isso então. Quer enfiar o dinheiro do meu filho no rabo daquela zinha. — Sua voz passou de suave a dura e cruel.

— Giovanna olha o nível. — Pensamentos ilícitos vieram a minha cabeça sobre outras coisas melhores a fazer enfiar...

— Cairon, nós precisamos do dinheiro. — Por fim ela começou a chorar. — Não conseguiremos manter as duas crianças só com a minha retirada lá das ações que meu pai me deixou, e o salário do Jeff. Você sabe bem os gastos de um recém-nascido. Lembra? Lembra-se do Pietro? Como foi caro cuidar dele?

— Você se lembra? Por que eu paguei tudo do meu

bolso. Achei que nem sabia quanto gastava na época.

— Eu sabia Cairon, e te agradeço por tudo que fez e sei que esse não é você agindo sozinho. É o Endrigo! Pode dizer... Ele nunca gostou de mim. Provavelmente aquele desgraçado do Murilo e a vaca preta. — Eu poderia obrigá-la a engolir suas palavras, mas preferi ficar na minha.

— Não é ninguém. Esse sou eu, isso é o que sobrou depois que tirei o sentimento estranho que sentia por você, e pensava ser amor.

— Não. — Dessa vez nem mesmo suas lágrimas me comoveriam, então o Walter entrou acompanhado dos advogados, do escrivão e do representante do ministério público.

— Vamos terminar essa sessão.

Ele leu o relatório, cada advogado teve seu tempo para falar, caso quisessem contestar. Como ninguém tinha nada a dizer ele deu o caso por encerrado.

— Após o trânsito em julgado, AÇÃO DE DESTITUIÇÃO DO PODER FAMILIAR, seja excluído, o nome do pai e dos avós paternos do registro da criança,

assim como o reconhecimento de paternidade cumulado com a retificação de registro. — Levantou-se e saiu do recinto. Fiz o mesmo. Não por orgulho, mas por uma dor que insistia em rondar meu coração. Oito anos. Oito anos estavam sendo quebrados ali.

Pensei comigo nas palavras de meu pai. "Dai a César ao que é de César." Eles queriam o Pietro, agora o tinham, mas essa foi à única forma de resguardar meu filho de todo mal que pudessem fazer a ele. Se meu filho não tivesse nada a oferecer e nenhuma ligação comigo seria das presas a menor na mão do pai e do tio. Estava mais seguro agora! E um dia ele iria entender que aquilo que parecer ser ruim no momento pode se virar a nosso favor.

Antes de sair do fórum precisei tomar água para continuar com passos firmes e acabei saindo pelas portas laterais, eu não conseguiria olhar para a Liara naquele momento. Me sentia um monstro.

Assim que me vi dentro do TRF, e em meu gabinete, desabei na poltrona.

— Eu sabia Finge ser forte, mas quando se trata do

Pietro você não vale nada. — O Murilo entrou falando e o Endrigo atrás dele com os papéis em mãos.

— Nenhum dos dois tem noção do que estou passando neste momento. Se tivessem não estariam aqui me torrando a paciência.

— Por isso estamos aqui por que sabemos que sozinho não aguentaria as pontas, no mínimo ligaria para a mocreia e rastejaria aos pés dela para que aceitasse todo seu dinheiro de volta.

— Cala a boca Murilo. Ela está sobre a influência desses marginais, a pessoa quando ama faz loucuras. Vivi oito anos com ela, não é possível que tenha mudado tanto assim.

— Não, ela não mudou e agora veja o que éramos obrigados a aguentar. — Era assim que o Murilo se referia ao meu casamento com a Giovanna na maioria das vezes.

— Vão ver que quando ela se livrar deles, ela voltará a ser o que era.

— Jesus! Contanto que não precisemos conviver com ela novamente. — Quase foi engraçado.

— Bola para frente meu amigo, hoje eu reparei bem

na preciosidade na recepção do fórum, e acho que é justo investir.

— É? Está mais que investido. Só defendo a Giovanna por que a pintam como o demônio e ela não é tão má assim.

- É pior. — As gargalhadas do Murilo deixavam claro o fim de quase uma década.

Ainda ficamos conversando por um bom tempo até o horário de irmos para o almoço. Fomos os três almoçar e talvez não voltasse à tarde, isso iria depender do meu humor. Apesar do muitos documentos sobre minha mesa.

& Cinquenta e três &

Liara

SAÍMOS PARA ALMOÇAR e o Heitor disse que eles ainda estavam em reunião no segundo piso, o que foi até bom, não queria saber através dela o desfecho da história.

Se tivesse sido ruim com certeza ela me falaria mais meia dúzia de desaforos e eu não estava disposta a ouvir.

Se fosse favorável faria questão de jogar na minha cara o amor do Cairon por ela.

Quando voltamos a tarde enviei mensagem e não obtive resposta. Peguei alguns envelopes, e com a desculpa de sempre atravesssei a rua e fui até o prédio da frente. Não havia assistente no momento, e como os seguranças agora até me conheciam não foi difícil entrar. O vi de cabeça baixa analisando outros alguns documentos.

— Trouxe mais estes. — Joguei o envelope sobre a mesa, e olhei o celular.

— Eu ia responder assim que terminasse de ler este documento. — Voltei a pegar o envelope e vendo seu semblante me virei para sair.

— Não sabe mentir.

— Me desculpe.

Sai da sala com um ódio daquela mulher. O que havia acontecido? Será que haviam mesmo voltado? Agora eu me torturaria com as várias possibilidades que pairavam.

— Owwww. Que bicho te mordeu? Aliás, que Juiz?

Não precisa responder que eu sei. — Cheguei e bati a cancela da entrada do balcão.

— Chega Késsia. Tem mais algum documento para entregar?

— Estes. — Me entregou várias pastas muito pesadas. — Entregue no arquivo.

Poderia ter levado de duas vezes, mas como iria de elevador acabei levando tudo de uma vez só.

Quando as portas do elevador se abriram deixei uma pasta cair e alguém se prontificou a pegar.

— Obrigada Heitor.

— Quer ajudar?

— Não está atrasado?

— Para? Não, não estou. — Ele me ajudou a carregar as pastas até o arquivo.

— Algum problema Li?

— Não. Tudo bem.

— Algo haver com a audiência de mais cedo?

— Houve audiência?

— Sim. Só não sei te dizer o resultado, por que foi tão sigilosa que foi na sala de Serviços Judiciais.

Fomos interrompidos ao ver uma figura muito conhecida saindo do arquivo. Ele me puxou para um beco e esperou que a pessoa passasse.

— O que a doutora Ana Luíza. faria aqui no arquivo? — Cochichei com ele. — Poderia ter pedido para nós ou sua assistente pegar o processo que quisesse, por que veio pessoalmente?

— Vamos descobrir. — Mas quando saímos do beco demos de cara com o Cairon.

— Hãmmmm...

— Isso é uma explicação?

— Não é nada do que o senhor está pensando. - O Heitor tentou justificar.

— Heitor não precisamos nos justificar não estávamos fazendo nada de errado. — Ele só sacudiu a cabeça deu meia volta e voltou ao elevador.

— Meritíssimo... Meritíssimo. — Como via que o Cairon não respondia, ele desistiu e suspirou profundo. Achei o Heitor muito mais preocupado do que devia.

— O que foi Heitor?

— Eu me inscrevi no concurso público, pleiteado

uma vaga de procurador federal.

— Acha que ele...

— Ele não pode intervir contra lógico, a prova é difícilima e é uma empresa contratada que rege todo processo, mesmo assim... Imagina, caso eu venha a passar, trabalhar com um juiz que não vai com minha cara. — Ele parecia infeliz.

— Deixa que eu explique a ele mais tarde.

— Pode ser pior, dizem que odeia misturar trabalho com amizade, prestar favores... Tudo bem! Vai dar tudo certo.

— Vamos descobrir o que a Juíza maquiavélica estava procurando, quem sabe você mesmo não vai falar com ele.

— Nem pintado de ouro.

— Você é um homem ou um rato Heitor.

— Quiquiriqui.

— Quem faz esse barulho é o galo. — Gargalhei.

— Eu nunca ouvi o som do rato.

Chegamos ao arquivo e o Heitor conversou com a menina por dois minutos e ficou sabendo que a doutora

estive lá durante a parte da tarde toda sondando sobre um arquivo. Tirou Xerox. Então pesquisei a pasta e tirei Xerox também.

— Toma. – Entreguei ao Heitor.

— Não, não quero nem ler. – Abri a pasta e li o nome.

— Jacques Antunes. Acho que é o tal tio do Pietro. O que a Juíza quer com o arquivo do tio do Pietro? – Estendi a pasta novamente a ele. - É sua chance de nos explicar ao Cairon. Vá e diga a ele por que estávamos nos escondendo e o que encontramos, e te garanto que ele ficará feliz, e quem sabe assim, não acabam com essa má impressão que tem um do outro?

- Que ele tem de mim não é? Tem certeza que isso vai dar certo? – Ele segurou a pasta e subimos. No térreo fui para o balcão e ele saiu porta afora em direção ao prédio da frente.

Arrumei minhas coisas. Guardei todos os documentos e desliguei meu computador, amanhã, voltaríamos a atender o público e seria só a sexta feira, graças a Deus.

Sai com o coração apertado. O que será que havia acontecido naquela manhã que o deixara tão apreensivo a ponto de não responder minha mensagem? Era tão simples a mensagem. "Vamos começar a encomendar nosso bebê ainda hoje?" Era só ele ter dito sim ou não. Estava tão próximo dele, será que estava arrependido?

& Cinquenta e quatro &

Cairon

RELACIONAMENTOS! Estava lendo um relatório importante sobre a operação, com a qual estamos lidando, quando meu celular vibrou, estava no silencioso, então só olhei a mensagem e sorri. "Vamos começar a encomendar nosso bebê ainda hoje?" Claro. Respondi mentalmente. E na agonia de acabar o documento para ir para casa, me esqueci de responder. Quando a vi entrar em meu gabinete, acompanhei seus olhos que vinham direto em direção ao celular e claro, não precisa juntar dois e dois para que ela tivesse deduzido que eu não teria tido vontade em responder.

Quando me deixou afirmando que estava mentindo, acabei perdendo a concentração e indo atrás dela ao fórum. Com certeza o Diogo me vendo por lá, pensará que mudei de emprego, minha sorte é que a Késsia estava só e me disse onde encontrá-la. Minha sorte ou meu azar, porque, não foi bom tê-la visto. Não estava só, e olha que não foi uma, nem duas, nem três veze que adverti sobre o Heitor.

Voltei para o trabalho, sentei-me em minha cadeira me sentindo muito mal. Toda vez que acontece algo entre nós o Heitor está por perto, pensei que uma conversa bastaria, mas vejo que não foi o suficiente.

Terminei minhas anotações no documento e sai do gabinete fechando tudo. Quando entrei no carro e o Murilo colocou em movimento o mequetrefe do assessor praticamente pulou na frente. Por mim passaria por cima.

— O que é isso? Que morrer? — O Murilo gritou.

— Por mim... — Fiz como que sua presença ali, não fosse significativa.

— Preciso falar com o Senhor. — Ele disse entrando no carro e se sentando do meu lado.

— Não ouviu o que ela disse? Que não precisam se justificar.

— Preciso sim, não pense o senhor que me esqueci de nossa conversa e minha palavra é de lei. Tenho um enorme respeito e admiração pelo senhor.

— Pula essa parte, cantou essa ladainha ainda outro dia e hoje estava no lugar errado no momento errado novamente.

— Me desculpe, mas só me ouça e veja esses documentos. — Ele me entregou uma pasta. Quando abri estava escrito o nome do Jacques. Jacques Antunes.

— Onde conseguiu isso Heitor?

— Era disso que estávamos nos escondendo. Eu estava subindo quando a Liara estava chegando ao andar com várias pastas. Dispus-me a ajudá-la. e quando chegamos próximos à sala vimos à doutora Ana Luíza. saindo de lá com uns documentos. Foi quando puxei a Liara para que ela não nos visse, não visse que nós a vimos saindo do arquivo.

— Por quê?

— Por que é no mínimo estranho. Primeiro por que

ninguém a tinha visto hoje no fórum. Segundo por que nem mesmo nós assessores costumamos muito ir até ali. Deixamos por conta dos estagiários e das recepcionistas. Porque a Juíza o faria pessoalmente?

— Hum.. Continua. – Tinha lógica até ali. O Murilo estava atento a todas as informações.

— Conversei com a menina minha amiga e ele me informou quais as pastas usadas para Xerox que a doutora usou e por isso fiz Xerox delas também. A Liara acha que são de alguém que lhe interessaria.

— Claro. É tio do Pietro. Agora está preso.

— Foi o que nós pensamos.

— Fique com estes documentos, reúna mais provas contra este sujeito. Junte as peças do quebra-cabeça.

— Como é senhor?

— Eu sei que não ira ficar como assessor a vida toda Heitor, comece seu trabalho agora.

— O Senhor não vai se arrepender. Eu vou.

— Então vá Heitor.

— Sim Senhor. Estou indo. – Ele saiu do carro correndo como quem luta contra o tempo.

— Esperto você.

— Quanto mais gente buscando pista contra esse povo melhor.

— Para casa?

— Não. Vamos ao apartamento da Li primeiro.

No apartamento também não estava. Telefone desligado. Claro que era de propósito. Estava chateada por causa da tal mensagem. Maldita hora que não respondi. Droga.

Fui até em casa tomei banho e saí novamente. No caminho comprei bombons e flores e esperei na porta da faculdade. Ela também não apareceu.

— Começo a me preocupar.

— Acha que pode ter acontecido algo?

— Pode ligar para a Késsia? Sondar se ela estava chateada?

— Posso. — Ele ligou ficou uma conversinha mole com a garota e só depois perguntou sobre a Li. Eu já estava impaciente. Continuava ligando e só dava caixa postal.

— Então? — Perguntei tão logo ele desligou.

— A Késsia disse que ela não estava chateada, estava “muito chateada”.

— Ligue para os seguranças e veja o que descubra.
— Ele ligou.

— Dizem que está indo para o apartamento. Que pegou um caminho diferente hoje, mas que está chegando.

— Essa menina via me matar do coração. Escuta só o que estou te dizendo.

— Isso que dá arrumar menina mais nova para namorar.

— Ela não é tão mais nova assim. Vamos embora.

Chequei na garagem do apartamento. E deixei o Murilo ciente que não iria voltar para casa hoje.

— Me pega amanhã mais cedo. Assim eu troco de roupa e vou para o trabalho. — Me despedi e subi.

& Cinquenta e cinco&

Liara

NÃO FUI PARA CASA. Fui para o shopping e de lá fui direto para a universidade. Se tivesse passado no

apartamento e tomado banho com certeza não teria ido à aula. Tenho vivido isso constantemente, a preguiça toma conta de mim e eu acabo não indo estudar.

— Liara.

— Doutor Franz. Como vai?

— Tudo bem! Sabe que outro dia almocei com o Diogo e falamos de você.

— Tomara que tenha sido de bom.

— Foi sim. Estávamos comentando sobre as fofocas.

— Ai nem me lembre.

— O Diogo disse que você é uma excelente funcionária.

— Que boa referencia.

— Me parece que todos gostam muito de você por lá.

— Fico feliz. Quem sabe assim quando a outra moça voltar eles não me ajudam a encontrar outro trabalho?

— Com certeza. Isso demora?

— Ela ainda tem mais três ou dois meses de licença

à maternidade.

— Antes de acabar esse período venha falar comigo que eu mesmo vou lhe indicarei em alguns escritórios que conheço.

— Agradeço imensamente. – Sai satisfeita da presença do coordenador do curso e até mais animada em seguir os estudos.

A aula foi divertida. Tivemos um professor substituto que foi o show. Quando a aula terminou não sai pelo portão como de costume, saí pela porta que dava acesso área externa lateral. Eu quase nunca saia por ali.

Na verdade eu estava com medo de sair e dar de cara com o Cairon me esperando de carro mesmo sabendo que há muito, ele não ia. E depois do ocorrido mais cedo acho que ele não iria mesmo.

& Cinquenta e seis &

Cairon

ABRI A PORTA E percebi que ela estava no banho. Não entrei, apenas me deitei e fiquei esperando até que ela saísse. Saiu enrolada na toalha e quase desmaiou.

— Quer me matar do coração?

— E você quer me matar de preocupação?

— Que droga.

— Que droga digo eu. Entende o perigo que está correndo e por pirraça desliga o celular. Anda por caminhos diferentes.

— Como sabe por ande andei? Ah não me diga. Deixa que eu adivinhe. Serviço secreto.

— Não é para tanto. Alguns seguranças só para garantir que esteja segura.

— E como entra assim? Ah mas é claro. Eu me esqueço de que você quem paga, então tem o direito de entrar e sair quando quiser não mesmo?

— Não. Por favor. Essa paranoia novamente não.

— Essa paranoia não? É a verdade. Sou sua prostituta como disse a sua mulher hoje.

— Ex.

— Sua amante.

— Não Liara. Deixou que Giovanna te contaminasse com o veneno dela?

— Assim com você se deixou cair de amores por

ela. — Ela estava brava e estava linda.

— E por que acha que cai de amores por ela?

— Por que mandei uma mensagem e não me respondeu.

— Não pode ou não quer acreditar na verdade por que ela é simples demais? Eu te disse em minha sala por que eu não havia respondido. E se a cada vez que alguém disser algo você acreditar, não chegaremos ao nosso objetivo final.

Ela foi até o guarda-roupa e pegou uma calcinha e vestiu. E pegou um sutiã. Em um movimento rápido tomei da mão dela embolei e coloquei no bolso.

— Se está achando que vai chegar aqui depois desse dia de cão e vai me "comer" como disse aquela ordinária. Não vai rolar. Pode ir embora.

— Então está com raiva é dela, não de mim. — Fiz charminho para ela. — Aliás. Se eu tivesse caído de amores por ela tiraria satisfações com você por ter agredido uma mulher grávida.

— Ela disse isso?

— Chegou a passar mal. Chegou à sala amparada.

— Quer que eu repita as palavras que ela me disse?

— Acha necessário? Vai aplacar sua ira?

— Prostituta. Atrevida. Disse que estou me achando por estar deitando com um Juiz. Aliás, disse que coitada de mim que nunca havia dado para um homem importante.

— E você está?

— Ah se enxerga Cairon.

— Essa não é a Giovanna que conheço. – Dei um sorriso aproximando-me dela.

— Disse também que ao estalar os dedos você voltaria para ela num passe de mágica.

— E você acreditou?

— Não respondeu minha mensagem... E me solta. – Ela disse assim que a abracei.

— Estava trabalhando em um caso sério. Acha que não queria fazer nosso bebê lá no gabinete quando você entrou? Mas saiu tão rápido.

— Eu ia catar aquela megera pelos cabelos, mas ela foi embora.

— Teria coragem de fazer isso?

— Claro. A bruxa ainda disse que eu devia saber

bem o caminho do seu gabinete. Falou cada palavra horrível, na frente dos funcionários e mais algumas pessoas do fórum.

— E você não revidou?

— A cada provocação.

— Uma pena.

— O que? A gente ter discutido?

— Não. Você conhecer o caminho do meu gabinete e me visitar tão pouco. Assim essa criança não nasce. — Beijei seu pescoço. — Ainda quer que eu vá embora?

— Quero. — Disse fechando os olhos.

— Mesmo?

— Não sei. Vai.

Soltei-a e fui andando de vagar até a porta do quarto. Passei e fechei a porta atrás de mim.

— Cairon. — Eu não respondi, mas estava parado atrás da porta. — Cairon. — Ela gritou e saiu correndo trombando em mim só de calcinha.

— Sabia que não queria que eu fosse. — Tomei posse de seus lábios, e tratei de carregá-la até de volta para o quarto. Tirei minha roupa de qualquer jeito com a

ajuda dela. — Espera. —Fui até a sala busquei um dos bancos altos do bar e coloquei-a sentada sobre ele e fiz com que ela enlaçasse as pernas em minha cintura. — Presta atenção. — Ela olhou para mim. — Não tenho mais nada com a Giovanna. Nem mesmo o Pietro está mais em meu nome. Embora ainda tenha direito de vê-lo e ele a mim, mas agora, somos nós. Não tire conclusões precipitadas mais.

— Jura?

— Te dou minha palavra. Quanto às ofensas da Giovanna. Faça o que quiser. Tem minha permissão para se defender. Só tome cuidado com o estado dela de gravidez para não perder sua razão. Entenda não a estou defendendo. Com isso estou defendendo a você.

— Está bem!

— Confia em mim?

— Confio!

— Mesmo?

— Mesmo! Agora me ama!

— Não quer que eu te coma? — Brinquei com ela.

— Cachorro. Não devia ter te contado.

Enquanto beijava sua boca procurava com as mãos estimular a parte mais íntima do seu corpo deixando-a preparada para me receber dentro de si. Abaixei a cabeça, liberei seus lábios e capturei seus seios. Brinquei com um e com o outro. Ninguém pode ficar com ciúmes aqui. Puxei-a um pouco para frente e desci minha boca ate encontrar sua entrada. Seu sabor. Provei do seu gosto. Ouvi seus gemidos.

— Cairon. — Sua voz era música aos meus ouvidos e quando entrei com meu membro em sua intimidade ela estava pronta a me receber. Deliciosamente quente. Molhada. Sugava-me para dentro causando-me a sensação mais deliciosa de prazer.

— Você me faz o homem mais feliz do mundo! Não duvide disso!

— Me perdoa amor!

— Só se me disser que me ama como eu amo você!

— Muito mais que pode imaginar.

Joguei-a sobre a cama, segurei suas mãos sobre a cabeça e chegamos juntos mais uma vez onde muitas vezes eu desejei estar hoje. A linha imaginária que separa o real

da alucinação.

Abracei-a e adormecemos juntos. Nada mais nos importava. Só nós. Nós dois e a família que iríamos formar!

& Cinquenta e sete &

Liara

— O QUE É ISSO KÉSSIA? – Olho a multidão à porta do fórum.

— Isso se chama três dias de fórum fechado. Hoje quando feçarmos ainda não poderemos ir para casa, pois seremos interrogados. Haverá delegados, os gatinhos da federal e provavelmente algum dos nossos aqui devem estar presentes.

As portas se abriram e começamos a atender e organizar o pessoal que aguardava promotores, assessores. Advogados que aguardavam Juízes. Estava

uma loucura.

— Bom dia meninas!

— Bom dia meritíssima. Chegou cedo hoje para o trabalho. – A Késsia praticamente zombou dela, sabendo que ela nunca chegava no horário de trabalho.

— Não sei se notaram estou com um julgamento adiado para hoje por causa da incompetência da segurança deste fórum. Minha sorte é que dei entrada em meu pedido de transferência.

— Que pena. Estávamos acostumando com seu senso de humor.

— Mas eu não me acostumo com o de vocês. Nunca.
– E sendo mal educada como sempre saiu.

O Jurídico começou a chegar e o atendimento do fórum estava a todo vapor.

Em um intervalo de dois minutos para respirar notei que ele havia enviando uma mensagem. "Bom dia! Bom trabalho. Se tiver um tempo hoje poderemos dar continuidade à nossa encomenda." – Respondi.

"Se visse como está nossa situação. Pelo pouco que vejo, não teremos tempo nem de respirar. À noite a gente

continua."

Ao meio dia sai com a Késsia para almoçar. Almoçamos ali perto mesmo e voltamos ao fórum.

— Não deu por falta de ninguém hoje Késsia?

— Nossa Liara, com tanta gente para atender. Tantos advogados mal humorados. Pessoas bravas, e você ainda sente falta de mais alguém para fazer valer a sexta feira?

— O Heitor. Ele não veio de manhã.

— E é melhor você nem querer saber dele. Vai que o Juiz saiba disso. – Ainda falávamos do Heitor quando um menino usando skate driblou o segurança e entrou deixando um envelope sobre o balcão. - Hei garoto... Está errado, não somos o TRF... – A Késsia desistiu no meio do caminho e entregou-me o envelope. – Uma grande oportunidade de ver seu lindo. O que me intriga, é que, está bem endereçado ao Juiz federal, só não entendo o por que entregam aqui.

— Ele deve estar muito ocupado agora.

— Provavelmente, mas alguém tem que levar. E agora que seja você, já que não sou de ficar cobiçando o homem das amigas.

Peguei os documentos da mão dela e sai passando por vários estagiários no corredor. Estava acontecendo um julgamento na qual a Doutora Ana Luíza. era a Juíza.

Eu não sabia muito, mas pelo jeito era um grã-fino que estava sendo acusado de espancar a esposa. Esse com certeza estava perdido. A Juíza iria gostar de ter esse condenado em seu currículo.

A assistente olhou-me e deu um sorriso malicioso, me indicando a porta do gabinete.

— Com licença. — Bati a porta e assim que o ouvi liberar entrei. — Agora é sério... O envelope está endereçado a você.

Ele olhou. Analisou. E colocou sobre a mesa.

— Com pressa?

— Não senhor, precisa de algo? — Ele se levantou colocou a caneta sobre os papéis passou por mim e trancou a porta.

— Quero que me leve de volta com você em seus pensamentos. Em seu corpo.

— Cairon, está em seu trabalho, isso não vai prestar. — Ele me abraçou por trás mordendo minha

orelha.

— Já estive sobre a mesa de um Juiz?

— Já. — Ao ouvir minha resposta, me soltou de imediato e lógico que justifiquei. — Não se lembra em nosso antigo apartamento? Usamos a mesa de seu escritório.

— Ah. Que susto.

— Não sei por que do susto, sabe que o único Juiz que conheço é você, e os com os quais trabalho, nem mesmo de futebol eu cheguei a namorar.

— Então deixa te apresentar minha mesa, esta é diferente. — Voltou a me abraçar. — Ela é mais forte, maior. A madeira é... Não sei que madeira é essa. — Sorri. — A única semelhança, são os vidros, esse também deve ser bem geladinho.

— Só pode estar brincando. Agora? — Ele não me deixou responder virou-me e sentou-me sobre a mesa. Subiu minha saia até a cintura e começou a me beijar. — Sabe que aqui é perigoso.

— Sei que a gente não devia ter vindo trabalhar hoje.

— Está ficando mal acostumado.

— Acho melhor a gente se casar para não termos que ficar nos escondendo de ninguém. — Casar a palavra ficou ecoando em meus ouvidos, mas não teria coragem de perguntar novamente.

— Não brinca. — Segurei suas mãos que estavam sobre minhas pernas.

— Não estou brincando. Estamos muito próximos de desmontar essa quadrilha de criminosos. Tem muita gente trabalhando para desmascará-los, e quando isso acontecer, nosso primeiro passo será nos casar.

— Está dizendo isso só para que eu me deite sobre sua mesa doutor. É uma artimanha.

— Também. — Ele sorriu daquele jeito que só ele podia fazer. Foi me deitando sobre a mesa e se deitando sobre mim. Estávamos prestes a cometer este delito quando o celular dele tocou. — Se não for o Murilo não é mais ninguém.

Ele desceu da mesa pegou o celular e começou a ajeitar a roupa.

— Aviso. — Desligou e se virou para mim. — Mais

tarde a gente continua. O Murilo me pediu para avisar, que a Késsia precisa de você agora. Não adiantou o que é, mas disse que tem problemas.

— Tudo bem. Vou lá. — Me recompus e sai.

— Demorou em filha, está perdendo o babado. Dizem que o bicho está pegando lá em cima. Só que o bicho pega lá, e aqui também, preciso de você.

— O que aconteceu?

— Ainda não sabemos mais algum babado forte com a Juíza e o tal julgamento, estão descendo.

Ficamos aguardando que alguém descesse para nos colocar a par da situação, mas estava muito demorado. O que me preocupou realmente foi à ausência do Heitor naquele dia. Ele não era de atrasar. Não era de não avisar. Não pelo menos durante este tempo que estava aqui. Assim que estivesse com o Cairon novamente eu falaria com ele sobre o Heitor.

& Cinquenta e oito &

Cairon,

QUANDO SAÍ DO TRF, naquela tarde, no fórum ainda parecia um caos.

Os seguranças e a Polícia faziam frente à doutora Ana Luíza. O advogado conhecido, gesticulava e gritava alucinadamente enquanto era seguro por dois policiais.

— Sua idiota. Em que site comprou seu diploma? Não consegue entender um caso lógico. Até eu poderia proferir a sentença correta.

— O senhor queira se acalmar ou darei voz de prisão.

— É só isso que nos falta nesse circo. É só isso. Dê a voz de prisão de, pois de ter vendido a sentença de hoje.

— O senhor está exaltado acusando-me sem provas. Isso pode custar sua cassação diante a OAB.

— Está casa está sem moral, acabou! Casa essa que favorece um agressor. Que dá liberdade a um criminoso por medo de nome e cargo do cidadão. – Quando ele disse isso, evitei entrar no carro e me aproximei para saber do Breno que saía agora, o que estava acontecendo.

— O senhor está se afundando caro advogado em

suas próprias palavras. – A Juíza ainda batia boca com o homem, e agora quando me via, era como se pedisse socorro, mas eu nada podia fazer.

Por fim, ela conseguiu entrar no carro e saiu, mas o advogado ainda ficou ali, exaltado e eu curioso para saber do que se tratava.

- Venda de sentença Breno? – Cutuquei meu amigo.

- Eu não sei muito sobre o caso, mas pelo que fui informado, a mulher, - fez um gesto em direção a uma senhora que vinha aos prantos. – Entrou com um processo de separação e isso foi parar no litigioso, e agora ela abre outro processo na vara da violência doméstica e familiar contra a mulher, e acabou-se que a doutora Ana Luíza. deu ao homem um pena injusta.

— Eu disse a ele doutor. Não adiantava a gente mover este processo. Este homem não tem limites. Quando nos conhecemos ele parecia ser o homem mais gentil da face da terra, mas carinhoso, mas daí a um tempo. – A mulher se justificou ao próprio Breno.

— Calma. A senhora não precisa me explicar nada, converse com seu advogado e ele lhe orientará, mas não

perca a esperança. — Essa era a forma do Breno administrar seu local de trabalho.

— Nós batalhamos atrás de provas contra esse homem por dois anos. Essa mulher apanha a onze anos, sendo ameaçada. Ele era vereador na época e agora está concorrendo a deputado federal, depois dessa só falta o maldito ganhar às eleições. — O advogado explicava ao Breno, e automaticamente a mim, e parecia desesperançado da justiça. - . E sabe qual a sentença da Juíza depois de todas as provas e cinco horas de depoimentos? "Seis" Meritíssimo, seis meses de pagamento de cestas básicas. E tem mais... Para a entidade da escolha do homem.

— Hum... — Nem eu estava acreditando. Entendo perfeitamente a revolta do advogado e da mulher. Que tipo de Juíza a Ana Luíza. era? Dizia-se cheia de moral. Chegou aqui querendo colocar ondem em tudo e agora faz uma presepada destas. Ainda mais em uma das varas que defendia a mulher e seus direitos. Qual mulher voltaria a confiar em uma vara assim.

— Ele saiu de lá rindo da nossa cara. E deve estar

rindo até agora. Eu estaria. Eu estaria mesmo.

O Breno conversou ainda com o advogado, enquanto eu só observava, tudo e qualquer detalhe eram importantes para nós. Depois que o homem foi embora, o Breno me confessou uma coisa que me deixou mais boquiaberto ainda.

– Essa semana conversando com uma antiga amiga minha, descobri que a doutora Ana Luíza. foi favorecida com essa comarca. Minha amiga, estava em condições mais propícias que ela, por tempo de trabalho, esperando para ser transferida para nossa comarca, e de alguma forma deram o cargo a essa menina. Só gostaria de saber, quem é tão forte assim na família dela?

Eu não contaria ao Breno que de família mesmo jurídico, só um de nossos procuradores do estado, e não era irmão e nem pai, e sim namorado da juíza.

De posse das novas informações, voltei ao meu gabinete e fiz um relatório, não queria esquecer nada do que havia descoberto, nem mesmo o nome da amiga do Breno, que viria para a comarca antes da Ana Luíza. Quando deixei a caneta sobre a mesa e fechei os olhos.

Minha cabeça doía bastante, olhei para o relógio e me assustei. Dezenove horas. Nunca havia ficado tão tarde assim. Nem sei como o Murilo ainda não havia chamado por mim. Olhei o envelope que a Liara havia me levado e abri por curiosidade. “TOMARA QUE GOSTE DO PRESENTE DE HOJE, AQUELE QUE PROCURA ACHA”. O que isso significava? Li e reli novamente a frase tentando decifrar, eu não havia recebido nada mais durante o dia todo, estava concentrado no bilhete quando ouvi meu celular.

— Oi filho.

— Oi pai. Minha mãe disse que fiquei com você final de semana passada, mas que se eu quisesse e se você quisesse a gente poderia ir ao cinema amanhã.

— Claro Pietro. O Papai tem que resolver algumas coisas, mas vamos sim. Você vê o filme e o horário e me liga novamente?

— Eu já vi.

— Que esperto você está ficando hein?

— Quero ver a sessão das dezesseis horas. Pode ser?

— Hum... Deixa-me ver. – Fiz um suspense. - Claro que pode filho.

— Pai, – Ele se calou.

— Amanhã poderemos falar da minha festa de aniversário? – Então essa era a jogada da Giovanna. Deixando-me ver o Pietro dois finais de semana seguidos, depois do estresse que acabamos de passar. Ela sempre quer algo. Sempre.

— Amanhã conversaremos Pietro. Falou da festa com sua mãe e seu pai?

— Eles disseram que não têm dinheiro. – Disse com uma voz de desagrado. — Mas entenderei se não puder.

— Calma Pietro. Amanhã conversaremos sobre isso.

— Então te espero. Beijos. E pai...

— Oi filho.

— Te amo.

— Também te amo meu amor!

Quando por fim fechei a sala e consegui chegar ao carro a Murilo estava ao telefone.

— Estava indo te buscar. Não tem mais ninguém no

prédio só. — Ouvimos o som de um carro na garagem cantando os pneus e pararam dando luz alta diante a nós. — Ouvi o Murilo travar as portas e pegar o celular acionando os homens de plantão.

Aguardamos uns minutos e notamos então que o carro havia sido acelerado para entrar na garagem, mas não parecia ter condutor. Os agentes federais entraram e logo se pensou ser uma cilada. Eu ainda estava no carro quando eles estavam se aproximando. Em um movimento a porta abriu e alguém caiu no chão.

Os homens puxaram a pessoa para longe do carro e logo veio a tão esperada explosão.

Sai do carro e fui ao encontro deles para saber quem era.

— Heitor?

— Ele está inconsciente doutor.

— Vamos Murilo precisamos de uma ambulância o mais rápido possível.

Assim que a ambulância chegou e deu os primeiros socorros os seguimos até o hospital. Os celulares começaram a tocar e um deles foi o meu.

— Cairon onde está?

— No hospital.

— O que houve? – Ela começou a chorar.

— Li, estou só acompanhando o Heitor.

— Graças a Deus! Não... Quero dizer.

— Eu entendi.

— Como ele está? O que aconteceu? Vi o plantão agora pela TV na faculdade e fiquei louca.

— Ele está sendo atendido, mas não temos notícias ainda. Fisicamente ele estava bem detonado, mas, espero que não seja nada grave.

— Eu vou encontrar vocês.

— Não. De forma alguma. Vá para casa. Deixe que os seguranças de te sigam de perto, por favor. Não vamos dar sorte ao azar.

— Vai me ver depois?

— Acredito que não meu amor. Preciso ver o que foi isso com o Murilo e mais essa agora. Declararam guerra ao fórum realmente. – E eu quer agora era preciso falar com o Breno e os juízes estaduais porque talvez estivéssemos olhando de um ângulo diferente. Pensamos

que o alvo era eu, mas talvez de fato fossem eles. No máximo amanhã teríamos que nos reunir com a secretaria de segurança.

— Então se cuida!

- Lembra que precisamos concluir nossa encomenda. — Sorri e deliguei o telefone.

— Eles vão liberar o Heitor. Sem fraturas. Só uns socos. Ele estava inconsciente por que é mole mesmo.

— Fala isso porque está acostumado com a guerra Murilo.

Logo o Heitor veio mancando. Apoiado em um enfermeiro. Portando dois receituários.

— Segunda terá bastante trabalho rapaz. Terá que depor na delegacia. O delegado só te liberou porque pedi. Terá que limpar a garagem do TRF.

— Sacanagem.

— Brincadeira. — Bati no ombro dele. — Podemos conversar?

— Não podemos jantar primeiro? O que eu tenho a dizer não dá para ser de estomago vazio.

Paramos em um restaurante. Jantamos os três. Ele

ainda estava bastante assustado. Mas começou a falar.

Segundo a narrativa do Heitor, desde o momento em que o pedi para juntar as provas sobre o Jacques, ele havia seguido algumas pistas e chegado à pessoa que havia fugido do lugar no dia da emboscada para o Jacques. Fiquei de boca aberta, e não é que o Heitor tinha mesmo jeito para promotor, esse faro investigativo, era próprio deles.

— O que quer dizer, que já sabe quem estava com o Jacques naquela noite?

— Eu fui procurando por pistas e cheguei ao dia da emboscada que fizeram para o tal Jacques. Havia alguém no carro que fugiu, a polícia foi atrás do carro e não encontrou, mas eu fui atrás de câmeras, no trajeto para entrar no local, e bum! Uma câmera em frente a um sinaleiro, casa de uma senhora que foi assaltada mais de oito vezes. A câmera da tal mulher é daquelas de trânsito, e a gravação fica em uma nuvem, uma plataforma destas mais modernas. — Eu não entendia bem o que ele dizia, mas se estava registrado o rosto do bendito passageiro, eu estava feliz. — A polícia perdeu o rastro do carro porque

não estava emplacado, era um carro que provavelmente havia sido usado para desmanche.

— Isso eu sei também. — O Murilo interrompeu impaciente.

— Eu encontrei o carro, mas daí fui seguido e eles acabaram me pegando, queriam saber a mando de quem eu estava trabalhando, era questão de tempo me matar, depois me vendaram e alguém, poderoso entre eles entrou na sala. Eles falavam, mas não ouvi nenhuma resposta.

— A pessoa não queria que você ouvisse sua voz .
Uma pena poderia estar com caso ganho nas mãos.

— Mas quem disse que a pessoa foi mais esperta?

— Desembucha logo Heitor.

— Dois sentidos que eu tenho inconfundíveis. O primeiro a audição. O salto agulha. Pisava manso, mas mesmo sendo provavelmente um sapato caro fazia um barulho no chão. E o segundo sentido que me fez saber quem era foi o olfato. Não esqueço o perfume de uma mulher nem por mil anos.

— De nenhuma delas?

— Isso não vem ao caso Murilo. Quem acha que é?

— Aquilo era teste para cardíaco.

— Esse perfume de estar custando hoje em dia uns mil e quinhentos.

— Reais?

— Não Murilo. Dólares. Mil e quinhentos dólares. Só pode ser uma mulher rica, ou bancada por um homem rico tipo.

— Um Procurador de Justiça do Ministério Público do Estado?

— Doutora Ana Luíza.! – Falamos os três juntos.

— Então ela era a ocupante do carro que fugiu do local. – O Murilo concluiu.

— Heitor se estiver certo, metade do nosso caso estará resolvido.

— Agora precisamos redobrar nossa atenção. Por que quando me desvendaram, me bateram. Depois me jogaram porta-malas eu não ouvia ninguém no carro então abaixei o banco de traz para frente esses modelos antigos e consegui sair só que me viram eu dirigi enlouquecido e o fórum foi o primeiro lugar que encontrei. O Carro também estava estragado e provavelmente o local que eu

estava era um desmanche havia muitos carros por lá. Eles ainda deram vários esbarrões em mim até chegar aqui. Pena que nessa hora a polícia não para a gente. Só quando estou embriagado.

— Se lembra do local?

— Acho que sim. Estava um pouco apavorado, mas...

— Então Murilo ache um delegado que nos dê para amanhã uma ordem de busca no local. E avise os agentes da PF. Vamos começar nossa caçada antes que viremos à caça.

Olhei no relógio, eram duas horas da manhã. Não ligaria para a Liara a essa hora.

— Melhor ele ficar em sua casa hoje Murilo.

— Também acho.

— Acham que viram atrás de mim?

— Com certeza. Até por que podem ter feito com você o que fizemos com o homem deles. Ver com quem você iria se encontrar quando saísse de lá. Não pensou nisso? Que eles poderiam ter facilitado sua fuga?

— Eu não pensei. Mas agora o senhor falando.

— Então me deixem em casa e podem ir descansar.

E assim eles fizeram. Naquela noite fechei os olhos preocupados até que ponto a maldade humana pode chegar a benefício próprio.

Eles não parariam até conseguirem o que queriam. Mas o que eles queriam?

& Cinquenta e nove &

Liara

— LI, ACORDA! VAMOS SAIR, vamos ao salão...

Comprar algumas roupas. Almoçar juntas e...

— Hei calma. Mal te abro a porta e vem despejando todas estas informações sobre mim? – Fechei a porta e fui até o sofá. — Acorda sempre assim aos sábados?

— Só quando tem festa.

— Não vou.

— Claro que vai. O Juiz gosto... Quer dizer o doutor Cairon disse que era para insistir com você. Segundo ele, se o Pietro fosse embora ele iria à festa da Josy. Ele sabe que você estará entre amigos.

— Hum... Que gracinha do meu gatinho.

— Então vamos. Deixa essa preguiça e vamos sair.

— Sabia que estou quase repetindo uma matéria no primeiro período de faculdade?

— Se eu puder te ajudar.

— Estou muito atrasada em relação à turma, e sabe por quê? Porque não tenho tempo para estudar, estamos sempre passando por um estresse. – Parei de falar antes que chorasse.

— Ah minha amiga. Vamos fazer assim. Agente sai agora. Almoça e depois, estudo com você até às seis da tarde. O que acha?

— Combinado então. – A promessa da Késsia me deu um novo ânimo naquela manhã. Troquei de roupa e saí com ela para toda a programação que ela tinha me derramado assim que a recebi. No shopping fiquei de fato arrependida, se houvesse no mundo alguém que conseguisse atravessar um lugar tão grande sem deixar de visitar uma loja sequer, esse alguém é a Késsia. Encontramo-nos com a irmã dela, a tal que foi namorada do advogado do Cairon e tomamos café juntas. E quando

estávamos saindo de uma loja onde até que enfim, havia comprado o presente da Josy, ouvi alguém chamar por mim.

— Liara.

— Pietro, querido. Como vai?

— Tudo bem e você? – Ele me abraçou carinhosamente.

— Oi. – Ele cumprimentou a Késsia timidamente. Apresentei-a como amiga do trabalho e logo ele sorriu para ela parecendo se lembrar e algo a surpreendendo.

— Então você é a moça bonita que agora é a namorada do tio Murilo? Ele me contou sobre você outro dia.

— Mesmo? – A Késsia se animou com a informação, era oficialmente a namorada do Murilo, já que ele havia contado ao Pietro.

— Meu pai também tem uma foto da Liara. – Olhei em volta e não vi o Cairon. – Mas o tio Murilo disse que ainda não tem uma sua.

— E onde está seu pai?

— Ele está conversando com um amigo, dono

daquela loja. — Ele apontou a mão rumo à joalheria. — Acho que ainda não te viu. — De lá avistamos ele acompanhado do Murilo.

— E como você saiu sozinho sem que ele percebesse?

— Ele me deixou ir ao parque antes que o filme comece. Ele pensa, que eu acho, que estou sozinho, mas eu sei que nunca estou sozinho. Olhe... — Ele quis brincar de suspense. — Aquele homem ali de azul-escuro, ele não sabe que eu sei, mas fica o tempo todo me olhando.

— Nossa que legal.

— É muito legal. Pena que ele não pode brincar comigo.

— Você já pediu para ele?

— Jáaaa. Ele disse que não pode. Que nem me conhecia. Mas eu sou bom de guardar o rosto das pessoas. O papai disse que isso é fundamental. Guardar o rosto e os caminhos.

— Pietro você parece um adolescente.

— Já sou um rapazinho e minha festa será do jeito que pedi. Meu pai vai me dar.

— Seu pai?

— Sim. O Jeff e a mamãe disseram que não tinham dinheiro, mas eu conversei com meu pai. E ele vai me dar.

— Senti os olhos da Késsia sobre mim. O que ela pensava? Que eu iria me importar com o pai dar uma festa ao garoto? Afinal o dinheiro era dele, e também me parece que havia sim, um dinheiro do Pietro. Eu não queria me meter nos assuntos particulares desta família.

— Então seu pai é o Supeeeeerrrr Paaiiii! – Brinquei com ele quebrando a tensão da Késsia.

— É verdade. Acho que meu pai deveria entrar nas estórias em quadrinho você não acha?

— E que super-herói ele seria?

— O Batman, ele até usa capa preta. – Nós gargalhamos com a imaginação do Pietro. Mas ele tinha razão. Quando estava de toga e capa o Cairon era a imagem da perdição em pessoa. Não que quando não esteja com ela não seja. É lindo de qualquer jeito.

— Vamos fazer o seguinte. Que tal um sorvete enquanto seu pai vem te buscar?

— Ótima ideia. Você sabe ler pensamentos?

— Não. Ainda não.

Sáímos sorrindo e conversando com o Pietro. Ele contou sobre o filme que vão assistir daqui a pouco. Que foi ele que havia escolhido. Contou sobre a festa que seria daqui duas semanas e estava muito empolgado quando o segurança o veio encontrar.

— Pietro seu pai está chamando. O filme já vai começar.

— Ele não vem me buscar? Aposto que se soubesse quem está aqui ele viria.

— Deve estar com pressa Pietro só isso. — Ele se levantou e nós fomos com ele até a primeira loja. Então vi o Cairon conversando com uma moça. Aliás, eram os dois com duas moças. Muito bonitas por sinal e estavam sorridentes com os rapazes. Então parei e falei com o Pietro.

— Olha Pietro. Eu não quero atrapalhar seu pai. Me dá um beijo e não conte a ele que nos viu aqui está bem? — Ele me beijou e antes de partir ainda me fez um convite.

— Você irá com o papai à minha festa? — Pensei uns minutos e respondi o mais tranquilo possível.

— Se der eu vou está bem?

— Te espero. — Ele se foi e nós viramos na primeira saída e fomos embora.

— A mocinha deve ser amiga de velhos tempos para o Cairon nem ter se dando ao trabalho de ir buscar ou acompanhar o Pietro no parque.

— Eu sabia. Eu sabia. — As risadas da Késsia eram exageradas.

— O que você sabia Késsia?

— Que o bicho iria pegar para o lado do Juiz quando o vi conversando com aquela moça. Você precisa aprender a controlar seus ciúmes Li.

— Eu não tenho ciúmes.

— Claro que tem. Só por não ter chegado lá e conversado com ele é uma demonstração típica de ciúmes.

— E se eu tivesse chegado. Oi amor. Também não seria uma demonstração de ciúmes?

— Por favor, Liara. Deixa o cara ter as amizades dele. Relacionamento não pode ser fechado, como se vocês fossem uma ilha.

— Pronto. Agora está agindo como o Murilo. Só

que na versão feminina.

— Então não falo mais. E vamos aproveitar para matricular você na autoescola.

— Atrasadinha. Já fiz até meu exame escrito. Agora vou começar minhas aulas de rua.

— E por que não me contou?

— Porque não quero que as pessoas esperem muito de mim me deixando cheia de nervosismo e responsabilidade no dia do meu exame de rua.

— Liara eu realmente não entendo sua cabeça. — Chegamos ao apartamento e começamos logo a estudar.

A Késsia, como disse, tirou várias dúvidas que eu tinha e aproveitamos para fazer dois trabalhos que estavam atrasados.

Quando ela saiu lá de casa eram sete horas da noite. E ficou de me pegar as dez. Então precisava me organizar e me aprontar se quisesse estar pronta. Não conversei nada com o Cairon, já que ele está com o filho e não vem me ver hoje.

Depois de pronta o desânimo se abateu sobre mim. Eu não queria ir aquela festa. Eu queria era estar com ele.

Mesmo que só pra ficarmos deitadinhos sob as cobertas.

Mas era tarde demais. O Interfone tocou e o porteiro avisou que a Késsia estava me aguardando. Então lá vamos nós.

& Sessenta &

Cairon

— VOCÊ FICOU BRAVO COMIGO PAPAI? —

Quem resiste a esse olhar que o Pietro tem?

— Não se trata de ficar bravo filho, fiquei chateado porque poderia ter me dito que ela estava lá.

— Mas ela me pediu que não dissesse. E você me disse que quando alguém nos pede algo temos que respeitar. - Não tinha mais o que falar com ele. Ele só disse que a tinha encontrado quando ofereci sorvete e ele disse já ter tomado. Quis saber como pagou então teve que contar.

— Ao menos a convidou para ver o filme conosco?

— Hummmm... Não me lembro. Acho que não. Mas a convidei para minha festa.

— E o que ela disse?

— Que iria. - Pressinto gritos de Giovanna vindos por aí.

— Então agora entra e chame sua mãe, por favor.

— Papai. - Ele falou antes de descer.

— Diga filho.

— Mesmo se não fizesse minha festa eu continuaria te amando do mesmo jeito!

— Eu sei Pietro. Nem precisava me dizer isso. Ninguém duvida disso.

— O Jeff acha que te amo porque me da tudo que peço.

— Sei que isso não é verdade, mas filho... — O abracei mais uma vez. — É sempre bom ouvir de você que me ama. - Ele me deu um beijo no rosto e entrou correndo.

Depois de alguns minutos a Giovanna apareceu. Parecia bem-humorada.

— Não quer entrar Cairon? Precisamos acertar nossas desavenças.

— Melhor não. Sobre a festa do Pietro. — Agora ela

vinha toda mansa.

— Nem sei como te agradecer. Como ele não quis sair daquele colégio agora quer continuar fazendo tudo que os colegas fazem.

— Só que antes. Faça o orçamento e me mande.

— Não temos tanto tempo assim Cairon. Duas semanas para organizar uma festa é quase impossível.

— É uma festa infantil Giovanna. Não é uma festa de casamento.

— Festa não tem distinção, precisa ser organizada.

— Ele convidou a gente. - Tentei ver a reação dela.

— Você e seus pais sempre serão bem-vindos.

— Não entendeu Giovanna, ele convidou a Liara.

— Você só pode estar brincando comigo não é Cairon. Teria coragem de levar sua amante no aniversário do seu filho? – Ela parecia esperar uma resposta.

— Claro que não. – Ela respirou aliviada.

— Graças a Deus Cairon. Achei que tivesse perdido completamente a noção do ridículo.

— Mas eu posso levar minha namorada. Não posso? Você já está com um novo marido e eu só não

oficializei minha união com ela por causa de problemas pessoais.

— Problemas pessoais?

— Sim. E que não te dizem respeito mais. Em comum entre nós só o Pietro, e agora bem mais restrito.

— Quando foi que você se tornou este ogro Cairon?

— Sempre fui assim.

— Nunca demonstrou, mas como diz o ditado não é... “Mostra-me com quem andas e eu te direi quem és”.

— Cuidado Giovanna, está se sentando em cima do próprio rabo.

— Eu só estou deixando bem claro. Se aparecer com essa mulher nessa festa Cairon. Não vai prestar.

— Desde quando se tornou barraqueira Giovanna?

— Desde quando você assumiu como namorada uma favelada. Sem teto. — Dizendo comecei a voltar para o carro e antes de entrar alertei-a. — Lembre-se dos orçamentos. - Assim que entrei no carro o Murilo não perdeu a chance.

— Falou com ela que ele convidou a Liara?

— Falei. Não aceitou nada bem. Mas se realmente a

Liara quisser ir eu a levarei. Mas duvido que vá querer. Se encontraram sem mim, e segundo ela só não saíram nos tapas porque a Giovanna está grávida.

— Mudando de assunto. E a festa da garota. A Josy.

— Não irei. Ela precisa se divertir. Não podemos estar juntos em publico, portanto ela não se divertiria comigo presente.

— Que moderno Cairon. Um relacionamento aberto.

— Nunca! Estou dizendo isso porque não conhece quase ninguém na cidade. Os poucos que ela conhece são os do trabalho. Por isso quero deixá-la à vontade, mas a buscarei quando quiser vir embora.

— Então te deixo em casa e se quiser eu a levo quando ela quiser ir. Estarei por lá com minha gatinha.

— Não. Está de folga a partir de agora. Eu mesmo a busco.

Desci do carro e subi. Tomei um banho e me deitei um pouco para descansar no sofá da sala de TV.

— O Senhor vai querer jantar em casa?

— Claro que não Magna e se você quiser sair. Sinta-se à vontade. — Ela se foi e eu voltei a olhar para a

TV mesmo que não estivesse ouvindo nem entendendo nada.

Fechei os olhos e só abri ao ouvir o som do telefone. Olhei para tela e primeiro vi as horas. Uma e vinte da manhã. Era cedo. Achei que iria ficar mais. Depois notei que não era ela e sim o Murilo.

— Acho melhor você vir antes mesmo que ela te ligue. Precisa levá-la embora.

— Por quê?

— Bebeu.

— Estou indo.

Quando cheguei à boate as luzes se alternavam em cores diferentes e foi muito difícil localizar o grupo. De nada adiantava ligar para o Murilo, pois o som era muito alto.

Depois de me esbarrar em umas vinte pessoas e quase tomar um banho de cerveja de uma garçonete eu fui encontrando.

— Huhuuuu. Olha quem chegou. Olha quem chegou. O Doutor Cairon. – A Josy entoava uma canção em forma de Rap. Só faria isso sob o efeito de muita bebida mesmo.

Veio me abraçando e gritando em meu ouvido. — Eu bem que falei. Eu falei desde o começo. Se você não viesse não teria graça.

— Que bom que está totalmente recuperada Josy. É preciso celebrar mesmo. Mas cuidado ao dirigir.

— Ai não vou. Ainda não consegui um gatinho mais vou consegui e aí. Você vai ver. Vou sair daqui conduzida. Aí Galera. O homem veio colocar ordem na casa. Ou melhor, na boate. — Ela estava falando arrastado o suficiente para enrolar todas as palavras que dizia.

Quando olhei na mesa do canto encontrei a Liara sentada com a Késsia e a Kelly.

— Olá senhoritas. Posso me sentar?

— Eu prefiro que me leve para casa.

— Então vamos.

Não ofereceu resistência alguma. Saímos da boate sem alarde, só avisei ao Murilo e em poucos minutos estávamos em casa.

— Pronto. Chegamos. Vem que eu te carrego.

- Não precisa. — Mesmo assim carreguei-a da garagem para o apartamento e quando entramos mal entrou

no quarto correu para o banheiro.

— Por que bebeu assim?

— Não bebi.

— E por que está passando mal desta forma?

— Talvez esteja grávida. Não quer um filho. não quer tanto esse bebê? Quem sabe ele já não esteja a caminho. – Outra ânsia de vômito.

— Então ele estava a caminho, porque deve ter colocado o coitado para fora. – Segurei sua mão e a puxei de encontro a mim. - Não brinca vai. Vem aqui. Vamos tomar um banho.

— Não quero tomar banho com você. Assim como você não quis ficar comigo hoje.

— O que está dizendo?

— Primeiro era o Pietro e depois aquela mocinha do cinema.

— Que mocinha Liara?

— Não queira esconder que foi assistir ao filme com uma mocinha branquinha cheia dos sorrisos para você.

— O Cinema estava cheio de mocinhas e rapazes.

Senhoras e senhores.

— Eu vi. — Ela começou a chorar. — Estavam na fila. Eu a vi com você.

— Não acredito que está chorando por esta besteira?

— Você acha que é besteira mais eu não.

— Entra aqui. — Enfie-i-a debaixo da água fria com roupa e tudo.

— Não Cairon. Não faz isso comigo, eu não bebi.

— Você que está fazendo isso com você. Mas não vou conversar com uma pessoa bêbada.

— Não estou bêbada. — Ela mesma começou a se despir.

Não disse mais nada. Ela estava chorando e eu não queria magoá-la, mas precisamos resolver certas coisas.

Eu começava a pensar seriamente nas palavras do Murilo e não queria novamente criar uma mulher mimada. Cheia das vontades que só pensasse em si. Estava entrando nesta de corpo, alma e coração. E eu a queria assim também!

Deixe-a terminando o banho e fui até a cozinha.

Preparei café e peguei um comprimido para prevenir a dor de cabeça e sanar os vômitos. Quando voltei ao quarto com o que chamei de kit ressaca ela estava tremendo de frio enrolada na coberta já na cama.

— Não fiquei feliz com o que fez hoje.

— A culpa não é só minha.

— Claro que não. Vamos então a busca do culpado.

— Entreguei a ela tudo que havia trago e esperei que tomasse. — Ontem quando o Pietro ligou, eu fiz questão, assim que pude de falar com você. E o que você disse?

— Que eu iria estudar.

— E fez o que disse?

— Sim.

— Porém antes foi ao shopping e poderia ter ido conosco.

— Eu não quero encrenca com a chata da Giovanna.

— Ela terá que se acostumar, e você também.

Depois quando me viu no shopping por que não foi falar comigo, caramba?

— Por que estava acompanhado.

— Não. Eu estava em uma fila de cinema esperando

para assistir a um filme, que você se recusou. Uma pessoa conversa comigo eu não vou fazer falta de educação. Vou responder.

— Precisava ser todo sorridente?

— Se a pergunta fosse triste eu teria chorado.

— Cairon.

— Agora eu penso que seria uma legal você sair com seus amigos. Te dou um espaço e você não aproveita.

— Quem disse que não aproveitei? O Murilo? Seu cão de guarda?

— Tenha respeito com as pessoas e o que elas fazem Liara. Essa não é você. Você é uma menina meiga e ao mesmo tempo batalhadora, foi por essa moça que me apaixonei, não a deixe se perder. E se achar que eu sou o grande causador de tudo me diga e eu deixarei o caminho livre para que você continue sendo você. Não quero que se transforme em outra Giovanna por que eu disse que te amo.

— Está me comparando com sua ex. mulher?

— Nem de longe. Estou dizendo para não se deixar transformar assim como ela se deixou. Preciso que você

esteja comigo nesta relação Liara.

— Eu estou. Não posso contar a ninguém que somos namorados. Não posso sair com meu namorado em publico e acha que não estou com você nesta relação?

— A questão é esta então? Que as pessoas saibam de nós? Achei que havíamos concordado quanto a sua segurança. Eu te expliquei o motivo, mas se a questão é só esta amanhã conte às pessoas. Eu não me importo. Coloque nos jornais. Faça o que quiser, mas cresça. — Fui até o armário peguei a caixinha e coloquei sobre a cama. - Eu ia esperar as coisas acalmarem, preparar um momento legal, mas já que não esperaremos. Ser romântico também não tem mais sentido.

Peguei um travesseiro e sai do quarto. Pensei a estar ajudando mais pelo que vejo não só piorei a situação. Eu deveria saber. Mulheres pensão totalmente diferente dos homens.

Estava quase dormindo quando senti encostando-se a mim no sofá da sala. Eu poderia ter ido para outro quarto, mas quis ficar ali.

— Me desculpe. Eu não quis te chatear. E

reconheço que tenho me portado muito infantil. Isso não vai acontecer novamente.

— Eu estou com você! Será que não vai acreditar nunca?

— Eu acredito. Estamos juntos nessa.

Passou a mão sobre meus cabelos se aninhou em meus braços e fechou os olhos. Também fechei. A cada dia bastava seu cansaço. E o domingo estava nascendo!

E eu só queria paz! Um pouco de Paz!

& Sessenta e um &

Cairon

- ACORDA DORMINHOCA! - Beijei seu rosto.

- Hum. É o segundo dia que me acordam. Quantas horas? Ela olha no celular. - Não.

- Claro que sim! Não quer sair com seu namorado? Então se apresse. - Com muito custo ela se arrastou para fora do sofá e foi para o quarto. Tirei o travesseiro que eu havia trago e as cobertas que ela havia buscado para o sofá e levei de volta para o quarto.

Ela me viu de moletom e perguntou se também teria que se vestir igual. Eu confirmei e em vinte minutos estávamos descendo de elevador.

- Cairon, o que vamos fazer pode me dizer?

- O pessoal corre com as noivas, as namoradas. Dois são casados. O Murilo era minha companhia, mas como não temos mais um combinado, não há mais porque se esconder, e tirá-lo de sua folga.

- Eu não quero forçar a barra, só disse que não é bom!

- Eu sei vamos lá.

Entramos no carro e assim que os seguranças se colocaram em movimento os seguimos até o local. Estacionei o carro e desci. A Li me acompanhou até a turma de preto que esperava.

- Bom dia Meritíssimo. – Fomos cumprimentado por todos.

- Bom dia pessoal!

- Espero que esteja preparado doutor. O Murilo não vem?

- Está de folga hoje. Esta é a Liara.

- A gente conhece dos jornais. - Uma das agentes a olhou.

- Mas eu não sou amante do Cairon.

- Ah.

- É minha namorada! – Segurei sua mão. - E nem sei por que estou aqui me justificando com vocês! A obrigação de vocês é me proteger e não darem palpites em minha vida.

- Isso, se fôssemos só seus agentes. Nos conhecemos na porta da cadeira por acaso Cairon? - O Alex brincou.

- Teve alguns que foram. - Nós rimos e eles começaram a dar as boas vindas à Liara. Em seguida o Alex começou a fazer a palhaçada que sempre fazia no começo, mas, que acabava sendo divertido para os novatos, enquanto aquecíamos.

- Pessoal. Nossa estratégia hoje é no mínimo dez quilômetros. Sendo cinco caminhada e cinco corrida. Quem quiser desistir que fique por aqui e mostre para o que veio.

- Não senhor. Vamos continuar. - Alguém respondeu

também brincando.

- Ele fala sério Cairon? Dez quilômetros. - Ela cochichou comigo.

- Talvez mais. Talvez menos. Depende de como estiver à equipe. A qualquer momento você pode nos acompanhar de carro.

- Nossa rota é nova. Então... Atentos a cada movimento diferente.

Todos concordaram então começamos a caminhar. Caminhamos o primeiro quilometro e o rosto da Li já apresentava cansaço.

- Como você pode ser tão lindo e nem transpirar correndo desta forma? Ela disse ofegante.

- É por que fazemos isso outras vezes, está cansada porque não tem costume. Assim que se acostumar nem irá sentir.

- Não sentirei porque não vou me acostumar e nem sei se minhas pernas sobreviverão a isso.

- Claro que vai. Daqui a pouco vamos parar para o primeiro descanso. E na verdade são cinco quilômetros para ir e cinco para voltar. Podemos ir e pedir o carro que

nos pegue.

- Ai elas falarão que sou mole. – Olhou para as agentes em forma. - Não. Vamos continuar até o fim.

E o fim foi um martírio para ela. Eu via em seus olhos, mas ela não quis abrir mão em nenhuma das vezes que eu perguntei se queria parar.

Quando chegamos de volta onde tínhamos saído. Parecia aliviada.

- Se tivesse que dar mais um passo eu não conseguiria. E negócio de correr trezentos metros e andar trezentos não é tão ruim, mas não sei se consigo mais.

- Tudo bem! Não precisamos vir, ficará em casa enquanto eu venho com o Murilo. Abracei-a e bebi de sua água.

- Isso mais pareceu um treinamento militar.

- Liara... Eles são da polícia, - sorri para ela. - Vamos para casa tomar um banho e depois vamos fazer compras e almoçar em um restaurante que deixarei a sua escolha.

- Oba! Então almoçaremos no McDonald's. - Olhei para ela e sei que ela sabia minha resposta.

- Acha que isso será uma boa opção? Meu filho não vai conseguir sobreviver a tantas calorias.

- Seu filho demora. Não posso me privar das coisas boas da vida por uma pessoa que ainda não foi gerada.

- Então hoje vamos dar um jeito de providenciar isso. - Beije-a e a carreguei para o carro.

Em casa tomamos banho trocamos de roupa e saímos novamente.

- Eu gostei de sair com você e gostei que tivesse me assumido perante seus amigos.

- E eu gostei de não ter desistido no longo do caminho, por que foi minha parceira. - Abracei enquanto caminhávamos para o elevador.

- Quer ficar em casa? Eu preparo algo para comermos.

- Não. Vamos sair.

Visitamos algumas lojas especializadas em ternos italianos no shopping e encontramos várias pessoas conhecidas. Em alguns momentos parecia muito natural estarmos de mãos dadas. Em outros só caminhávamos um ao lado do outro.

Visitamos um supermercado. Onde vende o vinho que meu pai gosta e peguei duas garrafas. Enquanto eu escolhia os vinhos observei de longe um homem que eu havia visto no shopping.

Aproximei-me de um agente e dei a descrição sem que ele percebesse. Pouco depois um dos agentes me pediu para irmos até a sala da administração do supermercado. Como ela estava olhando alguns CDs preferi não falar nada e fui até o local.

- Sou muito bom de fisionomia. Já te vi por duas vezes hoje e seria muita coincidência dizer que acordou disposto a estar nos mesmos lugares que eu.

- Não senhor. Eu só trabalho para uma revista.

- É jornalista?

- Não senhor só fotógrafo. - O Agente tirou a máquina do pescoço do homem e conferiu várias fotos minhas e da Liara.

- Para qual revista trabalha? - Fui apagando as fotos nossas que encontrei.

- "Celebrity". É uma revista onde saem...

- Fofoca sobre as pessoas. - O interpelei. - É para

ela que vai entregar as fotos?

- Sim senhor. - Mesmo tentando a acreditar apaguei todas as fotos e devolvi a máquina na mão do homem.

- Mais alguma câmera escondida? Celular?

- Não senhor. Seus agentes confiscaram tudo. - Parecia desolado.

- Caso eu te veja novamente estará encrencado. - Dei as costas a ele e sai.

- Estava indo a sua procura. Aconteceu algo?

- Não. Só vendo uns jogos.

- Gosta de jogar games?

- Não. Era para o Pietro.

- E onde estão? - Ela olhou para minhas mãos.

- Preferi não pegar. Ele tinha a maioria.

- Cairon. - Cruzou os braços em minha frente.

Era um fotógrafo que havia tirado algumas fotos. Só isso.

- E você pegou as fotos.

- Apaguei da máquina. Mas tanto faz, tanto fez se publicarem. Estava preocupado que fosse outra coisa.

- Tipo? - Ela me olhou preocupada.

- Hei. Hoje estamos namorando. Esqueceu-se? Sem preocupações. Sem neuras, está bom assim?

- Se você diz.

- Disse que confia em mim.

- Confio. A ponto de deixar você escolher o restaurante no qual vamos almoçar.

- Isso era sua função.

- E você rejeitou.

- Vou te levar a um lugar especial então. É de um amigo meu. Ele ficará feliz em nos ver por lá. E à noite jantaremos com meus pais. Pode ser?

- Sabe que eu me senti um pouco incomodada quando visitamos seus pais.

- Mesmo? Não me disse nada no dia, se quiser podemos não ir.

- Não meu amor, fiquei incomodada do quanto me trataram bem! O carinho com o qual me receberam.

- Amo aqueles dois.

-Na verdade me lembrei da minha mãe. De como ela tratou você no início.

-Pensava muito em você. Fique tranquila, não

guardei nenhuma mágoa dela só admiração.

- Obrigada. Por existir em minha vida. Por ter voltado aquele dia até o ponto de ônibus.

- Quero voltar para casa. - Beije-a, dentro do supermercado ainda, enquanto íamos caminhando para o caixa.

- Achei que minha mãe pudesse ter dito algo que não tivesse te agradado. Ou não tivesse gostado dos dois pelo jeito de serem. Sinceros.

- Amei seus pais. Você se parece com seu pai. Ele é muito bonito.

- Preciso ficar com ciúmes? É a segunda vez que diz isso.

- Hum... Ainda não. - Ela me abraçou. Pagamos a conta e saímos do local.

- Não se incomoda com estes homens o tempo todo com você?

- A gente se acostuma. Você também irá.

- Acha mesmo necessário que eles andem comigo?

- Muito. E nunca dificulte o trabalho deles, por favor.

- O que estas pessoas quereriam comigo Cairon?

- De você nada, mas imagina o que eles conseguiriam comigo tendo você com eles.

Eu não gosto nem de pensar. Nem ela, nem o Pietro. Ninguém! Por isso os cuidados com segurança são fundamentais. Fomos até o restaurante Chandon. Restaurante do meu amigo Jean. Ele é francês e o cardápio é excelente.

- “*Ce que je dois l'honneur de mes amis importants venir me rendre visite*” (A que devo a honra de que meus amigos importantes venham me visitar). Meu amigo me abraçou ao saber que estávamos em seu estabelecimento.

- Vim trazer minha namorada para degustar da melhor cozinha francesa.

- “*Mlle .Je ne comprends pas ce que vous faites avec cet homme sans cœur . Que oublier amis.*” (Senhorita .Eu não entendo o que você faz com esse homem sem coração. Que esqueça que os amigos).

- Não exagere Jean. Não ter coração e não ter tempo são duas coisas totalmente distintas. Mas pretendo vir mais vezes já que agora tenho boa companhia. Ele sorriu

beijou a mão da Liara e saiu brincando.

- Je l'espère Cairón. Je l'espère. (Espero Cairon)

Almoçamos. Conversamos bastante e voltamos para casa. Estava feliz com o dia que passamos juntos. Eu mesmo nunca havia vivido esse momento. Era diferente estar com ela. Ela me fazia melhor. Uma pessoa melhor.

& Sessenta e dois &

Liara.

- Eu não queria ter forçado a barra, só queria estar com você sem ter que ficar me escondendo. – Ele havia me levado para seu apartamento agora que éramos “namorados”.

- Eu sei. - Estávamos deitados diante da TV, na sala no tapete. Ele usava uma calça de moletom, que deixava uma saliência sob a calça, bem ao meio do corpo, onde se localizava seu membro, e usava uma camiseta branca, mas quem queria saber de camiseta branca, ou qualquer se fosse a cor. Estava descalço e eu preferi ficar de camiseta e calcinha. Estávamos sozinhos em casa, e isso era uma

oportunidade e tanto para continuarmos nossa encomenda.

Acabamos dormindo por duas horas, quando acordei, fui até o escritório e comecei a rever algumas questões que poderiam cair na prova.

- Quer ajuda? – O vi parado à porta com uma xícara nas mãos.

- Quem melhor que você para me ajudar?

E assim foi!

Ele me explicou cada questão, tão bem, que eu saberia responder a qualquer um que me questionasse.

A Noite fomos à casa dos pais dele para o jantar, fechando com chave de ouro, nosso fim de semana. Maravilho.

- Espero que não demorem quinze dias a voltar.

- Não Ana. Voltaremos em breve. - Ela me proibiu de chamá-la. de dona, então estava cumprindo minha promessa. Questionou o Cairon sobre o casamento. Ele brincou que, assim que marcarmos, ela saberia. Foi só então, que me lembrei do anel que ele havia me dado, na madrugada de domingo.

Conversamos sobre o Cairon quando pequeno. As

travessuras e os sonhos. O Pai disse que ele sempre foi focado em tudo que fez. Cada dia mais fico encantada, com a admiração que um tem pelo outro.

Em casa para encerrarmos o fim de semana que começou horrível e terminou perfeito ele me amou pela primeira vez como sua namorada. Isso soava bem aos meus ouvidos e era como se um peso tivesse sido retirado de minhas costas.

Segundo o dito popular, a segunda-feira não é um dia muito bom para se trabalhar. E quando eu estava tomando café para ir para o trabalho a campainha tocou.

- Deixa que abro Magna deve ser o Murilo. Milagre ele não aparecer por dois dias. - Parei com a porta aberta olhando a imagem à minha frente. E se fosse um assaltante? Deveria ter olhado pelo olho mágico. Idiota me xinguei mentalmente.

- Vai dizer agora que não posso entrar? Que estavam ocupados. Sabe se lá com o quê?

- Ah é mesmo você não sabe, não com o Cairon. Não sabe o que perdeu. - Ela passou por mim sorrindo e não retrucou. Só então percebi que ele estava atrás de nós.

& Cairon,

- CAIRON! – A Giovanna tinha que aprender que agora não era mais a dona dessa casa.

- Bom dia Cairon. Quero falar com você sobre a festa do Pietro.

- Devia ter me procurado no trabalho, ou me enviado o orçamento através de um procurador.

- Não acredito no que estou ouvindo, procurador Cairon? Vamos chegar a esse ponto? E em seu local de trabalho não é lugar de tratar de assuntos particulares. Está dizendo que sou mais bem-vinda a minha antiga casa?

- Bom... Estou indo amor. A gente se encontra mais tarde.

- Pipipipipipipipipi - A Giovanna irritou a Liara.

- Giovanna não será mais bem-vinda se não puder respeitar a atual mulher do lugar.

- Meu Deus! Não esperava por isso Cairon.

A Li pegou sua bolsa e notebook, me deu um beijo e saiu. Fechando a porta atrás de si. Como eu entro um pouco mais tarde decidi ver o que ela queria.

- Diga logo. Daqui a pouco preciso ir para o trabalho.

- E o trabalho agora ficou bem mais atraente não é Cairon? Junta trabalho e lazer na mesma rua.

- Engraçado Giovanna. Por que minha vida se tornou tão importante para você depois que nos separamos.

- Não se ache Cairon. Vamos falar sobre a festa do Pietro e pronto. O Jeff na verdade não queria isso. Eu que estou mais uma vez fazendo a vontade do meu filho.

- Ele não queria ou ele não pode?

- Ele não pode nos dar o padrão que você dava realmente. Mas o que ele me dá é o suficiente. Eu gosto dele Cairon, e ele gosta de mim. Está tentando melhorar o relacionamento com o Pietro. Outro dia viram até um jogo juntos.

- Devia começar a pagar as contas também.- Ironizei.

- Se vai ficar chorando, por que não disse ao Pietro que não iria fazer? - Ela se levantou.

- Não estou chorando o que darei ao Pietro. Estou dizendo por que chegará um tempo que o Pietro exigirá dele coisas que só ele poderá dá. E tem mais, não posso ser só pai na hora do talão de cheques, do cartão de crédito. Acho até que tramaram para me deixarem vê-lo e assim, eu arcasse com o financeiro.

- Mas vejo que você virou o pai da mesquinhez.

- Mesquinhez? Eu? Deixa-me ver o orçamento. - Estendi a mão.

- Bom... - Ela começou antes de me entregar o papel. Isso é o que ele quer. Entenderei se...

- Me dê o orçamento Giovanna. - Peguei o documento e sentei-me. - Sessenta e dois mil? Uma festa de três horas para cem pessoas?

- Cairon, eu não escolhi nada, seu que escolheu tudo. Não são só cem pessoas. As crianças contam.

- Vou conversar com ele.

- Eu já conversei com ele Cairon, por isso disse que não temos como dar a festa a ele. Não devia ter

prometido.

- Isso é um carro popular Giovanna, a entrada de um apartamento, – antes que eu terminasse o interfone tocou e a Magna chegou avisando que o Murilo estava me esperando. Olhei no relógio, mas ainda estava dentro do horário.

- Posso ficar com isso?

- Claro. Só não podemos demorar a dar resposta. Mesmo que ela seja negativa.

- Te ligo mais tarde.

Ela saiu. Acompanhei-a até a sala para encontrar com o Murilo.

- Giovanna.

- Murilo. – Somente acenou a cabeça e passou por ele.

- Há essa hora meu amigo? Isso pode ser um mau presságio para o resto do dia.

- Não joga praga, depois do dia que passei ontem. Quer saber como foi?

- Não precisa. Eu te digo. Correram com os agentes federais. Foram ao Shopping. Ao supermercado onde tem

aquele vinho italiano que seu pai ama. Almoçaram com o Jean. Depois voltaram para casa. Mais tarde visitaram seus pais e depois retornaram para casa.

- Nossa, estava tão obvio assim? O que faríamos no domingo ou por que me conhece bem?

Eu erraria alguns detalhes. Mas... Me estendeu a revista Celebrity. "A Sem teto que conquistou o Juiz Cairon Swift Filho".

- Sem teto? Cara pelo amor de Deus! Será que ela já viu isso? Foi aquele desgraçado daquele fotógrafo. Mas eu apaguei as fotos.

- Pensou em retirar o cartão de memória? - Passei a mão pelos cabelos.

- Não.

Peguei o celular e liguei para a Li enquanto foleava a tal revista. Havia uma foto de uma mulher caminhando descalça pela rua a noite, que de longe era ela. Uma foto de uma garota contando algo sobre o nosso caso. Na legenda estava escrito o nome da menina mais não me lembrava dela.

- Já viu a tal revista Celebrity? – Disse assim que

ela atendeu.

- Passamos na banca e estava estampada nossa foto por todos os lados.

- Daqui a pouco estarei saindo para o trabalho, mas se quiser voltar, converse com o Breno.

- Não tenho nada a esconder, morei na rua por dois dias. O Resto da reportagem... Não inventaram tanta coisa. Não me importo mais.

- Tudo bem. Um bom dia!

Tomei um bom banho, e como não tinha pressa, arrumei-me de vagar, e fui para o trabalho. Ao contrário do que o Murilo esperava, eu torcia para que o dia fosse uma extensão do fim de semana, mas ele tinha razão, o dia foi terrível.

Antes de sair para o almoço naquele dia a Li, me ligou dizendo que estava chateada porque a Juíza havia afirmado ter sumido um processo de cima de sua mesa e acusado uma estagiária, a Késsia e ela de irresponsabilidade.

Pedi que ela viesse até meu gabinete durante o horário de almoço e foi quando o caos aconteceu, a

doutora Ana Luíza. só podia tê-la seguido.

Assim que abri a porta, a Liara entrou e em seguida a megera me impediu de fechar a porta, entrando sem minha permissão.

- Eu sabia que viria correndo chorar para o queridinho, só que ele não pode salvar seu emprego meu amor. Quem sabe não te consiga algo aqui dentro?

- Primeiramente, não me lembro de tê-la convidado, segundo que... Não se pode demitir alguém sem que antes se tenha algo comprovado.

- Está dizendo isso por que dorme com essa daí. E deve estar com medo de quem vai lhe saciar nobre colega, entre uma sessão e outra.

- A senhora perdeu o senso do ridículo? - Olhei para Liara apavorada. – Pode voltar ao trabalho, mais tarde a gente se fala. – Passei a mão em seu rosto.

- Como o senhor ousa a me chamar de ridícula na frente dessa...? - Ela veio em minha direção assim que a Liara saiu.

- Como a senhora ousa a me dirigir a palavra com tamanha petulância? Acha que tenho medo da senhora e de

suas palavras ameaçadoras? Se quiser interagir desta forma, que seja. Que moral a senhora tem para se dirigir-se à minha namorada enquanto mantém dois relacionamentos obscuros por aí? - Eu não devia falar, nem tinha certeza, mas acabei não me aguentando de ódio desta fulana.

- O quê? O que o senhor está dizendo? - Ela gaguejou. Estava vermelha e com o olhar assustado.

- Quem a conhece diz que tem um namorado de longa data. Mas também mantém um relacionamento com um de nossos Procuradores de Justiça.

- Está bisbilhotando minha vida caro colega?

- Assim como a senhora está fazendo com a minha desde que chegou aqui. Eu não entendo o que minha vida lhe diz respeito.

- Eu? Não se dê ao trabalho em achar que eu perco meu tempo me preocupando com a vida dos outros meu amigo.

- Então se coloque em seu lugar e não se sinta a mulher justiceira, porque estávamos indo muito bem sem a sua presença. - Bateram à porta. Késsia entrou com uma

pasta na mão.

- Desculpe Meritíssimo, a Liara disse que a doutora estava aqui e como queria nos demitir por conta deste processo. – E entregando a pasta à mulher disse séria. – Doutora, só pode ter se enganado, a senhora havia mandando para arquivo, o estagiário disse que entregou os documentos nas mãos dele e pediu que arquivasse.

- Não acredito. - Ela abrandou a voz, passou por mim e pegou os documentos nas mãos da Késsia. - Onde estou com a cabeça?

- Tomara que seja em sua transferência. - Ela pegou os documentos e saiu da sala sem ao menos se despedir.

Naquele dia almocei com o Breno que me disse estar ficando em um beco com a Juíza, e sem resposta do Conselho.

- Essa mulher é perigosa Breno, o que mais precisamos é ficar atentos com ela enquanto não dão a transferência a ela. Não pode ligar no conselho e ver em que pé que isso anda? - Ele nem me respondeu. Pegou o telefone e fez uma ligação. Eu fiquei observando.

- Hum... Entendo. Claro que sei meu amigo. E se

puder nos fazer esse favor. Venha e nós o colocaremos a par da nossa situação. - Quando desligou, eu já estava aflito.

- O que eles disseram demora muito sair essa transferência? - Como ele não dizia nada. Perguntei novamente: - Breno. E então a transferência dela demora a sair?

- Meu amigo... Eu liguei direito à quem trabalha nessa área lá dentro e ele acaba de me informar, que não há pedido de transferência nenhum. Ela nunca pediu para sair. E quando eles solicitaram a presença dela em outra comarca ela se negou alegando que a mãe estava muito enferma e que não podia se ausentar.

- Não acredito. Quem é essa mulher Breno? E o que ela que de nós?

Meu celular tocou e em hipótese alguma eu iria atender, mas depois que vi ser do fórum, achei melhor ver o que era.

- Meritíssimo desculpe ligar é que... - A Késsia parecia apavorada.

- O que foi?

- A Liara doutor. – Comecei a ficar de pé no restaurante que ficava ali mesmo na rua dos poderes, enquanto deixava o pagamento do almoço e falava com ela, mas como ela não dizia nada, falei com o Breno e saí correndo do lugar.

Ela disse duas palavras chaves, que na mesma frase seria sinal de alerta, “Murilo e Liara”. O que teria acontecido?

Na recepção do fórum eu não via nem Liara, e nem Murilo. Estava um tumulto. Olhei em volta e não via rosto de ninguém conhecido. Perdi o chão. Não era possível que depois do fim de semana que passamos estávamos começando a semana desta forma.

Lembrei-me do Murilo dizer dos maus presságios. Primeiro a Giovanna. Depois a Juíza e agora isso.

- Késsia. Respira fundo. E me diz. Onde está a Liara? E o Murilo?

- Alguém deve tê-los levado doutor... Eu fui até a cozinha e quando voltei.

Meu Deus era tudo o que eu mais temia. Que levassem alguém e que eu não fosse capaz de protegê-los.

Eu havia falhado. Pela primeira vez eu havia falhado. Levei as mãos à cabeça e senti uma dor aguda em meu peito. O que eu faria agora?

& Sessenta e três &

Cairon

- PENSA KÉSSIA... Algum detalhe. De como foi que aconteceu... - Segurei-a pelos ombros.

- Bem... Nós estávamos conversando e de repente ela levou a mão à testa e caiu, não reclamou de dor nenhuma. - Fiquei estático... Como caiu?

- O que está me dizendo Késsia?

- Que a Liara desmaiou doutor. O Murilo a socorreu e me pediu para chamá-lo. - Eu quase comecei a gritar e a sorrir, mesmo podendo ser algo sério, dos males o menor. - E agora como não estão aqui, alguém deve tê-los levado... A um hospital, ou algo assim.

- E você quase me enfarta Késsia? Achei que tivessem sido sequestrados.

- O senhor que está histérico. Eu hein... - Ela voltou

ao balcão.

Levei a mão no bolso peguei o celular, e liguei para o Murilo.

- Cara quer me matar?

- Eu pedi a Késsia para te avisar, só que a desesperada não ouviu quando eu gritei que viria à frente até o hospital. - Ele me explicou onde estava sendo o atendimento. Desliguei, voltei ao TRF, peguei minha pasta e fui encontrá-los.

Quando cheguei, ela estava dormindo, estava medicada.

- O que houve? - Fui até ela e passei a mão em seu rosto.

- A médica que atendeu disse que não sabe ao certo ainda, mas que pode ser somente uma crise nervosa. Cansaço mental.

- Devia ter pedido que ela fizesse um teste de gravidez.

- Ela colheu o sangue para saber isso também. Foi à primeira coisa que ela perguntou. Eu não soube responder se teria chances de ela estar grávida, mesmo assim ela fez

o exame.

- E quando fica pronto?

- Antes de o bebê nascer. - Olhei para ele, se logo se afastou. - Eu sei lá, nunca fui fazer esse exame.

- Sua namorada quis me matar do coração. Achei que alguém os tivesse levado.

- Ela ficou assustada, gosta muito da Liara. Até eu estou aprendendo a gostar dela.

- E eu nem acredito em milagres assim.. - Acaricieei seu rosto. - Foi muito estresse só em meio período. Primeiro a Giovanna, depois a tal revista, ela deve ter ficado emocionada por que a moça que estava na foto da revista, no caminho para o fórum que eu descobri que era, uma moça que atendia na pensão onde elas ficaram. Mencionaram sobre a mãe doente. Isso deve ter trago lembranças dolorosas. Depois a chata da Ana Luíza., nos surpreendeu juntos.

- E por falar em chata. Os dias dela estão contados no fórum pelo menos, mas o Heitor estava justamente me contando alguns detalhes, quando a Liara sentiu-se mal, e juntando o que temos com o que ele tem. Quer ouvir?

- Diga. - Mas não houve tempo. A Médica entrou com uma prancheta nas mãos. Quando ela me viu com certeza me reconheceu. Olhou para a cama e deu um sorriso enigmático.

- Meritíssimo ou Vossa Excelência? Sempre tive a dúvida em como usar o tratamento, axiônimo para um Juiz, mas como não os encontramos tão facilmente.

- É por que a doutora não tem ido aos lugares corretos. Se quiser nos encontrar, no fórum, ou no TRF, estamos lá todos os dias.

- Diz isso aqui, mas quando a pessoa chega lá é tanta burocracia que até desiste de conversar com o Juiz.

- Não. Claro que não chegue e peça para conversar com um Juiz e queria só bater papo. - Ela sorriu. - Não vão deixar mesmo. Mas se quer tirar alguma dúvida. Os estagiários ou os promotores do local irão orientá-la. Caso queira assistir uma sessão, eles irão direcioná-la.

- Viu só, - ela sorriu, - não cheguei ao Juiz. - A médica era muito simpática. Até demais.

- Quanto ao tratamento axiônimo... Pode me chamar de Cairon. Não estamos no TRF. – Foi uma boa saída.

- E lá?

- Meritíssimo. - O Murilo respondeu. - Vossa Excelência será usado em uma sessão de julgamento, pelo pessoal do Jurídico.

- E como está minha namorada doutora?

- Negativo para o beta HCG. - Ela olhou na prancheta e depois olhou para nós. - Ela poderá repeti-lo em duas semanas. - Ela não estava grávida... Ainda. - Os níveis de beta HCG começam a subir só depois de oito dias de fecundação. Então se acharem melhor... Agora ao que tudo indica é estresse e está também com um pouco de anemia.

- Vai deixá-la aqui?

- Não há necessidade de ficar aqui. Mas vou prescrever repouso. Vamos só aguardar que ela se recupere da medicação que demos. - A médica saiu e mal tinha fechado a porta a Li começou a se virar na cama.

- Oi. Querendo dormir mais um pouco? - Ela olhou em volta e se localizou.

- O que houve?

- Vou aguardar lá fora. Quando quiserem ir para

casa. - Antes que ele saísse pedi um favor. Que fosse até o TRF, e solicitasse de minha assistente a documentação que estava separada sobre minha mesa, ela saberia, e me trouxesse, não voltaria ao trabalho hoje.

- Vou pedi-la para separar e enquanto vocês são liberados eu busco. - Ele saiu.

- Não tem se alimentado direito. - Segurei sua mão.

- Eu estou em um processo na escola muito difícil de adaptação com matérias complicadas. Às vezes só lancho a noite.

- O problema não é lanchar... É o que lanchar.

- Foi só por isso que senti aquele mal estar?

- Chegou a desmaiar. A princípio sim. Ela fez o exame de gravidez, mas não acusou nada.

- Hum... - Ela se entristeceu. - Eu queria muito dar esse filho a você.

- Hei... Calma. Parece até que é uma obrigação. Estamos juntos não estamos?

- Sim.

- Então... Quando ele tiver que aparecer. Será bem-vindo. Não vamos entrar em neura. Combinado assim?

- O que deu com a doutora aquela hora?

- Não vou falar de trabalho com que está em um quarto de hospital.

- Imaginei.

- Só não esquite a cabeça com ela. Em breve não estará mais conosco. - Me lembrei do Heitor... Liguei para o Murilo e pedi que o levasse também para minha casa. Vamos ver o que tem de novo nesta estória.

- Algo acontecendo? - Ela perguntou quando desliguei o celular.

- Você está no mesmo lugar onde estava a dois minutos atrás nada mudou. - Beije sua boca.

- Hum hum... Com licença.

- Entre doutora.

- Vejo que está melhor Liara.

- Estou. Acho que nem precisava ter vindo até aqui. Exageros de homens.

- Sempre é bom ter cuidado com a saúde. Vou te receitar alguns medicamentos que devem ser seguidos à risca... Acompanhados de um bom repouso. Precisa de atestado meritíssimo?

- Sim.

- Só para o repouso dela ou pelo seu dia de hoje?

- Não brinca?

- Não tem que levar um atestado?

- Não sei. Nunca me pediram... Quase nunca faltou ao trabalho.

- Que bom! Só ouço falar coisas boas a seu respeito. - Sorri e olhei a Li. - Quando a médica me entregou os receituários com a alta, a receita e o atestado... Despediu-se de nós e se foi.

- Que atenção ela te deu...

- Não... Não, Não. - Fiz cócegas nela. - Sem estresse. Vamos embora. Quer que eu te leve no colo até a porta?

- E matar essa mulherada de inveja? Não. Obrigada. Consigo ir caminhando, e não brinque comigo senhor Cairen.

- Eu sou o culpado agora? Ela foi atenciosa com nós dois. Você é ciumenta assim mesmo?

- Sou. Não me conhece. E sou brava também.

- Estou conhecendo.

- Não é ciumento? Ou é muito seguro de si?

- Sou. Sou muito ciumento. Mas confio bastante em você!

- Está insinuado que eu não confio em você? Em você eu até confio. Um pouco... Eu não confio é nessa mulherada meu amor. - Ela me abraçou e saímos, encontrando o Murilo à porta nos esperando.

Em casa, depois de ver a Liara tranquila e repousando voltei para a sala, fiz uma ligação e me sentei novamente com o Murilo e o Heitor.

- O que vocês têm para apresentarmos ao conselho?

- Várias novidades. Com isso não só conseguiremos a transferência dela, como também o ajudaremos em sua operação.

- Então fale...

- Ela não é namorada do Jacques ou do Jefferson como eu suspeitei no começo. - O Heitor deu a informação com a maior naturalidade.

- Chegou a pensar isso?

- Eu também havia cogitado a hipótese. - O Murilo interveio. - Mas tudo levava a crer que o procurador

conhecia o relacionamento dos dois e não se importava.

- Talvez tenham um relacionamento aberto. -

Cogitei.

- Eles são primos!

- Conte os detalhes Heitor...

- As provas que nós encontramos, me deixaram desconfiado que eles tramassem realmente contra o senhor, mas não conseguimos juntar todas as peças de imediato.

- Ele é nosso homem?

- Pode ser que seja, mas não com o senhor está pensando. O Jacques... Tem um currículo extenso, aos nove anos vendia pastéis nas ruas, e as pessoas diziam que era muito esperto e ele, acho que acabou acreditando nisso, tanto que, na pré-adolescência, virou sacoleiro.

- Contrabandista você quer dizer. – Sorri.

- Digamos que sim. Bom.. Com isso, suas atividades avançaram e ele veio a se tornar também um doleiro. – A palavra doleiro estava citada por várias vezes em meu processo, mas só falavam doleiro, nunca o nome do cretino. – Mas, nunca teve tino para os negócios,

ficando sempre por trás de tudo, ao mesmo tempo em que ganhava perdia muito. Nesse meio tempo ele foi preso e conheceu... Advinha? Franz!

- Na época ele devia ser promotor. – Deduzi.

- Isso mesmo, e desde pequeno deve ter sido ganancioso, tanto que viu no Jacques, sua chance de crescer.

- Investindo nos políticos sujos e seus caixas dois?

- Isso mesmo meritíssimo.

- Mas o que o Jacques ganhava com isso?

- Eles o ajudavam a enviar remessas ilegais de dólares para o exterior, como ele não tinha entendimento, eles “os favorecidos” faziam a parte burocrática.

- Unindo o útil ao agradável. – Era o jeito de o Murilo entender.

- Lavagem de dinheiro Murilo! Lavagem de dinheiro. Só não entendo onde entra o Pietro em tudo isso, já que eles têm dinheiro.

- Não mais depois que explodiu a operação facility. As contas foram bloqueadas, sigilos telefônicos quebrados, e devem estar desesperados.

- Lógico, o Jeff, é um idiota, pobre coitado, mas o Jacques... O Jacques conseguiria se reerguer tendo capital em mãos.

- E descobrimos que tem um terceiro irmão... Jaelson, que está no presídio federal, era ele, que eles queriam transferir no dia da invasão ao fórum. Devem estar querendo libertar o irmão. Esse nome te é familiar? - Não. Não me lembrava desse nome. – Jaelson foi citado em uma operação coordenada pelo senhor três anos atrás. Ele era proprietário de uma empresa de transportes e que no fim, descobriu-se que era só fachada para contrabando de cigarros, está preso, mas nunca entregou os companheiros.

- E agora, entendo que por se tratar da família.

- Pobre Pietro. - Eu fiquei chocado... Levantei-me e caminhei pela sala.

- Que família é essa? Onde a Giovanna foi se meter? - O Murilo tinha razão, só torcia para que a Giovanna não tivesse ciência de tudo isso. – Mas é como minha mãe dizia... Cada um encontra o que procura.

- Então, toda família está no crime?

- Não. – O Murilo se adiantou em explicar. – Os

pais não. O Pai dos irmãos Antunes, é irmão, do pai da Juíza. Nem os pais dos irmãos, nem os pais da juíza conversam com os filhos. Não gostam nem mesmo de mencionar parentesco.

- E onde o Franz entra nesta história? Só intermediário?

- Jogo de interesses. Ele favorece os políticos, e assim se enriquece, para os irmãos, além de levar uma parcela por fora, ainda os detém na palma da mão. E quanto à doutora Ana Luíza... É amor.

Duvidava que fosse mesmo isso, mas tudo caminhava para que estivéssemos no fim das investigações.

- Para os primos, meritíssimo, a doutora Ana Luíza. estar com o Procurador é muito conveniente, assim como ela estar do lado da lei... Quem duvidaria de uma competente Juíza? Assim ela poderia facilitar muitas coisas para os primos. Inclusive as inflações aos autos, ou processos.

- Então acha que todos estão trabalhando juntos?

- Com certeza. E o namorado, ou sei lá o que o

Procurador seja na vida dela não é tão somente mais uma vítima.

- Então precisamos redobrar nosso cuidado.

Uma coisa se passou por minha cabeça. Talvez, até mesmo dentro do conselho houvessem pessoas ligadas à doutora e aos irmãos criminosos. Imagina... Ela poderia estar querendo de fato ser transferida, sair fora e, simplesmente agora eles não permitem, por isso, dizem não ter pedido de transferência, porque ela mentiria quanto a isso, se tem noção que descobriríamos.

- E o tal do Jeff? Fico pensando no que a Giovanna vai fazer sem ele, se estiver envolvido.

- Foi escolha dela. Não foi sua. - O Murilo me lembrou. - Além do mais até agora não encontramos nada que mencione o nome dele.

- Você acha que me preocupo com ela em si? Não, minha maior preocupação é o Pietro, e essa criança que está a caminho.

O Heitor me entregou a pasta, e eu sugeri que ele tirasse xerox, e criasse outras pastas, para não corrermos nenhum risco.

- E o que ela queria com a pasta do Jacques?

- Simples... Era deveria apagar todos os dados dele, assim como há registros dele em algumas cidades que não constam nos nossos arquivos. Por isso a demora dos meus homens em localizá-lo. Ela é muito bonita consegue facilmente enganar os homens. Apagado no sistema, e arquivos apagados, o homem volta às ruas, sem nenhuma acusação.

- Então aquela invasão do fórum é armação deles?

- Sim. O presidio para o qual eles queriam transferência do outro irmão, não é de segurança máxima e provavelmente ela tenha mais chances de ajudá-los a sair.

- Então os dois irmãos estão no mesmo presídio?

- Sim.

- Então precisamos pedir que redobrassem a vigilância sobre eles. Droga! Se eu soubesse não teria mandado o Jacques para lá. - Ouvimos baterem à porta.

- Posso entrar?

- Deveria estar deitada.

- Bom... Vamos lá Murilo? – O Heitor se levantou.

- Vamos. Vai sair ainda Cairon?

- Hoje que não. Vou ler alguns documentos e cuidar desta criança.

- Que gracinha. - Ela me abraçou. Eles se despediram e saíram. - A Magna disse que podemos tomar café.

- Queria lanchar você... Mas está de repouso.

- Deixa de ser bobo... Ela não disse repouso de sexo. E se dissesse seria interessada.

- Implicou com a coitada da médica. - Sorri e fomos abraçados até a mesa onde o café da tarde estava sendo servido.

Lanchamos e descansamos bastante. Quando eu percebi que ela havia dormido, voltei para o escritório e trabalhei nos documentos durante toda tarde. Por volta de dezoito horas o Murilo apareceu.

- O Primeiro passo foi dado. Acabamos de entregar todas as provas no Conselho, e também ao TRF, para se juntarem à sua operação. Agora é torcer para que ninguém do conselho seja da corja e tenha acesso a eles. Não vai sair mesmo?

- Não. Hoje ficarei em casa. Venha com a Késsia

mais tarde e traga pizza. Vamos ver um filme.

- Viremos sim. Ah... A Késsia me pediu para levar um xerox do atestado da Liara na faculdade.

- Que bom que ela se lembrou. Passaria despercebido.

- Amanhã quer que eu peça alguém para vir ficar com ela?

- Não será necessário, a tia dela virá. Liguei para ela mais cedo e ela vem passar uns dias.

- Está me saindo um ótimo marido.

- Sempre fui, só não tive uma ótima esposa.

Ele se foi e fui até o quarto ver se estava tudo bem! Ela estava no banho e eu entrei para ajudá-la. Fizemos carícias um no outro. Trocamos carinhos e muitos beijos apaixonados. Mas não chegamos a transar. Respeitamos pelo menos esse momento em que ela parecia estar realmente muito abatida.

O Murilo veio à noite e comemos pizza diante da TV... Como coisas pequenas podem fazer a diferença. Ela parecia uma criança, mesmo com ar cansado.

- Sente falta disso?

- Sinto. Comer pizza... Sanduíche.

- Pode falar comigo sempre que sentir que algo não está deixando você feliz! - Ela mordeu o último pedaço de pizza.

- Você também precisa me dizer quando algo não estiver bem!

- Então este será nosso combinado. Se algo incomodar vamos conversar. Sempre.

- Sempre.

& Bônus &

Liara

- NÃO PENSEM QUE ganharam pedindo meu afastamento, só perderam a chance de virarem gente. – Duas semanas haviam se passado desde o dia em o Cairon havia voltado aos depoimentos da Facility e pelo que estava vendo não só a cidade, como todo o estado estava sendo revirado.

Fiquei me lembrando destas palavras que a Juíza disse ao sair do fórum ontem. Eu quase cheguei a sentir pena dela.

Ela começou a ficar desorientada ao saber que estava proibida sua entrada no Fórum, depois de ser afastada do cargo de Juíza.

Não foi destituída do cargo, mas está sobre investigação.

Não houve fogos e festa por que quem estava à frente de tudo era o Cairon, o TRF e o CNJ. Se fosse a gente aqui no fórum, aí sim, a começar por mim, e a terminar no Heitor, teríamos comemorado com champanhe. Ele ajudou no caso como um verdadeiro promotor, e olha que nem trabalho no TRF.

O Cairon me explicou sobre como conseguiram afastar a Juíza. Ele era suspeita de favorecer um advogado, e um político, em um processo recente, com decisões judiciais e receber por isso. A investigação também apontou que a magistrada era sócia oculta em um esquema de venda de sentenças judiciais da cidade. Assim ela era afastada, naquele dia por ordem do Juiz Walter, atendendo a um pedido do Ministério Público.

Se não achasse pouco, agora o Cairon a estava citando na operação Facility. A doutora estava sendo

investigada por suspeita de possuir um patrimônio incompatível com a renda.

Todos começavam a se sentir aliviados, só o clima na faculdade não foi legal quando vi meu coordenador de curso. Passou por mim sem dizer ao menos oi. Quando cheguei a casa o Cairon me contou sobre o envolvimento dele com a Juíza.

& Sessenta e quatro &

Liara

SE ESSA FESTA DO Pietro não fosse hoje eu iria morrer. A Giovanna liga para o Cairon a todo instante, eu entendo que ele quer que eu vá com ele, mas não posso nem me imaginar no mesmo recinto que aquela mulher.

- Está lindo! - Olhei para ele no espelho. - E não deveria, deveria ir feio. - Brinquei.

- Eu te disse que está mais linda hoje que nunca?

- Umas três vezes, mas como eu acho que é para eu não ficar brava com você.

- Brava? Você que não quis ir comigo. Acha que não

defenderia você da Giovanna? Principalmente porque estou pagando sessenta mil por essa noite.

- Não é sobre o ir, eu consigo ficar brava só em saber de como as mulheres irão se comportar sem que eu esteja por perto.

- Então vamos, ainda dá tempo.

- Não Cairon. Vamos respeitar o espaço de cada um. Vou me sentir melhor assim. - Me deu um beijo e eu o acompanhei até a porta.

Assim que ele saiu me bateu uma vontade imensa de comer algo azedo, fui até a cozinha e preparei uma salada, sentei-me na sala com a saladeira no colo e comi toda a salada que havia preparado.

Assisti a um filme esperando o Cairon. Ele disse que não iria demorar... A festa também pelo que entendi não vai até muito tarde, devia estar chegando. A TV mostrou uma propaganda sobre micro-ondas.

- Hum... Pipoca.

Corri até a cozinha e preparei. Voltei para a sala e devorei o pacote de pipoca com ketchup, tomei refrigerante, comi um mouse de chocolate e um pouco de

cereal.

Meia hora depois senti um tremendo enjoou e corri para o banheiro. Parecia que tudo o que eu havia comido até então decidiu não permanecer no mesmo lugar... Acho que estavam brigando por espaço em meu estômago. E sai pipoca, sai mouse, sai salada... Estava até sem forças quando ouvi o Cairon...

- Li, está bem? Bebeu novamente?

- Não... - E mais vômito.

- Quando fica com ciúmes bebe? – Ele me amparou.

- Achei que tínhamos superado isso. Viu só... Fiquei menos que o combinado na festa pensando em você. E até te trouxe um lanche do McDonald's... - Quando ele me mostrou a caixa foi como se eu tivesse engolido um elefante e ele quisesse se livrar naquele momento. Joguei o resto de tudo que havia para fora. - Ele se abaixou e segurou minha cabeça. Quando me senti mais forte respirei. A Magna estava chegando para ver o que estava acontecendo...

- Magna o que acha? Tem algum remédio em casa?

- Ter até que tem, mas eu não daria nada a ela

doutor.

- Mas ela tem estado tão fraca... Com muito sono e cansada.

- Nada que em nove meses não passe. - Nós olhamos para ela e eu vi o sorriso dele se abrir.

- Você acha Magna?

- Tenho quase certeza... Essa semana ela comeu umas coisas mais sem pé sem cabeça.

Ele nem tinha palavras. Ficava sorrindo e olhando para mim ali na situação mais constrangedora.

- Esperem vou buscar um teste.

- Cairon, amanhã a gente faz.

- Não vou conseguir dormir sem saber.

- E eu vou fazer um chazinho para acalmar seu estômago.

- E eu fico aqui sozinha? Hei... Pessoas.

Ele não disse palavra nenhuma mais... Só saiu correndo. Meia hora mais tarde voltava com todos os testes de farmácia que havia encontrado.

- Vem vamos fazer o teste.

- Você acha que vou fazer xixi perto de você.

- E o que tem de mais?

- Não vou conseguir com você me olhando Cairon.

Pelo amor de Deus!

- Então eu vou sair... Leia com atenção e com calma.

Meio minuto depois ele gritava do lado de fora do banheiro.

- Posso entrar?

- Não... Ainda estou lendo.

- E agora?

- Acabou de me perguntar.

- Está bem! Desculpe é que estou ansioso.

Bateu a porta.

- Cairon vai dar uma volta.

- Nunca. Pode ficar calma. Estou aqui.

- Eu estou calma. Você que não está.

Silêncio...

- Cairon...

- Deu?

- Não. É que achei que havia ido dar a volta mesmo.

Quando ele ia responder abri a porta e mostrei o resultado... Ele tomou da minha mão e começou a sorrir e

eu vi uma lágrima caindo do seu olhar.

- Eu vou ser... Pai...

- Na verdade você já é do Pietro.

- Mas quando eu o peguei no colo eu sabia que ele não era meu entende... Eu não o havia feito. Ele é meu porque o criei e o amo com o mais profundo amor.

Ele ficou sentado no chão do quarto e eu no chão do banheiro... Choramos por alguns minutos.

- Nosso filho vai pensar que estamos tristes... -

Disse também chorona.

- Vem... Vamos trocar de roupa. Vamos curtir nosso filho.

Quando o domingo chegou parecia festa nosso apartamento... Os pais dele, Murilo e a Késsia, o Pietro veio. Heitor e a Josy, até mesmo o doutor Breno e alguns outros amigos dele como o Endrigo e a esposa, e o Alex e Sabrina, que são da PF.

- Alguém aceita mais bebida? - Levantei-me para ir buscar. Ele me puxou de volta e cochichou em meu ouvido.

- Deixa que eu vou.

Eu nunca pensaria que em um dia de gravidez e eu já estivesse me sentindo a própria condessa de Lá France.

Às cinco horas quando todos foram embora, nós fomos para o banho.

- Feliz?

- Não sabe o quanto. - Ele se abaixou debaixo da água e beijou minha barriga... A barriga... As pernas... Hum... Desceu mais um pouco e... Sua boca tocava meus pontos mais sensíveis. Fechei os olhos e me deixei levar por aquela boca quente.

Minhas pernas não se aguentavam mais quando me apoiei à parede.

- Cairon... Leva-me para cama e faz amor comigo. - Ele fez... E foi maravilha. - Isso tudo foi para comemorar.

- Praticamente duas semanas sem tocar você... O que queria?

- Ficou assim porque quis.

- Por que era o certo.

- Foi até bom... Assim não fiquei tão sem jeito com minha tia aqui em casa. E por falar nela, não te agradei por ter ligado para ela e pago suas despesas.

- Não precisa agradecer, eu que pedi que ela viesse, o certo era isso.

- Só não entendi o porquê disse que vamos para o aniversário dela, mesmo sabendo o quanto será difícil. Lá não temos a segurança que você tem aqui. Seria alvo fácil.

- Ela nos fez um favor e agora vamos retribuir. Não a ouviu dizer que toda família estará presente?

- E nós somos família?

- Com toda certeza. E também tem aquele ditado...

- Qual?

- Quem vive com medo vive pela metade. Vamos viver. Viver bem!

Ele me beijou e ficamos aconchegados à cama contando histórias de nossa infância. Quando fechei os olhos eu sabia que além de segura e protegida eu era amada. Amada como nunca fui à vida. E eu também queria retribuir. Seria a melhor mãe e a melhor esposa que alguém pudesse imaginar, mesmo que isso custasse minha vida.

& Bônus &

Ana Luíza

— VOCÊ É UMA BURRA mesmo, estava tudo certo, nada poderia ter dado errado se tivesse feito o que eu disse para fazer. Era seduzir o cara, será que até disso se esqueceu?. Será que está perdendo seu poder com os homens?

— Não deu certo. Não tive tempo. O Cairon é diferente.

— É um homem. E poderia estar comendo agora em suas mãos se tivesse agido da forma certa, porque o casamento dele nunca existiu e a Giovanna estava fora do caminho, ele precisava de consolo.

— Eu tentei ser gentil e ele me barrou. Tentei ser arrogante e não deu certo também.

— E agora está apresentando uma catadora de lixo para a sociedade como namorada. Analú, Analú... De que me serve uma mulher com poderes como você. E ainda colocou seu cargo em risco. Não poderei lhe ajudar por

enquanto, espere a poeira baixar e eu mesmo conversarei com os homens para te restituírem no cargo, talvez te mande para outra comarca.

— Duvido muito que isso também vá mais longe do que foi.

— Admita seu fracasso Doutora. — Ele enfatizou a última palavra.

— Idiota. — Ele segurou meus cabelos para trás e passou a língua sobre minha face quase a encostando a minha boca. Que nojo. — Me solta.

— Só não te dou uma lição por quê... — Fui salva pelo celular que começou a tocar na hora. Maldita hora que eu tive que vir a esse lugar, estava bem onde estava. Depois que ele combinou algo com alguém soltou meu cabelo que estava muito dolorido. Era sempre assim. Não sabia dialogar sem tocar em mim. Isso me dava um ódio.

— Preciso ir, tenho uma reunião com meu advogado.

— Presta atenção agora, sabe que as coisas não continuam como antes, tente melhorar seu desempenho. Pense em algo. Você só precisa de uma assinatura do Juiz.

Pense Ana Luíza, Analú. Vai querer voltar a ser mulherzinha de beira de estrada?

— Desgraçado.

— Boca suja agora? Adoro mulheres agressivas na cama.

— Não devia me tratar assim.

— Trato! Sabe que eu criei você, e quando eu quiser, você será minha. Eu acho que pode ser até essa semana. Vamos brincar como nunca brincamos na vida. Eu te mando uma mensagem. Agora vai. Gostosa. – Bateu a mão em minha bunda, se eu pudesse mataria esse desgraçado.

Sai dali pensando no que fazer para que o Cairon assinasse esse bendito papel. Agora que não estava mais próximo, seria muito mais complicado. Eu gostaria de ter conhecido um homem assim como o Cairon. Por que fui me envolver logo com os mais complicados e difíceis de lidar?

Peguei meu celular e liguei para outro mais idiota ainda. Esse tem carteirinha profissional.

— Oi Jeff é a Analú.

— O que você quer? Não basta ter enfiado meus irmãos atrás das grades.

— Não foi culpa minha Jeff.

— Claro que é. Vocês são gananciosos. Querem algo que não pertence a vocês.

— Nem a ele. Ele não precisa disso.

— Nem você Ana Luíza. Não pensa no tio e na tia?

— Se for falar de família então você não está muito diferente de mim. O Tio também é muito decepcionado com você.

— Por que meus pais não sabem a verdade, mas um dia terei a oportunidade de contar a ele tudo que aconteceu.

— Vá se humilhar novamente. Você é um pobre-diabo que não tem personalidade.

— E você não tem moral.

— E por falar em moral preciso falar com a Giovanna e você vai fazer com que ela me receba.

— Nunca. Vocês não envolverão nem a Giovanna novamente e nem o Pietro nesse rolo de vocês.

— Então do que serviu você voltar com essa mosca

morta se não for para que ela nos ajude?

— O que eu podia fazer por meus irmãos eu fiz Ana Luíza, agora... É cada um por si.

— Jeff sabe que seu filho pode estar na mira, O Cairon tem uma ligação muito forte com o menino e...

— Se encostarem-se a ele... Vocês estarão todos presos. Eu mesmo entrego um a um.

— Covarde. Somos sua família.

— E só por essa infelicidade eu ainda mantenho contato com vocês.

— Então não vai facilitar não é?

— Não. E nos deixe em paz, minha parte do acordo eu cumpri.

— Vai ter noticias de nós.

— Aguardo.

Que droga porque agora todo mundo decidiu ter uma consciência. Preciso do Jacques. Ele sim é um homem de coragem e cretino o suficiente para topar qualquer parada.

A Giovanna não vai deixar de ajudar o Jacques ela sabe que ele pode complicar a vida dela, e muito. Não só com o Cairon e a sociedade, mas também com o próprio

Jeff.

Liguei para um amigo e em dois minutos tinha o celular dela. A vaca não me atende. O Jeff já deve ter falado com ela. Mas eu não desisto. Agora nem pelo chef, mas por questão de honra.

& Jeff

— Eu sabia que ela iria te ligar. Simplesmente não atenda. Precisamos dar um basta nesta história, pensar nesta outra criança que vem por aí.

— Jeff eles não vão desistir.

— Nós também não Giovanna. Não seja fraca desta vez. Já fomos jovens, cometemos nossos delitos e pagamos por eles. Agora é vida nova.

— Promete que por nada nesta vida vai me deixar?

— Claro que não. Estamos juntos.

— Jeff. – Me virei para ela.

— Sim.

— Não. Nada não. Quer dizer, e se no passado eu...

— Não vamos falar de passado Giovanna. Já conversamos várias coisas e prometemos um ao outro que só voltaríamos se fosse para sermos uma família.

Sai da sala e tinha um plano. Odeio admitir que precisasse de ajuda. E se eu falar com ela sobre os pensamentos que ando tendo ultimamente ela não me apoiará.

Olhei para o papel em minha mão, com o número de celular. Liguei. Chamou a primeira e a segunda, e atendeu. Preciso ser firme e corajoso. E preciso agir mais rápido que eles.

— É... Aqui é o Jeff, antes que desligue, preciso que me ouça. Quero ter a oportunidade de curtir minha família, meus filhos. Só que para isso preciso acertar contas com o passado. Ainda está aí?

— Sim. Estou ouvindo como me pediu.

— Existem algumas coisas que sei, mas não é o suficiente. Mas preciso de uma garantia de segurança. Para mim, a Giovanna e o Pietro.

— Tem a minha palavra.

— Podemos nos encontrar em algum lugar seguro?

— Eu providencio e te retorno.

Desliguei o telefone e guardei no bolso. Era um tiro no escuro. Não sei em quem posso confiar. Tomara que não esteja errando mais uma vez.

Voltei até a sala e encontrei-me com o Pietro de mochila pronta para ir à escola.

— Pronto rapazinho?

— Pronto.

— Os meus amigos ficam me perguntando por que você nunca entra até o portão.

— Diga a verdade, que preciso trabalhar.

— Você disse que me levaria no seu trabalho um dia desses mais ainda não cumpriu. – Enquanto caminhávamos para o carro ele ia fazendo as queixas de sempre.

— Eu me lembro de ter te explicado sobre o perigo que é uma oficina. – Vendo que ele fazia um olhar triste, contei sobre um incidente que ocorreu outro dia na oficina. Um dos funcionários quase morreu. Estava debaixo de um caminhão mexendo no freio e o calço da roda se soltou e o caminhão passou por cima dele.

- O que? Só pode estar mentindo. — A gente não tinha ainda muita intimidade, mas, eu estava tentando.
- Não. Estou dizendo a verdade.
- E mesmo assim ele não morreu?
- Não. Quebrou a bacia, a perna e três costelas.
- E ele vai voltar a andar?
- Sim. Os médicos disseram que demora um pouco, mas que ele vai sim.
- Podemos visitá-lo qualquer dia?
- Se quiser venho pegar você depois da aula e te levo para conhecê-lo. Ele ficará muito feliz em te ver.
- Mas não vai se esquecer desta vez?
- Não. Não irei me esquecer.
- Meu pai nunca deixou de cumprir uma promessa.
- Eu sou seu pai Pietro.
- Hum... Desculpe. Não sei chamá-lo de outro jeito.
- Está tentando de verdade?
- Sim.
- Então tudo bem.
- E se eu o chamasse de papai e você de... Pai.

— Seria um bom começo. — Ao portão da escola abri a porta do carro para que ele descesse e vi seu olhar de tristeza vendo os colegas todos entrar de mãos dadas com os pais. Quando estava quase no portão o chamei. Fui até ele, segurei sua mão.

— Vai entrar hoje?

— Sim. Vou conhecer sua professora. Mas não sei se posso fazer isso todos os dias.

— Então precisa aproveitar para conhecer meus amigos. O João vai ver. Disse que você concertava carros e caminhões, mas ele não acreditou. Você é como o cara do filme dos transformers.

— Nem tanto Pietro. Você viaja em tudo. Que imaginação.

— Papai disse que é porque leio muito e assisto muitos filmes.

Quando avistou um menino ruivo correu ao seu encontro e trouxe-o até a mim.

— Viu João eu te disse que agora tenho dois pais como você? E o Jeff é que nem aquele cara que vimos do filme. Ele concerta qualquer tipo de robô.

— Não filho... De automóveis.

— É... Eu e o João descobrimos que todos os carros e caminhões são robôs sabia? E o dia que me levar a sua oficina eu quero ver um se transformar.

— Eu também quero ir à oficina. Não é justo que você veja a transformação sozinho Pietro.

— Está bem. Quando o Pietro for ele chama você.

— Agora preciso ir.

— Não vinha conhecer minha professora?

— Ah sim. Qual delas é a sua?

— Aquela ali.

Apresentou-me à professora e logo depois partir para o trabalho. Estava sentindo uma sensação nova. Talvez eu pudesse ser mais maleável com o Pietro sem perder o controle da situação. Poderíamos ser mais que pai e filho assim como ele era com o Cairon. Amigos.

Começava a sentir parte de uma família. Não que com meus pais não me sentisse. Mas esta era a minha família. Fui casado e logo no primeiro ano ela adoeceu. Passei seis anos cuidando de uma mulher enferma. É como diz o ditado. Aquilo que não é para ser não acontece.

& Bônus &

Giovanna

Depois que o Jeff saiu decidi atender ao telefonema da Ana Luíza.

— O que você quer?

— É assim que atende a uma velha amiga?

— Se é uma coisa que nunca fomos nem de longe foi amigas. Diga o que quer antes que o Jeff volte.

— Está com medo do irmão mais velho? Devia ter medo dos mais novos. Estes sim, são os perigosos.

— Não quero ficar de papo Ana Luíza. o que quer?

— Preciso que me ajude a fazer o Cairon assinar o documento.

— Essa responsabilidade era sua, ele jamais assinará algo para mim. Nem mesmo a parte da herança que era do Pietro ele deu na separação. Acha que vai assinar um documento?

— Talvez se o garoto pedisse.

— Não envolva meu filho em seus rolos. E mesmo

que ele pedisse. Quando ele ler vai saber do que se trata. E tem mais esta era sua única função no acordo.

— E você vai sair assim sem fazer nada. Ainda ganhando. Porque você ganhou o seu grande amor de volta não foi?

— E você vai ganhar muito mais. Aliás, cada um vai ganhar o que pediu. E não volte a me ligar e nem mexer com minha família. Sabe muito bem que não é a cabeça do negócio. Deixei o Cairon livre porque sabia que ele não ficaria com ninguém enquanto casados e você me faz o favor de perder para uma... Negra, fedida, catadora de lixo.

— Não diga isso da menina. Ela é afrodescendente.
— Gargalhou.

— É verdade. Esqueci-me que estão até movendo um processo contra você.

— Como disse não somos amigas para ficarmos trocando confidencias. Então pense bastante quanto à ajuda que preciso. Sei que o Jacques não ficará feliz em saber que agora está se recusando a nos ajudar.

— O Jeff...

— O Jeff? O Cairon? O Jacques? Pense bem Giovanna com qual você terá mais a perder. — Dizendo isso ela desligou o celular. Logo agora que tudo estava começando a se resolver entre o Jeff e o Pietro. Meu Deus. Pela primeira vez em toda minha vida estava me arrependendo de ter conhecido o Jacques. Não só ele como também o Jaelson e a Ana Luíza. Toda essa família miserável, o único que salvava era o Jeff.

Só mesmo um milagre muito grande poderia nos tirar ilesos daquela situação.

& Sessenta e cinco &

Cairon

— SABE QUE NÃO deveríamos nos encontrar sem um advogado de sua confiança.

— Sei, mas por alguma forma o Pietro me deixou acreditar que posso confiar em você. Que no que se comprometer comigo não irá falhar.

— É estranho estar conversado com o atual da minha ex.

— O mesmo me digo, mas não são assuntos particulares. E ele é de confiança? – Se referia ao Murilo que estava no banco da frente do carro.

— Total. Diga o que quer.

— Quando o pai da Giovanna me encontrou à porta da casa dela ele ficou muito enfurecido. Ele era um juiz de renome e eu um simples aprendiz de mecânico.

— Como se conheceram?

— Através do meu irmão.

— Jacques?

— Sim. Ele a levou até a oficina para consertar o carro que o pai dela havia acabado de dar. Acho que eles estavam fazendo racha e bateram o carro. Ela estava com muito medo e eu fiquei de arrumar o carro. Só que a gente começou a conversar e a sair e de repente estávamos namorando.

— E o pai dela implicou com você só por ser pobre? Eu o conhecia bem e não aparentava ter este tipo de comportamento. Até porque na época eu também estava sem muitas posses.

— O problema nunca foi diretamente comigo.

Naquele tempo o Jacques era um moleque , e junto ao meu irmão, eles começaram a trabalhar com coisas que traziam do Paraguai. Ele se envolveu com a venda ilegal de cigarros, e acabou indo preso. Esse pessoal fez algo e conseguiu tirá-lo de lá. Foi quando meu pai nos expulsou de casa.

— Os expulsou? Por que a você se não tinha nada com o caso.

— O Jacques havia deixado um carro para consertar e não sei o que aconteceu a polícia deu uma batida e encontrou o carro cheio de cigarros. Eu nunca havia visto coisa parecida, então falaram em contrabando.

— Então você foi preso.

— Fui. E fiquei por dois anos preso.

— E o Jacques não fez nada para ajudar você?

— Ele disse que tentou, mas não sei. O Jacques é muito inconstante.

— E a Giovanna?

— Eu fiquei sabendo da gravidez depois que saí, mas vocês estavam casados e pareciam felizes.

— Nunca fomos casados de verdade. O amor que

ela tinha nunca me pertenceu.

— Agora eu sei. O Pai dela disse que eu havia fugido, só depois ela soube que estava preso. Então me casei com uma amiga de colégio. Ela adoeceu e morreu em poucos anos.

— Sinto muito, mas eu conheço toda essa história.

— Tudo bem.

— Posso saber por que me chamou aqui?

— Quero seguir minha vida. Quero ter uma segurança maior, mas não estamos conseguindo nos livrar deles.

— Família é assim.

— Não podemos criar o Pietro e nem essa criança que virá neste clima. Por isso quero me colocar a disposição de vocês, caso precise de testemunha, mas precisa me garantir um lugar em segurança para que eu e minha família nos mudemos daqui.

— Acha que isso vai resolver?

— Não sei. Preciso fazer algo.

— Eu vou pedir ao um promotor amigo meu que entre em contato com você. Ele está à frente deste caso. E

vai orientar vocês.

— Só te peço que não conte nada à Giovanna nem mesmo ao Pietro que contaria a Giovanna.

— Tem medo que ela deixe escapulir algo a eles?

— Ela era amiga do Jacques mesmo antes de me conhecer. E... Ainda hoje sinto que eles guardam muitos segredos.

— Entendo.

— Antes de ir embora me responda uma curiosidade pessoal. Tudo isso é por causa da herança do Pietro?

— Não. É pela herança da sua avó.

— Da minha avó? Não entendo. – Quase ninguém sabia daquela herança.

— Eu não sei te explicar direito, mas eu sei por que já ouvi o Jacques mencionar isso com um amigo.

Agora a coisa começava a complicar mais ainda. A herança da minha avó. O que minha herança tinha haver com eles? Melhor... O que eles tinham haver com a minha avó?

Cheguei à casa a Li já estava dormindo. Fui até o

banheiro tomei banho, voltei à cozinha tomei um copo de suco e abri o notebook. Entrei em minha conta protegida no banco e olhei o saldo. Verdade. Era muito dinheiro. E eu nunca quis mexer. Eu queria fazer algo interessante com este dinheiro. Amanhã bem cedo eu faria uma visita à minha mãe. Ela poderia me esclarecer algumas coisas, já que agora nada mais fazia sentido.

Voltei para a cama e deitei. Fechei os olhos e praticamente desmaiei.

— Meu amor.

— Hum...

— Meu amor. Acorda.

— O que foi? Está se sentindo mal? – Sentei-me na cama esfregando os olhos.

— Só estou com muita vontade de tomar sorvete.

— Não pode ser. Ainda bem que tem muito na geladeira.

— Não Cairon. Eu quero aquele da esquina. Daquela conveniência vinte quatro horas.

— Não Li, eu cheguei tarde. E ainda trabalharei amanhã cedo. Tem julgamento. Não pode ser este que tem

aqui na geladeira?

— Tudo bem. — Ela virou para o canto. Eu sabia que amanhã ficaria o dia todo sem falar comigo.

— Li, sabe quantas pessoas eu terei que acordar para ir à esquina? — Silêncio. — Não. Não sabe. — Levantei da cama e troquei de roupa. Desci de elevador e decidi não chamar nenhum agente. Estavam todos muito cansados. E a final das contas seria só um quarteirão.

Caminhei até lá e quando estava pagando senti uma mão sobre meu ombro.

— Oi doutor.

— Doutora Ana Luíza., passeando a essa hora da madrugada e ainda mais perto da minha casa?

— Agora estou restrita a certas áreas da cidade?

— Não. Tem a liberdade de ir e vir onde e quando quiser.

— O Senhor não quer dar uma voltinha?

— Não senhora. Preciso voltar para casa. Minha noiva está esperando por mim. — Meus olhos quase se fechavam.

— O senhor não entendeu, não o estou convidando.

Estou... – Senti um tom de ameaça, mas o Murilo chegou bem a tempo.

— O que deu em você? Por que não chamou ninguém?

— Doutora. A senhora por aqui?

— Agora vão querer mandar na rua também.

— A senhora dizia mesmo sobre a volta de carro que não era um convite e sim?

— Esquece... Ou o Murilo pode querer vir também.

— Vamos Murilo, não posso me demorar. – Saímos da loja de conveniência e a deixamos lá, fingindo comprar algo. — Acha que ela estava me seguindo?

— Claro. A sua sorte é que um dos agentes viu você saindo e me ligou. Estava de plantão. Na próxima pode não ser tão rápido assim.

— Me desculpe à imprudência. A Li está com desejo de tomar sorvete.

— E vocês não têm em casa?

— Aquele não serve. – Ele riu.

— E quanto a Juíza? Não vai ficar de olho nela?

— Não dá um passo sem que eu saiba.

— Obrigado Murilo e... Desculpe-me pelo vacilo.

Entrei no apartamento e peguei uma colher e uma taça. No quarto ela colocou a taça sobre o criado. Abriu o pote de sorvete feito criança. E olha que esses meses já foram um sufoco atrás do outro. E estamos só na oitava semana de gestação.

— Obrigada meu amor. Você é o melhor noivo do mundo e também o melhor pai!

E mais um vacilo desse e eu poderei ser o presunto mais fresco da área. Mas não falei nada. Deitei e liguei a TV. Fiquei observando-a se divertindo com o sorvete. Esta era a mulher que eu queria ter para o resto da vida.

— Casa comigo? – Ela parou de tomar o sorvete.

— Praticamente moramos juntos a dois meses se não reparou.

— Mas não somos casados. Caso algo me aconteça ficará desamparada.

— Caso aconteça algo com você eu não quero nem mesmo ficar... – Coloquei o dedo sobre seus lábios.

— Casa comigo?

— Claro meu amor! Caso com você a qualquer

momento que quiser.

Mesmo correndo perigo eu queria tentar sempre buscar uma vida normal. E queria com ela do meu lado. Ela, nosso filho, o Pietro e eu. E ninguém tem o direito de mudar uma palavra do que já está escrito por Deus, e Ele um dia havia sonhado com nossa família. Sempre ouvi dizer que o bem sempre vence no fim. Estava na hora desta profecia se cumprir, e eu a faria valer.

& Bônus &

& Késsia

& Sessenta e seis &

Liara

COMUNIQUEI À KÉSSIA que sairia hoje um

pouco mais cedo, assim que cheguei ao trabalho, tanto que o departamento pessoal, já havia sido notificado.

— O pai hoje não estará presente?

— Creio que não, essas audiências, que estão acontecendo, são muito importantes para o desfecho da operação facility. A final o Jacques disse que irá entregar todos, caso ele fosse a julgamento.

— Quero só ver se terá coragem.

— Estou achando que sim, - apoiei-me ao balcão. – Quase não conversamos sobre alguns assuntos. – Eu tinha a informação por tê-lo ouvido junto ao Murilo dizer que o tal Jacques, havia ficado furioso, com a denúncia anônima.

— Foram longos quatro meses de trabalho do Murilo, do Heitor, em parceria com a polícia federal e até mesmo interferência do FBI.

— Heitor? Ele disse que em breve será doutor. – Rimos dos projetos audaciosos do Heitor, mas ele não estava só. Eu também havia feito o concurso para o TRF, estagiária, claro, mas era um grande passo. Eu sabia que passei por conta própria, só sentia por deixar a Késsia e

tantos amigos ali, caso fosse selecionada.

— Agora me diga uma coisa. — Ela colocou a mão sobre minha barriga. — Como está se comportando meu afilhado ou afilhada que completa hoje seis meses? — Poxa o tempo estava voando.

— Agora os enjoos cessaram, mas não foram tão fácil assim e não vejo a hora de chegar ao dia do parto.

— Amiga. Com um pai como o Cairon eu teria um filho após o outro. Acha que não vemos que ele se desdobra para fazer suas vontades?

— Eu fico morrendo de pena, mas é única coisa que pode fazer, uma vez que não pode sentir minhas dores e nem os incômodos que sinto. Paternidade precisa ser responsável desde a gestação.

— Mas vê se pega mais leve, amiga, vai.

— Estou bem mais tranquila agora. Os desejos também pararam. Acha que também não peno nas mãos do Cairon? Ele me faz fazer caminhada, comer coisas saudáveis, Yoga e um monte de outras coisas. Não sei como ainda me deixa trabalhar.

— Depois que pediu ao doutor Breno, que trocasse

sua cadeira para que não precisasse trabalhar de pé, e além do mais olhe para ela, - Olhamos a cadeira giratória, mas muito confortável que ele mesmo havia escolhido, e mandado o pedido ao Breno. - Que conforto. – Nós rimos bastante nos lembrando do dia que ele fez a exigência. Estava no meio de um atendimento.

Ele havia entrado procurando o doutor Diogo, e vendo uma pequena multidão para ser atendida, voltou.

— Amor, acha que está cadeira não está muito baixa?

— Hei amigo é fila aqui, poderia esperar sua vez. – Alguém gritou lá do fundo. Ele simplesmente deu a volta entrou no balcão e regulou a cadeira para que ficasse mais alta.

— Experimenta agora.

— Está melhor. Mas está tudo bem, ainda estou de três meses Cairon. A barriga nem aparece.

— Hei mocinha. Vai continuar a me atender ou não? Você pode namorar no trabalho? Há alguém que a gente possa reclamar?

— Já estou indo. – Sorri sem jeito para a senhora.

— Ela vai quando eu terminar de arrumar a cadeira. A senhor não percebeu que ela está grávida e precisa de cuidados especiais. — Então ela se virou para a Késsia.

— Os juízes sabem que vocês ficam de namorico em vez de atender as pessoas? — Mas antes que a Késsia respondesse ele foi até ela.

— Pronto. O que a senhora deseja?

— Quero que esta mocinha pegue a assinatura do Juiz neste documento para mim?

— E o que seria este documento? — Ele pegou o documento das mãos da senhora e leu.

— O rapaz diz que meu documento sem a assinatura do Juiz é um documento digital que não tem valor algum.

Ele pegou a caneta e assinou, tirou um carimbo de sua pasta e carimbando devolveu o papel a ela.

— Satisfeita agora.

— O senhor é o Juiz?

— Sim. E que bom que eu estava aqui arrumando a cadeira para minha noiva, caso contrário só teria esta assinatura uma semana depois. Então agradeça a ela. — Ele beijou meus lábios e saiu sob o protesto dos que estavam

na fila e que precisavam da assinatura dos juizes em algum documento. E até hoje eu me pergunto se ele podia ter feito aquilo.

- Arrumado sua cadeira?

- Não, assinado o documento daquela mulher.

— Acha que ela não teria voltado muito brava? E se não fosse o pessoal ter descontado em nós sua frustração de voltar sem a tal assinatura teria sido muito divertido.

— Logo depois chegou essa beleza de cadeira. Que indignação com o doutor Breno por não ter comprado duas viu. — Só pude rir.

— Deixa que em breve você tenha um bebê e o Murilo fará a mesma coisa por você.

— Não acredito nisso.

— O que foi? Aconteceu algo? — Ela parecia desanimada.

— A Ana está de volta.

— Como assim?

— Ela quer voltar com ele, disse que pensou melhor e que eles não podem terminar uma relação de tanto tempo assim de repente.

— Gente, ela é amiga da Giovanna?

— Antes fosse, pelo menos a Giovanna não quis voltar. Ela está até de volta ao apartamento deles.

— E ele?

— Dormindo em um hotel por enquanto, mas...

— Acha que ele volta?

— Ele disse que não. Mas acho que ele ficou mexido sim.

— Na hora de aconselhar o Cairon ele parece ter muita certeza do que diz.

— Quando fala comigo também. Mas será que é assim com ela? Para que ela tenha se instalado no apartamento novamente provavelmente não deixou claro.

— E por falar nele... – Ele estava entrando com uma sacolinha de supermercado na mão.

— Oi Liara, como vai meu afilhado?

— Está bem! Mas tranquilo, mas como eu te disse pode ser afilhada também. Só hoje saberei, e depois farei bastante suspense com o Cairon por que não poderá ir comigo.

— Não brinque com meu compadre.

— Tem alguma notícia de lá?

— O Jacques acabou de chegar com a polícia.

— Queria ter visto.

— Não iria gostar. São tragos acorrentados pelos pés e mãos, passam assim por todos. É muito constrangedor. Bom... Késsia, podemos conversar? – Ela me olhou sem jeito, mas como não estávamos atendendo ao público por causa do julgamento.

— Vai lá. Se eu precisar te ligo. Só não se esqueça de que sairei às duas.

Eles se foram, e ainda o vi encostando-se a ela. Mas ela parecia irredutível. Senti uma pontada nas costas e voltei a sentar-me. Essa criança era inquieta, com certeza não puxaria ao Cairon. Ao mesmo tempo em que estava de um lado já mexia do outro. Só Deus para me ajudar nestes quase quatro meses que ainda faltavam.

& Bônus &

Késsia,

MEU CORAÇÃO estava ligeiramente assustado com a possibilidade de perdê-lo, mas eu não abriria mão de minha paz e equilíbrio mental, e essa Ana agora...

- Késsia, a gente precisa se resolver. – Ele parou e me fez parar assim que chegamos ao estacionamento privado do fórum.

Poxa vida, tinha levado um tempo até eu ter coragem de me declarar a ele, e isso aconteceu, porque o vi todo assanhado para cima da Josy, deduzi que algo devia ter mudado. Quando ele me disse que estava solteiro, não pensei duas vezes, mas agora... Havia durado tão pouco. E meus olhos se encheram de lágrimas, me fazendo estranhar minha reação, porque eu sempre fui uma mulher forte, confiante e totalmente independente.

- Que droga! – Pensei alto, e virei para secar minhas lágrimas.

- Não faça isso comigo Késsia, não sabe pelo que tenho passado, só de imaginar que você possa me deixar.

- Então se decida Murilo, porque se essa Ana voltou e por que deu esperanças, e até quando vai deixa-la ficar em seu apartamento?

- Ela vendeu o apartamento dela para viajar, e agora que voltou ainda não conseguiu comprar outro. Tente me entender, eu não fiz por mal, mas não tinha como eu

manda-la embora de qualquer jeito, não sou o tipo de homem que não leva em consideração uma história, afinal são quase seis anos que estávamos juntos, fora que... Nós éramos amigos antes de namorar.

- Então em nome de todo esse tempo, dessa história, você ainda pode reconsiderar o pedido dela? – Ele deu dois passos em minha direção e parecia ameaçadoramente alto.

- Qual a parte de eu não quero te perder, você não entendeu?

Eu havia ouvido, mas ainda não aceitava, era diferente. A Mulher decide deixa-lo, e agora volta arrependida.

- Quem garante que não irá ceder quando ela procurar por você no hotel, ou quando te chamar no apartamento, e ela tentar você?

- Ninguém garante. O que garante é sentimento que despertou em mim.

Quando ele passou a mão em meu rosto, todas a resistência se foi. Sua mão era tão macia, e tão... Grande. Mesmo assim seus dedos eram suaves, e isso mexia com o

mais profundo que e trazia em mim.

Percebi que ele me beijaria, e não fiz como da outra vez que eu o havia empurrado. Seu rosto roçou no meu, me fazendo arrepiar.

- Agora, se quiser que eu fique mais perto de você, podemos dividir o aluguel do seu apartamento.

- Aluguel? O Apartamento é meu. – Respondi em um sussurro.

- E como...? – Todos pensavam a mesma coisa... Como uma simples funcionária do fórum poderia bancar um apartamento como o meu? Simples... Papai! Não contava a ninguém à qual família pertencia, queria crescer na vida por mérito próprio.

- Vai me beijar ou vamos ficar conversando aqui a tarde toda? Preciso entrar, se alguém nos pega aqui, meu trabalho vai estar em risco.

Ele aprofundou o beijo e me encostou à parede tirando meu fôlego. Enquanto me beijava, suas mãos subiam e desciam por meu corpo inteiro, estava vendo a hora em que o Doutor Breno ou algum dos juízes, aparecendo por ali, e me colocando no olho da rua.

Quando senti sua mão desabotoado minha calça, tentei segurar sua mão.

- Murilo, a gente tem que parar com isso, uma hora destas, alguém nos pega, ainda mais esse horário.

- Então me chama para dormir no seu apartamento, vai. – Quem resistia a essa mão, esse corpo e essa voz sussurrando em meu ouvido.

- Não! – Eu não queria esse tipo de envolvimento, também tinha esperanças de me casar um dia e não queria ficar levando homens até em casa, e nesse momento principalmente, nesse momento em que estávamos vivendo com a intromissão da Ana.

- Késsia...

- Késsia nada, resolve sua vida com a tal da Ana, e vem conversar comigo. – Me soltei de suas mãos, e arrumei minha roupa. – Preciso entrar, a Liara precisa sair agora.

Meu corpo quase me traia e fazia voltar, mas persisti com passos firmes, era assim que ele seria meu, para sempre.

& Sessenta e sete &

Cairon

A AUDIÊNCIA SE ARRASTAVA, e até agora ouvíamos uma das principais testemunhas, até que o homem sentiu-se mal.

- Senhor Juiz peço que a sessão seja adiada até que meu cliente se sinta melhor. - Olhei para o relógio e eram quinze para as quatro.

— A sessão será está adiado por duas horas, espero que seu cliente esteja bem e que traga inclusive um atestado médico.

Sai do meu lugar e corri para o meu gabinete. Tirei a Toga e sai correndo do tribunal. O Murilo estava me aguardando.

— Vamos chegar atrasados.

— Calma. São seis quadras daqui.

Quando cheguei a clinica ela já havia entrado.

— Mamãe ouça só.

— Com licença. – Disse abrindo a porta de vagar.

— Entre doutor.

— Desculpe o atraso. – Disse segurando a mão dela.

— Como eu ia dizendo. Vejam bem... Não quero que se assustem.

— Acabei de ficar agora doutor. Assustadíssima. O que é?

— Ouça este coração. – Ouvimos e sorri para ela, ao menos não era algo tão sério. O Coração estava bem forte.

— Estamos ouvindo e? - Disse nervoso.

— Agora ouçam este coração. – Para mim era o mesmo barulho.

— Seja mais específico doutor. O que tem o coração do bebê?

— Não ouviram a diferença?

— Não. – Falamos ao mesmo tempo.

— Nem viram que troquei o aparelho de local?

— Não ressoa em qualquer lugar que o senhor encostar?

— Não senhor.

— Então... — Agora era meu coração que estava descompassado o suficiente para bater mais forte que o do bebê, ou melhor... - São... Dois bebês?

— Isso mesmo. Dois corações. Terão Gêmeos.

— Ai. Meu Deus. — A Liara estava com as mãos geladas.

— Meu amor. — Beijeí sua testa. — Não vê que benção. — As lágrimas vieram aos meus olhos.

— Como vamos dar conta de dois?

— Como assim?

— Eu estava custando a me virar com um, e dentro da barriga, imagina quando nascerem.

— Eles estão na barriga e não farão nenhuma diferença. As dores são as mesmas e o cansaço também. O sono. E quando nascerem teremos ajuda com certeza. Não está feliz?

— Estou assustada.

— Querem ver o sexo?

— Sim. Claro.

— Bem. Vejam aqui. — Ele riscou algo no exame. — Uma menina. E... Aqui, um menino. Um casal. .

Satisfeitos?

— Muito. — Mas ao olhar para a Li fiquei preocupado. — Não está satisfeita querida?

— Sim, estou. E acabo de saber que terei dois filhos sendo que não se sei ser mãe, com um casamento para organizar. E...

— O Casamento é semana que vem. Os gêmeos só virão daqui a quatro meses, é só ficar tranquila. E por falar em tranquila. Preciso ir.

— Não Cairon. Não quero ficar sozinha. — Ela começou a chorar. — Estou com medo.

— Não ficará sozinha. Está indo para o fórum? Ou vai a outro lugar?

— Vou para o fórum.

— Então vamos! Te deixo lá, fica com a Késsia até que eu possa te levar para casa. — Beijei seu rosto.

Deixei-a no fórum, ainda faltavam vinte minutos para o retorno as atividades, previa que a sessão pudesse levar algumas horas do início da noite, entreguei uma chave à Késsia e pedi que quando precisasse ir embora, a deixasse no TRF, em meu gabinete, depois voltei ao

trabalho.

— Senhores a sessão está aberta. — Vejamos até onde esses homens são corajosos. O depoimento do Jacques era o final de tudo. — Com a palavra a promotoria.

— Senhor Jacques Antunes Felaço, em seu depoimento, o senhor confirma conhecer o senhor Murilo de tempos anteriores ao episódio do atentado.

— Sim senhor. Antes mesmo, de o vê-lo, na casa de meu irmão.

- E o que o senhor Murilo fazia ali, nessa ocasião?

- Acompanhava ao ex. de minha cunhada para buscar o filho adotivo.

— E por qual motivo o senhor mandaria matar o senhor Murilo?

— Nosso alvo, não era esse daí, era só para dar um susto no Juiz.

— O senhor diz. "A gente", “nosso” como se não trabalhasse sozinho.

— Ah, por favor, doutor. Sabe que não estou sozinho nisso. Tem mais gente nossa aí fora e eles vão

pegar o doutor.

— Quando o senhor diz dar um susto nos juiz, pode nos explicar o por quê?

Foi quando ele citou pela primeira vez o nome de Kalebe Franz, um dos procuradores do estado. As pessoas soltaram murmúrios enchendo a sala de ruído.

— Silêncio. — O Cairon pediu. — Silêncio, por favor. Continue doutor.

— Na conversa que temos gravada pela polícia federal o senhor agride ao atirador contratado dizendo que ele não cumpriu seu papel inclusive ordena que ele termine o trabalho.

— É... O Pessoal resolveu que devia terminar o assunto.

— O senhor quer ser mais específico em suas declarações. Lembre-se que está sob juramento e todas as suas palavras estão sendo registradas. Quer que eu refaça a pergunta?

— Sim senhor.

— Era para assustar ou para matar o senhor Murilo Wamser?

— A primeira ordem que saiu de mim era para assustar, mas depois a ordem veio de cima, então...

— Ordem de quem? Quem estaria acima do senhor?

— Ele disse aos quatro cantos, que iria falar o nome em troca de segurança na prisão. — E pela segunda vez citou o nome de Kalebe Franz.

— Não ouvimos. Qual o nome? — ao ouvir o promotor foi insistente, precisávamos ter a confissão toda. — Franz de quê?

— Kalebe Franz, é com ele que temos um acordo, com ele que temos um trato, uma sociedade.

— O Senhor por acaso se refere à Kalebe Franz, procurador do estado?

— Este mesmo. Kalebe Franz. Ele é sei lá o que da justiça.

— Eu vou refazer a pergunta Meritíssimo. Senhor Jacques Antunes Felaço, está acusando o Senhor Procurador de Justiça do Ministério Público do Estado, Kalebe Franz tráfico de influência, lavagem de dinheiro e organização criminosa.?

— Não sei se ele é o chefe sozinho ou o que. Só sei

que meu combinado é com ele.

— Meritíssimos, a promotoria solicita uma ordem judicial, para a prisão preventiva de Kalebe Franz. — O Walter quem respondeu, eu não poderia julgar sozinho por estar sendo citado no processo.

— Pedido concedido promotor. — O promotor foi até um dos agentes da federal e entregou a ordem e deu prosseguimento ao depoimento de Jacques. A essa altura meu coração estava acelerado com tanta informação. O que o Franz queria com minha fortuna?

— Senhor Jacques, como o senhor chegou até o Procurador de justiça do estado?

— Ele que chegou à gente.

— Explique-se melhor.

Ele contou a mesma história narrada pelo irmão outro dia, de que fora preso e na cadeia conheceu o então promotor, que o tirará de lá, na condição de dividirem os lucros dos contrabandos trazido por Jacques. Ele viu uma oportunidade e tanto, passar elas fronteiras com facilidade, e poder guardar dinheiro fora do Brasil. Depois o assunto foi só crescendo, segundo Jacques o

homem era ganancioso e começara a almejar cargos maiores, através das influencias que tinha na época, foi quando começaram a traficar cigarros então precisavam de alguém limpo na praça, que não levantasse suspeita.

- Foi quando o senhor conheceu a filha de um Juiz.

— Sim, a filha de um Juiz. — Giovanna. Não... Pelo amor de Deus. Que isso fosse um engano. — Ninguém suspeitava dela por ela ser filha de um respeitado da justiça. A sociedade só olha para os maus vestidos. Gente da alta também é fudido doutor. A diferença é que não temos dinheiro e precisamos dar nosso jeito, eles não. Basta pedir aos pais.

— Prossiga na sua história. Como o doutor chegou até vocês.

— Na época ele era promotor, e estava a fim de virar juiz. Então estava muito amigo do pai da moça que a prometeu em casamento a outro. Ele ia ganhar uma fortuna na época com o tal casamento, mas não deu certo. Então ele veio até a gente, e quando soube de como era esperto decidiu tirar vantagem. Eu tinha a coragem e ele o poder. Sumiu com todas as provas contra nós e assim eu fui livre.

Nesse meio tempo, a Giovanna que estava trabalhando com a gente, se apaixonou por meu irmão, e... começou a querer dar para trás. Foi quando o Franz sugeriu e armou uma cilada para ele, meu irmão passou a ser a garantia. O Jeff só sairia de lá quando fizéssemos alguns serviços para ele. A garota era apaixonada pelo meu irmão então topou. Eu também lógico. Não tínhamos dinheiro para tirá-lo da cadeia, ele mesmo tinha dado um jeito para que o juiz estipulasse um valor fora do comum.

— Então ele retirou seu irmão e em troca, quais foram os trabalhos que deviam fazer.

— Não tirou a principio, mas estava trabalhando no caso. A Giovanna não sabia que o outro pretendente para ela era o Franz. Mas ele já sabia que o futuro marido dela seria o também promotor Cairon. Quando viu que não tinha chances de se casar com ela, o Franz mudou o plano, disse que a Giovanna se casasse com ele, e que quando o meu irmão saísse da cadeia ele daria um jeito de ajudá-la. a se livrar do Cairon, para ela ficar com meu irmão. Tinha mais chances do pai da Giovanna dar o dinheiro ao Cairon do que ao Franz e que a gente racharia em partes

iguais.

— Então o senhor ficou trabalhando para ele.

— Claro, nasci com um dom doutor, eu sei fazer dinheiro brotar. E como eu mexia com dólar na época, passei a investir no negócio que o homem dizia rentável, eu dava um dinheiro para alguns políticos, e em trocas uns faziam vista grossa para uma coisa, o outro nos ajudava de outra forma, e em pouco tempo estávamos ricos. E o melhor de tudo é que... Nada de ficha com a polícia, tudo sumia.

— E seu irmão Jaelson. Não estava na história?

— Não... Meu irmão Jaelson continuava com o pessoal dele que já estava crescendo no bairro. O negócio do meu irmão era drogas.

— E sua prima Ana Luíza?

— Protesto Meritíssimo. O réu está sendo acuado a falar da família sendo que não é o que está em questão no momento.

— Protesto negado. Continue promotor.

— Obrigado Meritíssimo. Vou repetir a pergunta. E sua prima Ana Luíza?

— Era uma criança. Estava desesperada por dinheiro na época e cogitou trabalhar para gente, ela queria de toda maneira ter uma vida como a que a gente levava, porque a gente não saía zoando, queimando grana, mas ela sabia que a gente tinha. Mas essa vida não era para ela não doutor, muito bonita e inteligente. Aí um dia mostrei a foto dela para o Franz e ele não aceitou que ela andasse com a gente, e prometeu ajudá-la, pagando sua faculdade e lhe dando um trabalho honesto.

— Ficando toda família nas mãos do então promotor?

— Sim senhor.

- Protesto Meritíssimo... Isso é...

- Protesto negado.

— E por que o senhor está se dispondo a falar somente agora?

— Por que, são motivos pessoais.

— Gostaria de lembrá-lo que está sob juramento.

— Eu, me apaixonei. – Disse sem ser questionado.

— Se apaixonou por uma mulher e agora quer viver sua vida tranquilamente. Voltar a viver em sociedade

dignamente. Isso é justo.

— Não, me apaixonei por meu filho.

— Seu filho? Meus parabéns. Sua esposa vai ter um filho.

— Não. Eu... Já o tinha e não o conhecia. Na época que meu irmão estava preso e para que o casamento dela se acelerasse foi preciso que ela dissesse que estava grávida. Então nós...

— Vocês tiveram um filho.

— Sim, mas ela teve que dizer que era do meu irmão, porque o pai dela que estava muito irritado com o Jeff, a obrigaria casar em pouco tempo, e foi o que aconteceu, minha ficha estava limpa na época, por causa das ajudas, se dissesse que era meu, talvez ele não cumprisse a ameaça de casá-la com o promotor. — Eu não estava acreditando no que estava ouvindo. O Pietro era...

Foi preciso beber água neste momento. Se não estivesse sentado não conseguiria ficar de pé. Respirei fundo uma vez. Duas vezes. Até o Jeff era enganado na história, ou sabia que o Pietro não era seu filho?

— Meritíssimo. — O Walter me chamou baixinho,

sabia das minhas condições emocionais.

— Está tudo bem. Prossiga. — Ordenei.

— Então quando o meu irmão saiu da cadeia o Franz não deixou que a Giovanna se separasse do agora Juiz. Ele estava muito irritado e não queria somente o dinheiro do garoto queria também outra fortuna. Disse que era coisa grande. Que não era a merreca que o pai da Giovanna havia deixado, mas que com esse dinheiro não precisaríamos nunca mais voltar a fazer coisas ilícitas. E que tudo precisava ser feito no tempo certo, para que nenhum detalhe fosse passado despercebido.

— A Giovanna se separava e levava metade da fortuna. A Juíza se casaria com ele e ficaria com a outra metade.

— Não senhor, a idiota da Giovanna, na época uma criança pediu que casassem em regime de separação de bens, então não restava o garoto, mas chegou um tempo que o Franz não queria mais o dinheiro do pai da Giovanna, somente o da herança, nos bastava, segundo ele. Ele tem um documento da avó do Juiz dizendo que caso ele abdicasse de sua herança. O dinheiro seria

entregue ao seu advogado que deveria revesti-lo em obras de caridade.

— No caso ele era o advogado dela na época?

— Não sei. Só sei que tem este documento e eu já vi pessoalmente e diz que é válido em todo território nacional. Só precisa da assinatura do doutor.

— E ele provavelmente tem uma firma registrada sem fins lucrativos para a qual daria o dinheiro.

— Não sei não senhor.

— Meritíssimos peço mais uma vez suspensão da sessão até amanhã quando poderemos ter a presença dos demais citados no auto.

— Nos reuniremos amanhã às dez da manhã. E que estejam todos aqui. — Assinei as ordens com o Walter e sai da sala. Eram nove horas da noite. Eu estava sem chão. Estava com fome. Só então me lembrei de que não havia almoçado. Olhei no relógio e me lembrei da Liara.

Fui até o gabinete e a encontrei deitada no sofá, coberta com uma de minhas capas.

Coloquei a cabeça entre minhas mãos apoiadas nos joelhos sentados e chorei pelo Pietro. Como ficaria a

cabeça do menino? O pai da Giovanna sabia ao certo o que ela estava fazendo por isso tanto cuidado com o dinheiro. Tantas recomendações. E no que ele achava que estava sendo esperto, o Franz foi mais esperto que todos nós.

Não me lembro de qual foi o momento em que ele criou esse ódio de mim. Não me lembro do que foi que eu fiz a ele para que criasse toda essa situação. Envolvesse tanta gente por causa de uma herança.

Eu havia conversado com minha mãe. Mas ela não se lembrava de nada referente à minha avó comentar com ela sobre a herança.

— Você está bem?

— Não. Murilo. Não estou. — Falei o mais baixo que pude.

— Vou levar vocês para casa e deixar a Késsia na casa dela. O Walter me pediu que eu viesse e me contou da declaração do Jacques. Se quiser beber um pouco depois.

— Preciso descansar. O dia foi muito corrido e eu não sei se darei conta do amanhã.

— Claro que dará meu amigo. Estamos juntos. Lembre-se que duas fofuras estão vindo por aí para alegrar nossas vidas. — Só assim eu sorri.

— Verdade, mas mesmo estando alegre por mim. Não queria estar na pele da Giovanna, e não posso me alegrar sabendo da sina do Pietro e até mesmo do Jefferson. São atos impensados que destroem a vida de muita gente Murilo. Eles não tinham este direito de envolver uma criança.

— A Giovanna vai ser indiciada?

— Depende do que acusarem ela amanhã. — A Liara se mexeu e acordou.

— Nossa, quantas horas?

— Quase dez meu amor. Estava com pena de acordar você.

— Acabou?

— Ainda não.

— É só a primeira parte. Pelo jeito amanhã poderá trazer seu jantar caso não queira deixar meus afilhados com fome. — Ela sorriu.

— A Késsia não me deixou ficar com fome. E...

Onde ela está? – Olhou para o lado e reconheceu que havia ido para o TRF.

— Foi buscar... – Ela entrou.

— Oi. Vamos embora?

— Vamos sim. Estávamos falando de você.

Sáímos pela porta do fundo, e naquele dia o único que vimos pelas ruas dos poderes, teria sido o Heitor, que escondia alguém dentro do carro.

Entramos no carro dando altas risadas, mas dentro em meu coração algo me incomodava. E precisava descansar porque provavelmente amanhã ainda haveria maiores revelações. O emocional não pode ser maior que a razão, dizia meu pai, emocional e razão precisam caminhar juntos.

& Sessenta e oito &

Liara,

A RUA DOS PODERES PAROU para ver e ouvir um dos seus no banco dos réus. Nenhum dos prédios estavam funcionando devido à seriedade da sessão que

ocorria no TRF. — E como eu não podia ir para casa, teríamos que trabalhar em regime interno, acabei fugindo e com a ajuda do Murilo, assistia de longe à sessão.

— Está aberta a sessão. Com a palavra a promotoria. — O Cairon iniciou a sessão às treze horas em ponto. A sessão havia começado de manhã, mas havia sido tumultuado pelo advogado de defesa e pelo Procurador de justiça do estado, que insistia em não poder ser julgado naquela casa.

— Excelentíssimo Doutor Cairon Swift Filho presidente deste tribunal do Júri. Quantas vezes assistindo da plateia os juris conduzidos por vossa Excelência o admirei por vossa condução firme e imparcial de seus julgamentos. Mesmo nos casos de grande repercussão e apelos midiáticos. — O promotor se virou para o advogado de defesa. — Excelentíssimo doutor André Braz, a quem nos honra muito compor a tribuna de defesa. Hoje aprendi muito com vossa excelência e fico surpreso quando vossa excelência vem e pede a absolvição do acusado. E na parte da manhã fiquei admirado porque o senhor conseguiu fazer milagres. Mas não posso deixar de levar o

caso adiante simplesmente pela admiração que tenho pela vossa excelência.

— Vamos parar balela e ir direto ao assunto. Vocês estão cometendo um erro trazendo a tribuna um homem da minha importância. Não sei se estão cientes, que ainda tenho um cargo neste estado. E que tenho quem pode tirar vocês todos do cargo de vocês.

— Excelentíssimo doutor André Braz, queira lembrar seu cliente que aqui dentro ele não está como Procurador de Justiça do Ministério Público do Estado. Mas está aqui como réu citado em um processo, acusado de tráfico de influência, lavagem de dinheiro e organização criminosa.?. – O Cairon o advertiu.

— Sim senhor excelência. – O advogado falou com o Franz. Que estava muito alterado.

— Prossiga a promotoria.

— Como eu estava dizendo, senhor Kalebe Franz. O senhor é citado como mandante de... – Enquanto o promotor começava a falar tudo o que havia no processo e mais algumas coisas, a confusão se instalava no lugar. Advogados discutindo com a promotoria, às vezes até

com o próprio Cairon, e o Walter, e eu pensando que no fórum, onde eram julgados os casos menores, e geralmente envolvendo gente pobre, era um lugar de tumulto.

Hora e outra o Cairon precisava intervir entre o promotoria e o advogado de defesa do Franz. Houve um determinado momento em que o Cairon perdeu a paciência.

— Ordem no tribunal. Senhores. Ordem no tribunal.
— Quando viu que eles não se acalmavam disse em alto e bom som. — A Sessão está suspensa até que os ânimos se acalmem. — Levantou-se e saiu da sala.

Todos ficaram em silêncio, e foram saindo de seus lugares cada advogado conversava com seus clientes e o Murilo aproveitou para me retirar de lá, deixando-me próximo ao gabinete do Cairon.

O gabinete dele que estava guardado por dois homens, que a pedido do Murilo me deixaram entrar, um deles abriu a porta e me anunciou. Ele estava sentado no sofá, sem a toga, mas estava visivelmente incomodado.

— Cansado?

— Muito, mas eu preciso estar com o Franz

pessoalmente e ver o que foi que eu fiz, para que ele tenha tanto ódio de mim assim.

— Meu amor há pessoas que não precisam de um motivo forte, simplesmente odeiam.

— Não. Neste caso não. Há algo escondido que sei que preciso descobrir. – Sentei-me no sofá e ele colocou a cabeça em meu colo, beijou minha barriga e fechou os olhos. Como era lindo. Como eu o amava e odiava o ver sofrer como estava sofrendo essa semana.

O Murilo contou a Késsia sobre ontem, sobre o Pietro e eu sei que esse era seu ponto mais fraco. O garoto. Passei a mão por seus cabelos. Tudo que eu mais queria era tirar essa dor que ele sentia, mas no momento, minhas mãos estavam vazias. Não havia nada que pudesse fazer, a não ser ficar ali esperando que ele descansasse. Depois de quarenta minutos avisaram que a sessão estava pronta a recomeçar.

Voltei ao meu lugar, sempre sobre o olhar atento do Murilo. A sessão recomeçou e o promotor conseguiu provar por A mais B que o Franz era de fato o mandante da quadrilha, e respeitando o pedido do advogado, o

processo seria enviado ao SRJ, e só eles decidiriam, onde o Franz seria julgado.

Foi então chamada a depor a Giovanna, para mim, o momento mais tenso, não seria dirigido pelo Cairon, pelo conhecimento entre os dois, mas ele estava lá, ouvindo e presenciando tudo.

Ela chegou com o mesmo advogado que acompanhou no dia da audiência com o Cairon. E quando passou por ele ficou um bom tempo olhando até que ele desviou o olhar.

— Senhora Giovanna Prado. A senhora confirma conhecer o senhor Kalebe Franz de tempos atrás?

— Sim. Con... Confirmo.

— A senhora sabia na época que ele era um dos pretendentes a se casar com a senhora. Proposta está feita por seu pai?

— Não. Desconhecia até o momento.

— Quando foi seu primeiro encontro com o senhor citado?

— Foi quando meu... Meu namorado, na época, foi preso por engano. Ele se apresentou como promotor do

caso, e que poderia nos ajudar. E... Sem que meu pai soubesse, o que era mais importante, mas pelo jeito, ele jogava com a gente e contava ao meu pai.

— Seu pai não queria que a senhorita se casasse com o senhor. — Ele olhou os papéis. — Jefferson Antunes Felaço.

— Isso.

— Que a senhora conheceu através do irmão Jacques Antunes Felaço.

— Foi.

— Como a senhora conheceu o senhor Jacques Antunes Felaço?

— Através de uns amigos que adquiriam cigarros com ele, e outros importados.

— Então a senhora se tornou uma cliente?

— Na época a gente queria se divertir, éramos jovens e a maioria de nós éramos muito presos, por sermos ricos, ou filhos de alguma autoridade.

— E nem desconfiou por se tornar tão amiga do senhor Jacques em tão pouco tempo?

— Não, ele parecia muito gentil e atencioso na

época.

— E ele lhe apresentou o irmão.

— Eu emprestei meu carro para ele e bateram meu carro. Meu pai era muito severo e então o Jacques pediu ao irmão que consertasse. Quando eu fui ver o carro nós começamos também a nos falar e acabamos nos apaixonando.

— Mesmo assim apaixonada, a senhora não hesitou em o trair enquanto estava preso? – A pergunta foi direta.

— Eu não o traí. – Ela desabou a chorar.

— Ah sim... A senhora não encontrou outra saída.

— Na época parecia o certo a fazer.

— Transar com o irmão do amado? – Ela olhou para frente e seu olhar ia direto ao Jeff presente na plateia, depois abaixou a cabeça e procurou olhar para o Cairon, mas o olhar dele era duro e sem vida.

— O meu pai estava muito irado. Ele havia me dito que iria me casar com uma pessoa responsável, e que o Jeff iria apodrecer na cadeia. Que ele mesmo iria garantir isso. Eu fiquei apavorada. Sabia que ele era inocente, mas não tinha como fazer nada. Sentia-me inútil.

— Então veio à proposta?

— Sim. O Jacques me disse que alguém poderia nos ajudar e só o que eu precisava fazer era ficar com o Cairon durante algum tempo. Depois poderia voltar com o Jeff. — E pensar que ele se culpava o tempo todo por ter se casado com ela, ter forçado a dondoca a se casar. Vagabunda.

— A senhorita não quis saber o porquê atrás desta proposta?

— Na época não, eu só queria ver o Jeff solto. Por que eu o amava muito.

— Mas então seu pai vendo o Jeff preso não tinha mais interesse em lhe casar com ninguém. Estava seguro.

— Sim.

— Então surgiu a ideia de engravidar.

— A principio eu até pedi que me deixassem visitar o Jeff na prisão e pedissem uma visita íntima, mas as ordens era que fosse o mais rápido possível. Que não liberariam minha visita à penitenciária sem que meu pai soubesse e que... — Ela parou alguns minutos depois continuou, - que o Jeff não queria me ver.

— Então foi para a cama com o irmão dele? - Não houve resposta. Só lágrimas caindo. — Senhora Giovanna. A Senhora não me respondeu a pergunta.

— Sim. Eu fui. — Vi o Cairon tomar água e passar os dedos sobre as têmporas. Ele estaria com ódio de saber que ela havia dormido com o Jeff, com o irmão e se negado a dormir com ele que fizeram tudo por ela? Agora até minha cabeça doía.

— A senhora participou diretamente de alguma outra situação envolvendo os senhores citados acima?

— Depois que me casei com o Cairon não havia como eles se comunicarem comigo devido a forte vigilância com a qual vivíamos.

— E porque agora? O que aconteceu para que se separasse e voltasse a conviver com os indivíduos.

— Depois de algum tempo, eu soube que o Jeff havia se casado e agora estava viúvo e vi uma chance de ficarmos juntos.

— Mas ele ficou viúvo há muito tempo. Por que não o procurou antes.

— Eu procurei.

— E por que não se separou antes?

— Por que o Jacques me ameaçava sempre. Diziam que ainda não era tempo. Que precisava esperar o plano estar pronto.

— Então agora estava. E qual era sua parte no plano?

— Deixar o Cairon livre para a outra mulher.

— Pedindo o divórcio?

— Sim.

— Meritíssimo a testemunha está à disposição da defesa.

Ouvimos o advogado de defesa sem muito sucesso tentar envolver a Giovanna em mais do que estava mais não foi possível. Ela realmente não estava tão envolvida com eles, mas o que havia feito não sei se perdoaria.

Fiquei observando o Cairon durante todo o tempo. E não queria deixar cair em meu coração que ele estivesse preocupado.

Às dezoito horas o Cairon suspendia mais uma vez a sessão dizendo que voltariam na manhã do dia seguinte dando mais um dia para que a doutora Ana Luíza.

comparecesse.

— A desgraçada sumiu do mapa. — O Murilo se aproximou de nós. — Estive com a equipe da federal ontem e não a encontramos em lugar algum.

— Ela vai aparecer.

— Vamos, o Cairon ia do gabinete dele para o carro. Está exausto.

Vimos a Giovanna passar por nós de cabeça baixa ainda chorando muito e o Franz também passou. Ao contrário este estava furioso com o advogado. Dizia que precisava de um Tribunal Especial para ser julgado que não poderia ser em um comum.

Pela primeira vez fiquei com pena da Giovanna. Eu estava assim como todos estarrecidos de pena do Pietro. Mas um sentimento de tristeza me invadiu completamente.

Imagino que até hoje, este deve ser o julgamento mais difícil de toda vida do Cairon. Onde ele está de certa forma envolvido. Saber que foi enganado por tantas pessoas juntas.

Entrei no carro e o encontrei de pernas cruzadas, sentado bem no canto do carro olhando para a janela. Só

sentei ao seu lado e entrelacei meus dedos nos seus. Ele fechou os olhos e eu não quis me arriscar a dizer nada. Há momentos em que o silêncio também é uma forma de amar.

& Bônus &

Giovanna

— JEFF, PRECISAMOS conversar. — Disse assim que entramos em casa, porque ele não havia trocado uma palavra comigo até agora.

— Sobre o que Giovanna? Sobre a vergonha que acabamos de passar? Sobre como vai ficar a cabeça do menino depois de agora?

— Jeff.

— Por isso eu era tão resistente a me apegar ao garoto Giovanna. Eu achei que iria confundir a cabeça dele se depois soubesse disso.

— O que está dizendo? Está insinuando que sabia que o Pietro era do...?

— Claro que eu sabia Giovanna. Acha que mesmo longe não acompanhei quando me disseram que você ficou grávida? Primeiro que eu acha estranho porque me

lembrava de ter usado proteção, mas lhe dei o benefício da dúvida, por que o que poderia ganhar dizendo que o filho era meu? Eu não tinha nada na época. — Suspirou. — Como não tenho nada até hoje. Segundo, eu fiz as contas, mas acabei me calando por te amar. Só não pensava que poderia ser tão sórdido assim.

— Eu também te amava muito. Estava desesperada. Você foi meu primeiro amor Jeff. Não sabe o que isso significa para uma menina.

— Que amor era esse? A ponto de fazer amor com meu próprio irmão?

— Eu não via outra escolha. Tudo parecia certo na época. Hoje eu vejo o quanto errei. E nós não fizemos amor.

— Eu não quero saber do que fizeram. — Ele gritou.

— Eu preciso te contar. O idiota do seu irmão nem esperou que eu chegasse ao quarto. Ele praticamente me... Eu não podia falar nada na época por que... Só de pensar no quão terrível havia sido. Aquele homem me mordendo, passando a língua pelo meu corpo e entrando e saindo de mim feito um animal. Abracei meu corpo lembrando-me

da dor que senti naquele momento.

— Eu não quero saber como foi.

— Quando nós saímos do local eu chorava muito. E rezava para que tivesse dado certo por que eu não suportaria ter que passar por aquilo novamente. Eu estava machucada. Ele quis ter certeza que iria dar certo. Ele transou comigo várias. Várias vezes naquela noite. — Ai meu Deus como doía. Como era doloroso lembrar-me de tudo aquilo.

— Cala a boca Giovanna. Cala a boca eu não quero ouvir.

— Se você voltou mesmo sabendo o que havia acontecido é porque ainda me ama. E tudo que eu disse lá hoje era verdade. Eu fui atrás de você, mas você havia se casado. E quando eu soube que havia ficado viúvo seu irmão me ameaçou. — O Jeff sentou-se e chorou como uma criança, e eu me odiava por isso.

— Não tem noção de como eu te amei Giovanna. — Fui até ele e me ajoelhei.

— Pois eu te amo até hoje. Não tem noção do que eu fiz para não te ver mais atrás das grades. Eu não

suportava imaginar você passando por aquele inferno e sabendo que era por minha causa.

— Não foi só por sua causa. A culpa foi do Jacques também.

— Me perdoa.

— Eu estou aqui não estou Giovanna?

— Não sei.

— Como não sabe? Quando me procurou. Quando nos encontramos eu ouvi você contar do nosso filho e aquilo me doía muito. Saber que você me enganava. Eu só não sabia de quem era a criança, pensei que o pai tivesse te abandonado, e mesmo hoje ouvindo as palavras que dilaceraram meu coração eu ainda estou aqui. — Era verdade. Ele poderia ter ido embora do tribunal mesmo.

O abracei e chorei mais do que eu já havia chorado. Meu coração necessitava dessa libertação. Agora eu começava a entender as palavras do meu pai sobre as consequências. "Elas não virão agora filha. Mas um dia elas virão."

— E esta criança que está vindo Giovanna?

— Jeff, eu... Eu entendo que não volte a confiar em

mim tão cedo. Mas te juro que é nossa. Mas se tiver dúvida poderemos fazer um DNA. — Me levantei e sentei-me derrotada no sofá. Eu havia buscado isso com minhas próprias mãos.

— Vamos tentar levar uma vida normal Giovanna.

— Vamos Jeff. Só que depende agora se eu for indiciada. Por enquanto eu fui citada e prestei depoimento. Mas estou com medo do Cairon. Tenho medo de que ele resolva se vingar.

— Ele não vai fazer isso.

— Eu não tenho tanta certeza.

— Ele me deu a palavra dele.

— Como assim? Você falou com ele?

— Giovanna. Não quero entrar neste assunto com você. Só me garanta que aconteça o que acontecer que não irá mais ajudar e nem participar de nada sem me dizer.

— Claro Jeff.

— E se prepare por que vamos nos mudar.

— De casa? — Assustei-me.

— Não, de cidade. — Ele disse e saiu. Sentei-me no sofá e fiquei por algum tempo chorando. Até quando o

Pietro entrou correndo pelo corredor.

— Mamãe está chorando?

— Não filho. A mamãe estava sentindo dor só isso.

— E quando minha irmãzinha nasce?

— Hum... Vem aqui vamos contar. — Puxei meu filho e pela primeira vez eu o amei sem reservas. Olhar para o Pietro para mim muitas vezes era vivenciar tudo o que eu havia feito no passado e tudo que eu havia vivido para tê-lo. Mas hoje foi diferente. — Sabe contar até trinta?

— Mamãe eu já estou no quarto ano.

— Isso significa o que? Que sabe contar até cinquenta? — Fiz cócegas nele e ele sorriu. — Em até trinta dias, meus amor. Trinta dias.

— Vai me deixar escolher o nome mamãe?

— Depende. — Sequei as lágrimas que desciam pela minha face ao ver quanto amor meu filho tinha para me dar. — Em quais nomes você pensou?

— Eu gosto de Emily.

— Nossa Pietro eu também gostei. Mas achei que fosse querer algo tipo. Pietra. — Toquei seus cabelos.

— Não mamãe. Este é nome de homem. Emily é

muito bonito.

— Onde ouviu este nome? Ou conhece alguém com este nome?

— É minha professora de Inglês. Ela é muito inteligente e bonita.

— Então este vai ser o nome da nossa lindinha. Emily. Filho. — Virei seu rostinho para mim. — Eu te amo tanto, mas tanto.

— Também te amo mamãe. Vamos assistir a um filme?

— Que filme Pietro?

— Os transformers.

— Acho que viu este filme umas cinquenta vezes.

— Mas você acredita que o Jeff ainda não assistiu?

— Não acredito.

— E ele vai levar o João e eu na oficina dele.

Ele começou a contar sobre os carros e os robôs e falando sobre o Jeff. Meu coração estava comovido. Ainda não sabia se era o melhor momento para contar para ele sobre o pai. Agora eu precisava de um tempo. Queria ganhar minha Emily em paz. Eu precisava deste

momento em minha vida. E estava disposta a fazer o que o Jeff quisesse ou dissesse para que vivêssemos bem a nossa vida de família.

& Jefferson

DEITEI-ME SOBRE A cama e fechei os olhos. Lembro-me das palavras do meu velho pai.

— Acha que seu irmão pensa em você filho? Você tem um futuro pela frente. Não jogue tudo no lixo.

— Pai como pode virar as costas para meus irmãos neste momento?

— Jeff sua mãe e eu já fizemos de tudo para ajudar. Eles não querem. Eles querem dinheiro fácil. Não sei onde erramos na criação deles. O mesmo amor que demos a eles, demos a você. Não sei onde erramos. Não sei. — Disse meu pai sem forças, sentado à minha frente na penitenciária quando pedia para que eu confessasse que o carro tinha sido levado pelo Jacques. O velho conhecia os filhos que tinha.

E eu fiquei até o fim negando. Dizendo que era de um cliente desconhecido. E vejo que meu pai estava coberto de razão. Meu irmão não pensava em mim. Nunca pensou.

— Jeff. Jeff. — A voz do Pietro me trouxe de volta das velhas lembranças.

— Sim Pietro.

— Vamos assistir ao filme que te disse. Você não pode perder. — Pobre menino tão vítima como eu de decisões impensadas. De atos insanos de pessoas desprovidas de bom senso.

— Vamos sim Pietro. Vamos ver se me pareço mesmo com o homem do filme.

Nos sentamos os três diante da TV que com certeza não era o que eles tinham em casa, mas era o que podíamos ter no momento. Era isso que me prendia a ela. Estava disposta a deixar o conforto, abrir mão do dinheiro para estar comigo com o pouco que eu podia oferecer. Não havia como dizer que não tinha amor aí.

Em determinado momento do filme, o Pietro tomou minha mão e entrelaçou à mão da Giovanna. Quando olhei

para ela perceber suas lágrimas correrem por seu rosto.

& Sessenta e nove &

Cairon

Entrei no quarto e liguei a hidromassagem, só isso para relaxar meu corpo. Ela veio atrás de mim com um copo com whisky e gelo.

— Obrigado. — Mal tinha enchido a hidro eu entrei puxando-a para mim. — Vem.

— Espera eu tirar minha roupa. — Com rapidez a ajudei a se livrar do resto de roupa que a envolvia. Estes dias, andava meio insegura. Sua barriga estava um tanto alta carregando dois bebês de seis meses. Tentei fazer o máximo para deixá-la mais tranquila. Apoiando-a e incentivando-a, mas hoje sou eu preciso de apoio. — Estou enorme.

— Está linda.

— Desculpa não poder fazer nada para ajudar a passar por essa situação.

— Se não fosse vocês comigo. — Passei sobre sua

barriga. — Eu não estaria aqui neste momento. Talvez estivesse enchendo a cara. Cometendo alguma besteira por aí, e muito louco por ingerir tantas informações todas de uma vez. Estou um pouco perdido. Amanhã preciso ir cedo falar com meu pai. Preciso ouvi-lo.

— Amanhã almoçarei com sua mãe. Ela me convidou.

— Que bom. Ela havia dito sobre o enxoval. Talvez queira te dar algo.

— Ficarei sem jeito.

— Mais aceitará, caso contrário ela ficará chateada.

— Muito cansado?

— Muito. Mas só de estar aqui com você me sinto melhor.

— O Murilo disse que você quer falar com o Franz. Ele está achando arriscado.

— Não terá perigo. Só quero saber da boca dele sobre a questão da herança. Dependendo o que ele me disser até abro mão deste maldito dinheiro. Só que precisa ter um bom motivo. Muito bom mesmo.

— E sobre a Giovanna.

— Não quero nem falar.

— É que...

— Liara, vivi com uma pessoa durante oito anos e de repente você descobre que não conhecia a pessoa. E que não sabe o que ela é capaz de fazer. Ela poderia ter me matado sabia?

— E porque acha que eles nunca mandaram que ela fizesse isso?

— Provavelmente ela contou a eles, de documentos que tenho deixando tudo nas mãos do Murilo e do Endrigo para que eles cuidassem do Pietro, caso me acontecesse algo. Eles precisavam era que eu desse o dinheiro para a tal instituição.

— Quanto a sua avó...

— Nunca tivemos muito contato. Ela não gostou que minha mãe se casasse com meu pai na época. Meu pai era estudante e não tinha dinheiro.

— Como a sociedade é preocupada com bens materiais não é? Será que não sabem que isso a gente constrói os dois juntos quando se decide fazer de duas vidas uma só?

— Minha avó me lembra em tudo o pai da Giovanna.

— E porque se casou com ela Cairon? Sabendo que o filho não era seu e que ela não gostava de você.

— Ela era jovem. Estava grávida e desamparada pelo pai do bebê que havia abandonado, até isso mentiram para mim, e o pai dela sabia, essa foi à versão da história criada, para me fazerem sentir pena dela. Ele nunca deixou transparecer que houvesse dedo dele no sumiço do rapaz. E maldita sabia de tudo. Sabia do Franz, sabia do pai, do Jeff na prisão.

— É tudo muito assustador não é? E se a Juíza não comparecer amanhã?

— Ela cometerá alguns crimes, mas não quero falar sobre isso. Quero só ficar aqui com você e esperar que amanhã o dia seja menos tenso que hoje.

Fizemos amor ali dentro da hidro. Sem pressa. Sem cobranças. Só nós e nossos desejos de sonhos de um futuro de tranquilidade e paz!

Ao terceiro e último dia de audiências, sessões e depoimentos, os ânimos estavam todos alterados. Tínhamos acabado de ouvir a promotoria brilhar com a acusação e no primeiro intervalo soubemos que o advogado de defesa do Franz havia abandonado o caso. Nosso administrador veio até meu gabinete conversar comigo.

- Vai sair de folga hoje à tarde.

- Hoje ainda é quarta-feira. Vou fazer o que de folga sem a Liara?

- Converse com o Breno, leve-a com você. Olhe-se no espelho homem. Está acabado.

- Quando acabar isso tudo eu descansarei.

- Não sei, estamos ouvindo rumores sobre o sumiço da doutora Ana Luíza. e isso nos preocupa muito.

- Acha que ela pode aprontar?

- Não sei. Mas depois de tudo que ouvimos por aqui. Tudo que estamos presenciando só me resta ficar com um pé atrás com todos.

- Aceito a folga então. Claro, se conseguir que o Breno a libere.

- Vá para algum lugar onde possam descansar. Afinal estão a poucos dias do casamento. E com uma mulher grávida meu amigo. Não aguentará muito tempo. Nos dirigimos novamente a Sala de julgamento.

Assim que retomamos, a promotoria pediu a pena para o Jaques. Que era o único na verdade que estava sendo julgado. Tomei o documento em mãos e li o que os desembargadores, haviam chegado à conclusão. - Julgo procedente a pretensão punitiva do estado para condenar Jacques Antunes Felaço, citado nos autos, como incluso nos artigos citados no processo. Li todos os artigos e todos os parágrafos nos quais ele se enquadrava. - Por estes delitos a pena de quarenta e cinco anos e dez meses de reclusão e o pagamento de mil e trezentos e vinte dias multa no valor unitário mínimo legal. O réu foi preso em flagrante, encontra-se detido até o momento. Nenhum sentido faria que após a condenação viesse a ser solto. Sobretudo quando os motivos que os trouxeram a esse tribunal e à medida cautelar ainda tenha sido mais reforçados pelos desembargadores, cuja decisão é soberana. Fechei os documentos e entreguei ao Walter. -

De posse dos pedidos da promotoria solicito a prisão preventiva do Senhor Kalebe Franz até que venha a júri como forma de impedir que o agora acusado atrapalhe a investigação e aplicação da lei. Entreguei esta segunda folha ao Walter e peguei a próxima.

- Isso não pode acontecer. O senhor sabe disso. Eu tenho meus direitos. Não vou ser preso como qualquer.

- Ordem no tribunal. Ordem no tribunal. - Pediu o Walter. Assim que voltamos ao silêncio continuei.

- Quanto à citada no auto. Ana Luíza. Junqueira. Consideramos crime de desobediência à justiça pela forma jocosa e desrespeitosa que a Juíza Ana Luíza. se portou perante a intimação deste tribunal. Determino a extração de cópias da presente decisão e remesso ao ministério público local para as medidas cabíveis. Desde já entendendo este tribunal que a ausência da Juíza no local implica em sua confissão de culpa. Sentindo-se a referida no direito de brincar com os membros do jurídico. Entreguei a penúltima folha ao Walter e peguei por fim a última.

- Concluo o processo com a citada no auto

Giovanna Prado a qual é condenada a pagamento por três anos de cestas básicas à entidade beneficente, e 720hs de trabalhos prestados a sociedade. A pena é fixada com base na natureza do delito de cumplicidade, omissão e lesão emocional. Entreguei o documento ao Walter e conclui o processo.

Ao passar pelo administrador, o ouvi me lembrar sobre a folga. O olhar acusador da Liara e o agradecido da Giovanna. Antes de sair do Gabinete fui informado que havia várias pessoas querendo falar comigo. Entre eles a Giovanna.

De todos os que eu mais temia era a reação de minha atual noiva que poderia ter entendido errado a sentença que proferi contra minha ex, mas tinha que entender que não era minha decisão sozinha, fora decisão dos desembargadores, já houve época, em que os mesmos até absolveram um réu que eu condenaria. Atendi primeiro a Giovanna, enquanto seu advogado fazia a protocolização necessária.

- O que você quer? Perguntei seco assim que ela entrou.

- Queria só agradecer.

- Não me agradeça. Agradeça aos desembargadores, porque por mim, a pena seria bem maior, e te juro que não era por vingança, mas por merecimento.

- Você teria coragem Cairon?

- Não me faça perguntas idiotas Giovanna, sabe que sua situação ainda pode mudar.

- Não Cairon, por favor. Olhe para mim. Veja como estou. Não aguentarei mais do que me castigou. Estou a dias de ter minha filha. Me deixa ser feliz.

- Só pensa em você mesmo não é Giovanna?

- Não. Penso no Pietro. Penso no Jeff, e durante a sessão de ontem pensei principalmente em você.

- Coitado desse Jeff, eu jurava que ele era igual aos irmãos. Mas vejo que foi tão vítima quanto eu.

- Nós vamos nos entender.

- Tomara que ele te ame muito mais que a ele mesmo. Só assim poderá te perdoar. Coisa que você não merece.

- Está com tanto ódio assim de mim Cairon?

- Não é só ódio Giovanna, é nojo.

- Então por que não me mandou para a prisão Cairon?

- Porque não posso fazer isso sozinho, caso contrário teria mandado com todo prazer.

- Pensei que me amasse Cairon, mas acho que isso nunca aconteceu, - Sacudi a cabeça.

- Não Giovanna, hoje estou mais ciente do que é amor. Então a resposta é não... Acho que nunca te amei, por isso te mandaria à prisão com toda facilidade, a única coisa que me impede é meu filho, não consigo me imaginar fazendo mal ao Pietro. Agora imagina a cabeça dele Giovanna. Quando souber o que você fez e porque era tão fria com ele.

- Nunca fui fria com ele.

- Foi e agora eu entendo o por quê? Ele era só um objeto de troca. Uma parte de um plano depois poderia até ser descartável.

- Ainda não sei se contarei a ele sobre o pai.

- Não é problema meu, e se já terminou retire-se. Nem é ético que nos vejamos juntos.

Pela forma que me olhou queria dizer mais alguma

coisa. Mas rodeei minha mesa e sentei-me novamente. Ela saiu. Deixando-me com meus pensamentos.

Depois liguei para o Breno e falei com ele sobre os dias de folga da Liara, e ele se dispôs prontamente.

- Vamos almoçar. Olhei no relógio e já eram duas da tarde.

- Vamos Murilo e depois...

- O Franz disse que não irá conversar com você.

- Vamos almoçar primeiro. Depois irei à delegacia e veremos se ele não falará.

Saímos para almoçar e as meninas estavam aguardando perto do carro.

- Parece cansadinha. - Brinquei com ela.

- Um pouquinho só.

- Quer descansar uns dois dias?

- Que sonho. Ainda comentei com a Késsia. Não foi Késsia?

- Foi sim. Também tenho alguns dias de folga na casa. Seriam bem-vindos.

- Tente conseguir Késsia. Por que a Li e eu estamos liberados à tarde. Assim que assinar todos os documentos

que preciso.

- Mesmo?

- Sim. - Murilo. Ele me olhou pelo retrovisor. - Topa? Um lugar tranquilo. – Claro que ele iria topa.

- Já é? - Eles se olharam e deu a impressão que havia algo a mais acontecendo. Depois falaria com ele longe das meninas. Quando entro em um trabalho como foi este, às vezes esqueço-me dos que estão em minha volta.

Almoçamos e as deixamos no fórum novamente. Nos dirigimos para a delegacia onde o Franz ficaria detido. Ali ele faria o depoimento do seu próprio processo e aguardaria para ser transferido, enquanto isso aguardávamos a decisão do STJ, se ele seria julgado por mim, ou por um júri especial.

- Boa tarde doutor. O senhor confia em falar com ele sem ninguém por perto.

- Não acho que ele ofereça algum risco. Já checaram tudo?

- Ele está limpo.

Fomos até a sala onde havia uma mesa com duas cadeiras. Esperei até que o trouxessem.

- Cairon, Cairon. - Ele chegou mais tranquilo.

- Franz. – Limitei-me.

- Quer ouvir uma história bonita Cairon?

- Não. Só a verdade. E pelos fragmentos não acredito que ela seja tão bonita assim.

- Mas era, tinha confiança. Amor, sexo.

- Fica a seu critério contar esta parte. Só me interesse por saber o motivo.

- Não há um único motivo. São vários.

- Não me lembro de termos nos encontrado tanto assim na vida para ter ferido tanto você.

- Vamos a primeira vez que nossos caminhos se cruzaram. Quando o pai da Giovanna me ofereceu o cargo de marido da filha.

- Cargo? – Soltei um sorriso irônico.

- Para mim sim. Teria uma mesada e uma promoção. Eu era um advogado em ascensão, havia passado no concurso publico, e logo seria promotor, só que nesse meio tempo, você também havia passado no concurso e ficou com vaga que havia. Então... Alguns meses depois ele chegou com uma conversa que outro havia topado e

que o outro, no caso você, seria mais viável, minha idade não condizia muito com a idade da filha dele. Disse que você sendo mais jovem poderiam talvez até constituir uma família, já que era bem apessoado. O que ele disse com isso? Eu fiquei muito chateado, então o ameacei, e como já tinha passado no concurso , ele deu um jeito e a segunda vaga da promotoria foi minha, eu havia chegado, mas também estava muito chateado com a questão da fortuna que ele iria colocar em meu nome e que agora seria sua. Então quando conheci aqueles meninos coitados. Precisando de ajuda. Eles se achavam os mais espertos, mas não passavam de pobres coitados. Nós tínhamos uma equipe de advogados trabalhando em prol de uma sociedade mais justa. Soltávamos quem precisávamos e mantínhamos lá os que queríamos. E ninguém desconfiava de nós. Estávamos lucrando com isso.

- Advogados corruptos.

- Não, não, não. Cairon não pense isto de nós. Só precisávamos sobreviver.

- Todos precisam.

- Não. Tem alguns que nascem com a sorte de todos os outros, mas deixa pra lá. A segunda vez que nos encontramos? Uma senhora muito meiga, vizinha de minha mãe, ela e o marido praticamente pagaram minha faculdade. Me davam dinheiro para que eu cortasse a grama, fizesse as compras, mas ele veio a falecer, e ela estava sensível e estava também ainda muito decepcionada com a filha. Queria colocar o dinheiro dela toda em uma instituição, mas ainda não sabia qual. Vi ali uma oportunidade única, mas quando eu vi quanto dinheiro era, chamei meus amigos e montamos uma entidade do jeito que ela nos falava que queria ajudar.

- E não funcionou? - Cruzei as pernas esperando o resto da história.

- Ela era muito indecisa. Então comecei a jogar charme para cima da velhota. A coitada muito carente caiu na minha.

- Você e minha avó? - Meneei a cabeça, quase sorri na verdade ao imaginá-lo com uma senhora de idade.

- Para ver até onde nos sacrificamos. Sacrifício. Essa era a palavra. Que nojo ter que beijar aquela boca

velha. hurr. Se meter dentro daquela boceta enrugada.

- Cretino. – Fiquei de pé, mesmo que eu não tivesse contato com minha vó era muito duro ouvir aquilo com tanto desprezo.

- Cala a boca e ouve. A velha gritava meu nome me dava até um arrepio. Só de lembra eu fico enjoado. E assim passei três anos. A velha indecisa. Por fim ela se decidiu deixar o dinheiro para mim. Estava com os documentos todos prontos. Um dia cheguei lá pronto para mais um dia de sacrifício, ou melhor, uma noite. E o que ela me disse? Pergunte o que ela me disse? Agora eu queria saber e precisaria fazer o jogo dele. - Que havia dividido o dinheiro entre mim, você e a tal entidade e que ela mesma ia escolher. Mas ela tinha me dado um documento dizendo que caso você não quisesse sua parte era para doar a tal entidade.

- E você não gostou?

Eu andei falando umas coisas para ela. Estava com a cabeça quente e saí. No outro dia quando chegava ela estava conversando com outro homem. Fiquei escondido e só depois me lembrei de onde o conhecia. Era o um

advogado bem novinho. Assim como você. Endrigo.

- Já meu advogado.

- Sim. Ela tinha feito novos documentos e me entregou. Havia se arrependido, deixou tudo para você, nem eu nem entidade. E o documento dizia, que caso você não aceitasse a fortuna, então eu deveria doar a tal entidade, mas eu mesmo, nada. As duas cópias eram válidas. Tanto a minha quanto a do Endrigo. Qualquer uma assinada por você poderia dar a instituição o dinheiro. Por isso obriguei a Giovanna a ficar com você até que conseguíssemos uma forma de fazê-lo assinar o documento. Então teve o menino, pensamos que com o divórcio você daria ao menos a parte dele, mas você decidiu não mexer no dinheiro. Então só nos restava mudar o plano. Você precisaria estar muito apaixonado para colocar o dinheiro no nome de outra pessoa ou fazer o que ela quisesse.

- Então acharam que a Juíza iria conseguir a façanha?

- Ela ia, se a negrinha catadora de lixo não tivesse aparecido em sua vida. E você com esse coração de

mulher.

- Então é só isso? Por tão pouco?

- Não. Ah não te contei. Essa é uma parte muito boa. Você vai morrer de rir. Eu sabia que sua avó tinha problemas de coração e sempre quando a gente ia viver nossos momentos de safadeza ela pedia para ir com calma que ela era idosa e eu tão jovem tão fogoso. Aí naquela noite eu disse a ela. Estou comovido em ver que você mudou de ideia meu amor.

- Que bom que gostou. Achei que iria ficar chateado.

- Não. Acho lindo quando a família se reconcilia.

- Então. Decidi que amanhã procurarei minha filha. Fazer as pazes com ela. Quero conviver um pouco com eu neto. O que acha?

- Será lindo. Vem aqui. Vamos comemorar essa façanha. - Puxei ela para mim e a velha veio com todas suas rugas sorrindo. Eu a peguei de jeito e encaixei debaixo de mim. Ela nunca mais iria me esquecer. “Kalebe. Calma. Lembra-se do meu coração.” Foram essas as palavras dela, mas eu dei um trato tão bom nela

que ela não suportou e começou a pedir mais, ou era para? Não me lembro, só sei que cheguei o ferro. Era isso que aquela desgraçada sem vergonha queria. Um macho. E eu fui. Quando gozei naquela bunda velha ela estava ofegante, custando a falar. Fui até o banheiro me livrar do cheiro dela e do seu toque. Sai e achei que ela já estava dormindo. Mas o destino foi tão bom comigo que a velha enfartou. - Ele gargalhava. - Ela não aguentou. - Eu estava chegando a meu limite.

- Ela morreu sozinha. Sem ninguém para dar socorro. - Desgraçado, por causa de dinheiro. - Se eu soubesse que ela iria morrer teria feito um documento novo e a feito assinar antes. Mas havia cópias com o Endrigo. E não foi só por causa do dinheiro. Presta atenção.

- Então desembucha por que não vou passar minha vida aqui ouvindo suas lorotas.

- Quando sentei para analisar tudo o que havia acontecido eu sabia que o que mais doía em mim em nossas trombadas pela vida já havia acontecido antes da sua avó morrer.

- O que era?

- Foi quando saiu à vaga para ser Juiz desta comarca, você estava como Juiz em uma comarca menor, e eu havia passado no concurso, só me restava etapa oral, mas não me deram, e te colocaram aqui, como o grande juiz federal . Era minha última oportunidade, e agora você havia ficado com o cargo. Essa era minha maior dor. Nessa época foi quando mais aumentou meu ódio por você e eu decidi que iria te tirar tudo. Assim como tirou de mim.

- Eu não tirei nada de você Franz, mesmo que tivesse passado na etapa oral, e em todas as outras, não trariam você para essa comarca, teria que passar por outras.

- Não, eu tinha pessoas lá dentro que já ajudávamos, e que tinha como dar uma ajuda, mas para não me verem tão desamparado, me deram esse cargo fuleiro. Trabalhar em INSS? Não, isso nunca foi para mim.

- Mas então a culpa não foi minha.

- Claro que foi, você me tirou tudo e se eu não morrer ainda verei você sofrer muito. Sabe aquela

gostosinha que você está traçando? - Dei dois passos em sua direção. - Calma. Ainda não aconteceu nada, até ofereci emprego a ela, e vejo que estamos indo pelo caminho certo.

- O que quer dizer Franz?

- Nunca saberá Cairon. Não antes de acontecer.

- Nunca mais sairá de trás das grades.

- Gaiolas nunca seguraram o cantar dos pássaros Cairon. Eu partir para cima dele e lhe dei um soco na cara. O desgraçado caiu e limpou o sangue da boca. - Então é ela seu maior ponto fraco. Não me vi mais ali, fui para cima dele de socos e chutes, mas o desgraçado nem revidar não revidava.

- Cairon para! Para cara vamos embora. - O Murilo me segurou e me tirou de lá. Dois policiais entraram e carregaram o desgraçado para a sala especial em que estava.

- Eu quero acabar com esse filho da puta Murilo.

- É o que eu também desejo ver você fazer, mas nos tribunais. Arranque tudo o que ele tem e principalmente o título. Mas não se iguale a ele. Não faça justiça com suas

mãos. É o que eles querem, que você desça ao nível deles.

- Me solta. - Arrumei meu paletó e ajeitei a gravata assim que ele me soltou. Fui até o delegado e pedi que o tratassem como os demais presos. Sem nenhuma regalia.

- Vamos até o Tribunal pegar suas folgas, e depois ao fórum pegar sua folga e a mãe de seus filhos, cara. Vamos descansar.

- Preciso fazer uma coisa antes. Deixa-me na casa dos meus pais e pega a Li leva para casa e cuida dela, por favor, até eu chegar.

- Tem certeza que não quer que eu te espere?

- Não. Só faz o que te pedi. - Quando ele me deixou à porta da casa eu tirei meus sapatos e a meia e caminhei sobre a grama antes de entrar. Fiquei ali pensando se minha mãe devia saber metade das coisas que minha avó passara.

- Decidi por não contar as coisas sórdidas que ela viveu. Minha mãe não merecia ouvir e eu também não conseguiria repetir nem amenizando as palavras.

- Filho. O que aconteceu?

- Nada pai. Estou cansado. Só isso. - Menti.

- Está bom filho. Vi você nascer. Não foi sua mãe que primeiro pegou você, foi eu. Ela havia passado muito mal e acabou desmaiando ao fim do parto e eu fiquei segurando você em meus braços. Quando viemos para casa ela teve depressão pós-parto e eu novamente fiz muitas vezes o papel de mãe. Depois entre um julgamento e outro eu corria na sua escola para ver as apresentações e participar de suas reuniões e você me diz que não é nada filho? Engane a outros. - Não esperei ele terminar. O abracei e chorei como uma criança. Eu deveria estar fazendo isso com a Li, mas não posso sobrecarregá-la mais do que ela está. Fiquei abraçado ao meu pai sem vergonha alguma ali no jardim. Quem passasse iria achar estranho, mas eu achava normal. Meu pai sempre severo, mas muito amoroso. - Está tudo bem. - Ele batia em meu ombro. - Se não está ainda vai ficar. Estou aqui. Sua mãe está aqui e você agora tem uma família linda que vai poder amar e já está sendo amado. Quanto às barbaridades que nós vemos no tribunal, ainda serão muitos os casos que vão chocar você. Eu sei. Passei por isso.

- É muito louco pai.

- E quando pensar que já viu de tudo. Haverá coisas piores meu filho. Aguenta firme. Aguenta firme.

Ficamos lá fora por minutos intermináveis. O tempo traz o que precisa ser trago e na vida do meu pai era a sabedoria e serenidade. Quando entramos minha mãe logo desconfiava de algo. contei o que achei necessário. Que o advogado estava de olho na fortuna dela realmente. E ocultei o que achei desnecessário à história. Sai da casa dos meus pais liguei para o Endrigo para que ele me pegasse para tomarmos algo.

Fomos a um bar e logo o Murilo chegou. Com certeza o Endrigo ligou para ele dizendo que eu havia exagerado, mas eu não exagerei. Bebi na quantidade certa para suportar as palavras daquele bandido que ecoavam em minha memória.

- Vamos embora Cairon.

- Murilo, quem te deu o cargo de babá?

- Você está me dando agora. Vamos embora doutor.

Sua mulher te espera. Eu parei e olhei para ele. Vendo que não entrei no carro ele veio até mim e parou me

observando. O Endrigo também parou próximo a nós. Coloquei uma mão no ombro de cada um deles e falei o mais sério de toda minha vida.

- Prometam para mim que se algo me acontecer vão cuidar dos meus filhos e da minha mulher.

- Que conversa mais boba hein rapá. Vai embora com o Murilo amanhã estará melhor.

- Não vou sair daqui sem que me prometam.

- Não vai acontecer nada com você enquanto eu estiver vivo.

- Só prometam. - Eles fizeram silêncio e eu poderia jurar ter visto lágrimas nos olhos dos dois marmanjos.

- Prometo. - O Endrigo foi o primeiro.

- E dos meus filhos também.

- Claro Não preciso nem dizer isso, mas já que insiste. Está bem eu prometo. Cuidaremos dela.

- Idiota são meus afilhados. Acha que os deixaria de qualquer jeito?

- Meus também, não precisava pedir.

- Mas não vai acontecer nada com você. Não seja idiota. É a primeira vez que te vejo com medo.

- Então agora vamos embora.

Medo. O medo é uma sensação que proporciona um estado de alerta demonstrado pelo receio de fazer alguma coisa, geralmente por se sentir ameaçado, tanto fisicamente como psicologicamente.

- Obrigado Murilo até amanhã! - Disse assim que cheguei a casa.

- Nosso voo parte a sete, tem certeza que conseguirá se levantar?

- Isso é... - Olhei o relógio. -...Daqui a pouco.

- Isso mesmo. E tomara que leve uma bronca da patroa.

- Hum...

Quando cheguei ao quarto nem consegui ir até banheiro. Só deitei e fechei os olhos.

- Onde você estava coração? Fiquei preocupada.

- Por aí. Não precisava se preocupar.

- Então da próxima vez me mande ao menos uma mensagem. Virei sobre ela e beijei sua boca de assalto.

Não permiti que ela continuasse ou acabaríamos brigando e eu não quero ficar brigando por pouca coisa.

Quero aproveitar a vida ao lado deles. Todos os minutos.

- Cairon. Está um pouco bêbado.

- Mas ainda sei quem é você. - Ela sorriu.

- Eu sei que sabe.

- Você é uma menina sem teto que acabou vindo morar em minha vida, se instalou dentro do meu coração, e agora não sai de forma alguma.

- Nossa que lindo.

- E agora eu não sei viver sem você. – Beijei-a uma, duas e três vezes.

- Está estranho.

- Posso te pedir uma coisa?

- Pode.

- Me ama? Como se o amanhã não fosse existir.

Ela sentou-se com as pernas em volta de mim na cama e começou a desabotoar minha camisa. Ajudei a tirar a peça e me deitei novamente. Tirou o cinto, sem pressa. E abaixou o zíper da calça. Quando conseguiu dar liberdade ao que queria desceu da cama e se ajoelhou segurou-o com mãos firmes e o levou aos lábios.

-Hum. – Gemi, não estava preparado para aquilo. -

Put a que pariu.

- Que linguajar é esse doutor? Tenha mais respeito.

- Se é uma coisa que não quero neste instante é te respeitar. Puxei pelos cabelos colocando-a de volta em cima de mim.

Ela começou a rebolar de forma única. Envolvente e enlouquecedora. Tudo isso misturado ao efeito da bebida estava me tirando os sentidos.

Hoje não fizemos amor. Transamos enlouquecidamente. Eu queria apagar da minha memória todas as ameaças e palavras ruins daquela semana. E ela sabia que eu precisava desse momento.

- Aconteça o que acontecer não se esqueça de que eu te amo! Daria minha vida por você. Disse quando nossos corpos estavam ainda fora do compasso, resgatando forças depois de chegarmos à plenitude.

- Pode parar. Assunto mais besta.

- Não precisa ficar brava.

- Preciso sim. Eu não passei por tudo isso para chegar agora e desistir de nós. Espero que faça o mesmo.

- Não.

- Não o que? - Ela me olhou.

- Não vou desistir de nós.

- Até porque se você ousar a morrer eu te mato.

A gente sorriu e o sorriso dela dissipava toda dor, todo sentimento ruim que havia se instalado em meu coração. Beijei a sua barriga e sorri.

- Agora levanta.

- Para quê Li, quer mais sexo? Te adiando que vou ficar em falta hoje. – Ela gargalhou.

- Perverso, só temos que tomar banho e partir para pegar o nosso voo.

- Ah.

- Viu só. Disse para nos amarmos como se não houvesse amanhã, mas ele chegou e eu estou dolorida e com sono.

Sorri e constatei o horário. Cinco e quarenta da manhã. Realmente para quem queria pegar o voo das sete estávamos mais que enrolados. Não queria mais pensar em coisas ruins, mas era quase impossível. Quem sabe esse momento para nós não fosse como antecipação da nossa lua de mel.

Pulei da cama e comecei a arrumar minhas coisas. Seriam dias de verdadeira reconstrução do corpo e da alma.

& Bônus &

Cairon

EU SÓ QUERIA SABER Heitor como descobriu este lugar? Ele havia descido do mesmo avião que nós.

-E como sabia que eu receberia vocês aqui?

- Eu suspeitei que o senhor não fosse deixar a Josy e a mim hospedado em hotel, tendo este lugar maravilhoso só para os quatro. – Então era a Josy que se escondia no carro do Heitor, essa semana. Deduzi.

- Viemos buscar descanso Heitor e você é o poço da agitação.

- Me desculpe doutor, mas eu prometo que não vamos nem ser notados. Há de convir comigo que nós também merecemos esta folga.

- Claro que merece depois de tudo que fez, só que cada um em sua casa. Ou sem sua casa de campo.

Ele olhou em volta e eu pensei realmente aquele lugar era meio mágico. Era uma propriedade à beira mar que meu pai construía. Outro dia mesmo estavam por aqui.

Lugar perfeito para descansar, renovar as energias. Muito verde. Muita água e muita tranquilidade. Estava com os nervos a flor da pele.

- Tudo bem Heitor. Fique à vontade.

Entrei na casa, terminamos de nos instalar e logo procurei por um bom banho. Meu pai havia avisado aos caseiros que viríamos então agora é só descansar.

Depois do banho deitei-me na rede que havia na varanda. Até o Murilo sentar-se próximo a mim.

- E então?

- O que?

- O que está rolando entre você e a Késsia? Estou sentindo um clima estranho. Hoje ela parecia estar com os olhos vermelhos.

- Eu te disse que a Ana quer voltar?

- Não. - Sentei-me. - Como assim?

- Ela acha que fomos precipitados. Que ruim

comigo, pior sem mim. Uma balela total.

- E você? Porque se me lembro bem, você vivia dizendo que quando a Giovanna visse o que perdeu, iria voltar e eu iria baixar a guarda, um daqueles montes de conversa fiada.

- Eu não cedi em nenhum momento. Estava até me esquecendo de viver. Agora não, cada dia uma aventura. A Késsia não é mulher de ficar me esperando em casa de banhos tomados e essas coisas que a Ana fazia.

- Não quero saber dos detalhes.

- Ela sai do fórum eu vou buscá-la na academia. Entro escondido e aí meu compadre. - Ele fechou os olhos e balançou a cabeça.- Às vezes ela me espera na garagem, outro dia fomos ao museu.

- Mentira. - Me assustei. - Cuidado cara, não quero julgar você por atentado ao pudor não viu? Te disse isto uma vez.

- Ainda não experimentou a sensação boa que é saber que corre perigo. Que alguém vai chegar. A adrenalina vai a mil meu irmão.

- Não sabe ser normal Murilo?

- Sei. Mas é sem graça.

- E por falar em adrenalina.

- O que tem eu?

- Bom não estávamos falando de você propriamente

Heitor. Mas também se encaixa neste grupo, perigo. Vocês são não sabem levar a mulher para um motel ou para o apartamento de vocês?

- A Josy ainda mora com os pais acreditam nisso?

- E o que tem demais?

- Ela já tem trinta e dois anos, e o pai não deixa nem ao menos eu passar das onze da noite.

- Agora não acredito. - O Murilo brincou.

- Verdade. Então temos que improvisar.

- E o seu apartamento?

- Divido com mais dois advogados.

- Mas agora é um promotor Heitor.

- Mas preciso ajeitar minha vida para poder ter um local só meu. Enquanto isso...

- Eu só aviso que não me chamem para tirá-los da cadeia. -Eles riram.

- Quando experimentar uma vez tomará gosto

Cairon.

- E amanhã estarei nos jornais.

As garotas chegaram da praia. Sorridentes. A Li sentou-se comigo na rede.

- Não senhora. Isso não é seguro.

- Cairon está bem preso.

- E por uma má sorte, vá que se solte. Quer cair e se machucar? – Notei que havia um silêncio e só olhares para nós. - O que foi?

- Excesso. - Ela sorriu.

- Minha mãe diz que antes pecar por excesso que por omissão.

Almoçamos, fomos até a cidade, passeamos, fomos ao Zoológico. – O que me fez lembrar muito o Pietro.

- Vamos ao museu? - A Josy sugeriu.

- Não. Não. Acho melhor não. - O Murilo me olhou e gargalhou. Não tenho mais coragem de encarar as estátuas.

- Estão cheios de segredos. Quero saber o que andaram conversando. - A Li me abraçou.

- Pois eu nem quero saber. - A Késsia disse e saiu

caminhando à frente. O Murilo a acompanhou.

& Murilo

- Késsia, Késsia espera, assim não vai dar. - Ela parou e me olhou.

- Acho que não vai dar mesmo, melhor ir seguir seu patrão, não está tudo acabado?

- Como assim acabou? Eu disse que precisamos resolver nossa situação poxa. Não quero passar mais três dias e meio com você me tratando desta forma. Eu estou aqui não estou?

- E sua mente?

- Também. E meu coração e meu corpo duro de tesão por você, caramba.

- Para com isso. - Ela voltou a andar, mas senti um ar de sorriso e continuei caminhando.

- Só se parar para conversar comigo. Até por que não está bonito um homem do meu tamanho andando atrás

de uma baixinha brava no meio da rua.

- Baixinha brava Murilo?

- É. Minha baixinha que estou aprendendo a amar tanto. E não quero que fique com grilos na cabeça. Entreguei o telefone a ela. Toma.

- Para que?

- Liga para a Ana e diz que não está gostando que ela fique no apartamento e peça que ela saia e dê o tempo que você quiser.

- Eu?

- É. Você! Cruzei os braços sobre o peito e fiquei olhando.

- Eu... Eu não. Quem tem que resolver seus problemas é você mesmo.

- Então confia em mim caralho.

Aproximei-me dela e toquei seu rosto, dobrei um pouco as pernas para morder seus lábios.

- Me dá uma chance. - Disse entre os beijos que lhe dava.

- Do tamanho de um anãozinho, se pisar na bola, eu castro você.

- E diz que não é brava.

- Não sou.

- Nem baixinha. - A peguei no colo e rodopiei.

- Murilo as pessoas estão nos olhando.

- Está bem, mas quero te mostrar a noite um lugar muito legal que descobri lá perto da casa do Cairon. Na areia.

- Pervertido.

- Gostosa.

- Saímos brincando até alcançarmos o Cairon e a Liara que já haviam nos ultrapassado.

- Alguém viu o Heitor e a Josy?

- Eles vieram para a cidade com a gente?

- Claro Késsia. Estava tão interdita assim?

- Ate imagino o que estão fazendo a essa hora.

& Cairon

- Onde estavam? Estávamos preocupados com

vocês.

- Não queira saber Li, vamos embora para casa. – Foi à resposta entre sorrisos dado pela assessora do fórum.

Mas ainda fomos ao cinema, jantamos por lá e só depois fomos para casa.

- Estou exausta. Ela se deitou e colocou as pernas sobre os travesseiros.

- Vamos tomar um banho que eu cuido de você.

- Mesmo? Só cuida? Não quer nada em troca?

- Hum... Não dispenso, mas não exijo. Se quiser me oferecer algo.

- Quero, muito carinho e atenção.

Tomamos banho e assim que ela se deitou sentei-me aos pés da cama massageando um de seus pés.

- Quero falar sobre os nomes dos bebês.

- Já?

- Sim, esse negócio de ficar chamando-os de bebês é estranho.

- Tem alguma sugestão?

- Vários, para menino acho lindo. Benjamin, Cauã,

Derek, Fauzer, Leon, Luigi, Otto, e Zya.

- Achei que fosse querer Neto. Já que você é o filho.

- Não. Acho meu nome bonito, mas era uma confusão quando chamavam lá em casa ou por telefone, minha mãe sempre perguntava o Pai ou o filho?

- E menina? Gostei dos nomes dos meninos.

- Menina, pensei... Chiara, Graziela, Inara, Jamille, Kristen, Lavínia, Marjorie, Samila, Valentina, Yanna e Yandra.

- Já pensou em tudo isso?

- Sim.

- E eu pensando em Maria e João.

- São bonitos também desde que acompanhados de um composto.

- Sei... João Paulo. Maria Clara.

- É.

- Vamos pensar mais um pouco e decidirmos então com estes que você pensou. Lembrara-se de todos?

- Tenho escrito. Então quando voltarmos para casa já saberemos os nomes dos bebês.

Passei a mão em sua barriga e pedi ao bom Deus que pudéssemos curtir nossos filhos sem perseguições e sem medo. E que quando eles fossem chegar, chegassem a meio a paz e ao amor. E que acima de tudo pudéssemos criá-los, com amor, e que eles fossem pessoas de bem.

& Liara,

ELE ACHAVA QUE EU não estava notando a tristeza em seu olhar. As preocupações exacerbadas. O Silêncio.

Quando tocou minha barriga eu senti seus medos e temores e quis amenizar o momento. Coloquei minha mão sobre a dele e cantarolei.

Quando o momento chegar.

Quando tua face eu conhecer.

Não se entristeça a me ver chorar.

Estarei feliz em te receber.

O teu amor me conduz.

Não há mais trevas e nem solidão.

Quando o momento chegar.

Não se entristeça a me ver chorar.

- Que lindo meu amor. - Ele disse sem me olhar. Eu sabia que as lágrimas estavam ali pelo tremor da sua voz.

- Não faz isso comigo Cairon. Desde ontem você está se comportando de forma estranha. Está sendo ameaçado?

- Todos dos dias eu sou. - Sua voz falhou.

- E sempre tem alguém pra te proteger.

- Mas nenhum método é cem por cento seguros. Uma hora pode falhar.

- E o que mais te atemoriza?

- É que não sei mais viver sem vocês.

- Não vai acontecer nada com a gente, nem com você. Somos uma família, e vai ver que tudo isso vai passar. Tudo passa. E vai voltar a ser como antes.

- Nada vai voltar a ser como antes.

- Por que acha isso?

- Por que agora tenho medo da morte, de não estar com vocês e isso nunca aconteceu comigo.

- Isso se chama família. Isso se chama amor. Acha

que seu pai não viveu isso? Minha mãe. Todos viveram.

- Mas...

- Mas nada. Tira isso da cabeça e vamos viver nossa vida. Não queremos viver pela metade. Lembra-se deste ditado?

- Sim.

- Então olha para mim. - Ele olhou. - Eu não voltei para viver de migalhas como eu vivia com minha mãe. Eu quero tudo. Você por inteiro. E se preciso marque um médico, um psicólogo. Mas volta para mim. Completo.

- Amanhã eu estarei melhor. Prometo.

- Espero. Lembra-se das palavras do seu pai?

- Teremos que ser fortes.

- Isso. Agora me beija.

Ele beijou. Não prolonguei o beijo porque ele sentiria meu tremor. Não tenho tanta força assim, mas quando se é uma família é como a história dos pássaros que quando um se cansa o outro passa a frente até que o outro descanse e volte ao seu lugar.

Eu amava meus filhos e meu marido e faria o possível para sermos fortes assim como meu sogro havia

nos dito. Fortes. E Juntos para sempre.

& Setenta &

Liara

“Se alguém sabe de algum fato que possa impedir este casamento se manifeste neste momento.” - A todo o momento eu me lembrava do dia. Como havia sido, como eu havia me sentido no momento. Até cheguei a sorrir aliviada quando o silêncio se fez diante do questionamento do Padre.

- Sonhando acordada meu amor?

- Pensando no que estávamos vivendo há duas semanas a trás.

- Eu nem sabia que ainda se usava a perguntar sobre impedimentos em casamento.

- Acho que ele estava brincando, e acredite ou não eu estava pensando nesta parte.

- Acredito. - Ele me beijou e pegou uns livros no armário e voltou ao escritório.

Por um tempo que sonhei com aquele dia. Cada

detalhe. Depois com as dificuldades da vida fui deixando de lado.

Segundo minha tia meus olhos brilharam enquanto meu sogro me conduziu até a presença do meu, na época, futuro marido. Acho que andando por aquela nave foi que eu percebi que o que me estava reservado, era muito mais do que eu sonhava.

Os dias em que antecederam a celebração foram agitados. A Imprensa noticiou. Em sua maioria dizendo coisas boas. Sobre os votos de felicidade ao Juiz e a nova esposa. Outra contou um pouco da vida do Cairon e de sua família. Ressaltando que o pai também fora Juiz.

O prefeito elogiou o trabalho que ele presta a cidade e discorreu vários elogios, mas também não pudemos fugir da imprensa sensacionalista. Duas revistas que publicaram coisas parecidas com o que saiu quando assumimos nosso relacionamento. "Do lixo ao Luxo" "De amante a esposa de Juiz" "A sem teto agora tem mansões." Coisas que nem merecem ser lidas como diz o Cairon, mas acabei lendo longe dele. Ele acha que me incomoda, mas isso também é parte da minha história.

Naquela semana eu havia conversado muito com minha sogra. Responsabilidade. Riscos e alguns outros detalhes. Mas o principal de nossa conversa foi o amor. Ah este tem que ser o essencial de tudo caso contrário do que teria adiantado ter ouvido e dito aquelas palavras mais lindas que ouvimos e dissemos.

- Para manifestar o vosso consentimento em selar a sagrada aliança do matrimônio, diante de Deus e de sua igreja, aqui reunida, dai um ao outro a mão direita. Cairon queres receber Liara por tua legítima esposa e lhe promete ser fiel, amá-la e respeitá-la na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da tua vida?

- Quero.

- Liara queres receber Cairon por teu legítimo esposo e lhe prometes ser fiel, amá-lo e respeitá-lo, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da tua vida? - E mesmo me lembrando de cada detalhe da minha conversa com minha sogra. Vendo um filme passar diante dos meus olhos eu disse.

- Quero.

- Deus confirme este compromisso que

manifestastes perante a igreja e derrame sobre vós as suas bênçãos! O que Deus uniu o homem não separe. - Foram a palavras do padre que nos fez marido e mulher para sempre.

Gritos, assovios e palmas vindos dos amigos que compartilhavam aquele momento. E minha mãe já dizia. No dia do casamento todos aplaudem, mas quando as dificuldades surgem. Ninguém aparece. Bem típico dela mesmo.

- Pode beijar a noiva. - E que beijo foi aquele. Nunca havia me beijado daquela forma.

- Ainda sonhando? - Ele entrou novamente no quarto. E me encontrou sorrindo.

- Estou rindo do Murilo na hora do beijo. O que ele quis dizer com aquela frase?

- Que não era para eu começar a ser ousado naquele momento?

- Isso mesmo.

- Segredos de homens.

- Ah então é assim? Tem segredos? Esqueceu-se do que o padre disse na igreja? Sereis uma só carne?

- Bem. Não são segredos... Segredos. São conversas mais pesadas que temos entre nós homens. Que mulheres por suas delicadezas não conseguem ouvir.

- Será? Também temos conversas entre nós mulheres.

- Não do nosso nível.

- Não nos desmereça Cairon. Ficaria louco se presenciasse uma de nossas rodas de bate papo. Iria se surpreender com o que falamos.

- Talvez eu goste de ouvir isso mais tarde. Na cama. Vou adorar. - Antes que eu falasse algo ele seguiu de volta para o escritório.

Não tenho nada do que reclamar. Abri o envelope que haviam entregado hoje mais cedo e me odiei. Devia ter aberto antes. Eram as fotos digitais que o estúdio havia enviado para escolha.

A primeira que vi foi à foto do Pietro vestido como o Cairon. Estava uma gracinha. Como fotos nos remetem a momentos e o ponto alto do Pietro naquela noite foi quando estávamos de saída.

- Papai vai me levar com vocês para a viagem?

- Claro que não Pietro. Esta é uma viagem chamada

lua de mel onde só os adultos podem ir.

- Hum... Mas quando voltar vai me buscar?

- Buscar? Onde?

- Esqueceu-se de que vamos nos mudar de cidade?

- Não. Não me esqueci, mas quando eu voltar você ainda estará por aqui. Só ficarei uma semana fora. E seu pai disse que vão ao fim da semana que vem por causa da sua irmã recém-nascida.

- Então eu espero você.

- Pietro. O que quer que eu traga para você da viagem? – Me abaixei perto dele.

Ele começou a falar um monte de nomes de jogos que eu demorei a entender. Mas depois disse que o pai se lembraria de quais eram e que eu me lembrasse de trazer os mais recentes. Despedimo-nos de todos e partimos para o aeroporto.

A algumas fotos à frente me chamaram a atenção. Em várias haviam alguns dos homens de preto.

- Agora me diz. Viajar em lua de mel com seis homens armados. Parece cômico. - Eu reclamei quando

entramos no avião. As pessoas chegam a achar que somos algum tipo de celebridade. Graças a Deus eles estavam à paisana nos passeios pelas ruas da cidades e no hotel, mas como já os conheço.

- A mim parece pouco. Já viajei com mais. E não se engane, quando criminosos entram em ação, seis homens não são nada. Mas essa equipe da federal, são os melhores que conheço.

Com isso fizemos uma viagem tranquila. O Avião chegou a nosso destino cinco horas depois, eu já estava exausta de ficar sentada. Com essa barriga enorme.

- Acha que fizemos bem em viajar com você neste estado? Ele perguntou assim que chegamos ao hotel e ele notou meu cansaço.

- Que estado? Obesidade?

- Não está obesa meu amor. Está linda, muito linda.

- Tão linda que precisei de umas três horas para voltar ao normal. O médico não queria liberar minha viagem de avião. Só o fez porque entendia que além de uma ocasião especial, estávamos precisando de tempo. Sozinhos e para descanso. Por que duvidava muito que

pudesse fazer muitas atividades durante a viagem.

A foto dos Padrinhos. O Murilo e a Késsia na festa estavam mais animados embora, eu mesma ficasse chateada pela tal da Ana ter aparecido.

- Meu amor. Ela perguntou do casamento e eu fiquei sem jeito de dizer que não. - Foi uma das discussões entre mim e o Cairon. Ele se encontrou ela e segundo ele, ela auto se convidou, lógico, estava no pé do Murilo para voltarem, que não podia perder nenhuma oportunidade, mas lá acho que ela descobriu que não havia mais chances para os dois.

Encontrei fotos da minha prima e da minha tia.

- Te juro prima estou filmando por que se eu contar ninguém vai acreditar. - E o seu ex.? Vai morrer quando ver as fotos. Nunca poderia te dar isso. - Elas estavam empolgadíssimas com a festa e com cada detalhe.

Depois da festa ficariam uma semana em nossa casa já que não estaríamos lá.

Deixei as fotos pausadas no computador e fui até o escritório ver se o Cairon queria vir ver comigo. O tempo estava frio. Cheguei do trabalho mais cedo hoje, amanhã

vamos trabalhar interno e a partir da semana que vem não trabalharei mais. Ele acha que entrar no oitavo mês trabalhando não seria legal, eu quis protestar, mas também quero aproveitar os mimos que ele me tem feito.

- Não quer ver fotos?

- Bem que gostaria, mas amanhã tenho três casos pequenos mas, de suma importância. Preciso terminar de olhar e examinar estes documentos para não errar. Sentei em seu colo e olhei a quantidade de papeis.

-Tudo bem! Então vou voltar para lá e quando tiver um tempo, ou quiser descansar venha.

Voltei para diante da TV no quarto. Esperando pelo jantar. A chuva caia lá fora e eu estava amando a sensação de estar em casa, de ter uma família. Nos tempos de chuva na casa da minha tia precisávamos sair colocando as bacias e panelas sobre os móveis para que a casa não molhasse tanto e quando deitávamos com certeza alguma goteira iria nos incomodar. Agora não. Sei que é um temporal que começa e não me preocupo com nada. Nem mesmo com minha tia. O Cairon ajudou-a a reformar a casa. Pagou o resto das prestações. Ele disse que não me

quer preocupada, mas, no fundo, gosta muito dela também.

- Vou ter que sair um pouquinho, mas a Késsia disse que está vindo aí com a Josy ficar com você até que eu chegue. Ele vestia uma jaqueta que tirou do closet.

- Vai demorar tanto assim?

- Não sei. Está acontecendo uma rebelião no presídio e pediram minha presença.

- Não, não, não vai. - Me levantei e o abracei, lembrando-me de toda aflição que ele vinha passando ultimamente. - Beijou minha testa e segurou meu rosto.

- Não vai acontecer nada. Eu volto assim que puder.

- Que garantia eu tenho?

- Minha palavra.

Ouvimos a campainha tocar e ele se foi com o Murilo e o Heitor. Voltei para o quarto e sintonizei um canal local onde não estava falando nada. Só a agenda da semana. Procurei por outro e também nada.

- Liara? - A voz era da Josy e vinha da sala, eu fui recebê-la o mais rápido que pude.

- Por que eles pedem a presença do Cairon, Josy? Isso é normal?

- Os presos querem causar, se for ficar apavorada assim é melhor ligarmos para seu médico e...

- Oi meninas.

- Késsia que bom que chegou a Liara está apavorada, não seria melhor ligarmos para o médico dela.

- Li, preste atenção. O Murilo está lá, o Heitor, a polícia federal.

- Então por que querem o Cairon lá?

- Pelo que o Murilo me disse não tem nada a ver com o Cairon, assim... Eles querem uma garantia de que o negociado vai ser cumprido e não confiam em outra pessoa a não ser ele.

- É Li, pelo que entendi eles reivindicaram a muitos meses melhorias no presídio e a direção disse que iria fazer, mas nada fizeram. É só isso, fica tranquila.

A Késsia mesmo assim insistiu em ligar para o médico que me receitou um calmante natural e realmente foi o que me ajudou. Não senti fome, perdi o apetite, e não me tranquilizei até que a TV trouxe um plantão informativo dizendo sobre o fim da rebelião.

O Murilo ligou para a Késsia dizendo que ainda

demorariam um pouco, mas não deu nenhuma informação a mais. Eu me lembrei das palavras da minha sogra na semana do casamento.

“Ser mulher de Juiz, é ter um susto a cada dia, ou melhor, a cada momento.” Eu começava a entender.

O remédio começou a fazer efeito e foi o que me fez relaxar até que o Cairon e o Murilo chegassem, quando aconteceu, as meninas me abraçaram e desceram. Nem cheguei a ver o Murilo que esperava lá embaixo. Quando o vi entrar no quarto suspirei aliviada.

Ele foi direto para o banho e quando saiu parecia mais exausto do que eu me lembrava de já o ter visto.

- Deu certo?

- De alguma forma sim.

- Então não deu tudo certo, se foi de alguma forma.

- Vamos descansar meu amor. Está tudo bem.

- Não Cairon não está tudo bem. Para de me tratar como uma boneca de louça. Eu consigo ouvir alguns assuntos, se esquece que os ouço todos os dias no trabalho.

- Assassinararam o Jacques irmão do Jefferson.

- Meu Deus! E não sabe que foi?

O delegado suspeita que sejam os homens do Franz. Ele deve estar se sentindo ameaçado. E não quis arriscar.

- Eu não entendo. Eles brigam com a justiça e brigam entre si. Que louco.

- Não tem noção de como agem essas pessoas de quadrilha, de facções, de gangues de quadrilhas. É como se houvesse entre eles, uma concorrência mesmo no crime.

- É uma pena.

- Pena? Não entendi.

- No depoimento, ele disse que queria mudar porque havia conhecido o filho e estava apaixonado.

- Se arrependeu tarde. E isso acontece com a maioria dos criminosos. Arrependem-se tarde.

- E há um momento certo para se arrepender Cairon? Deus nos perdoa mesmo na hora da morte sabia?

- Deus, mas os homens não. O melhor momento para se arrepender é antes de entrar. Antes de começar esta vida.

- Amor, muitos entram porque não tem opção.

- Não acredito. Não diga a ninguém que é minha esposa. - Ele sorriu.

- Verdade. Já ouvi de muitas pessoas isso.

- Você passou dois dias na rua, vendo sua mãe padecer. Algum momento pensou em matar alguém?

- Você.

- Eu?

- Sim. Aquela noite que passei na rua eu te odiei todos os segundos. Queria matar você. - Ele gargalhou.

- Eu não sabia disso. Tudo bem, mas não me matou. Teve opção. Ficou lá e decidiu que iria para um albergue e sabe-se lá de que forma iria sobreviver.

-Não. Se você não tivesse nos ajudado, minha mãe teria morrido, por aqueles dias, e eu estaria agora na quadrilha do Jacques tentando matar você.

-Não brinca com isso. Nossos filhos estão ouvindo.

-Eu só estou tentando te explicar que às vezes a gente age sem noção do que estamos fazendo. Movidos pelo ódio, ou tristeza ou dor. Sentimentos nos cegam.

- Por isso te digo. Sentimentos não devem lutar com sentimentos e sim com decisões. Sentimentos X

Sentimentos= Queda. Sentimentos X Decisão = Opções.

- Filósofo, por isso que tive a opção de continuar te odiando e te amar.

- E decidiu-se por me amar.

- Minha melhor escolha até hoje.

- A minha também!

- Com certeza. Se eu tivesse que me decidir novamente. Escolheria amar você todos os dias de minha vida.

& Setenta e um &

Cairon,

Beijei sua bochecha. Seu nariz e, por fim, sua boca. Sabia que ela havia ficado apreensiva com a rebelião. Mas este é o meu trabalho e não posso virar as costas a ninguém, mesmo que seja um criminoso. Este é o meu papel na sociedade. Se não como Juiz que seja como ser humano.

Dormimos em paz naquele resto de noite. E a manhã foi deliciosa. Acordar do lado da mulher que eu amo era tudo o que eu sempre sonhei.

- Meritíssimo.

- Sim Heitor. - Ele me alcançou antes que eu chegasse ao gabinete.

- Duas notícias que talvez gostasse de saber. – Ele me puxou até um lugar reservado. - O Franz deu entrada pedindo pelo julgamento o mais rápido possível, os documentos chegaram ao fórum, e devem voltar para o CNJ.

Quem o homem pensava que era? Ele não dita regras, nada seria ao tempo dele.

- O Murilo acha que ele está tramando algo.

- E a Juíza?

- Desaparecida. Chegamos até a cogitar que alguém tenha dado um fim nela.

- Não acredito nisso. Fiquem atentos. A qualquer momento ela aparece por aí. E qual a outra notícia?

- O Homem que morreu ontem.. Não era o Jacques. – Aquilo sim era de assustar. – Pelo que tudo indica, ele trocou a identidade com o irmão Jaelson, mas ainda não temos certeza, é uma desconfiança, minha e do Murilo baseado em que as digitais não conferiam, estamos indo

averiguar.

- Façam isso o mais rápido possível e... Não deixem que o Franz saiba desse detalhe.

E eu tinha muito trabalho, atendi os pequenos casos que precisam ser atendidas, e ao pegar minha pasta para ir embora o Murilo apareceu.

- Vamos?

- Antes preciso te contar algo antes que a Liara esteja por perto.

- Já me assustou.

- Meus homens viram a Ana Luíza. rondando seu prédio hoje.

- E não conseguiram pegá-la?

- Não. Disseram que ela sumiu. Do nada. Como se tivesse entrado no seu prédio.

- O Prédio é enorme.

- E se ela estiver lá este tempo todo?

- Deus nos livre. Talvez seja mais perigosa que pensemos.

- Lembra que ela estava por lá no dia em que foi buscar o tal sorvete?

- Ninguém a procuraria ali.

- Claro que não. Só precisamos saber quem a acolheria. Já que não tem registros em seu nome.

- Agora me conta uma coisa. Estamos correndo um risco enorme. Durante o dia ficam só dois homens.

- Sim.

- E são de confiança?

- Até que provem o contrário sim, mas temos que desconfiar de todos e de tudo.

- Não vou ter sossego enquanto esta mulher não estiver presa.

- Tem algum outro lugar que possam ficar por enquanto?

- Seguro?

- Sim, muito seguro.

- A casa dos meus pais.

- Então vá para lá desde agora. Eu busco suas coisas para hoje e amanhã vasculharemos o prédio.

- Vou só pegar a Liara.

Saímos até a entrada e não vimos nem a Li e nem a Késsia. O Murilo levou a mão no bolso e ligou no mesmo

instante.

- Késsia onde está? Está com a Liara? Fiquem onde estão. Não saiam daí. Ele começou a caminhar e eu fui caminhando com ele mesmo sem ouvir a resposta dela eu sabia que estavam em perigo. - Meu amor escuta. Aperte o botão do elevador e desça para a garagem. Lá um dos meus homens esperará por vocês. Fiquem com ele até que eu chegue. Não deixe que a porta do elevador se abra no apartamento do Cairon. Volte. Entendeu?

- Por que não nos esperaram? – Ele ouviu depois me contou, que disseram que eu havia deixado recado dizendo que iria demorar.

Peguei meu celular e liguei para casa ninguém atendeu. Liguei então no celular da Magna. Onde você está Magna?

- Estou no supermercado doutor o senhor me mandou uma mensagem dizendo que era para eu fazer umas compras que íamos receber visita.

- Eu mandei mensagem? Do meu celular Magna?

- Não reparei o número doutor, quando o rapaz me mostrou a mensagem até estranhei o senhor não ter

mandando em meu celular, mas quando cheguei a pegar meu aparelho, realmente estava desligado como o moço disse. – Mas ela explicou tão bem quem era o agente, que não desconfiaria dele nunca.

Quando cheguei à porta do prédio parecia cena de filmes. Tanta polícia, tanta gente.

- Meu amor. - Ela me abraçou. Quem te deu o recado para vir embora?

- Um dos estagiários.

- E nem pensou em me ligar?

- Nem imaginei uma coisa desta. - O Murilo não desgrudava de nós em nenhum momento foi por isso que ouvi seu telefone tocar e ele sorrirmos.

- Pegamos a miserável. Estão descendo com ela.

Alívio. Era uma palavra pequena mais que naquele momento fazia mais sentido do que qualquer outra. Apertei a mão do Murilo e agradeci.

- Vamos esperar na porta do elevador e ver a reação da bruxa.

O elevador vinha a passos lentos. Mas tínhamos todo o tempo do mundo. Agora ela não sairia em pune.

Todas as autoridades policiais que precisávamos para prisão em flagrante estavam presentes.

11. 10. 09. 08. 07. 06. 05. 04. 03. 02. 01. Garagem

- Negra maldita, miserável. Pode rir. Isso mesmo sorria. Mas o que é teu está guardado.

- Pode levá-la delegado. Um bom fim de semana atrás das grades será um bom cantinho do pensamento para a doutora. Ou melhor. Ex. Juíza. Sabíamos que ela havia perdido seu cargo e até mesmo suas permissões perante a OAB.

- Podemos dormir tranquilos Murilo?

- Melhor passar o fim de semana com seus pais. Acha que eles se importaram?

- Este é o sonho de minha mãe desde que fiz dezessete anos.

- Então vamos. Aí sim poderão dormir tranquilos.

Abracei minha esposa aquela noite. E havíamos dado mais um passo rumo à liberdade. A prisão de um muitas vezes se torna nossa própria prisão. Mas estávamos lutando pela nossa liberdade. Todo dia! A cada segundo.

& Setenta e dois &

Cairon

- NÃO TEM FÉ MEU FILHO? – Foi à pergunta que minha mãe me fez, e estava repedindo essa pergunta durante os últimos e dias hoje repetidamente.

- Claro que tenho mãe, mas a razão está me deixando cego.

- Não filho. Não podemos deixar que só uma asa nos leve. Pássaro de uma asa só cai. A fé e a razão precisam caminhar juntas.

- Mãe enquanto as duas não saírem de lá não conseguirei ao menos respirar direito.

- Ama demais esta mulher não é filho?

- Amo muito mãe. Muito mesmo. Assim como amo meus filhos, mesmo sem ter a chance de pegar minha filha nos braços, como havia sido instantes antes com o garoto. Quando o médico me pediu para sair eu sabia que havia

algo errado. Eu sabia. – Me levantei e fui até o vidro que agora estava fechado com a persiana e tentei olhar novamente para a sala de cirurgia.

- Filho. Com tudo que passaram nesta gestação ela até que foi forte demais e calma demais e no mais ele não disse que não era nada sério?

- Disse. Mas... – Era meu coração de pai pressentia.

- Pronto. Estamos todos bem. - O médico saiu da sala.

- Em breve poderão ver a menina. Mas...

Eu não estou gostando da forma com a qual tem dito estes "mas".

-Poderia ser mais claro.

-Não vá querer me processar doutor.

- Já estou com vontade. - Disse sério e sei que ele entendeu.

- Às vezes, as contrações do útero após a expulsão do primeiro bebê são insuficientes para expulsar o segundo. Por isso, o nascimento do segundo bebê pode ter mais complicações durante o parto e um maior risco de lesões ou morte. Por este motivo realizamos o parto

normal do primeiro bebê e uma cesariana para o nascimento do segundo por motivos de segurança. – Que me importava como eles nasceram. Eu queria saber que estavam bem. Que a Li estava bem.

- E como elas estão?

- Sua esposa está bem inclusive, perguntou pelo senhor. Ela está preocupada.

- Comigo? Eu é que estou preocupado com ela. E minha filha?

- Levamos a criança até a incubadora e ficará por duas ou três horas e poderão então tê-las nos braços.

- Me desculpe qualquer coisa doutor, passamos por meses de muita tensão e estou com os nervos à flor da pele.

- Imagino. A gente acompanha algumas notícias pela TV. Inclusive gostaríamos de agradecer por estarem conosco.

- Foi escolha da minha esposa, mas eu aprovei. Estamos muito felizes com o tratamento dispensado a nós. Podemos vê-la?

- Claro. – Enquanto conversávamos o restante do

peçoal foi liberado a entrar na sala de esperava e acabaram entrando no quarto primeiro que eu.

Assim que entrei minha mãe estava com o neto nos braços.

- O Pietro ligou. – Minha mãe avisou. - Tiramos uma foto para que ele visse. Irá buscá-lo? - Minha mãe falava, mas meus olhos estavam sobre o rosto da Liara. Parecia muito cansada e um pouco inchada.

- Eu vou ver mãe com os pais dele. Como está meu amor? - Aproximei-me dela.

- Estou bem.

- Desculpe-me fiquei aterrorizado quando não ouvi nossa filha chorar e aquele aparelho fazendo barulho. Achei que ia perder as duas de uma vez.

- Nossa Cairon. – O Murilo me censurou.

- É por que vocês não presenciaram o que eu vivi. Quando for pai entenderá Murilo.

- Daqui sete meses. A Késsia disse de uma vez.

- Késsia como assim? O Murilo foi até ela.

- Foi o que você ouviu. Estou grávida.

- Onde esta criança foi concebida? Só Deus sabe.

- Cairon! – A Li segurou minha mão para que eu me calasse.

- Parabéns Késsia. - Os cumprimentos começaram e pega bebê, e vai aos braços de outro.

- Até quando vamos ficar chamando meu afilhado de bebê. Parece que ele nem tem um nome escolhido. - O Murilo colocou meu filho em meus braços que já havia rodado os braços de todos.

- Oi. Meu filho! Sabia que seu nome significa "filho da felicidade" - Disse bem baixinho próximo a ele. E sua avó disse que é descrito como o filho mais novo de Jacó e Raquel. - Levei-o até próximo a Liara. Olha mamãe, o Benjamin como é lindo se parece com você.

- Acho que é uma mistura.

- Eu estou achando ele bem estranho. – Quem havia convidado o Heitor. Tem cara de joelho não?

- Não tem amor ao seu trabalho Heitor, à sua vida? - Olhei para ele. Seguido do Murilo que também entrou em defesa do afilhado.

- Alias quem te convidou?

- Eu pensei que fosse amigo de vocês.

- Hum... Fica esperto. – Ameacei-o brincando com ele. Para mim era o menino mais lindo do mundo.

- E a menina? Qual o nome? Estavam indecisos.

- Ai Josy. Minha filha nasceu em meio a tantas dificuldades e está sendo tão guerreira que eu não tenho mais dúvidas. Quer falar Cairon?

- É o nome do santo relacionado com o Dia dos Namorados.

- Antônia?

- O que? Heitor?

- Você disse santo relacionado ao dia dos namorados.

- Aqui no Brasil relacionam o dia dos namorados a Santo Antônio por ser considerado o santo casamenteiro Heitor. Mas o verdadeiro é São Valentim.

- Valentina. - A Liara concluiu.

- O nome Valentina "valente, forte, vigoroso, cheio de saúde".

- Sabiam que também na Rússia é um nome muito conhecido, aliás, um dos mais usados.

- Não sabia Josy. Sabe o porquê?

- Porque é o nome da primeira mulher a visitar o espaço, a cosmonauta Valentina Tereshkova

- Foi uma ótima escolha dos dois. Benjamin e Valentina.

- Obrigada Mãe.

Seu pai deve estar chegando. Tinha uma bateria de exames para fazer à tarde.

- Está tudo bem com ele?

- Sim, está. Exames de rotina.

Minha mãe ficou até meu pai chegar e também o Walter e o Diogo. Como o quarto é bem grande não pediram para sair ninguém. Bateram à porta e quando abrimos a enfermeira entrou empurrando o bercinho com a Valentina. O Murilo havia deixado dois homens de plantão à porta do berçário no momento em que não estávamos por lá.

- Quem vai pegar primeiro?

- A mamãe. - Ela estendeu os braços e esperou que a enfermeira a entregasse. - Ai que linda minha filha.

- Sua? – Corrigi.

- Nossa. Desculpe-me eu sempre me esqueço de que

não gosta que me refira assim a nossos filhos. - Ela sorriu.

- Filho. Terá trabalho em dobro.

- Não me assusta pai.

- Se forem tranquilos como você. Teve uma infância tranquila, a adolescência também foi muito feliz.

- São suspeitos para falar. Vocês me amam.

- E muito filho! Amamos muito você! Agora vocês.

Toda sua família. Estamos orgulhosos.

- Vai me fazer chorar pai. - Abracei meu pai.

- Mas vai ser muito engraçado ver dois homens barbados chorando. - Olhei para o Murilo para falar algo sobre a colocação dele, mas acabei não dizendo nada.

Tomei minha filha nos braços. Que ser indefeso. Tão dependente de nós. Se eu parasse ao menos por dois segundos para pensar não teria trago ao mundo este pequeno ser.

Eu estava mais temeroso que nunca. Além de toda perturbação externa agora ainda havia essas dois seres que estavam perturbando meu coração.

- Que susto deu na gente meu amor. - Encostei meu rosto ao dela.

- Alguém filmou o papai apavorado chegando aqui?

- A mamãe forçou um sorriso, mas eu sabia que ela estava muito cansada.

- Devia mesmo viu Liara.

- O que teve demais?

- Nada pai. É que fiquei apavorado e...

- Não deixa que eu conto. - O Murilo estava se divertindo. - Chegou aqui de toga. Nem ele nem eu reparamos. As pessoas ficaram olhando. E ele achando que era pela quantidade de segurança.

- Eu gostaria de ter visto.

- A Curiosidade matou o gato Heitor.

- E o que aconteceu lá dentro? Quando liguei para sua mãe ela estava ansiosa. Melhor apavorada.

- Nossa nem diga pai. Foi atemorizante. Quando eu cheguei aqui já estava nervoso por que haviam me deixado sem saber até a última hora. Fomos para a sala de parto e logo o Benjamin nasceu mais a Valentina não. E só ouvi quando eles me pediram para sair. Eu perguntava e ninguém me respondia. Até que o médico me pediu para autorizar uma cesariana.

- Se lembra meu amor do que houve depois? - Como sai da sala também estava curioso por saber dela como foi que tudo se resolveu. Mesmo sabendo que o importante era estarmos ali. Todos juntos. Nossa nova família.

& Liara

- Aaaarg! Que dor insuportável. Vai ser agora.

- Então vai entrar? - O Médico chamou... Papai vai entrar?

- Vou sim. - Ele foi se preparar e eu fui entrando. - Quando se sentou ao meu lado e segurou minha mão, tentei sorrir.

- Devia ter optado pela Cesária.

- Eu te disse. Você não quis. Ainda bem que tirei de sua cabeça o parto na água em casa.

Mais uma contração. Fechei os olhos e apertei firme a mão do homem que eu amava. Tomara que não demore muito.

- Ai vem o primeiro! - Anunciou o médico. - Força

Liara, força. - Minha vontade era de gritar feito uma louca. - É o menino.

Assim que o bebê nasceu uma enfermeira o pegou em uma toalha e o levou para um tipo de balcão. Observei que o Cairon estava atento. Será que desconfiava de algo? Todos para ele eram suspeitos. Até que provassem a contrário. Nossa filha demorou a nascer. No momento em que o olhei achei que podia ter algo errado. Pela cara do médico.

- Algum problema doutor? - O Cairon quis saber.

- Não papai, mas terá que esperar lá de fora.

- Não. Não vou sair daqui.

- Precisa doutor e está nos atrasando. - Depois de conversar com o outro médico do lado e medir minha pressão ele foi até a porta e pediu ao Cairon que autorizasse fazer o segundo parto por Cesária. Ele sabia que nós tínhamos optado pelo parto natural e se fizesse o outro sem nossa autorização sabia que podia dar problemas para ele.

Depois que voltou com a assinatura no papel foi que me explicou sobre o procedimento.

- Liara vamos fazer uma Cesária e vou te explicar o por que. - Ele foi falando e já me preparando. Concordei por que era a única forma de salvar minha filha. - Talvez tenhamos que deixá-la um pouco na incubadora. Mas nada de mais.

- Tem certeza? Por que ela precisa ficar lá?

- Será somente para fornecer a ela o suplemento de oxigênio de que está necessitando no momento. Em poucas horas ela virá ficar com vocês.

Eles começaram a conversar coisas que não faziam parte do momento eram assuntos deles. Mas não me recordava bem. Quando ouvi o chorinho dela fiquei muito feliz.

Eles a colocaram sobre mim como fizeram com o Benjamin e depois a levaram. Eu sabia que o Cairon devia estar furioso lá de fora.

- O senhor poderia me dar notícias do meu marido.

- Daqui a pouco eu vejo para você. Fique tranquila.

Quando ele se foi voltou com todos os amigos e parentes. Minha tia e minha prima entraram, mas não ficaram tanto como os demais. Quando por fim depois de

quase cinco horas todos foram embora eu estava exausta.

- O que foi amor? Carinha preocupada.

- O que nossa filha tem?

- Agora acho que mais nada.

- Estou preocupada. - Vi uma lágrima correr em seus olhos. Afaguei seus cabelos. Embora meu coração estivesse também temeroso.

- Não precisa está tudo bem!

Ele tirou algumas fotos. E colocamos a Valentina no bercinho.

- Melhor descansar agora.

- Também acho. Você me acorda se precisar amamentar as crianças?

- Com certeza. Não me arriscarei nesta área.

Fechei os olhos e fui sumindo. Pensado na família maravilhosa que Deus havia me dado. Amanhã será um novo dia e com certeza todos nós éramos guerreiros em vista de tudo que havíamos passado.

& Setenta e três &

Cairon

EU ESTAVA ACABANDO de ler a sentença de um réu e ele em nenhum momento olhava para mim.

- O réu terá que pagar oito anos de reclusão e... – Algumas pessoas do Júri aplaudiram enquanto outras, praguejavam.

Quando estava terminando de assinar os documentos e estava ansioso por terminar, olhei para a porta da sala particular onde nos reunia e vi o Murilo, mas ansioso ainda. Em sua mão minha pasta preta. Eu soube na hora. Meus filhos estavam para nascer.

Desci da tribuna e o segui sem dizer nada até chegamos ao carro. A tia dela viera ficar conosco e durante este tempo contratamos uma babá. Ela é irmã mais nova da Magna. Não tenho tido o sentimento da confiança ultimamente.

- Ela já está na clínica?

- Desde as treze horas.

- Mas e falei com ela no intervalo das três horas.

- Ela não quis te deixar nervoso. Conhece sua mulher melhor que eu. Sabe o que estou dizendo.

- Sei, mas então está muito demorado. São dezoito e

vinte.

- Agora já deve estar quase nascendo.

- Pegaram tudo o que precisava?

- Sim. E não comece a surtar também!

- Quem está com ela?

- A tia, a Késsia e a Josy e sua mãe.

- Ainda bem que estas duas últimas semanas foram tranquilas.

- Já marcou o julgamento do Franz?

- Daqui quinze dias. E o da Ana Luíza também. Mas como estarei de férias será o Walter quem presidirá a audiência.

- Corre algum perigo deles se safarem?

- Não. O Walter é muito justo também. E com as provas e com o Heitor no caso, contra eles não em como saírem ilesos.

Assim que paramos na porta da maternidade desci acompanhado de dois federais e o Murilo. Na porta do quarto que ainda estava sem o nome dos bebês havia dois homens e mesmo sem ver eu sabia que haveria homens também à porta da sala de parto.

- As pessoas devem estar incomodadas com tanta segurança. Mas não posso arriscar a vida da minha família.

- Claro. Está certo.

- Boa noite doutor! - Segurei a mão do homem que me recebeu na antessala onde estavam sentadas.

- Achei que não ia chegar a tempo. - Ela abriu a porta e saiu andando bem de vagar. - Amor. Não aguento mais.

- Lembre-se da respiração correta e de tudo que aprendemos.

- Vai voltar para o trabalho ainda? - Ela me olhou se afastando um pouco.

- Não. Estou de férias agora. Trinta dias só nós.

- Então por que não tira a toga meu bem? - Olhei para mim vestido de beca preta. Por isso as pessoas me olhavam no corredor da clínica. Elas não estavam incomodadas, estavam achando ridículo eu andando assim pelos corredores.

- Murilo?

- Nem notei. - Tirei a toga e lembrei que não estava

de paletó. Tudo bem. Também não iria precisar dele.

Acordei assustado. Achei que estivesse vivendo o dia novamente. Mas tudo não passou de um sonho. Eles já estavam conosco. Eram nossos, só nossos.

Ouvi um chorinho e corri para ver qual dos dois. Olhei para um e para o outro. Eu amava minha família. Era ela, bem fraquinha. Eu tinha até medo de pegá-la no colo.

- Quer ajuda? - Olhei para trás e vi a Giovanna parada à porta. Falando baixo. Respondi à mesma altura.

- Não. O que está fazendo aqui? Como conseguiu entrar?

- Cairon não sou uma criminosa.

- Ah é. É sim.

- Não matei ninguém.

- Diretamente não, mas indiretamente. E não me respondeu o que quer aqui?

- O Pietro. Estava louco para conhecer os irmãos. Fez o Jeff viajar três horas de carro depois que soube que eles haviam nascido.

- Mas ele não pode entrar.

- Segundo a moça da portaria se você autorizar. -

Ela tentava ver as crianças por cima do meu ombro.

- O que está querendo Giovanna?

- Porque está escondendo os bebês de mim? Por acaso não quer que eu veja algo?

- Tipo?

- Que eles são negrinhos.

- Não. Não quero que os veja por que a Li não vai gostar. Não quero que os veja, porque tenho medo de que os faça algum mal. Você é perigosa e minha obrigação de pai é afastar qualquer mal dos meus filhos. Agora vá embora e dia a moça de recepção que autorizei a entrada do Pietro.

- Não quer ajuda mesmo? Estão resmungando.

- Não. Lembra-se que quando o Pietro nasceu e quando resmungava era eu quem cuidava dele.

- Só porque dei depressão pós-parto. Isso é normal.

- Vá embora. Não quero que a Li se aborreça vendo você aqui.

- Hei. Calma. Vim em missão de paz.

- Com você não queremos missão alguma, nem

mesmo de paz.

- Cairon. Cairon. Seu coração não é mais o mesmo.

- É por que você nunca teve coração. E agora se retire. - Continuava entre elas e os bebês.

Assim que ela saiu eu virei e notei que a Valentina estava acordada se mexendo dentro do macacão.

- Gosto de como cuida de nós! - A Li abriu os olhos.

- Estava acordada há muito tempo?

- Está querendo saber se vi a Giovanna neste quarto?

-É.

- Ela não me dá medo. Só pena. - Bateram à porta e a enfermeira entrou com o Pietro.

- Ele não pode demorar mais de dois minutos doutor. Disse que iria trazê-lo ao banheiro. Crianças não podem entrar.

- Oi filho. Então vem. Veja seus irmãos e depois volte com a enfermeira.

- Nossa que lindos. Se parecem comigo quando era bebê.

-Verdade filho! - Ele sorriu e ficou por mais alguns

minutos até a enfermeira dizer que precisava levá-lo. Prometeu que quando formos para casa ele estará por lá nos esperando.

- Está feliz? - Perguntei a ela.

- Muito demais como diz o Pietro. - E você?

- Transbordando de alegria. E amor por vocês. E sabe de uma coisa?

- Não sei. Diga-me.

- Pela primeira vez depois de muito tempo eu me sinto em paz!

- Paz. É quando estamos calmos, tranquilos. Sem ausência de perturbações e agitações. Estou em um estado, onde não há sentimentos negativos. Eu sonhei com isso para mim e para minha família. Eles eram os responsáveis por este momento. Eu não tinha mais nada a me preocupar. Não por hoje! Hoje eu queria só ser feliz!

& Bônus &

Meses mais tarde. – Penitenciária de segurança máxima

Ana Luíza.

— HEI CARCEREIRA. Que dia é hoje?

— Tanto faz, tanto fez. Não vai sair tão cedo daqui mesmo.

— Eu quero falar com o Juiz. Chamem-no diga que quero falar com ele, diga que é urgente.

— Vai ter que esperar doutora. Ah é verdade me esqueci de que não é mais nada.

— Sua idiota. Chame meu advogado então.

— Hoje não é dia de visita bonitinha. Esqueceu-se de que aqui não é hotel e trate de fazer silêncio.

Como eu faço agora? Não tenho com avisar ao Cairon sobre o nosso plano que estava em andamento. Nosso não do Franz. E sobrará para mim.

Fiquei a manhã inteira tentando que alguém me ouvisse, mas foi em vão.

— Delegada. Delegada. Preciso falar com o Juiz. Com o Cairon. Diga a ele que é sobre a família dele que corre perigo. Delegada! – Gritei.

— Cale essa boca sua desgraçada. – A presa que

fica ao lado do meu cárcere gritou.

— Não posso entende? Vai sobrar para mim e isso só aumentará minha pena.

— Delegada! Delegada. Preciso falar com alguém. É sério. Vão matar a família do Juiz ainda hoje. — Ouvi barulho na porta de ferro que nos separava dos policiais.

— Sua cretina. O que está pensando?

— Eu preciso falar com a Delegada. Vão matar a família do Juiz. A esposa e os filhos. O Plano é para ser hoje. Eu sei. Estava presente quando eles tramaram tudo.

— Eu vou chamar à delegada. Se for alguma artimanha sua para se safar eu mesmo terei o prazer de encher sua cara de porrada.

Ela se foi com cara de poucos amigos, e quando voltou mandou que eu me virasse e colocasse as mãos para trás para ser algemada. Eu obedeci. Ela foi me empurrando até chegar à frente da delegada.

— Sabe que eu posso processar vocês por maus tratos?

— A senhora está sendo maltratada doutora Ana Luíza.? Desculpe-nos, é que todas as vezes que

precisamos de uma atenção melhor aqui no presídio feminino, mas, nos foi negada. Principalmente pela Vara de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher que não dá atenção às mulheres aqui detidas. Sabia que aqui há detentas que foram agredidas pelo marido, e quando revidaram vieram parar aqui enquanto os maridos estão soltos? Inclusive, tem uma presa que castrou o marido por violentar a filha dela de seis anos, e depois de procurar a policia, foi mandada para o juizado de menores, com não foi resolvido ela mesma fez justiça com as próprias mãos, então levaram o bandido para o hospital, e ela veio parar aqui correndo o risco de pegar cinco anos de prisão, tendo duas filhas para criar.

— A culpa não foi minha. Mal cheguei e saí, mas não vim aqui para falar sobre o presídio porque assim que meu advogado vir aqui eu vou pedir a ele que conte como tenho sido mal tratada aqui.

— Então pode voltar para a sela e ficar lá pensando um pouco mais. — A carcereira me puxou e eu gargalhei na cara dela.

— Quero só ver a ira do Juiz quando souber que eu

sabia que a família dele ia morrer e você também sabia e não quis alertá-lo. Agora vamos voltar para a cela. A responsabilidade não é minha mais.

— Espera. Vou ligar para o advogado dele e você conta a ele. Caso ache necessário ele mesmo tomará frente de tudo.

— Liga sim. Eu estarei ali. No meu cubículo. Ops. Desculpe. Na minha suíte.

A carcereira me levou de volta à cela. Não é bem uma cela normal. Tem um banheiro privativo, tem um colchão de boa qualidade e tenho TV. Não é nada como minha casa, que tem TV por assinatura, mas é alguma coisa.

Eu podia ficar calada e não dizer nada, mas essa semana eu estou realmente pensativa. A conversa que eu ouvi dizia toda família e temo que façam algo com o pobre do Pietro, mesmo que não tenha convivido, eu sei que o Jacques estava amando este menino. Seria como um último favor que faria a meu primo. O Jacques foi o único primo que verdadeiramente cuidou de mim. Pode até parecer que ele me vendeu ao Franz, mas não. Eu hoje

seria uma prostituta de beira de estrada.

— Sua visita chegou mocinha vamos lá. Vamos pipiu cantar para o frajola que está te esperando.

— Então o advogado é gatinho? – Ela não respondeu mais nada, foi me levando a solavancos até chegarmos à sala onde nos reunimos com os advogados.

— Então você quer falar com o Cairon?

Assoviei.!

- Eu vi, Eu vi um gatinho. – Sorri para a carcereira que não fez nenhuma menção de sorrir, mas eu sabia que ela havia entendido.

— Se me chamou para ficar de brincadeira eu estou de partida. – Se levantou.

— Não é brincadeira é sério. Antes de vir para cá eu ouvi o segundo homem que fica no comando quando o Franz não está contanto por telefone o plano deles.

— Segundo homem no comando, então ainda há um primeiro?

— Não. O Primeiro era o Jacques. Coitado. Fez tanto por essa posição e agora... – Ele se referia achando que o Jacques havia morrido, mas eu sabia que estava

vivo.

— Então vamos falar do plano.

— Eles querem todos os filhos do Juiz e a esposa. Eles vão pegá-la. Assim que os bebês nascessem e completassem seis meses de vida. Não é por esses dias?

— Não que seja da sua conta, mas é hoje sim, inclusive são meus afilhados.

— Então a essa altura talvez seja tarde.

— Não. Pode ficar tranquila. Tem muitos homens por aí guardando a família do Juiz.

— Lá dentro mesmo, entre os homens que o guarda tem homens do Franz.

— Não sei por que não acredito em você. O que está querendo em troca destas informações?

— Que vocês salvem o Pietro porque ele é filho do meu primo. E a gente tinha uma amizade muito grande.

— E eles disseram o que fariam? Para onde os levaria? Alguma informação útil?

— Sim. É um dos desmanches do Franz. Eu só não sei o endereço, mas podem começar a localizar agora e ficarem de olho nos homens que estão trabalhando com a

família. Eles estão com o filho do tal agente, ele está desesperado também. Precisa de ajuda. O Nome dele é Augusto.

— Espero que sua informação seja certa, caso contrário poderá se enrolar diante da justiça por fornecer pistas erradas.

— Endrigo, conte isso ao Heitor. Ele não duvidará de minhas palavras.

— Mais alguma coisa?

— Quero uma TV maior e também o direito de banho de sol sozinha. Sem nenhuma detenta me enchendo a paciência.

— Chega. Estou indo embora. Caso se lembre de algo mais me ligue. Vou deixar avisado que você está cooperando no caso.

Ele se foi e eu voltei a minha cela. Sei que estou fazendo uma boa ação, mas também não jogo para perder. Outro dia tomando banho de sol uma das detentas, vagaba deve ser uma das mulheres do Franz tentou me coagir.

—Hei boneca. — Ela se aproximou com aquele mau hálito de quem fuma desde que nasceu.

— Está falando comigo?

— Se acha melhor que nós? Acha por que um dia foi da lei é muita bosta. Não gatinha. Aqui é tanto quanto nós. Nada.

— O que você quer hein? – Disse não demonstrando medo. E não é só para mascarar não. Do lugar aonde eu venho mulher nenhuma tem medo de homens e muito menos de mulher.

— Só um recadinho minha flor. Tem gente que está querendo calar sua boquinha. Não gostaram das palavrinhas que saíram delas durante o julgamento.

— Pois diga ao Franz que não disse nada mais do que era para ser dito. Ele acha que eu iria pagar sozinha por tudo? Não. Dez anos de cadeia já é muito. Se eu trabalhar em prol da lei e for boazinha meu advogado está recorrendo e eu poderei diminuir esta pena e ainda cumprir boa parte em liberdade. Por tanto diga a ele que caso algo me aconteça saberão que ele foi o culpado.

Neste dia quando voltei à cela eu tinha certeza que se não conseguisse sair da li e fugisse para bem longe eu seria uma pessoa morta. Por isso hoje quando acordei e

deduzi que os filhos do juiz completariam seis meses pensei em começar a mudar o jogo. Comecei a cochilar. Quando a carcereira bateu as chaves nas grades.

— Está ficando importante, mais visitas para você. E se gostar de orgia o momento é agora. Três de uma vez.

Quando eu cheguei de volta à sala estava aquele moço. Hum... Murilo que é o segurança do Cairon, o Heitor e o próprio Cairon.

— Agora que interessa a vocês vieram todos. Quando precisei de alguns objetos pessoais o único que veio, que apareceu foi o Jeff coitado. Um pobre-diabo aquele. Amou uma única mulher e ficou com o coração parado no tempo.

— Pronto Ana Luíza.? Queremos mais informações. Quem é o tal federal que está trabalho dos dois lados?

— Oi Doutor então agora está precisando de mim?

— Foi você que nos chamou aqui. Eu acho que nós mesmos conseguiríamos deter criminosos. Não paramos vocês?

— Ai Cairon. Tudo que fazemos para ajudar você acha que é pouco. Se não quer minha ajuda por que veio

então? – Ele bateu a mão sobre a mesa.

— Fala poha. Que droga. Já está me fazendo perder a paciência.

— Está bom. O Franz tem um segundo homem no comando. Ele vai pegar a sua esposa e seus... Seus filhos. O dia que eu estava em sua casa. Ele que facilitou minha entrada. Ele conhece o prédio e a rotina da família. Mas não está fazendo por dinheiro. O Franz mandou pegar o filho dele. E ameaçou caso ele não assumisse a linha de frente até o Franz poder voltar.

— Ele podia ter buscado nossa ajuda e entregado todos eles. Se algo acontecer a minha família Ana Luíza. eu farei questão de reabrir o caso de vocês e aumentar a pena. Eu achei dez anos muito pouco para você ainda correndo o risco de ter liberdade em cinco anos.

— E a pena do Franz ficou satisfeito?

— Muito. 38 anos para uma pessoa da idade dele.

Depois que forneci o resto das informações que já havia falado ao Endrigo eles se foram eu me deitei em minha cela e fiquei pensando em meus pais. Eles eram contra meu relacionamento com o Franz. Nunca quiseram

saber do dinheiro com o qual ele me ajudava.

Eu era uma jovem idiota achando que prostituição dava dinheiro. Achando que eu iria virar uma acompanhante de luxo. Idiota, idiota. Mais idiota ainda foi quando pensei que trabalhando com o Franz e o Jacques eu chegaria a algum lugar a não ser a prisão.

Mais de dez anos de estudos jogados fora. Toda uma vida pela frente. Quem sabe eu poderia ter tido família e vivido uma vida normal, assim como o Walter o Diogo e o Cairon.

Apesar de que não entendo como ele quer levar uma vida normal vivendo com uma mulher inferior a ele. Uma mulher negra. Que coisa estranha, cada um tem sua vida, mas daí com tantas mulheres bonitas o cara vai logo pegar uma mendiga. Fala sério. Se ele estivesse em sã perfeita consciência teria ficado comigo na primeira vez que dei de cima dele.

Fechei os olhos e quando abri senti um forte cheiro e tentei me levantar e não consegui. Olhei em volta e havia duas mulheres em minha cela. A dor era tanta que não conseguia me mover. Elas tinha me dado algo para

ingerir. Foi o Franz. Eu sabia. Ele estava com medo.

Minha ultima visão foi meus pais. Como eu gostaria de ter pedido perdão. Como eu gostaria de dizer ao meu pai o quando o amei e o admirei, mesmo tendo filhos para criar e mal sabendo assinar seu nome não cedeu as tentações do mundo e do dinheiro.

Ele poderia ter roubado todas as vezes, em que sentimos fome e ele não tinha nada para nos dar. Mas não o fez.

Minha mãe. Ela poderia ter se prostituído. Era uma mulher linda. É linda até hoje tanto por dentro quando por fora. Mas foi fiel ao meu pai. Outro dia mesmo parei meu carro diante da casa deles e os vi sentados à varanda sorrindo um para o outro. Mas eu sei que eles sofrem por nossa causa. Terminaram de criar os sobrinhos com todo carinho. E quando começo sentir minhas forças se esvaindo a última pessoa que me vem à memória é meu primo Jacques o único e grande amor da minha vida.

— Estou indo meu amor. Estou indo. — Ele nunca soube o quanto o amei. Meus pais nunca aceitariam um primo namorar o outro. Havia toda uma crença em volta

da união entre família. Mas eu guardei em meu coração e tudo o que eu fiz em minha vida foi por amor a ele.

Por um tempo ele achava que eu tinha uma queda pelo Jeff, mas não. Amei o Jacques com todos os seus defeitos. Por isso nunca tive outro amor desde que perdi minha virgindade com ele aos treze anos.

Agora tudo estava acabado. Tudo estava acabado. Ultimamente meu único sonho era minha festa de trinta e cinco anos quando eu chamaria meus pais. Mas... Mas...

- Serviço pronto.

& Setenta e quatro &

Liara

— Amor onde você está? – O Cairon ligou no meu celular

— Estamos em casa. Por que algum problema?

— Não. Olha só... Tem algum agente na casa?

— Sim. Dois na porta e dois lá embaixo.

— Olha só arrume alguma coisa para comer e se tranca com as crianças no quarto com tudo o que eles

fôrem precisar. Você e a Magna e a babá. Não questiona e não abra para ninguém. Muito mesmo para alguns dos agentes. O Endrigo deve estar chegando por aí. E o Heitor, o Murilo e eu estamos indo. Abra somente para um de nós.

— Está bem.

— Dana, leve as crianças lá para meu quarto. Vou assistir TV com eles. — Quando cheguei mais perto a ela. Ela estava com um olhar estranho e um dos agentes estava comendo, sentado à mesa da cozinha, o que era muito estranho, meu coração se acelerou. Nunca havia prestado atenção naquele homem. Mas ele estava por ali algum tempo.

— Boa tarde.

— A senhora se importa de eu ter pedido almoço para a empregada?

— Não. Está tudo bem. — O celular tocou. Era a Josy.

— Está tudo bem? O Heitor parecia preocupado mais cedo aqui no fórum.

— Quase.

— Como quase? – Continuei arrumando uns sanduíches, mas não quis dizer claramente por causa do homem. Não havia visto a Magna na cozinha.

— É que estou arrumando sanduíches na cozinha?

— Tem alguém com você?

— Isso mesmo. Estou fazendo sanduíches na cozinha. Hum... Vai ficar uma delícia.

— Está me dando dicas não é?

— Sim... Está tudo bem, um agente está aqui na cozinha.

— Pelo amor de Deus Li, cuidado, vou achar o Cairon e o Murilo. – Olhei para o celular que não estava mais em minhas mãos.

— Chega. A Senhora vem comigo.

— Não posso sair daqui. Estou esperando o Cairon e meus filhos precisam ser alimentados daqui a pouco. – Meus olhos já estavam marejados.

— A gente vai dar uma volta. Daqui a pouco a senhora volta. Aliás, leve as crianças.

— Não. Está frio e a Valentina você já viu os cuidados que temos com ela? Ela é fraquinha e ainda está

com pneumonia. Olha só. Se quiser eu vou com você, mas não leve as crianças.

— Me pediram para levar a todos.

— Olha. Qual seu nome mesmo? Eu me confundo.

— Augusto.

— Você tem filho Augusto?

— É por ele que preciso levar à senhora. E tem que ser agora. Por que precisamos pegar a outra criança que deve chegar a pouco no aeroporto.

— O Pietro?

— É o pai mandou uma mensagem pedindo que ele viesse e que ele o buscaria no aeroporto.

— Não gente. É só uma criança.

— Eles querem a liberdade do Franz. E só uma troca valiosa poderia lhe dar esta liberdade. Eles iam tirar a Ana Luíza. de lá também mais a essa altura, – Ele consultou o relógio. – Ela já deve estar no andar de cima.

— O que? - Quase vomitei. - Mataram a Juíza?

— Não vai fazer falta para ninguém.

Comecei a chorar e soluçar quando ele me pegou pelo braço. Encontramos com a Magna à porta. Ela deu

um grito e se segurou à porta.

— Cala a boca sua velha. Cala a boca.

— Magna fica calma. Olha só cuida das crianças, por favor, e do Cairon. Diga a ele que tudo vai ficar bem.

— Vamos embora você mesma vai dizer isso a ele daqui a pouco.

Ele me tirou do apartamento e me fez descer pela escada e em vez de sair do prédio ele me fez entrar no terceiro andar. Lá ficamos por uma meia hora. Só então saímos em um carro. Colocou-me no porta-malas com amordaçada. Eu queria ter a fé que minha sogra sempre fala, por que nem isso minha mãe me ensinou. A rezar, mas eu estava cega. Não via um final feliz. Estava aterrorizada. Pensava em meus filhos, pensava no Cairon e agora no Pietro.

Pelo andar do carro nós caminhamos um tanto bom. Não dava para ver nada lá de dentro. Espero que o Cairon não fique louco. Que haja de acordo com a razão e não com o coração.

& Cairon

— Fica calmo. – O Murilo veio encontrar comigo assim que desci para a garagem do fórum.

— Acabei de ficar mais nervoso agora. Conta-me que foi?

— Pegaram o Pietro.

— Como Murilo?

— Era para alguns agentes buscá-lo no aeroporto, mas a Giovanna enviou mensagem e eles interceptaram e chegaram primeiro que os nossos.

— E a Liara e os meninos?

— Acho que foi só para disfarçar, mas enviei mais seguranças por lá. Ainda não sabemos, quem o levou, mas começamos a suspeitar do Augusto, nossa sorte é que ele não está em serviço hoje.

— Não checam os currículos destes agentes? As informações que eles fornecem?

— Claro que sim. Ele é homem de confiança. alguma coisa está errada. Já protegeu muita gente boa e nunca teve problemas.

— Quer vir com a gente?

— Precisava ir a casa para ver as crianças e a Li, mas não posso deixar o Pietro sozinho.

Liguei no celular dela, mas estava ocupado. Talvez estivesse falando com alguma das meninas.

Minha mãe estava chegando com meu pai ao tribunal. Estava cego, muito cego. Fomos direto para a penitenciária e pedi que trouxesse o Kalebe Franz.

— Você tem cinco minutos para me dizer onde está o Pietro?

— Pietro, Pietro. — Ele fingia não saber, então soquei a cara dele, talvez assim se lembrasse. — Calma doutor. Nada vai acontecer com a criança se o senhor fizer o que vamos pedir.

— Eu disse uma vez e vou repetir. Ladrão negocia com ladrão. Não estamos no mesmo naipe Franz. Por tanto ainda tem uma chance antes que eu reabra o processo e aumente sua pena e ainda peça para te deixar no isolamento sem nenhum conforto.

— Cairon. - O Murilo chamou e eu fui correndo ao seu encontro.

— Alguma notícia?

— A Polícia encontrou o cativo, mas não podemos entrar correndo o risco do sequestrador atirar.

— Vamos para lá.

— Hei não estão esquecendo nossas exigências?

— Prisioneiro não tem exigências Franz, muito menos no seu caso.

Saímos do presídio e fomos até onde os policiais haviam indicado.

— Tentaram falar com eles? O que querem?

— Querem que o senhor entre desarmado e sozinho.

— Nunca. — O Murilo gritou.

— É meu filho Murilo, peça-me o que você quiser , mas não peça para deixá-lo lá.

— Só que não tem só ele de filho. Agora tem uma família. Uma esposa e dois filhos. O que eu digo à Liara assim que ela perguntar, se acontecer algo?

— Que eu amo! Muito, muito. Assim como amo meus filhos, mas amo também o Pietro e não posso deixá-lo lá sozinho.

— Cairon.

— Lembra que vocês me prometeram. Se me acontecer algo.

— Não vai acontecer nada. Com esse tanto de homem aqui você acha que vamos deixar você sozinho.

— Eles disseram sozinho.

— Atenção doutor. Se quiser ver seu filho. Mande uma ordem para que soltem o Franz. Assim que ele ligar dizendo que está bem nós soltaremos o menino. — Um homem gritou em um megafone.

— Melhor fazer o que eles querem doutor.

— Delegado. — Passei a mão nos cabelos.

— Mande que a gente solte e soltaremos e em seguida o prendemos novamente.

— E ele já terá matado mais cinquenta.

— Estamos aguardando doutor. — Gritou novamente do segundo andar.

— O delegado vai para o presídio neste momento e estará solto em poucos minutos. — Falei lá de fora pelo radio de um dos carros da polícia.

O tempo parecia uma eternidade. Nunca chegava a notícia que o Franz havia sido solto. Depois de quarenta e

cinco minutos que mais pareceu três horas de espera ele chegou à janela e gritou novamente.

— Muito bem chefe. Venha pegar seu filho.

— Cairon. — Nem ouvi o Murilo e sai correndo para buscar o Pietro. Antes de chegar à porta ele saiu, sendo empurrado por um homem armado. O Homem o jogou do lado de fora e ele ficou batendo no vidro. Em vez de vir correndo ao meu encontro.

— Papai, papai. — O peguei no colo e estava me afastando. — Papai. — Ele dava birra no meu colo. Não quero ir.

— Quietos Pietro está tudo bem. — Ele chorava.

— Não posso deixar a Li. Ela não me deixou sozinho ficou segurando minha mão.

Parei. Paralisado.

— O que você disse filho?

— A Li também está lá. Eles vão levá-la embora.

— Filho quando eu contar até três corre para o tio Murilo. O Papai vai buscar a Li, mas antes o rapaz gritou novamente.

— Não quer entrar doutor. Fazer-nos uma visita? —

Ele sabia que o Pietro iria dar o recado direitinho.

— Um, dois, três. O Pietro correu e eu entrei na casa abandonada. — Ainda ouvi gritos do Murilo.

— Cairon não.

Eu precisava estar com ela, mesmo que fosse pra que morrêssemos juntos. Estaríamos os dois. Prometi nunca abandoná-la e não o faria. Na saúde e na doença, na alegria e na tristeza, por todos os dias de nossa vida, até que a morte nos separe.

& Setenta e cinco &

Cairon

- BEM-VINDO À NOSSA festa doutor. O Franz estava novamente à minha frente e eu não acreditada. Por onde ele havia entrado? Devia ter uma saída por trás. A primeira coisa que procurei foi pela Liara. E não a vi. - Ah sim. Deve estar procurando pela Liara. Se tivesse chegado um pouco mais cedo teria se encontrado com sua. Esposa.

- Onde ela está Franz?

- Está se divertindo com os homens lá atrás.

- Desgraçado. - Parti para cima dele. - Desta vez ele revidou. - Não foi como o outro dia em que ficou quieto.

- Você vai matá-la! Se não parar, não se acalmar. Eles a matarão.

-Sabe que eu posso morrer, pode matá-la, mas morrerá conosco.

- De qualquer forma eu vou morrer mesmo. Não sabe ainda, mas. A Ana Luíza. se foi, e eu serie o próximo e sabe o por quê? Não você não sabe não é? O que acontece dentro dos presídios não te interessam?

- Nem a você até poucos dias atrás. - Limpei o sangue da minha boca.

- O Jaelson não vai me perdoar por ter mandado dois dos dele para o saco. – Então ele também não sabia, que era esse que tinha morrido. - Este sim é perigoso. Não sou nem moeda de cinco centavos perto dele. E ele seria. Hum... Uma nota de cem.

- O que você fez com sua vida Franz?

- Do que está falando Cairon? Acha que só quem

vive como você é feliz? Cada um vive como pode e como quer.

- Você não é uma pessoa ruim Franz.

- Não. Realmente não sou. Aliás, não era. Agora estou gostando mais deste lado. Ser mocinho às vezes cansa Cairon. Você não tem reconhecimento. Não tem nada. Ainda tem dores de cabeça de ficar entre a justiça e o criminoso.

- Você se perdeu Franz. Se perdeu foi isso.

- Nada disso. Não me perdi merda nenhuma. O dinheiro que se ganha por fora é muito mais do que se ganha fazendo seu trabalho limpo.

- Um dia um palhaço ganhou um saco de pirulitos para dividir entre os amigos palhaços Franz para que pudessem doar as crianças. Ele dividiu em partes iguais, mas depois se lembrou que ele havia ganhando e deveria ficar com mais. Quando saíram para entregar os pirulitos às crianças. Viu que algumas tinham dois pirulitos então decidiu guardar alguns para si, pensando que as crianças poderiam ficar com muito e ele sem nada.

-Esperto. Este palhaço.

-Não Franz ele não era ruim.

-Claro que era. Era dos nossos.

-Ele não era ruim. Só se perdeu em meio a uma situação. Não soube lhe dar quando lhe confiaram o poder.

-Para você é fácil falar. Teve de tudo na vida. Família unida. Dinheiro e sucesso.

-Para mim dinheiro e sucesso foi só esforço do meu trabalho Franz. Estudei com bolsa, pagando com meu trabalho. Meus pais me ajudavam com o mínimo.

- Ai que comovente Cairon. Estou quase chorando. Agora. Sente-se e cale a boca. Olhei e contei três homens armados. - Você acha que me comove com seu discurso, com sua historinha? Não. Não tenho mais nada a perder. Me levando para a prisão vocês acabaram com meu nome, com minha posição social que não era muita coisa.

- Procurador do estado não era muita coisa Franz? Quantos homens dariam a vida por este cargo.

- Por que são idiotas. Homens de pensamentos pequenos. Eu não tenho nenhum poder nas mãos. Não tenho nada, sempre decido com mais pessoas e quase

nunca tenho a última palavra. Agora Juiz não. O Juiz tem o poder.

-Não se chama poder Franz. Chama-se responsabilidade. E nem sempre é bom. Nem sempre você dorme com a consciência tranquila.

- Quero ver minha esposa Franz.

- Antes podia assinar uns documentos para mim. - Olhei os papeis na mão dele, mas não peguei.

- Você não está com ela não é mesmo? Ele fez sinal para o Homem. Ele abriu uma porta e arrastou a Li para fora. Eu permaneci frio diante dela e dos homens, mas meu coração estava acelerado. Você me tem, agora a deixe ir. Ela estava amordaçada e as lágrimas caíam pela face partindo meu coração. Comecei a tremer por dentro. Que sensação horrível.

- Não Cairon. Não será assim. É lindo quando as histórias terminam com um dos dois morrendo. Estas coisas, comovem muito mais, mas nunca fui muito romântico. Mas vamos lá ao nosso plano. Ouvi em silêncio pedindo aos céus que algo acontecesse a nosso favor. Eu não queria que ela morresse diante de mim e

nem queria que ficasse com minha morte em sua mente.

- Então. Temos cinco presos que preciso que preciso deles aqui comigo. Você vai assinar estes documentos, libertando todos. - Ele jogou os documentos no chão. Pega e assina. - Quando eu fui pegar ele me deu um chute no estomago. Não estava valente outro dia?

- E estávamos sozinhos. Covarde. Podia ter revidado, mas agora está valente porque tem homens armados. - Eu dizia enquanto segurava o local onde ele havia chutado. Ele estava devolvendo o que eu havia feito com ele na prisão outro dia. Precisava ficar atento caso não quisesse que ele fizesse algo com a Li.

- Agora pega esse papel e assina. Levantei-me e não olhei para ela para que não notasse minha aflição. Olhei os nomes nos documentos. Eram os piores criminosos que a cidade ouvira falar. Estupro, homicídios. Chacina de índios. Eu via e ouvia em minha mente cada confissão. Enquanto lia os documentos. Sem reação.

"Matei mesmo aquela desgraçada. Primeiro ela fez o melhor oral que um homem pode sentir. Pena que já estava sem forças, depois eu transei loucamente com ela."

"O velho não queria dar uma grana. Disse que precisava para comprar remédio para a velha dele. E eu com isso mano. Precisava de dinheiro para pagar os mano do morro, tá ligado."

"Esses índios são canibais cara. Tinha medo deles por isso matamos todos."

Mesmo que estivessem sendo julgados por envolvimento em outros crimes, era essas confissões que não saiam de minha mente.

- Mas deve ser gostosinha essa negra. Sabia que nunca comi uma negra antes Cairon? Foi só então que levantei meu olhar e o vi se aproximando da Liara. Ele passou a mão no rosto dela, e as lágrimas continuavam a cair.

- Tire suas mãos dela desgraçado.

- Esse é seu ponto mais fraco não é Cairon. E se assistisse um de nós transando com ela. Ficaria excitado?

- Se tocar nela.

- Não pode fazer muita coisa agora Juiz. Julgar as pessoas é fácil. Quero ver com qual pena julgará a si mesmo por ver sua mulher morrer sem poder fazer nada. -

Fechei os olhos. Veja isso Cairon, quando abri os olhos vi a Li se debatendo e o desgraçado passando a mão sobre seu seio. Respirei fundo peguei a caneta e assinei todos os papeis e joguei sobre uma mesa.

- Ele a soltou. Pegou os documentos e leu, um por, um. Pegou o telefone e falou com alguém que precisava levar os documentos lá fora para que o delegado fizesse a soltura. Assim que a pessoa entrou. Pegou os documentos e saiu.

- Mas ainda tem um documento e mais importante. – E olhando para um dos homens mal encarados que estavam ali, perguntou.

- Qual era sua ideia mesmo?

- Enterrar a negra viva senhor. Eu vi em um filme. Foi muito emocionante. A gente dá três pistas. Duas falsas e uma verdadeira. Se eles encontrarem a tempo ela vive, senão...

Eu permaneci em silêncio. Isso não podia estar acontecendo. Não com a Li, não com a gente. Prevenimos tanto. E os homens que iriam ser soltos, a sociedade estaria à mercê de grandes criminosos. Sem falar no

tempo que levamos para colocá-los atrás das grades.

Quanta gente inocente havia morrido e quantos ainda morreriam. Um dos homens entrou e falou algo com o Franz.

- Desgraçado, o que ele quer comigo? - Fique de olhos neles. Aproveitei para olhar para ela.

- Tudo vai ficar bem meu amor.

- Tudo vai ficar bem meu amor. - O tal cara que deu a ideia de enterrá-la viva repetiu minha fala. - Veio até a mim e me socou no rosto. Só que ando ele fez isso, eu me ajoelhei e fiquei à altura de sua arma, fui mais rápido e a saquei de sua cintura. . Eles eram dois agora dentro da sala. Quando peguei a arma aproveitei que o cara que estava com Li, estava entretido e atirei na perna dele que caiu deixando a sua arma cair também. Chutei a bendita arma para o escuro e mirei o grandão. Que havia me socado. Meu olho estava doendo muito por causa do soco e eu não conseguia enxergar direito mesmo assim atirei novamente na perna do maldito.

Olhei para ela e ouvi um terceiro disparo e um quarto. Não sei se fui eu que disparei sem ver. Quem deu.

Isso não importa mais. Estou sentindo uma dor aguda vindo das minhas costas, e chegar ao chão foi questão de segundos. Então era assim que tudo termina? Não ouço nada e não vejo ninguém. Não devia ter sido estúpido o bastante. O que seria da Li agora? Forcei abrir os olhos lutar, mas nada. Não conseguia mover um músculo sequer, meu coração estava partido. O que eles faziam a ela? Que Deus a protegesse neste momento.

& Setenta e seis &

Murilo.

- CAIRON NÃO... Cairon! Tentei entrar, mas o Pietro correu até mim e me abraçou. Estava chorando e tremendo. - Pietro por que o papai entrou?

- Ele foi salvar a Li. – Entendi a loucura do Cairon no mesmo instante, pensei em meus afilhados.

- Não Pietro, não diga uma coisa desta. A Liara está lá? E as crianças?

- Não, só ela, e ela cuidou de mim o tempo todo, mas não deixaram que ela saísse comigo. Então ela me

disse para eu correr e me encontrar com meu pai, mas eu não queria vir então papai disse para eu correr até você. - Levei o Pietro até o carro de polícia. A Giovanna e o Jeff estavam chegando e pegaram o menino. A Giovanna estava desesperada, mas não pude conversar com ela.

- Major, a esposa do Cairon também está lá dentro, por isso ele entrou, temos que tomar cuidado para que eles saiam vivos de lá.

O delegado se uniu com os agentes da federal, da civil e da militar, todos para achar um plano para tirar o Cairon de lá, mas me pediram para não intervir, uma vez que estava envolvido emocionalmente. Enquanto eles planejavam algo eu também planejava, e meu plano era não deixar meu melhor amigo morrer. E se para ele viver bem a Liara também precisava estar bem, então os dois teriam que sobreviver.

O delegado acha que se conseguirem trazer o Franz para fora alguém poderá entrar pelos fundos e salvá-los. Não tenho tempo para ficar aqui só olhando e premeditando, saí de perto deles e fui pensar.

Pensa Murilo. Pensa... Olhei para cima e não havia

janelas. Olhei para baixo e me lembrei da ventilação. Essas casas antigas parecidas com fábricas sempre contavam com esses tubos. Fui até a porta da fábrica pelos fundos e contei à porta. Quatro homens. Encontrei o primeiro acesso e torci para não estar trancado. Subi pelas deformidades da parede, não dava tempo para pensar em segurança.

Alcancei o tubo tirei todos os parafusos e entrei. Isso era muito mais fácil de fazer quando era mais jovem. Agora está muito difícil, mas consegui.

Muito apertado isso aqui, ou estou gordo demais. Rastejei-me pelo tubo e não ouvia nada mais. Nem vozes. Vozes... Sim. Agora já ouço. Devo estar próximo. Ouvi a voz que vinha debaixo.

- Qual era sua ideia mesmo?

- Enterrar a negra viva senhor, eu vi em um filme. Foi muito emocionante, a gente dá três pistas. Duas falsas e uma verdadeira. Se eles encontrarem a tempo ela vive, senão.

Não conseguia ver ninguém. Olhei para frente e vi uma telinha. Eu jamais conseguiria passar por ali, mas me

arrastei até lá. Agora dava para ver. Havia três homens, entre eles o Franz. Um que apontava a arma para o Cairon e outro para a Liara.

O Cairo estava de cabeça baixa. Quando um de seus homens veio e falou algo com Franz.

- Desgraçado, o que ele quer comigo? Fique de olhos neles. Vi o Cairon erguer os olhos e dizer algo muito baixo, não consegui ouvir. Só entendi por que o homem gordo também disse algo brincando com o Cairon. Indo até ele e socando seu rosto. Senti a dor em meu coração. Se eu atirasse daqui o outro poderia atirar na Liara. Quando o miserável que bateu no Cairon se afastou, já ergueu as mãos, então percebi que o Cairon havia pegado sua arma. Ai tudo foi muito rápido.

De onde eu estava ouvi um tiro e não conseguia ver quem atirou, mas quando vi meu compadre cair e a Liara desesperada, notei que o Franz mirava novamente sobre o Cairon, chegando por trás então atirei, não havia tempo para pensar. E não acertei na perna. Mirei para matar.

Vi o local sendo invadido pela polícia e voltei pelo tubo até conseguir sair. Corri até o local e o vi sendo

retirado pelos paramédicos. O tiro não parecia ter sido como o meu, não foi de raspão.

- Ele está perdendo muito sangue, avisem à ao hospital mais próximo, e digam que precisamos do centro de unidade intensiva preparado. - O Paramédico falava. A Imprensa falava. A Liara estava chorando desesperada sobre o Cairon. Policiais levando homens presos. E eu estava pela primeira vez na vida sem ação.

- Murilo, foi você quem atirou no Franz? - O delegado veio ao meu encontro.

- Sim.

- Precisaré nos acompanhar até a delegacia. E me entregar sua arma.

- Aqui está minha arma delegado, mas preciso ir com o Cairon e depois eu vou até lá.

- Precisa vir agora conosco.

- O senhor pode me prender, assim que eu tiver notícias do Cairon. Pode me levar do hospital algemado, mas agora eu não iriei com o senhor, há lugar algum.

Eu me responsabilizo delegado por levá-lo até lá. O Endrigo estava do meu lado. O senhor conhece o Murilo e

sabe que ele só fez em defesa do Cairon. E não irá fugir.

- Eu sei, podem ir. – Cedeu por fim.

Entrei na ambulância com a Liara e tanto eu quanto ela não tínhamos coragem de encarar uma ao outro, até que ela desabou.

- Não conseguirei viver se...

- Não termine essa frase. Vamos orar. – Gritei com ela.

- Eu tentei, mas não consegui. Você conhece tanta gente - Murilo, não conhece a Deus pessoalmente? Não pode pedir este único favor?

- Desde quando me falaram que o Pietro estava com eles, pesamos que o plano estivesse concluído, e que você estava em segurança, desde este momento é a única coisa que sei fazer é orar. Estou pedindo para tantos Deuses que nem saberei ao certo quem atendeu.

- Existe só um Murilo, pode ser que com nomes diferentes, mas é o mesmo. - Abaixei a cabeça entre as mãos e fiquei olhando para o Cairon. Quando foi mesmo que começaram a sermos amigos?

- Foi um dia de chuva, meus pais e os dele eram

vizinhos. E os garotos da rua viviam jogando bola. Então olhávamos para aquele menino franzino que sempre estava com um livro na mão.

“Acho que ele é doente.” - Um disse. “Não. Dizem que é riquinho e não se mistura com os pobres.” - Foram tantas as possibilidades que começamos a rir e isso chamou a atenção dele para nós. Quando tirou o livro do rosto gritamos com ele. Hei garoto, não quer vir jogar? Ele deixou o livro de lado e caminhou até nós, quando chegou perto, eu nunca tinha visto tantos homens que apareceram e alguns traziam armas consigo. “Todos parados!” Correr para onde? Estávamos todos petrificados. Éramos só garotos. Ele parecia não se importar com os homens.

-Tudo bem! São nossos vizinhos.

- Mas o senhor não vai poder ficar brincando Cairon. Ordens do seu pai.

- Será só um pouquinho.

- Não podemos permitir. Só pode brincar em sua casa. Na rua é muito perigoso.

- Temos que ir. - Os garotos foram embora e só fiquei eu.

Estava com medo também, mas fiquei com muito pena do garoto. Não poder brincar de bola na rua era o pior castigo. Quer brincar na minha casa, ele perguntou, eu aceitei, peguei a bola, e quando entrei, minha nossa, fiquei abismado com o lugar, ele tinha todos os jogos recentes e uma quadra no próprio quintal, mas no quarto, os brinquedos pareciam intocáveis. Ele disse que não havia quem brincasse com ele, e ali nós nos apresentamos, e ficamos amigos para sempre. – Respirei fundo e continuei. – Naquele dia, ficamos brincando até perder a hora, e quando vi, meu pai, estava lá, na porta do Juiz, verificando o que acontecera. Quando estávamos saindo o Juiz Cairon Swift fez um convite ao meu pai.

-Venha nos visitar qualquer dia deste, e quando seu filho puder ou quiser, deixe-o vir brincar com o Cairon Filho.

- Com certeza -Meu pai se despediu e saiu de mãos dadas comigo. Sorrindo até as orelhas. Tudo o que qualquer um na rua queria era fazer amizade com o Juiz, mas ele parecia blindado às novas amizades. Mas daquele dia em diante todos nós fomos muito felizes até que. – Até

que enfim chegamos, e toda uma equipe esperava por nós.

- Magistrado na casa! Magistrado na casa!
Magistrado na casa! Vamos transferi-lo agora para o CTI.

- Os médicos estavam loucos pelo hospital. Assim como os enfermeiros que levavam a maca pelo hospital.

- Não quer ir para casa amamentar as crianças? –
Me voltei para a Liara.

- Quero muito, mas não posso, não antes de saber notícias do Cairon. - A Josy chegou e me abraçou.

- Fique tranquila, estamos com os bebês, a Késsia e eu, antes os pais do Cairon também estavam, mas agora estão aqui esperando, e a mãe dele está muito aflita, precisou ser medicada.

- Obrigada Josy! - Continuamos andando até que nos barraram.

- Agora precisam aguardar, assim que o médico tiver notícias ele virá falar com vocês.

- Mas...

- Sem mas, só ajudarão se não atrapalharem os médicos. - O guarda disse e fechou a porta novamente.

- Li, só corre lá e amamente as crianças daí você

volta. Eu fico aqui e qualquer notícia eu ligo, a Josy te leva e te trás. – Fiquei alguns minutos indecisa sem saber qual seria minha resposta, e depois decidi.

- Tem certeza que me liga?

- Claro que ligo. - Antes dela se levantar e partir segurou no meu braço.

- Não deixe nada acontecer com ele Murilo, me prometa. - Eu? Eu precisava era que alguém me promettesse isso naquele momento.

- Nada vai acontecer Liara.

- Não prometeu.

- Eu prometo. - Quem fazia uma promessa desta? Se dependesse de mim, teria pulado em sua frente, mas desta vez não foi possível. Assim que ela se foi os pais do Cairon chegaram com o Endrigo e sentaram-se próximos a mim. O Endrigo foi o primeiro a falar. Ou melhor, chorar.

- Quando eu fiquei sabendo que a mulher que eu amava estava grávida de outro garoto eu surtei, sai fazendo mil loucuras e naquele tempo eu não tinha ninguém que fosse meu amigo de verdade. Passei vários dias me drogando para esquecer a traição. Então estava

em uma pensão, não era grande coisa, e ninguém sabia de mim. Fiquei sem comer por três dias. E quando eu comecei a recobrar a consciência ele estava sentado à beira da minha cama, com os olhos vermelhos, não sei se de chorar por mim, ou de sono. Mas ele estava lá. Ele limpou o nariz e se calou. Choramos todos juntos.

- Meu filho sempre foi um homem de bem! Eu não consigo imaginar vê-lo partir antes de mim. - O Sr. Cairon era um homem que eu não via muito exprimir emoções a não ser quando se tratava do Cairon. Ele amava esse filho. Não só por ser filho único, mas havia algo mais no amor deles. Era inexplicável. Todos nós tínhamos inveja do amor deles, de como se entendiam.

- Meu velho. Não faz isso. Nosso filho não gostara de saber que cogitou sua morte. Ele ficará bem. Já fiz minhas orações e em nenhum momento sinto que vamos perdê-lo. — Ela falava como se a gente não soubesse que estava sobre poder de sedativos.

- E aí gente. Alguma notícia?

- Não Heitor. E você sabe que algo?

- Nove homens presos, dois agentes penitenciários

afastados. Dois advogados mencionados e...

- E? - Perguntei.

- O Franz morto.

- Apodrecerei na cadeia, mas feliz!

- Você não ficará preso Murilo, fez em defesa ao seu cliente. O Franz já havia atirado primeiro.

- Não fiz em defesa de meu cliente, fiz em defesa do meu amigo. Eu senti tanto ódio daquele homem quando vi o Cairon caindo.

- Alguma notícia? – A Liara não demorou a voltar.

- Filha. - A mãe do Cairon abraçou a Liara. - Devia ter ficado em casa descansando.

- Não consigo. Desculpem-me, mas preciso vê-lo, preciso saber dele. - O Médico abriu a porta na hora em que a Liara começava a chorar. - E então doutor?

- As primeiras informações são de que o estado do Juiz inspira cuidados.

- Ele corre risco de... - A Liara não conseguiu terminar.

- Não posso mentir a vocês, o caso dele é muito grave. Ele corre sim risco de morte.

- Qual o estado agora doutor?

- A Bala alojada no abdome foi retirada. Ele ficará sobre observação. O Caso é grave, mas estamos confiantes, o que podia ser feito foi feito.

- Ele está consciente?

- Não. Ele não está consciente. Agora é aguardar vinte e quatro horas.

& Setenta e sete &

Liara,

Vinte quatro horas. Vinte quatro horas. Mil quatrocentos e quarenta minutos, oitenta e seis mil e quatrocentos segundos.

Antes para mim isso significa um dia e uma noite. Os quais dividíamos em várias atividades e na maioria das vezes nem víamos passar. Enquanto isso a terra girava em torno do sol e em torno de si mesma, não me lembro no momentos quais dos movimentos a terra faz em torno de si ou em torno sol, translação e rotação, tudo que sei é que minha cabeça está fora de órbita.

Quando ouvi da boca do médico, que precisávamos

esperar vinte e quatro horas, fiquei sentada pensando... A terra gira em torno de si e em torno do sol. Sem o sol talvez ela não girasse mais em torno de si mesmo. Há toda uma mecânica, ela sabe que precisa girar em torno do sol para que todos os seus habitantes desfrutem do calor e de seu brilho. Sem ele não haveria movimento, ela ficaria dando volta em torno de si em vão.

Assim estou! Se eu não tiver meu sol, o que eu farei? Ficarei dando volta em torno de mim? Sem um objetivo maior. Meu objetivo é um único... Amá-lo. Quando eu o amo, ele me ama e nós amamos nossos filhos. É um elo. Uma corrente. Se um quebrar nunca mais seremos os mesmos.

- Liara, vá para casa. Vá descansar. Depois precisará depor.

- Só vou sair daqui quando o Cairon falar comigo. Antes disso não sairei.

- E as crianças?

- De duas em duas horas a Magna e a babá as trarão, irei até o carro e as amamentarei, mas não irei a lugar algum. Não sem vê-lo.

- Filha...

- Não senhora. Se quiserem ir podem ir, eu ficarei.

Eu o amo!

- Todos nós o amamos filha!

- Então vamos ficar todos aqui esperando que ele acorde. - Todos nos sentamos em nossos lugares e ficamos esperando.

A espera... Como é dolorosa, mas só espera, quem tem esperança.

Alguns tinham ido embora ao saber que o quadro estava estável, outros estavam na lanchonete, mas eu não conseguia sair dali. Quando o médico disse que eu poderia entrar fui o mais rápido possível.

Vê-lo naquele lugar me trazia ao coração sentimentos como impotência, dor, e ao mesmo tempo alívio. Sabia agora que tudo havia terminado e que ele ficaria bem.

Mas eu precisava ouvi-lo. Ainda queria ouvir da boca dele que estava bem.

— Se tivesse me deixando não aguentaria muito tempo por aqui. Uma vez minha tia disse que quando acontece mesmo uma união, muito mais que de corpo, unem-se os espíritos ou almas. Quando um se vai o outro não demora a ir também. — Eu falava passando a mão pelo seu rosto.

Mas ele não me respondeu. Continuou imóvel. O Médico entrou e eu tirei algumas dúvidas com ele.

— O senhor disse que ele está bem. Que a hemorragia cessou.

— Sim. Isso mesmo.

— E por que ele não reage? Por que não acorda?

— Essa é uma forma do corpo reagir à dor. Ele adormece para que aguarde a suportar.

— Não tem como dar um remédio para ele, para tirar a dor?

— Ele já está tomando. Está inserido no soro. Pode ficar tranquila porque ele não está sentido essa dor que você pensa.

— Meu coração está doendo de vê-lo assim.

— Eu entendo, mas torçamos para que ele acorde, a

qualquer momento, se quisesse ir para casa.

— Só quando ele acordar. — Quando o médico saiu eu continuei passando a mão em seus cabelos. Lembrei-me do nosso primeiro beijo.

A partir daquele dia tive que travar uma luta constante do certo e do errado. Ouvir as palavras da minha mãe me doía, porém eram verdadeiras. E o esfriamento dele, o sumiço dele, e agora de novo... Estava sumindo. Deixou-me por nove horas. Consultei o relógio. Não era justo. Não era Justo comigo, nem com os filhos. Conosco.

— Te amo por que tem o dom de me fazer feliz. - Acaricieie seu rosto. — Até quando me faz sofrer eu te amo. E se puder me ouvir, e se puder fazer um esforço e voltar eu serei a mulher mais feliz da face da terra. Não irei a lugar algum até que você acorde.

Aproximei-me o mais perto possível, mexendo em sua mão. Rodando sua aliança e pensando o quanto ele era importante em minha vida.

— E se eu morrer?

— Eu te mato. — Me coração disparou, sorri de

orelha a orelha. Felicidade era meu nome. — Estava me ouvindo?

— Só as últimas palavras. — Ele forçou um sorriso. Uma lágrima caiu dos meus olhos. Comecei a beijar seu rosto.

— Que bom que voltou para mim.

— Como você está? O que houve?

— Calma. Você foi baleado, mas agora está tudo bem. E vai ficar sabendo de tudo, fica tranquilo. Estou bem.

— E o Franz?

— Quer falar disso agora? Lembra-se do que me disse uma vez? Eu não vou falar de trabalho com uma pessoa que acabou de levar um tiro.

— Pegaram ele? — Ele não sosseitaria se não soubesse.

— Pegaram, mas infelizmente ele foi ferido gravemente e não resistiu, mas o Murilo te conta mais tarde.

— Meus pais já sabem?

— Sim. Ficaram aqui desde o momento em que

você chegou. Estão na lanchonete tomando um café.

— Por quanto tempo fiquei inconsciente? Minha cabeça está confusa. Não me lembro de muita coisa. E meu corpo dói.

— Ficou inconsciente por nove horas. O Corpo dói por causa do ferimento, mas o médico disse que ficará bem. Só precisa de descanso.

— E as crianças? O Pietro. — Ele tentou se levantar e puxou a sonda que estava no nariz. — Segurei suas mãos.

— Calma. Não faça isso. — Apertei a campainha para que o médico viesse. — Eles trouxeram as crianças de duas em duas horas para amamentar, mas agora também com a inserção de papinhas eles não sentem tanta fome. Quanto ao Pietro os pais o levaram para casa, mas a Giovanna me disse pessoalmente que o trará assim que você sair do hospital. E ligará para que ele fale com você antes disso.

— E sabe quando sairei daqui?

— Não. Não sabemos e não temos pressa. Só quero que fique bem. Quase me matou do coração se arriscando daquela forma.

— Se não tivesse feito um de nós choraria pelo outro hoje, ou nossos filhos estariam órfãos. Não iam deixar a gente partir ilesos do lugar. Como o próprio Franz disse, não tinha mais nada a perder.

— O Murilo disse mesmo o quanto você foi preciso e de pensamento rápido, disse que achava que você deveria ser policial.

— O idiota disse isso?

— Disse.

— O quarto tiro?

— Foi ele quem deu, no Franz.

— E agora deve estar com a consciência pesada.

— Não tanto quanto estaria se não tivesse acertado. O Franz teria matado a você e a mim. Como você mesmo disse.

— E onde ele está?

— Aí de fora. Disse ao delegado que só se apresentaria quando falasse pessoalmente com você.

— E se eu tivesse morrido?

— Talvez ele fosse um fugitivo. — Beijei sua boca e sorrimos.

— Não saberia mais viver sem você!

— Nem eu sem você.

— Owwwwwww. Por que não nos chamou? – O Murilo abriu a porta com dois copos de café nas mãos.

— Acabou de acordar Murilo e queríamos um minuto a sós. – Pisquei para o Cairon.

— Compadre nunca mais faça isso, meu coração não aguenta. – Ele levou a mão no peito e em seguida deu um abraço desajeitado no amigo.

— Obrigado por estar lá no momento certo. Poderia estar...

— Mas graças a Deus não está, vou chamar seus pais.

— Como eles estão?

— Sua mãe está mais tranquila, acabou de me dizer que havia batido um papo com Deus e que tinha certeza que ainda não era sua hora. Parece que ela acertou. Quanto a seu pai, não sei, é igual a você. Sabe disso melhor que eu.

Ele saiu e foi encontrar os pais do Cairon, porque realmente minha sogra havia dito isto, que não estava

temerosa porque sentia que não era o momento do filho partir, mas como mãe, só Deus sabe como deve estar se sentindo. .

Eu na verdade não podia nem sonhar em perdê-lo. Lembrei-me das conversas que andávamos tendo ultimamente. E depois comentando com o pessoal, todos tinham tido conversas parecida com ele. Como se estivesse pressentindo algo.

— Filho. — A mãe o abraçou e sorriu. Logo em seguida o pai falou com ele.

— Sempre deixei claro a ordem da vida não foi filho?

— Foi pai, mas eu nunca aceitei muito bem.

— Que bom meu amor que está bem agora. Sua mulher nem sequer foi em casa a noite toda, não se desgrudou de você. E isso deixa seus pais e eu muito felizes. Saber que tem quem cuide de você.

— Mesmo assim também não foram embora. — Ele repreendeu os pais.

— É nosso único filho, não tínhamos de quem mais cuidar.

A conversa durou bastante. O médico chegou, checou tudo o que precisava. O quarto só foi enchendo. Quando vi que dava para sair eu pedi licença e pedi que o Murilo me levasse em casa para ver as crianças.

Em casa foi o momento em que tive para descansar em um bom banho. Amamentar as crianças com mais tranquilidade. O Benjamin estava saciado., era maior e amamentava muito mais que a Valentina. Sugava tão forte que quando a Valentina vinha para mamar, eu nem sentia direito.

Lembrei-me da brincadeira que o Cairon fez um dia quando chegou a casa e eu estava amamentando o Benjamin.

— Calma rapazinho, assim machuca a mamãe e quando o papai puder voltar às atividades normais ela não vai querer liberar esta área, e eu sei o quanto é gostoso o que está fazendo agora.

— Não acredito Cairon que disse uma coisa desta a um bebê.

— Ele não entendeu.

— Entender ele não entendeu, mais sabia que é

neste momento que o filho cria um laço muito importante com os pais?

— Com a mãe você quer dizer, porque segundo o livro. Ele está olhando para você e você para ele. Se você olhar para mim ele vai seguir seu olhar para ver quem é mais importante que rouba sua atenção no momento em que ele está se alimentando. Aí pode criar até um sentimento de rivalidade. E isso não é nada bom para nós.

— Decorou isso mesmo? — Olhei para ele.

— Sim e não olhe para mim. Não por enquanto.

— Mas e a parte da admiração? Pode ser que ele sinta que precise ser como você.

— Não. Ele não precisa ser como eu para ser amado pela mãe. O livro diz que precisamos ensinar a eles que são amores diferentes.

Naquele dia ficamos conversando durante horas. E quando a Valentina resmungou, ele a pegou e sentou-se conversando com ela como sempre fazia.

— Calma, que seu irmão está terminando. Tem que entender que nem sempre você será a primeira a se amamentar. — Ela fez uns grunhidos. — Isso mesmo.

Embora seja uma princesa linda do meu coração. Já nasceu em uma época em que os direitos são quase iguais para homens e mulheres. Até mesmo nos códigos penais. Quer que eu leia mais uma parte para você.

Ele estava com isso, lia leis para a Valentina já que o Benjamin era impaciente e chorava logo quando ficava mais de meia hora parado.

— Dona Liara? Dona Liara?

— Hum... – Só quando a babá chamou por mim, notei que as crianças dormiam, e eu também.

— Não, preciso é voltar para o hospital. O Murilo ainda está por aí?

— Sim. Também cochilando na sala.

— Então nos faça um café forte, por favor, não quero acordar a Magna também por isso.

Tomamos café e voltamos para o hospital. Só estavam agora os pais do Cairon e o Endrigo. O Diogo e o Walter haviam passado por lá. Eles estiveram no local, tentando ajudar, mas nada puderam fazer. O Endrigo contava ao Murilo sobre como a quadrilha era montada. Era muito dinheiro que rolava entre advogados que

perdiam causas e outros que compravam sentenças, mas graças a Deus, haviam profissionais como o Endrigo.

Muitas pessoas estavam presas e muitas outras ainda haveriam de ser. Fiquei com pena ao ouvi-lo falar sobre o tal de Augusto. Era um alto que estava conosco há quatro meses. O Filho dele estava sobre a mira da quadrilha, mas isso não justificava o que ele havia feito. Como diz o Cairon. Todos têm escolhas.

Quando o sol nos brindou com seus raios, eu senti um cheiro de café novo. Estavam deixando o café no quarto. O Murilo também despertou e notei que o Cairon já lia o jornal.

— Belos acompanhantes vocês dois.

— Já pode ganhar alta. — O Murilo disse. — Vou em casa tomar um banho e volto para te levar Liara.

— Não pode me ajudar no banho? Eu me lembro de ter ajudado você.

— Porque eu não tinha mulher. Acha que se eu tivesse deixaria um homem barbado me ajudar. Quando a enfermeira me ajudou naquele dia eu acho que foi o melhor banho que tomei.

— Como assim? - A Késsia adentrou o quarto como um furacão.

— De onde surgiu Késsia? Eu hein. – Ele fez uma expressão de assustado e nós rimos.

— Não me façam rir isso dói muito.

— De onde não interessa, o importante que apareci no momento ideal. Quando foi isso?

— Meu amor, a gente nem estava namorando. – Abaixou-se e beijou a barriga dela. — E você não pode ficar nervosa, lembra-se.

— Você quem me deixa assim Murilo. – Olhou para o Cairon. — Meritíssimo, como está?

— Estou bem Késsia, leva esse cara para casa e cuida dele também. – Ele pegou a mochila e colocou sobre as costas e abraçou a Késsia.

— Amiga se precisar de qualquer coisa me liga. – Ela assoprou um beijo.

— Ligo sim.

— Murilo. – O Cairon chamou. — Muito obrigado mesmo. De coração.

— Estamos quites.

Sentei-me aos pés da cama e passei a mão sobre suas pernas.

— Está tudo bem mesmo?

— Quer saber se estou sentindo tudo no lugar? Se consigo me movimentar? Sim, tudo. Vai me ajudar com o banho ou preciso chamar uma enfermeira?

— Quer que eu volte à bala para o local de onde o médico tirou Cairon? Ou melhor, um pouco mais para baixo?

— Não meu amor. Estava brincando.

Eu o ajudaria, se não tivesse sido o médico nos proibir naquele momento de se movimentar, alegando que o caso dele não era tão simples.

Só no dia seguinte, o tão esperado banho veio, e quando chegou o momento tranquei a porta para evitar que minha sogra ou sogro nos pegassem em situação constrangedora mesmo sabendo que não rolaria nada. Quando comecei a retirar minha roupa ele reclamou.

— Não fará isso comigo fará?

— O que? Te ajudar no banho? Esperou por esse momento desde ontem, eu não posso me molhar, e não

trouxe outra roupa.

— Tudo bem. Entendi.

— O médico disse que assim que terminar o banho precisa chamar para fazer o novo curativo.

Passei o sabonete que havia trago de casa sobre as mãos e passei por suas costas e seu peito. Ele gemeu.

— Que saudades disto.

— Fica frio meu amor.

— Ficar frio? Com você nua em minha frente passando a mão sobre mim? A única coisa que me impede de te agarrar aqui mesmo e agora é a dor que sinto e desconfio que se faça um gesto brusco ou mesmo gozar neste momento eu poderei ter problemas com esse ferimento.

— Eu me ofereceria para te ajudar de outra forma, mas prefiro que o médico me diga que está de alta.

Terminei de ajudá-lo no banho e voltei-o para a cama minutos antes da mãe dele bater e entrar. Se demorássemos um pouco mais.

Ela ficou com ele para que eu voltasse para casa e cuidasse das crianças. Fiquei com elas o dia todo e deixei

que os pais também tivesse um dia com o Cairon.

Quando voltei à noite ele estava dormindo. O telefone tocou e eu fui atender.

— Papai.

— Não Pietro é a Liara, como você está?

— Estou bem e você? Li você ficou assustada? Por que eu fico assustado a todo o momento. — Tadinho deve estar tendo pesadelos.

— Eu também Pietro acredita? Sonho também, mas sabe o que a médica que me atende que é psicóloga disse?

— Psicóloga? O que ela faz?

— Ela nos ouve e conversa com a gente. Aconselha-nos. Quem sabe você não queira visitar uma também?

— Eu ouvi minha mãe dizer sim que iria me levar ao médico.

— Que bom.

— Meu pai ainda não acordou?

— Acordou e agora está... Espera. Está acordando. Vou passar para ele. — Estendi o telefone. — É o Pietro. Está preocupado.

— Oi filho. Como você está? Eu estou bem!

Estamos esperando você então. Peço o Murilo para te buscar. Pietro, só venha se for com o Murilo entendeu?

Ele desligou o telefone e me disse que ele estava vindo para visita-lo.

— O médico disse que amanhã me dará alta e eu poderei me recuperar em casa. E caso sinta algo é só ligar para ele.

Eu sorri. Confiante que de agora em diante tudo estaria bem. Viveríamos mais tranquilos e em paz.

— Li. — Parei diante dele. — Não é sempre assim, eu vivi momentos lindos com meus pais, temos tormentas, mas também haverá bonança.

— Eu sei meu amor.

— Não desista de mim. Não desista de nós.

— Acha que eu teria coragem?

— Sei lá. Desde que me conheceu só tem...

— Só tenho felicidade e realizações. Eu poderia viver no lugar mais seguro do mundo e ser como era antes uma ninguém. Se não estivesse com você tudo seria sem cor. Vazio e sem vida.

— Você colore minha vida.

— De preto e branco? – Brinquei com ele.

— Das cores que necessito para viver.

Abraçamo-nos e nos beijamos. Não sei por que me lembrei de um único dia em que minha mãe havia ido me visitar em meu aniversário e eu perguntei a ela sobre o dinheiro gasto com a boneca que ele havia levado.

— Filha o que te preocupa?

— E se amanhã este dinheiro te fizer falta. – Então ela respondeu.

— Não se preocupe meu amor com o dia de amanhã, pois o amanhã trará suas próprias preocupações.

Naquele dia pensei que minha mãe houvesse inventado essa frase, mas depois descobri que era algo relacionado à Bíblia. E hoje essa frase caia como luva para o que eu planejava para o futuro.

E hoje eu decido viver assim com meu amor. Sem me preocupar com o amanhã por que viveremos um dia de cada vez.

& Setenta e oito &

Liara

- ESTÁ OUVINDO isso Cairon?

- Não.

-Cairon. – Chamei-o novamente.

-Sim. - Ele levantou sonolento. -São mãozinhas batendo à porta às... - Olhou o relógio da mesinha. - Cinco da manhã.

- Foi você que ensinou. Então agora se vira. - E me virei para o canto. Ele abriu a porta e entrou dois pezinhos silenciosos e tentava subir em nossa cama.

- Papai medo.

- Medo? Medo do que Valentina?

- Do bicho.

- Meu amor, o que o papai já disse? Dia de sábado, até os monstros dormem até mais tarde.

- De verdade?

Eu queria gargalhar da cara dele, me lembrando de quando separou os gêmeos dos quartos. O Benjamin sempre é forte e destemido, luta com todos os monstros que a Valentina imagina e sempre vence. Já a Valentina é a típica garota do papai. Tudo recorre a ele. Eu acho linda

essa ligação que ele tem com as crianças.

Quando começaram a falar só chamavam mamãe. Depois viram que o pai socorria muito mais que eu, e começaram a chamar por ele. O Cairon se derrete por estes meninos.

Ouvi alguém bater, mal esperaram autorizar e o Pietro entrou no quarto e pulou em nossa cama.

- Filho a Li está dormindo.

- Buuuuu. - Brinquei com eles.

- Sabia que a Li não estava dormindo. Ela sempre acorda primeiro que você papai. - O Pietro está morando com a gente. Por quê? Depende do ponto de vista. A Giovanna acha que ele é mimado demais, o Jeff diz que é por que o Cairon faz tudo o que ele quer. O Cairon acha que não se pode tirar a oportunidade do garoto ter uma boa educação, como se onde eles estivessem morando não tivessem boas escolas. Eu acho que é porque os dois não conseguem viver longe um do outro. Agora ele... Diz que filho tem que ficar é com pai. Então depende muito, do ponto de vista.

Sei que nossa família se tornou enorme. Quando

voltei ao trabalho à menina que estava de licença a maternidade estava de volta, e eu havia feito à prova, e naquele mesmo dia, fiquei sabendo que seria estagiária no TRF. Eu ganharia menos, mas seria meio período, estaria perto do Cairon, e teria tempo para ficar com as crianças.

O Pietro está estudando de manhã e me ajuda muito com as crianças, eles praticamente brincam a tarde toda. Tive que colocá-los, na escolinha, no período da manhã que é quando estou trabalhando. Quando saio do trabalho pego os três e venho para casa. Aqui a gente brinca, vai ao cinema, faz compras, todos ajudam o Pietro com as tarefas, tomamos banho e esperamos ansiosos o papai chegar.

Quando ele chega ainda joga com o Pietro, brinca com as crianças e aí é sua vez de assumir toda a galera. Às vezes quando ele chega ao quarto e desaba sobre a cama brinco com ele.

- Ainda tem tarefas para cumprir senhor Juiz.
- Não acredito. A amante do Juiz. Esqueci-me. – Na época não foi, mas agora, e entre nós, era legal brincar.
- Nunca se esqueça do nosso combinado.

- Esposa durante o dia e amante à noite. - Ele diz se divertindo com a forma que encontramos para não deixar nosso casamento se tornar rotina.

Semana passada durante um julgamento enquanto a sessão estava suspensa, foi a primeira vez que conseguimos de fato transar no gabinete dele. Mandou-me uma mensagem e eu fui ver o que era.

- Rápido. Tire a roupa.

- Está louco? - Eu não estava acreditando. O Senhor certinho estava quebrando regras.

- Estou queimando de tesão meu amor. Fiquei olhando você de estagiária, e tive algumas ideias, sobre a gente aqui. - Ele já havia tirado minha roupa e me deitado sobre sua mesa.

- Te disse uma vez que ela era gelada. - Ele ressaltou quando encostei as costas sobre o vidro frio e soltei um gemido. Até que enfim tirava a prova por mim mesma.

- Vamos trocar essa mesa. - Ele só sorriu. Quando voltamos para a sala de serviços jurídicos era como se nada tivesse acontecido, mas ao menos ele estava mais

calmo. Ele é simplesmente lindo. Não tenho outra palavra para descrevê-lo.

Hoje quando olho para minha família me sinto a mulher mais realizada da face da terra. Opa, estava faltando alguém, ali naquela cama.

- Papai. Papai. – Ninguém, mais faltava, a babá, veio correndo atrás do Benjamin. Ele corria como quem brinca de pique pega e sorria mostrando seus dentinhos miúdos e olhar faceiro.

- Desculpe doutor eles foram mais rápidos que eu.

- Não tem importância pode deixá-los aqui e quando o café estiver pronto nos chame, por favor. Pelo jeito ninguém dorme mais nesta casa. Deitaram todos sobre nossa cama. E se cobriram.

O Cairon voltou para a cama mal encontrando um lugar para se encostar.

- Liara, conta novamente como foi que conheceu o papai.

- Eu já contei esta história, centenas de vezes meu amor. Não tem nem graça mais. – Tentei enganar o Pietro.

- Eu nunca ouvi.

- Para Cairon, é uma história que só criança gosta de ouvir.

- Então conta, estamos esperando.- O Cairon insistiu.

- Depois não diga que não avisei.

- História mamãe. - A Valentina implorou.

- Era uma vez. Uma noite muito fria.

- Das de congelar o coração. - O Pietro sabia de cor de tantas vezes que pedia para contar durante a tarde quando estávamos sozinhos.

- Isso mesmo. Das de congelar o coração. Uma princesa viajava pela estrada sem saber para onde seguir, e ninguém sabia que ela era princesa, porque o reino estava sob efeito da bruxa má chamada desigualdade, e de sua irmã preconceito, então todos enfeitados, nem suspeitavam que ela fosse a princesa por que era negra.

- Esqueceu-se da sua fiel companheira. - Ele me interrompeu novamente.

- Era só para ver se estava atento. Bom... Onde eu estava mesmo?

- Ela caminhou. - Lembrou-me, o Cairon

impaciente.

- Isso mesmo. Ela caminhou pela estrada que parecia não chegar a lugar algum, e não havia esperanças em seu coração. Ela sentou-se à beira do caminho pensando que o fim havia chegado. Até que...

- O príncipe de capa negra apareceu. - O Pietro conhecia mesmo a história. Ela achou a príncipe que era o Batman ou o Zorro. Mas não era...

- Não. Ele era Juiz. – Tentei continuar.

- Maldoso e cruel, que a tirou de seu castelo e a jogou-a na rua. – O Pietro empolgado fazia os gestos.

- O que? - O Cairon se ajeitou na cama. Que história é essa?

- Espera papai. A melhor parte não chegou.

- Posso continuar?

- Pode. - Eles gritaram uníssono.

- Ela sofreu durante toda a noite, e no outro dia, chegando até pensar que iria morrer. E quando a noite chegou novamente com uma enorme tempestade o Juiz voltou, mas não estava mais em sua armadura, e sim como príncipe.

- É que ele estava enfeitiçado. Pelo poder da bruxa tirana chamada injustiça sabia papai?

- Li esta história não está fazendo jus à verdade.

- Deixa a mamãe contar papai. – Às vezes o Pietro me chama de Liara e às vezes de mãe, não me importava, nosso combinado é de que ele podia me chamar assim.

- Ele a tomou nos braços e a levou para um castelo mais lindo ainda.

- Mas ainda restavam vestígios do feitiço. – Pietro.

- Sim. A bruxa era muito poderosa. – Eu disse.

- E quando foi que o feitiço se quebrou totalmente?

– O Cairon perguntou curioso.

- Quando ele a encontrou no porão do castelo e ela o beijou. Deste dia em diante nada nem ninguém pode separar os dois.

- E eles viveram felizes para sempre! - O Benjamin gritou aplaudindo.

- Não. - A Valentina interrompeu. - Eles tiveram dois príncipes e uma princesa.

- Agora sim. Eram felizes para sempre. - A babá bateu à porta e chamou as crianças para tomarem café.

O Cairon ficou olhando para mim e eu cheguei a pensar que ele estivesse chateado com algo.

- O que foi meu amor? É só uma história fantasiosa para quando as crianças estão agitadas. Desculpe-me se...

- Ele me beijou e nos cobriu com os cobertores.

- Como eu pude viver tanto tempo na escuridão, sozinho e sem você?

- Hoje eu penso que há certos acontecimentos que são apenas pretextos para que o objetivo se cumpra. Eu nunca teria vindo se minha mãe não tivesse adoecido.

- E nunca teríamos nos conhecido se aquele homem não tivesse comprado terras ilegais para sua mãe.

- É a vida trabalhando em nosso favor.

- Então agradeço a ela todos os dias. - Bateram à porta.

- Vão perder o sábado ou vamos levar as crianças para brincar?

- Você não dorme Murilo? Deveria ter o deixado prenderem você há três anos, atrás. Ficaria uns bons cinco anos lá e nos daria sossego.

- Esse coração não te pertence. Vamos embora. -

Aproveitei a distração do Cairon e pulei da cama indo direto para o banho. Mas ele me seguiu assim que o Murilo se calou do outro lado da porta.

- Não pense que esta história que acabou de contar vai ficar por isso mesmo. Hoje as crianças vão dormir na casa do Heitor se lembra? Então vamos resolver nosso assunto. Que ficará pendente.

- Você nunca foi vingativo.

- Serei a partir de hoje.

Tomamos banho e nos reunimos ao pessoal na sala. De lá fomos para o parque.

- Cuidado Késsia, esse bebê pode cair a qualquer momento. – Comentei, enquanto a via correr atrás do filho mais velho.

- Sabe que todos os dias eu quero matar o Murilo, onde já se viu dizer que sabia, ou melhor, que entendia de tabelinha? Entendia uma ova, agora pensa... O Max, fará três anos, e eu grávida novamente.

- E você Josy. Ainda não se animou?

- O bom do negócio é o tentar. Ai meu Deus, não posso nem pesar, o quanto a gente tenta.

- Esse fogo de vocês não acaba nunca?

- Somos criativos. Esta é a palavra certa. - Ela parou e gritou com os rapazes que jogavam com as crianças. Vai amor se fizer um gol nosso filho pode jogar com você na próxima partida. - Rimos da Josy.

- Tenho uma surpresa. Que ficamos sabendo ontem, mas o Cairon sabe como é, não dirá nenhuma palavra.

- Estão grávidos novamente?

- Não Késsia eu ficaria louca com mais criança em casa. Pelo menos no momento.

- Então diga o que é?

- Uma fonte sigilosa contou que temos uma nova Juíza na comarca. – A Josy havia feito o concurso, e passado em todas as etapas, tinha sido enviada a uma comarca no fim do mundo, quer dizer, não era assim tão longe, e sempre que podia, ela vinha ter conosco, mas agora era oficial, pelo menos o Cairon ficara sabendo.

- Mesmo? Tomara que não seja uma chata, como a última que enviaram. – A Késsia que o diga, sofria agora sem minha presença, e depois de três anos, merecíamos uma boa juíza.

- Ela se chama Josy! Doutora Josy. – Ela me olhou e ficou parada.

- Não acredito. - Ela colocou a mão sobre o peito.

- Um passarinho me contou que segunda-feira irão te informar.

- Para? - Ela parecia não acreditar.

- Para assumir o cargo. – Há dois anos esperava por esse momento.

- Não acredito. - Ela começou a pular.

- O que foi amor? - O Heitor gritou.

Ela nem respondeu. Estávamos abraçadas comemorando mais esta vitória. Assim como a Késsia ficou feliz ao assumir o a assessoria, no fórum, quando surgiu a vaga, há muito havia feito o concurso, mas só haviam vagas longe de casa, agora não... Trabalhava onde se sentia feliz.

Fiquei olhando aquele povo feliz, que agora era também meu povo, e imaginei... Minha mãe tinha razão. Ser amante não me levaria a lugar algum, só ao sofrimento, mas ela não imaginava que eu iria ser **a esposa do Juiz.**

& Cairon

- Boa coisa elas não estão falando. - Aproximei-me dos rapazes enquanto as crianças brincavam.
- Tomara que seja coisa boa. A Késsia está acabando comigo nessa segunda gravidez.
- Quem mandou não ser igual a mim. Tivesse os dois de uma vez só.
- Engraçadinho você em Cairon.
- Agora. Heitor fique esperto.
- Por que Cairon? Está sabendo de algo que não sei.
- Se não se casar logo pode perder a mulher. Está enrolando-a demais, e agora ela ficará de olho em você.
- Ela quem não quis casar, e no momento não temos como morar juntos, pela distância, mas um dia irá dar certo.
- Então dê um jeito de convencê-la antes de segunda.

- Por que alguém vai fazer algum pedido de casamento antes de mim?

- Não. Ela irá se tornar Vara de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, eles a trarão de volta.

.- Mentira. Ela já sabe?

- Pelos pulos e gritos que acabamos de ouvir minha esposa deve ter contado.

- Ave cheia das graças. – O Heitor olhou para ela que acenou.

- Se acha que ser marido não é fácil pergunte a minha esposa o que é ser Esposa de um Juiz. Ser mãe, estudante, estagiaria e ainda amante de um homem apaixonado.

- Lá vem a melação.

- É sério Murilo, a gente reclama de cansaço, de trabalho, mas eu olho para a Li e vejo uma mulher batalhadora.

- Ela forte mesmo. A Késsia por muito menos quis abandonar o trabalho, só não o fez porque eu fui firme com ela.

- A Liara é diferente. Ela ainda vai muito longe. Escreve o que estou te dizendo. Só não quero estar na tribuna o dia que ela começar a advogar. Ela não vai querer perder nenhuma causa e eu sei que eu que pagarei por isso em casa.

- Dou um braço para que este dia chegue.

- Vamos lá ver o que elas estão fazendo.

Quando nos aproximamos elas sorriam, mas logo se calaram.

- Eu sabia que não aguentaria guardar segredo, por isso padre não pode casar. As mulheres contariam todos os pecados confessados que partilhassem na cama. Ela beijou minha boca e as crianças logo vieram fazendo festa.

- E quem disse que eu quero ser mulher de padre. Eu sou **"A ESPOSA DO JUIZ!"**

Passamos o dia brincando e nos divertindo. Curtindo nossa liberdade e nossa felicidade. A história que ela contara agora até fazia sentido. Eles foram felizes para sempre. Até que...

& fim &

& Bônus &

Cairon,

MEUS CAROS FORMANDOS da Faculdade de Direito da Universidade Alberico Lins, em particular da turma, Seis A. – As pessoas riram porque sabiam o porquê, do meu cumprimento especial. - Não pensem que agora encontrarão o paraíso, porque muitos acham que estariam percorrendo o inferno. Até agora foram guiados,

mas não esperem encontrar alguém que os guie de agora para frente. Aprendam a cultivar algumas virtudes intelectuais e principalmente morais, se as observarem serão suficientes. As teologais, fé, esperança e caridade. A Fé: – No regime democrático. A Esperança, no Estado de Direito, na solução pacífica dos conflitos, individuais e coletivos, internos e internacionais. E a Caridade, para haja uma construção de uma sociedade livre, justa e solidária. Meus caros ex-alunos e, se me permitem dizê-lo, meus diletos afilhados, sendo breve, deixo para vocês uma pequena mensagem, quando tiverem corrido toda a escada não pensei que foi o suficiente, encontre uma forma de ir além, porém, suba degrau por degrau e jamais, queira derrubar àquele que está ao seu lado em busca de seus objetivos. Seja honesto e verdadeiro no que acredite, mais acima de tudo, acredite em algo, principalmente em vocês. Ninguém pode determinar o que você é, a não ser você mesmo!

Quando começamos a entregar os diplomas, na verdade um canudo simbólico, porque a Li, inclusive, já havia feito a prova da OAB, ela abria mão de seu cargo,

como estava agora, assessora, e abriu com a Késsia, um escritório de Advocacia, o bom de tudo é que por sorte, ou por providencia divina, o lugar era logo ali, na rua dos poderes, e para coroar ainda mais a conquista dela, não precisou pegar dinheiro meu, o que ela sempre repetia, de crescer sem depender de mim, esse dinheiro, havia sido uma indenização da União as pessoas que adquiriam imóveis nas terras indígenas. Ela não havia entrado, mas outras pessoas sim, e como alguém mandou uma notificação à ela, o Endrigo tomou conta da ação, e só depois de algum tempo conseguiram a indenização. E com isso, ela pode conhecer o homem que morara com a mãe, que tentava de todo jeito receber tal restituição. Ele só não esperava encontrar à sua frente, juízes e advogados. Pobre coitado, chegou a chorar diante dela, e a jurar que a mãe dela o enganara.

- Liara Swift! – Ela foi a ultima, e também seria a oradora da turma, na minha opinião nada mais justo, porém eu era suspeito para falar, tudo o que ela fazia para mim, podendo ser até algo muito simples se tornava esplêndido quando feito por ela.

Ela subiu, pegou o diploma em minhas mãos, e não esperava que eu fizesse isso à frente de todos, por isso, a puxei para mim, e a beijei, diante da plateia, não para aparecer, porque as pessoas sabiam que éramos casados, mas porque eu queria dizer o quanto eu me orgulhava de seu esforço e de sua vitória.

- Cairon? – Ela sorriu sem jeito, mas acenou aos amigos que gritavam seu nome. Depois se dirigiu ao microfone, e começou seu discurso.

- Bom... Em primeiro lugar gostaria de pedir licença aos meus amigos, para agradecer ao meu marido por esse beijo. – Eles riram, e ela continuou... – De início saúdo a todos os membros que compõem essa honrosa mesa. Saúdo aos nossos familiares, aos amigos e às pessoas amadas pela imensa honra que têm nos dado lotando esse auditório, e mais do que isso, aos meus queridíssimos colegas formandos, com o meu cordial boa noite. – Depois ousou em uma piada, o que me surpreendeu. - Um advogado tinha 12 filhos e assim não conseguia alugar uma casa para morar, pois os proprietários sabiam que a criança destruiria o imóvel. Advogado não pode mentir!

Assim, ele não poderia dizer que não tinha filhos... Desesperado, pois o prazo de sua mudança se esgotava, certa manhã pediu à esposa que fosse passear no cemitério com seus 11 filhos. Pegou o que sobrou e foi à imobiliária, quando o corretor perguntou-lhe quantos filhos tinha, respondeu sem demorar — 12! — Mas onde estão os outros?! Perguntou o corretor, e o advogado pensando bem em suas palavras, respondeu: Estão no cemitério, junto com a mãe deles. E só assim conseguiu alugar a casa... Sem mentir! Amigos não precisamos mentir, só escolher as palavras certas. Como bem disse o salmista bíblico, os olhos de Deus nos viram ainda informes, pois tudo o que hoje somos, já estava descrito no livro eterno. Nenhuma palavra do dicionário, poderia descrever o sentimento que estávamos vivendo hoje.

Ela falou sobre o início, os sonhos, e a realidade, e das dificuldades que fizeram alguns ficarem pelo caminho. Contou algumas particularidades da turma e do quanto se tornaram amigos, no decorrer do curso.

Como tinha o dom das palavras, iria se sair muito bem em qualquer tribunal. No dia em que ela conversou

comigo sobre seguir a carreira jurídica, eu fiquei apreensivo, mas, depois entendi, era o direito dela, seguir seus sonhos e projetos, assim como um dia em sonhei. E agora eu percebia, que ela estava no lugar certo, seria um sucesso.

O discurso chegou ao fim, e assim vieram as fotos, e até que enfim, entrávamos no carro para ir embora. Dentro do veículo, eu retirei do bolso uma caixa pequena, dentro, um anel, com a pedra vermelha, e ao lado os símbolos da justiça. Ela me beijou agradecida, mas sua felicidade, fazia de mim, o homem mais feliz do mundo.

- Quando eu olho para você, agora uma advogada. Só penso em uma frase dita por um pensador “Ao advogado compete assegurar a força jurídica àquele que não dispões de qualquer outra.”.

- Hoje eu sei que cheguei aqui por meu esforço, mas nunca e jamais poderia deixar ter gratidão por aqueles que me indicaram o caminho. – Beijou-me e aconchegou-se ao meu peito. Enquanto o carro nos levava para o seio da família, mesmo em silêncio, sabíamos que, nosso encontro não era casual, era um plano muito bem elaborado pelas

mãos do criador. E eu que tanto busquei o amor em toda minha vida, o descobri onde jamais poderia imaginar.

- Te amo!

- Também amo você!

& Epílogo &

Liara

- A SESSÃO ESTÁ SUSPensa. - O Diogo bateu o martelo sobre a mesa assustando a todos nós. Até que o advogado de defesa e também a advogada de acusação estejam com os pensamentos em ordem e cientes que ainda há uma autoridade nesta casa. - Ele parecia mais bravo do que nunca. - Caso não haja respeito de alguma das partes eu darei voz de prisão aos dois e o julgamento será suspenso até segunda ordem. - Ele se levantou e saiu.

- Já haviam me dito que a senhora é boca dura. - O advogado de defesa disse passando por mim.

- Também haviam me dito que o senhor idiota.

- A senhora tenha respeito. Corre pelos corredores

que se acha invencível, por ser esposa de um Juiz federal.

- E o senhor está vendo algum Juiz Federal por aqui? – Só não continuei a discursão porque minha secretária vinha ao meu encontro com o celular na mão. Fui até ela e antes de atender perguntei quem era, estava aguardando um telefonema muito, importante, quando ela me disse quem era, um sorriso estampou meu rosto.

- Oi filha, como está o passeio?

- Horrível mãe.

- Filha o que aconteceu está chorando?

- Sim. Estes... Estes homens que nos seguem acabaram de deter um amigo meu. Ah mãe isso não é justo.

- Amigo Valentina? E você lá conhece alguém na Alemanha?

- Claro. A gente se fala pelas redes sociais, há algum tempo.

-- Filha, onde estão seus irmãos e seus avós?

- Todos lá tentando resolver a situação.

- Que situação Valentina? - Passei a mão pelo cabelo e olhei no relógio. – Val, passe o para algum dos

adultos.

- Espera a mãe dele vai falar.

- Olá. Tudo bem? Meu nome é Angélica. Acho que houve algum engano. Seus seguranças, estão querendo deter o George só por que ele marcou de encontrar sua filha aqui no museu. Somos mães e poderíamos resolver isso antes que os pais entrem no meio. Meu marido está viajando, mas os tios o George estão todos aqui na cidade. E daqui a pouco uma coisa boba poderá virar uma confusão dos infernos. Poderia pedir que o liberassem? Eu mesma garanto que isso não voltará a acontecer. Mesmo te garantindo que o George é um excelente rapaz.

- Oi Angélica, meu nome é Liara e acho melhor mesmo que resolvamos este assunto antes que o pai dela saiba. O pai da Valentina é Juiz Federal, por isso dos seguranças, e ele é muito, mais muito ciumento com os filhos. Eles só foram neste passeio por que os avós que levariam, mas eu conheço bem meus sogros deixam as crianças fazerem o que quiser. Mas me passe para o Anderson, ele que está no comando. Ouvia falando com o segurança chefe, que logo me atendeu.

- Anderson pelo amor de Deus o que aconteceu?

- Foi só uma confusão doutora, mas estamos resolvendo tudo. É que o garoto tinha segurança e todos se aproximaram armados achamos que a Valentina corria perigo. E como o chefe diz sempre. Atire antes e pergunte depois.

- Aí vocês quase matam uma criança inocente?

- A senhora quer que ligue para o doutor?

- Nunca. Libera o garoto e... Anderson.

- Sim senhora.

- Deixe-a despedir-se do garoto educadamente. E não comente nada, nada do ocorrido com o Cairon.

- Não comentar o que com o Cairon? - Olhei para trás e o encontrei de braços cruzados. Sorrir e desliguei o telefone.

- Nada não meu amor.

Algo com as crianças? - Para deixá-las ir neste passeio da escola o Cairon fez uma tempestade dizendo que crianças de treze anos não podem sair sozinhas. E não sei o quê... Foi preciso entrar os avós no meio, eu intervir para que eles fossem. Com todos os amigos da escola, o

Pietro que não conhecia a Alemanha e os avós.

- Nada a se preocupar.

- Pode me acompanhar? É coisa rápida. –

Atravessamos a rua e entramos no TRF, e subimos até seu gabinete. Assim que entrei ele fechou a porta.

- O que foi Cairon?

- O que foi? O Diogo me ligou e disse que se ficar se alterando durante a sessão, do jeito que fez, o que deve ter sido terrível, para tirar a paciência do Digo, ele terá que lhe dar voz de prisão. E só me alertou porque, somos amigos, e ele não quer que nada interfira em nossa amizade.

- Mas ele é meu amigo também, será que teria coragem? Sou sua esposa.

- Por isso mesmo, sabe que não pode se favorecer disso, e isso coloca o Diogo em posição desconfortável. E ele não te vê ali como amiga, com ex-funcionária do fórum, ele te vê como uma profissional e vai te tratar como.

- E o que ele espera? Que eu deixe que aquele homem espezinhe minha cliente e deixe livre aquele

criminoso?

- Flor. Adultério não é crime. Estamos tratando de um divórcio litigioso, mas nada é tão assim.

- Me traia Cairon. E verá se adultério não é crime. - Ele sorriu jogando todo seu charme.

- O Diogo diz que você não chega a um consenso que quer tirar tudo do coitado do homem.

- Coitado Cairon? – Me traia para ver onde viverá. - Ele se aproximou de mim com seu sorriso irresistível. - Ela estava com ele durante todo o processo de enriquecimento. A fábrica antiga era do pai dela.

- Que ele não deixou fechar.

- Como sabe tanto sobre esse caso?

- Te disse que o Diogo está desesperado.

- Mas enquanto ela cuidava dos filhos ele dormia com a melhor amiga dela.

- Então mande prender essa melhor amiga poha.

- Eu quero a fábrica com ela, cinquenta por cento de tudo e todos os imóveis. Ou isso...

- Ou?

- Eu não tenho que ficar aqui discutindo com você.

Já está me irritando, depois quando a noite vier. – Ameacei ele brincando.

- Infelizmente não posso te ajudar.

- Então diga a seu amigo, o Juiz Diogo, que eu também não o posso ajudar em nada. – Olhei no relógio, me virei e saí.

Quando o Juiz leu a sentença naquele dia deixando para a esposa traída setenta e cinco por cento de tudo, eu sabia que ele fazia o melhor. Minha cliente saiu satisfeita e eu mais ainda ao olhar na cara da mocinha de dezesseis anos que agora queria desfrutar de todos os bens que a outra ajudara a construir, ela que agora se intitulava namorada, de um senhor de quase cinquenta e cinco anos, paciência.

Como um dia puderam me comparar com uma amante? Eu jamais teria coragem de deixar os filhos de alguém na miséria como eles queriam. Quando passei pela porta da entrada principal ouvi alguém comentar.

-Devia ter escolhido a outra advogada. A mulher acabou com você. Quem é ela?

- Ela é "A Esposa do Juiz!"

- Desse Juiz? – O homem se assustou.

- Não... Do Federal.

Esperei na porta da frente até que o motorista parou o carro. Entrei e ele já estava sentado no banco de trás.

- E aí? Como foi seu dia? –

- Não fui para a cadeia e estou muito satisfeita. –
Gargalhei.

- Da próxima vez irá, ele me garantiu.

- Duvido que ele tenha coragem de deixar você dormir sozinho.

- E caso eu encontre outra mulher, não estaria sozinho?

- Qual mulher vai casar com um Juiz Eunuco?

- Oh, cuidado por que as palavras têm poder.

- Eu sei, por isso estou falando. Fica esperto Juiz.
Fica esperto.

O tempo só fazia bem a esse homem e eu não ignorava o assédio da mulherada. Uma vez até ouvi um comentário que não era justo eu, uma negra casada com um homem como este. Só que hoje sou bem mais madura, sei bem o lugar que ocupo em seu coração.

Ele me abraçou e fomos para casa. Com os filhos fora por uma semana eu até me arriscaria a seguir alguns conselhos de minha sócia, Késsia... A cada dia entendo melhor o que minha sogra um dia disse sobre ser A ESPOSA DO JUIZ.

Se gostar do livro, deixa um recado para autora em suas redes sociais.

Contato: Laurafisher39@yahoo.com.br

Laufisher39@yahoo.com.br

Facebook: Laufisher39

Instagram: Laufisher39

Todos os direitos reservados a AMAR Editorial.